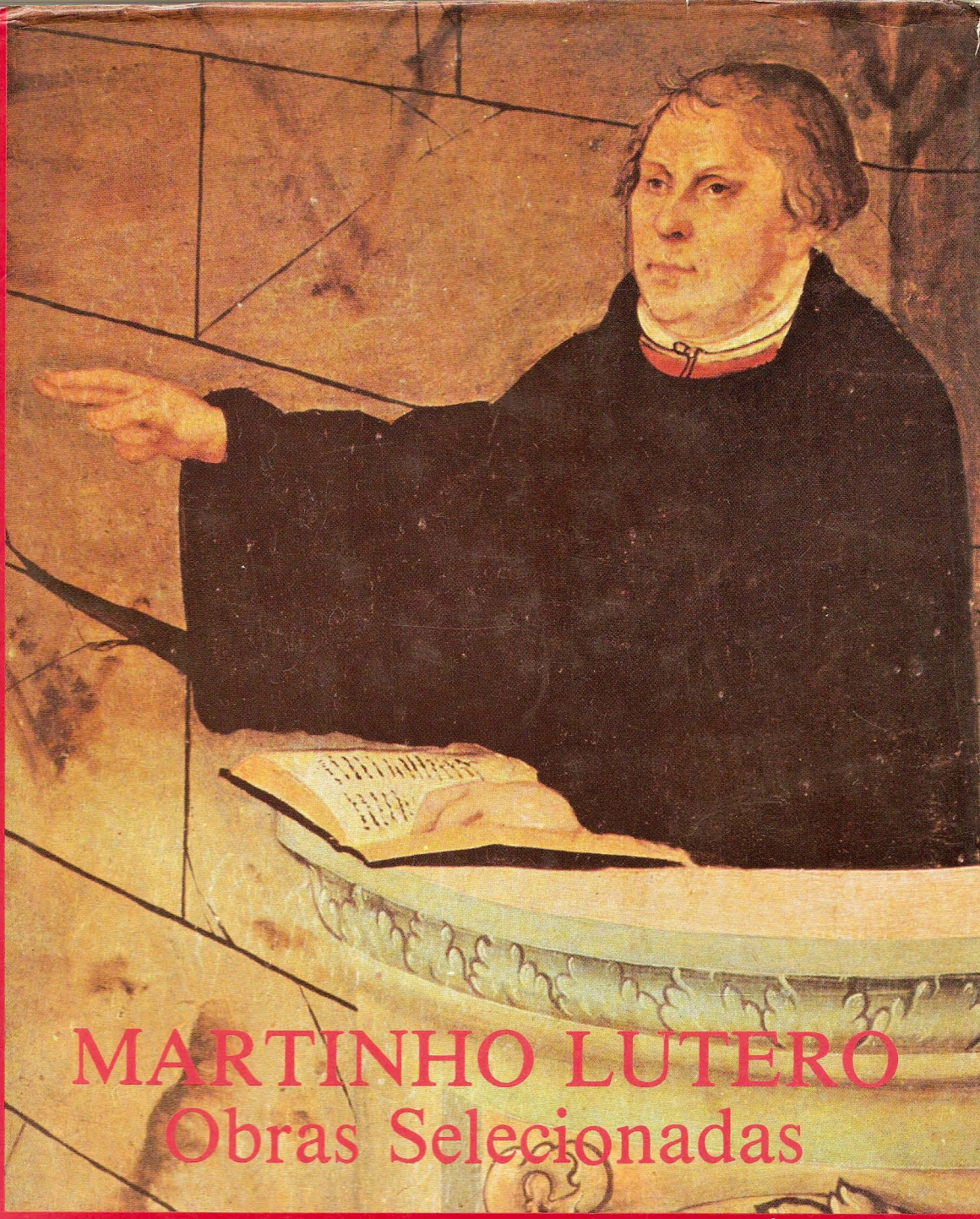


MARTINHO LUTERO
Obras Selecionadas

Martinho Lutero

Obras Selecionadas

Volume 5

Ética:
Fundamentos — Oração
Sexualidade — Educação — Economia

Comissão Interluterana de Literatura
São Leopoldo

Co-Editoras
Editora Sinodal
São Leopoldo

Concórdia Editora
Porto Alegre

1995

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

© *Comissão Interluterana de Literatura*, formada pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil:

Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS
Tel. (051) 592-1763

em co-edição com:

EDITORA SINODAL
Caixa Postal 11
93001-970 São Leopoldo — RS
Tel. (051) 592-6366

CONCÓRDIA EDITORA LTDA.
Caixa Postal 3230
90001-970 Porto Alegre — RS
Tel. (051) 242-2699

Comissão Interluterana de Literatura

Edson E. Streck
Gerhard Grasel
João A. Müller da Silva
Martinho Krebs
Nilo L. Figur
Ingo Wulfhorst

Comissão "Obras de Lutero"

Martin N. Dreher
Joachim H. Fischer
Nestor L. J. Beck
Martim C. Warth
Ricardo Rieth

Tradutores

Walter O. Schlupp
Ilson Kayser
Walter Altmann

Revisores

Madalena Z. Altmann
Johannes F. Hasenack
Anemarie Höhn

ULBRA - Canoas
Biblioteca Lutheriana

Editor-geral
Ilson Kayser

Série: ISBN 85-233-0124-0
Vol 5: ISBN 85-233-0383-9

SUMÁRIO

Apresentação 7

Introdução Geral 9

Os Fundamentos — Introduções de *Joachim H. Fischer* 13

O Sublime Louvor — Salmo 118
Tradução: *Ilson Kayser* 19

Resumo da Vida Cristã Conforme S. Paulo em 1 Timóteo 1
Tradução: *Walter O. Schlupp* 85

Oração — Introduções de *Martin C. Warth* 111

O Pai-Nosso — Comentários a Mt 6.5-15
Tradução: *Walter O. Schlupp* 116

Uma Singela Forma de Orar
Tradução: *Walter O. Schlupp* 132

Sexualidade: Matrimônio — Bigamia — Divórcio — Prostituição
Introduções de *Martin N. Dreher* 149

Da Vida Matrimonial
Tradução: *Ilson Kayser* 160

O 7º Capítulo de S. Paulo aos Coríntios
Tradução: *Ilson Kayser* 184

Os Pais não Devem Obrigar os Filhos ao Casamento, e os Filhos não Devem Noivar sem o Consentimento dos Pais
Tradução: *Ilson Kayser* 230

Assuntos Matrimoniais
Tradução: *Ilson Kayser* 238

Manual para a Bênção Matrimonial
Tradução: *Walter O. Schlupp* 283

Os bordéis públicos não devem ser tolerados
Tradução: *Ilson Kayser* 287

A Bigamia de Filipe de Hesse (duas cartas)
Considerações de Lutero sobre o sigilo de seu conselho confessional 291
Lutero ao Landgrave Filipe
Tradução: *Ilson Kayser* 292

Educação — Introduções de *Nestor L. J. Beck* 297

Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas
Tradução: *Ilson Kayser* 302

Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola
Tradução: *Ilson Kayser* 326

Economia — Introduções de *Ricardo Rieth* 365

Comércio e Usura
Tradução: *Walter O. Schlupp* e *Ilson Kayser* 374

Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7
Extrato: Mt 6.19-21,24
Tradução: *Walter O. Schlupp* 429

Aos Pastores para que Preguem Contra a Usura
Tradução: *Walter Altmann* e *Ilson Kayser* 446

Índices 495

Apresentação

Com este volume abandonamos o Lutero polêmico e acadêmico, e passamos a apresentar o pastor, o conselheiro, com preocupações poimênicas, envolvido nas questões éticas e políticas decorrentes de seus princípios teológicos. Como esses se expressam, por exemplo, no matrimônio, no lar, na devoção pessoal, na educação, na economia, na liturgia, no culto, em situações de conflitos, na relação com o Estado? Aí sentimos seu lado humano, sua profunda preocupação com as pessoas, sempre cuidando para não violentar nem machucar as consciências dos crentes, a favor da qual, aliás, chega a fazer concessões surpreendentes.

A comissão "Obras de Lutero" se esmerou e realizou um trabalho exaustivo e minucioso na seleção dos textos, em sua ordenação por temas, preocupada que estava em oferecer uma seleção de escritos representativos, que espelhassem os vários enfoques de cada tema. O acervo se avolumou a ponto de se ter decido oferecer os textos éticos em dois volumes. Ganha o leitor. A dificuldade dessa tarefa contribuiu para o retardamento da publicação do presente volume.

Além dos membros da Comissão Obras de Lutero, contribuíram na confecção do presente volume Annemarie Höhn, Madalena Zwetsch Altmann e Johannes F. Hasenack na tarefa de leitura das provas; Walter O. Schlupp e Walter Altmann ofereceram seus serviços como tradutores. A eles nosso reconhecimento. Jonas Bauer, nosso fiel administrador financeiro e Sociedade Martim Lutero da Igreja Evangélico-Luterana da Baviera (Alemanha) e Igreja Luterana Sínodo Missúri (EE. UU.) cuidaram das finanças.

Os temas do presente volume e do volume seguinte nos dizem respeito mais de perto, pois tocam na vivência do Evangelho no dia-a-dia e falam diretamente para dentro da sociedade brasileira à procura de moralização e padrões éticos na economia e na política.

São Leopoldo, junho de 1994.

Pela
Comissão Interluterana de Literatura

Gerhard Grasel
Presidente da CIL

Introdução Geral

O agir no mundo é um imperativo da fé cristã. A fé leva necessariamente à ação, às "boas obras". Em 1522 Lutero escreveu, no prefácio à Epístola aos Romanos:

> (...) há algo muito vivo, atuante, efetivo e poderoso na fé, a ponto de não ser possível que ela cesse de praticar o bem. Ela também não pergunta se há boas obras a fazer, e, sim, antes que surja a pergunta, ela já as realizou e sempre está a realizar. Quem, todavia, não realiza tais obras é pessoa sem fé (...)[1].

No Catecismo Menor[2], Lutero apresentou o agir a partir da fé como um dos três elementos essenciais da vida cristã, ao lado da confissão de fé e da oração. As palavras da Bíblia, a cuja interpretação dedicou toda sua vida, não se destinam a serem somente lidas e teoricamente contempladas. São "palavras da vida" que querem ser "vividas e praticadas". Como fiel intérprete da Bíblia, Lutero quis conduzir as pessoas a uma vida baseada na fé em Cristo e *vivida* a partir dessa fé.

Sempre de novo Lutero ocupou-se com a pergunta como a vida das pessoas se torna e permanece cristã, evangélica, isso é, uma vida em que transparece, em meio a um mundo de pecado e morte, o poder do evangelho de Jesus Cristo, do qual o apóstolo Paulo fala em Rm 1.16. Ele expressou sua prece e sua esperança no final de um de seus escritos mais belos sobre a vida cristã no mundo pelas seguintes palavras:

> Cristo, nosso Senhor, transforme a nós seres humanos em verdadeiros e perfeitos cristãos. A ele louvor e gratidão em eternidade. Amém.[3].

Lutero tematizou a vida cristã já na primeira de suas obras programáticas clássicas de 1520, "Das Boas Obras"[4], em forma de uma explicação pormenorizada dos Dez Mandamentos. Com esse livro lançou as bases da ética evangélica. Num bom número de escritos posteriores voltou a essa temática. Às vezes tratou principalmente dos fundamentos e de aspectos fundamentais da vida cristã, como nos primeiros dois escritos do presente volume. Outras vezes abordou situações e questões específicas da vida cristã, como nos escritos restantes deste e nos do próximo volume de "Obras Selecionadas". Tais questões abrangem desde o relacionamento das pessoas com Deus pela oração até temas de diversas áreas das relações sociais (marido e esposa, pais e filhos, educação, economia, política, guerra, paz).

---

1 Cf. Prefácio à Epístola aos Romanos, in: *Pelo Evangelho de Cristo,*, São Leopoldo/Porto Alegre, 1984, p. 184, § 3.
2 Cf. Catecismo Menor, in: *Livro de Concórdia,* São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, pp. 361-384.
3 Cf. Abaixo, p. 84, l. 20s.
4 Cf. *Obras Seleccionadas,* v. 2, pp. 100-170.

O projeto "Obras Selecionadas" continua sendo administrado pela Comissão Interluterana de Literatura (CIL), constituída e mantida pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Atualmente são membros titulares da CIL: os pastores Gerhard Grasel (presidente), Nilo L. Figur, Martinho Krebs, João Artur Müller da Silva, Ms. Edson E. Streck e Dr. Ingo Wulfhorst.

O presente volume foi preparado pela Comissão "Obras de Lutero" (COL), integrada, já há mais tempo, pelos professores Dr. Nestor L. J. Beck, Dr. Martin N. Dreher, Dr. Joachim H. Fischer e Dr. Martim C. Warth e, desde os preparativos deste volume, pelo professor Dr. Ricardo Rieth. A COL é responsável pela seleção dos escritos, pelas introduções e por pequena parte das notas de rodapé. As traduções foram feitas por Ilson Kayser, Walter O. Schlupp e Walter Altmann.

O presente volume se diferencia dos demais até agora editados em sua estrutura. O tema geral "Ética Cristã" aparece desdobrado em diversos blocos que tematizam diferentes áreas da ética cristã. Cada bloco recebe um subtítulo e é antecedido por uma introdução mais abrangente ao subtema. Cada texto vem, por sua vez, acompanhado de uma introdução resumida, para localizá-lo em seu contexto.

Os trabalhos de revisão, a redação final, a editoração e a preparação dos índices couberam ao editor-geral, P. Ilson Kayser. As notas de rodapé foram elaboradas pelo editor-geral e complementadas pelos membros da COL responsáveis pelo acompanhamento dos respectivos textos.

As citações bíblicas foram traduzidas da versão original de Lutero. Assim fica preservada sua originalidade. Em geral, Lutero cita de memória, com base no texto latino da Vulgata, sem, no entanto, preocupar-se com a reprodução exata dessa versão. Por isso suas citações podem divergir substancialmente do texto da Vulgata. A memória inclusive o trai às vezes na identificação do capítulo e, inclusive, do livro bíblico. Nesses casos oferecemos a referência corrigida, quando possível, em colchetes. No caso das passagens bíblicas citadas por Lutero, a referência encontra-se no corpo do texto. A indicação dos versículos foi acrescentada pelo editor, pois na época não existia a divisão em versículos. Quando Lutero não indica onde se encontra a passagem citada, a referência vem em colchetes. No caso em que Lutero apenas faz uma alusão a determinada passagem da Bíblia, a referência encontra-se no rodapé. Quanto à numeração dos salmos, optamos sempre pela numeração oferecida na versão de João Ferreira de Almeida.

Os textos foram traduzidos da *Edição de Weimar*, sigla WA, com utilização eventual de outras versões a que tivemos acesso. A indicação exata da fonte é anotada na primeira nota de rodapé de cada escrito. O primeiro número indica sempre o volume, o segundo a página, o terceiro a linha. (Ex.: WA 30/II,329,21ss. significa: Edição de Weimar, v. 30, tomo II, p. 329, linhas 21ss.)

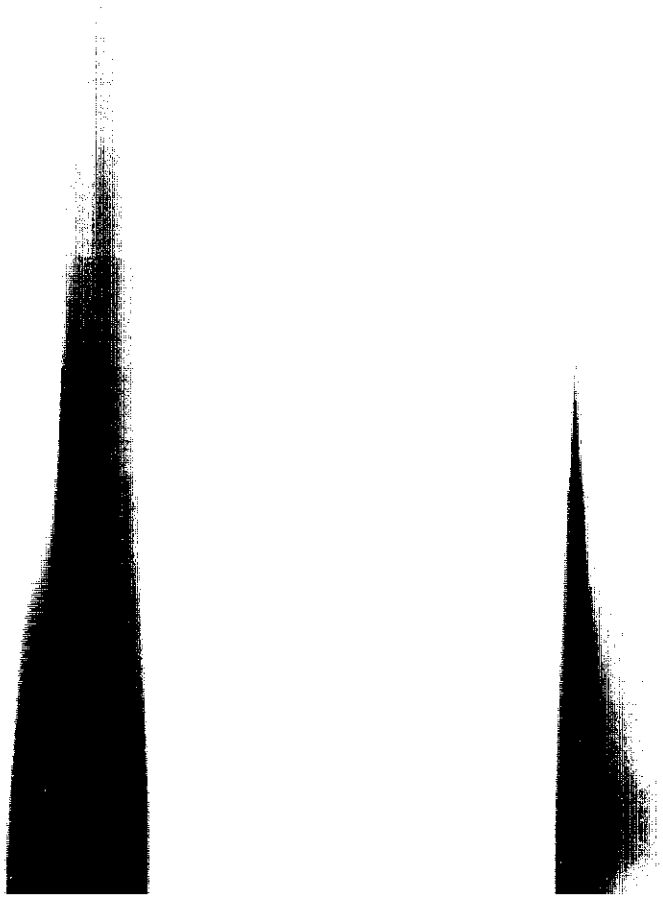
A temática abordada neste volume terá continuação no volume 6, abordando temas como: a ética cristã no exercício da cidadania, em situações de conflitos armados, na política, na busca da paz. Já está definido igualmente o conteúdo do volume 7 que se voltará mais para dentro do âmbito da Igreja, para as instituições que regem a espiritualidade da vida cristã: a congregação, culto, Batismo, confissão, ministério, etc.

Esta obra conta com o apoio financeiro da Igreja Evangélico-Luterana da Baviera (Alemanha) e de sua Associação Martinho Lutero e da Igreja Luterana Sínodo Missouri (Estados Unidos da América).

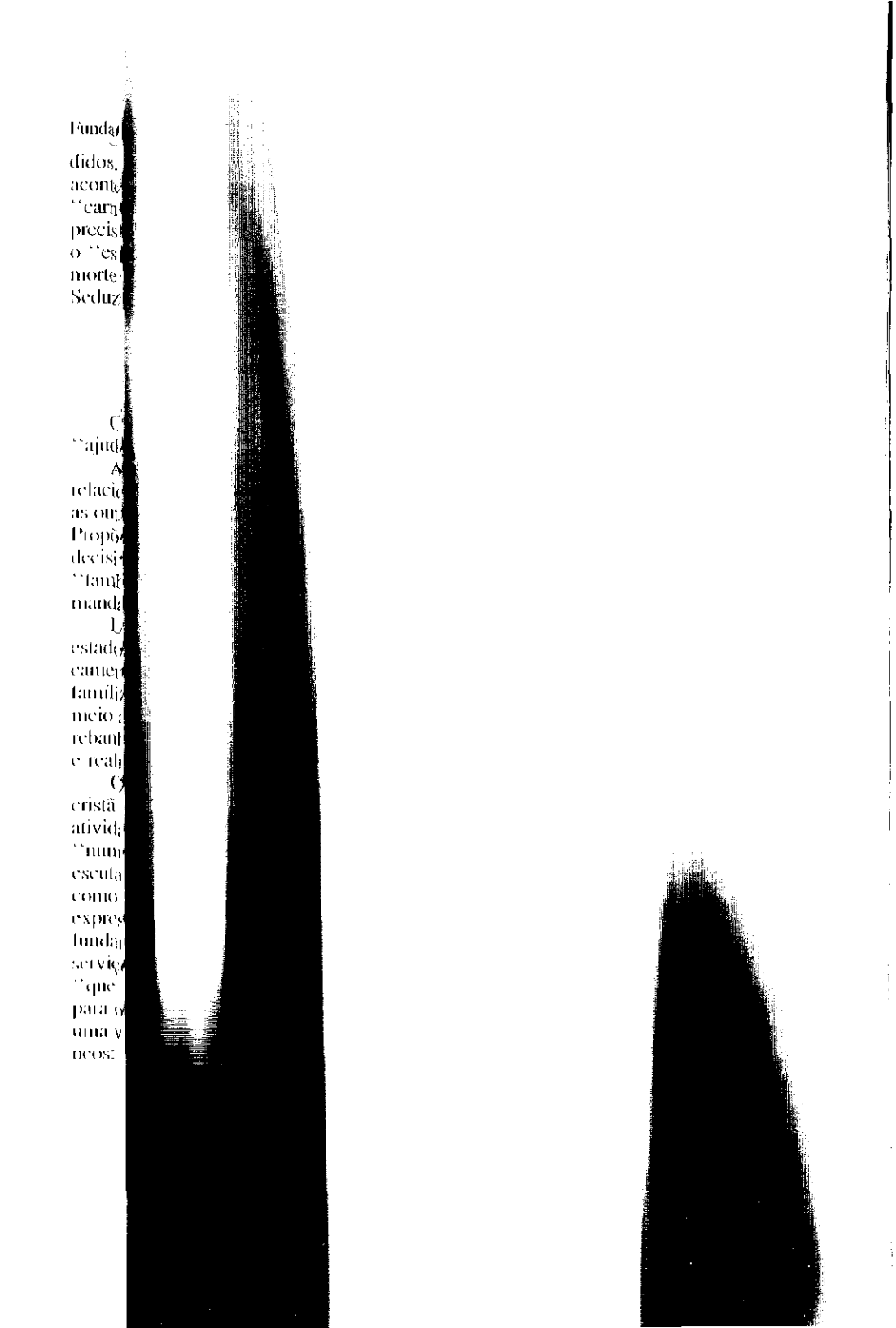
São Leopoldo, janeiro de 1993

Joachim H. Fischer
Presidente da Comissão
"Obras de Lutero"

Ilson Kayser
Editor-Geral



Fundamentos



Fundamentos

INTRODUÇÃO

Em seu famoso tratado sobre a liberdade cristã, Lutero resumiu toda a existência cristã no binômio "fé e amor":

> "a pessoa cristã não vive em si mesma mas em Cristo e em seu próximo, ou então não é cristã. Vive em Cristo pela fé, no próximo, pelo amor. Pela fé é levada para o alto, acima de si mesma, em Deus; por outro lado, pelo amor desce abaixo de si, até o próximo, assim mesmo permanecendo sempre em Deus e seu amor (*Obras Selecionadas*, v. 2, p. 456).

Os fundamentos da vida cristã são tema principal dos dois primeiros escritos deste volume.

Por um lado é necessário "distinguir (...) limpidamente entre fé e amor". Por outro lado é impossível separá-los. Quem crê

> "ter um Deus clemente (...), este anda e tudo faz confiadamente e deste modo também pode viver perante os outros, amar e fazer o bem a todos".

A justificação pela graça de Deus mediante a fé é a raiz de toda a existência cristã. Na justificação, Deus dá a quem nele crê um coração puro, uma consciência tranqüila e uma fé inadulterada. Disso "deve jorrar toda a nossa vida e neles devemos andar sempre".

Deus justifica a pessoa por meio de sua palavra. Por isso, essa "Palavra é a causa, a razão, o chão e a fonte do amor de coração e de todas as boas obras". A palavra de Deus está "enxertada" no coração de quem crê, e lhe diz: "Amarás o teu próximo". Para o seu agir no mundo, o cristão e a cristã são remetidos à palavra de Deus: "Encerra-a no teu coração e orienta-te por ela". É pela palavra de Deus que "devemos orientar-nos (...) em toda a nossa vida e atividade". Vida cristã significa, pois, "seguir a palavra de Deus e seu exemplo", segundo a diretriz: "sai e mistura-te com o povo e pratica o amor e boas obras".

A existência cristã caracteriza-se por uma dialética dupla. Quem crê é simultaneamente justo e pecador (em latim: *simul iustus et peccator*). Nele lutam o "velho Adão", propenso a pecado e morte, e o "novo homem", criatura do Espírito renovador de Deus, destinado à plenitude da vida. "Como filhos de Adão, somos pecadores condenados." Mas como pessoas batizadas e crentes em Cristo, "somos santos e justos em Cristo e com Cristo". Essa dialética origina-se da vontade soberana de Deus. Ele "instituiu dois tribunais para os seres humanos: um tribunal de justiça (...) e um tribunal da graça", que é "o próprio Cristo".

Deus age com as pessoas pela lei e pelo Evangelho. Lei e Evangelho jamais podem ser separados um do outro, mas tampouco podem ser misturados ou confun-

didos. Existência cristã é existência no âmbito da dialética de lei e Evangelho. Nela acontece "uma perene luta". O "filho de Adão" na pessoa, o "velho homem", a "carne", a arrogância e o orgulho humanos, a confiança atéia em seres humanos precisam diminuir e morrer. Simultaneamente precisam crescer o "novo homem", o "espírito", a humildade diante de Deus, a confiança nele. É uma luta de vida ou morte. Lutero entendeu que, a rigor, são Deus e o diabo que lutam pela pessoa. Seduzidas pelo diabo, as pessoas vivem contrário a sua vocação:

> "fazemos todo empenho, é nosso único desejo, nos preocupamos, contendemos, brigamos, lutamos e nos enfurecemos por dinheiro e bens supérfluos, por honra e prazer, em resumo, por coisas que sequer chegam aos pés dos bens" que Deus dá.

Contra a sedução do diabo, Deus vem em socorro das pessoas, através de Cristo, "ajudando-nos a vencer e triunfar sempre, para que sejamos alegres diante dele e nele".

A outra dialética que caracteriza a existência cristã manifesta-se no âmbito do relacionamento da pessoa. Quem crê relaciona-se simultaneamente com Deus e com as outras pessoas, o "mundo". Vive face a Deus e, simultaneamente, face ao mundo. Propõe-se levar uma vida irrepreensível "perante (...) os seres humanos". Mas decisivo é ter "um coração puro" e "uma consciência tranqüila e confiante" "também perante Deus". Isso só é possível mediante a fé, "o ponto principal e mandamento supremo, que contém em si todos os demais".

Lutero interpretou a sociedade de seu tempo mediante o paradigma dos três estados (estamentos) ou ordens (em alemão: *Stände*): a sociedade se compõe, basicamente, de governo secular (Estado), governo espiritual (Igreja) e os lares e as famílias (povo). Em tese, no entanto, superou esse paradigma. Para ele existe, em meio aos três estados ou "grupos", algo mais, diferente: o "grupinho" ou "pequeno rebanho" dos "cristãos autênticos" ou "selecionados". São os que temem a Deus e realmente levam a sério sua fé.

O amor que flui da fé é exercitado dentro dos três estados ou ordens. Existência cristã é a vivência concreta da palavra de Deus dentro dos "diversos estados e atividades". É, como um todo, vida de serviço a Deus no mundo. Estes serviços são "numerosos e diversificados". Entre eles Deus destacou em especial a pregação e escuta de sua palavra: "A esse serviço escolheu dentre todos os demais na terra como serviço especial a ele, distinto dos demais serviços que o povo presta". Com expressões variadas Lutero sublinhou a excelência desse serviço e sua importância fundamental na vida cristã: é "o mais elevado e agradável serviço", o "mais sagrado serviço", "a única missa verdadeira e o único culto verdadeiro". É um serviço fácil, "que não te custa esforço, trabalho, dinheiro nem recursos. Basta abrir os ouvidos para ouvir, ou a boca para falar e ler". Lutero soube "traduzir" suas instruções para uma vida cristã magistralmente para dentro do dia-a-dia concreto de seus contemporâneos:

> "Se podes ficar dia e noite na taverna tomando cerveja e ficar fofoqueando e papeando em boa companhia, cantando e berrando sem cansar nem sentir o esforço, então também podes ficar sentado por uma hora na igreja e ouvir, para o serviço e agrado de Deus."

Existência cristã no mundo significa ter consciência de que tudo na vida são dádivas da "bondade diária e eterna" de Deus. As vezes Lutero caracteriza o essencial dessas dádivas como "consolo e socorro em todo sofrimento, necessidade e temor". Em última análise, porém, as dádivas abrangem tudo: corpo e alma, fogo, ar e água, vinho e centeio, roupas e lenha, casa, mulher e filhos.

A existência cristã se fundamenta em Cristo. Ele é a "pedra angular" sobre a qual a vida cristã está sendo construída e edificada por Deus mesmo. É o "ponto principal de nossa doutrina" e de toda a vida cristã. O nome "Cristo" expressa, nesse contexto, toda a sua obra que realizou e continua realizando "por nós" (em latim: *pro nobis*): sua encarnação, seu sofrimento, sua morte, ressurreição e ascensão, sua intercessão junto a Deus Pai "em favor de nós". A força que resiste a todas as tentações e adversidades da vida, até "na hora da morte", é a cruz de Cristo. Vida cristã é vida em direção a essa cruz e a partir dessa cruz. Quem crê em Deus, confessa: "quero (...) arrastar-me até a cruz para suplicar e receber graça o quanto puder". Assim, vida cristã é a vida em que aparece e transparece "o próprio Deus e SENHOR", ou seja, Cristo. Com ele se tem "nada menos do que o início da vida eterna, da qual o mundo (...) não é capaz de dar um pingo sequer".

A vida cristã baseia-se na palavra de Deus e gira em torno da mesma. Ela traz "plena bênção, graça e vida". Por meio dela são glorificados o nome e a obra de Deus. Vida cristã é vida em conformidade com essa palavra. Os que conhecem a "arte" de "crer em Cristo" são governados admirável e carinhosamente por Deus. Seus corações são iluminados pelo evangelho de Cristo. Eles são redimidos de pecados por Cristo, salvos e libertos da morte, tendo "em Deus para sempre um Pai misericordioso, por meio de Cristo". São justos e santos. "Pois um cristão há de ser justo e santo ou então não é cristão".

Toda a existência cristã é resposta às dádivas de Deus através de profunda e incessante gratidão. Render graças a Deus é "o verdadeiro sacrifício e culto" a Deus. Cristãos e cristãs são os pobres pastorzinhos e sacerdotezinhos de Deus que lhe oferecem esse culto. Vida cristã é vida de louvor a Deus, vida de louvor de sua "graça, obra, palavra e poder (...) revelados em Cristo". O louvor se expressa na pregação exclusiva de Cristo, o "Deus crucificado", bem como em "doutrina, canto, confissão".

Vida cristã é vida alegre na comunhão dos e das que partilham "a mesma palavra, o mesmo Deus, a mesma fé, a mesma cruz". Pelas dádivas de Deus, cristãos e cristãs têm "um coração alegre" e "uma fé feliz em Deus". Em seus corações habitam "paz, descanso e alegria em Cristo". Têm "uma consciência alegre, segura e corajosa, que confia em Deus e que não teme o mundo nem o diabo".

Vida cristã é vida sob a cruz, luta contra os poderes do mal. Quem confia exclusivamente em Deus precisa enfrentar as reações do mundo. Será perseguido "por amor do nome e da palavra de Deus". A autêntica confissão de fé "acarreta cruz e sofrimento, toda a desgraça do diabo, do mundo e da própria carne": "zombaria, opróbrio, danos, ódio, inveja, difamação, fogueira, espada, morte e toda sorte de desgraça".

Sofrimento e perseguição, porém, não têm a última palavra na vida cristã. Em meio a sofrimento e perseguição, "a confiança do coração (...) está depositada exclusivamente em Cristo como tribunal único da graça". Quem tiver tal confiança, conhece o objetivo final de Deus com os que nele crêem: a vitória. O "resumo da

vida cristã'' é este: ''Deus (...) e seus filhos fazem o bem de graça, não se importam quando desperdiçam seu benefício com os ingratos''. Pela vontade de Deus, a vida cristã desemboca, no final, no ''verdadeiro canto de júbilo''.

Joachim H. Fischer

O Sublime Louvor[1]

Salmo 118

1530

INTRODUÇÃO

Um dos livros bíblicos que Lutero mais amava é o Saltério, o livro dos salmos. Era para ele ''uma pequena Bíblia'', um belíssimo resumo do conteúdo da Sagrada Escritura[2].

Em 1529 Lutero voltou a ocupar-se mais intensivamente com os salmos. Editou uma tradução latina revisada dos mesmos. Em seu exemplar pessoal dessa edição começou a fazer apontamentos[3] a serem aproveitados em futuros trabalhos exegéticos.

Lutero gostava sobremaneira do Salmo 118. Era seu ''salmo preferido''. Confessou que já o ''salvou de muitos problemas graves''. Em sua opinião, o salmo merecia uma tradução latina em forma de poema por parte de uma pessoa competente. Neste sentido dirigiu-se, em 13 de dezembro de 1529, ao famoso poeta humanista Hélio Eobano Hess[4] em Nürnberg[5], enviando-lhe seus apontamentos latinos[6]. Hess publicou o poema em fevereiro de 1530[7]. No mesmo ano, igualmente em Nürnberg, Venceslau Linck[8], amigo de Lutero, publicou os aponta-

1 *Das schöne Confitemini, an der Zahl der 118. Psalm.* — WA 31/I,65-182. Traduzido do original alemão por: *Ilson Kayser.*

2 Prefácio ao Saltério, de 1528 (WA DB 10/I,99).

3 WA DB 4,520-577.

4 *Hélio Eobano Hess*, nasc. 1488 com o sobrenome Koch, natural de Hesse (Alemanha), por isso chamado de Hess (em latim: Hessus), autor de um grande número de poemas em latim. Funcionário do bispo da Pomerânia, na Prússia Oriental (1509-1513), professor de Latim em Erfurt (1517ss.), professor de Poética em Nürnberg (1526-1533), professor de História em Marburgo (1536ss.), onde faleceu em 1540. Em 1521 aderira abertamente à Reforma.

5 WA Br 5,201s., (nº 1506).

6 WA 31/I,49-64.

7 WA 31/I,43-48.

8 *Venceslau Linck*, nasc. 1483 na Saxônia (Alemanha), eremita agostiniano, desde 1503 em Wittenberg, onde fez o doutorado bíblico (1511). Era diretor da Faculdade de Teologia na Universidade de Wittenberg quando Lutero se doutorou (1512). Prior do convento dos eremitas agostinianos e pregador em Munique (1516). Em 1518 esteve com Lutero em Augsburgo (interrogatório pelo legado papal na Alemanha, o cardeal Caetano). Vigário geral dos eremitas agostinianos da Alemanha (1520), cargo ao qual renunciou em 1523. Tornou-se pregador evangélico em Altenburg (Turíngia), onde introduziu a Reforma. Pregador em Nürnberg (1525). Participou das discussões sobre a questão religiosa de Hagenau e Worms (1540/41). Faleceu em 1547 em Nürnberg.

mentos deste em tradução alemã[9].

Lutero redigiu o presente escrito num momento particularmente decisivo para o movimento da Reforma: em meados de 1530. Naqueles dias os representantes políticos dos evangélicos apresentaram e defenderam sua posição teológica e eclesiástica na Dieta de Augsburgo, algo assim como uma Assembléia Nacional da Alemanha, na presença de Carlos V (1500-1558), imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

Um dos principais líderes dos evangélicos na Assembléia de Augsburgo era o governante da Saxônia, terra natal de Lutero, o príncipe-eleitor João, o Constante (1468-1532)[10]. De maneira alguma Lutero pôde comparecer na cidade em que o próprio imperador estava presente. Estava banido pelo Império, desde o Edito de Worms, de 1521. O príncipe João tentara conseguir alojamento para ele em Nürnberg. Mas o Conselho da cidade, embora adepto da causa evangélica, não quis ser envolvido numa questão tão embaraçosa. Assim Lutero teve que permanecer em território saxônio, no extremo sul do mesmo, em Coburgo. A esta cidade havia chegado, na comitiva do príncipe, na Sexta-feira Santa, 15 de abril. Dos importantíssimos acontecimentos de Augsburgo só pôde participar de longe, através de cartas e, às vezes, mensageiros.

De 23/24 de abril até 4 de outubro, Lutero ficou escondido no castelo de Coburgo. Deixou crescer a barba, como o fizera em 1521 no Wartburgo. Na parede de seu quarto escreveu palavras de alguns salmos, ao lado de Sl 1.6 e 74.21 também Sl 118.17: "Não morrerei, antes viverei e contarei a obra do Senhor". Seus únicos companheiros, fora a guarnição do castelo, eram seu "secretário" Veit Dietrich[11] e, inicialmente, ainda seu sobrinho, o estudante Cícero Kaufmann — além de enormes bandos de gralhas. Sentiu-se no "deserto", ou seja, na solidão. Freqüentemente foi acometido por problemas de saúde. Em 5 de junho recebeu a notícia de que seu pai havia falecido. Como tantas vezes, também neste momento difícil procurou consolo e fortalecimento no Saltério. Recebeu diversas visitas, pois o sigilo sobre sua presença no castelo não foi total. Em 18 de maio, p. ex., compareceram três adeptos seus de Nürnberg, entre eles Venceslau Linck e Frederico Pistório[12].

9 WA 31/I,49-64.

10 *João, o Constante*, co-governante de seu irmão, Frederico III, o Sábio (nasc. 1463), desde 1486, príncipe-eleitor desde 1525, após a morte de Frederico.

11 *Veit Dietrich*, nasc. 1506 em Nürnberg como filho de um sapateiro. Estudou Teologia em Wittenberg (1522ss.). De 1527 a 1534 residiu na casa de Lutero como uma espécie de secretário e interlocutor deste. Em 1529 adquiriu o grau de Mestre em Teologia. No mesmo ano provavelmente acompanhou Lutero para as conversações teológicas com o reformador de Zurique (Suíça), Ulrico Zwínglio (1484-1531), em Marburgo. Em 1535 assumiu o cargo de pregador em sua cidade natal. Em 1547 foi suspenso do mesmo por motivos políticos. Veio a falecer em 1549, em Nürnberg. Autor de diversas obras próprias e, sobretudo, editor de escritos exegéticos e homiléticos de Lutero, colecionador e editor de cartas, conversas à mesa, esboços e apontamentos de preleções e prédicas do reformador.

12 *Frederico Pistório*, 1485 ou 1486-1553, nascido com o sobrenome Hass, mas chamado de Pistório, natural da Francônia (Alemanha), último abade (desde 1520) do convento beneditino de Santo Egídio em Nürnberg. Em 1525 ele e seus confrades entregaram o convento ao Conselho da cidade. Pistório continuou morando no convento e ficou com o título de

No Coburgo, Lutero dedicou-se, entre outros assuntos, ao trabalho com a Bíblia em vários níveis. Seu "trabalho maior" foi a conclusão da tradução dos profetas do Antigo Testamento para o alemão, objetivo esse que não conseguiu alcançar naqueles meses. Ditou a Veit Dietrich breves explicações dos Salmos 1 a 25[13]. Interrompeu essa atividade em 13 de junho, no Sl 18.29, para "descansar a cabeça", como afirmou. Continuou somente em 26 de junho. No intervalo redigiu o presente escrito. Foi nos mesmos dias em que em Augsburgo os evangélicos terminaram a redação final de sua confissão de fé, a Confissão de Augsburgo (em latim: *Confessio Augustana*)[14], a confissão básica dos adeptos da Reforma luterana. Em 25 de junho ela foi lida perante a Assembléia e entregue ao imperador.

A situação histórica transparece claramente no escrito de Lutero. Freqüentemente menciona imperador, reis, príncipes e bispos. Essas pessoas constituíam a Assembléia de Augsburgo. Visou os adversários e inimigos do evangelho de Cristo entre os poderosos da Alemanha ao dizer que "esperam seu socorro do imperador e de príncipes". Constatou: "É bom (...) não confiar em príncipes". De forma mais radical ainda sentenciou: "Quem (...) põe sua confiança em príncipes e seres humanos, este é descrente e ímpio". E advertiu adversários e inimigos: "eles não alcançarão o que pretendem".

Certamente Lutero pensou na confissão que estava sendo elaborada em Augsburgo quando escolheu, para seu escrito, como título a primeira palavra da versão latina do salmo: "O belo *Confitemini*", "O belo 'Confessai'". Sem querer competir com a Confissão de Augsburgo, formulou neste texto sua confissão pessoal. É, simultaneamente, confissão da impotência e pecaminosidade humana e confissão de confiança (fé) exclusiva e irrestrita na graça, onipotência e ajuda do Deus que se revelou em Jesus Cristo. É um cântico de triunfo da fé sobre diabo, pecado, mundo e morte, como transparece nestas palavras:

> (...) ainda haverá de acontecer (...) com os príncipes, bispos, pastores e seus asseclas que ainda se nos opõem com fúria: haverão de perecer, enquanto nossa doutrina permanecerá.

A dedicatória a Frederico Pistório, datada de 1º de julho, foi redigida depois da remessa do manuscrito para a tipografia. O original da dedicatória e grande parte do manuscrito foram conservados. A obra foi impressa em Wittenberg, pela tipografia de Hans Lufft. Até 1546, ano da morte de Lutero, houve cinco reedições pela mesma tipografia (três de 1530, uma de 1531, uma de 1546), duas reedições impressas em Magdeburgo e Nürnberg respectivamente, e uma edição em baixo-alemão, de 1530, impressa em Magdeburgo.

Em Coburgo Lutero recebeu os primeiros dois exemplares impressos em 20 de agosto. Mandou um para Hélio Eobano Hess[15], o outro para Frederico Pistório[16].

Joachim H. Fischer

abade. Procurou a amizade de Lutero e várias vezes lhe mandou presentes. Casou em 1532, evento para o qual Lutero o felicitou em 17 de janeiro de 1533 (WA Br 6,419s. [nº 1994]).

13 WA 31/I,263-383.

14 Em *Livro de Concórdia*; São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, pp. 25-27, 63-93 (versão latina); 27-63 (versão alemã). Em Augsburgo foi lida a versão alemã.

15 WA Br 5,549 (nº 1686).

16 WA Br 5,550 (nº 1687).

Ao venerável senhor Frederico[17] Abade de Santo Egídio de Nürnberg meu favorável senhor e patrono

Graça e paz em Cristo, nosso Senhor e Salvador. Venerável e amado senhor e patrono. Gostaria de mostrar minha gratidão pelo amor e favorecimento que me tem dedicado. Assim, perante o mundo sou um pobre mendigo. E mesmo que possuísse muitos bens, vossa posição é tal que não lhe prestaria nenhum favor especial com isso. Por isso voltei-me para minha riqueza, que considero meu tesouro, e dediquei-me a meu amado salmo, o Sublime Louvor[18], e pus no papel meus pensamentos, porque aqui, neste deserto[19], ando tão ocioso e, não obstante, tenho que, de vez em quando, descansar a cabeça do trabalho maior, a tradução dos profetas para o alemão. Espero concluir essa tarefa em breve[20].

Esses pensamentos gostaria de lhe dedicar e presentear; não tenho coisa melhor. Embora alguns os considerem uma grande conversa fiada, talvez até inútil, estou convicto de que não contêm nada de mal ou contrário à fé cristã. Pois este é o meu salmo preferido. Embora me sejam caros todo o Saltério e a Sagrada Escritura como um todo, ela que é meu único consolo e vida, deparei-me de modo especial com este salmo, de modo que passou a ser meu salmo predileto. Pois ele já me serviu lealmente muitas vezes e me salvou de muitos problemas graves, quando nem imperadores, reis, sábios, eruditos e santos me poderiam ter ajudado. E ele me vale mais do que o papa, os

17 Cf. nota 12.

18 *Confitemini* — primeira palavra do Salmo 118 na tradução latina e que Lutero preservou no título a seu comentário desse salmo. A rigor, a palavra significa: "confessai". *Confitemini* "confessar o Senhor" — é "louvar o Senhor". Por isso as versões portuguesas traduzem o termo por "louvai" (Matos Soares), "celebrai" (Bíblia de Jerusalém) e "rendei graças" (João Ferreira de Almeida).

19 Lutero refere-se ao castelo Coburgo, onde se encontrava naqueles dias (v. a Introdução).

20 De 1523 a 1532 Lutero trabalhou na tradução do Antigo Testamento. A versão alemã do Novo Testamento já havia sido publicada em 1522. Em 1523 publicou o Pentateuco, Josué até Ester e Jó até Cantares em 1524, Jonas e Habacuque em 1526, Zacarias em fins de 1527 e Isaías em 1528. As traduções de Jonas, Habacuque e Zacarias foram publicadas juntamente com os respectivos comentários. A tradução de todos os livros proféticos só saiu em 1532.

turcos, o imperador e a honra, os bens e o poder do mundo inteiro, e não trocaria esse salmo por todos eles.

Se alguém acha estranho o fato de eu considerar esse salmo meu salmo, porquanto é bem comum, saiba que o fato de ser meu não o tira de ninguém. Cristo também é meu, não obstante continua sendo o mesmo Cristo para todos os santos. Não quero ser invejoso, mas quero compartilhá-lo alegremente com todos. Queira Deus que todas as pessoas reivindiquem esse salmo para si como eu o reivindico. Esta seria a briga mais amigável [que se pode imaginar], à qual não se poderia comparar qualquer concórdia e amor. Infelizmente existem poucos, inclusive entre aqueles que, com razão, deveriam fazê-lo mais do que qualquer outra pessoa, que, em toda sua vida, dissessem, ao menos uma única vez, de coração às Sagradas Escrituras ou a um dos Salmos: Tu és meu livro amado, tu serás meu salmo preferido.

Sem dúvida, uma das maiores pragas na terra é o grande desprezo da Sagrada Escritura, inclusive entre aqueles que foram instituídos para isso [sc. para se dedicar a ela e interpretá-la]. As outras coisas, as artes, a literatura, se praticam e exercitam dia e noite. É um labor e uma dedicação que não acaba mais. Somente a Escritura Sagrada se deixa de lado, como se ninguém necessitasse dela. E os que uma vez lhe fazem a honra de a lerem, logo sabem tudo. Jamais apareceu na terra qualquer ciência ou livro que qualquer pessoa tivesse estudado a fundo tão rapidamente como a Sagrada Escritura. No entanto, não se trata de palavras para leitura, como eles pensam, mas tão-somente de palavras da vida, que não se destinam à especulação e meditações elevadas, mas para serem vividas e praticadas. No entanto, nosso lamento de nada adianta. De qualquer modo, eles não prestam atenção a isso. Cristo nosso Senhor nos ajude, por meio de seu Espírito, a amarmos e honrarmos sua santa palavra. Amém. Com isso me recomendo a vossas orações.

Desde o deserto, primeiro de julho de 1530

Martinho Lutero

O Sublime Louvor pela numeração, o Salmo 118

I

Rendei graças ao SENHOR; porque ele é bondoso,
E sua bondade dura para sempre.

Este versículo é um agradecimento geral por todos os benefícios que Deus o Senhor demonstra ao mundo inteiro diariamente, sem cessar, em todas as coisas, tanto aos bons quanto aos maus. Pois esta é a forma de procedimento dos santos profetas; quando querem louvar a Deus e agradecer-lhe por alguma coisa específica, começam bem alto e de bem longe, enaltecem-no de forma geral, em todos os seus portentos e benefícios. Assim também no presente caso. Visto que este salmo louva de modo especial a Deus por causa do supremo benefício feito ao mundo, ou seja, por Cristo e seu reino da graça, prometido ao mundo e agora cumprido, ele começa com o louvor geral, dizendo: Dai graças ao SENHOR, pois ele é um Deus cordial, misericordioso, piedoso e bondoso, que nos faz bem sobre bem e que derrama bondade sobre bondade sobre nós aos montes.

Pois não deves ler as palavras "bondoso" e "sua bondade" de forma tão fria e rude, nem de modo tão leviano como as freiras lêem o Saltério, ou como as mugem e uivam os capitulares e acólitos em suas igrejas. Tens que estar lembrado de que se trata de palavras vivas, excelentes e ricas, que a tudo abrangem e levam à compreensão de tudo: que Deus é bondoso, não como um homem, mas que, do fundo de seu coração, está disposto e inclinado a ajudar sempre e a fazer o bem; que não gosta de irar-se nem de castigar, a não ser que tenha que fazê-lo e seja obrigado e coagido a isso por incessante, impenitente, obstinada maldade do homem. Quando se ira e tem que castigar, uma pessoa humana não iria esperar tanto tempo, mas castigaria cem mil vezes antes e com maior dureza do que ele.

E este favor bondoso e misericordioso ele nos demonstra abundante e poderosamente com sua bondade diária e eterna, como diz: "sua bondade dura para sempre", quer dizer, sem cessar, sempre e sempre nos faz o melhor. Cria corpo e alma, protege-nos dia e noite, conserva-nos a vida incessantemente, faz brilhar sobre nós o sol e a lua, põe céu, fogo, ar e água a nosso serviço, da terra faz brotar vinho, centeio, pasto, alimento, roupas, lenha e tudo de que necessitamos, dá ouro e prata, casa e benfeitorias, mulher e filhos, gado, aves, peixes, em resumo: quem seria capaz de enumerar tudo? E tudo isso em abundância e com sobra, todos os anos, todos os dias, a toda hora, a todo momento. Pois quem seria capaz de medir suficientemente a única bondade de nos dar e preservar olhos sadios ou uma mão sadia? Somente quando estamos doentes ou quando nos falta uma dessas coisas

percebemos que grande benefício é um olho sadio, ter uma mão, um pé, uma perna, cabeça, nariz, dedos sadios, ou então, que grande graça é ter pão, roupas, água, fogo, casa, etc.

E se nós seres humanos não fôssemos tão cegos e entediados da bondade de Deus e tão indiferentes em relação a ela, decerto não haveria homem algum sobre a terra que fosse trocar os muitos bens que possui por um império ou um reino, para ficar privado desses bens. Pois que é um reino comparado com o tesouro de um corpo são? Que é o dinheiro e a riqueza do mundo inteiro comparado com um só dia que o querido sol nos dá diariamente? Se o sol deixasse de brilhar por um só dia, quem não preferiria estar morto? ou de que lhe valeriam todos os seus bens e poderes? Que seria o vinho e o malvásio[21] do mundo inteiro se nos faltasse a água por um só dia? Que seriam todos os belos castelos, casas, veludo, seda, púrpura, correntes de ouro e pedras preciosas, toda a pompa, as jóias e a arrogância se tivéssemos falta de ar pelo espaço de um Pai-Nosso?

Esses bens de Deus são os maiores e os mais desprezados, e por serem comuns, ninguém agradece a Deus por eles; tomamo-los e os usamos diariamente como se não pudesse ser diferente e como se fosse nosso direito, sem agradecermos a Deus uma única vez por eles. Entrementes fazemos todo empenho, é nosso único desejo, nos preocupamos, contendemos, brigamos, lutamos e nos enfurecemos por dinheiro e bens supérfluos, por honra e prazer, em resumo, por coisas que sequer chegam aos pés dos bens supramencionados, e que não nos valem a centésima parte. Muito antes, impedem-nos no uso alegre e pacífico dos bens comuns, de modo que não os reconhecemos como tais nem podemos agradecer a Deus por eles. Isto é obra do enfadonho diabo que não quer admitir que usemos e reconheçamos diariamente a bondade de Deus e os ricos benefícios diários, pois seríamos felizes demais.

Dize tu mesmo: Quantas pessoas achas que existem sobre a terra que entendem este versículo? É verdade! Não há patife tão malvado que não pense, ao cantar este versículo na igreja ou ao ouvi-lo de outro modo, que o entende muito bem e o tenha tragado até a última gota, enquanto, em toda sua vida, jamais se lembrou de agradecer pelo leite que mamou do seio de sua mãe, muito menos por toda a bondade que Deus lhe concedeu inumeráveis vezes e de modo indizível em toda a sua vida. De maneira que, somente por sua ingratidão, cometeu mais pecados do que folhas e capim no mato, se Deus fosse usurário e quisesse exigir um ajuste de contas exato.

Por isso esse versículo deveria estar, com justiça, no coração e na boca de qualquer pessoa todos os dias, toda vez que come, bebe, olha, ouve,

21 Referência ao recente incremento da importação de vinhos finos do sul da Europa.

cheira, anda, fica parado ou toda vez que faz uso dos membros de seu corpo, dos bens ou de alguma criatura, a fim de que se lembrasse de que, se Deus não lhe desse essas coisas para uso e não as preservasse contra o diabo, teria que carecer delas. Além disso [toda pessoa] deveria estar advertida e acostumar-se a um coração alegre e a uma fé feliz em Deus, com gratidão por esta sua bondade diária e dizer: Vamos lá! Tu és um Deus amigo e bondoso que me demonstras eternamente, isso é, sempre e sempre, sem cessar, a mim homem indigno e ingrato, bondade e benefícios tão grandes: a ti se deve louvor e agradecimento.

Isso também serve de consolo em qualquer desgraça. Pois somos tão delicados e sensíveis. Basta que doa uma perna e apareça uma pequena pústula, e já enchemos céus e terra com nossos gritos, lamentos, murmurações e maldições, e não vemos mais que esta pustulazinha nada é comparada aos demais inumeráveis bens de Deus que ainda temos plenamente e por inteiro. [Comportamo-nos] como se um rei quisesse enlouquecer porque perdeu um centavo, embora possua quase a metade do mundo, com dinheiro e bens incontáveis, e que por isso quisesse amaldiçoar a Deus com imprecações como "castigo de Deus", "arre diabo", "peste" e berrar outras maldições, como agora os blasfemadores demonstram sua hombridade com imprecações.

Ora, o Deus piedoso nos envia esses males insignificantes somente para acordar do sono profundo a nós roncadores e para que aprendamos a contrapor a eles os incontáveis grandes benefícios que ainda estão presentes; e o que seria se ele desviasse e tirasse de nós sua bondade, como aconteceu com o piedoso Jó, quando disse: "Tendo recebido o bem de Deus, por que não aceitaríamos também o mal?" [Jó 2.10]. Vede, Jó foi capaz de cantar muito bem este sublime louvor e este versículo, dizendo: "Aconteça como agrada a Deus. Bendito o nome do Senhor", etc. [Jó 1.21]. Ele não vê apenas o mal, como nós falsos santos, mas tem diante dos olhos toda a bondade e todos os benefícios do Senhor, com isso se consola e vence o mal com paciência.

É assim que também nós deveríamos encarar todos os nossos infortúnios: que neles Deus nos acende uma luz para que nela vejamos e reconheçamos sua bondade e seus benefícios em inumeráveis outras ocasiões, a fim de que comecemos a descobrir que este mal insignificante não passa de uma gota de água que cai num grande fogo ou uma faísca que cai numa grande massa de água, e para que este versículo: "Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bondoso, e sua bondade dura para sempre" se torne nosso conhecido e querido. Na língua alemã se expressaria isto assim (pois na tradução não quis afastar-me demais do texto hebraico): Oh que Deus fiel, amável e justo és tu que, sem cessar, fazes a mim e a todo mundo um bem tão grande e abundante. Graças te dou, etc.

Pois a palavra hebraica *hesed*, que em grego é traduzida por *eleemosyne*

e em alemão foi traduzida até agora por "misericórdia", que eu, no entanto, traduzi com "bondade", na verdade significa em alemão o que chamamos de "fazer o bem" ou "bom serviço". Assim também o próprio Cristo a emprega em Mt 12.7: "Tenho prazer no bom serviço e não no sacrifício". E S. Paulo diz em 1 Tm 6.2 que os empregados devem servir com tanto mais dedicação aos senhores crentes como partícipes do bom serviço. Em Mt 6.1 Cristo diz: "Prestai atenção a vosso bom serviço", etc. o que, conforme costume antigo, denominamos de esmola[22], derivado do grego *eleemosyne*. Também a palavra "esmola" foi deturpada com o tempo, entendendo-se por "esmola" apenas um pedaço de pão dado a um mendigo diante da porta, quando, na verdade, significa *eleemosyne, hesed*, benefício ou bom serviço, assim como Deus nos faz o bem e como, por outro lado, nós fazemos o bem uns aos outros.

E o vocábulo "em eternidade" não se refere somente à bondade no céu após esta vida, quando haverá vida eterna. A palavra hebraica *olam* significa "sempre" ou "em todos os tempos", seja no sentido eternal ou temporal. Assim, por exemplo, se diz a respeito de uma pessoa inquieta: Que eterna correria! Para que esta eterna correria? etc. Tive que explicar e interpretar estes termos para que se entendesse bem este versículo, pois ocorre com freqüência na Escritura, especialmente nos salmos. É justamente este termo que nos ensina o que é verdadeiro sacrifício, que mais agrada a Deus, visto que não podemos apresentar melhor obra a Deus nem prestar melhor culto a Deus do que agradecer-lhe, como o diz o próprio Salmo 50.23: "Quem me oferece sacrifício de gratidão, esse é que me honra ou me presta culto; este é o caminho pelo qual revelarei minha salvação". Este sacrifício lhe agrada mais do que qualquer outro sacrifício, mais do que todas as doações, conventos ou o que quer que seja, como diz no Sl 69.30s.: "Quero louvar o nome de Deus com um canto e quero exaltá-lo com agradecimento. Isso agradará mais ao SENHOR do que um boi com chifres e unhas".

Por outro lado, assim como louvar e agradecer a Deus é o culto divino mais sublime aqui na terra e lá na eternidade, assim também a ingratidão é o vício mais prejudicial e a maior desonra de Deus, da qual a terra está cheia, cheia, cheia até o céu. Deus, porém, é um Senhor tão bondoso (como canta este versículo) que não cessa de fazer o bem por causa dessa ingratidão, muito antes, conforme diz: "Sua bondade dura para sempre". Ele faz seu sol nascer todos os dias sobre bons e maus, e faz vir chuvas sobre gratos e ingratos, Mt 5.45. Dá aos patifes tantos bens, filhos, poder como aos santos, e mais ainda, sempre protege de guerras, pestilência, carestia e de todas as

22 Etimologicamente, tanto o vocábulo alemão *Almosen* quanto o termo português "esmola" derivam-se do mesmo radical grego *eleemosyne*.

pragas do diabo. A isso é que se chama bondade divina, que não cessa nem se cansa por maldade alguma. O ser humano não é capaz de tal bondade. Pois pessoa nenhuma suporta a ingratidão. Por causa dela muitos já se enraiveceram, ficaram loucos e insanos, como o relata a história a respeito de Timão[23]. É exigir demais da natureza humana fazer o bem e receber em troca somente maldade.

II

Agora, Israel diga
Que sua misericórdia dura para sempre

O sacrifício de gratidão começa especialmente [com o agradecimento] pelo governo secular, pela amada paz, que é uma grande dádiva de Deus e, sem dúvida, a maior dentre as dádivas temporais. Pois se não houvesse governo ou paz, não poderíamos sequer viver. Israel foi o reino instituído e ordenado por Deus que o confiara ao rei Davi, como se lê no Sl 78.70s.: "Escolheu seu servo Davi, para que pastoreasse seu povo Israel", etc. Por isso também agradece a Deus aqui por este reino e admoesta a todos agradecerem com ele. Com isso também dá um exemplo e um ensinamento a todos os reis, príncipes, senhores, nações, pessoas e súditos, para que louvem a Deus e lhe agradeçam por haver governo e paz no país e entre as pessoas, cada qual pelo seu. E cada comunidade, a exemplo de Israel, pelo seu.

Pois o fato de não haver incessantemente guerra, discórdia, carestia, derramamento de sangue, revolta, assassinato e miséria no país, nas cidades, nos povoados e que se mantenham todos os tipos de profissões, comércio e classes produtoras, isto é um milagre tão grande e um portento de Deus igual à criação do mundo do nada e de o conservar diariamente. Pois o mundo está repleto de diabos e, como podemos constatar todos os dias, existem entre os camponeses, cortesãos, nobres, senhores e príncipes tantos patifes malvados e mal-intencionados, que têm prazer em roubar, assaltar, mentir, enganar, em guerrear, prejudicar e desgraçar, que não seria possível manter a paz e o governo ou a autoridade por um dia sequer por meio da sabedoria e força humana, se Deus não os guiasse com todo o poder, não os socorresse e protegesse contra o diabo. Por isso não é sem razão que o santo Davi admoesta que se deve agradecer a Deus pela paz, pela autoridade e pelo governo terreno.

23 *Timão*, um misantropo grego na literatura clássica do séc. V a.C., que se esquivou do convívio com as pessoas, vivendo fora da cidade de Atenas. O relato sobre Timão encontra-se nas obras do escritor satírico grego Luciano (séc. II d.C.).

Aqui os senhores e príncipes como também os súditos deveriam aprender que governar um país e seu povo e mantê-lo obediente é mera bondade e dom de Deus. Pois com nossa espada e sabedoria nada alcançamos, como ousam alguns príncipes e senhores desvairados, como se fossem eles que dominam o país e o povo com seu poder ou o governam com sua inteligência. Em especial os valentões dentre a nobreza e os sabichões nas cidades presumem que têm em suas mãos todo o poder e que Deus não pode prescindir deles. No entanto, senhores e nobres sensatos pensam de outra forma. Também Davi, coroa de todos os reis e príncipes, dá outro testemunho. E quem não o quiser acreditar, que leia todos os registros históricos da Escritura e nos livros dos romanos e dos gentios. Ali encontrarão exemplos em abundância.

Deus nos mostrou com suficiente clareza na recente revolta[24] que não são poder nem sabedoria que governam o mundo, mas somente Deus. Pois os mesmos valentões que agora lhe usurpam a honra, se gloriam e incham como se tivessem sido eles que o realizaram, andaram tão acovardados naqueles dias como jamais eu tinha visto. Agora se esquecem de Deus que os salvou naquela hora, enquanto enchiam tão vergonhosamente as calças que ainda hoje fede quando aparece um desses valentões. Desgraçadamente naquela ocasião a nobreza não tinha coração nem coragem para tanto. Suas provocações e fanfarronices inclusive me levam a crer que querem desafiar e tentar a Deus, para que envie uma nova revolta, para mostrar-lhes mais uma vez se são os valentões ou a bondade e o poder de Deus que dominam o povão. Pois bem. Basta que venha alguém sacudir a árvore, e os valentõezinhos cairão a valer. Pois estão supermaduros e sobremodo preocupados com a pequena paz amada que Deus ainda mantém tão benignamente com poder e precariamente por amor de nós.

Quanto a mim, vejo com prazer suas arrogantes fanfarronices e demonstrações de valentia. Pois isso serve para que não se esqueça a forma briosa com que se acovardaram por ocasião da revolta diante dos miseráveis camponeses e fugiram. Do contrário deveria ter mandado esculpir esse episódio numa pedra ou escrevê-lo em algum livro para eterna memória. Agora poupo os custos e o trabalho. Pois onde quer que se veja ou ouça um desses valentões, esta revolta está estampada nele de modo vívido, de sorte que qualquer pessoa terá que pensar: Ora, este não é um daqueles que gritavam "abaixo o imperador"? que abandonaram seus castelos fortificados por um punhado de palha ou uma acha de lenha? um dos impávidos heróis e valentes fanfarrões que agora esbravejam imprecações e juram por São Valentim, pelo

24 Referência ao papel dos governantes na Guerra dos Camponeses (1525).

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

poder de Deus, por São Quirino, Santo Antônio[25], mas que no momento decisivo só cantavam ais e ave[26]?

A Escritura, porém, diz que Deus instituiu senhores e súditos e que o governo secular lhe pertence, como o expressa Davi no Sl 18.47: "Senhor, tu me sujeitas povos", e a respeito de seu próprio povo diz no Sl 144.2: "Tu sujeitas teu povo a mim". Aqui não se gloria muito de que pode governar seu próprio povo com poder e sabedoria, ainda que tivesse à disposição os mais belos direitos e costumes instituídos pelo próprio Deus por meio de Moisés e os profetas que o haviam ungido rei por ordem de Deus e o haviam confirmado[27]. Tinha experimentado e tinha consciência do que é capaz o poder e a sabedoria dos reis e príncipes no povo quando o próprio Deus não o administra. Seu próprio filho Absalão[28] e depois dele Bicri lhe ensinaram quem era rei no país[29]. Assim também se lê em Dn, capítulos 4.17 e 5.21: "O Altíssimo no céu tem poder sobre os reinos dos homens e os dá a quem ELE QUER", e não a quem nós queremos ou imaginamos. Com isso está dito que o governo secular é mero e puro e bondoso dom de Deus e sua bondade, que nenhum ser humano pode alcançar ou receber por meio de sua sabedoria e força.

Por isso é tolice querer dominar os súditos com fanfarronices, sejam camponeses ou burgueses. Pois um camponês sabe manusear uma faca e golpear tão bem quanto um desses valentões nobres. É Deus quem o faz e lhes manda dizer, em Rm 13.2: "Quem resistir à autoridade, será castigado". Estas palavras é que o fazem, e Deus vela sobre elas e as coisas hão de acontecer conforme sua ameaça. Quando, pois, os súditos estão maduros, como o foram os camponeses na revolta, Deus dispõe que provoquem sedição ou desobediência, para que levem bastante na cabeça. Embora também os senhores sejam castigados com tais sedições, porque são tão ingratos para com a bondade e o benefício de Deus, não lhe dão a honra por conservar e proteger, sem cessar, a paz, a obediência, o direito e o governo. Este versículo incentiva Israel a agradecer e reconhecer que a bondade de Deus dura eternamente, isso é, que preserva a paz e o governo para sempre, por mais ingratos e indignos que sejamos. Do contrário só haveria homicídio e guerra no campo, e revolta e desobediência na cidade.

Em particular mantém a paz agora no território alemão com especial poder, por curta que seja. Pois é preciso compreender que entre os alemães não há ninguém que pudesse preservar ou defender a autoridade contra tal nobreza desobediente e salteadora, nem quem pudesse proteger os senhores contra tais súditos infiéis e ladrões. Há tanto roubo e furto entre eles, além disso fraudadores astutos que empregam métodos singulares, com incitações e provocações. Não obstante ninguém tem consciência de que isso é pecado perante Deus, de sorte que chego à conclusão de que nossa atual paz e nossa situação estão por um fio e que se mantêm somente pelas mãos de Deus, acima e contra nossa vontade e pensamento, e contra todo furor e arremetidas do diabo. Pois se hoje o governo da Alemanha dependesse de sabedoria e poder humano, amanhã ela cairia em ruínas. Por isso agradeçamos e oremos para que a bondade de Deus fique eternamente com Israel, como até agora.

25 *São Valentim*: A tradição católica conhece dois mártires santos com esse nome, um bispo italiano (da cidade de Terni) e um sacerdote romano do séc. III. — *São Quirino:* Na tradição católica há quatro mártires com esse nome, três dos quais registrados expressamente como santos: Quirino de Malmédy (na atual Bélgica), supostamente do final do séc. I, santo; Quirino de Neuss (Alemanha), mártir romano do séc. II, santo; Quirino de Siscia ou Sissek/Sisak (Croácia), do início do séc. IV, santo; Quirino de Tegernsee (sul da Alemanha), mártir romano do séc. III. — *Santo Antônio:* Antônio de Pádua (Itália), natural de Lisboa, teólogo franciscano, pregador, venerado como operador de milagres, falecido 1231, canonizado 1232.

26 No original *awe* = (português) "ai" e, ao mesmo tempo, alusão à palavra "ave", da Ave-Maria, a oração mais usada na Igreja Católica, ao lado do Pai-Nosso.

27 Samuel (cf. 1 Sm 16.12s.) e Natã (cf. 2 Sm 12.7).

28 Cf. 2 Sm 15.1-18.

29 Lutero confunde o pai Bicri com o filho Seba. Em 2 Sm 20 relata-se a rebelião de Seba, filho de Bicri.

30 Cf. Êx 4.14-16; 7.1.

III

Diga a casa de Arão,
Que sua bondade dura eternamente.

Isto é outro sacrifício de gratidão por algo especial da bondade de Deus: pelo regimento espiritual, pelos sacerdotes, pregadores, professores, enfim, pela amada palavra de Deus e a Santa Igreja Cristã. O mundo inteiro não é capaz de imaginar e compreender a grandeza dessa dádiva. O fato de o mundo inteiro não estar tomado por engano, facções, seitas, heresias, mas de ainda permanecer, cá e lá, a Palavra, fé, Espírito, Batismo, Sagrada Escritura, Sacramento, cristãos, etc., isso não se deve à força e à sabedoria humana, mas é mera e pura dádiva e bondade de Deus. Do contrário, o diabo poria tudo abaixo e derrubaria tudo, como quase o fez no domínio dos turcos e no domínio do papa, e como se manifesta hoje nas hordas sectárias, como outrora o fez entre os hereges. O mundo não suportaria, e a carne se cansaria. O próprio Deus tem que mantê-lo.

Pois Arão era o sumo sacerdote, a ele havia sido confiado o ministério da pregação[30], para ensinar a lei de Moisés e governar o reino de Israel no

espírito e em responsabilidade perante Deus, da mesma forma como Davi teve que governar exteriormente, perante o mundo, sobre o corpo e os bens. No entanto, assim como Davi não pôde exercer seu regime corporal com seu poder e sabedoria, tampouco e muito menos ainda pôde Arão exercer seu regime espiritual sobre espírito e alma por inteligência e poder próprios, embora tivesse a vantagem de possuir na lei de Moisés tudo o que deveria ensinar e como deveria governar. Foi preciso que o Espírito Santo ajudasse também a ele na administração, o que, aliás, compreendeu muito bem quando Coré lhe queria usurpar o sacerdócio, sublevando a todo povo contra ele e contra Moisés (Nm 16).

A partir disso podes entender a grande sabedoria do papa e de sua bicharia que querem dominar e preservar a Igreja Cristã antes de mais nada por sua sabedoria, com leis exteriores e com excomunhões, sem a palavra de Deus, sem oração e doutrina, e depois querem defendê-la com poder terreno, com fogueiras, assassínios e perseguições. E para tanto não necessitam da bondade de Deus, mas cantam o presente versículo do seguinte modo: "Rendei graças a nosso anátema e espada, porque seu poder dura eternamente". A verdadeira cristandade anuncia a palavra de Deus e a ninguém obriga. A quem não quer crer deixa em paz e se aparta dele, como ensina Cristo em Mt 10.14 e 18.17. O mesmo faz Paulo em todos os lugares no Livro dos Atos dos Apóstolos, e os entrega ao juízo de Deus[31]. Nossos algozes sanguinários e assassinos, porém, silenciam a palavra de Deus, estabelecem seus próprios artigos de fé conforme seu bel-prazer, e quem não quiser acreditar neles vai para a fogueira. Esta é a fina nova cristandade da qual nem Deus nem a Escritura sabem alguma coisa.

Mas, esqueçamos esses porcalhões. Eles não merecem que sejam mencionados no contexto deste salmo. Com este versículo devemos louvar a Deus e agradecer-lhe porque faz chegar até nós sua santa palavra em abundância e porque a conserva também entre nós contra o diabo, a carne, o mundo, por mera graça e bondade, embora a tratemos com extrema ingratidão, preguiça, lascívia e desprezo e, de forma alguma, mereçamos este grande tesouro da vida eterna. O próprio Cristo trouxe a Palavra; ela não é invenção. Ele próprio também tem que conservá-la; não seremos nós que o conseguiremos com nosso poder e sabedoria. O próprio Cristo instituiu, fundou e edificou a cristandade, ele mesmo tem que preservar e fomentá-la. Nossa sabedoria e poder, ou espada e fogueira não o farão, como diz Paulo em 1 Co 3.9,7: "Vós sois edificação de Deus, lavoura de Deus", e nós somos os trabalhadores. "Mas nem aquele que planta é algo, nem aquele que rega, mas Deus que dá o crescimento."

31 Cf., p. ex., At 13.8ss.;46; 18.6; 19.9.

IV

Os que temem ao SENHOR digam
Que sua bondade dura eternamente.

Este é o quarto sacrifício de gratidão para o verdadeiro povo, para os filhos eleitos de Deus e todos os santos na terra, que são os cristãos autênticos e para os quais este salmo foi composto em primeiro lugar e dos quais fala até o final. Pois nos três grupos anteriores, no regime espiritual e no ministério da pregação, existem muitos que deles abusam para sua avareza, volúpia e honra, como os hereges, as hordas e nossos clérigos atuais. Não obstante, nem por isso o estado (sacerdotal) é pior, menos santo, nem deixa de ser uma dádiva de Deus, e não está condenado por causa de seu abuso, como também o mundo inteiro abusa da forma mais vergonhosa do santo nome de Deus, do Batismo, do Sacramento, do Evangelho, sim, do próprio Deus e de suas dádivas, e não teme a Deus acima de tudo.

Também no outro grupo, o do governo secular, a maioria abusa desses dons para sua obstinação, bazófia, prazer, petulância e toda sorte de malícia, desavergonhadamente, sem temor de Deus. Não obstante permanece sendo a dádiva e benefício de Deus bom e útil em si mesmo. E no terceiro grupo, na comunidade, quase não existe outra coisa que abuso, onde cada qual usa sua posição, seu ofício, seu conhecimento, dinheiro, bens e tudo que tem contra o próximo, em todos os casos não em benefício e proveito do próximo, como Deus o quer e que tudo dá e conserva para esse fim. Aí, porém, não existe temor de Deus, nem respeito pelas pessoas. Mesmo assim Deus os conserva a todos, e por isso deve ser louvado e devemos agradecer-lhe.

Este grupinho, porém, teme a Deus, é justo e é selecionado dentre os três grupos anteriores. Pois ainda existem verdadeiros bispos, pastores, pregadores e curas d'alma piedosos e tementes a Deus. Igualmente encontram-se príncipes, senhores, nobres, conselheiros, juízes piedosos e tementes a Deus, como também muitos cidadãos, profissionais, camponeses, empregados e empregadas, etc. piedosos e tementes a Deus, por poucos que sejam. É por amor a estes que Deus conserva os outros três grupos e o mundo inteiro, e dedica a eles tanta bondade e dádivas. Se não fosse isso, o mundo pereceria na mesma hora, como Sodoma e Gomorra[32].

Pois o santo profeta Davi os separa distintamente dos outros três grupos ao indicar que aqueles não respeitam a Deus, nem o temem nem lhe servem, mas servem somente a si mesmos, procurando exclusivamente seus próprios interesses nesta vida. Além disso, perseguem a este pequeno rebanho sem

32 Cf. Gn 19.23-29.

cessar e ao extremo, não conseguem tolerar este grupo de forma alguma, pela simples e única razão: porque temem a Deus e confiam nele, ou seja, porque honram e ensinam a palavra de Deus, a qual aqueles não querem ouvir nem ver. Pois em hebraico "temer a Deus" significa na verdade o que nós alemães entendemos por "servir a Deus" e "temor de Deus" significa "serviço a Deus". Agora, não se pode servir a Deus de forma visível e corporal nesta terra, pois não se pode vê-lo; [podemos servir-lhe] apenas de forma espiritual, honrando, ensinando e confessando sua palavra e vivendo e agindo em conformidade com ela. Isso acarreta cruz e sofrimento, toda a desgraça do diabo, do mundo e da própria carne.

Dize-me, qual é o eterno benefício que receberão de Deus esses, pelo qual devem oferecer sacrifício de gratidão? Não pode ser apenas o ofício de seu estado espiritual, pois este Deus concede no terceiro grupo. Também não pode ser autoridade secular, honra, poder, paz, obediência, etc. Pois essas coisas Deus concede no segundo grupo. Também não pode ser dinheiro, bens, casa, benfeitorias, saúde, mulher, filhos, etc. Pois tudo isso Deus concede no primeiro grupo. Há que ser outra coisa, algo mais sublime e nobre, que excede de longe essas dádivas da vida temporal passageira. Pois fala disso até o final [do salmo], enquanto dedica aos três grupos somente três versículos. Que seria? Ele próprio o dirá e o descreverá em abundantes detalhes: CONSOLO[33] e SOCORRO em todo sofrimento, necessidade e temor, o que é nada menos do que o início da vida eterna, da qual o mundo em todos os três estados (excetuados os tementes a Deus), com todos os seus bens, poder e sabedoria, não é capaz de dar um pingo sequer. Pois é um consolo fraco querer falar a alguém na angústia da morte sobre dança, alegrias da vida, bens, honra, poder, sabedoria, mulher e filhos.

Pois, querendo honrar a palavra de Deus e servir a Deus, eles têm que sofrer e suportar zombaria, opróbrio, danos, ódio, inveja, difamação, fogueira, espada, morte e toda sorte de desgraça da parte dos três grupos. Além disso, [têm que suportar] da parte do diabo e seus anjos muitas investidas venenosas, perigosas e malvadas, e da parte da própria carne e do pecado, inquietação e sofrimento suficiente, como diz Paulo: "Todos os que querem levar uma vida piedosa têm que sofrer perseguição" [2 Tm 3.12]. E o próprio Cristo: "Quem quiser seguir-me tome sua cruz sobre si" [Lc 9.23]. Em At 14.22 se lê: "Haveremos que entrar no reino dos céus através de muita tribulação". E o sábio do Eclesiástico diz: "Filho, se quiseres servir a Deus, prepara a alma para a tentação" (Eclo 2.1).

Por isso Deus faz esse benefício a esse pequeno rebanho de modo bem

33 Na época de Lutero, a palavra "consolo" tinha a conotação de conforto, encorajamento, confiança, proteção (cf. embaixo a explicação do v. 6).

oculto ao mundo, e até parece que nada mais é do que ira eterna, castigo, praga da parte do próprio Deus. E os ímpios dentre os três grupos parecem ser puros filhos de Deus por serem tão abastados e ricos dos visíveis, terrenos e patentes benefícios de Deus. Por isso se precisa de sabedoria e graça para ver e reconhecer esse benefício secreto e oculto, especialmente porque ele a gaba de durar para sempre e de ser eterna. É por isso que são necessárias tantas e tão ricas palavras, como ainda ouviremos. Pois, embora o espírito queira e esteja disposto, a pobre carne é fraca e pouco disposta[34], porque também preferiria ter consolo e ajuda terrenos visíveis e estar acima da angústia e dos problemas. No entanto, é assim que tem que ser e não pode ser diferente. Não existe outro caminho para a vida eterna além deste caminho estreito e apertado que poucos encontram (Mt 7.14). Somente este pequeno grupo o encontra. Em resumo, o benefício dos três grupos é esta vida e ser temporal, e o deste pequeno grupinho é a vida eterna. Esta é a verdadeira diferença.

V

Invoquei o SENHOR na angústia,
E o SENHOR me ouviu em espaço amplo.

Aqui és informado sobre a situação desse grupo. Ele não nada em prazeres evidentes perante o mundo: medo é sua morada ou abrigo. Aqui o salmista descreve sua própria situação: ele se encontra em meio a muitos sofrimentos. Com a devida brevidade (como convém, quando se começa a falar de um assunto), resume toda sorte de sofrimentos no termo "angústia". Depois, todavia, ele o explicará mais detalhadamente, como quando digo: Por quantos sofrimentos teve que passar S. Paulo. Aqui ainda não especifiquei nada; apenas indiquei, em termos gerais, que ele sofreu, no entanto, ainda não detalhei o que sofreu. Do mesmo modo aponta primeiro, em termos gerais e com brevidade, para o consolo e o socorro de Deus, dizendo: "O SENHOR me ouviu". Portanto, [Davi] quer dizer: Tenho que sofrer sempre, mas também serei consolado a todo instante. Como sucede isso e em que consiste o consolo ou ser ouvido, ele também o dirá em seguida.

No hebraico "angústia" significa aquilo que é "angusto", e creio que também o vocábulo alemão *Angst* se deriva de "angusto", onde a pessoa sente medo e aflição, sente-se apertada, oprimida e espremida, como acontece nas tentações e desgraças, segundo o provérbio: "O vasto mundo me

34 Cf. Mt 26.41.

foi apertado demais''. Por outro lado, o termo hebraico ''em amplo espaço'', empregado aqui, diz que, assim como o aperto ou a angústia significa tribulação e miséria, ''amplo espaço'' significa consolo e socorro. Portanto, esse versículo diz o seguinte: Clamei ao Senhor em minha necessidade, e ele me ouviu de modo consolador. Pois assim como a necessidade é nosso lugar apertado, que nos atribula e oprime, assim o socorro de Deus é nosso espaço amplo, que nos torna livres e alegres.

Observa, porém, a grande sabedoria e inteligência da fé. Em sua necessidade ele [sc. Davi] não corre para lá e para cá, não enche todos os ouvidos com suas queixas, maldizendo e culpando os inimigos. Também não murmura contra Deus dizendo: Por que Deus fez isso comigo? Por que não a outros que são piores do que eu? Também não começa a duvidar de Deus que lhe manda essas coisas, não o considera irado ou inimigo por causa disso, como o sugerem com força a carne, o mundo e o diabo. Pelo contrário, eleva-se acima de tudo isso e lhe resiste e, através de uma aparência tão adversa, consegue ver o coração paterno de Deus e reconhecer o sol através dessas nuvens e temporais sombrios, espessos e escuros e ousa invocar de coração aquele que o machuca e se mostra tão carrancudo.

Isso é sabedoria acima de toda a sabedoria e obra exclusiva do Espírito Santo, bem conhecida dos tementes a Deus e verdadeiros cristãos. Os santos de obras nada sabem disso e, entrementes, fazem muito palavreado sobre boas obras, mas jamais reconheceram nem praticaram qualquer delas, nem são capazes de praticar. Pois essa sabedoria está fora do alcance da natureza humana. No momento em que Deus a toca de leve com algum problema, ela se assusta e desespera, e logo pensa que toda a graça se acabou e que Deus tem somente ira contra ela. Aí então o diabo ajuda a empurrar com toda a força e manha, até afogá-la em dúvida e tristeza. Para isso também contribui maravilhosamente o escandaloso quadro quando vê os abundantes benefícios de Deus nos outros grupos. Aí então acha que ali só existe a pura graça de Deus, sem qualquer ira. A consciência tímida fracassa e esmorece se não vier socorro e consolo da parte de Deus ou por meio da palavra de curas d'alma piedosos ou outros cristãos piedosos, até que alguns se enforcam, afogam ou apunhalam ou definham e se acabam de outra forma qualquer.

Por isso, aprenda quem pode aprender, e cada qual se torne um falcão que se ergue aos ares em tal situação de miséria. Que saiba, em primeiro lugar, com certeza e não duvide que Deus não lhe envia esse infortúnio para a destruição, como ouviremos mais abaixo no versículo 18, mas que com isso quer estimulá-lo à oração, a clamar e lutar, para que exercite sua fé e aprenda a conhecer a Deus sob outro aspecto do que vinha fazendo até agora, e também se acostume a lutar com o diabo e o pecado e a vencer com a ajuda de Deus. Do contrário, jamais aprenderíamos o que é fé, Palavra, Espírito, graça, pecado, morte ou diabo, se tudo transcorresse em paz e sem

tentação. Desta forma jamais conheceríamos o próprio Deus, em resumo, com isso jamais nos tornaríamos verdadeiros cristãos nem poderíamos continuar sendo cristãos. Penúria e angústia nos obrigam a isso e nos preservam maravilhosamente no cristianismo. Por esse motivo a tribulação e a cruz nos são tão necessárias como a própria vida, e mais necessárias e proveitosas do que todo os bens e honra do mundo.

O salmo diz: ''Invoquei o SENHOR''. É preciso aprender a invocar (escuta bem isso!), e não ficar por aí recolhido, sentado ou deitado em algum banco, andar cabisbaixo e cambalcante, torturando e consumindo-te com teus pensamentos, preocupado e pensando em encontrar alguma saída, lamentando tão-somente tua má sorte, o quanto sofres, o quanto és miserável. Pelo contrário, vamos lá, seu preguiçoso, cai de joelhos, ergue as mãos e os olhos ao céu, reza um salmo ou um Pai-Nosso e apresenta teus problemas a Deus com lágrimas, lamenta, invoca, como ensina o presente versículo e como diz o Salmo 142.2: ''Derramo diante dele minha oração e apresento diante dele minha tribulação''. E Sl 141.2: ''Suba minha oração a tua presença como o incenso, e o erguer de minhas mãos seja como um sacrifício vespertino''. Aqui ficas sabendo que orar, expor os problemas e erguer as mãos são os mais agradáveis sacrifícios para Deus. Ele deseja, ele quer que exponhas diante dele tua preocupação e que não a guardes para ti, te debatas com ela, te amargures ou martirizes. Com isso transformas uma desgraça em duas, em dez, em cem! Ele deseja que sejas fraco demais para suportar e vencer esta preocupação, a fim de que aprendas a tornar-te forte nele e ele seja glorificado em ti por seu poder. Assim surgem pessoas que se chamam cristãos. Os demais são meros charlatães e palradores, que falam muito de fé e Espírito, no entanto não sabem o que isso significa ou o que eles próprios dizem.

Por outro lado, não deves duvidar de que Deus enxerga tua tribulação e que atende essa tua prece. Também não deves orar assim ao acaso e falar ao vento. Pois com isso zombas de Deus e o tentas. Neste caso seria melhor não orar, como acontece com a oração dos sacerdotes e monges. Porque tens que aprender a gloriar também a seguinte parte deste versículo: ''E o SENHOR me ouviu em espaço amplo''. [Davi] confessa ambas as coisas: que orou e clamou e que tem sido ouvido com certeza. E se o diabo te assoprar que não és tão santo, digno e piedoso como Davi, e que por isso não poderias ter a mesma certeza, então faze o sinal da cruz e dize: Que seja piedoso e digno quem quiser. Eu , no entanto, sei muito bem que sou criatura de Deus igual a Davi. E por mais piedoso que seja Davi, nem por isso ele tem um Deus diferente, melhor e maior do que eu.

Pois há um só Deus, tanto dos santos como dos pecadores, tanto dos dignos como dos indignos, tanto dos grandes como dos pequenos. Em resumo, por diferentes que sejamos, ele, não obstante, é o Deus de nós todos, o mesmo, único Deus, que quer ser honrado, invocado e implorado por

todos. Que tinham os santos e dignos mais do que eu antes de se tornarem santos e dignos? Ou acaso se tornaram santos e dignos por si mesmos? Não o receberam antes, como os indignos e pecadores, do mesmo Deus do qual também eu agora o peço e quero receber como indigno e pobre pecador? Aquele que o deu a eles também o prometeu a mim, e ordenou pedir, procurar, orar e bater (Mt 7.7). Confiando nesta promessa e mandamento, ajoelho-me, ergo os olhos para o céu e imploro consolo e socorro. Assim ele é honrado como verdadeiro Deus, do qual peço ajuda e consolo, o que compete a um Deus de verdade. Com isso sou considerado digno perante ele, e ele, por sua vez, se revelará como verdadeiro Deus, vendo que assim penso a seu respeito. E não fará depender sua honra e seu nome divinos exclusivamente de mim, disso tenho certeza. Pois quem não ora nem invoca a Deus em sua tribulação, este, sem dúvida, não o considera Deus, também não lhe tributa sua honra divina que lhe devemos como suas criaturas. A respeito disso tratamos bastante em outra parte[35].

VI

O SENHOR está comigo,
Por isso não temo.
Que me poderá fazer o homem?

No espírito [Davi] dá pulos de eterna alegria e mostra o que acontece quando seu clamor é atendido. É o seguinte, diz ele: Primeiro ele me dá o consolo interiormente no coração. Disso fala o presente versículo e o expõe mais detalhadamente o versículo 18. Depois também concede a ajuda exteriormente e livra do mal. Disso fala o versículo seguinte. A respeito do consolo diz: "O SENHOR está comigo", como a dizer: meu clamor é atendido de tal modo que, embora a tribulação não desapareça de imediato, obtenho um protetor poderoso, forte e vigoroso, que está a meu lado e me ajuda, de modo que se me torna doce e fácil suportar esse jugo (Mt 11.30). Quem é ele? É o próprio SENHOR, ao qual invoquei. Ele me enche o coração por meio de sua eterna palavra e Espírito, em meio à tribulação, de sorte que o sinto muito bem. Pois não devemos imaginar, como as hordas sectárias, que Deus nos consola no coração diretamente e sem sua palavra. Isso não sucede sem palavra exterior, a qual o Espírito Santo sabe recordar e reavivar no coração, embora tivesse sido ouvida há dez anos.

35 Cf. WA 30/I,134ss., a explicação do Primeiro Mandamento no Catecismo Maior (= *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, pp. 394ss.).

Vede como esse consolo o tornou audaz e valente, a ponto de proclamar confiante e gloriar-se: Não tenho medo. Sou destemido e valente, nada tenho a lamentar, sinto-me animado e não tenho por que me preocupar. Pois, sem dúvida, existem tribulações e sofrimentos que me olham de modo ameaçador e me querem amedrontar e pedem clemência. Eu, porém, lhes mostro as figas e digo: Querido monstro, não me devores. Na verdade, tens um aspecto horrível, de causar medo. Eu, porém, tenho outra visão tanto mais bonita, que me ilumina como o amado sol até a vida eterna, de modo que não me importas o mínimo, nuvenzinha insignificante, passageira e escura e ventinho irado.

Depois se enche de valentia e coragem por causa do consolo de Deus e desafia o mundo inteiro, dizendo: "Que me pode fazer o homem?" Isso significa repto sobre repto. É de enlouquecer reis, príncipes e senhores que um pobre pecador os despreza de tal modo que os derruba a todos a uma e os calca aos pés, vai e olha para eles como se fossem palha atirada no caminho, zomba deles e diz: Que gente é esta que está deitada aí? Acaso não sabes o que significa ser gente? É o mundo inteiro, todos que se chamam humanos: turcos, tártaros, imperadores romanos, papa, reis, príncipes, bispos, senhores, com todo seu poder, sabedoria, riqueza, terras e habitantes, etc., em resumo, o de que é capaz o mundo inteiro, juntamente com seu deus, o diabo e seus anjos. Na verdade, eles deveriam ser temíveis; um pobre homem abandonado deveria apavorar-se. No entanto, enfrenta a todos e diz: Ora, que me podem fazer?

Irão matar-te! E depois? Acaso irão ressuscitar-me e matar-me de novo? Ou talvez irão devorar o corpo fisicamente, esse naco delicioso? Se bem que não podem matar-me sem que meu Senhor lho permita e que avise previamente que lho permitiu. Do contrário, poderão deliberar anos a fio, puxar punhais, rilhar os dentes, morder os lábios e ameaçar o quanto quiserem. Não obstante terão que ouvir o Salmo 112.10: "O ímpio tem que ficar olhando e se irrita; rilha os dentes, mas nada alcança. Pois os desejos dos ímpios não se cumprirão", etc. Eles se fiam em seu poder e seus bens. Isso é seu deus e sua confiança. Minha fortaleza, porém, é o SENHOR. Que se metam com ele. Creio que serão arruinados e vão espatifar-se na pedra angular, de modo que irão cambalear e serão destroçados; enquanto isso eu canto: "Que me pode fazer o homem?"

Pois que são imperadores, papa, reis, príncipes e todo o mundo em comparação com Deus? Isaías diz que são um *chen*[36], isso é, *unum sic*, um estalar de dedos. E em outra passagem se lê: "Estão grávidos de palha, e

36 Cf. Is 51.6. A antiga versão latina da Bíblia traduz a palavra hebraica *chen* (erroneamente) por *unum sic*. Na verdade, a palavra significa "mosquito" (cf. as traduções portuguesas).

irão parir restolho'' [Is 33.11a]. Quer dizer, suas ameaças e terror são grandes e imponentes. Sua barriga está horrivelmente inchada, como se quisessem parir montanhas, de modo que é horroroso ver aquele inchaço. No entanto, tudo não passa de mera palha, boa para fazer fogo. Depois do parto bem-sucedido, resta somente palha. Esta é sua ira e o fruto de suas ameaças. É palha que o vento dispersa. Pois enquanto o SENHOR nos ajuda, subsistiremos, ainda que nos matem por causa disso. Pois bem. Com isso ainda não mataram o SENHOR que está conosco. Permanecendo este, e onde quer que estiver, estaremos com ele, como diz em Jo 14.19: ''Eu vivo, e vós também vivereis''. Depois ficaremos observando com alegria o que faz com a barriga de palha e o fruto de palha deles, no dia de seu grande fogo. Aí então se verá o que significa: ''Que me pode fazer o homem?'', como segue:

VII

O SENHOR está comigo para me socorrer,
E eu olharei meus adversários em triunfo.

Este haverá que ser um Deus maravilhoso e encantador que não nos socorre apenas na tribulação e consola e fortalece por meio de sua palavra e seu Espírito, a fim de que a possamos suportar, mas que, no final, também ajuda a vencer e a ganhar. Faz com que as coisas terminem de tal forma que se vê mais vingança nos adversários do que se pudesse ter desejado ou pedido na hora da adversidade. Isso sucede de duas formas: por um lado, com graça, de modo que os que são nossos inimigos e, como diz o texto, nos *oderunt*, nos odeiam, por fim se convertem e se tornam nossos amigos, o que é o maior prazer e alegria de todos os santos na terra. Por outro lado, os que não querem converter-se pela graça em nome de Deus, devem perecer com ira em nome do diabo e, não obstante, os cristãos sobreviverão, malgrado seu, como aconteceu até agora com os judeus, com os romanos e todos os gentios e, no passado, com o rei Faraó e com os inimigos do povo de Israel. E recentemente, em nossos dias, graças a Deus, já aconteceu com vários daqueles que nos queriam devorar de vez em três semanas e que agora jazem aí e apodrecem comidos pelos vermes, enquanto nós ainda estamos vivos. Por fim ainda haverá de acontecer o mesmo com os príncipes, bispos, pastores e seus asseclas que ainda se nos opõem com fúria: haverão de perecer, enquanto nossa doutrina permanecerá.

Pois se nossa doutrina é palavra de Deus, este versículo nos pertence. E quem a considerar palavra de Deus, que não duvide: eles não alcançarão o que pretendem. Isso ainda veremos. Quem, todavia, não a considerar palavra de Deus, de nada importa o que experimenta ou não experimenta. Desde o

começo da cristandade até hoje foram empreendidos vários atentados [contra ela], em todo mundo, por imperadores, reis, senhores, por sábios e entendidos. Este versículo, porém, os sobreviveu a todos, venceu, canta e zomba deles livre e alegremente: ''Olho meus adversários em triunfo''. Mas os adversários, onde estão? Onde está a ira? seus atentados? por que não extirparam este versículo? e onde ficaram todos os atentados que o papa empreendeu em vão, juntamente com seus clérigos, já por dez anos, um atrás do outro? O melhor de tudo, porém, é o fato de terem a cabeça dura e não considerarem que erraram tantas vezes e que se gloriaram e cantaram vitória e hurras em vão, a fim de que, empedernidos, cumprissem, por fim, este versículo integralmente, de modo que nada mais restasse, como o testemunha abundantemente o salmo em várias passagens.

VIII

É bom confiar no SENHOR,
E não confiar em seres humanos.

IX

É bom confiar no SENHOR,
E não confiar em príncipes.

Nos dois últimos versículos [Davi] falou do consolo e do auxílio de Deus. Aqui, todavia, refere-se ao consolo e auxílio dos homens. Zomba deles, sim, fala como se tivesse pena dos miseráveis seres humanos que, sem Deus, confiam em consolo e auxílio humanos. Pois é um consolo miserável e incerto o que se baseia em homens que igualmente não estão seguros por um momento de sua vida, como diz Isaías [Is 51.12]. E Davi diz no Salmo 146.3s.: ''Não confieis em príncipes nem em seres humanos, porque eles não podem ajudar. Pois sua alma há de subir, e eles têm que tornar à terra; e todos os seus intentos estão perdidos''. E isto é tão verdade que também não se deve confiar em pessoas santas nem em príncipes piedosos, muito menos nos tiranos e déspotas. Pois em geral Deus leva cedo os piedosos, e assim caem por terra o propósito e consolo que se baseavam neles; tiranos malvados, porém, deixa viver por longo tempo, como observa Salomão[37], para que os que não confiam em Deus se agarrem tanto mais no consolo humano.

37 Cf. Ec 7.15.

Quando ainda vivia o duque Frederico da Saxônia[38], o caro e estimado príncipe (que não deve ser esquecido), tiranos clericais tanto quanto seculares se consolaram com sua morte, dizendo: É apenas uma questão de dois olhos; no dia em que estes se fecharem, também se acaba a heresia de Lutero. Jamais tiveram maior certeza de algo em toda a sua vida do que dessa sua profecia. Tinham-na por tão segura como o violinista seu instrumento, pois pensavam que nossa doutrina dependia do duque Frederico e que nosso consolo e auxílio eram consolo e auxílio de príncipes. Isso o deduziam de si mesmos. Pois pensavam que, do mesmo modo como eles, desesperados e afastados de Deus, depositavam todo o consolo e auxílio em príncipes e senhores, procederíamos também nós, visto que não conhecem outro consolo e auxílio. Também jamais ouvi que algum deles tivesse dado mostras de que seu consolo está em Deus. Porque até hoje toda sua gritaria, confiança, ameaças e segurança foi o imperador, os príncipes e senhores. E ainda o publicam desavergonhadamente em seus escritos, para a louvável confissão de sua fé que têm em Deus — pelo contrário.

E ainda continuam nessa confiança e, dia e noite, todos os seus pensamentos, palavras e planos se preocupam exclusivamente de como nos poderiam abafar com violência. Seu maior consolo consiste em ver quantos são eles e quão poucos somos nós. No entanto, invocar a Deus e pedir seu auxílio, isso nem lhes ocorre. Também não precisam dele, podem fazê-lo sem ele. Basta-lhes que digam: é assim que o queremos fazer, é assim que procederemos. Desse modo se sentem seguros e nada lhes falta. Pois como poderia Deus conseguir que tantas pessoas poderosas e sábias pudessem errar? Imagina! Isso é impossível. Eles lhe são sábios e fortes demais. Quando o rei Faraó perseguiu os filhos de Israel no Mar Vermelho, não se lembrou de Deus sequer com uma palavra, exclamando: Senhor Deus, me aconselha, me ajuda! Muito antes disse: Desembainharei minha espada e eles já estão mortos! Pois não. Não se enganou por um cabelo sequer, com tal

38 O duque *Frederico da Saxônia* é Frederico III, o Sábio (1463-1525), príncipe-eleitor da Saxônia, ou seja, um dos sete príncipes-eleitores do Sacro Império Romano-Germânico (Alemanha), aos quais cabia eleger o imperador. Em 1502 fundou a Universidade de Wittenberg, contratando para ela os melhores professores, como João von Staupitz e André Karlstadt e o próprio Lutero. Frederico, o Sábio protegeu Lutero contra todas as tentativas de silenciá-lo: não permitiu que Lutero fosse levado a Roma para lá ser julgado, mas conseguiu que Lutero tivesse chance de defesa (o que aconteceu em Augsburgo, 1518, perante o cardeal Caetano) e de ser ouvido na Dieta (Assembléia Nacional) de Worms (1521). Manteve-se oficialmente neutro em relação à doutrina da Reforma. Somente no fim da vida confessou abertamente a fé evangélica, recebendo a Ceia do Senhor em ambas as espécies. O posicionamento de Lutero quanto à proteção que seu duque lhe oferecia encontra-se na carta de Lutero ao príncipe-eleitor Frederico, na qual justifica o abandono do refúgio no Wartburgo e o retorno a Wittenberg (cf. WA Br 2, nº 455).

exatidão acertou. Na manhã seguinte boiava afogado no Mar Vermelho[39] com todo seu povo, e sequer um escapou. Este é o fim do consolo humano e do auxílio de príncipes, quando se despreza o consolo e o auxílio de Deus.

Por isso [Davi] diz duas vezes: "É bom confiar no Senhor", como a dizer: seres humanos não sabem consolar nem aconselhar, como também príncipes não podem auxiliar nem salvar. Pois os homens não possuem a Palavra e o Espírito com que pudessem consolar e preservar corações atribulados. Do mesmo modo também príncipes não têm o punho com o qual pudessem socorrer a um miserável e reprimir seus adversários. Somente Deus tem ambas as coisas, palavra de consolo e punho para auxiliar, por maiores e diversas que sejam as necessidades e os adversários. Isso também o comprova a experiência. Pois quando uma pessoa está entristecida de todo o coração, como a poderiam consolar o poder, a sabedoria, os bens e a honra de todos os imperadores, reis, príncipes e do mundo inteiro? Todos eles em conjunto são menos do que nada até mesmo em face do menor pecado cotidiano, se a palavra de Deus não aconselhar e consolar.

Ou então quando estamos enfrentando uma doença mortal ou nos encontramos em perigo de morte, de que adianta a força e o poder do mundo inteiro? E ainda que pudessem ajudar, que seria isso, visto que tudo é incerto e eles próprios andam morrendo diariamente e, por fim, têm que ceder seu auxílio e consolo à morte? Tudo isso acontece diante de nossos olhos, no entanto o diabo ainda é muito forte e faz com que não o creiamos. E continua sendo arte singular e rara não confiar em seres humanos nem se apoiar em príncipes. O mundo inteiro é assim e jamais será diferente: confia-se e constrói-se em seres humanos e príncipes, o que significa desesperar de Deus e calcar aos pés seu Primeiro Mandamento. Somos capazes de confiar em todos os deuses falsos, menos no único Deus verdadeiro. Por isso o profeta não apenas consola, mas também lamenta o contrário nestes dois versículos: que existem pessoas tão pobres e miseráveis que não têm Deus, mas que têm o imperador e os príncipes (que não estão seguros por um momento sequer de suas vidas) por seus deuses. Neles confia, se consola, se apóia e se fundamenta seu coração. E isso de forma pública e desavergonhada, a ponto de ainda se vangloriarem dessa vergonhosa idolatria, como os insensatos filisteus se vangloriaram de seu Dagom mutilado, quando deveriam envergonhar-se dele ao máximo[40]. Bem feito para eles. É assim que o querem, para que também deixem atrás de si uma vergonha eterna, a exemplo dos filisteus.

Este seria o momento e o lugar correto para aduzir textos e exemplos, tanto fora como dentro da Escritura, que mostram como, em todos os tempos,

39 Êx 14.

40 Cf. 1 Sm 5.4.

pereceram miseravelmente e foram destroçados aqueles que confiaram em seres humanos. Todos os queridos profetas pregam e proclamam contra seu povo Israel que sempre de novo fazia alianças, ora com os egípcios, ora com os assírios, ora com este rei, ora com aquele, para que, em todos os casos, não precisassem confiar em Deus, mas pudessem confiar em seres humanos. Não obstante, foram miseravelmente derrotados sempre. Os próprios gentios escrevem muitas histórias, fábulas e episódios sobre isso. E eu poderia citar um saco cheio de exemplos só de meu tempo, exclusivamente da Alemanha, pois pude observar em classes altas e baixas o que pode resultar de uma aliança, de um pacto e confiança em seres humanos e de que forma desastrosa fracassaram. Este versículo continua verdadeiro: "É bom confiar no SENHOR, e não em homens nem em príncipes". E outra vez no Sl 146.3: "De modo algum confiareis em príncipes nem em seres humanos, por que, afinal, não ajudam"; como também diz o sábio no Eclesiástico [2.22]: "Quem confiar em seres humanos cairá". Tampouco Deus o tolera nem o deve nem o pode tolerar, pois trata-se de uma idolatria que lhe quer usurpar a divindade.

Portanto, quem se propõe um bom empreendimento, trate de começar com Deus e ouse fazê-lo baseado em sua bondade. De modo algum se baseie em consolo e auxílio humano. Por outro lado, também não tema os homens nem o mundo todo. Porque o presente versículo não há de mentir: "É bom confiar no SENHOR". E o sábio diz no Eclesiástico [2.10s.]: "Considerai, filhos amados, todas as gerações humanas, e vereis que jamais alguém que confiou no SENHOR foi envergonhado". E Sl 25.3: "De todos os que esperam em ti nenhum será envergonhado". Quem todavia não quer nem consegue arriscar-se em nome de Deus e confiar nele, que desista, e não empreenda nada de divino e salutar confiado em consolo humano. Bem no início, quando comecei a atacar as indulgências e todo o mundo ficou de olhos arregalados, pensando que me havia excedido, vieram falar comigo meu prior e subprior[41], exaltados por causa do clamor e muito temerosos, e me imploraram que não trouxesse desonra sobre a ordem. Pois as outras ordens já estavam pulando de alegria, especialmente [as ordens dos] predicantes[42], porque já não se encontravam em ignomínia sozinhos, mas também os agostinianos iriam entrar na fogueira e ficar na desonra. Naquela vez respondi: "Amados pais, se essa obra não foi iniciada em nome de Deus, logo se acabará. Se, no entanto, foi empreendida em seu nome, deixai-o agir"[43]. Eles então silenciaram. E assim a obra continua até hoje e, se Deus quiser, continuará ainda melhor até o fim. Amém.

41 Lutero era membro da ordem dos eremitas agostinianos e seu prior era, naquele tempo, *Tiago Probst* de Ypern (na atual Bélgica), segundo Martin Brecht, biógrafo de Lutero (1981). Segundo outro biógrafo do reformador, Heinrich Böhmer (1925), o prior era *Ulrico Adam*.

42 A ordem dos predicantes são os dominicanos, fundada por *São Domingos* (ca. 1170-1221) de Castela (Espanha), em Toulouse (França), em 1215. O dominicano italiano *Jerônimo Savonarola* (nasc. 1452) anunciou o juízo de Deus sobre a Igreja e a renovação da mesma. Em 1498 foi condenado à morte e, juntamente com outros dois dominicanos, enforcado e queimado. E em 1509, o prior e mais 3 monges do convento dominicano de Berna (Suíça) foram condenados à morte por blasfêmia (encenação fraudulenta de um milagre) e queimados. A esse "sacrilégio de Berna" Lutero refere-se expressamente mais adiante.

Contaram-me a respeito do maravilhoso bispo Frederico de Magdeburgo, conde de Beichlingen[44], que viveu há não muito tempo, o seguinte episódio. Certo príncipe da Saxônia, o duque Frederico, que estava se preparando para a guerra contra ele, como seu inimigo declarado, enviou um espião à corte do bispo para verificar como se armava e preparava sua defesa. [O espião] retornou a seu príncipe todo alegre, informando que o bispo não estava tomando nenhuma providência no sentido de se armar. Portanto, a guerra já estava ganha. Então perguntou o príncipe: Que diz o bispo a respeito da guerra? Ele respondeu: Somente diz que vai continuar exercendo seu ofício, visitar conventos e ouvir os anseios da gente pobre. No mais, Deus iria lutar por ele e levar a guerra a bom termo. Ouvindo isso, o príncipe disse: Se é isso o que o bispo diz, então que o diabo guerreie contra ele em meu lugar. Desistiu da guerra, porque tinha medo de guerrear contra Deus. Ora, quem socorreu o bispo de forma tão rápida e fácil e transformou inteiramente o coração do príncipe? Somente o nome do SENHOR, a miserável palavrinha "Deus" realiza semelhante portento de forma tão rápida, decidida e fácil. Quero silenciar a respeito dos exemplos de inimigos, como foram derrotados os que confiaram em seres humanos. Temo-los diante dos olhos diariamente em demasia.

Visto que Deus é um Senhor que permite que os piedosos sofram e que os ímpios esbravejem, mas que, não obstante, não deixa os piedosos sem consolo na tribulação e, por fim, derruba os raivosos e socorre os seus, ele [sc. Davi] nos quer ter admoestado amavelmente e encorajado, por meio de seu exemplo e experiência, através destes versículos, que não deixemos de aprender a confiar e esperar nele, como ensina o Primeiro Mandamento. Pois isso é bom, maravilhoso e salutar, aqui temporalmente e lá eternamente; além disso é o mais agradável sacrifício a Deus e o mais belo culto e honra a Deus. Por outro lado, quer intimidar-nos e advertir fielmente de que, de modo algum, nos consolemos com seres humanos e príncipes, confiemos, esperemos e nos apoiemos neles, como o fazem o mundo e os filhos do diabo e seus asseclas, que desesperam de Deus e se afastam, contra o Primeiro Mandamento. Porque isso é mau, vergonhoso e prejudicial, aqui temporalmente e lá eternamente; além disso é a maior desonra a Deus, ignomínia e usurpação.

Que não me apareça nenhum espírito sectário e chupe dessa bela rosa

43 Cf. At 5.38-39.

44 Frederico III, arcebispo de Magdeburgo (1445-1464).

do santo profeta seu veneno e ensine que se deve assassinar os príncipes, ou desrespeitar as autoridades e desobedecer-lhes, porque Davi estaria dizendo aqui que não se deve confiar em príncipes piedosos. Ele os chama de *ndibim*, que o próprio Cristo traduz por "eles são chamados de benfeitores"[45], clementes senhores, ou seja, homens que receberam seu cargo de Deus para, através dele, realizarem muitos e grandes benefícios, do que tratei suficientemente em outra parte[46]. O ofício do príncipe e o governo secular estão aí para serem usados e usufruídos para a alimentação do corpo, proteção e paz na terra. Foi para isso que Deus os instituiu. No entanto, não se deve confiar, apoiar-se, esperar e basear-se neles, da mesma forma como devemos fazer uso de outros bens terrenos, como dinheiro, gado, casa, benfeitorias. No entanto, não se deve confiar neles, esperar e apoiar-se neles. Confiar e usar são duas coisas distintas. Confiar se deve somente em Deus, usar diz respeito à criatura.

X

Todos os gentios me cercam,
Mas no nome do SENHOR os despedaçarei.

XI

Eles me cercam, eles me cercam,
Mas no nome do SENHOR os despedaçarei.

XII

Cercam-me como as abelhas, e se inflamam[47] *como um fogo nos espinheiros,*
Mas no nome do SENHOR os despedaçarei.

45 Cf. Lc 22.25.

46 Cf. "Da Autoridade Secular, até que Ponto se lhe Deve Obediência" (cf. *Obras Selcionadas*, vol. 6 (= WA 11.245ss.); *Predigten über das 2. Buch Mose*, explicação do Quinto Mandamento (= WA 16,506ss.), de 5/11/1525 ou ainda o comentário ao Salmo 82 (= WA 31/I,189-218 [1531]), posterior ao presente escrito.

47 No original Lutero usa o vocábulo *dempffen*, termo um tanto ambíguo: pode significar tanto "fumegar", "arder" como também "abafar", "extinguir". Aqui, na tradução do versículo, parece que Lutero se baseou no texto latino da Septuaginta: *et exarserunt sicut ignis in spinis* — "e queimaram como o fogo nos espinheiros", e *dempffen* teria o significado de queimar, arder. No comentário, porém, deve ter-se orientado pelo texto hebraico, pois, a deduzir do contexto, *dempffen* deve ser traduzido por abafar, extinguir, apagar, embora use a forma ativa, quando no original a forma é passiva: *extinctae sunt quasi ignis spinarum*. Então adaptamos a tradução do versículo ao espírito da interpretação, e na interpretação transformamos os verbos ativos *dempffen* e *leschen* (= abafar e extinguir) em verbos na forma passiva.

XIII

Empurram-me, para que caia,
Mas o SENHOR me socorre.

Nestes quatro versículos descreve quem são os que o perseguem e de onde procede a tribulação, à qual se referiu acima. E com seu exemplo quer demonstrar de modo convincente a maravilhosa doutrina e admoestação, ao nos ordenar confiar em Deus e não em seres humanos. Como se quisesse dizer: Quero mostrar-vos meu próprio exemplo e experiência, para que vejais como é bom confiar em Deus e para que vos acauteleis de confiar em pessoas. Eis que todos os gentios me atacaram, de todos os modos, com grande poder, empenho, raiva, ira, astúcia e malícia. No entanto, nada conseguiram com toda sua raiva e fúria. Pelo contrário, com tudo isso ficou comprovado e confirmado que Deus consola, preserva e fortalece os piedosos em toda tribulação, por meio de sua palavra e seu Espírito, e que não os abandona. Além disso mutila e destrói os adversários, e por fim nos tira da desgraça e nos salva com ações.

Não me importa se o profeta fala propriamente de si mesmo ou da cristandade quando diz: "Todos os gentios me cercam", como afirmam alguns. É um exemplo que diz respeito a todos os santos, quer tenham vivido antes ou depois de Cristo. Eu parto da pressuposição de que se trata da pessoa de Davi e seu povo, uma vez que menciona a Israel e Arão no começo do salmo. Porque todos os gentios ao redor odiavam o reino de Judá ao extremo, atacavam e importunavam-no de todos os lados, sempre que podiam, especialmente nos tempos de Davi. Por sua vez, também Davi não falhou. Defendeu-se valentemente em todos os lados e os combateu fundo dentro de seu território, no entanto, por ordem de Deus, até que os cercou e venceu, como diz aqui: "Eu os desmantelarei em nome de Deus, etc.". Deste modo ele se colocou por exemplo de todos os crentes que sofrem as mesmas coisas, mas que, no final, devem sair vencedores. Agora, porém, não mais com a espada, mas por meio da palavra e da espada de Deus. Pois a cristandade não luta com a espada corporal.

Observa, porém, como é grande a tribulação e como são muitos os adversários. Primeiramente diz: "Todos os gentios". Estes existem em grande número e são poderosos em comparação com o pequeno grupo. No entanto, há que ser assim que todas as coisas se oponham a Deus e sua palavra, para que se evidencie de modo palpável que poder e consolo humano são absolutamente nada quando comparados com Deus, como também o diz o Salmo 2.1s.: "Os gentios se enfurecem e os reis se levantam contra Cristo", etc. Todas as demais doutrinas e deuses são tolerados e nenhum povo nem país se levanta contra eles. Agora, quando aparece a

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

palavra de Deus, o mundo inteiro se revolta; desencadeiam-se fúria e raiva em toda parte, e se diz: "Eles me cercam". A mim, a mim, diz ele. Sou somente eu a quem cercam. Os romanos possuíam todos os deuses do mundo, algumas centenas. A todos estes toleraram. Somente a Cristo não toleraram. O mesmo que acontece agora. Todas as doutrinas dos monges e sacerdotes, por mais escandalosas que tenham sido e embora tenham esfolado o mundo inteiro até os ossos, atormentado e martirizado corpo e alma — tudo isso se deixou correr. Agora, porém, quando vem a palavra de Deus e nada mais ensina do que paz e graça e, além disso, liberta do escorchamento deles, aí todo mundo a ataca, blasfema e persegue. Por quê? Eles não têm nada a fazer (diz ele) do que cercar a mim, a mim que tenho a Palavra. É a mim que o diabo tem que atacar, como diz Cristo em Jo 15.19: "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu. Visto, porém, que vos escolhi do mundo, ele vos odeia".

Em segundo lugar, eles não apenas são numerosos, mas também fazem uso de seu poder, reúnem toda força, seriedade, persistência e empenho, e atacam. Porque diz duas vezes no versículo 11: *Circundederunt me, circundederunt me*" — "Cercam-me, cercam-me"[48], assinalando como persistem, continuam, sem desistir, sem descanso, prosseguem e prosseguem sem cessar, não param até que se arruínam. Mesmo que falhem com freqüência, não se importam. É um conselho atrás do outro, uma investida atrás da outra. Pois o diabo, o deus deles, que os incita dessa forma, não permite que sosseguem nem descansem, enquanto tiverem forças. Pois o raivejar desses gentios contra Cristo é obra do diabo. Se fosse apenas obra humana, isso não seria possível. Em breve se cansariam e se aborreceriam, especialmente ao constatarem quantas vezes fracassaram, falharam, e se arruinaram, o que acontece em todos os tempos com tais perseguidores.

Em terceiro lugar, não são apenas sérios, ativos, inquietos, mas também violentos, exasperados, odiosos e venenosos, o que também os torna tão inquietos. Por outro lado, sua inquietação baldada e a fúria vã por não conseguirem tanto ou tão depressa como gostariam, porque falham com freqüência e por terem que abandonar muitos planos e empreendimentos, isso os torna ainda mais furiosos e violentos. Quanto mais falham e quanto mais os resultados demoram a aparecer, tanto mais furiosos se tornam, em vez de se sentirem admoestados à penitência. Assim um vício aguça outro vício e uma perversidade afia a outra. A inquietação os enfurece, e o furor os torna inquietos. No serviço do diabo são obrigados a correr, investir, esbravejar, do modo como ele os incita e empurra. Não podem desistir nem

[48] Na verdade a forma latina *circundederunt* é passado perfeito, citando corretamente a Vulgata, enquanto no alemão Lutero usa o tempo presente.

cessar. Por isso diz: "Cercam-me como as abelhas". A abelha é um desses insetos furiosos e violentos. Quando se enfurece, finca seu aguilhão no adversário e o deixa lá dentro, não lhe importando que isso lhe custe a vida ou que não possa mais produzir mel. Pois quando uma abelha perde seu aguilhão e não morre, ela já não pode mais produzir mel, e sacrificou de forma vergonhosa seu nobre e doce trabalho por causa de sua fúria e desejo de vingança. Daí por diante passa a ser uma carregadora de água para as outras abelhas, para ter direito a comer com elas, passando a ser uma empregada na casa das abelhas.

Assim também os inimigos de Cristo são tão vingativos e esquentados, que preferem antes arruinar-se do que desistir de causar dano, ou se vingarem, mesmo perdendo toda a graça em eternidade, do que fazerem o bem e a se tornarem verdadeiros cristãos. Zumbem e zunem com suas asas e fincam seu aguilhão também em Cristo, esfriando deste modo a cabeça para seu prejuízo e sua perdição eterna, aqui e lá. Por isso o Salmo 8.2 os denomina de vingativos, dizendo: "Da boca dos pequeninos e das crianças de peito preparaste uma força para destruir o inimigo e o vingativo". No entanto, trata-se de uma sede de vingança singular. Ela não é humana, mas simplesmente diabólica, visto que não têm nenhuma razão para isso. Pois a palavra de Deus não lhes causa mal nenhum, traz e oferece-lhes todo o bem, graça, paz, salvação, vida e bem-aventurança. No entanto, como já disse, essa sede de vingança se deve ao fato de falharem e de não poderem fazer o que, como e quando querem. É essa inquietação e maldade reprimida e represada que os inflama a essa vingança diabólica.

Em quarto lugar: pelo fato de se terem que envergonhar do fundo do coração, não apenas por falharem tantas vezes, mas também porque sentem que não têm motivo para sua ira, fúria e sede de vingança, vão, se mascaram e disfarçam, e inventam que a palavra de Deus causa alvoroço e é prejudicial à paz comum. Uma vez inventado esse pretexto de piedade, não têm por que envergonhar-se tanto de seus freqüentes fracassos e por não terem motivo; agora podem gloriar-se e dizer que o diabo lhes está opondo obstáculos em seu divino e santo propósito. E então têm motivos grandes e honestos para se enfurecer e raivejar, para assassinar e vingar-se, como os que agora são puros filhos de Deus, prestam um grande serviço a Deus, conservando a paz e castigando os sediciosos e blasfemos. Desse modo o pobre Cristo foi enganado de modo vergonhoso e feio. Pois como iria suspeitar dessas suas burlas e de que no íntimo não passam de patifes e malandros, visto que o enganam tão engenhosamente e lhe apresentam uma máscara tão bonita? Sem dúvida há de declará-los santos. Certamente ele é muito simplório e estúpido em comparação com essas pessoas super, super inteligentes. O mesmo aconteceu com o conselho em Jerusalém, depois de haverem decidido matar o Filho de Deus. Haviam falhado várias vezes e com isso se haviam

enfurecido cada vez mais. Visto, porém, que não tinham razão para essa sua ira e intenção, o senhor Caifás também tratou de burlar a Deus e de lhe mostrar uma máscara bonita e disse: "Nada sabeis e nada cogitais. É melhor que morra um homem e não venha a perecer um povo inteiro"[Jo 11.49s.]. Que poderia Deus fazer, este coitado? Teve que aceitar a burla e a máscara e acreditar ingenuamente que assim estava bem e que o serviço máximo que se poderia prestar a Deus seria crucificar seu Filho inocente, para conservar a paz e a unidade no país, e seu povo não acabasse arruinado, como o senhor Caifás ameaçava e profetizava.

Por isso diz aqui no versículo 12: "Serão abafados e extintos[49] como um incêndio nos espinheiros". Pois quando irrompe fogo no campo, nos tapumes ou nas cercas, todo o mundo deve acorrer e ajudar a apagar, sufocar e salvar, como no caso de uma praga ou de um sinistro geral. Pois do contrário poderá propagar-se ao trigo no campo, aos vinhedos e pomares e destruir tudo. A respeito desse fogo que começa nas cercas ou espinhos ao redor dos vinhedos e hortas, Moisés decretou uma lei especial para os judeus sobre como castigar os culpados e sobre a forma de indenização, em Êxodo 22.6. O mesmo vale também para o fogo que irrompe nas matas, nos prados ou roçados. Os que correm em socorro nessas ocasiões praticam uma ação louvável e boa. Diz o salmo que eles comparam seu furor e raiva a uma ação dessas. De modo que (como se diz na Alemanha), se alguém ensina a palavra de Deus, este ateou fogo no campo (em hebraico isso significa atear fogo nas cercas). Neste caso é preciso acorrer e reprimir, e matar esses hereges e sediciosos e, desse modo, defender e salvar o povo do amado Deus e sua honra. Dessa maneira não se tem apenas um motivo bom, mas também um motivo louvável e honesto para matar e bufar contra Deus. E quando se falha, tem-se honra dobrada, porque nesta boa obra são santos mártires, suportando grandes obstáculos por parte do diabo. Isso ajuda e é uma receita preciosíssima para produzir um coração endurecido e impenitente.

Aí tens quem são aqueles que intimidam os piedosos, lhes infligem sofrimento e tribulações, obrigando-os a clamar e rogar ao SENHOR: 1. Eles são numerosos — todos os gentios com todo poder, isso é, o mundo inteiro com todos os diabos. 2. Além disso, são violentos, resolutos e sequiosos, e nada preguiçosos ou negligentes. 3. Igualmente são exasperados, odiosos e raivosos, de sorte que da parte deles não se pode esperar misericórdia nem reconciliação. 4. Por fim, são também os maiores santos no céu, as pessoas mais piedosas na terra. Que teria esquecido o artista que aqui retratou os perseguidores dessa forma? Há algum desses quatro aspectos que não fosse suficiente por si só para infligir sofrimento a um cristão? para lhe causar

49 Cf. nota 47.

medo e terror? Do lado cristão há quatro aspectos contrários, pois estão sozinhos e são poucos. Além do mais são fracos, e sua obra não tem energia; em terceiro lugar, são humildes e pacientes e, quarto, os piores hereges no inferno e as pessoas mais perniciosas na terra.

Como poderá um cristão resistir a tais inimigos? Onde está a vitória que pode esperar? Ao que parece, tudo está perdido de longe, pois eles estão por cima, como já dito. Nosso desafio, porém, está no que diz [o Salmo]: "Em nome do SENHOR eu os desmantelo e destroço". Essa é a resposta que [Davi] dá aos quatro tipos e se dispõe a resistir a todos com a mesma arma. Ora, isso é demais; de fato, a pobre soberba é demasiadamente grande. Não quer apenas ser salva e protegida, mas também quer dominar o mundo inteiro juntamente com sua ira, furor e santidade. Que digo eu? dominar? Quer destruir e destroçá-los com uma só arma. Isso deveria causar grande desgosto ao diabo juntamente com toda a sua fidalguia enfurecida, se soubessem disso. Qual é a espingarda ou a espada com a qual tu, pobre soberba, queres realizar isso? Gostaria de ouvir essa artilharia pesada. Deve tratar-se de uma peça poderosa. Eu to direi (diz ele). Chama-se O NOME DO SENHOR. Ora, isso é um canhão de papel, um canudinho, ou seja, um fanfarrão. Pois bem, que seja de papel. Ainda o verás. Amigo, como se carrega essa espingarda? como é disparada? como dispara? qual o tipo de projétil que usa?

Em primeiro lugar, todos nós sabemos que Deus é todo-poderoso e que todos os gentios são nada em comparação a ele, como o ensina o Primeiro Mandamento. Este é o primeiro ponto. Depois, é impossível que deixe seu nome relegado à ignomínia, tão impossível quanto abrir mão de sua divindade, pois disse no Segundo Mandamento que não permitirá que se abuse de seu nome, ou que não o deixará impune. Este é o segundo ponto. Se, pois, nós honramos e invocamos seu nome e nossos adversários blasfemam contra nós por causa disso, dize-me, a quem perseguem ou contra quem blasfemam? Acaso não é o próprio Deus Todo-poderoso e seu nome? Não vês as espingardas já carregadas? Visto que o próprio Deus não tolera que seu nome seja blasfemado e que, além disso, nós clamamos e rogamos que seu nome seja santificado e honrado, não achas que essa oração irá disparar a espingarda? O projétil será, quem sabe, o turco ou qualquer outro castigo ou praga de Deus, que trará a morte e a destruição. Então se dará o estampido, de sorte que estarão deitados aqui um príncipe, ali um bispo, aqui um senhor, ali um fidalgozinho, aqui um monge, gritando e se lamentando, de modo que ressoará no céu e ecoará na terra. É isso que se quer. Contra os judeus, que também não quiseram desistir, disparou com os romanos, contra os romanos, com os godos e vândalos, contra os caldeus, com os persas, contra os gregos, com os turcos; para nós alemães também há de encontrar uma bala que nos acerte e não erre o alvo, pois exageramos demais e ainda não cessamos.

Isso significa, portanto, que nós cristãos destroçamos os gentios porque Deus o faz por meio de nosso clamor, por amor de seu nome que temos e honramos entre nós. Pois quando alguém realiza qualquer coisa a conselho, ordem ou pedido de alguém outro, isso se considera, com razão, como feito pelo mandante, conselheiro e rogante. De modo que podemos dizer de sã consciência: Destroçarei o mundo inteiro, isso é, pedirei a Deus com fé firme que santifique seu nome, e já o realizei. Pois ele me ouvirá (diz o Salmo no versículo 5). Assim também Davi, que derrotou seus adversários com sua espada corporal, nada fez por força da espada, como testemunha reiteradas vezes, por exemplo no Sl 18 e alhures; mas porque honrou, santificou e invocou o nome do Senhor e porque orou pela honra de seu Deus, sua espada haveria de valer mais do que cem mil espadas. É o nome do SENHOR que o faz quando se o invoca e honra. Quando não o invocamos, ele o realiza da mesma forma; mas isso de nada nos aproveita, não nos diz respeito, já que não sofremos por causa disso nem o invocamos, como no passado castigou os gentios, visto que não salvou a ninguém dentre os piedosos quando os romanos guerrearam entre si, executando o castigo de Deus, e coisas semelhantes.

No entanto, tu dizes que glorias o nome do SENHOR. A outra parte, porém, afirma igualmente ter buscado o nome do SENHOR e, dessa forma, ter prestado um serviço a Deus, como dito acima. Pois este é o nó da questão: qual das duas partes usa corretamente o nome do Senhor? Do contrário, tuas palavras de nada valem. A isso respondo, em primeiro lugar: cada qual examine sua consciência, esta não enganará a Deus. Depois, para que também não sejam enganadas as pessoas, observem-se os frutos. Assim se conhecerá se a árvore é boa. Pois de nossa parte não colocamos nenhuma confiança em seres humanos, nem a podemos colocar. Somos demasiadamente insignificantes, poucos e fracos. Haveremos que viver em medo, preocupação e perigo e rogar e implorar com toda a humildade tanto a Deus quanto aos seres humanos. Aí então não matamos ninguém por causa de sua doutrina, não tiramos nada de ninguém, deixamos que cada qual creia o que quiser, não os obrigamos, não os coagimos. Deixamos que as sedições, desavenças e discórdias sejam julgadas e castigadas pelas autoridades. Também nem sequer cogitamos nem nos propomos a prejudicar alguém. Pelo contrário, opomo-nos a tudo isso onde e como nos for possível, ensinamos e preservamos a paz com a maior diligência e, por outro lado, sofremos assassinatos, derramamento de sangue, pobreza e perseguição do modo mais cruel, o que, aliás, são sinais de um espírito reto e está em concordância com o presente salmo e com toda a Escritura.

Essa outra parte, porém, baseia seu consolo e força em seres humanos, e esperam seu socorro do imperador e de príncipes, sentem-se seguros, sem preocupações nem perigo, não temem nem a nós nem a ninguém, não

invocam a Deus, muito menos ainda se humilham perante pessoas. Pelo contrário, vivem em arrogância, segurança e presunção, obrigam e coagem a crer o que querem, assassinam, torturam, roubam e mandam para o exílio sem medida; além disso, cogitam e planejam, dia e noite, com o maior afinco, como poderiam infligir sofrimento e dor, causar aflição e dano. Não podem nem querem ter paz, como todo o mundo sabe. Essas coisas e outras semelhantes em todos os casos não podem ser sinais de espírito bom e contrariam a toda a Escritura. Pois ainda falta muito para provar que cristãos devem assassinar ou, inclusive, condenar alguém à morte por vias legais, ou aconselhar e contribuir nesse sentido. Isso é atribuição da autoridade secular, pertence à esfera secular, como também o diz o gentio Gálio, em At 18.14s. Os cristãos têm outro tribunal, sentença e castigo (Mt 18.15ss.,23ss.).

Ademais há grande empenho de nossa parte no sentido de não se tolerar uma vida desregrada, indecente e dissoluta e de repreendê-la, para que acabem (louvado seja Deus!) concubinato, meretrício, blasfêmia, maledicência, o estado matrimonial seja honrado e a cara juventude seja educada diligentemente na palavra de Deus e na disciplina cristã. Por outro lado, se vê perfeitamente o espírito vergonhoso, indisciplinado, de avareza descarada, arrogante que reina entre os papistas, para grande escândalo do mundo inteiro, mormente entre os escalões superiores. Aí não há repreensão nem vergonha, negligencia-se a nobre juventude e se permite que ela se perca miseravelmente. Não se lhe ensina nem a crer nem a orar. E os que exercem as funções de professores também não o sabem e, inclusive, não têm coragem para aprendê-lo de nós e aceitar nosso exemplo. E assim nada está sendo feito.

O pior, porém, é o seguinte: Nós não nos envergonhamos de confessar livre e publicamente, dando a honra a Deus, onde erramos no passado em crenças falsas e abusos. Não ocultamos nem camuflamos nossos defeitos. Da parte deles, porém, o silêncio é completo, a tudo ocultam, exibem falsa humildade e se embelezam. Toda a sua gritaria, seu bufar e blasfemar contra nós tem um único objetivo: para que não se veja a trave em seus olhos e para mostrar e criticar somente a lasquinha em nossos olhos, embora eles próprios saibam que em muitos artigos ensinamos o melhor. Sabem muito bem de que forma escandalosa abusaram da missa e mercadejaram com ela, de que maneira abominável o papa, os cardeais, bispos, canônicos, pastores atormentaram o mundo do modo mais vicioso, com avareza, meretrício, arrogância, com doutrinas falsas e enganosas sobre as indulgências, o purgatório, peregrinações e semelhantes abominações públicas. Tudo isso eles acobertam, e não há um sequer que queira confessar ou repreendê-lo para a glória de Deus. São como os monges pregadores[50] de Berna que encobrem

50 Cf. nota 42.

seus vícios, continuam vivendo em segura impenitência, nem sequer cogitam de fazerem penitência por isso e de emendarem suas vidas; somente se esquentam contra nós, querendo nossa morte, para que sua vida escandalosa, enganosa e má possa continuar livre e correta. A isso se chama de pecado contra o Espírito Santo. Nesses frutos cada qual pode reconhecer a seriedade com que invocam o nome de Deus. Isso a respeito dos três versículos: 10, 11 e 12.

O versículo 13 diz o que esses gentios tão numerosos e fortes, tão enraivecidos e santos, têm em mente com seu cercar e perseguir, até onde chegam, e diz: "Eles me empurram para que eu caia". Quer dizer, querem simplesmente ver-me derrotado e acabado, de modo que não sobre nada, extirpado com raízes e tudo, conforme a ameaça do povo contra Jeremias (Jr 11.19). Ora, o fato de me empurrarem, expulsarem e exilarem é uma medida de força. Não obstante, ainda chegarão a esse ponto. Mesmo assim Deus me protege de seus intentos e põe um termo a seus propósitos, de modo que não conseguirão o que planejam. Podem me empurrar, mas não derrubar; podem me torturar, mas não extirpar; podem prender-me no tronco, mas não obrigar; podem colocar empecilhos, mas não podem me impedir; podem ranger os dentes, mas não podem me devorar; podem me assassinar, queimar, enforcar e afogar, mas não podem me abafar; podem me expulsar, roubar, tirar, mas não fazer calar. Em resumo, alguma coisa haverão de conseguir. No entanto, o intento de seu coração não hão de alcançar. Aí há limites. O SENHOR me ajuda. Quem são eles para poderem fazer algo contra o SENHOR? Há de ficar estabelecido o seguinte: a palavra de Deus permanece eternamente[51]. A não ser que o próprio Deus e seu nome não permaneçam, ainda que eles enlouqueçam e endoideçam.

XIV

O SENHOR é a minha força,
Meu salmo e minha salvação.

Depois de haver narrado os milagres de Deus, com os quais consola e socorre os seus, [Davi] canta, com alegria, um belo e breve canto de agradecimento e louvor, para repto, desdém e zombaria de todos os seus perseguidores, e para louvor e honra de Deus, a fim de que ouçam, queiram ou não, que seu Deus e ele próprio permaneceram apesar de tudo e ainda vivem acima e apesar de todo o seu furor e bufar. É o mesmo versículo que Moisés

51 Cf. Is 40.8, citado em 1 Pe 1.25. Na Dieta de Augsburgo, os evangélicos levaram as letras VDMIA bordadas nas mangas de suas roupas, as iniciais da frase latina "*Verbum Dei manet in aeternum*" – A palavra de Deus permanece eternamente.

canta em seu cântico de vitória sobre o Faraó afogado, em Êx 15.2. Também Is 12.2 o canta, de modo que parece que o versículo foi um canto e provérbio comum no povo de Israel, e, sem dúvida, merece que também entre nós ainda seja um canto ou um louvor comum todas as vezes que somos libertados de aflições, como, aliás, até agora cantamos com freqüência quando libertados. Com o tempo, porém, o cantaremos cada vez mais, até o fim. Amém.

Observa o modo maravilhoso com que resume a tudo e o divide em três ítens: "O SENHOR é minha força, meu salmo, minha salvação". A *primeira parte* expressa sua confiança exclusiva em Deus, que Deus realiza nele tudo, que nele fala e vive; que não insiste em sua própria força, capacidade, razão, sabedoria, santidade ou obra. Não é ele que o quer realizar, para que Deus seja e efetue nele tudo. É um cântico sublime este, e singular na terra. [Davi] não confia em nenhum poder do mundo, nem em riqueza, amigos, alianças, auxílio, sabedoria, obra, consolo ou socorro, pertinácia, mas única e exclusivamente em Deus, inclusive em oposição a si mesmo, ao poder, à sabedoria e santidade do mundo inteiro. Este é um canto ainda mais expressivo: Deus há de ser sua única força, consolo e baluarte. A *segunda parte* é que não pode silenciar essas coisas. Compõe um salmo, canta-o, prega, ensina, confessa e proclama a respeito de Deus, segundo sua fé. Pois a fé não se omite; ela confessa o que crê, conforme Romanos 10.10. O mundo, porém, não suporta que seu poder, sua sabedoria, santidade, obra, conselho e ação sejam condenados e reduzidos a nada, que a salvação e o consolo dos homens e príncipes seja rejeitável e desprezível, que sua doutrina seja vã e errônea. Aí então o compositor desse hino tem que agüentar e sofrer: seu salmo não seria um louvor de Deus, sua proclamação não seria a honra de Deus, sua confissão não seria a verdade, mas blasfêmia, heresia, engano, mentira sediciosa e sedutora para o mundo; que jamais se ouviu um hino mais escandaloso sobre a terra e que jamais se proclamou algo mais pernicioso sob o sol. À prisão com ele, à fogueira! que seja expulso do país, maldito, condenado e morto para grande honra de Deus! queimado, afogado, enforcado ou assassinado de outra forma, e que se lhe inflija toda sorte de desgraça. E segue a *terceira parte*: Deus é sua salvação, que jamais abandonará seu cantor e seu salmo. Ele acha uma saída, seja por morte ou por vida, e concede a vitória, ainda que todas as portas do inferno e todo o mundo enlouqueçam e percam o juízo. Assim, no final, Deus será nossa salvação, de modo que nosso salmo ou nossa doutrina permaneçam e todos os adversários deverão fracassar. Pois a palavra de Deus permanece eternamente, aí não adianta esbravejar e bufar, nem blasfemar ou anatematizar.

Por isso contrapõe claramente as duas coisas, para dizer: a força deles são eles próprios, força de homens e príncipes; é nela que confiam, como dito acima. No entanto, o poder no qual eu confio é o SENHOR. A quem pertence o poder a esse também pertence, com razão, o salmo, o louvor, a

glória, a honra e a gratidão. Por isso eles têm que louvar, honrar e glorificar seus deuses, ou seja, a si próprios, homens e príncipes, como, aliás, o fazem pública e desavergonhadamente, usurpando, portanto, ao Deus verdadeiro a mais sublime obra e culto, o sacrifício de gratidão. Enquanto isso se dirigem de forma blasfema aos miseráveis homens mortais e lhes oferecem sacrifício. Pois que zombe quem puder dessas pessoas miseráveis e empedernidas com seus deuses miseráveis e de seu culto que são obrigados a render a um saco de vermes e a um cadáver putrefato que em nada lhes pode ajudar. Pois assim como está perdido seu poder e salmo, isso é, sua confiança e louvor, também não existe aí nem salvação nem vitória, mas tão-somente fracasso e perdição. Pois "no homem não há salvação", diz o Salmo 146.3. Minha vitória e salvação, porém, é o SENHOR, esse socorre e pode ajudar. Sob "salvação" se deve entender aqui vitória e ajuda. Em seu nome e sua palavra Deus nos concederá, por fim, a vitória e nos ajudará para que vençamos e permaneçamos, enquanto os perseguidores perecem e são arruinados.

XV

Há voz de júbilo e de salvação
Nas tendas dos justos.

Até aqui [Davi] se ocupou em proclamar e cantar seu exemplo, como Deus lhe tem ajudado. Agora passa para o exemplo geral de todos os santos e diz que o mesmo acontece a todos os justos: são perseguidos por amor do nome e da palavra de Deus. No entanto, por confiarem em Deus e não em seres humanos, ele lhes ajuda para que também possam cantar um hino assim e louvar a Deus. Assim cantou Moisés com os filhos de Israel, Êx 15; assim cantou Débora, Jz 5; assim cantou Ana, 1 Rs [sc. 1 Sm] 2, e assim por diante, todos em conjunto: "Há voz de júbilo", etc. Observando a todos os santos, especialmente no Novo Testamento, constato que com todos eles se dá o mesmo. Também em suas tendas ouço uma voz de júbilo, um alegre canto de salvação e vitória, como Deus lhes ajuda, de modo que imediatamente cantamos com eles, louvando e agradecendo a uma só voz, assim como também estamos unidos na confiança no mesmo Deus e como também no sofrimento somos iguais em todas as coisas. Do mesmo modo também nos conforta S. Pedro, 1 Pe 5.9: "E estai conscientes de que vossos irmãos no mundo passam pelos mesmos sofrimentos".

Se não fosse um consolo especial saber e ver que o destino de todos os santos é igual ao nosso, S. Pedro não o teria aduzido e o presente salmo não falaria tanto a respeito. Pois há de ser um conforto e consolo para um coração quando vejo que S. Paulo e os apóstolos tiveram a mesma Palavra,

o mesmo Deus, a mesma fé, a mesma cruz e tudo mais igual a que nós também temos, conforme o ditado: *"Gaudium est miseris socios habere penarum"* — "É um consolo para os miseráveis quando não sofrem sozinhos"[52]. Esta é uma palavra boa e maravilhosa em especial quando empregada de modo correto e usada entre os cristãos. Pois um sofrimento inaudito assusta muito a uma pessoa de modo que se sente isolada e como se fosse um sofrimento especial, diferente do de todas as pessoas. Por outro lado, é confortador quando muitas pessoas sofrem a mesma coisa; aí então não lhe ocorre uma idéia tão horrível, como se só ela fosse escória e rejeitada. Muito mais consolador é, no entanto, quando todos sofrem da mesma forma e ninguém fica excluído, como acontece entre os cristãos.

No entanto, o salmo não fala do sofrimento dos justos, mas da vitória e do júbilo, para que o consolo seja tanto maior quando os temos diante dos olhos num quadro alegre, como os redimidos, e para que tenhamos a certeza de que nós e todos os justos também chegaremos a cantar com a mesma alegria. [Davi] aponta para o sofrimento dos justos com a palavrinha "salvação" e depois com mais outras palavras com as quais dá a entender que os justos sofreram e lutaram honradamente na luta da fé. Do contrário não se poderia falar de salvação ou vitória, nem haveria um canto de júbilo como este. Agora, porém, assim como sempre existe muito sofrimento (como diz S. Paulo que os sofrimentos de Cristo são muitos em nós[53]), assim também há sempre muita salvação e vitória, canto e júbilo, louvor e gratidão onde estão os justos. Presumo que esteja claro para todas as pessoas que na Escritura se denominam "justos" os crentes que confiam em Deus. Rm 1.17: "O justo vive por sua fé". Quem, todavia, põe sua confiança em príncipes e seres humanos, este é descrente e ímpio; por isso também não há alegre canto de salvação e vitória em suas tendas, mas gritaria, maldição a Deus, insultos, blasfêmia, e depois, choro, lamento e ranger de dentes no inferno. Qual é, pois, o canto de júbilo e hino de louvor dos justos em sua tenda? É o seguinte:

A destra do SENHOR demonstra poder.

XVI

A destra do SENHOR está elevada,
A destra do SENHOR demonstra poder.

52 Tradução literal do latim: "É uma alegria para os miseráveis ter companheiros de (seus) sofrimentos". Em sua versão original, o ditado se originou do fabulista grego Esopo (séc. VI a.C.).
53 Cf. 2 Co 1.5.

XVII

Não morrerei, antes viverei
E contarei a obra do SENHOR.

XVIII

É verdade que o SENHOR me disciplina,
Mas não me entrega à morte.

Este é o verdadeiro canto de júbilo e é assim que cantam todos os santos em suas tendas, ou seja, onde se reúnem ou moram. Isso se refere em especial aos justos no Novo Testamento, onde cá e lá nas igrejas se prega o Evangelho dos grandes milagres feitos por Cristo. Note bem. Não se trata de um canto dos ímpios, mas dos justos, isso é, dos crentes. Pois quem não crê, mas confia em seres humanos, não pode cantá-lo, não entende uma palavra sequer dele, ainda que o repita com os lábios, como, aliás, este belo salmo está sendo deturpado escandalosamente nos conventos e desfigurado ignominiosamente todos os domingos. Pois o coração deles canta da seguinte forma: A destra dos homens demonstra poder, a destra dos príncipes está bem erguida. Pois eles têm que cantar de acordo com seu bico. Tal pai, tal filho.

Não chamo de cantar apenas o troar e gritar a plenos pulmões, mas a cada sermão ou confissão pública, por meio dos quais se gloriam abertamente perante o mundo a obra, o conselho, a graça, o socorro, o consolo, a vitória e a salvação de Deus, etc. Pois é a este canto que se refere o Espírito Santo, quando, nas Escrituras, se fala cá e lá de canto, hinos, salmos, como já está dito acima no versículo 14: "O SENHOR é minha força, meu salmo e minha salvação". Pois Deus quer ser louvado, enaltecido, honrado e confessado por nós em suas obras, como, aliás, o faz a fé. Ela não pode silenciar, mas tem que dizer e ensinar o que pensa a respeito de Deus e o que sabe dele, para honra de Deus e instrução dos homens, como diz o Salmo 116.10: "Eu creio, por isso é que falo"[54]. E se não se externasse, falasse e confessasse, não seria uma fé verdadeira, embora tenha que sofrer por ser amaldiçoada e perseguida, como segue logo abaixo, no mesmo salmo: "Estou sendo muito humilhado" [Sl 116.10b]. Em contrapartida tem um auxiliador, que é sua salvação, como diz acima o versículo 14, de modo

[54] Lutero segue a Septuaginta, como também o fez Paulo em 2 Co 4.13. O texto hebraico deveria ser traduzido assim: "Eu cria, ainda que dissesse: Estive extremamente aflito" (cf. J. F. de Almeida *ad locum*).

que essas perseguições não chegam a prejudicá-lo, mas servem para a salvação. Pois com isso Deus está sendo desafiado e blasfemado, de sorte que tem que socorrer, e os justos estão sendo obrigados a invocarem a Deus. Assim as coisas andam seu caminho correto.

A partir do versículo 14, explicado acima, pode-se entender perfeitamente todo o canto dos justos, pois harmoniza com ele. Em suas reuniões, os justos não cantam, ensinam, proclamam, confessam ou gloriam obras, santidade, sabedoria humanas, nem o poder, consolo, socorro de príncipes, como o fazem os santos hipócritas, arrogantes, autofabricados e os cristãos ímpios e infiéis em suas reuniões. Pelo contrário, [os justos] rejeitam e desprezam essa fedorenta santidade própria e este socorro e consolo imprestável dos homens, dos príncipes e do mundo. Somente louvam a graça, obra, palavra e poder de Deus revelados em Cristo, isso é seu sermão, hino, louvor e canção. Pois o presente versículo contrapõe "*dextera Domini*", "a destra de Deus" expressamente a "*dexteram hominum*", "à destra dos homens", para que se saiba que diante de Deus nada vale o que a mão humana é capaz de realizar. A obra humana também não serve para a justiça, não apaga pecados, também não realiza nenhuma boa obra, nada sabe nem entende da verdade e da verdadeira natureza da bem-aventurança. Quanto menos pode aconselhar e ajudar em tribulações, perigo, morte e inferno ou conceder a vida e a bem-aventurança.

É a destra de Deus que o faz. *Em primeiro lugar* ela demonstra poder. A respeito desse poder já foi dito acima o quanto ele consola. Aqui, porém, tem que ser explicado um pouco mais. O poder de Deus é o seguinte: quem crer nele e nele confiar, este é redimido de todo o pecado, má consciência, coração atribulado, de engano, mentira, ludíbrio, trevas e de todo o poder do diabo, e é levado à graça, justiça, verdade, ao conhecimento, consolo e à verdadeira luz, para que, doravante, Deus seja nossa força, e nós não vivamos em nós mesmos, mas nele, e que ele realize e fale tudo em nós. Tudo isso, porém, são exclusivamente grandes, portentosas obras e milagres de Deus; a razão, força e poder do homem não é capaz de entender nenhum deles, muito menos pode contribuir com algo; muito antes, afastam deles por seu consolo, ensinamento e promessas falsos, levando a engano cada vez maior com o decorrer do tempo, embora perante o mundo sua causa pareça excelente e aparente ser pura força que levaria em breve para o céu. No entanto, quem crê no poder de Deus sabe que se trata de mera obra humana e que tudo não passa de um ludíbrio podre e imprestável. Quem confia nisso prepara o inferno para si mesmo.

Em segundo lugar, a destra está elevada, é superior, prevalece e vence sempre, quer dizer, os crentes não recebem de Deus apenas o consolo de estarem libertados do pecado e de serem justos perante Deus, mas também recebem ajuda dele, para, finalmente, vencerem contra o diabo, os homens e

o mundo, sendo assim redimidos da morte, do inferno e de todo o mal. Para isso não necessitam da ajuda de homens nem de príncipes. Aliás, essa [ajuda] é supérflua e incapaz de realizar tais grandes obras e milagres, mas é a sublime e maravilhosa mão de Deus que atua nesses portentos e liberta de todos os males. Se viermos a morrer, então sim é que nos leva à vida que não tem fim. Pois essa mão direita está elevada acima de tudo. Nem tribulação nem angústia, nem espada nem fome, nem anjos nem príncipes podem arrasá-la (Rm 8[55]). Se nos apegarmos a ela com fé firme, como o fazem todos os justos, seremos elevados da mesma forma, de modo que nem tribulação, nem angústia, nem príncipes, nem o diabo, nem fogo nem água, nem qualquer outra criatura há de nos oprimir. A vitória será nossa. Por outro lado, quem se agarra à mão de homens e se fia na mão de príncipes, este há de ser lançado ao abismo do inferno, ainda que ande além das nuvens e esteja sentado no céu.

Em terceiro lugar, ele repete mais uma vez a primeira parte e diz: "A destra do SENHOR demonstra poder", pois uma canção boa pode ser cantada duas vezes. Este é o jeito de todas as pessoas. Quando estão alegres e contentes do fundo do coração, repetem a mesma palavra duas, três vezes, não se cansando em repetir a mesma coisa. Qualquer pessoa que se encontre com elas terá que ouvi-lo. É o que acontece aqui. Os amados santos estão tão contentes e felizes por causa dos grandes portentos que Deus faz neles, livrando-os de pecado e morte (ou seja, de todo o mal em corpo e alma), que, em sua alegria, começam seu canto sempre de novo do início, querendo expressar: "O SENHOR demonstrou poder". Mas é evidente que a destra do SENHOR demonstra poder. Portanto nada pode ajudar ou consolar senão unicamente a destra de Deus. Ora, que fazem os ímpios, que se baseiam em si mesmos, confiam em sua obra e sabedoria, confiam e insistem no consolo e na ajuda de homens e príncipes?

Quem quiser pode relacionar esses três pontos às três obras de Cristo: ele nos redimiu da lei, do pecado e da morte, como também as enumeram Isaías 9,4[56] e Paulo em 1 Co 13 [sc. 15.54ss.]. No entanto, como já disse, a arte consiste em saber que essas palavras sempre são puro espírito e que devem ser ouvidas, cantadas e compreendidas com a fé. Pois aquele que quer ficar aí boquiaberto a pasmar com a razão e com os olhos corporais, este se escandalizará e verá nos justos e santos exatamente o contrário: diante do mundo não passam de propriedade do diabo; ninguém é menos justo e santo do que eles; não há pecador e herege maior do que eles; ninguém é mais profundamente condenado à morte e ao inferno do que eles, de modo que

55 Cf. Rm 8,35,38s.
56 Para Lutero, o jugo significa a morte, a vara, o pecado, e o cetro, a lei.

sua destra deve ser a do diabo. Por outro lado, seus opositores são os únicos santos e bem-aventurados. Aí então a destra de Deus demonstra seu poder e se agiganta, vence e prevalece. Pois somente eles são filhos de Deus e mais ninguém.

O versículo 17 deste hino: "Não morrerei, antes viverei, etc." tange e confessa a tribulação da qual a destra de Deus liberta os santos, ou seja, a morte. De fato sentem a morte quando se encontram em perigo de morte. Na verdade, não é nada cômodo para a carne quando tem que enfrentar a morte cara a cara. No entanto, a morte não aparece sem a companhia de pecados e leis. Daí se depreende perfeitamente que os santos hão de ser mártires; pois têm que passar por perigos de morte e lutar e batalhar com a morte. Se não o fazem os tiranos e ímpios mediante fogo, espada, prisão e perseguições semelhantes, o diabo o fará em pessoa. Ele não suporta a palavra de Deus, nem todos os que a cumprem e ensinam. Ele os assedia, seja na vida ou na morte. Na vida ele o faz com graves tentações para a fé, a esperança e o amor a Deus. É capaz de assediar e acossar um coração com terror, dúvidas, desespero a ponto de esse ter medo de Deus, de tornar-se hostil a Deus e blasfemar, de sorte que a miserável consciência chega a pensar que Deus, diabo, morte, pecado, inferno e todas as criaturas são tudo a mesma coisa e que todos se tornaram seu eterno e permanente inimigo. Nem o turco nem qualquer rei são capazes de sitiar uma cidade com o poder com que o diabo assedia uma consciência.

Se Deus lho permitir, ele até pode fazê-lo na hora da morte ou no leito de morte. Aí ele é mestre em inflar pecados e ameaçar com a ira de Deus. É um espírito estranho e poderoso este que é capaz de transformar um pecado insignificante em tamanha angústia e construir um inferno. Pois é certamente verdade que nenhuma pessoa humana jamais vê seus verdadeiros pecados capitais, como descrença, desprezo de Deus, que não teme a Deus, não confia nele nem o ama, como deveria ser, e outros pecados do coração semelhantes a esses, que constituem os verdadeiros nós. Nem seria bom se os visse, porque não sei se haveria fé na terra que resistiria sem cair e desesperar. Por isso Deus lhe deixa espaço para os pecados de comissão. Aí então pode preparar-te um inferno e uma condenação, seja porque tomaste um copo demais ou dormiste demais, ao ponto de ficares doente de remorso e arrependimento e quereres morrer de aflição.

E o que é pior, há de tomar tuas melhores obras e as fincará e meterá em tua consciência tão vergonhosamente destruídas e condenadas que todos os teus pecados não te metem tanto medo como agora te aterrorizam tuas melhores obras que, na verdade, são bastante boas. Agora, porém, desejas que tivesses cometido apenas pecados graves em lugar dessas obras. Com isso intenciona que as negues como não efetuadas por Deus e assim blasfemes contra Deus. Aí então a morte não está muito distante, e além disso o

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

inferno. Quem seria capaz de narrar todas as suas manhas de que dispõe para conjurar pecado, morte e inferno? Este é seu ofício, e ele o exerce já há mais de cinco mil anos[57] e é mais do que mestre no assunto. Assim também foi um príncipe da morte por muito tempo. Sem dúvida, ele terá feito muitas tentativas e terá adquirido prática em como oferecer um aperitivo da morte a uma pobre consciência. Os profetas e em especial o amado Davi o sentiram e provaram, pois se lamentam, ensinam e falam a respeito como se o tivessem presenciado muitas vezes e mencionam ora as portas da morte, ora o inferno, ora a ira de Deus.

Pois bem, que seja quando e como for. A verdade é que os santos têm que lutar corpo a corpo com o diabo e bater-se com a morte. O perseguidor provoca pestilência e outras doenças e perigos de vida. O melhor nesta luta e o caminho mais rápido para a vitória é aprender este canto dos santos, ou seja, renunciar a si mesmo e agarrar-se à destra de Deus. Assim se prega uma boa peça no diabo e ele fica a malhar palha. Isso acontece quando [dizes]: Eu nada quero ser; toda a minha força será o SENHOR, como dito acima. Procedendo dessa maneira, estou completamente esvaziado de mim mesmo e de tudo que é meu e posso perguntar: Que vês, diabo? Acaso procuras criticar [minhas] boas obras e minha própria santidade perante Deus? Mas eu não tenho nada disso. Minha força não é a minha; o SENHOR é minha força. Meu caro, estás procurando onde nada existe e queres tirar dinheiro de uma bolsa vazia. Se, no entanto, queres acusar-me de meus pecados, ora também não tenho pecados. Cá está o poder do SENHOR. A este podes acusar até não querer mais. Não tenho conhecimento de pecado nem de santidade em mim. De nada sei a não ser do poder de Deus em mim.

Seria maravilhoso (digo eu) se a gente pudesse abstrair assim de si mesmo e zombar do diabo com a bolsa vazia, como aquele pobre dono de casa zombou do ladrão ao qual surpreendeu em sua casa de noite, dizendo: Ora, seu ladrão idiota. Acaso pensas encontrar alguma coisa aqui em plena escuridão enquanto eu nem de dia consigo achar qualquer coisa aqui dentro? Pois, que quer o diabo fazer ao encontrar semelhante alma destituída de tudo, que não lhe responde nem quanto a pecados nem quanto a santidade? Aí fracassará tanto sua arte de inflar pecados quanto a de denegrir boas obras e se lhe aponta a destra de Deus. A esta, por certo, deverá deixar em paz. Se, no entanto, abandonas esse canto e ele te surpreende em teus pecados ou boas obras e te dispões a debater com ele, dando-lhe atenção e prestando-lhe ouvidos, que faça contigo conforme sua vontade: que esqueças a Deus com sua destra e tudo mais e o renegues.

57 Lutero compartilha a convicção de sua época de que a História durará, desde a criação do mundo até a segunda vinda de Cristo, ao todo, 6 mil anos.

No entanto, como já ouvimos, é uma arte renunciar a si mesmo. É preciso aprendê-la durante toda a vida, da mesma forma como todos os santos antes de nós, a nosso lado e depois de nós. Por isso, assim como ainda sentimos o pecado, temos que sentir também a morte. E do mesmo modo que temos que lutar para nos libertar dos pecados e agarrar-nos firmemente à destra de Deus, que nos proclama sua palavra, temos que também lutar com a morte e com o príncipe da morte ou seu oficial, o diabo, até nos libertarmos dele por completo. Observa como o presente versículo prenuncia a luta. O diabo ou o perseguidor ameaça também os santos com a morte. E estes, que fazem? Desviam os olhos e inclusive se afastam a si mesmos, esvaziam-se completamente, agarram-se à mão de Deus e dizem: Não é verdade que terei que morrer como afirmas tu, diabo ou tirano. Mentes. Viverei. Pois não quero falar de minhas obras nem de obras de homens. Agora nada sei de mim nem de minha santidade, mas tenho diante de meus olhos as obras do SENHOR, é delas que quero falar, a elas glorifico, nelas confio, é ele que liberta do pecado e da morte. Se conseguires derrubar essas obras, terás derrubado também a mim.

Portanto, o presente versículo resume os dois pontos mencionados nos versículos 6 e 7: consolo e socorro, com os quais Deus beneficia os piedosos e justos. Pois aqui vês que a mão direita de Deus fortalece o coração e consola em meio à morte de modo tão poderosamente que pode dizer: Ainda que morra, não morrerei; ainda que venha a sofrer, não sofrerei; ainda que venha a cair, não estarei derrotado; ainda que me desonrem, não estarei desonrado, etc. Este é o consolo. A respeito do socorro diz o seguinte: "Antes viverei". Não é um socorro maravilhoso? O moribundo vive, o sofredor está alegre, o que cai se levanta, o desonrado vive em honra, assim como também Cristo diz em João 11.25s.: "Quem crê em mim não morre, e ainda que morra, viverá". Assim também fala Paulo em 2 Co 4.8s.: "Estamos angustiados, mas não desesperamos; sofremos, mas estamos assistidos; estamos derrotados, mas não perecemos", etc. Todas elas são palavras que nenhum coração humano entende.

Aqui percebes que esse consolo e socorro é a vida eterna, que é o verdadeiro eterno benefício de Deus. Todo o Salmo fala disso. Pois, visto que separa o grupo dos piedosos dos demais três grupos[58] e, não obstante, dá a esses três grupos tudo que existe nesta vida terrena — governo secular, governo espiritual e o uso e proveito de todos os bens da criação, necessariamente o benefício desse pequeno rebanho de piedosos há que ser outra vida, a vida eterna. Já que aquelas três categorias lhes invejam o benefício

58 Refere-se às três categorias: governantes, pregadores, povo, das quais tratou acima (cf. acima comentários aos versículos II-IV).

desta vida e lho negam, esse consolo há que ser o consolo eterno, e o socorro, o socorro eterno. E que outra coisa poderia ser, visto que se gloria do próprio SENHOR acima e além de todos os bens dos príncipes e dos homens? Pois o SENHOR é um bem eterno. Por isso cada qual pode imaginar muito bem que deve haver perdão dos pecados onde um coração sente [a presença] de um Deus misericordioso. Estando eliminado o pecado, também está eliminada a morte, e então há que haver um consolo e confiança na eterna justiça e na vida eterna. Isso não pode falhar.

Por isso observemos, neste versículo, uma obra de mestre. Com que decisão afasta a morte de nosso campo de visão, nada querendo saber de morrer e de pecado. Por outro lado, toma em vista a vida de maneira tão decidida, que somente ela interessa. Aquele, porém, que não vê a morte, esse vive eternamente, como diz Cristo em João 8.51: "Quem cumpre minha palavra não verá a morte jamais". Mergulha tão profundamente na vida que a morte é devorada pela vida e desaparece por completo. Isso acontece porque se agarra à destra de Deus com firme fé. Assim todos os santos cantaram esse versículo e o hão de cantar até o fim. Isso observamos especialmente nos amados mártires. Eles morrem para o mundo e, não obstante, seu coração fala com fé firme: "Apesar de tudo, não morrerei, antes viverei", etc.

Disso devemos aprender a seguinte regra: sempre que no Saltério e na Escritura os santos tratam dessa forma de Deus a respeito de consolo e socorro em suas tribulações, aí se trata, seguramente, da vida eterna e da ressurreição dos mortos. Semelhantes textos sempre se referem ao artigo da ressurreição e da vida eterna, inclusive a todo o terceiro artigo do Credo, que trata do Espírito Santo, da santa cristandade, do perdão dos pecados, da ressurreição, da vida eterna[59]. E tudo isso emana do Primeiro Mandamento, quando Deus diz: "Eu sou o teu Deus, etc." [Êx 20.2ss.]. O terceiro artigo do Credo insiste decididamente nesta palavra. Pois, enquanto lamentam que têm que morrer e sofrer nesta vida e, não obstante, se consolam com outra vida, que não seja esta, com o próprio Deus, que está acima e além desta vida, não é possível que tenham que morrer totalmente e que não haverão de viver eternamente. Não somente pelo fato de que Deus, ao qual se agarram e com o qual se consolam, não pode morrer e que haverão de viver nele, mas também porque Deus não pode ser um Deus dos mortos e daqueles que já nada são, como Cristo diz: "Deus não é Deus dos mortos, e, sim, dos vivos" [Mt 22.32]. Por isso haverão de viver eternamente, do contrário não seria seu Deus, e também não poderiam agarrar-se a ele se não vivessem. Para esse grupinho, portanto, a morte não passa de um sono.

59 Lutero expõe esse importante axioma para sua exegese do Antigo Testamento com mais detalhes em seu comentário ao Salmo 90 (de 1534/35). WA 40/III,476 594.

Se, todavia, é verdade que vivem em Deus, deve primeiro ser verdade que têm perdão dos pecados; se não têm pecado, seguramente possuem o Espírito Santo, que os santifica; se são santos, constituem a verdadeira Santa Igreja Cristã e o pequeno rebanho[60], e dominam sobre todo o poder do diabo e, portanto, haverão de ressuscitar e viver eternamente. Estas são as grandes e sublimes obras da destra do SENHOR. Comparadas com elas, que são todas as obras dos homens e dos príncipes, nas quais todo o mundo confia e insiste? Teias de aranha, diz Isaías [59.5], que não servem nem para se vestir nem para enfeitar, mas apenas para apanhar os mosquitos e as moscas loucas e desnorteadas, as almas levianas, e para destruí-las para sempre.

Agora, esses santos não vivem apenas naquela vida, mas começam-na aqui na fé. E onde há fé, há início de vida eterna. Os textos da Escritura que falam da fé também pertencem a todos os artigos supramencionados. Pois nos três grupos nem sempre se precisa da fé para esta vida, visto que os ímpios têm esta vida em maior medida. E depois, a fé não pode aderir ou agarrar-se a qualquer coisa que tem valor nesta vida, mas rompe seus limites e se agarra ao que se encontra acima e fora desta vida, ao próprio Deus. O presente versículo testemunha que para os santos essa vida começa já aqui e que eles vivem apesar da morte, dizendo: "E contarei as obras do SENHOR". Para que alguém possa proclamar as obras do SENHOR, ele terá que estar vivo. No entanto, ainda que estejam mortos, seu espírito e sangue continuam a pregar, da mesma maneira como o sangue de Abel clama contra Caim, Gn 4.10; e Hebreus 11.4 diz que o Abel morto continua falando por meio de sua fé.

Para os tiranos e assassinos de santos este é o pior e mais incômodo versículo que conheço na Escritura: que os santos mortos, que eles consideram silenciados e sufocados sutilmente, somente agora começam a viver e a falar mais do que nunca. Com todos os diabos! Não é bom brigar com os santos, se eles somente começam a promover a causa, pela qual foram assassinados, depois da morte e que, além disso, depois não irão cessar nem parar eternamente, e que não poderão ser mortos nem silenciados, mas contarão eternamente as obras do Senhor. O papa queimou a João Hus e muitos santos. Recentemente queimou também a Leonardo Kaiser[61] e muitos

60 Cf. Lc 12.32.

61 *João Hus* (1369-1415), líder nacional do povo tcheco, sacerdote, reitor da Universidade de Praga, discípulo do teólogo inglês João Wyclif (ca. 1320-1384). Atacou a corrupção do clero e o comércio de relíquias e indulgências. A exemplo de Wyclif, aceitava somente a Escritura Sagrada como única norma de doutrina e fé. A Igreja é a comunhão dos crentes, onde quer que se encontrem, e tem a Cristo como seu cabeça. Hus manteve a doutrina da transubstanciação e a invocação dos santos. Foi a julgamento no Concílio de Constança (1414-1418) com salvo-conduto. No entanto, depois de condenado como herege, foi queimado a 6 de julho de 1415. *Leonardo Kaiser* (também grafado Keiser, Kayser, Käser),

outros. De que forma maravilhosa acertou com seu objetivo e os fez silenciar! Porque o sangue deles clama e clama contra ele, até que tenha perdido todo seu poder, de sorte que agora precisa mendigar e implorar pela ajuda do imperador e de príncipes, aos quais anteriormente calcava aos pés por seu próprio poder. Não fossem eles, o pobre mendigo já teria sido devorado pelas traças há muito tempo. Mas também esse socorro de mendigo pouco lhe ajuda e ele acabará abandonado, tendo que admitir que Hus seja seu senhor.

Também o versículo 18 é uma obra de mestre neste canto e usa um recurso retórico denominado "confutação, humilhação, interpretação"[62], dizendo: "É verdade que o SENHOR me disciplina, mas não me entrega à morte". Que significa isso? Ele se vangloriou: "Não morrerei, antes viverei". A isso reagem a carne, o mundo, os homens e príncipes, tentando amolecer e cansá-lo: Acaso não é morrer quando te queimam, és decapitado, afogado, trucidado, anatematizado ou exilado? Creio que bem poderás sentir se isso pode ser chamado de vida. Onde está Deus? que ele te ajude, pois não; Elias virá e te livrará[63]. A isso ele responde com firmeza e se consola: Ora, meu caro, morrer não é nada; trata-se apenas de uma disciplina paternal. Não é ira, mas apenas uma advertência amigável; não é nada sério. Ele apenas me disciplina como um pai querido ao filho amado; é verdade que dói um pouco e não é puro açúcar, mas uma vara; no entanto, não mata, antes ajuda para a vida. Eis aí um excelente intérprete e uma confutação decidida quando alguém sabe fazer da palavra "morte" uma vara salutar. É uma arte que o Espírito Santo e a destra de Deus nos têm que ensinar. Pois dói sobremaneira quando ainda se acrescenta ao sofrimento a blasfêmia, o escárnio, meneio da cabeça e hostilidade, como os judeus o fizeram com Cristo na cruz[64]. Carne e sangue fazem o contrário, transformam uma vara salutar em morte e inferno, pois desespera e desanima quando lhe falta apenas um pão. Esta não é uma boa interpretação.

nasc. em 1480. Lutero o conheceu como estudante da Universidade de Wittenberg, onde se matriculou em junho de 1525, estudando ali por um ano e meio. Abandonou a universidade para ficar ao lado de seu pai, que caíra gravemente enfermo. Foi preso por ordem do administrador Ernst von Passau e levado à fogueira em 16 de agosto de 1527, na cidade de Schärding, às margens do rio Inn, apesar do empenho do próprio príncipe-eleitor João da Saxônia a seu favor. Enquanto se encontrava preso, Lutero lhe escreveu uma carta de consolo: *Ein Trostbrief D. Martin Luthers demselbigen Herrn Leonhard Keiser in seinem Gefängnis zugeschickt* — (Uma carta de consolo do D. Martinho Lutero endereçada a esse mesmo Leonhard Kaiser em seu cativeiro) — WA 23,473, que publicou dentro de uma vasta documentação relativa ao processo contra Kaiser (ibd., pp. 452-476).

62 *Confutatio, tap(e)inosis, interpretatio*, no original, um dos vários esquemas retóricos sugeridos por Aristóteles em: *Rhetorica ad Alexandrum*. Segundo esse método, para se evitar a interpretação literal de um enunciado, a abrangência do mesmo é reduzida (confutação), seu peso, diminuído (humilhação) e seu sentido, reinterpretado (interpretação).

63 Cf. Mt 27,49.

64 Cf. Mt 27,39ss.; Mc 15,29ss.; Lc 23,35.

Outra arte ainda mais difícil é quando alguém é capaz de cantar esse hino quando o diabo ameaça que a morte está próxima, como fez com o caro Jó e muitos outros santos. Ele sabe como pintar a morte de modo convincente para um coração. Não o faz de modo simplório como um humano que diz: Serás queimado, afogado, etc., mas sabe como exagerar as coisas, que coisa horrorosa, terrível e eterna seria a morte; além disso fala da ira de Deus e a mete e finca nos corações com argumentos imponentes, tornando a coisa insuportável e intolerável. Aí então se precisa de fato de um bom intérprete, capaz de falar mais alto que o diabo e de vencê-lo com o presente versículo, dizendo: Ainda assim não se trata de morte e ira; não obstante, é disciplina misericordiosa e castigo paterno; apesar de tudo sei que não me entregará à morte; não crerei que seja ira, ainda que o dissessem todos os diabos do inferno a uma. Sim, até mesmo se fosse um anjo do céu, seja maldito[65]. E se o dissesse o próprio Deus, ainda assim creria que quer me pôr à prova como a Abraão[66], e que apenas simula estar irado, e que não está falando sério. Pois ele não revoga sua palavra. Isso significa: ele me disciplina, mas não quer matar-me. Nisso insisto, e não permito que alguém me tire isso ou mo interprete, explique ou exponha de outra maneira.

[Davi] sente a morte, mas não quer senti-la; não a chama de morte, mas aferra-se à misericordiosa mão de Deus; também não nega que Deus lhe envia essa morte, mas está em acordo com Deus que ambos não a chamarão de morte nem admitirão que ela o seja, mas tão-somente a vara do Pai e a disciplina filial. Ora, tudo isso são palavras elevadas que não se encontram em corações humanos ou de príncipes, nem penetrarão neles, como diz S. Paulo em 1 Co 2.7s.: "Falamos da sabedoria celestial e oculta de Deus, a qual nenhum príncipe deste mundo conhece". É isso que queríamos dizer por ora a respeito deste belo canto dos amados santos. Segue.

XIX

Abri-me as portas da justiça,
Para entrar e agradecer ao SENHOR.

Como assim? Acaso não agradeceu através de todo o salmo? não foi tudo agradecimento? Por que então pede aqui que se lhe abram as portas para poder agradecer? Tudo isso está sendo dito no espírito dos caros patriarcas no Antigo Testamento, que ansiaram pelo reino de Cristo e pela revelação do

65 Cf. Gl 1.8.

66 Cf. Gn 22.

Evangelho do fundo do coração, como o prenunciou no salmo anterior[67], querendo, portanto, dizer: Ah, Senhor Deus, quem me dera poder estar igualmente entre aqueles que cantam esse hino e das obras e benefícios de Deus, e unir-me a eles no agradecimento, no louvor e na proclamação. Como ficaria contente. Ah, quem me abre as portas para que possa entrar onde só então começa o verdadeiro livre e alegre agradecer e louvar. No entanto, por ora ainda está tudo fechado e o Evangelho e a cristandade ainda não foram revelados. Assim diz também o Salmo 42.4: "Anseio por viajar com a multidão e ir com eles à casa de Deus com hinos de glória e gratidão entre a multidão em festa".

Assim também diz Cristo a seus discípulos: "Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes, e os ouvidos que ouvem o que vós ouvis. Pois eu vos digo que muitos gostariam de ter visto o que vós vedes, e não o viram, e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram" [Lc 10.23s.; cf. tb. Mt 13.16s.]. Portanto, esse versículo é uma oração ardente pelo reino de Cristo e pelo Evangelho, e para que termine o pesado fardo da lei de Moisés, da qual Pedro diz, em At 15.10, que nem nós nem nossos pais a podem carregar. Ao Novo Testamento chama de "portas da justiça" no linguajar hebraico, no qual "portas" significa prefeituras, escolas, sinagogas, tribunais e todas as instituições públicas onde se trata dos assuntos comunitários e públicos, como em Pv 31.23: "Seu marido é honesto quando se assenta na porta entre os conselheiros na terra". Referências semelhantes se encontram em abundância através do Antigo Testamento. As "portas da justiça" portanto nada mais são do que as paróquias ou bispados, nos quais se desenvolvem publicamente os ofícios da cristandade, como pregar, louvar a Deus, agradecer, cantar, batizar, administrar e receber o Sacramento, disciplinar, consolar, orar e tudo que serve para a bem-aventurança, pois aí se encontram os conselheiros do reino espiritual de Cristo, pastores, pregadores, bispos, professores e outros curas d'alma.

Ele os chama "portas da justiça" em oposição ao Antigo Testamento, pois no Novo Testamento há somente doutrina do perdão dos pecados, da graça, da fé, que justifica e santifica, e nada de obras da lei nem de obras próprias. No entanto, a lei em suas portas e escolas insiste em obras e produz pecadores, aumenta o pecado e a ira, como diz S. Paulo aos Romanos e aos Gálatas[68], e não pode colaborar para a justiça, de sorte que melhor se lhes chamaria "portas do pecado ou da injustiça", pois lei não é graça. Visto, porém, que somente a graça justifica, é impossível que a lei possa justificar.

67 É difícil definir a que salmo Lutero está se referindo. Ao Salmo 117? Ao texto anterior do próprio Salmo 118? Ao salmo seguinte *(nächsten)*, portanto Salmo 119?

68 Cf. Rm 3.19s.; 7.7ss.; Gl 3.10.

Pelo contrário, ela faz pecadores e provoca ira, Rm 4.15. Por isso também em 2 Co 4 [sc. 3.7] S. Paulo ousa corajosamente chamar a lei de Moisés de "ministério da morte", e em Gl 2.17 de "ministério do pecado". Em 1 Co 15.56 diz: "A lei é a força do pecado, e o pecado é o aguilhão da morte". Portanto hoje nossos obradores (o mundo está cheio deles), quase todos os bispos e clérigos, têm seu lugar no Antigo Testamento, e fecharam novamente essas portas da justiça e as transformaram em portas do pecado e para nada servem melhor do que onerar e perturbar as consciências por meras leis humanas com pecados falsos, desnecessários e inventados, como, aliás, Cristo e os apóstolos profetizaram a seu respeito[69]. Não obstante, ainda permanecem algumas portas da justiça.

XX

Aqui está a porta do SENHOR,
Por onde entram os justos.

Da mesma maneira como separou, no versículo precedente, o Antigo Testamento do Novo e o aboliu no que tange à doutrina e à pregação, assim também aqui o distingue no que diz respeito ao culto no qual os judeus insistiam com veemência, nada tendo do que gloriar-se do que de seu santo templo, dos sacrifícios e incenso, para cujo serviço fora instituída toda a família sacerdotal dos levitas. Aqui, aqui em Jerusalém, diziam eles, aqui é que está o templo do SENHOR[70], esta é a verdadeira porta que dá acesso ao SENHOR, onde se deve sacrificar, oferecer incenso e adquirir piedade. Pois como não diz simplesmente "portas", mas "porta do SENHOR", referindo-se, portanto, a uma porta, decerto tem em mente a porta do templo, morada especial do SENHOR (como se fosse seu palácio ou palácio municipal) e onde se realizava o culto em sua forma mais sublime e com maior freqüência. No entanto, não é o verdadeiro templo, o verdadeiro incenso, o verdadeiro sacrifício. O verdadeiro templo, a verdadeira porta, o verdadeiro culto e sacrifício está aqui, e se chama sacrifício de ações de graça, a respeito do qual fala no próximo versículo e depois ainda mais.

Por aquela porta do templo também entravam muitos patifes malvados, hipócritas e pecadores. Por esta porta do SENHOR, porém, entram somente justos e santos, para servirem a Deus. Pois ninguém pode pertencer à comunidade cristã ou ser membro da cristandade que não seja verdadeiramente crente, isso é, justo e santo, como o testemunha o artigo do Credo: "Creio

69 Cf. Mt 23 e par.

70 Cf. Jr 7.4.

numa Santa Igreja Cristã''. Quem, todavia, não é verdadeiramente crente nem santo e justo este não pertence à Santa Igreja Cristã e não pode entrar por esta porta do SENHOR; também não é capaz de orar, fazer oferta de gratidão, louvar ou servir a Deus; igualmente não conhece a Deus, embora viva fisicamente entre os cristãos ou inclusive exerça um cargo entre os cristãos como pastor, pregador, bispo, ou então participe exteriormente do Sacramento, como o diz 1 João 3.6: ''Quem permanece nele não peca; quem, todavia, peca, esse não o viu nem conheceu''. E mais abaixo: ''Quem comete pecado é do diabo'' [v. 8].

Este é o artigo condenado pelo louvável Concílio de Constança, juntamente com o presente versículo e toda a Sagrada Escritura. Pois João Hus[71] confessou naquela ocasião que existe uma Santa Igreja Cristã. Se o papa não fosse piedoso e santo, não poderia ser membro, muito menos a cabeça da Santa Igreja, ainda que tivesse nela este cargo. Por causa disso teve que ser queimado e anatematizado. No entanto, mais maldito ainda é S. Pedro que em 2 Pe 2.13 os chama de escândalo e vergonha da Santa Igreja. Se ainda estivesse vivo, o diabo o iria encontrar entre esses santos assassinos, e também a João que afirma abertamente: ''Quem comete pecado é do diabo'' [1 Jo 3.8]. A isso, porém, respondem: Ainda que o papa, os bispos e todos os demais pequem gravemente, nem por isso são do diabo ou de sua sinagoga[72], mas de Cristo e de Deus, membros e cabeças da santa cristandade. Claro, são membros da Igreja da mesma maneira como saliva, ranho, pus, suor, esterco, urina, fedor, sarna, varíola, tumores, sífilis[73] e todas as pestes fazem parte do corpo. Estas coisas também se encontram dentro do corpo e no corpo, como manchas e imundície que o corpo tem que carregar sob grande risco, com sacrifício e desgosto.

Espero, porém, que quase todas as pessoas saibam que aquele que se gloria de ser cristão também deve gloriar-se como santo e justo. Pois um cristão há de ser justo e santo ou então não é cristão, visto que a cristandade é santa e toda a Escritura chama os cristãos de santos e justos, como faz o presente versículo e como são chamados com freqüência em Daniel, cap. 7.18, 21s.,25,27. E isso não é arrogância, mas uma confissão necessária e um artigo de fé. Os hipócritas dentro do papado, com sua humildade falsa e blasfema, gloriam-se de serem pecadores, não querem ser chamados de santos. Não obstante, gloriam seus estados, ordens, regras e vivem como santos; inclusive vendem suas obras como obras santas. Na verdade, não

71 Cf. nota 61.
72 Cf. Ap 2.9.
73 No original: *frantzosen* (franceses), o que quer dizer: doença dos franceses. A sífilis foi trazida para a Europa por mercenários espanhóis. Manifestou-se pela primeira vez em forma de epidemia devastadora entre o exército francês que sitiou Nápolis em 1494/95.

estariam mentindo ao afirmarem que são pecadores, se o dissessem sinceramente e de coração. Mas não é isso que fazem. Antes mentem a si mesmos. São pecadores perante Deus; aí toda a sua causa é injusta. Isso, porém, não querem admitir, mas querem ser santos e, não obstante, humilhar-se como pecadores da boca para fora. Isso é uma mentira dupla e blasfêmia contra Deus.

Nós, porém, devemos saber que, no respeitante a nós como filhos de Adão, somos pecadores condenados e que não temos justiça ou santidade própria. No entanto, por sermos batizados e crermos em Cristo, somos santos e justos em Cristo e com Cristo, que tirou de nós nossos pecados e nos agraciou, revestiu e ornou com sua santidade. Assim toda a Igreja Cristã não é santa em si mesma nem por obra própria, mas em Cristo e pela santidade de Cristo, como diz Paulo em Ef 3. [sc. 5.26]:''Ele a purificou pelo banho na palavra da vida''. Aquele, pois, que se envergonha de gloriar-se e confessar que é santo e justo, procede como alguém que diz: Não sou batizado, não sou cristão, também não creio em Cristo, nem que Cristo tenha morrido por mim, que tenha carregado meus pecados, não creio que seu sangue me purificou ou pudesse purificar-me, em resumo, não creio em uma palavra daquilo que Deus testemunha a respeito de Cristo e o que diz toda a Escritura. Que homem é este que pensa e fala dessa maneira? Que turco ou judeu chega a ser um homem tão desesperado e mau? Agora, assim pensam e acreditam sem dúvida todos os que querem alcançar a piedade e a bem-aventurança por meio de obras, como o fazem os monges, os sacerdotes juntamente com todo o papado, pois negam a Cristo, diz Pedro em 2 Pe 2.1 e Paulo em Gl 6 [sc. 5.4].

Além disso [o salmo] censura a todas as demais formas exteriores de acepção da pessoa. Na cristandade não existe acepção de pessoas[74], mas quem crê e é justo entra por esta porta, não importando que seja judeu, grego, homem, mulher, virgem, casado, empregado, empregada, rico, pobre, rei, príncipe, nobre, burguês, camponês, forte ou fraco[75]. Pois os judeus se gloriavam muito de serem descendência de Abrão e de terem a lei[76], como se, por causa disso, fossem os mais achegados, como também hoje os clérigos presumem ser os melhores e as freiras, noivas preferidas de Cristo. Aqui, porém, consta que entram os justos; monges e monjas não têm acesso, a menos que primeiro se tornem justos e cristãos. ''Pois o reino de Cristo não consiste em maneiras e modos de ser exteriores'', diz Cristo em Lc 17.20, e aqui não se pode dizer: ''Ei-lo aqui, ei-lo acolá. Ele está por dentro, no coração'' [Lc 17.21]. No entanto, é difícil crer que isso seja verdade e que também isso constitui um dos artigos dos hereges condenados[77].

74 Cf. Rm 2.11; Gl 2.6; Ef 6.9; Cl 3.25; 1 Pe 1.17.
75 Cf. Gl 3.28.
76 Cf. Jo 8.33,39; Rm 2.17ss.
77 Lutero refere-se, numa expressão irônica, aos próprios protestantes.

XXI

Agradeço-te porque me humilhas
E porque és minha salvação.

Estes são os sacrifícios e cultos a Deus que são realizados no Novo Testamento e na porta do SENHOR pelos justos e cristãos: render graças a Deus e louvá-lo com pregação, doutrina, canto, confissão. Existem dois desses sacrifícios. Um deles é nossa humilhação, da qual Davi fala no Salmo 51.17: "Os sacrifícios de Deus são um espírito entristecido. Ó Deus, não rejeitarás um coração entristecido e atribulado". Este é um sacrifício grande, vasto, longo, diário e eterno, quando Deus nos repreende por meio de sua palavra em todas as nossas obras e reduz a nada nossa santidade, sabedoria e força, para que sejamos culpados e pecadores diante dele — Rm 3.9ss. —, e quando insiste na Palavra, aterrando a consciência e quando a atormenta com toda a sorte de tribulações, para nos tornarmos dóceis e moles segundo o velho Adão pecaminoso, até que nossa arrogância, consolo e confiança em nosso agir e saber morra por completo, o que se cumprirá somente no fim da vida. Quem for capaz de sofrer, suportar tudo isso e permanecer firme e persistir, e ainda louvar a Deus e agradecer-lhe por isso, como aquele que tem as melhores intenções, este é o que canta o presente versículo: "Agradeço-te porque me humilhas". Não diz: O diabo me humilha, mas, sim: Tu, tu! é tua misericordiosa vontade para meu bem. Sem tua vontade certamente o diabo o deixaria.

O segundo sacrifício se realiza quando, em contrapartida, Deus nos consola e socorre, para que o espírito e o novo homem cresçam na medida em que a carne e o velho homem diminuem, dando, na medida que passa o tempo, dons cada vez maiores e mais ricos, ajudando-nos a vencer e triunfar sempre, para que sejamos alegres diante dele e nele, como diz no Salmo 50.15,14: "Invoca-me na angústia, eu te ajudarei e tu me glorificarás. Oferece sacrifícios de ações de graça a teu Deus e paga teus votos". Quem procede dessa maneira, este canta o presente versículo: "Agradeço-te porque és minha salvação, meu Ajudador e Salvador". Também este é um sacrifício eterno, grande e diário entre os justos na porta do SENHOR. E com isso rejeita e abole todos os sacrifícios do Antigo Testamento, os quais foram figuras e parábolas desses sacrifícios de ações de graça, sendo que ambos podiam ser oferecidos por piedosos e maus. Estes sacrifícios de gratidão, porém, ninguém pode oferecer senão somente os piedosos, os justos ou os cristãos. Isso também se pode observar na experiência. No tempo dos apóstolos os judeus se revoltaram do mesmo modo como o fazem hoje nossos santos de obras porque suas obras e sua sabedoria são rejeitadas. Não querem ser humilhados, blasfemam ao invés de agradecerem, increpam, perseguem

e assassinam e acham que essa sua fúria seria o mais agradável sacrifício a Deus (João 16.2)[78].

Assim, pois, este versículo soa alegre e canta no maior regozijo: Não és tu um Deus maravilhoso e amável, que nos governas de modo tão admirável e carinhoso? Quando nos humilhas, na verdade nos exaltas; tornando-nos pecadores, nos justificas; empurrando-nos ao inferno, nos elevas ao céu; permitindo que sejamos derrotados, nos concedes a vitória; admitindo que nos matem, nos vivificas; quando nos entristeces, nos consolas; quando nos fazes gritar de dor, nos tornas alegres; fazendo-nos chorar, nos fazes cantar; ao nos fazeres sofrer, nos fortaleces; tornando-nos loucos, nos fazes sábios; quando nos envias pobreza, nos enriqueces; ao fazeres de nós servos, nos fazes senhores, e inúmeras maravilhas semelhantes, todas compreendidas no presente versículo e que na cristandade são glorificadas em uníssono com estas breves palavras: "Agradeço-te porque me humilhas, mas que, por outro lado, também me ajudas".

XXII

A pedra que os construtores rejeitam
Tornou-se pedra angular.

Aqui [o salmo] chega à cabeça da santa cristandade e o põe diante de nós por exemplo como aquele que foi humilhado e exaltado da mesma maneira e mais ainda do que todos os santos, de modo que não nos deve estranhar ou admirar que também nós tenhamos que sofrer tribulação e tentações. "Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais a seus domésticos. O servo não está acima de seu senhor" [Mt 10.25,24]. Neste versículo faz um breve resumo da paixão e morte de Cristo. Ao dizer que foi rejeitado, descreve a paixão, morte, ignomínia e escárnio a que Cristo foi submetido. Ao afirmar que se tornou pedra angular, aponta para sua ressurreição, vida e domínio em eternidade. Para tanto o compara a uma construção. Quando uma pedra não se enquadra no muro nem se adapta às demais pedras, mas desfigura toda a construção, esta é uma pedra imprestável e inútil, que deve ser lançada fora. Então aparece um mestre estranho que sabe aproveitar essa pedra e diz: Alto lá, seus tolos! Sois mestres e não sabeis aproveitar esta pedra? Pois a mim ela vem bem. Não a usarei para encher brechas nem me servirá de enchimento. Tampouco me será apenas uma pedra

78 Aqui termina a parte ainda existente do manuscrito de Lutero. A parte final nos é conhecida somente pela edição impressa.

comum, mas uma pedra angular no alicerce, que não suportará somente um muro, mas dois, e será de maior utilidade do que qualquer outra pedra e mais do que todas as pedras em toda a construção.

Assim também Cristo não quis conformar-se de forma alguma com o espírito e a santidade dos fariseus nem do mundo inteiro. Eles não o suportaram. Ele desfigurava todas as suas construções, repreendia e criticava sua linda e santa aparência exterior. Aí então se enfureceram, condenaram e rejeitaram-no, pois não sabiam para que servia. Então Deus, o verdadeiro construtor, o pegou e fez dele uma pedra angular para o alicerce sobre o qual se fundamenta toda a cristandade reunida entre judeus e gentios. A mesma coisa se dá com ele ainda hoje. Pois a pedra foi rejeitada, se a considera rejeitada, permanece rejeitada. Não obstante ela continua cara, nobre e preciosa entre os justos e crentes, que não constroem em sua própria obra humana nem em poder de príncipes, mas sobre esta pedra.

Mas nota bem quem são os que rejeitam esta pedra. Não são pessoas simples, mas as melhores, as mais santas, mais sábias, mais eruditas, as maiores, as mais nobres. São estas as que se escandalizam com a pedra. Pois os miseráveis pobres pecadores, os entristecidos, errantes, desprezados, insignificantes, indoutos se alegram com ela e a amam de coração. Enquanto isso aqueles se chamam construtores, ou seja, os que edificam e corrigem o povo e o governam para o melhor com doutrina e pregação. Eles não têm este título porque fossem perturbadores, pessoas prejudiciais e incapazes, mas são construtores, as pessoas mais necessárias, mais úteis e as melhores sobre a face da terra, de sorte que, não fossem elas, certamente o céu viria abaixo antes de anoitecer, e tudo estaria perdido. Esses são os governantes, tanto eclesiásticos quanto seculares, que com suas leis ordenaram o país e o povo para que possa subsistir, e, além disso, ainda querem dominar a Deus mesmo. Foram os mesmos no povo judeu, os sumos sacerdotes e os príncipes em Jerusalém, e Pilatos de Roma, Herodes da Galiléia. Eles rejeitaram a pedra e não a puderam tolerar em sua construção ou regime. Eles o sabiam melhor.

Por isso, se reis, príncipes, bispos, senhores, santos, eruditos, sábios, ricos, doutos perseguem o Evangelho, que há de estranho nisso? Se não forem eles, quem então? Pois ninguém outro pode fazê-lo. Se [o Evangelho] tem que ser perseguido, serão eles que o haverão de perseguir, pois são os construtores. Eles também o fazem por ofício, pois têm que cuidar para que sua construção não apresente brecha, rachadura ou qualquer deformação. Por isso não conseguem suportar a palavra de Deus nem aqueles que a anunciam. Pois ele [sc. aquele que anuncia a palavra de Deus] desfigura sua construção, produz brechas e rachaduras nela, é sedicioso e sedutor do povo que eles construíram, ordenaram e constituíram de modo tão maravilhoso. Ele faz as coisas de modo bem diferente do que eles.

Para grande consolo, porém, observa que aqui dois edifícios estão opostos um ao outro. Um rejeita o outro. O que é rejeitado tem um construtor poderoso que, no lugar de uma pedra, edifica duas muralhas fortes, eternas. Onde ficam entrementes a construção e os construtores que rejeitam aquela? Aqui se silencia a seu respeito. Deus nada sabe deles. Isso é sinal de que são reduzidos a nada com sua construção, pois fala somente da pedra e do edifício rejeitados. Com eles se preocupa. Por isso, cuidado para que não sejas encontrado no edifício que gosta de condenar, rejeitar e estar por cima. Não temas por te encontrares no edifício rejeitado. Pois Deus não quer verte rejeitado e quer ignorar os que te rejeitam, para que pereçam e tu permaneças eternamente. Pois não haverá de subsistir justiça, obra, santidade a não ser esta uma, que é Cristo, a pedra angular. Pois não existe outra pedra angular. Nossas próprias obras, ainda que trabalhássemos nelas eternamente, não haverão que ser essa pedra angular, mas palha que o vento dispersa. Isso não dá em outra coisa. Esta pedra rejeitada é a pedra angular ou a primeira pedra do alicerce. 1 Co 3.11.

XXIII

Isto procedeu do SENHOR,
E é um milagre diante de nossos olhos.

Diz [Davi] que o próprio SENHOR é este singular construtor que faz com que os sábios e construtores do mundo inteiro sejam envergonhados, que escolhe e exalta o que rejeitam, como o diz S. Paulo em 1 Co 1.27: "Deus escolheu o que é louco perante o mundo, para envergonhar os sábios", e Habacuque 1.5: "Observai os povos e pasmai! Pois realizarei em vossos dias uma obra tal, que não o acreditareis quando vo-la contarão". Embora em todos os tempos Deus faça obras que nenhum ímpio crê e que os deixam loucos, como diz este versículo, é uma obra especial esta, quando transforma a pedra rejeitada na escolhida pedra angular. Essa é uma obra tão grande e singular que por causa dela não apenas todos os gentios se enlouqueceram com toda a sua sabedoria e inteligência, mas inclusive o próprio povo de Deus (os judeus) se escandalizou e incomodou com ela a ponto de ser destruído inteiramente, perdendo o reino e o sacerdócio e, além disso, céu e terra. Nenhum milagre, por numerosos e palpáveis que tenham sido, pôde salvá-los e até hoje não puderam ser reconstituídos através de longos castigos e pragas.

E o que é que ainda em nossos dias provoca tanta discórdia, tanta heresia e seitas também entre nós cristãos? Quem torna o papado tão furioso, enraivecido, cego, louco e tolo que não querem tolerar a doutrina de que a fé, sem obras, torna piedoso, bem-aventurado e vivo, e que liberta de pecado,

morte e diabo, eles que confessam da boca para fora que Cristo é essa pedra angular rejeitada e eleita e que, não obstante, não o querem admitir de fato e de verdade? Admira que pessoas carnais e falsos hipócritas se escandalizem com isso? Davi diz que isso é maravilhoso até aos nossos próprios olhos, pois embora os amados santos e cristãos não se escandalizem com isso, ainda assim é maravilhoso em seus corações e difícil de acreditar e passam a vida inteira aprendendo a crê-lo. Eles é que sabem o que outros sentem. Apesar disso eu me considero cristão. No entanto, sei muito bem como foi amargo e difícil para mim, e continua sendo, agarrar esta pedra angular e ficar com ela. Que me chamem de luterano. Mas fazem-me injustiça. Em todos os casos sou um luterano insignificante e fraco. Que Deus me fortaleça.

É fácil aprender e repetir estas palavras: "Cristo é nossa salvação", "ele é nossa justiça", "nossas obras não nos salvam de pecado e morte", "a única rejeitada pedra angular há que fazê-lo", etc. E meus livros mostram e testemunham como o sei maravilhosa e corretamente. Quando, porém, surge o confronto e tenho que bater-me com diabo, pecado, morte, tribulação e mundo, e não há outra ajuda, conselho e consolo a não ser a pedra angular, aí sim descubro do que sou capaz e que arte é crer em Cristo. Então começo a perceber o que Davi quer dizer com esta palavra: "É maravilhoso a nossos olhos". Sem dúvida, parece-nos estranho e até escandaloso ou sem valor. Meus papistas, porém, cantam: É insignificante e fácil a nossos olhos. Fé? por que nos falas de fé? dizem eles. Acaso achas que somos gentios ou judeus? Antes mesmo que se termine de pronunciar este versículo, eles já o creram por completo no mesmo instante. Infelizmente de modo tão completo que não deixaram nada nem para nós nem para qualquer outra pessoa.

Ora, toda a Escritura diz que Deus é maravilhoso em todas as suas obras e o chama de fazedor de maravilhas. O mundo, no entanto, não o acredita, até que o experimenta. Cada qual inventa em seu coração um Deus conforme seu parecer: que Deus deverá agir desta ou daquela forma, prescrevem-lhe todas as palavras e obras às quais deverá se ater; ninguem pensa: meu caro, se ele procedesse conforme eu o imagino e entendo, nada haveria de maravilhoso nisso. Que tal se ele agisse de modo muito superior e bem diferente do que eu imagino? Isso, porém, não acontece, diz Isaías[79]. Eles não desistem de suas idéias e lavram e talham um Deus a seu gosto. Um monge fabrica para si um Deus que está sentado lá no alto e pensa: Quem observar a regra de São Francisco[80] a esse darei a bem-aventurança. A freira o talha

79 Cf. Is 55,8.

80 Regra da Ordem dos Frades Menores (OFM) ou Ordem Franciscana, fundada por Francisco de Assis (1181/82-1226). Este introduziu a regra em 1221. Revisada, ela foi aprovada pelo papa Honório III (1216-1227) em 1223.

do seguinte modo: Se sou virgem, Deus é meu noivo. E o sacerdote: Quem oferece o sacrifício da missa e lê as horas[81], a este Deus quer dar o céu. Ninguém se lembra de que Deus escolheu somente a pedra angular rejeitada e que condena todos os seus compartimentos e construções. Assim Deus tem que sujeitar-se sempre a ser talhado, instruído e conduzido, desde o princípio do mundo até o fim. A pedra angular sobre a qual nos constrói e edifica, a esta ninguém quer tolerar.

XXIV

Este é o dia que o SENHOR faz,
Alegremo-nos e regozijemo-nos nele.

Este é o tempo do Novo Testamento, um dia diferente dos que o amado sol faz todos os dias. Aqui o próprio SENHOR é o sol e cria este dia com seu brilho e resplendor. A este dia não segue uma noite, não brilha nos olhos corporais, mas no coração. Tampouco é a luz da razão, que também é um sol e que mostra e ensina exteriormente obras e direito para o mundo. Esta luz ensina graça, paz, perdão dos pecados perante Deus, coisas da qual a razão nada sabe. Por isso Cristo é chamado "Sol da Justiça" em Malaquias 3 [sc. 4,2][82]: "Para vós outros que temeis meu nome há de nascer o sol da justiça, trazendo salvação sob suas asas". Este sol haverá que trazer à luz justiça, isso é, redimir de pecados e justificar a todos os que crêem nele, e haverá de trazer a salvação e libertar da morte a todos os que se refugiam sob suas asas ou seu resplendor. E esse resplendor outra coisa não é do que a luz e a revelação do Evangelho no mundo inteiro, que parte de Cristo, brilha e ilumina os corações dos crentes, assim como o brilho parte do sol e ilumina os olhos corporais e o mundo exterior.

É também um dia alegre como aqui o gloria dizendo: "Alegremo-nos". Pois essa luz e doutrina da graça trazem paz, descanso e alegria em Cristo ao coração, porque disso reconhece que seus pecados lhe são perdoados sem

81 *Oração das horas*, ritual de orações e leituras para determinadas horas do dia, constituído basicamente de salmos em responsório, cânticos (= salmos fora do Saltério), leituras, hinos e orações. Ao todo são 7 "horas canônicas". Outrora eram ofícios públicos, sendo os mais conhecidos a matutina e a vespertina. Praticada especialmente nos conventos, a oração das horas transformou-se, na Idade Média, em prática obrigatória do clero, reunindo-se as liturgias para a oração das horas no breviário. A participação da comunidade nas orações das horas decresceu paulatinamente.

82 Na tradução alemã da Bíblia, como na Bíblia Hebraica, Malaquias é subdividido em apenas 3 capítulos, de modo que o versículo citado aparece como cap. 3,20, o que corresponde ao cap. 4,2 na tradução portuguesa, que assume a subdivisão das traduções grega (Septuaginta) e latina.

seu mérito e que está redimido da morte, e que, doravante, tem em Deus para sempre um Pai misericordioso, por meio de Cristo, como diz S. Paulo aos Romanos no capítulo 5. 1: "Tendo-nos tornado justos por meio da fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo", etc., destacando nesta mesma passagem essa alegria e paz que também resiste e fortalece na tentação. Nenhum descrente, nem tampouco todos aqueles que se esforçam por se tornarem piedosos e anularem o pecado por meio de obras, conhece essa alegria e paz. Por mais que uivem esse belo versículo, especialmente na Festa da Páscoa, nada entenderão, a não ser a Festa da Páscoa corporal exterior, quando comem tortas e se alegram, mas nada entendem da graça e da redenção de Cristo.

No entanto, é necessário que o profeta glorie este dia como o próprio dia do Senhor, admoestando-nos para a alegria. Porque pela aparência exterior não há dia mais escuro, que brilha como sujeira na lanterna, como se diz. Perante o mundo é considerado trevas, engano, heresia e noite do diabo e há que ser simplesmente rejeitado da mesma forma como é rejeitado seu sol, a nobre pedra angular da qual tem seu brilho. Por essa razão também a alegria e a paz, das quais fala aqui, são antes tribulação, discórdia e toda espécie de desgraça, por serem tão ignominiosamente odiadas e perseguidas por todo o mundo, como o próprio Cristo, nosso amado Sol, diz em Mt 10.22: "Havereis de ser odiados por todos os homens por amor de meu nome". Assim, pois, como a luz desse dia é secreta e oculta para o mundo, também sua alegria é espiritual e desconhecida da carne, apesar de ser a luz mais nobre e a alegria mais sublime. Pois que poderia ser mais desejável e nobre do que um coração iluminado, que conhece a Deus e a todas as coisas e que sabe julgar acertadamente todas as coisas perante Deus e falar com acerto a respeito delas? Onde poderia haver alegria maior e mais sublime do que numa consciência alegre, segura e corajosa, que confia em Deus e que não teme o mundo nem o diabo? Por outra, onde haveria maior tristeza e melancolia do que uma consciência má, desesperada, culpada? E o que é mais desgraçado e miserável do que um coração enganado e incerto, incapaz de fazer um juízo correto de qualquer coisa?

XXV

Ó SENHOR, ajuda,
Ó SENHOR, dá êxito.

Temos aqui o *hosia na* com o qual o povo aclamou a Cristo quando entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos[83], pois naquela ocasião tiraram este e o versículo seguinte deste salmo, o que revela que o presente salmo

83 Cf. Mt 21.9; Mc 11.9s.; Jo 12.13.

era muito conhecido entre o povo. *Hosia* significa "ajuda" ou "presta auxílio". O *na* acrescentado no final significa "insistentemente", portanto, um desejo encarecido, como dizemos em alemão: "Socorro, por favor, socorro", assim como o "ó" ou "por favor" querem expressar nosso coração insistente, tentando assim comover aquele a quem nos dirigimos. A mesma função tem o *na* no hebraico, quando acrescentado ao *hosia*, passando a significar *hosia na, SENHOR*, isso é, "Ó SENHOR, ajuda" ou "ah, amado SENHOR, ajuda". E da palavra *hosia* deriva-se também o nome Jesus no hebraico, o que significa "ajudador" ou "salvador", conforme diz o anjo em Mt 1.21 a José: "Lhe darás o nome de Jesus, pois salvará seu povo de seus pecados", de sorte que *hosia*, "Josué" e "Jesus" soam quase iguais, sendo o nome Josué a mesma coisa que Jesus. No decorrer do tempo, porém, a palavra *hosia* foi sendo transformada em "hosana", e por fim inclusive batizaram e chamaram mulheres e sinos de Hosana.

Portanto o presente versículo é uma oração ou uma felicitação, assim como se deseja felicidade ou saúde, quando começa alguma coisa nova ou quando lhe sobreveio algo de bom, a exemplo das mulheres que desejaram alegremente felicidade a Isabel, mãe de São João, pelo filho recém-nascido (Lc 1.58) e como também ela própria desejou felicidades à virgem Maria quando veio visitá-la [Lc 1.42ss.]. O mesmo acontece também aqui. Visto que inicia o alegre dia do Evangelho e irrompe o reino da graça, no qual terminam pecado e morte e vive e reina justiça, [Davi] salta de alegria, derrama seu coração, dizendo: "*Hosia na*, SENHOR" — "oh, queira Deus!", "louvado seja Deus!", "bem-aventurado e abençoado o dia em que nasce a luz. Cantem e saltem conosco céu e terra e tudo que neles existe porque pudemos ver essas coisas", etc. Além disso deseja e roga que continue como começou, e diz: "Ah, SENHOR, dá bom êxito!", como se costuma dizer quando se deseja felicidade a alguém: "Queira Deus que continue e permaneça assim, que tenha êxito e jamais mude".

Pois o reino de Cristo tem que sofrer muita resistência por parte do diabo, do mundo, da carne e parece que vai cair a qualquer momento e sucumbir, quando os tiranos enfurecidos prevalecem. No entanto, permanece firme a palavra "*hosia, hosia, hosia!*" — "Socorro, socorro, socorro!", bem como a outra: "*hazeliha, hazeliha, hazeliha!*" — "dá sucesso, dá sucesso, dá sucesso!". Estas palavras permanecem e o desejo de felicidade há de perdurar e vencer. Também neste momento temos que cantar esse *hosia na* contra os nossos papistas, o turco e as seitas, pois ninguém o canta além de nós. Eles não necessitam de nenhum *Hosia*, nem de Jesus; eles possuem punhos e sabedoria suficiente por si mesmos. Preferem cantar o *heah, heah* do Salmo 35.21, *euge, euge*[84], *da, da, heha, heha*, "abaixo, abaixo os here-

84 Exclamações de alegria em hebraico e grego, respectivamente.

ges'', ''hurra, hurra'', ''vitória, vitória''! Pois bem, que gritem vitória. Ainda não sou velho, mas já vi muitos desses gritalhões que acabaram chorando e o *hosia na* permanecer com honra.

XXVI

Bendito seja o que vem em nome do SENHOR,
Nós abençoamos a vós da casa do SENHOR.

Tudo isso ainda faz parte do desejo de felicidade: que Cristo, o Rei da graça, cavalga através de seu Evangelho e vem em nome do SENHOR. Também esse desejo de felicidade é muito necessário, pois muitos vêm trotando em seu próprio nome e não trazem a palavra da graça, mas a doutrina das obras e os sonhos de suas cabeças[85]. Todos esses juntamente com o mundo inteiro recebem a este Rei do seguinte modo: Maldito o que vem em nome do diabo; que morra, que morra! como gritaram os judeus: *Tolle, tolle*, ''fora, fora com ele! imediatamente para a cruz!''[86] Pois ele tem que ser a rejeitada e maldita pedra angular, e sua palavra uma maldita heresia do diabo. É deste modo que hoje cantam esse versículo as fundações e conventos. Somente os crentes cantam: ''Bendito e abençoado o que vem em nome do SENHOR''.

O mesmo também acontece a esses cantores: ''Nós abençoamos a vós da casa do SENHOR'', isso é: esse desejo de felicidade não o fazemos somente ao rei, mas a todos vós que sois de sua casa, que credes nele e o aceitais. Benditos, bem-aventurados e plenos de graça e bem-aventurança sois porque pertenceis à casa do Rei. Não sois hóspedes e estrangeiros, mas filhos da casa de Deus[87], vós, que vos deixais edificar sobre esta pedra angular rejeitada. E mesmo que sejais rejeitados por isso e sejais chamados serviçais do diabo, que importa? Deixai-os blasfemar e maldizer. Que vos baste que nós vos abençoamos e vos declaramos bem-aventurados e ricos. Nosso testemunho é o testemunho de Deus, de todos os anjos, de todos os santos e de todas as criaturas de Deus. Que vos importa o diabo e o mundo?

Pressuponho, que todo mundo saiba que se chama casa do SENHOR o lugar onde ele mora, e que ele mora onde está sua palavra, seja no campo, na igreja ou no mar. Por outro lado, onde não está sua palavra, aí ele não mora e também ali não é sua casa; ali mora o diabo, ainda que seja uma

85 Cf. Jr 23,16,25ss.
86 Cf. Lc 23,18,21,23.
87 Cf. Ef 2,19s.

igreja dourada, abençoada por todos os bispos. Onde, porém, está sua casa, aí há que reinar plena bênção, graça e vida, como diz aqui: ''Nós abençoamos a vós da casa do SENHOR''. Porque estais na casa do SENHOR sois bem-aventurados. Assim também diz em Êxodo 20.24: ''No lugar em que estabelecerei a memória de meu nome (isso é, minha palavra), aí quero vir a ti e abençoar-te'', texto do qual surgiu o presente versículo. Aonde Deus envia sua palavra, por meio da qual é glorificado seu nome e sua obra, e não nosso nome e obra, para lá ele segue com certeza, trazendo pura bênção e graça, como está dito em Moisés. Aonde, porém, o diabo envia sua palavra e esta é aceita, ele segue com a maldição e perdição eterna, embora o mundo nada disso acredite, tomando e glorificando a maldição por bênção, o diabo por Deus e as mentiras por verdade.

XXVII

O SENHOR é Deus que nos ilumina,
Adornai a festa com ramos
Até as pontas do altar.

Aqui chama a criança pelo nome e expressa claramente quem é o rei que entra cavalgando desse modo em nome do SENHOR e diz: É o próprio Deus e SENHOR que aparece e ilumina. Embora seja uma pedra rejeitada, ele é Deus, pois fala a respeito daquele que nos apareceu e nos iluminou, cujo Evangelho com seu esplendor sentimos no coração. O iluminador é o próprio Deus SENHOR, e não existe outro Deus. De outro modo, como poderia gloriar tão maravilhosamente: ''O SENHOR é Deus'', visto que nenhum judeu duvida disso desde que não seja dito a respeito de alguma pessoa humana? No entanto, estamos no tempo da fé quando se diz que a pedra angular rejeitada, que ilumina o mundo com um novo dia, é Deus e SENHOR. Se não fosse homem, não poderia ser a pedra angular rejeitada. Pois em si mesmo Deus não pode ser rejeitado. Não obstante, não é apenas homem, mas também o próprio Deus e se depara aqui com o nojo e escândalo dos judeus e de todos que abominam ouvir que um homem seja verdadeiro Deus, temendo idolatria, como a dizer: Não vos preocupeis. Aqui não existe o perigo da idolatria. Ele é o próprio Deus verdadeiro, pois ninguém pode trazer nem oferecer a libertação de pecado e morte, tampouco iluminar os corações a não ser o próprio Deus. Também sua obra testemunha que ele é Deus.

Depois manda adornar esta festa e o novo dia com ramos. Com isso abroga o Antigo Testamento. Os judeus tinham uma festa que se chamava *succoth*, caída das folhas ou choças de palha, nas quais celebravam durante

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

oito dias a memória dos quarenta anos que os filhos de Israel habitaram em tendas no deserto (Levítico 23.34ss.). É a isso que se refere aqui, querendo dizer: Por que continuais a fazer ostentação com vossos ramos e choças de palha? Agora surgiu algo novo e vosso costume não faz mais sentido. Nasceu um novo dia, temos agora uma nova casa de Deus, um novo altar, uma festa diferente, outra vida. Vinde agora e adornai com ramos a festa na qual o novo Rei e o próprio Deus vem cavalgando com graça e bênção e aparece a todo o mundo por meio de sua palavra. Enfeitai com ramos a esta festa, não lá fora no campo ou em vossas propriedades, mas na casa do SENHOR, até as pontas ou cantos do altar, para que tudo esteja enfeitado com ramos e fique festivo. Pois já não existe mais a distinção entre levitas e povo. Toda pessoa que crê pode aproximar-se do altar, coisa impossível segundo a lei[88].

Ademais explica o que significaram os ramos e as folhas caídas: que se deve ornar o nome de Deus, glorificar, engalanar e louvá-lo com pregações e cantos alegres, frescos, verdes e bonitos. Esses são os ramos das árvores bonitas, tomados dos profetas. Acrescenta ainda: até as partes ou cantos que se chamam as pontas do altar. Isso é o altar de ações de graça, no qual se oferece sacrifício de gratidão com esses ramos, e não mais se sacrificam bezerros, ovelhas, aves, etc. Doravante tudo que outrora era feito exteriormente pelos levitas, agora é feito com agradecimento e louvor, pregação e ensinamento.

XXVIII

Tu és meu Deus, a ti quero agradecer,
Meu Deus, quero exaltar-te.

[Davi] encerra o salmo com uma confissão e posicionamento decidido contra todos os escândalos e exemplos dos descrentes, querendo dizer: Pois bem! Não querem aceitar-te como Deus; tens que ser a pedra angular rejeitada e um criminoso crucificado entre os criminosos. Tua palavra e culto são considerados palavra e culto do diabo. E por isso tenho que sofrer toda sorte de desonra e perigo. Que seja. Não obstante serás meu Deus, não obstante quero crer em ti e ter a certeza de que tu és meu Deus. Que se vá, pois, lei, templo, altar, todo o culto em Jerusalém; que se vá amigo e inimigo; que se vá toda a sabedoria, santidade, força, bens, honra, que se vá tudo que não quer nem deve ficar. Quero somente a ti; em lugar de tudo isso

88 Cf. Nm 18.7; Hb 10.22.

tu me serás mais do que suficiente. Quero ser teu pobre pastorzinho e sacerdotezinho e oferecer o verdadeiro sacrifício e culto, o sacrifício de agradecimento e o cântico de louvor. Isso será meu sacerdócio, minha festa de ramos ou das choças de palha, pregando exclusivamente a ti, a pedra angular rejeitada e Deus crucificado. É nisso que quero permanecer, será esse o final do canto; é isso que intencionei e quis expressar com esse salmo. Ninguém me venha com qualquer outra coisa; "que ninguém me moleste" (diz S. Paulo em Gl 6.17): "Quero trazer em meu corpo as chagas do Senhor Jesus Cristo". Amém. *Hosia na.* Amém.

XXIX

Rendei graças ao Senhor, porque ele é bondoso,
E sua bondade dura para sempre.

Assim se costuma repetir do início as boas canções, quando terminaram, especialmente quando cantadas com alegria e amor, assim como a noiva tece uma coroa para o noivo, atando o fim ao começo. Surge assim uma coroa bonita que enfeita a cabeça. É o que Davi faz com o presente salmo. Depois de haver cantado todos os benefícios de Deus e tendo glorificado maravilhosamente em especial a derradeira e eterna graça, ele diz: Ah! quem jamais seria capaz de agradecer o bastante ao SENHOR por sua bondade. Como disse no princípio, sua misericórdia dura para sempre; dura para sempre em especial no pobre quarto grupo de pessoas. Ah! se alguém o pudesse crer! Também os seres humanos fazem o bem, mas não há benefício que dure para sempre. Pois a natureza humana não suporta a ingratidão. No entanto, ninguém faz o bem por amor de Deus ou por amor da virtude, mas tão-somente por amor de si próprio.

Isso o podes verificar muito bem se ficares observando alguém que faz o bem a determinadas pessoas. Se depois elas se mostram ingratas ou dizem e fazem algo que lhe desagrada, verás como empacotará as malas, como se esquenta, ralha, condena, acusa, dizendo: Pois bem. Eu fiz isso e aquilo por ele. Que se dane! Que não me apareça mais. E assim que surgir a oportunidade de vingar-se ou quando percebe que se precisa dele, fica aí que nem um toco ou um cavalo emperrado. Se não consegue outra coisa, põe entraves onde pode e deixa de fazer o bem que lhe poderia fazer. Não obstante se considera piedoso e que procede corretamente e não tem escrúpulos. É incapaz de um pensamento elevado que chegasse a dizer: Bem, não fiz o bem por causa de sua maldade; por isso também não deixarei de fazê-lo por causa dela. Deus me faz o bem diariamente, embora, em toda a minha vida, não tivesse feito outra coisa do que aborrecê-lo. Não são esses os pensamen-

tos que cogita a partir do exemplo que expõe aos olhos seu parceiro ingrato e lhe ordena tomar-se pelo nariz e lembrar-se de sua própria ingratidão.

No fundo uma boa ação humana é um malefício triplo, porque, por meio dela, buscam agradecimento, honra e inclusive domínio sobre aqueles aos quais fazem o bem. Este é um benefício arrogante, presunçoso, vingativo e egoísta, por causa do qual depois se enfurece, fazendo o mal e prejudicando onde puderem, de maneira que, em relação ao ser humano, se pode muito bem inverter o presente versículo: Que vergonha para os homens por serem tão maus, pois sua ação de prejudicar dura para sempre. Sua boa ação é breve e temporária e a fazem somente a quem os adora e festeja. Não querem desperdiçar nenhum benefício nem aplicá-lo sem retorno. Deus, porém, e seus filhos fazem o bem de graça, não se importam quando desperdiçam seu benefício com os ingratos, como está escrito: "O SENHOR faz todas as coisas por amor de si mesmo" [Pv 16.4, na tradução latina]. Por isso não desiste por causa da maldade das pessoas. Assim demonstra que sua bondade é naturalmente boa e que não permanece ou cai de acordo com a virtude ou desvirtude de alguém, assim como a bondade dos homens se baseia na virtude de outros e cai por causa da desvirtude de alguém outro, tornando-se pior do que este. Disso fala todo o Salmo 37. Assim, pois, por ora este versículo está suficientemente interpretado acima. Cristo, nosso Senhor, transforme a nós seres humanos em verdadeiros e perfeitos cristãos. A ele louvor e gratidão em eternidade.

Amém.

Resumo da Vida Cristã
Conforme S. Paulo em 1 Timóteo 1, pregado recentemente[1] 1532

INTRODUÇÃO

O presente escrito é a prédica que Lutero proferiu em Wörlitz, cerca de 15 km a oeste de Wittenberg, em 24 de novembro de 1532.

Wörlitz pertencia ao principado de Anhalt. Neste, o governo estava dividido entre os primos príncipes Wolfgang (nasc. 1492), com residência na cidade de Köthen, e João (nasc. 1504), com residência na cidade de Dessau. Os irmãos de João eram os príncipes Jorge (nasc. 1507), prepósito (prelado) na catedral de Magdeburgo, e Joaquim (nasc. 1509). O príncipe Wolfgang foi um dos signatários da Confissão de Augsburgo, a confissão básica dos adeptos da Reforma luterana, na Dieta (Assembléia Nacional) de Augsburgo, em 1530. Na outra parte do principado (Dessau), a Reforma estava sendo introduzida somente após a morte (1530) da princesa governante, Margarida, mãe dos príncipes João, Jorge e Joaquim e prima do duque Jorge, o Barbudo, da Saxônia (1471-1539), conhecido inimigo de Lutero e da Reforma. Em setembro de 1532, por intermediação de Lutero, Nicolau Hausmann[2], amigo de longos anos do reformador, foi convocado para Dessau como o primeiro pregador evangélico da corte.

Em novembro de 1532, os príncipes João e Joaquim organizaram, em Wörlitz, uma grande caçada, tradicional diversão da nobreza naqueles tempos. Convidaram, naturalmente, outras pessoas de sua classe social, entre elas o príncipe-herdeiro de Brandenburgo, Joaquim (1505-1571)[3]. Também Lutero e seus colaboradores Filipe

1 *Summa des christlichen Lebens, aus S. Paulo 1. Timoth. 1. neulich gepredigt* [24 de novembro de 1532]. - WA 36,352-375. Tradução: *Walter O. Schlupp.*

2 *Nicolau Hausmann* nasc. em 1478/79 em Freiberg, Saxônia (Alemanha). Já em 1519 aderiu abertamente à Reforma como pregador na cidade de Schneeberg, Saxônia. Em 1521 introduziu a Reforma, como pregador, na cidade de Zwickau, igualmente na Saxônia. Em 1538 pretendeu assumir o pastorado em sua cidade natal. Durante o sermão inaugural sofreu um derrame cerebral, vindo a falecer em seguida.

3 *Joaquim II Heitor* (1505-1571), príncipe-eleitor desde 1535. Em 1539 reorganizou a Igreja de seu território de acordo com os princípios da Reforma. Em 1569 recebeu do rei polonês Sigismundo II Augusto (1520-1572) como feudo o ducado da Prússia.

Melanchthon e Gaspar Cruciger[4] foram convidados. Aparentemente os príncipes procuraram o apoio dos teólogos de Wittenberg para a introdução da Reforma naquela parte de Anhalt. Foi quando Lutero proferiu a presente prédica sobre a vida cristã, o lado prático do cristianismo evangélico. Os ouvintes eram os príncipes, seus convidados, as respectivas comitivas e, além destes, nem dez camponeses, segundo o testemunho do próprio Lutero[5]. Cruciger tomou apontamentos e editou a prédica ainda em dezembro de 1532. A seu trabalho de editor devem ser atribuídas, com certeza, certa verbosidade e repetitividade. A prédica é mais extensa do que as prédicas impressas do reformador costumam ser. Mas o próprio Lutero elogiu a capacidade de Cruciger de reproduzir com fidelidade a mensagem. Até achou que a versão impressa era melhor do que tinha sido a prédica ao vivo[6]. Em 2 de janeiro de 1533, Lutero mandou um exemplar a Nicolau Hausmann[7]. Um protesto enérgico do duque Jorge, o Barbudo, da Saxônia, junto ao príncipe Jorge de Anhalt contra a presença de Lutero em Wörtlitz ficou sem conseqüências.

A prédica foi impressa com a data de 1533, pela tipografia de José Klug, em Wittenberg. No mesmo ano houve uma reedição, em Nürnberg, pela tipografia de Kunigunde Herrgottin. Uma tradução latina foi publicada, ainda em 1533, em Hagenau, numa coletânea de prédicas de Lutero.

Joachim H. Fischer

0

4 *Filipe Melanchthon* (1497-1560), humanista, desde 1518 professor de Grego e Hebraico na Universidade de Wittenberg, amigo de Lutero e, após a morte deste (1546), líder teológico (não incontestado) da Reforma luterana. Autor dos *Loci communes* (1. ed. 1521), a primeira teologia sistemática luterana, da Confissão de Augsburgo, da Apologia da mesma e do Tratado Sobre o Poder e o Primado do Papa (cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993. pp. 23-93; 95-304; 343-360), além de um grande número de outras obras. — *Gaspar Cruciger* (1504-1548), natural de Leipzig, na Saxônia (Alemanha). Estudou em sua cidade natal e em Wittenberg. Diretor da Escola Municipal (*Stadtschule*) e pregador em Magdeburgo (1525), pregador na Igreja do Castelo e professor na Universidade de Wittenberg (1528). Participação destacada na introdução da Reforma em sua cidade natal (1539). Participação nas discussões sobre a questão religiosa de Hagenau, Worms e Regensburg (1540/41). Participou da revisão da tradução alemã da Bíblia, editou outras prédicas de Lutero, além da presente, e, juntamente com Jorge Rörer (1492-1557), os dois primeiros volumes da edição de Wittenberg das obras completas de Lutero.

5 WA Tr 3,42s. (nº 2869b).

6 ib.

7 WA Br 6,410s. (nº 1989).

S. Paulo resumiu toda a vida cristã nas seguintes breves palavras

1 Timóteo 1

O resumo do mandamento é amor de coração puro, de boa consciência e de fé não simulada. Algumas pessoas se desviaram dessas coisas e se voltaram para loquacidade frívola. Querem ser mestres da Escritura e não entendem o que dizem nem o que afirmam.

Prefácio

Prezados amigos, vocês sabem com que severidade Deus ordenou a todos que ouçam e estudem sua amada palavra. Pois ele não poupou custos e se empenhou muito para trazê-la ao mundo. Empenhou todos os profetas e inclusive, por essa causa, enviou seu próprio Filho ao mundo, permitindo que fosse crucificado e morto, e que todos os apóstolos fossem perseguidos e todos os cristãos torturados por causa dela. A estes ordenou que a administrassem fielmente. Aos demais, porém, ordenou ouvi-la com diligência. E se não houvesse outro motivo para fazê-lo senão o fato de isso ser do agrado de Deus e sua vontade e mandamento rigoroso, isso, em todos os casos, já seria razão suficiente. Afinal, na qualidade de criaturas, temos o dever da obediência a nosso Senhor e Criador e de fazê-lo com toda a força de vontade, a ele que nos proporcionou e continua dando todos os dias tantos benefícios que jamais lhe podemos agradecer o suficiente.

Ele, porém, não se satisfaz com isso e no-lo não quer ter imposto apenas como mandamento, ou exigi-lo como serviço devido. Também promete ricos frutos e muitos benefícios que daí nos deverão advir, mandando que se o apregoe aos brados para assim lhe prestarmos o maior e mais belo culto. Afinal é um grande Senhor este ao qual servimos e que tem numerosos e diversificados serviços, podendo nós servir-lhe das mais variadas formas. Este, porém, supera a todos os demais. Pois sempre que um camponês ou um burguês e súdito dedicado serve a seu senhor, ele também serve a Deus. O mesmo vale para os filhos, criados e empregadas da casa, quando são obedientes e executam fielmente seus deveres. O mesmo vale para príncipes e senhores, pais e mães, quando fazem um bom governo e cumprem sua obrigação. Tudo isso é servir a Deus, pois esta é sua vontade e ordem que ele exige de nós.

O mundo está cheio desses serviços, desde que os queira prestar. Pois todos receberam de Deus sua tarefa, cada qual em sua posição, com a qual deve e pode servir-lhe diariamente e a todo momento. Pois somos sua criadagem, e ele ordenou que seu serviço deve estar em andamento em toda parte e que ninguém se desculpe dizendo não saber como ou com que de-

veria servir a Deus, nem corra atrás de futilidades, procurando servir a Deus de sua própria maneira, nem instituída nem ordenada por ele. E, enquanto isso, deixa de cumprir o serviço que lhe foi ordenado, como vínhamos fazendo até agora em nossa cegueira.

Muito acima e antes de todos esses, porém, exaltou e distinguiu de forma especial este serviço, tanto dos que ouvem sua palavra quanto dos que a pregam. A este serviço escolheu dentre todos os demais na terra como serviço especial a ele, distinto dos demais serviços que o povo presta. Por isso também determinou um dia especial na semana para que se o dedique somente a este serviço, embora também se preste serviço a Deus durante toda a semana com outros trabalhos que ele não vinculou a nenhuma época ou dia particular. A este, porém, realçou de modo especial e ordenou que fosse respeitado rigorosamente, para que se tivesse tempo e disponibilidade e ninguém pudesse queixar-se que não pode atender a ele por causa de seu trabalho. Assim também determinou para tanto espaços especiais, entre nós as igrejas ou casas nas quais nos reunimos. Além disso, instituiu e preservou todo o estado sacerdotal com essa finalidade, criando e proporcionando tudo que é necessário para o desempenho desse ministério, toda sorte de ciências e o estudo das línguas e os mais variados dons. Em resumo, ordenou a todo o mundo o especial mandamento de santificar este serviço e tê-lo na mais alta estima. Ele dispôs todas as coisas de tal maneira que todos hão de compreender o quanto ele o valoriza, quão precioso e agradável lhe é este serviço sempre que se promove sua palavra.

Certamente seria bom se pudéssemos acostumar-nos a dizer "ir ao serviço divino"[8] em vez de "ir à pregação", e que em vez de "pregar" se dissesse "servir a Deus", e que se dissesse que todas as pessoas que aí estão reunidas estão reunidas para o verdadeiro sublime serviço a Deus. Assim também falaram outrora os amados apóstolos e os antigos pais [da Igreja]. Eles introduziram a expressão e ela permaneceu em uso até hoje: ir à missa e ouvir a missa. O próprio papa ordenou com rigor em seu decreto que todas as pessoas devem ouvir uma missa por domingo. E ninguém costuma dizer: vou assistir à missa, mas: vou ouvir a missa. Na verdade isso significa a mesma coisa que ir ao serviço divino e ouvir a pregação ou a palavra de Deus. Aliás, esta é a melhor e mais importante parte da missa, e não como o faz o papa com suas secretas missas sacrificais, onde não se prega nem se ouve a palavra de Deus, particularmente na parte que eles consideram o máximo e a que chamam de missa calada.

8 Serviço divino — no original consta *Gottesdienst*, literalmente "serviço divino", "serviço de Deus". Ao mesmo tempo o vocábulo *Gottesdienst* designa o que em português se convencionou chamar de "culto". Lutero usa *Gottesdienst* às vezes expressamente no sentido de "culto" ou então para dizer que qualquer serviço cristão é *Gottesdienst* — "serviço divino", é "culto".

Pois em hebraico a palavra "missa", que parece ter sido tomada dos apóstolos, significa tributo ou serviço escravo, assim como um camponês ou arrendatário paga a seu senhor sua "missa", isso é, o tributo ou serviço devido, ou como serve a seu príncipe. Com isso o reconhece como seu senhor e lhe presta obediência. Assim se expressaram também aqui: vou à missa ou ouvir a missa, para dizer: vou pagar meu tributo a Deus ou prestar-lhe o mais elevado e agradável serviço. Portanto, ouvir missa nada mais significa do que ouvir a palavra de Deus e, por meio disso, servir a Deus.

Digo isso para que estejamos apercebidos por que devemos ouvir a palavra de Deus de bom grado e ir à pregação: não apenas porque é um rigoroso mandamento de Deus, mas também porque tem a suprema promessa de ser agradável a Deus e por ser o serviço mais sublime e mais caro que lhe podemos prestar. Ele brilha tanto mais do que todos os outros serviços como o sol é mais brilhante do que as estrelas, e o sábado ou dia de festa supera todos os outros dias comuns, em resumo, como o reino de Deus é superior ao regime do mundo. Pois neste dia tudo é consagrado e seleto: tempo, pessoas, locais e igrejas, tudo por causa da Palavra que tudo nos santifica. Isso para que tenhamos cuidado e não nos tornemos preguiçosos e relaxados nessa matéria, como os espíritos execráveis e fartos, que têm a presunção de já possuírem tudo e de saberem tudo perfeitamente e melhor do que se pode fazê-lo nas pregações; ou então como aqueles outros que logo ficam enfastiados e pensam: Ora, isso já ouvi muitas vezes! Por que iria sempre ouvir a mesma coisa? Eles não sabem nem se dão conta que grande e excelente coisa e elevado serviço a Deus estão desprezando tão vergonhosamente ou abandonando e negligenciando por preguiça. Assim provocam a grande ira de Deus ao fazerem tão pouco caso de seu rigoroso mandamento com tanta segurança e ao desperdiçarem assim sua promessa. No que tange a eles, perturbam e até dificultam com seu exemplo este louvável serviço a Deus.

Ainda que fosse verdade (o que, graças a Deus, não é o caso) que soubesses tudo perfeitamente, tão bem quanto o próprio Senhor Cristo, ainda assim vês com quanto empenho ele próprio se dedica à pregação e à promoção desta obra, que ele, afinal, conhecia muitíssimo bem e da qual de forma alguma tinha necessidade, como nós necessitamos dela. O mesmo se observa em S. Paulo, o grande apóstolo. Embora sendo muito instruído e um grande e eminente doutor, não deixou de empreender viagens, pregando dia e noite, sem se cansar e fatigar, por sabê-la bem demais. E o próprio Deus, que a concedeu, gosta tanto de ouvir e observá-la que jamais se cansa. Por isso se empenha tanto por ela e ordena com tanta severidade que se deve anunciar e promovê-la em todo o mundo, até o dia derradeiro. Por isso deverias enfastiar-te dela tanto menos, porque, de qualquer modo, necessitas tanto dela contra o diabo e todas as provações.

E ainda que não necessites dela a toda hora, não deverias cansar e

SEMINÁRIO CONCÓRDIA

enfastiar-te de, ao menos, ir ao culto uma hora por dia ou por semana. Pois antigamente também não te cansavas do falso culto e andavas diariamente na igreja e inclusive corrias de uma igreja à outra e de um altar ao outro. Mesmo assim não dizias, como agora: "Ora,. não existe nada de novo. Vi isso todos os dias". Antes pensavas: "Fui à missa todos os dias, ontem e hoje. Mas amanhã irei de novo". Tanto mais deverias proceder desse modo agora, porque sabes que esta é a única missa verdadeira e o único culto verdadeiro, e deverias dizer: "Embora conheça a palavra de Deus perfeitamente — o que de qualquer maneira não é o caso —, quero, não obstante, para honra de Deus e em obediência, prestar meu serviço e ouvir a pregação por amor e glória a ele. Quero que meu amado Senhor veja que é um prazer servir-lhe neste serviço supremo, que ele valoriza tanto e pelo qual tanto se empenha, para que possa consolar e gloriar-me (se não tiver outro proveito) de ter-lhe prestado este mais sagrado serviço e o mais belo culto, de modo que em comparação com essa sublime festa todos os demais serviços são insignificantes e não passam de trabalho semanal comum.

Quem não se importa com isso e não se deixa persuadir a honrar e dignificar a palavra de Deus, a ouvir e estudá-la com prazer sempre que puder, a este não sei o que aconselhar. Pois não quero nem posso levar ninguém a isso arrastando-o pelos cabelos. Quem a despreza, que a despreze e permaneça um glutão e porco como tem sido até agora, até o dia em que Deus o leva ao matadouro e dele prepara um assado para o diabo no eterno fogo infernal. Pois não pode ser uma pessoa boa esta que consegue desprezá-la a tal ponto. Também não pode tratar-se de pecado humano, mas do endurecimento do diabo. Pois o próprio Deus lhe prepara local e espaço, pessoas, dia e hora para este fim; além disso admoesta e estimula a isso encarecidamente por meio de seu mandamento e promessa, dispondo tudo à mão e gratuitamente para ti aquilo que terias que sair procurando até o fim do mundo e não conseguirias pagar com ouro nem prata; no entanto, é um serviço tão fácil que não te custa esforço, trabalho, dinheiro nem recursos. Basta abrir os ouvidos para ouvir, ou a boca para falar e ler. Não existe trabalho mais leve do que este; pois embora corras o risco de teres que carregar a cruz e sofrer por esta causa, a obra em si mesma é mais fácil que qualquer outro trabalho leve. Se podes ficar dia e noite na taverna tomando cerveja ou ficar fofoqueando e papeando em boa companhia, cantando e berrando sem cansar nem sentir o trabalho, então também podes ficar sentado por uma hora na igreja e ouvir, para o serviço e agrado de Deus. Que farias se ele te mandasse carregar pedras ou fazer romaria vestindo uma couraça? Ou se te impusesse outras tarefas difíceis a que nos obrigaram até agora, quando fazíamos de bom grado tudo que nos mandavam, com pura mentira e embuste, surripiando-nos ainda dinheiro, bens e o corpo.

Agora, porém, temos aí esse diabo impertinente, que ofusca as pessoas

e as torna tão fartas e enfastiadas de modo que não damos importância ao tesouro que temos na Palavra, ficando tão insensíveis como animais selvagens. Por isso tomemos isso a sério e pensemos nisso, sempre que pregamos, lemos ou ouvimos a palavra de Deus, seja na igreja ou em casa, da parte do pai, da mãe, do amo, da patroa, etc. E aceitemo-la de bom grado, sempre que tivermos a oportunidade, sabendo que estamos no genuíno, elevado e sagrado serviço divino, que lhe agrada sobremaneira. Isto poderia aquecer-te e estimular-te a querer ouvi-la tanto mais, e Deus daria que também trouxesse frutos em número maior do que se pudesse contar; pois nunca deixa de resultar em grandes frutos, quando é feito com seriedade; sempre resultará em melhoria para ti; mesmo que agora não o vejas, o tempo o mostrará. Demoraria demais enumerar agora esses frutos, e eles nem podem ser enumerados todos.

Seja isso dito sobre o prefácio do sermão de S. Paulo, para nos despertar para um ouvir mais atento da palavra de Deus, o que seria bom lembrar diariamente e em cada pregação, além de combinar bem com o texto proposto de S. Paulo. Pois nele ele justamente repreende os infames espíritos que, com sua esperteza, se intrometem na palavra de Deus e logo têm a presunção de a conhecerem bem, de que não mais precisam ouvi-la nem aprender de ninguém, voltando-se para uma fofoca inútil, alguma novidade ou fato extraordinário que o povo gosta de ouvir. Querem ser mestres da Escritura e de todo mundo, ensinar a todos, sem saber o que dizem ou afirmam. Pois este é o tormento que se segue quando não se promove a palavra de Deus com seriedade e empenho e quando os alunos ficam enfastiados, e os pregadores, preguiçosos. Aí então este ministério só pode mesmo entrar em decadência, e as igrejas, em estado de desolação. Depois a conseqüência só pode ser esta: aparecem esses falsos espíritos que alegam novidades para atrair novamente o povo, e se gabam de serem mestres da Escritura, quando na verdade não sabem eles próprios, nem jamais experimentaram o que estão ensinando; isto, aliás, já está ocorrendo por toda a parte, e a ira e o castigo de Deus já estão vindo sobre nós por causa da ingratidão e do fastio.

Por isso inicia a epístola a seu discípulo Timóteo advertindo para que cuide que não surjam esses mestres que sabem fazer muita conversa fiada sobre a lei, levantam muitas novas questões e doutrinas sobre o que se deve fazer e como viver honestamente, procurando alcançar o prestígio de serem mais eruditos do que outros; e mesmo assim nunca chegam a ensinar algo certo e direito, não acertam nem o centro, nem o princípio, nem o fim; só ficam falando que se deve ser probo, praticar boas obras, servir a Deus, etc., mas eles próprios não compreendem o que isto significa. E quando se pergunta a eles como proceder em relação a ele, receitam uma obra aqui, sugerem outra ali, mandam que te circuncides, ou leves oferendas ao altar,

que entres para o convento, faças romaria, encomendes missa, etc. Uma vez ensinado e feito isto, sempre inventam mais alguma coisa, outra novidade, de modo que ao fim e ao cabo não sabem ensinar a ninguém de modo duradouro e certo, nem dizer: é isto; ou: ali é que está escrito, etc. Não obstante querem que se o considere algo precioso e sabem contar tantas vantagens e fazer promessas, como se fossem os únicos mestres genuínos, que criticam e se colocam acima de todos os outros.

No entanto, um mestre genuíno (diz ele) seria aquele que atacasse o ponto principal, e que fosse capaz de formular e captar corretamente todo o resumo de como devem ser o coração, a consciência e a pessoa inteira. Disso nada sabem. Usam as palavras, mas o resumo e o sentido último da lei eles não acertam, e enquanto isso pregam e fazem conversa fiada da janela da igreja para fora e da porta para dentro, de modo que ninguém sabe onde começar nem onde terminar, nem para que serve, ou em que deve corrigir-se e confortar-se, como vimos e experimentamos muito bem até agora sob o papado, da parte dos nossos pregadores de quimeras. Afinal qual é o resumo daquilo que se deve pregar? Responde S. Paulo:

"O resumo do mandamento é o amor de coração puro e de consciência boa e de fé não simulada."

Aí está! Aí tens tudo que faz parte, na formulação mais elaborada e completa. Mesmo assim está dito em poucas palavras e é fácil de guardar. Assim é que deves proceder para com ele, se queres captar a lei corretamente e pegá-la pela cabeça (para saberes o que fazer e deixar de fazer, e que postura deves assumir, sem precisar continuar procurando nem ficar pedindo aqui e ali): que tenhas o amor que jorre de um coração puro, que tenhas consciência boa e fé não simulada; atém-te a isto, nisto é que devem basear-se todas as pregações genuínas, em nada mais. Aqueles espíritos facciosos e enfastiados não sabem fazê-lo. Ele não o faz (é o que ele quer dizer) com a doutrina de toda sorte de obras, onde tudo é fragmentado e mendigado; ao invés, o que a lei visa precisa estar presente por inteiro, e isto é o amor, um amor que flua como um regato a jorrar do coração, que seja puro; e uma boa consciência e uma fé honesta, não simulada. Se for este o caso, estará bem, ou se terá errado o sentido e entendimento de toda a lei.

Estas são palavras profundas e genuinamente paulinas, além de muito ricas. Por isso precisamos explicá-las um pouco, para entendê-lo melhor e para nos habituarmos com seu discurso. Em primeiro lugar afirma que o resumo de toda a lei, que a contém e a tudo abrange, é o amor. Em bom português amor significa (como todo mundo sabe) nada mais do que ter inclinação e boa vontade do fundo do coração para com alguém, demonstrando plena generosidade e amizade, etc. Ora, eles também dizem isto, pregando e elogiando muito o amor. Mas nisto visam apenas a sua própria vantagem. Os hereges, ímpios e malvados também têm amor, mas somente

entre si próprios e em causa própria, odiando e perseguindo, enquanto isso, todos os cristãos probos, tanto é que prefeririam matá-los, se pudessem, etc. Se, porém, escolho uma ou duas pessoas que me agradam e fazem o que quero, e sou amável e favorável a elas e a mais ninguém, isto nem de longe é amor. Isto é o que se chama de amor tacanho, que não vem de um coração puro, mas é pura sujeira.

Pois de coração puro é assim que ele funciona: Deus me ordenou que devo ter amor pelo próximo e ser favorável a todos, amigos ou inimigos, assim como procede nosso Pai celeste, fazendo o seu sol levantar-se e brilhar sobre bons e maus[9], fazendo mais bem àqueles que o blasfemam dia e noite e abusam dos seus bens com desobediência, vícios, pecados e infâmias. Da mesma forma faz chover sobre gratos e ingratos, proporcionando toda sorte de produtos da terra, dinheiro e bens, inclusive aos piores malvados sobre a terra. Por que faz isto? Única e exclusivamente por amor, do qual seu coração está repleto e mais do que repleto, e que derrama tão prodigamente sobre todos, sem excetuar a ninguém, seja bom ou mau, digno ou indigno.

Amor verdadeiro, divino, inteiro e completo é o que não faz exceção, nem se divide ou fragmenta, mas é dirigido livremente a todos. O outro é um amor perverso, quando tenho amizade por aquele que me serve e pode me ajudar e me prestigia, enquanto odeio aquele que me despreza e não está do meu lado; pois esse amor não vem do fundo de um coração fundamentalmente bom e puro, que trata um como o outro; é um amor que apenas busca a própria vantagem e está cheio de amor para consigo próprio, e não para com outros; pois não ama a ninguém a não ser em causa própria, buscando apenas o que lhe serve, seu próprio proveito junto a cada pessoa, e não o proveito do próximo. Quando é elogiado e prestigiado, ele sorri, e inversamente, quando lhe fazem uma cara azeda ou dizem algo que não gosta de ouvir, ele se irrita e ralha e irrompe em palavrões, acabando-se toda a amizade.

Um coração puro, por sua vez, deve seguir a palavra de Deus e seu exemplo de tal maneira que conceda e faça a cada um o que há de mais caro e melhor, o que lhe concede Deus e seu amor divino. Se Deus pode conceder tudo de bom a Judas, o traidor, ou a Caifás, assim como o concede a seus filhos probos, por que razão não haveria eu de lho conceder também? Pois o que poderíamos dar-lhe, que ele não nos tivesse dado em abundância muito maior?

Ora, dirás, ele é meu inimigo e só me prejudica. Ora, meu caro, ele é inimigo de Deus também e lhe causa mal muito maior do que pode causar a ti ou a mim. Pelo fato, porém, de ele ser mau e não merecer amor, o meu

9 Cf. Mt 5.45.

amor não há de se apagar nem cessar. Se ele é mau, ele há de percebê-lo. Mas sua maldade não me sobrepujará. Pelo contrário, quando, por meio do amor, eu puder censurá-lo, admoestá-lo, etc., ou interceder por ele para que se corrija e escape do castigo, fá-lo-ei por obrigação e de bom grado. Mas reagir e ainda ficar inimigo dele e causar-lhe mal, isto não tem valor. De que me adiantaria? Eu não ficaria mais santo por isto, e apenas o tornaria ainda pior. Mas o que me ajuda é desejar e fazer-lhe tudo de bom (se é que ele consegue suportar e aceitá-lo), intercedendo por ele, etc. Assim tenho paz e não preciso engalfinhar-me com ninguém, podendo inclusive ajudar-lhe, talvez, para que ele se corrija. Se, ao invés, fico escolhendo o [objeto do] amor, ganho tanta má vontade para com aquele que odeio, quanto tenho prazer e proveito daqueles outros a quem quero bem. Isto então significa turvar e sujar a água do poço, e o amor não fica puro. Assim também procederam os judeus (contra os quais Paulo fala aqui): eles escolhiam e selecionavam aqueles a quem amavam, praticando um amor falso e abjeto. Por isso seu coração também não podia estar puro.

Mas com que se purifica o coração? Resposta: não se pode purificá-lo melhor do que por meio da suprema pureza que é a palavra de Deus. Encerra-a no teu coração e orienta-te por ela, que ele se tornará puro; toma por exemplo a palavra "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" [Lc 10,27] e orienta-te de acordo; e verás muito bem se não será bem lavado, expulsando a tudo que ali há de egoísmo e interesse próprio. Pois ao te mandar amar o próximo, ele a ninguém exclui, seja amigo ou inimigo, probo ou mau. Pois mesmo em se tratando de pessoa má, que te cause dissabores, não é por isso que ela deixará de ser teu próximo, antes continua sendo do teu sangue e da tua carne, encerrada na palavra "amarás o teu próximo". Por isso (digo eu), se encaras o teu próximo como te ensina e instrui a Palavra, teu coração ficará puro, e o amor, sincero, de modo a não fazeres falsa distinção de pessoas, nem encarares [o desafeto] diferentemente de outro, que é probo e te faz bem.

Sem dúvida a pessoa proba é mais simpática, e naturalmente todo mundo aprecia sua companhia, evitando, por outro lado, pessoas rudes e más. Mas isto ainda é carne e sangue, e não o amor cristão genuíno. Porque um cristão não deve colher seu amor de uma pessoa, como o faz o amor do mundo: o amor do rapaz se inspira numa moça bonita, o do ganancioso, nas posses e no dinheiro, o do potentado ou príncipe, em prestígio e autoridade, etc. Tudo isso é amor colhido ou tomado de empréstimo, preso exteriormente no bem que enxerga numa pessoa, e que só dura enquanto a referida pessoa está presente e pode ser fruída. Entretanto o amor deve ser exuberante, jorrando do fundo do coração como regato de água fresca que não pára de correr, não se deixa estancar, não seca nem se esgota. Ele significa o seguinte: eu te amo não por seres probo ou mau, pois não colho meu amor de tua probidade

como que de um poço estranho, mas de minha própria fonte, qual seja, a Palavra que está enxertada no meu coração, a qual diz: "Amarás o teu próximo". Dali ele jorra em abundância, aberto para todos que dele precisam, atingindo bons e maus, amigos e inimigos, estando inclusive disponível principalmente para os inimigos, uma vez que dele mais precisam, para que eu lhes ajude a sair de sua situação miserável e pecaminosa, particularmente no que tange ao bem supremo; que eu interceda por eles e tudo faça em meu alcance para que também eles venham a se tornar probos, resgatados dos pecados e do diabo. Veja, este é um amor que brota do fundo do coração, não um amor levado para dentro dele, pois nada encontra naquela pessoa em que se inspirar. Mas por se tratar de um cristão e por acatar a Palavra, a qual em si própria é totalmente pura, esta também torna seu coração tão puro e repleto de amor sincero, que ele deixa seu amor jorrar para todos, não aceitando empecilho, seja quem e de que tipo for a pessoa.

É assim que se deveria pregar ao se querer ensinar corretamente a respeito do amor (exigido na lei); aqueles nada querem saber disso, nem o levam em consideração, embora muito conversem sobre a lei e disputem sobre o amor; sequer enxergam, nem refletem que o amor deve jorrar de dentro, que a pessoa tenha o coração puro; isto jamais lhes ocorre, por mais que ouçam, leiam ou preguem eles mesmos a respeito. Só ficam divagando em reflexões inúteis, com sonhos mortos e vãos. Por isso, larga as outras coisas, tudo que se tem pregado sobre obras e vivência correta, como circuncisão, oferendas, jejum, etc. As coisas andam bem quando procedem da palavra de Deus, do coração puro e da fé sincera. Esta é que deve ser a fonte a preceder todas aquelas coisas.

Em diversos estados podes observar como cada um deve exercer seu ofício que lhe está confiado, e praticar atos de amor. Um peão que, ao trabalhar, não enxerga mais longe e não pensa de outra maneira senão: Meu senhor me paga o salário, é por isso que lhe sirvo; no mais não o levo em consideração, etc., — esse não tem coração ou intenção pura, pois não trabalha se não for a troco de pão; se este cessar, ele também pára. Mas se for direito e cristão, terá a seguinte atitude: Não trabalharei pelo fato de meu patrão me pagar ou não, ou por ele ser direito ou ruim, etc., e, sim, porque aí está a palavra de Deus a me dizer: "Empregados, obedecei a vossos senhores como ao próprio Cristo", etc. [Ef 6.5]. O coração que entendeu e valoriza essa palavra diz então espontaneamente: Muito bem, trabalharei para o meu patrão e aceitarei meu salário; mas a razão principal por que o faço é que assim estou servindo a meu amado Deus e Senhor Cristo, que mo ordenou e por que sei que isso lhe agrada, etc. Aí vês uma obra autêntica vinda de um coração puro.

Da mesma forma deve pensar um mandatário, ou príncipe, ou quem tem o dever de governar: Deus me entregou o comando, de modo que eu sou o

chefe. Mas se apenas cuido do meu próprio prestígio, da minha posse e autoridade, então meu coração não está puro, ainda que execute os atos pertinentes a um príncipe, de modo que o mundo não possa queixar-se de mim, nem o imperador e os juristas possam censurar ou punir-me segundo o seu direito, tampouco como pode censurar o empregado que trabalha pelo salário, não importando se procura seus próprios interesses ou não. Perante Deus o coração ainda está impuro, de modo que seus atos não lhe agradam, pois neles não se encontra a palavra de Deus, e, sim, seu próprio ídolo: prestígio, dinheiro, poder, etc. Se, todavia, seu coração tiver a seguinte atitude: pelo fato de eu me encontrar no cargo no qual Deus me colocou, e de ele ter dito: Quem está no comando ou ocupa um cargo, que seja consciencioso, etc. - eu o desempenharei com toda fidelidade, para servir e agradar a Deus. Neste caso seu comando parte de um coração puro e excelente, no qual Deus e o mundo se comprazem. Além disso é um amor que não está preso exteriormente na pessoa, na posse ou no prestígio, mas brota do coração, tendo em mente a palavra de Deus, a qual, sendo pura e limpa, torna também o coração puro e limpo. Desta forma seu comando e seus atos passam a ser puro serviço a Deus e oferenda agradável, porque se orientam pela palavra e exclusivamente pela vontade de Deus. Isto aquelas lavadeiras não conseguem ensinar nem mostrar. Não sabem mais do que ficar alardeando que devemos ser probos, o que é o máximo que conseguem ensinar, fazendo apenas uma pregação jurídica, de direito secular, como pregam o imperador e seus doutores. Mas como tornar puro o coração, disso não têm a menor idéia nem nunca ouviram falar como é que se deve aplicar a palavra de Deus aos diversos estados e atividades.

O mesmo vale também para o estado clerical e seus ministérios: se eu ou alguém outro prega por causa de boa e bem dotada paróquia, quando no mais não o faria, então posso muito bem pregar o Evangelho, porém meu coração não está limpo, mas é pura sordidez. Por isso, mesmo que eu fique pregando longamente, dizendo ser boa obra e ministério precioso, etc., eu próprio não o estou compreendendo, porque não vem do fundo do coração. Reto, porém, é o coração quando tem a seguinte atitude: Embora tire daí meu sustento, não é só por isso; antes, porque Deus me vocacionou para este ministério e me encarregou de executá-lo com fidelidade e empenho para o seu louvor e salvação das almas, faço-o com sinceridade e de bom grado por amor da Palavra. Então não busco a estima ou amizade, prestígio ou gratidão das pessoas. [Minha atividade] provém do coração e se desincumbe do encargo antes que traga prestígio, dinheiro ou favorecimento, embora, quando estes forem a conseqüência, possa tê-los e fruí-los sem pecado.

Portanto, a Palavra é a causa, a razão, o chão e a fonte do amor de coração e de todas as boas obras, se é que devem agradar a Deus. Pois ele não gosta delas se o coração não estiver puro antes. Pois mesmo perante as

pessoas não tem valor a obra feita sem coração, por pura hipocrisia. Ora, se inclusive o imperador e as pessoas exigem o coração, embora não o possam ver, quanto maior não será perante Deus a necessidade de um coração que tudo faz por amor da Palavra? Por isso ele também manda pregar que devemos orientar-nos pela mesma em toda a nossa vida e atividade. Que não permitamos que algo nos impeça ou questione, canse ou desanime, mesmo que por isso soframos prejuízo, ingratidão, desprezo, etc. Antes devemos enfrentar tudo isso resolutamente e digamos: Não o empreendi por causa de uma pessoa humana, nem o deixei por esta razão. Eu o farei por amor de Deus, e o mais, que se lixe. Isto produzirá excelentes pessoas, mandatários, príncipes, súditos, pregadores, etc., aptos para todas as boas obras, que servem e procuram agradar a Deus com prazer e amor, porque a fonte é boa, não se nutrindo alhures, nem sendo trazida de fora para dentro.

Seja este um rápido comentário sobre o primeiro ponto: o coração se purifica exclusivamente pela Palavra, e não, como sonham os monges, debatendo-se sozinhos com pensamentos maus ou impuros e criando outros pensamentos. Porque pensamento vai, pensamento vem, o coração não deixa de ficar impuro quando a palavra de Deus não se encontra nele, mesmo que apresentem grande aparência de vida devota a Deus, como o próprio Paulo diz a respeito deles. Essa pureza da qual ele fala, entretanto, vai além daquela pureza física exterior observada pelos judeus beatos, com muitas lavagens, banhos, alimentação e bebida, e os nossos clérigos com seus jejuns, vestes, ordens, etc. Na verdade trata-se de uma pureza do espírito, de se saber a partir da palavra de Deus como se deve servir-lhe em todos os estados.

Segue-se então o segundo ponto: DA BOA CONSCIÊNCIA, de que o amor deve partir de um coração que tenha uma consciência tranqüila e confiante perante Deus e os seres humanos. Perante as pessoas, da forma como S. Paulo se gaba de ter vivido, sem ofender, nem entristecer, nem dar mau exemplo a ninguém. Todos que o viram e ouviram só podem atestar que ele serviu, ajudou, aconselhou e fez o bem a todos. De semelhante consciência também se gaba Moisés frente a seus amotinados em Nm 16.15: "Jamais lhes tirei um burro sequer, nem lhes causei mal algum"; idem Jr 18.20: "Senhor, considera que sempre orei por eles e falei bem a seu respeito perante ti, desviando deles a tua ira", etc. Da mesma forma também 1 Sm 12.2,3: "Eu marchei à vossa frente desde a minha mocidade até o dia de hoje. Aqui estou. Testemunhai contra mim diante do Senhor se tomei o boi ou jumento de alguém, se coagi ou pratiquei injustiça para com alguém, se oprimi alguém, se aceitei presente às escondidas de alguém", etc.

Eis a glória e orgulho que todo cristão também deveria ter: viver desse modo frente a todos, praticando e demonstrando seu amor, que ninguém possa acusá-lo com algo que possa intimidar sua consciência, mas que todos tenham que dizer, se quiserem ser honestos, que ele procedeu de modo a

produzir apenas coisas positivas para quem quisesse aceitá-lo, podendo elogiar esse procedimento perante Deus e na presença de qualquer um. Isto é o que se chama de boa consciência perante as pessoas, ou em relação às pessoas.

Ora nem mesmo uma consciência dessas resiste ao juízo de Deus, o que também vale para aquela pureza do coração na vida exterior ou nas obras do amor (porque perante Deus ainda continuamos sempre pecadores). Por isso o coração deve ser tal, que perante ele possamos confortar-nos e dizer: Foi isso que Deus ordenou. Por isso o faço de coração puro e de boa consciência e não gostaria de agir de outro modo, nem atingir e ofender a ninguém; mas o que digo e faço é ordenado por Deus e a mim encarregado. O cristão não deve deixar que lhe arranquem esta firmeza de poder gabar-se e reportar-se à palavra de Deus contra o mundo inteiro. Pois quem não cuida de sua conduta, de modo a poder calar a boca de qualquer um e responsabilizar-se perante os outros e demonstrar que viveu, falou e agiu direito, ainda não é cristão e não tem coração puro nem amor dentro do mesmo. Pois a pretensão de se fiar na doutrina da fé, de que, em se tendo a mesma, se poderia então fazer o que bem se entendesse, tanto faz se para o bem ou mal do próximo, não vale de forma alguma; caso contrário essa doutrina levaria a fama de permitir a arbitrariedade e malvadeza de cada um; ao invés, trata-se de amor vindo do coração puro e da boa consciência, de modo que ninguém possa censurá-lo nem acusá-lo de alguma maldade.

Mesmo que isto tenha sido pregado a respeito do nosso viver e agir, e o cristão seja outra pessoa perante Deus, conforme ouviremos, ele também precisa empenhar-se em ser irrepreensível perante o mundo; e se nisto não consegue satisfazer, que intercale um Pai-Nosso, e diga tanto a Deus quanto às pessoas: "Perdoa-nos a nossa culpa, assim como também perdoamos", etc. De modo que a vida não deixe de ser irrepreensível perante as pessoas, mantendo a boa consciência; se não for pelo perfeito amor e pela pureza do coração, que seja pelo menos pela humildade de pedir o perdão a cada um quando não procedeu ou não pode proceder de modo puro e plenamente satisfatório. Assim teu próximo só poderá dizer: Muito bem, embora me tenhas ofendido ou não me tenhas servido satisfatoriamente como deverias: pelo fato de te humilhares perante mim, de bom grado te perdoarei e passarei por cima, como é minha obrigação e como gostaria que também tu me fizesses de tua parte; tendo em vista a tua humildade, tenho que dizer que és pessoa proba, por não insistires em agir arbitrariamente contra mim, mas te converteres ao amor. É considerado irrepreensível também por estar encoberto pela humildade, tendo sido novamente corrigido aquilo que era repreensível, de modo que não há motivo para queixa. A lei deve ser interpretada e pregada em ambos os sentidos: que o amor parta genuinamente de um coração puro para todos por amor de Deus, e a consciência subsista perante o mundo. É isto que aqueles charladores inúteis deveriam fazer, em lugar de sua conversa fiada, indolente e vazia.

Mas para que tudo isso tenha valor e subsista perante Deus, é preciso algo mais, ou seja, o que segue:

"E de uma fé não simulada".

Pois, como disse, mesmo que diante das pessoas eu tenha a consciência tranqüila e pratique o amor de coração puro, continua existindo o velho Adão, a carne e o sangue pecaminosos dentro de mim, de modo que não sou santo e puro de forma completa, como Paulo diz em Gl 6 [sc. 5.17]: "A carne deseja contra o espírito", etc. E ele próprio diz em Rm 7.15ss. a respeito de si mesmo, que tem que lutar sem cessar consigo próprio, que não consegue fazer o bem como gostaria; o espírito bem que gostaria de viver de forma pura e perfeita segundo a palavra de Deus, mas a carne estaria a impedir e atribular, de modo que ainda buscamos nossa honra, nossa ambição e gozo da vida, ficando indolentes, enfastiados ou cansados em nossa posição ou serviço.

Continua portanto uma perene luta e resistência dentro de nós. Assim sempre se insinua muita coisa impura por causa desta parte da nossa pessoa, não podendo haver apenas pureza, consciência tranqüila e amor pleno, a não ser perante os outros; perante Deus, porém, ainda há muitas deficiências e aspectos repreensíveis em nós, mesmo que aos outros pareça tudo perfeito. Por exemplo: Davi pôde sustentar-se perante os outros, de modo que ninguém ousava censurá-lo; os santos profetas Isaías, Jeremias, etc. se gabam e têm certeza de que aquilo que fizeram em seu ministério divino estava correto e bem-feito. Pois era palavra e ordem de Deus, e eles agiram de coração puro e consciência limpa. Apesar disso não podem sustentá-lo perante o juízo de Deus, mas têm que dizer: Quando se trata de disputar contigo, ninguém terá consciência tão boa nem coração puro; terá que temer o teu julgamento e confessar-se repreensível; pois Deus reservou-se a prerrogativa de ter um motivo e a pretensão, no que tange a cada santo, de ninguém lhe ser tão santo que não pudesse condená-lo com razão, merecendo a danação. Por isso, mesmo que perante as pessoas tanto o coração quanto a consciência estejam limpos e bons, precisas cuidar tanto mais para que também perante Deus haja um coração puro e uma consciência tranqüila, que ele não os repreenda também, estando, desta forma, seguro perante seu juízo como estás perante os outros.

Acrescenta-se então necessariamente esse terceiro item, que é a FÉ. Este é o ponto principal e mandamento supremo, que contém em si todos os demais: é preciso saber que, quando o amor não for perfeito, o coração não for puro o bastante e a consciência não estiver em paz, porque ela ainda encontra o que censurar onde o mundo nada mais encontra, deve entrar a fé, e uma fé tal que não seja hipócrita nem adulterada com a confiança de santidade própria. Pois onde não houver a fé, o coração não estará puro perante Deus, nem a consciência subsistirá quando começar o rigoroso juízo

e acerto de contas. Aí então as pessoas certamente me deixarão em paz, que eu lhes possa resistir. Eu lhes servi, preguei, ajudei, eu os governei e dirigi com toda a lealdade, e se tiver feito de mais ou de menos, lamento, pois eu bem que gostaria de ter feito tudo que me cabia. Com isto estou seguro e desculpado, no sentido de que nada mais têm a exigir e estão obrigados a dar quitação da dívida. Aqui, porém, consta: perante Deus devo ter simplesmente um coração puro e consciência tranqüila, de que ele não pode culpar-me nem condenar-me; isto não encontramos em nós, mesmo que tenhamos algo do que nos gabar neste sentido perante o mundo.

Por isso preciso aqui de algo diferente, algo a que me possa agarrar na hora da morte, quando minha consciência temerosa e assustada só puder dizer: Eu fiz o que pude; mas quem sabe quanto fiz, e quantas vezes fiz de menos? Pois não posso perceber tudo, como também diz o Sl 19.12: "Quem consegue perceber quantas vezes falha?" Portanto não posso bascar-me em minha santidade ou pureza. Sem dúvida tenho a Palavra: assim deves viver, amar e ter boa consciência, [Palavra esta] que certamente é pura e santa. Mas o problema é este: nem por isso posso concluir que assim seja em meu coração, nem tampouco constatar em mim essa consciência pura e boa como a exige a Palavra. Pois neste aspecto não há ninguém sobre a terra que possa dizer: Eu sei que tudo fiz e nada fiquei devendo a Deus. Ao invés, mesmo os mais santos só podem dizer: Eu fiz o que esteve a meu alcance, mas falhei muitas vezes mais do que eu próprio sei. E assim a nossa própria consciência está contra todos nós, a nos acusar e nos fazer impuros, embora perante o mundo tenhamos sido aprovados, e continuemos aprovados da melhor maneira possível. Pois o critério do julgamento da consciência é necessariamente a Palavra, que diz: Isto deverias ou não deverias ter feito. A consciência não pode passar por cima desta, nem responder à mesma, tendo que ficar pelo menos na dúvida. Mas se fica em dúvida, ela já está impura, porque não fica firme frente a Deus, mas esperneia e foge.

Por isso é preciso que venha em nosso auxílio o ponto principal da nossa doutrina, qual seja, que nosso Senhor Jesus Cristo foi enviado ao mundo pelo Pai; que padeceu e morreu por nós, reconciliando-nos desse modo com o Pai e levando-nos à graça; que agora está sentado à direita do Pai, a nos acolher como nosso Salvador e que, como nosso Mediador e Intercessor perene, fala o melhor em favor de nós; que não conseguimos ter nem alcançar semelhante pureza perfeita e boa consciência, de modo que por intermédio dele possamos dizer perante Deus: Mesmo que eu não seja puro nem possa ter consciência boa, apego-me àquele que tem pureza perfeita e consciência boa e as empenha por mim, inclusive, mas dá de presente. Pois unicamente a respeito dele está escrito (como S. Pedro [1 Pe 2.22] cita Is 53.9): "Ele não cometeu pecado algum, nem jamais disse alguma falsidade". E esta reputação ele merece perfeitamente, de modo a não precisar daquela petição no

Pai-Nosso: "Perdoa-nos as nossas dívidas", nem do artigo de fé: "Creio no perdão dos pecados", etc. Pelo contrário, ele está livre e seguro, em justiça e pureza eternas, perfeitas e plenas, as quais ninguém pode acusar, nem incriminar sua consciência, seja pessoa humana, seja diabo, seja o próprio Deus. Pois ele próprio também é Deus, o qual, afinal, não pode acusar-se a si mesmo.

Esta, pois, é a FÉ não simulada nem hipócrita, mas que pode ousar apresentar-se a Deus nessa luta e nesse esperneio da consciência, dizendo: Amado Senhor, perante o mundo sem dúvida sou inocente e estou seguro de não poderem censurar-me nem levar-me perante o juiz; pois mesmo que eu não tenha feito tudo, não deixo de pedir a cada um que me perdoe pelo amor de Deus, assim como também perdôo a cada um; com isto os fiz calar, de modo que não têm mais demanda contra mim. Mas perante ti eu realmente preciso encolher o rabo e de fato confessar minha culpa, falando como o próprio Davi em Sl 143.2: "Senhor, não julgues o teu servo, pois perante ti nenhuma pessoa sobre a terra é justa"; por isso não tenho como demandar contigo em termos jurídicos; antes quero apelar diretamente e recorrer do teu tribunal de justiça para o teu tribunal da graça. Perante o tribunal de justiça do mundo admito perfeitamente que se trate de justiça comigo, ali me responsabilizarei e farei o que me couber; mas perante ti não quero saber de justiça; quero antes arrastar-me até a Cruz para suplicar e receber graça o quanto puder.

Pois a Escritura me ensina que Deus instituiu dois tribunais para os seres humanos: um tribunal de justiça para aqueles que ainda estão seguros e orgulhosos e não querem reconhecer nem confessar seu pecado; e um tribunal da graça para as consciências miseráveis e temerosas, que sentem seu pecado e o confessam, ficando aflitas diante do seu juízo e desejando a graça. Pois este tribunal da graça é o próprio Cristo, diz S. Paulo em Rm 3.25, o qual Deus instituiu para nós a fim de que ali tenhamos recurso quando por nós mesmos não conseguimos subsistir perante Deus. A isto também eu quero agarrar-me quando fiz ou ainda faço muito pouco, e muito mais pecado segundo a lei, tanto antes da minha santificação e justificação quanto depois. Então meu coração e minha consciência, por mais puros e bons que sejam ou venham a se tornar perante as pessoas, nada significarão e serão sumariamente encobertos por uma abóbada, um belo firmamento que lhes dará poderosa proteção e guarida. Este firmamento se chama GRAÇA e PERDÃO DOS PECADOS. Ali debaixo meu coração e minha consciência se refugiarão e ficarão seguros.

Pois ele próprio mandou seus apóstolos proclamar e apregoar que em seu nome todo aquele que crê deverá ter o perdão do pecado; ou: "Quem crer e for batizado, será salvo" [Mc 16.16]. E ele próprio diz em Jo 3: "Deus amou o mundo a tal ponto, que deu seu Filho unigênito, para que todos que

nele crerem não sejam perdidos, mas tenham a vida eterna'', etc. [Jo 3.16]. Ou seja, o próprio Deus instituiu o tribunal da graça, e do tribunal da justiça nos remete para aquele. Os outros deixaremos apresentar-se ao tribunal da justiça, como os santos pretensiosos, os desprezadores e perseguidores da palavra de Deus. Ali hão de ouvir sua sentença; deixa-os ficar em seu círculo, até que também se humilhem; nós, entretanto, não queremos ficar nesse círculo; queremos abandoná-lo, fugir dele o quanto pudermos para o círculo e espaço livre, onde se encontra o tribunal da graça. E a isto nos reportamos com todo direito, porque não é fruto da nossa fantasia, e, sim, sua própria palavra. Sobre aqueles, porém, que se achegam com sua santidade, para com ela subsistirem perante Deus, desconsiderando o tribunal da graça de Cristo, pesa a ameaça de uma sentença rigorosa e terrível. Pois sobre eles já está pronunciada a sentença: terão que se apresentar ao tribunal da justiça, como diz Cristo em Jo 3.18: ''Quem não crê, já está julgado; pois não crê no nome do Filho unigênito de Deus; mas quem nele crê, não será julgado'', isto é, não será mandado para o tribunal da justiça, mas para o tribunal da graça, onde não haverá ira, mas será considerado filho amado, sendo tudo perdoado o que nele não estiver puro, sim, tudo será apagado, como a gota d'água pelo calor do sol. Pois onde vigora o tribunal da graça, somente há perdão e indulgência de todo e qualquer pecado.

De modo correspondente é preciso aprender a distinguir entre os dois pontos chamados lei e Evangelho, a respeito dos quais estamos ensinando o tempo todo. A lei nos leva perante o tribunal da justiça, porque exige de nós que sejamos íntegros e amemos de coração puro e consciência boa. Além disso é sua função que nos exercitemos nisso, só isto e nada mais. Mas quando ela vem e exige de ti que prestes contas e dês o que ela quer, aí é que está o problema. Pois mesmo que a tenhas cumprido, não subsistirá perante Deus, pois para ele ainda terá muitas falhas e deficiências que não supriste e das quais nem te deste conta. Como vais querer escapar? A lei te aperta e te acusa por meio de tua própria consciência, a qual testifica contra ti, e simplesmente exige que sejas sentenciado. Então cairás no desespero e não terás recurso nem saída, caso não souberes fugir do tribunal da justiça para o tribunal da graça. Por exemplo, um bispo (que foi probo e viveu condignamente) morre em sua santidade sem ter conhecido outro Cristo senão o juiz severo. Pois foi assim que o pregaram e descreveram até agora, e que ele também é para tais pessoas, não por causa dele próprio (pois ele deveras é pura graça e conforto), mas pela razão de eles, em seu coração, não o terem nem sentirem de outra maneira. Veja, essa pessoa impede a si própria de alcançar a graça, não havendo ninguém que lhe ajude em sua ignorância. Pois não sabe a diferença entre tribunal da justiça e tribunal da graça, inclusive nem conhece o tribunal da graça, perdendo, portanto, a oportunidade de chegar até ele, e tendo que ficar sob o tribunal da justiça.

Nós, porém, ensinamos que devemos conhecê-lo e considerá-lo como quem ali está assentado em favor das pobres consciências temerosas que nele crêem, não como juiz irado e propenso a castigar, mas como mediador clemente, amável e confortador entre minha consciência assustada e Deus, a dizer-me: Se és pecador e estás assustado, e se o diabo, pela lei, quer levar-te perante o tribunal da justiça, então vem e fica comigo e não temas ira nenhuma. Por quê? Porque estou sentado aqui para que eu — caso creres em mim — intervenha entre ti e Deus, para que nenhuma ira nem inclemência te possa atingir. Pois antes que a ira e a punição atinjam a ti, elas primeiro precisam atingir a mim próprio. Isto, porém, é impossível. Pois ele é o filhinho amado, no qual repousa toda a graça, tanto que, quando o Pai o encara, só pode haver puro amor e bem-querer no céu e na terra, desaparecendo e apagando-se toda a ira. E tudo que ele queira e deseje do Pai, não pode deixar de ser, sem contradição nem dúvida alguma. Desta forma, através da fé, tornamo-nos totalmente venturosos e seguros de não sermos condenados. Isso não graças à nossa santidade ou pureza, e, sim, graças a Cristo, porque nos agarramos a ele como nosso tribunal da graça, através dessa fé, com a certeza de que nele e com ele não pode restar ira alguma, mas apenas o amor, o poupar e perdoar, etc. Desta forma o coração se torna puro perante Deus, e a consciência, boa e tranqüila, independentemente de minha própria pureza ou conduta perante o mundo, considerando antes o tesouro amado que meu coração abraça, que é meu penhor e plenitude quando estou falto e não tenho como pagar a Deus.

Mas a ênfase aqui é esta: que se atente para que a fé não seja falsa ou, como diz Paulo, simulada, e sim honesta, de coração. Porque onde ela falha ou engana, falha tudo. Pois sempre houve muitos, como também hoje em dia, que sabem falar muito a respeito da fé e querem ser mestres não só da lei, mas também do Evangelho. Também eles dizem, como nós, que a fé é o que importa, mas que é preciso acrescentar a lei e boas obras também, caso contrário a fé não teria valor, — e assim confundem nossa vida e conduta com Cristo. Isto não é ensino puro e límpido da fé, mas fé simulada, distorcida e falsificada, que não é fé, mas uma falsa aparência e simulação da fé, porque a confiança do coração não está depositada exclusivamente em Cristo como tribunal único da graça, mas é depositada em nossa santidade, para com ela subsistir perante o tribunal da justiça. Assim sendo, é com razão que perante Deus ela seja condenada e lançada para onde é seu lugar.

Pois para que a fé seja pura, límpida e não simulada, é preciso distinguir muito bem estas duas coisas: Cristo e minha obra. Afinal, qualquer um tem que entender que Cristo e sua obra não é minha obra e conduta, mas algo separado da lei e da vida de todas as pessoas, e muito mais separado do que uma pessoa da outra. Afinal não posso dizer que eu e o imperador, ou o papa em Roma, sejam a mesma coisa. Ainda assim lhe estou muito mais próximo

e lhe sou mais semelhante, enquanto pessoa pecadora e mortal, do que ao Senhor Cristo, o qual não só é pessoa santa e pura, sem qualquer pecado, mas também o próprio Deus uno. Por isso deixa aqui na terra a lei, teu coração puro e a boa consciência frente às pessoas; mas onde está o tribunal da graça à direita do Pai, sendo mediador entre ti e Deus, ali nenhuma obra nem mérito humano deve chegar nem valer qualquer coisa. Pois qual foi a contribuição minha ou de qualquer pessoa para estar ele sentado à direita do Pai? Ele ali foi assentado sem qualquer obra ou idéia minha, e sem qualquer participação da lei, pois na lei não se encontra sequer uma letra a este respeito. Por isso ele só pode estar estritamente separado de todo o meu ser, viver e fazer; e está bem claro que ele é outra coisa que não nossa vida de coração puro e boa consciência, conforme ela se apresenta aos outros, da melhor maneira possível. Pois ao chegar perante Deus e me deparar com o tribunal da justiça, para onde me remete a lei, estou condenado e perdido; mas Cristo é o tribunal da graça, e quem com ele permanece, não pode ser condenado nem sentenciado.

Portanto, aqui se separam o tribunal da justiça juntamente com a lei e toda a minha vida de um lado, ali fico eu e todos os santos e deixo tudo ser condenado em nome de Deus; minha fé, porém, como fé de um pobre condenado que confessa seu pecado, que fuja e salte bem longe para o outro lado, para o querido tribunal da graça, ficando com aquele que é puro e não tem pecado, a respeito do qual a Escritura diz: "Quem nele crê, não perecerá" [Rm 9.33], porque ele ali está e por mim intercede da melhor maneira, concedendo-me ainda toda a sua pureza e santidade, para que eu, por elas encoberto e revestido, subsista perante Deus e toda ira seja arrefecida, pairando ao invés apenas amor e misericórdia sobre mim.

Veja, é assim que a fé permanece pura e não simulada, porque ela repousa e se baseia não em mim mesmo, nem em meu procedimento, como se este fosse razão para Deus ser clemente para comigo, como faz a fé hipócrita e falsa; esta mistura a misericórdia de Deus com mérito meu. Mesmo mantendo as palavras a respeito de Cristo, ela deposita a confiança do coração na própria pessoa, sendo, portanto, apenas uma pintura externa, que não resiste. Pois ao fim e ao cabo, se acreditas que Deus deve ser clemente para contigo por assim teres vivido, terás que duvidar e dizer: Quem sabe como procedeste? Como é que tens certeza de nada teres omitido e de que nada tenha faltado? E assim perdes o chão debaixo dos pés feito areia movediça, ficando então prostrada a fé.

É certamente por isso que se lhe chama de fé simulada ou tingida. Através dela o coração olha como que por um vidro colorido, por meio do qual um objeto parece vermelho ou azul (como o vidro), embora não tenha esta cor. Portanto eles acreditam que Deus atenta para nossas obras e nosso mérito, e o pintam segundo suas próprias idéias e sonhos, que em si mesmo

são falsos. Encaram através de um vidro colorido a Deus e a tudo que julgam segundo aquele critério. Entretanto o enxergarás de olhos límpidos e puros se souberes distinguir bem entre esses dois tribunais, para que o céu (da graça e do perdão através do Mediador) permaneça límpido com suas estrelas, onde Cristo governa com suas obras, bem como também a terra, com suas árvores e ervas, onde é o nosso lugar e de tudo que nos pertence.

Se quisermos subsistir perante Deus com fé autêntica, não simulada, precisamos chegar ao ponto de saber distinguir claramente entre nós, ou nossa vida, e Cristo, ou o tribunal da graça. Quem, todavia, não quiser, preferindo entrar de cabeça direto no tribunal da justiça, não deixará de encontrá-lo, batendo de cheio com a cabeça. Eu também estive lá e me queimei, dando-me por feliz pelo fato de poder achegar-me ao tribunal da graça, tendo que dizer agora: mesmo tendo vivido da melhor maneira possível perante os outros, tudo que fiz ou deixei de fazer, que fique ali sob o tribunal da justiça e receba o destino que Deus quiser. Eu porém não sei de outro conforto, auxílio nem conselho para minha bem-aventurança senão que Cristo é meu tribunal da graça, que não cometeu pecado nem mal algum, e por mim morreu e ressuscitou, estando assentado à direita do Pai, acolhendo-me à sua sombra e proteção. E não tenho dúvida alguma de que por meio dele, perante Deus, estou a salvo de toda ira e medo. Assim a fé permanece pura e límpida, porque nada simula, nenhuma força ou conforto busca senão o Senhor Cristo.

Quem, portanto, souber fazer isso, este é uma pessoa bem encaminhada. Pois todos os outros só lidam com fé falsificada. Sem dúvida exaltam bastante a fé, porém a adulteram, como os taberneiros adulteram vinho com água, ao dizerem: Se viveres assim e assado, Deus terá clemência para contigo. E transformam o tribunal da graça no tribunal da justiça, e vice-versa, como se o tribunal da justiça devesse tornar-se tribunal da graça. Mas em vão, porque sem dúvida continuará sendo tribunal da justiça, etc. Por isso afasta bem os dois um do outro, o mais que puderes, que um não venha a ter nada com o outro: tua vida e santidade e o tribunal da justiça [fiquem] num lugar que te empurre e estimule a ter boa consciência e a viver corretamente perante os outros; o teu pecado, porém, [fique] perante o tribunal da graça do outro lado, onde Deus quer receber-te amavelmente e tomar-te nos braços como filhinho amado, com teus pecados e tua consciência temerosa, não querendo mais saber de ira.

Veja, caso se pregasse dessa maneira sobre a fé, a pessoa estaria bem, e todas as demais coisas viriam como conseqüência: coração puro e consciência boa por meio de amor autêntico e perfeito. Pois quem, no coração, está seguro, por meio da fé, de ter um Deus clemente que não está irado com ele, embora mereça a ira, este anda e tudo faz confiadamente e deste modo também pode viver perante os outros, amar e fazer o bem a todos, mesmo

que não sejam dignos do amor. Perante Deus sua situação é de segurança graças a Cristo, o Mediador, de ele não querer lançá-lo ao inferno, mas apresentar-se-lhe com um sorriso e abrir-lhe o céu.

Esta é a segurança suprema, princípio e fundamento da nossa bem-aventurança. Depois lido com o meu próximo em minha vida e lhe faço o maior bem que posso, segundo exige e manda meu ofício ou estado; e quando não faço o suficiente, antecipo-me e lhe peço perdão. Assim fico de consciência boa e tranqüila perante Deus e os outros, de modo que nem ele nem o mundo me repreendam mais e nem o inferno nem o diabo possam devorar-me. Assim a pessoa é considerada perfeita em todos os sentidos perante os outros por meio do amor; perante Deus, porém, não por meio da lei, mas por meio de Cristo, o qual ela, em sua fé, abraça como o tribunal da graça que por mim empenha sua santidade e nele me proporciona aquilo de que preciso para a salvação.

Esta é então a doutrina autêntica e pura que deveria ser promovida, ensinando as pessoas a fazer a distinção entre subsistir perante Deus e subsistir perante os outros, sem confundir e misturar fé e amor, ou a vida perante Deus e a vida frente aos outros. Isto é o que deveriam fazer aqueles pregadores ufanos, já que querem gozar a reputação de serem mestres da lei, para que isto seja bem reconhecido e preservado na cristandade. Afinal, por mais que se o promova, já custa muito a aprendê-lo, particularmente nós que estamos acostumados e assim fomos educados na doutrina das obras, orientados apenas para a lei e para nós mesmos. E neste sentido ainda o propicia a nossa natureza, a qual por si mesma já tem esta propensão, enraizada e reforçada pelo costume, habituando o coração a ponto de não conseguirmos largá-lo nem pensar de outro modo senão: Se eu tivesse vivido de maneira tão santa, se tivesse praticado tantas e tão grandes obras, Deus seria clemente para comigo. Assim precisamos pelejar tanto contra a nossa natureza quanto contra nosso aferrado costume, de modo que fica extremamente difícil adotar outra atitude, para distinguir tão limpidamente entre fé e amor. Ao invés, a imundície sempre pega e fica grudada, embora já estejamos na fé, de modo que o coração sempre quer ufanar-se perante Deus, dizendo: Afinal preguei tanto, vivi tão corretamente, fiz tantas coisas, etc., isto ele há de considerar! É bem que gostaríamos de negociar com ele, para que ele leve em consideração a nossa vida e transforme, a nosso favor, seu tribunal da justiça num tribunal da graça. Mas de nada adianta. Frente aos outros podes gabar-te dizendo: Fiz o melhor que pude perante todo mundo, e onde estiver em falta, de bom grado o completarei. Mas se queres apresentar-te perante Deus, deixa essa gabolice em casa e lembra-te de te reportares da justiça à graça.

Quem quiser, que tente, e verá o quanto é difícil e penoso a pessoa que passou a vida toda envolvida em sua santidade meritória, alçar-se para fora desta e elevar-se de todo o coração, por meio da fé neste Mediador único.

Pois até eu mesmo, que por quase vinte anos o estou pregando e incentivando pela leitura e pela escrita, bem que poderia ter-me livrado disso, mas continuo sentindo sempre a velha baboseira grudenta de querer negociar com Deus e apresentar algo para que ele tenha que conceder-me sua graça por minha santidade. E não consigo aprender que devo entregar-me totalmente à graça pura e simples. Mas o que vale e não pode ser diferente é que o tribunal da graça tem que vigorar e permanecer exclusivamente, porque ele próprio o instituiu, caso contrário ninguém se apresente perante Deus.

Por isso não admira que é difícil para outros formularem a fé de modo tão puro, principalmente quando ainda se intrometem os mencionados pregadores do diabo e aós quais se refere S. Paulo. Eles se opõem abertamente e advogam a lei com chavões do tipo: "Faz isto, então viverás"; ou: "Se queres entrar para a vida, então guarda os mandamentos", etc. Isto sem dúvida é correto e verdadeiro, se também o entenderes corretamente; mas ensina-me o sentido genuíno, pois que devo ser uma pessoa reta e guardar os mandamentos, isso eu já o sabia antes. Mas como é que eu chego lá? Ou o que quer dizer "ser justo"? Se disseres: significa ter a consciência tranqüila, um coração puro e fazer tudo que Deus ordenou — tudo bem; porém, mostra-me isto, eu quero ver um que possa dizer isso [a respeito de si]. Ainda faltará muito para conseguires apresentar-me um coração ou consciência que Deus não possa punir e condenar. Ora, a lei exige (como dissemos de sobejo) um coração tal que tenha a consciência reta e boa perante Deus. Onde se consegue isso? Esta é a questão e o assunto de que estamos tratando. Naturalmente não o conseguirás pregando o tribunal da justiça, e, sim, tendo uma fé pura, não simulada, que se agarra a Cristo e nele tem e recebe tudo que a lei exige. Então tudo estará puro e haverá consciência boa, sendo considerado probo e justo perante Deus. Pois mesmo que haja falha em mim, ele por mim se empenha e tem tanta probidade a ponto de suprir a deficiência minha e de todas as pessoas.

Portanto, nós mostramos como tornar-se justo perante Deus, eles, porém, apenas perante as pessoas, se é que conseguem fazê-lo tão bem. Mesmo assim ainda querem elevá-lo de modo a valer perante Deus, misturando tudo num único mingau, como quem de nada entende nem tem experiência a respeito do que diz ou afirma. Mas o que é que tanto alardeias: Quem quer ir para o céu, precisa guardar os mandamentos, etc.? Deste jeito é que não chegarás lá; pois olha para ti mesmo e examina teu peito, e verificarás que nasceste e viveste em pecados e não consegues cumprir o que a lei exige. Para que deixas o pessoal boquiaberto ao dizeres: Deves ser justo, então estarás a salvo — palavras sem conseqüência alguma — e a ninguém mostras como chegar lá? As palavras ouço muito bem, o que a lei exige, mas como consigo implementá-las? Então mais uma vez apontas para mim e dizes: Precisas praticar boas obras! Mas como é que subsistirei perante Deus,

se pratico muitas boas obras e sou justo perante os outros, como me ensinas, para ter a certeza de que Deus também me considera justo? Pois aí o meu próprio coração e minha consciência me contrariam e discordam.

Antes deverias ensinar-me, como faz S. Paulo aqui e em toda parte: que as coisas precisam jorrar da pura e simples fé inadulterada, para que, antes de mais nada, se alcance o tribunal da graça, ali buscando e acrescentando o que nos falta. Assim estará bem entendida a sentença: "Cumpre os mandamentos". Pois o que a lei quer é que sejas totalmente probo, tanto perante Deus quanto frente aos outros. Se tiveres isto, então sai e mistura-te com o povo e pratica o amor e boas obras. Assim se atende adequadamente a questão, sendo cumpridas todas essas afirmações. Pois com isto a pessoa demonstra e pratica aquilo que a lei exige, em primeiro lugar perante Deus, mas não por meio de si própria, e sim de Cristo, sem o qual nada podemos fazer perante Deus; e em segundo lugar, por si mesma, também perante os outros. Agora ela é plenamente proba, interiormente através da fé ou de Cristo, depois exteriormente pela ação própria, mas de modo que também suceda o perdão recíproco dos pecados; isto é, a justiça dos cristãos, em todos os sentidos, consiste muito mais no perdão do que no agir próprio, o que aqueles tagarelas de conversa fiada invertem e, sem o perdão, propalam apenas a nossa ação.

Veja, S. Paulo repreende, portanto, o engano e a desinformação daqueles que exaltam e propagam a lei e no fundo não entendem nem mostram eles próprios como empreendê-lo ou implementá-lo, e só têm uma conversa: guardar os mandamentos, a lei, ser salvo, praticar boas obras, etc. E agora enchem livros inteiros de baboseiras e poluem todas as igrejas com essa conversa fiada e inútil que eles próprios não entendem. Mas nunca dizem uma palavra sequer daquilo que Paulo aqui ensina como ponto principal: de como o amor deve vir de um coração puro, da consciência boa e da fé não simulada; não dizem mais do que: Guarda os mandamentos! — mas o seu sentido jamais acertam. Por isso fazem tudo errado, o amor, o coração e a consciência. Isto porque falta a fonte principal, ou seja, a fé sem simulação. Mas quando esta não é genuína, então tudo que dela deve surgir só pode ser falso, e o que eles alegam só pode ser pura empulhação e falsa aparência. É olhar as coisas através de um vidro colorido, de modo a apresentar uma cor que de fato não tem. Acreditam que, por assim terem vivido frente às pessoas, Deus também deveria encará-los desta maneira, como pensam em sua cega pretensão. Se fosse essa a intenção [de Deus], certamente teria sido melhor se tivesse guardado para si a Cristo e toda a pregação do Evangelho. Que necessidade teria ele de armar tudo isso, de enviar seu Filho do céu, permitindo que se derramasse seu precioso sangue para granjear e conceder aquilo que já tínhamos de qualquer forma? Teria que ser um tolo para investir semelhante tesouro numa coisa de que ninguém precisa.

Portanto vês que eles só ensinam seus próprios sonhos, dos quais eles próprios não entendem e que não experimentaram, apenas confundindo as pessoas por não saberem mostrar como chegar àquilo que alegam; só ficam apontando para nós próprios, sendo fortalecidos ainda mais em sua velha natureza e costume de onde deveriam resgatar as pessoas. Que gente incômoda e hostil essa! Não é sem razão que Paulo os critica e recrimina! Nem precisam ter sido gente vulgar, porque ele próprio diz a respeito deles que são considerados mestres da lei e têm grande vaidade, certamente querendo gozar de maior reputação do que os próprios apóstolos.

Por isso guardemos bem este texto, ele está muito bem formulado, é ensinamento puro e perfeito de como devemos ser probos perante Deus e perante o mundo, como exige a lei, no sentido de se reunir os seguintes três pontos: coração puro, consciência tranqüila e fé sem simulação; deles deve jorrar toda a nossa vida e neles devemos andar sempre. Assim acertamos e cumprimos a intenção da lei. Sobretudo, porém, cuidemos de incluir a Cristo, o qual é "o fim da lei" [Rm 10.4], representa tudo e toda a nossa devoção perante Deus, a qual não encontramos dentro de nós nem jamais encontraremos sem a fé, por mais que inculquemos e propalemos a doutrina da lei sem entendê-la. Isto baste para hoje sobre este texto, com o que prestamos serviço a Deus e ação de graças em louvor e honra à sua graça. Amém.

Oração

INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

Lutero fala da oração como elemento chave de toda a ética cristã. A oração, como "fruto da Palavra"[1], pela fé, acompanha toda a vida do cristão. Ao comentar, em seu livrinho de oração para Mestre Pedro Barbeiro (1535), a frase de Jerônimo: "Toda obra do crente é oração" e o dito popular: "Quem trabalha fielmente ora em dobro", chega a dizer que, nessas afirmações, deve estar incluída a oração como meditação sobre a palavra de Deus, sem a qual tudo pode ser maldição[2]. Embora a oração seja parte da ética cristã, ela inclui sempre a lembrança da salvação e o pedido pela fé sustentada pela palavra da promessa do Evangelho da graça de Deus. Mas a oração, que Lutero chama de "introdução à fé"[3], não é meio, mas resultado da graça de Deus e a resposta à mensagem do Evangelho[4].

Já em seu primeiro livro de orações de 1522, "Um Livrinho de Orações dos Dez Mandamentos, do Credo e da Ave-Maria"[5], que usa uma orientação para a catequese, Lutero observa que há três coisas necessárias na vida: (1) saber o que fazer e o que deixar de fazer; (2) onde achar força para isso; (3) como buscar essa força[6]. O livrinho de oração ensina como orar e pedir pelas promessas do Evangelho, usando como padrão o Pai-Nosso. Mostra como *oratio, meditatio, tentatio*[7] (oração, meditação na Palavra e as dificuldades da vida) formam uma unidade, pois a necessidade leva o cristão a buscar o Senhor em suas promessas, como demonstra também através do uso dos salmos e outros textos bíblicos. Seu livro de oração mais comum é o Saltério, pois entende que cada pessoa acha nos salmos uma palavra que identifica seu próprio problema. É "um espelho bom, claro e limpo" da verdadeira Igreja.[8]

Quando, em 1528/29, pregou sobre o Evangelho segundo João em Wittenberg, demonstrou como a oração sumo sacerdotal de Cristo (Jo 17) carrega as orações dos cristãos. Pelo Espírito Santo, Cristo está presente no cristão e ambos oram juntos na oração do crente[9].

Fazendo parte do corpo de Cristo, o cristão também participa da oração coletiva da congregação cristã. O culto é importante porque é o lugar em que a palavra pregada se torna palavra orada[10]. Lutero analisa as orações do culto para conformá-las à palavra anunciada, mas conserva alguns aditivos da Igreja antiga (*kyrie, gloria, sanctus, benedictus, agnus dei*) para lembrar seu ecumenismo vertical com a Igreja

1 WA 16,472,4.
2 WA 38,359,12s.
3 WA 10/II,341.
4 WA 12,36,12s.; WA 16,472,4.
5 WA 10/II,375-516.
6 WA 10/II,376,19-24.
7 WA 50,658,29-659,4.
8 WA DB 10/II,192,5-18.
9 WA 28,70-200, esp. 161,29-32.
10 WA 12,36,12s.

de todos os tempos[11]. O "grande grupo" no culto se orienta nas orações pela "missa alemã" (1525); o "pequeno grupo" de pastores e alunos segue a indicação usual das "horas" durante a semana, especialmente de manhã e à noite[12]; o grupo familiar ou o indivíduo é orientado por sua instrução no Catecismo Menor (1529)[13], onde estabelece uma pequena liturgia para a hora de oração de manhã, à noite e nas refeições. Na explicação do Segundo Mandamento, Lutero ensina toda a essência da oração, quando diz que importa, quanto ao nome de Deus, que "o invoquemos em todas as necessidades, oremos, louvemos e agradeçamos"[14]. Não oramos porque Deus não conhecesse nossas necessidades, mas porque temos de enfrentar diariamente o diabo que nos quer desviar de Jesus[15]. Por essa razão Lutero justifica que é necessária uma certa forma e hora definida para orar, pois nossa natureza original gosta de esquecer.

Deus já determinou suas bênçãos para os que nele confiam[16]. Por isso diz no Catecismo Maior (1529), na explicação inicial do Pai-Nosso (seção 27), que Deus manda orar "a fim de inflamares o coração a que deseje mais e com vigor e desdobres bem amplamente o manto para receber muito". Para Lutero a oração é "proteção e defesa" contra qualquer adversário e "um cristão ou dois, com esta única petição, serão nosso muro", como uma muralha de ferro[17]. Mesmo o adversário humano é beneficiado com a oração contra ele, pois se o cristão não ora para Deus fazer o controle, diz Lutero, o diabo toma totalmente conta do adversário[18]. Lutero entende que o Pai-Nosso não sugere um programa para Deus, mas que a oração nos inclui no plano de Deus. Por isso ora em algumas petições (1ª, 2ª e 3ª) que aquilo que já acontece "por si mesmo" nos envolva e aconteça "também a nós" e "entre nós"[19].

Algumas orações de Lutero refletem os limites da *tentatio* que sofria. Assim os "Quatro Salmos de Conforto para a Rainha da Hungria" (1526)[20] refletem os salmos de vingança e apelam para a vingança de Deus (Jr 51.56) contra os turcos que agrediram o reino. Acha que quem pede pela paz pode estar certo de que Deus está do seu lado[21]. Também ora pela derrota dos turcos para que a causa luterana não seja apontada como responsável por sua eventual vitória[22]. Em outra ocasião ora pela morte do duque Moritz, não por ser pessoa má, mas por ser mau governante[23]. Mas crê, citando o Salmo 109.4, que inimigos e armas só podem ser combatidos

11 WA 12,205-220, esp. 206,23-207,9.
12 WA 12,35-37.
13 Catecismo Menor III,1-11, in: *Livro de Concórdia*, pp. 372s.
14 Ib. I,4.
15 WA 30/I,197,14s.
16 WA 38,464,14-16.
17 Catecismo Maior III,69 e 31, in: *Livro de Concórdia*, pp. 466 e 461.
18 WA TR 3,390,9,13s.; 392,6s.,8-11; 3543 A, B.
19 Catecimso Menor III,4,7,19, *op. cit.*, pp. 372ss.
20 WA 19,552-615.
21 WA 32,492,17-23.
22 WA 19,584,30-33; 585,8-12,17-22.
23 WA TR 5,144,17-20; 5428a; WA Br 2,455,68-74; 455; WA TR 5,135,3-6; 5428.

pela oração[24]. Em face da morte, Lutero orou confiante, mesmo quando ela atingiu seu pai, sua filhinha Madalena ou diante de sua própria morte[25].

Em seu "Pequeno Bilhete de Consolo para os Cristãos, para que não se deixem desviar de suas orações" (ca. 1540; impresso em 1550), escreve que "os cristãos sabem que o verdadeiro orar é a obra mais alta e mais difícil na terra, e o maior culto a Deus e exercício da fé"[26].

Lutero vê a oração como uma estratégia de guerra contra o mal e uma entrega total da vida nas mãos de Deus. Diante da ameaça dos turcos, Lutero renovou a litania como defesa uniforme dos cristãos[27]. Além do Pai-Nosso e dos Dez Mandamentos, Lutero considerou o Credo como uma das orações fundamentais da Igreja cristã[28]. Assim também ensina nos dois tratados selecionados abaixo.

Martim Carlos Warth

24 WA 28,128,24-133,28.
25 WA 54,491,21-30.
26 WA 51.455-457.
27 WA 30/II,119,2.
28 WA 38,373ss.

O Pai-Nosso
Comentários a Mateus 6.5-15[1]
1530/32

INTRODUÇÃO

Estas considerações de Lutero a respeito do Pai-Nosso fazem parte do "Comentário do Sermão do Monte" ("Os Capítulos 5 até 7 de Mateus Pregados e Explicados", 1532 — WA 32,299-544). A origem deste texto está ligada à atividade pastoral de Lutero em Wittenberg durante um ano e meio (1530-1532) em substituição a Johannes Bugenhagen (o Pomerano). Bugenhagen[2] era pastor, mas, devido a sua grande capacidade de reorganizar a vida eclesiástica nos territórios que aceitaram a Reforma, estava muitas vezes ausente. Nesta ocasião estava em Lübeck, e Lutero teve que fazer um papel duplo: de professor e pastor em Wittenberg. Escreve a Link a 1° de dezembro de 1530[3]: "Não consigo achar tempo para escrever a todos. Já não sou apenas Lutero, mas também Pomerano; sou um oficial, um Moisés, um Jetro, e não sei o que mais. Sou tudo para todos (...) Pomerano vai muito bem em Lübeck".

Nas quartas-feiras Lutero pregava sobre textos de Mateus e aos sábados, sobre textos de João. São mencionados Georg Rörer, Veit Dietrich, Anton Lauterbach e Filipe Fabrício como os que anotaram, coletaram e editaram os textos que, embora editados, correspondem a pronunciamentos feitos por Lutero também em outras ocasiões.

Lutero analisa mais demoradamente o comentário de Jesus em torno da oração do Pai-Nosso, dedicando pouco espaço às petições do próprio Pai-Nosso.

Como a oração faz parte das boas obras do cristão, Lutero entende que para "servirmos e ajudarmos um ao outro" precisamos também "invocar a Deus e buscar auxílio tanto para nós como para todo o mundo". Analisa então a maneira, a ocasião e o poder da oração. Apresenta "os elementos e características de uma oração autêntica".

A oração não é trabalho, mas um alívio para o coração. Não serve para instruir a Deus, mas Deus quer "que através de nossa oração nos instruamos mais a nós próprios do que a ele". Lutero recomenda que "deve-se orar brevemente, mas com freqüência e intensamente".

O "Comentário do Sermão do Monte", do qual aqui se publicam apenas os comentários a Mateus 6.5-15, por tratarem da oração, especialmente do Pai-Nosso, foi publicado no outono de 1532 por Joseph Klug em Wittenberg. Em 1533 também foi publicado em Marburgo. Uma 3ª edição revisada foi feita em 1534 em Wittenberg. A tradução está baseada no texto encontrado em WA 32,413-427.

Martim Carlos Warth

1 *Wochenpredigten über Matthäus 5-7.* — 1530/32, impressão 1532. — WA 32,413-427. — Tradução: *Walter O. Schlupp.*

2 *João Bugenhagen* (o Pomerano) (1485-1558), natural da Pomerânia, ordenado sacerdote em em 1509. Tornou-se adepto de Lutero a partir da leitura do escrito "Do Cativeiro Babilônico da Igreja", indo, então, estudar Teologia em Wittenberg. Em 1535 passa a ser professor da universidade local, mas ocupando já as funções de pastor da igreja da cidade desde 1523. Bugenhagen é o criador da casa pastoral evangélica, ao contrair matrimônio, em 1522. Íntimo amigo de Lutero, colaborou na tradução da Bíblia, foi também seu confessor e conselheiro. Introduziu a Reforma em inúmeras localidades.

3 Cf. WA Br 5,691. *Venceslau Link* (ou: Linck) (1483-1547), natural da Saxônia, confrade de Lutero na Ordem dos Eremitas Agostinianos, desde 1503 em Wittenberg, doutor em Teologia (1511), depois em Munique e Nürnberg (desde 1517), vigário-geral dos agostinianos alemães (1520), cargo este ao qual renunciou em 1523. Aderiu à Reforma e tornou-se pregador (pastor) evangélico em Eltenburg (Turíngia) e Nürnberg (desde 1525).

0

"E quando orares, não deves ser como os hipócritas que gostam de se postar orando nas sinagogas e esquinas nas ruas, para serem vistos pelas pessoas. Em verdade vos digo: eles já receberam sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em secreto; e teu Pai que enxerga o secreto, te recompensará publicamente." [Mt 6.5-6]

Depois da esmola ou fazer o bem ao próximo, também este ato cabe ao cristão: que ele ore. Pois assim como a necessidade desta vida exige que façamos o bem ao próximo e que vamos ao encontro de sua carência (pois é para servirmos e ajudarmos um ao outro que convivemos na terra), assim também o fato de diariamente nos encontrarmos em toda a espécie de risco e carência nesta vida, os quais não podemos evitar, faz com que sempre precisemos também invocar a Deus e buscar auxílio tanto para nós como para todo o mundo. Ora, dar esmolas adequadamente já é um ato raro no mundo, não só por causa do roubo e da ladroagem generalizada no mundo, onde ninguém faz o bem ao outro e cada qual só cuida do que é seu, sem se importar com o próximo; além disso, mesmo ao praticar atos bons, somente se busca o próprio interesse, tanto é que o mundo está cheio de ladrões e assaltantes à esquerda e à direita, na esfera física e na espiritual, nos atos bons e nos maus.

Da mesma forma também a oração é um ato raro que ninguém pratica senão os cristãos; mesmo assim ele foi muito comum, particularmente entre os judeus, como Cristo mostra aqui: nas sinagogas, em todas as esquinas de rua e agora em tantas igrejas, mosteiros, conventos, etc.; ali ficam murmurando e carpindo dia e noite em cantorias e orações; disso o mundo está cheio e não há carência desta obra; mesmo assim tudo isso não vale um

tostão; pois aqui Cristo censura e repudia toda a oração daqueles que com tanto empenho a praticavam, só para fazer grau perante os outros. Quanto mais é condenável a reza dos nossos clérigos, que com ela não procuram outra coisa senão encher a barriga! No entanto, nenhum deles diria um Pai-Nosso que não fosse a troco de dinheiro, e ao fazê-lo, murmuravam ou faziam quando muito uma ladainha de palavras, sem qualquer participação, entendimento e fé, como se fossem sinos ou órgãos; além disso ainda levavam a fama de serem os únicos que podiam orar, enquanto os outros, ocupados com as coisas do mundo, não poderiam orar ou servir a Deus. Eles tinham que orar em nosso lugar, a ponto de nós, com nosso dinheiro e recursos, os transformarmos em [nossos] senhores.

Mas quão necessária é a oração nem dá para contar aqui: na verdade nós próprios deveríamos percebê-lo muito bem, uma vez que vivemos na carne e no sangue, cheios de toda sorte de maldades, além de termos conosco e contra nós o mundo, que nos inflige todas as aflições, dor no coração e tantos tormentos; isso para não falar do diabo que sempre está à nossa volta, a suscitar inúmeras seitas, bandos e seduções, impelindo-nos à descrença, ao desespero, etc. Isto de qualquer maneira não vai acabar e não teremos descanso, porque estamos cercados por esses inimigos que não param enquanto não nos derrubarem, uma vez que, pobres e sozinhos, somos fracos demais para tantos inimigos. Por isso Deus diz no profeta Zacarias [12.10] que ele dará aos seus o espírito da graça e da oração, para que, quando estiverem no campo de batalha, sejam preservados e possam defender-se e proteger-se contra o espírito maligno. Por isso é obra peculiar aos cristãos, na medida em que têm o Espírito de Deus, não serem relaxados e preguiçosos, e sim orarem constantemente e sem cessar, como ensina Cristo em outra parte[4].

Mas isto é que importa: que seja uma oração sincera, e não uma hipocrisia como foi até agora a oração deles e a nossa. Por isso Cristo começa a ensinar-lhes o orar autêntico, mostrando como dispor-se para tal; ou seja, que não fiquem parados orando publicamente na rua, e, sim, sozinhos no recolhimento do seu quarto em casa, etc. Isto quer dizer principalmente que larguem a falsa intenção de quererem orar em função da boa fama, do prestígio ou coisa que o valha; não que fosse proibido, que não se devesse orar na rua ou publicamente; pois um cristão não está preso a lugar algum e pode perfeitamente orar em qualquer parte, seja na rua, no campo ou na igreja. Só que não deve acontecer em função das pessoas, buscando proveito e renome. Da mesma forma ele não quer proibir trompetes ou sinos como acompanhamento da esmola, mas repreende o acessório da falsa intenção, com as palavras "para chamar a atenção das pessoas".

4 Cf. Lc 18.1.

Também não é necessário trancar-se sempre no quarto, embora seja muito conveniente estar sozinho para orar, porque então a pessoa pode derramar sua oração perante Deus, livre e desimpedidamente em palavras e gestos, o que não pode fazer na frente dos outros. Pois mesmo que se possa orar no coração sem quaisquer palavras e gestos, estes ajudam para que o espírito seja tanto mais despertado e aceso. No mais, deve-se orar quase que sem cessar no coração, pois o cristão, como disse, sempre tem o espírito da oração dentro de si, de modo que seu coração se encontra em constante suspiro e súplica perante Deus, mesmo ao comer, beber, trabalhar, etc. Pois toda a sua vida visa a difundir o nome, a glória e o reino de Deus. Tudo mais que ele faz necessariamente está subordinado a isto.

Não obstante, digo eu, deve haver também a oração exterior, tanto individual (como, por exemplo, quando cada um pronuncia uma bênção ou um Pai-Nosso, um credo ou um salmo de manhã, à noite, à mesa ou quando tem tempo), quanto também em conjunto, quando, numa reunião, se trata a palavra de Deus e depois dá graças, invocando-o pelas necessidades comuns; isto deve e precisa ocorrer publicamente, havendo para tal ocasiões e lugares especiais de reunião; esta é uma oração preciosa e uma defesa vigorosa contra o diabo e suas investidas, porque então toda a cristandade se reúne em concórdia. E quanto maior o vigor com que se o fizer, tanto mais pronto será ouvida, e tanto mais eficaz, como também agora efetua muitas coisas boas, impedindo e protegendo contra muitos ardis malignos do diabo, os quais ele, caso contrário, haveria de perpetrar por meio de seus asseclas. Pois o que atualmente existe e persiste, tanto na esfera espiritual quanto na civil, naturalmente é preservado pela oração.

Os elementos e características de uma oração autêntica já mencionei e tratei várias vezes em outra parte[5]. Repito-o em rápidas palavras: que sejamos impelidos a ela, em primeiro lugar, pelo mandamento de Deus que ordenou veementemente que orássemos; em segundo lugar, por sua promessa de atender nossa oração; em terceiro lugar, que consideremos nossa aflição e miséria a nos oprimirem e sufocarem, de modo que realmente precisamos orar, apresentando-o e derramando-o sem pestanejar perante Deus, seguindo sua ordem e mandamento; em quarto lugar, diante de tal palavra e promessa de Deus, devemos orar com fé genuína, tendo certeza e nenhuma dúvida de que ele quer atender e ajudar-nos; e tudo isso em nome de Cristo, por intermédio do qual nossa oração é agradável ao Pai, concedendo-nos mercê dele toda graça e benefício, etc.

5 Cf., p. ex., no "Sermão sobre a Oração e a Procissão", proferido entre o domingo Rogate e a festa da Ascensão, de 1519 (WA 2,175-177). A questão da oração também é tratada nos dois catecismos e no longo comentário sobre o Pai-Nosso em "Uma Exposição Alemã do Pai-Nosso para os Simples Leigos" (WA 2,80-130).

Também aqui Cristo mostra isso com as breves palavras: "Ora a teu Pai em secreto", etc., e depois com maior clareza, ao pronunciar as palavras: "Pai nosso, que estás no céu", etc. Pois com isto ele quer ensinar que nossa oração deve dirigir-se a Deus como nosso Pai misericordioso e amável, e não como um tirano ou juiz irado, etc. Ora, ninguém pode fazer isso, se não tiver a palavra de Deus de que ele deseja que o chamemos de Pai e que prometeu ajudar e atender-nos como um Pai. Além disso é preciso que creia no coração que pode chamar confiantemente a Deus de seu Pai e suplicar-lhe com confiança sincera, crendo firmemente que sua oração foi atendida e que pode esperar ajuda.

Nenhum desses elementos, entretanto, está presente naquela oração dos fariseus, os quais não pensam em outra coisa senão em realizar a obra para assim serem considerados pessoas santas que gostam de orar, ou como nossos monges e padres que desta maneira enchem a barriga. Eles inclusive tanto se afastaram da oração [feita] com semelhante fé, que chegaram a considerar tolice e audácia alguém alegar que tem certeza de que sua oração é agradável a Deus e será atendida; e mesmo que tenham orado, fizeram-no como mera aventura, despertando com isso terrivelmente a ira de Deus pela descrença e pelo abuso de seu nome, contrariando o Primeiro e Segundo Mandamentos.

Por isso grava bem, agora, que não pode haver oração genuína sem semelhante fé. Se, porém, te sentes fraco e tímido, (uma vez que a carne e o sangue se estão trancando constantemente contra a fé), como se não merecesses ou não tivesses aptidão e ardor para orar, ou se tiveres dúvida se Deus te ouviu, por seres pecador, atenta para a Palavra e dize: Mesmo que eu seja pecador e indigno, tenho aqui o mandamento de Deus que me ordena orar, e sua promessa de que me atenderá misericordiosamente, não mercê de minha dignidade, mas do Senhor Cristo. Com isso podes livrar-te das considerações e dúvidas e ajoelhar-te tranqüilamente e suplicar, sem considerar se és digno ou indigno, mas apenas tua necessidade e sua palavra na qual ele manda que te fies; principalmente também porque ele te apresentou as palavras e as botou na tua boca, de como e pelo que deves suplicar (como segue abaixo), para que, em alegre confiança, deixes esta oração elevar-se por meio dele e possas depositá-la em seu seio, para que ele, por sua dignidade, a apresente ao Pai, etc.

"E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe de que tendes necessidade, antes que lho peçais. Portanto, vós orareis assim:

NOSSO Pai no céu, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos

devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém."

Acima Jesus recriminou a falsa intenção deles na oração, de buscarem seu proveito e prestígio junto às pessoas inclusive no ato que está voltado exclusivamente para Deus, destinado a invocá-lo e pedir-lhe ajuda em nossa aflição e tribulação. Aqui critica também a deturpação da oração, de acharem que orar fosse pronunciar uma torrente de palavras. A isso chama de prática pagã, tagarelice inútil e sem nexo, de quem acredita não ser atendido se não o fizer. Pois viu muito bem que assim haveria de acontecer e que este abuso persistiria na cristandade como então já existia entre eles: de se fazer da oração mera obra a ser avaliada pela extensão e duração, como se assim estivesse muito bem executada, de modo que, ao invés de uma oração autêntica, ela virasse mero palavrório e verborréia que jamais atinge o coração. Como podemos constatar, foi isso que aconteceu nos conventos, mosteiros e em todo o bando clerical que não tinham outra coisa a fazer em seu estado senão passar determinado número de horas do dia e da noite a se fatigarem com leitura e canto, e quanto mais o pudessem fazer, tanto mais santo e maior o culto a Deus, diziam. E nisso tudo não havia sequer um que de coração fizesse uma oração sincera. Todos viviam na ilusão pagã de que era preciso cansar a si próprio e a Deus aos gritos e murmúrios, como se, caso contrário, ele não pudesse ou quisesse ouvir. Com isto só perderam tempo inutilmente e se exauriram em orações feito burros.

Por isso eles próprios disseram que não há trabalho mais pesado do que orar. Isso naturalmente é verdade quando se transforma a oração em obra ou trabalho, impondo ao corpo a leitura ou o canto de tantas horas a fio. Qualquer diarista preferirá ficar malhando um dia inteiro a apenas mexer com a boca ou fixar um livro com os olhos duas ou três horas a fio.

Em suma, sua oração não era um suspiro ou desejo do coração, e, sim, apenas trabalho forçado da boca ou da língua, de modo que, quando um monge leu ou murmurou suas horas canônicas por quarenta anos, ao todo ele não orou sinceramente por uma hora sequer; pois não o fazem para expor diante de Deus uma necessidade; fazem-no tão-somente por obrigação e acham que Deus precisa levar em conta todo esse trabalho e esforço.

A oração dos cristãos, porém, que repousa na fé na promessa de Deus e apresenta sinceramente suas mazelas, esta é fácil e não dá trabalho; pois a fé não demora em expressar o que deseja, inclusive com um suspiro do fundo do coração, e que não pode ser compensado e expresso por palavras; Paulo diz "o Espírito ora" [1 Co 14.14-16], e como ele sabe que Deus o atende, ele não precisa ficar fazendo esse constante palavrório. Assim é que oraram os santos na Escritura, como Elias, Eliseu, Davi e outros: com palavras breves, porém vigorosas e poderosas; nos Salmos, por exemplo, é raro encontrar um que contenha uma oração mais longa do que cinco ou seis

versículos. Por isso os antigos pais disseram muito bem que não adianta fazer orações muito longas, antes prezam as jaculatórias curtas, quando em uma ou duas palavras se manda um suspiro para o céu, o que se pode fazer com freqüência ao ler, escrever ou fazer algum outro trabalho.

Os outros, porém, que a transformam em trabalho pesado, jamais poderão orar com vontade e devoção; estão satisfeitos por terem executado seu palavrório. Nem pode ser diferente, quando se implora sem fé e necessidade; nesse caso [a oração] não pode vir do coração, e quando não vem do coração e o corpo precisa trabalhar, a coisa fica difícil e enfadonha, como acontece no trabalho físico: feito de má vontade, ele fica pesado e penoso. E vice-versa, quando o coração está a fim, ele nem se dá conta do trabalho. Portanto, também aqui, quando houver intenção séria e desejo de orar, a pessoa não percebe trabalho ou esforço algum, mas tem na mente apenas o seu aperto e, antes mesmo de se dar conta, já cantou as palavras e terminou sua oração. Resumindo: deve-se orar brevemente, mas com freqüência e intensamente; pois [Deus] não pergunta pela extensão e duração da oração, e, sim, se é boa e se vem do coração.

Por isso Cristo diz agora: "Vosso Pai celeste sabe do que precisais antes mesmo de pedirdes". É como se quisesse dizer: O que é que vocês estão fazendo, acreditando poderem entorpecê-lo com seu longo palavrório para que lhes dê o que precisam? Vocês não precisam convencê-lo ou ficar explicando longamente com palavras, pois ele já sabe melhor e antes mesmo que vocês, o que lhes faz falta. É como se tivesses audiência com um príncipe ou juiz que conhecesse teu problema melhor do que lhe poderias explicar, e quisesses relatar-lhe com longo palavreado; ele com razão riria de ti, ou melhor, perderia a boa vontade para contigo. Inclusive nem sabemos como devemos pedir, diz S. Paulo [Rm 8.26], porque quando nos atende e concede algo, ele o concede acima do que podemos entender e esperar [Ef 3.20]. Por isso às vezes nos deixa pedir por algo que ele demora em conceder, ou nem o concede de modo algum, uma vez que sabe muito bem o que nos é necessário e proveitoso ou não, coisa que nós mesmos não enxergamos; por fim nós próprios temos que admitir que não seria bom para nós caso tivesse atendido conforme o nosso pedido. Por isso não precisamos ficar-lhe ensinando nem descrevendo com nosso extenso palavrório o que e como deve fazer para nós; pois ele quer dar de modo que seu nome seja santificado e seu reino e sua vontade sejam promovidos e avancem, etc.

Dirás, porém: Por que, afinal, ele nos obriga a pedir e apresentar o que nos falta, em vez de concedê-lo sem ser solicitado, já que ele conhece e vê toda a necessidade melhor do que nós próprios? Afinal ele concede gratuitamente todos os dias ao mundo inteiro tantos benefícios, como sol, chuva, alimento, dinheiro, corpo e vida, etc. Isto ninguém lhe pede e nem agradece pelo mesmo, pois ele sabe que o mundo não pode dispensar um dia sequer

a luz, a comida e bebida; por que então manda pedir por estas coisas?

Resposta: É claro que ele não nos manda orar para instruí-lo sobre o que nos deve dar, e, sim, para que reconheçamos e professemos os benefícios que ele nos concede e que ainda quer e pode dar muito mais, isto é, para que através da nossa oração nos instruamos mais a nós próprios do que a ele; pois assim passo por uma transformação, de modo que não procedo como os ímpios, que não o reconhecem nem agradecem; desta forma meu coração se volta para ele e é despertado para louvá-lo e agradecer-lhe, nele buscando refúgio nas aflições e dele esperando ajuda. E tudo serve para que eu aprenda cada vez mais a reconhecer que Deus ele é; e porque procuro ajuda junto a ele e porque bato à sua porta, ele também se dispõe a conceder em abundância tanto maior. Eis, pois, o verdadeiro pedinte, diferente dos charladores inúteis que muito papeiam, porém jamais se dão conta dessas coisas. Aquele, porém, sabe que tudo que tem é dádiva divina, e diz do fundo do coração: Senhor, eu sei que não consigo criar nem preservar para mim sequer um pedaço do pão de cada dia, nem guardar-me de qualquer dificuldade ou infortúnio; por isso o esperarei de ti que mo ordenas e prometes atender-me, como aquele que se antecipa ao meu pensamento e supre a minha necessidade.

Esse é o reconhecimento na oração que agrada a Deus e que é o culto genuíno, supremo e mais precioso que podemos prestar a Deus, pois assim se lhe dá a honra e o agradecimento que lhe cabe. Isso os outros não fazem, antes arrebatam e devoram todos os bens de Deus, feito porcos, tomam uma terra, cidade e casa após outra, sem pensar em considerar a Deus sequer uma vez, e enquanto isso pretendem ser santos com seu grande vira-e-mexe e taramela nas igrejas. O coração cristão, entretanto, que aprende da palavra de Deus que temos tudo de Deus e nada de nós, aceita isso na fé e se exercita em contar sempre com ele e tudo dele esperar. Portanto a oração nos ensina a conhecer a nós e a Deus, o que nos falta e de onde tirá-lo e buscá-lo. Isso resultará numa pessoa excelente e judiciosa que saberá lidar com todas as situações e enfrentá-las corretamente.

Como Cristo repreendeu e repudiou tais orações falsas e vãs, ele mesmo passa a apresentar uma excelente e breve forma de como e o que devemos orar, abrangendo todas as necessidades que devem impelir-nos à oração, de modo que diariamente possamos lembrar-nos das mesmas nessas breves palavras e ninguém tenha desculpa de não saber como ou o que orar. Um exercício muito bom, particularmente para a pessoa comum, para crianças e a criadagem da casa é o seguinte: orar o Pai-Nosso inteiro de manhã e à noite, à mesa ou em outras ocasiões, para nele apresentar a Deus toda sorte de carências. Como o Pai-Nosso está suficientemente explicado no Catecismo e em outra parte[6], deixarei por isto mesmo e não farei novo comentário aqui.

6 Cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, pp. 457-474. — Cf. tb. o texto seguinte.

Como já foi dito muitas vezes, o Pai-Nosso naturalmente é a melhor oração que apareceu na terra até hoje ou que alguém possa conceber, porque Deus o Pai a formulou por meio de seu Filho, colocando-a em sua boca, de modo que não precisamos duvidar de que ela lhe agrada sem medida. Logo no começo, porém, ele nos remete a seu mandamento e promessa com as palavras "Pai nosso...". Ou seja, ele exige de nós a honra de lhe pedirmos como um filho pede a seu pai, querendo de nós que confiemos em que ele de bom grado dará o que nos for necessário. Isto também inclui o fato de nos podermos gloriar de sermos seus filhos por meio de Cristo, aproximando-nos, portanto, sob seu mandamento e promessa e em nome do Senhor Cristo, apresentando-nos a ele com toda confiança, etc.

As primeiras três petições referem-se aos bens supremos que dele temos, ou seja, em primeiro lugar: por ser ele nosso Pai, [roga-se] que ele seja honrado por nós e seu nome seja considerado formoso e sublime no mundo inteiro; com isso estou abrangendo toda sorte de superstição e falsos cultos bem como todo inferno, todo pecado e blasfêmia contra Deus e peço que ele controle a fé blasfema do papa, do turco, dos espíritos sectários e hereges na medida em que todos eles profanam e ultrajam o seu nome ou buscam a sua glória sob o mesmo. É uma expressão sucinta, mas quanto a seu sentido ela se volta contra toda falsa doutrina e vida no mundo inteiro.

Em segundo lugar, uma vez tendo sua palavra bem como doutrina e culto corretos, [roga-se] que também seu reino esteja entre nós e permaneça, isto é, que ele reine nesta doutrina e vida, protegendo e guardando-nos de todo o poder do diabo e do seu reino, que todos os impérios que se lhe opõem acabem fracassando, para que o reino de Deus persista. E em terceiro lugar, que não se faça a nossa vontade nem de pessoa alguma, e, sim, a sua, e que sua vontade e conselho prevaleça contra todas as investidas e propósitos do mundo e daquele que busca o contrário a essa vontade e deliberação, ainda que o mundo inteiro compactue e arregimente forças para se lhe opor. Estes são os três pontos principais [do Pai-Nosso].

Nas outras quatro petições chegamos às necessidades referentes ao nosso cotidiano, nossa vida mísera, fraca e transitória. Por isso pedimos em primeiro lugar que nos dê nosso pão de cada dia, ou seja, tudo que precisamos para o sustento desta vida: alimento, saúde, condições climáticas propícias, casa e lar, esposa, filhos, bom governo, paz, proteção contra toda sorte de pragas, doença, pestes, carestia, guerra, tumultos, etc. Depois [pedimos] que também perdoe a nossa culpa e não leve em conta o vergonhoso abuso e a ingratidão[7] pelos benefícios que ele nos concede abundantemente todos os dias; e que por isso não no-los negue ou tire, nem nos puna com a merecida inclemência, mas que nos perdoe misericordiosamente, mesmo que nós que nos chamamos cristãos e filhos seus, não vivamos como devemos. Em terceiro lugar: visto que vivemos sobre a terra em meio a toda espécie de tribulação e aborrecimento, sendo assediados de todos os lados a fim de nos atrapalharem em nosso caminho; visto que somos atacados não apenas exteriormente por parte do mundo e do diabo, mas também interiormente por nossa própria carne, de modo que não podemos viver como deveríamos nem conseguimos subsistir por um dia sequer face a tantos perigos e tribulações, pedimos que ele nos preserve nesse perigo e aflição para não sermos vencidos e derrubados. E na última petição, [pedimos] que ele nos livre definitivamente de toda desgraça e que, ao chegar a hora de deixarmos esta vida, nos conceda uma horinha bem-aventurada e cheia de graça. Desta forma e com poucas palavras depositamos todas as necessidades físicas e espirituais em seu seio, abrangendo com cada palavra o mundo inteiro de uma só vez, etc.

O texto ainda acrescenta um pequeno apêndice, no qual conclui a oração com um agradecimento e uma confissão comum: "pois teu é o reino e o poder e a glória para sempre". Estes são os legítimos títulos e designações que cabem exclusivamente a Deus. Pois esses três pontos ele reservou para si, quais sejam: reger, julgar e gloriar. Reger ou governar e ter a soberania ninguém pode senão exclusivamente Deus ou aqueles a quem ele o encomenda, por meio dos quais ele exerce o governo, como servos seus; da mesma forma pessoa alguma pode fazer justiça, repreender ou impor castigo contra outra, a não ser quem tenha recebido este mister da parte de Deus. Pois isto não é inato, mas dado por Deus. Estes são os dois pontos que ele aqui chama de reino ou domínio: que é sua toda a autoridade e, além disso, o poder que é a conseqüência do julgar, a execução [Executio], de poder punir, subjugar os maus e proteger os honestos. Pois quem aplica punição, esse o faz como representante de Deus, vindo tudo de sua autoridade: fazer justiça, proteger e preservar. Por isso ninguém deve fazer justiça por suas próprias mãos nem punir, porque não é seu ofício nem tem autoridade para isso, nem tampouco o consegue, uma vez que Deus diz: "A mim me pertence a vingança, a retribuição" [Dt 32.35], ameaçando em outra parte: "Todos os que lançam mão da espada para vingar-se, serão punidos pela espada" [Mt 26.52].

Da mesma forma também a glória ou a honra e prestígio cabem exclusivamente a Deus, para que ninguém se vanglorie de coisa alguma, nem de sabedoria, santidade ou capacidade senão por meio dele e procedente dele. Pois o fato de eu honrar um rei ou príncipe, ou de eu chamá-lo "Vossa Mercê" ou ajoelhar-me perante ele, acontece não graças a sua pessoa, mas a Deus, porque está assentado na majestade como representante de Deus. Da mesma forma quando honro pai e mãe ou a quem esteja em seu lugar, não honro a pessoa humana, mas o ministério que receberam de Deus, e neles

7 A edição de 1534 coloca: "o vergonhoso abuso e a ingratidão do mundo".

honro a Deus, de modo que, onde houver autoridade ou poder, a estes também cabe honra e prestígio. Portanto, seu reino, poder e glória perpassam o mundo inteiro. Somente ele governa, pune e recebe a honra nos ministérios e estados divinos, como pai, mãe, senhor, juiz, príncipe, rei, imperador, etc. Embora o diabo se oponha a isso por meio dos seus, querendo exercer o poder e o domínio ele próprio, fazer justiça e punir e gozar sozinho do prestígio. Por isso também pedimos principalmente por seu nome, seu reino e sua vontade, porque exclusivamente estes devem valer, devendo todos os outros nomes, reinos, poderes e vontades ser esmigalhados, de sorte que assim reconhecemos ser ele o supremo em todos esses três pontos. Os outros, porém, são seus instrumentos, por meio dos quais o promove e executa.

"Porque se perdoardes aos homens as suas faltas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas faltas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas faltas." [Mt 6.14,15]

Este acréscimo é surpreendente, porém magnífico. E realmente pode causar estranheza que ele faz esse acréscimo justamente a este ponto: "Perdoa-nos a nossas dívidas", etc., quando da mesma forma também poderia ter feito uma observação semelhante sobre um dos outros pontos, dizendo: O pão nosso de cada dia dá-nos hoje assim como nós o damos aos nossos filhos; ou: Não nos deixes cair em tentação, assim como nós a ninguém tentamos; ou: Livra-nos do mal, como salvamos e livramos o nosso próximo. Nada disso, nenhum ponto apresenta acréscimo senão este. E até parece como se o perdão do pecado fosse alcançado e merecido por meio do nosso perdão. Onde então ficaria a nossa doutrina de que o perdão vem exclusivamente por meio de Cristo e é recebido na fé?

Resposta ao primeiro ponto: ao formular particularmente esta petição desta maneira, vinculando o perdão do pecado ao nosso perdão, quis comprometer os cristãos a se amarem entre si e que para eles o primeiro e mais importante artigo depois da fé e do perdão recebido fosse: perdoem igualmente e sem cessar ao próximo, para que, como nós vivemos perante ele na fé, também vivamos perante o próximo com amor; que não incomodemos nem ofendamos um ao outro, mas pensemos em perdoar sempre, mesmo que tenhamos sido ofendidos (o que, afinal de contas, necessariamente acontece muitas vezes nesta vida), e saibamos que, caso contrário, também a nós não estará perdoado. Pois onde a raiva e o rancor estão no caminho, eles botam a perder toda a oração, de modo a não se poder orar nem desejar nenhum dos pontos anteriores tampouco. Veja, isto é que se chama de vínculo forte e firme a nos unir de modo a não nos desentendermos, formando facções, grupos e seitas, se é que pretendemos dirigir-nos a Deus, orar e conseguir algo; antes é preciso que nos entendamos pelo amor e em tudo permaneçamos unidos. Quando isto ocorre, o cristão é perfeito, uma vez que crê e ama

genuinamente. As outras mazelas que ele apresentar devem ser consumidas na oração, sendo-lhe tudo perdoado e concedido.

Como, porém, coloca, com estas palavras, o perdão na dependência justamente das nossas obras, ao dizer: Se perdoais ao próximo, sereis perdoados, e vice-versa? Isto, afinal, não é o que se chama de perdão na fé! Resposta: O perdão dos pecados, como já disse muitas vezes em outras ocasiões, ocorre de duas maneiras: por um lado, por meio do Evangelho e da palavra de Deus, recebidos interiormente no coração perante Deus por meio da fé; por outro, exteriormente, por meio das obras, a respeito das quais 2 Pe 1.10 diz: "Prezados irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição", etc. Aí ele quer que provemos que temos a fé e o perdão dos pecados, isto é, que demonstremos as obras, para que se reconheça a árvore em seus frutos e se revele que é uma árvore boa e não podre, pois onde houver fé genuína, com certeza também seguem boas obras. Desta forma a pessoa é reta e justa interior e exteriormente, perante Deus tanto quanto perante as pessoas. Pois esta é a conseqüência e o fruto com os quais eu certifico a mim e aos outros que creio genuinamente, o que no mais eu não poderia saber nem ver.

Portanto também o perdão exterior evidenciado por um ato é um sinal seguro de que tenho perdão do pecado junto a Deus; e inversamente, onde tal não se evidencia para com o próximo, terei um sinal seguro de que também não tenho perdão do pecado junto a Deus, mas que ainda estou preso na falta de fé. Veja bem, trata-se de dois tipos de perdão: um, interior, no coração, que se apega exclusivamente à palavra de Deus, e outro, exterior, que irrompe e nos dá certeza de que temos o perdão interior. Desta forma distinguimos entre obras e fé como justiça interior e exterior, porém de modo tal que a interior esteja presente antes, como tronco e raiz donde precisam crescer, como frutos, as boas obras, ao passo que a exterior é testemunho da interior e, como diz Pedro, "confirmação", a certificação de que esta efetivamente está presente. Pois quem não tem a justiça interior, não pratica nenhuma das obras exteriores, e inversamente, quando não estão presentes os sinais e provas exteriores, não posso ter certeza daquela, e sim engano a mim e aos outros. Mas quando vejo e sinto que de bom grado perdôo ao próximo, posso concluir e dizer: Não faço essa obra por natureza, mas, pela graça de Deus, sinto-me diferente de antes.

Seja isso dito em breves palavras contra a conversa fiada dos sofistas[8]. Mas também é verdade que tal obra, como ele aqui a chama, não é mera obra como outras que fazemos por nós próprios. Pois aí não está esquecida

8 *Sofistas*: na linguagem de Lutero, os teólogos escolásticos em geral.

a fé; ele toma essa obra e a dota de uma promessa, de modo que se poderia chamá-la com boa razão de sacramento para fortalecer a fé. Também o Batismo pode perfeitamente ser considerado obra praticada por mim que batizo ou me deixo batizar; visto, porém, que nela está presente a palavra de Deus, ele não é mera obra que valha ou crie algo por si mesma, e, sim, palavra e sinal divinos aos quais a fé se apega. Da mesma forma também nossa oração, como obra nossa, nada valeria nem efetuaria qualquer coisa; o que, porém, a faz [valer e efetuar algo] é o fato de ela ter seu mandamento e promessa, de modo que também pode muito bem ser considerada um sacramento, mais obra divina do que obra nossa.

Digo isto porque os sofistas consideram apenas as obras que nós praticamos, sem levar em conta a palavra e promessa de Deus. Por isso, quando ouvem e lêem tais formulações referentes às obras, certamente dirão que o ser humano alcança esse mérito por seus atos; a Escritura, entretanto, nos ensina que não devemos olhar para nós, mas para a palavra e promessa de Deus, a elas nos apegando com a fé. Então, quando praticas uma obra baseado na palavras e na promessa, tens um sinal certo de que Deus é misericordioso para contigo, ou seja, que tua própria obra, a qual Deus agora assumiu como sua, será para ti um sinal certo do perdão, etc.

Ora, Deus nos apresentou diversas maneiras e caminhos para nos apropriarmos da graça e do perdão dos pecados. Em primeiro lugar, o Batismo e o Sacramento, depois (como acabamos de expor) a oração, depois a absolvição e, neste caso, o perdão, para que estejamos abundantemente providos e sempre possamos encontrar graça e misericórdia. Pois onde as buscarias mais perto do que em teu próximo, com quem vives cotidianamente, tendo motivo diário suficiente para praticar tal perdão? Pois é inevitável que sofras freqüentes e numerosas ofensas. Portanto, não é só dentro da igreja ou junto ao sacerdote, mas em meio à nossa vida que temos Sacramento ou Batismo diário, um irmão para com o outro, e cada qual em seu lar, em sua casa. Pois se te apropriasda promessa por meio desta obra, então tens precisamente aquilo que recebes no Batismo. Como poderia Deus ter-nos agraciado mais ricamente do que pendurando em nosso pescoço um Batismo tão comum, inserindo-o no Pai-Nosso, Batismo este que cada um encontra em si próprio ao orar e perdoar a seu próximo? Que ninguém venha queixar-se ou desculpar-se de não ter ocasião para tal e que isto lhe seria demasiadamente elevado, distante, pesado e caro, porque lhe é trazido, e a seu próximo, à porta de sua casa, sim, lhe é colocado no seio.

Assim podes perceber que, se consideras não a obra em si, mas a Palavra a ela vinculada, aí encontrarás um tesouro magnífico e precioso, de modo que agora não é mais obra tua, e sim sacramento divino, consolo poderoso e formidável, de modo que alcanças a graça de poderes perdoar ao teu próximo, mesmo que não possas vir para os outros sacramentos. Isto deveria

mover-te a praticares tal obra com o maior prazer e agradeceres a Deus por mereceres tal graça; inclusive deverias correr atrás dela até o fim do mundo, gastando todos os teus bens, como fazíamos anteriormente com as indulgências inventadas. Agora, quem não quiser aceitá-lo tem que ser um infame maldito, principalmente quando ouve de tal graça e a reconhece, e, não obstante, continua tão obstinado e teimoso a ponto de não querer perdoar. Com isso ele perde a ambos, Batismo e Sacramento e tudo o mais de uma só vez; pois estão todos interligados, de modo que quem tem um deles, tê-los-á a todos, ou não ficará com nenhum. Pois quem foi batizado, também deve receber o Sacramento; quem recebe o Sacramento, também precisa orar; e quem ora, também tem que perdoar, etc. Entretanto, se não perdoas, estás diante de uma sentença terrível: teus pecados também não serão perdoados, mesmo que estejas entre cristãos e partícipes do Sacramento e de outros bens; estes, ao invés, somente te serão tanto mais prejudiciais e condenatórios.

E para nos estimular tanto mais, Cristo também usou de palavras gentis e amáveis, dizendo: "Se perdoardes às pessoas as suas faltas", etc. Ele não diz: sua maldade e malandragem, ou arbitrariedade e ultraje, etc. Pois "falta" significa aquele pecado que acontece mais por fraqueza ou ignorância do que por maldade. Por que minimiza e diminui o pecado do próximo desta forma, quando vemos muitas vezes que alguns pecam propositadamente, por puro desaforo e má intenção? Ele o faz para arrefecer a tua ira, para te abrandar de modo que perdoes de bom grado, procurando antes tornar o teu coração doce e amável, ao invés de fazer o pecado do tamanho que ele tem em si. Pois perante Deus ele é e será tão grande a ponto de merecer condenação eterna, fechando o céu, mesmo que se trate de pecado insignificante, apenas uma fraqueza, que o outro não reconhece ou pelo que não te pede desculpas.

Ele, porém, não quer que tu e eu encaremos os pecados desta forma, pois não nos cabe punir os pecados, mas perdoá-los. Deves pensar assim: mesmo que teu próximo tenha procedido contra ti por maldade, ele não obstante está enganado, preso e obcecado pelo diabo. Por essa razão deves ser bondoso e ter tanto mais misericórdia dele, porque está subjugado pelo diabo. De modo que, no que diz respeito ao diabo, que lho insufla, o pecado é grande e imperdoável, mas no tocante ao ser humano, seja considerado uma falha e fraqueza. O próprio Cristo também agiu assim para conosco, ao orar na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" [Lc 23.34]. Desse modo é minimizado e diminuído nosso pecado, o qual em si é o maior de todos que jamais aconteceram sobre a face da terra. Pois qual seria o pecado maior do que torturar e matar da forma mais vergonhosa o Filho único de Deus?

No entanto deves interpretar essa falta e fraqueza de modo tal que o próximo que pecou contra ti, o reconheça, deseje perdão e pretenda corrigir-

se. Pois eu disse em outra parte que há dois tipos de pecado[9]: um é o pecado confesso. A esse ninguém deve deixar imperdoado; o outro é o pecado que a pessoa defende. A este ninguém pode perdoar, pois não admite que seja pecado nem quer receber perdão. Por isso Cristo, ao falar do perdão ou das chaves em Mt 18,18, coloca as duas coisas lado a lado: ligar e desligar, para mostrar que não se pode desligar o pecado que não se queira admitir que seja pecado nem que seja perdoado. Esse pecado se deve ligar ao abismo do inferno. Mas por outro lado, o pecado confessado deve ser desligado e elevado para o céu, etc./O que acontece no Ofício das Chaves, se aplica *também a cada cristão em relação ao próximo: deve estar disposto a perdoar* a todo aquele que lhe cause injúria. No entanto, se alguém se recusa a reconhecer o pecado e a largá-lo, mas até persiste nele, não podes perdoá-lo, não em função de ti, mas dele próprio, porque ele não quer o perdão. No momento, porém, em que ele admite a culpa e deseja perdão, deve-se perdoá-lo por tudo, seguindo-se imediatamente a absolvição. Pois uma vez que ele se recrimina a si próprio e abandona o pecado, de modo que não resta mais pecado nele, tanto mais devo eu esquecer esse pecado. Quando, porém, ele próprio o sustenta e não quer largá-lo, não o posso tirar dele. Tenho que deixá-lo preso ao pecado, uma vez que ele próprio faz do pecado perdoável um pecado imperdoável. Em suma, quando ele não quer confessar, deve-se onerar sua consciência ao máximo e não mostrar graça alguma, uma vez que insiste pertinazmente em querer pertencer ao diabo; por outro lado, quando confessa o pecado e te pede desculpas e tu não lhe perdoas, então *tomaste o pecado sobre ti, de modo que este condena também a ti.*

Portanto também Cristo quer que o pecado seja confessado. No entanto, mesmo assim, chama-o de falta, não quer negar que seja incorreto nem te obriga que o aproves como algo correto; pelo contrário, deves considerá-lo como correto e bom somente no caso de vir a ser um pecado perdoável e tão insignificante a ponto de chamar-se apenas de falta. Então podes dizer ao próximo: Não o posso aprovar e não está certo. No entanto, porque o confessas e porque teu coração agora está mudado e não tem ressentimentos contra mim, de bom grado passarei por cima como uma falta ou lapso, esquecendo qualquer rancor.

Se então assumires essa atitude para com o próximo, também Deus se *mostrará igualmente a ti com o mesmo coração doce e amável. Minimizará* teu grande e grave pecado que contra ele cometeste e ainda cometes, a tal ponto que o considerará apenas uma falta, quando o confessares e pedires perdão, *porque ele está mais inclinado a perdoar do que nós próprios poderíamos* esperar dele. Ora, para comprar de Deus um coração desses certa-

9 Cf., p. ex., comentário sobre Gn 18,19: WA 43,35.

mente estarias disposto a sacrificar corpo e vida, e correr atrás até o fim do *mundo, como era praxe sob o papado, torturando-se com toda a sorte de* obras para este fim. Agora aqui te é oferecido semelhante coração, apresentado e concedido totalmente de graça da mesma forma que o Batismo, o Evangelho e *todos os seus benefícios, e acabas recebendo mais do que* poderias receber com todas as obras tuas e de todos os seres humanos. Pois aqui tens a promessa certa, que não te engana nem mente, de que todos os teus pecados, *por maiores e mais numerosos que sejam, serão para ele tão* insignificantes como fraquezas humanas cotidianas, que ele não pretende levar em conta nem considerar, contanto que tenhas a fé em Cristo. Pois da mesma forma como outros sacramentos procedem do Senhor Cristo e operam por meio dele, assim também nossa oração é atendida e nós temos perdão certo sem o merecermos, pelo fato de tudo ter sido alcançado por ele e concedido a nós gratuitamente. De modo que ele sempre permanece o Mediador exclusivo, pelo qual tudo temos, e que também a promessa fundamentada *sobre este feito tenha validade apenas através dele.*

Por aí vês agora por que Cristo fez esse acréscimo à oração. Ele o fez para com ele nos unir firmemente e preservar sua cristandade na unidade do *espírito, na fé e no amor*[10], *a fim de que não nos deixemos separar nem por* pecado nem por fraqueza, o que nos faria perder a fé e tudo mais. Pois nem pode ser diferente: entre nós necessariamente ocorrem muitos choques todos os dias em todas as classes e atividades, *onde são ditas coisas que não se* gosta de ouvir e onde se fazem coisas que não se pode suportar. Isso desperta a ira e discórdia. Pois ainda somos feitos de carne e sangue, que agem a seu modo e com facilidade deixam escapar uma palavra má, ou um sinal ou ato irritado que fere o amor. Por isso entre os cristãos é preciso haver e estar em prática puro perdão, assim como também junto a Deus precisamos incessantemente de perdão e ater-nos constantemente à oração: "Perdoa-nos, assim como nós perdoamos". Caso contrário somos gente tão desgraçada que *enxergamos antes um cisco no olho do próximo que a trave em nosso olho*[11], lançando nossos pecados atrás de nós. Pois se nos observássemos diariamente da manhã até a noite, sem dúvida encontraríamos tantas coisas em nós que *esqueceríamos os outros e nos daríamos por contentes em poder orar.*

10 Cf. Ef. 4,3.
11 Cf. Mt 7,3.

Uma singela forma de orar, para um bom amigo.[1] 1535

INTRODUÇÃO

Esta pequena obra de Lutero se tornou um clássico. Escrito no começo de 1535 e impresso por Hans Lufft em Wittenberg, o livro se tornou tão popular que teve quatro edições naquele ano. Ao todo foram feitas 20 edições em alemão e duas em baixo-alemão. Em 1537 surgiu uma tradução para o latim.

Lutero dedicou o livro a seu amigo barbeiro Pedro Beskendorf, sem saber que este iria precisar muito do livro naquele fatídico ano. Já fazia a barba com ele uns 18 anos no mínimo, pois numa carta a Christoph Scheuerl de Nürnberg, em 11 de setembro de 1517, envia saudações do "mestre Pedro"[2]. O barbeiro era também conhecido como "cirurgião" e esteve a serviço do príncipe Joaquim de Anhalt. Também tinha o respeito dos professores da universidade.

Na conversa de barbeiro, quando decerto Lutero não podia responder muito porque estava com o rosto cheio de espuma, Pedro disse que iria escrever um livro contra o poder e as artimanhas do diabo. Lutero então escreveu num dos livros de Pedro uma poesia de 40 linhas sobre a verdade de João 8.44, onde diz que o diabo é o mentiroso e o pai da mentira[3].

No sábado antes da Páscoa, 27 de março de 1535, aconteceu uma tragédia. Pedro estava na casa de seu genro Dietrich para uma refeição. Este era um veterano de guerra e se gabava que nada o podia ferir porque conhecia a arte de fazer-se invulnerável. Pedro, certamente alcoolizado, queria testar esta arte e enfiou uma faca em Dietrich, que morreu.

Com a intercessão de seus amigos, entre os quais Lutero, Pedro foi condenado apenas ao exílio. Mas o barbeiro salvou, como disse Melanchthon numa carta a Justo Jonas em 4 de agosto de 1535, apenas aquela sua parte que podia enfiar para fora de uma janela, sua cabeça. Perdeu tudo em Wittenberg, mas achou asilo em Dessau.

A "Singela Forma de Orar" agora era mais necessária do que nunca para Pedro Barbeiro. É uma lição de como organizar a devoção doméstica para disciplinar a oração. Ninguém precisava repetir palavra por palavra a meditação de Lutero, mas

1 *Eine einfältige Weise zu beten für einen guten Freund (= Wie man beten soll, für Meister Peter Barbierer)* — 1535. — WA 38,358-373. Tradução: *Walter O. Schlupp.*
2 WA Br 1, nº 46. Veit Dietrich o chama de *Chirurgus.*
3 EA 52,357-359. Ver KÖSTLIN. *Martin Luther,* II, p. 298.

ela podia servir para acender o coração a ouvir o "sermão do Espírito". Lutero recomenda tempos fixos para a oração, cedo de manhã e à noite, em que nada deveria estorvar a devoção.

Na realidade, é uma "forma singela", pois Lutero oferece em 14 páginas seu esquema pessoal do uso dos salmos e do catecismo, dando uma forma resumida do Pai-Nosso, dos Mandamentos e do Credo para incentivar a oração. Mesmo ao ir à igreja, ainda levaria consigo os pensamentos centrais desta "forma singela" para sua devoção.

Lutero sabe que "uma boa oração não deve ser longa, nem repetida muitas vezes", mas deve ser "freqüente e calorosa". Isso "nos dará o Espírito", quando o coração "estiver em sintonia com a palavra de Deus".

Lutero entende que o próprio trabalho, como o de um barbeiro, já é uma resposta da fé, pois "uma pessoa crente teme e honra a Deus em seu trabalho", pois "faz de sua ação adicionalmente uma oração e um sacrifício de louvor". Mas, mesmo assim, é necessário insistir com a oração oral, pois "a carne", a velha natureza humana, se inclina sempre "contra o espírito de oração".

Então Lutero apresenta uma excelente elaboração em forma de oração das sete petições do Pai-Nosso. Considera o Pai-Nosso "acima do Saltério", pois "o Pai-Nosso é a melhor oração". Mas orado de forma abusiva, "o Pai-Nosso é o maior mártir sobre a terra".

Passa então a estabelecer a relação entre o Pai-Nosso e o Decálogo. Faz uma "coroa trançada quatro vezes" dos Dez Mandamentos, oferecendo uma aplicação quádrupla, com (1) instrução (livrinho de doutrina), (2) ação de graças (livrinho de canto), (3) confissão (livrinho de confissão), (4) petição (livrinho de oração).

Depois ainda recomenda "um salmo ou um capítulo da Escritura" para "acender nova chama em seu coração". Em edições posteriores Lutero incluiu o Salmo 51. Em outras edições fez uma breve exposição quádrupla do Credo Apostólico em forma de oração.

A tradução está baseada no texto alemão, como se encontra em WA 38,(351)358-373.

Martim Carlos Warth

0

Como se deve orar, para o mestre Pedro Barbeiro.

Caro mestre Pedro! Passo-te minha experiência com a oração e a maneira como costumo praticá-la. Nosso Senhor Deus te conceda e a todos os demais que o possais fazer melhor. Amém.

Em primeiro lugar: às vezes sinto que, por causa de ocupações ou pensamentos alheios, fiquei frio ou perdi a vontade de orar. Pois a carne e o diabo estão constantemente dificultando e impedindo a oração. Nesses momentos pego meu salteriozinho, vou para meu quarto ou, conforme o dia e a hora, para a igreja, misturando-me com as pessoas, e passo a recitar para mim mesmo, oralmente, os Dez Mandamentos, o Credo e, dependendo de minha disponibilidade de tempo, diversas citações de Cristo, de Paulo ou dos Salmos, tudo como o fazem as crianças.

Por isso é bom que, de manhã cedo, se faça da oração a primeira atividade, e de noite, a última. E previne-te muito bem desses pensamentos falsos e enganosos que dizem: Espera um pouco, daqui a uma hora vou orar, mas antes ainda tenho que resolver isso ou aquilo. Porque com esse pensamento se passa da oração para os afazeres que prendem e envolvem a gente a ponto de não mais sair oração o dia inteiro.

Está certo que podem aparecer tarefas diversas, tão boas ou até melhores que a oração, principalmente se a necessidade as exige. Corre um dito atribuído a São Jerônimo[4]: Todo trabalho do crente é uma oração. E há um provérbio que diz: Quem trabalha bem, ora em dobro, o que significa que uma pessoa crente teme e honra a Deus em seu trabalho, e se lembra de seu mandamento, para que não faça injustiça a ninguém, nem roube, engane ou defraude a ninguém. Essa atitude, sem dúvida, faz de sua ação adicionalmente uma oração e um sacrifício de louvor.

Por outro lado, também não é menos verdade que a obra de um descrente é pura maldição, e quem trabalha desonestamente amaldiçoa em dobro. Pois os pensamentos de seu coração durante o trabalho só podem ser tais que ele despreza a Deus, transgride os mandamentos e faz injustiça a seu próximo, procurando roubar e defraudá-lo. Esses pensamentos, seriam eles outra coisa senão pura maldição contra Deus e as pessoas, pelo que sua obra e

4 *Sofrônio Eusébio Jerônimo* (ca. 340/350-420), batizado em 366. Primeiramente viveu como monge em Constantinopla, depois em Roma, onde era secretário do papa Dâmaso; depois voltou-se para Jerusalém e Belém, onde dirigiu conventos. Do papa Dâmaso recebeu a tarefa de compilar um texto fidedigno da Bíblia em língua latina. O trabalho resultou na Vulgata, obra conceituada e de uso geral até hoje.

trabalho também passam a ser dupla maldição? Com isso também se amaldiçoa a si mesmo. Assim finalmente acabam se tornando mendigos e ineptos. Quanto à oração constante, entretanto, Cristo diz em Lucas 11.8 que se deve orar sem cessar, pois é preciso acautelar-se permanentemente contra pecados e injustiça, o que não pode acontecer onde não se teme a Deus e não se tem diante dos olhos seu mandamento, conforme diz o Salmo 1.2: "Bem-aventurado aquele que medita dia e noite na lei do Senhor", etc.

Mas também precisamos cuidar para não nos desabituarmos da oração, julgando por fim necessárias obras que na verdade não o são, ficando desse modo relaxados e preguiçosos, frios e enfastiados em relação à oração. Haja vista que o diabo, ao nos assediar, não é preguiçoso nem negligente, e que nossa carne ainda está por demais viva e disposta para o pecado, inclinando-se contra o espírito de oração.

Depois de aquecido o coração por tal recitação oral e tendo-se encontrado a si mesmo, ajoelha-te ou fica de pé, as mãos postas em oração e os olhos voltados para o céu, e fala ou pensa tão breve quanto possível:

Ó Pai celeste, Deus querido, sou um pecador pobre e indigno, que não mereço levantar meus olhos ou minhas mãos a ti e orar. Visto, porém, que mandaste que todos oremos, e ainda prometeste atender-nos, e inclusive nos ensinaste as palavras que devemos usar e a maneira como fazê-lo através de teu Filho amado, nosso Senhor Jesus Cristo, venho obedecer a esse mandamento. E me fio em tua graciosa promessa, e oro em nome de Jesus Cristo, com todos os teus santos na terra, como ele me ensinou:

1. "Pai nosso, que estás", etc., do começo ao fim, palavra por palavra.

Depois repete uma parte ou quanto quiseres, por exemplo, a primeira petição: "santificado seja teu nome", e dize: Vem, Deus Senhor, Pai querido, santificar teu nome tanto em nós mesmos como em todo o mundo! Destrói e elimina os horrores, a idolatria e heresia do turco, do papa e de todos os falsos doutrinadores ou espíritos sectários, que usam teu nome de forma enganosa e assim dele abusam de maneira descarada e blasfemam terrivelmente. E afirmam tratar-se de tua palavra e do preceito da Igreja. Mas não passa de mentira e astúcia do diabo com a qual seduzem miseravelmente, em teu nome, no mundo inteiro, tantas pobres almas; além disso ainda matam, derramam sangue inocente e perseguem [pessoas], pensando que assim estão prestando culto a ti.

Senhor Deus querido, converte e põe um fim. Converte aqueles que ainda precisam ser convertidos, para que eles conosco e nós com eles venhamos a honrar, santificar e glorificar teu santo nome, com doutrina pura e genuína e com uma vida boa e santa. Não consintas, porém, que aqueles que não se querem converter continuem a abusar, profanar e desonrar teu santo nome e a seduzir as pobres pessoas, amém.

2. A segunda petição: "Venha teu reino", e dize: Ah, querido Senhor

Deus e Pai, estás vendo que não é somente a sabedoria e o entendimento do mundo que difamam teu nome e entregam tua glória à mentira e ao diabo. Todo o seu poder e mando, sua riqueza e glória que lhes deste sobre a terra para governar no âmbito secular e com isto te servir, estão se opondo e resistindo a teu reino. Eles são grandes, poderosos e em grande número, gordos, obesos e fartos, e atormentam, impedem e perturbam o pequeno rebanho de teu reino, gente fraca, desprezada e insignificante. Não os querem tolerar sobre a terra, e ainda acham que assim estão te prestando um grande serviço. Querido Senhor, Deus e Pai, aqui converte e susta. Converte aqueles que ainda precisam tornar-se filhos e membros de teu reino, para que eles conosco e nós com eles te sirvamos em teu reino, em fé genuína e amor autêntico, e passemos deste reino iniciado para teu reino eterno. E impede aqueles que não querem deixar de usar seu poder e capacidade para perturbar teu reino, de sorte que, derrubados de seu trono e humilhados, tenham que parar com isso, amém.

3. A terceira petição: "Faça-se se tua vontade, assim na terra como no céu", e dize: Ah, querido Senhor Deus e Pai, tu sabes como o mundo, não podendo eliminar por inteiro teu nome e acabar por completo com teu reino, lida dia e noite com pérfidos ardis e estranhas maquinações, tramam toda sorte de estranhos atentados, ficam maquinando e conspirando, apóiam-se e se fortalecem mutuamente, ameaçam e se enfurecem, atentam com as piores intenções contra teu nome, tua palavra, teu reino e teus filhos, procurando matá-los. Por isso, querido Senhor Deus e Pai, leva à conversão e acaba com isso. Converte aqueles que ainda devem reconhecer tua boa vontade, para que, junto conosco e nós com eles, obedeçamos a ela e desta forma suportemos com paciência e alegria todo mal, cruz e vicissitude, e nisso reconheçamos, provemos e experimentemos tua vontade benigna, misericordiosa e perfeita. Acaba, porém, com aqueles que não querem renunciar a sua fúria, raiva, ódio, ameaça e má intenção de prejudicar. Aniquila e desmascara seus desígnios, atentados e tramóias malvadas. Que caiam sobre eles mesmos, como canta o Salmo 7.16, amém.

4. A quarta petição: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje", e dize: Ah, querido Senhor Deus e Pai, concede tua bênção também para esta vida temporal e física. Dá-nos misericordiosamente a paz preciosa. Protege-nos de guerra e tumulto. Concede a nosso caro senhor imperador boa sorte e sucesso contra seus inimigos; dá-lhe sabedoria e entendimento, para que governe seu império terreno com tranqüilidade e felicidade. Dá a todos os reis, príncipes e senhores o bom conselho e intento de manterem seus países e sua gente em pleno gozo de paz e justiça. Principalmente ajuda e orienta a nosso querido senhor territorial N., sob cuja proteção e tutela tu nos guardas; que nos proteja de todo mal e governe de forma feliz e a salvo de más línguas e gente desleal. Concede a todos os súditos a graça de servirem fielmente e de

serem obedientes. Dá que todas as classes, burgueses e camponeses, se tornem devotos e manifestem amor e lealdade entre si. Concede bom tempo e frutos da terra; encomendo-te também casa e propriedade, mulher e filhos. Ajuda para que os governe bem e os crie e eduque cristãmente. Rechaça e domina o perversor e a todos os anjos malignos que nisso causam dano e estorvo, amém.

5. A quinta petição: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nos perdoamos aos nossos devedores", e dize: Ah, querido Senhor Deus e Pai, não nos leves ao juízo, porque perante ti nenhuma pessoa viva é justa[5]. Ah, não nos imputes por pecado o fato de infelizmente sermos tão ingratos por toda a tua indizível bênção espiritual e corporal, e de tropeçarmos e pecarmos muitas vezes todos os dias, mais do que sabemos ou podemos perceber[6]. Não tomes em consideração nossa piedade ou maldade, mas tua insondável misericórdia a nós concedida em Cristo, teu Filho amado. Perdoa também a todos os nossos inimigos, a todos que nos fazem sofrer ou nos injustiçam, assim como também nós lhes perdoamos de coração. Pois eles fazem o maior mal a si mesmos ao provocarem tua ira através de seu comportamento em relação a nós; e a nós de nada adianta sua perdição, antes preferiríamos que tivessem a bem-aventurança conosco, amém. E quem neste ponto sente que não pode perdoar com facilidade, queira pedir a graça de poder perdoar. Mas isso faz parte da pregação.

6. A sexta petição: "E não nos induzas à tentação", e dize: Ah, querido Senhor Deus e Pai, conserva-nos corajosos e bem dispostos, ardorosos e aplicados em tua palavra e serviço. Que não nos tornemos seguros, preguiçosos e relaxados, como se agora tivéssemos tudo, para que o diabo ferino não nos assalte e supreenda, e nos tire de novo tua palavra preciosa ou provoque discórdia e sectarismo entre nós, ou ainda nos leve de outro modo ao pecado e à vergonha, seja espiritual ou corporal; mas dá-nos, por teu Espírito, sabedoria e força, para que lhe resistamos com bravura e obtenhamos a vitória, amém.

7. A sétima petição: "Mas livra-nos do mal", e dize: Ah, querido Senhor Deus e Pai, esta vida miserável é tão cheia de aflição e infelicidade, tão cheia de perigo e insegurança, tão repleta de deslealdade e maldade (como diz São Paulo: "Os dias são maus" [Ef 5.16]) —, que com razão deveríamos estar cansados da vida e desejosos da morte. Tu, porém, Pai amado, conheces nossa fraqueza. Por isso, ajuda-nos a atravessar seguros esses múltiplos males e perversidades. E quando chegar a hora, dá-nos um fim misericordioso e uma despedida venturosa deste vale de aflição. Que não

5 Cf. Sl 143.2.
6 Cf. Sl 19.12.

nos amedrontemos diante da morte, nem desanimemos, mas, com fé resoluta, entreguemos nossas almas em tuas mãos, amém.

Por fim, observa que cada vez tens que fazer o amém bem forte, sem duvidar de que Deus te está ouvindo com certeza, com toda a graça, e diz sim a tua oração. E lembra-te de que não estás ajoelhado e parado sozinho. Toda a cristandade ou todos os cristão devotos estão contigo, e tu estás no meio deles, em oração unânime e concorde, a qual Deus não pode desprezar. E não larga da oração antes de teres dito ou pensado: bem, esta oração foi ouvida por Deus, disso tenho certeza e o sei de verdade. Isso é o que significa "amém".

Também deves saber que não quero que todas essas palavras sejam ditas na oração. Isso acabaria num palavrório e pura conversa vazia, recitado do livro ou da letra como o foram o rosário entre os leigos e as orações dos padres e monges. Muito pelo contrário, quero com isso ter estimulado e ensinado o coração acerca dos pensamentos que deve ter durante o Pai-Nosso. E a esses pensamentos o coração (quando estiver bem aquecido e disposto a orar) pode expressar perfeitamente com muitas outras palavras, também com menos ou mais palavras. Pois eu próprio também não me prendo a essas palavras e sílabas, mas as falo hoje de um jeito, amanhã de outro, conforme estou propenso e disposto. Mesmo assim, sempre me atenho, o quanto posso, a este mesmo pensamento e sentido. Muitas vezes acontece que em alguma parte ou petição do Pai-Nosso chego a delongar-me em pensamentos tão ricos, que deixo de lado todas as outras seis. E quando vêm tais pensamentos ricos e bons, deve-se deixar de lado as outras preces e dar lugar a esses pensamentos e ouvi-los em silêncio, não os impedindo de modo algum; pois ali está pregando o próprio Espírito Santo. E uma palavra de sua pregação é melhor do que mil orações nossas. Assim também, freqüentemente, aprendi mais em uma só oração do que poderia ter conseguido com muita leitura e reflexão.

Por essa razão é de suma importância que o coração fique livre e disposto para a oração. Assim também diz o Pregador 4 [sc. Ec 5.2]: "Prepara teu coração antes de orar, para que não ponhas Deus à prova". Que outra coisa é senão tentar a Deus se a boca fica tagarelando e o coração está distraído, em outro lugar? como aquele padre que orou do seguinte modo: *Ó Deus, vem ajudar-me* — peão, já desatrelaste o cavalo? — *Senhor, apressa-te em socorrer-me* — criada, vai ordenhar a vaca — *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo* — anda, menino, que a peste te leve, etc.[7]. Dessas orações ouvi e experimentei muitas em meu tempo no papado. Quase todas as suas orações são desse tipo e com elas apenas se zomba de Deus. Seria

7 Cf. Sl 70.1.

melhor que em lugar disso brincassem, já que não podem ou não querem fazer nada melhor. Infelizmente eu mesmo orei muitas dessas horas canônicas[8] em meus dias, de sorte que o salmo ou a hora da oração passava sem que eu me desse conta se estava no começo ou no meio.

Embora nem todos deixem escapar as palavras como o padre acima mencionado, misturando os afazeres com a oração, procedem assim no coração com os pensamentos. Perdem-se em mil fantasias, e ao chegarem no fim, não sabem o que fizeram ou por que partes passaram; começam dizendo "louvai" e já se encontram na Schlaráfia[9]. Acho que não poderia haver espetáculo mais ridículo do que se alguém pudesse ver os pensamentos que um coração frio e sem devoção vai misturando na oração. Agora, porém, louvado seja Deus, estou vendo que não é uma boa oração se alguém se esquece do que falou. Porque uma oração bem feita considera cuidadosamente todas as palavras e pensamentos do início até o fim da oração.

Assim, um barbeiro aplicado e competente tem que voltar seu pensamento, sua atenção e seus olhos, com muita precisão, para a navalha e os cabelos, e não se descuidar, não sabendo se está afiando ou cortando. Se, no entanto, quisesse ao mesmo tempo fazer muita conversa ou ficar pensando ou olhando outras coisas, certamente iria cortar fora a boca ou o nariz, e até o pescoço. Desta forma, para ser bem feita, cada coisa exige a pessoa toda, com todos os seus sentidos e membros, como se diz: *"Pluribus intentus minor est ad singula sensus"* — "Quem pensa em muita coisa não pensa em nada, também não faz nada direito". Tanto mais a oração precisa ter o coração todo para si, por inteiro e exclusivo para que seja uma oração boa.

Com isso está descrita, em breves palavras, a forma como eu mesmo costumo orar o Pai-Nosso ou qualquer oração. Pois ainda hoje mamo no Pai-Nosso como uma criança, dele como e bebo como um adulto; não consigo me fartar dele. Para mim ele está acima do Saltério (ao qual tanto amo). O Pai-Nosso é a melhor oração. Na verdade, percebe-se que foi o verdadeiro Mestre que o formulou e ensinou, e é profundamente lamentável que essa oração de tão excelente Mestre seja recitada sem qualquer devoção, e assim desvirtuada em todo o mundo. Há muitos que talvez rezem mil Pai-Nossos por ano, e mesmo que rezassem por mil anos, não teriam provado nem orado sequer uma única letra ou pontinho. Enfim, o Pai-Nosso é o maior mártir sobre a terra (da mesma forma como o nome e a palavra de Deus). Pois todo

8 Monges e clero tinham por obrigação rezar as horas canônicas — um ofício breve a certas horas do dia, constituído de leituras bíblicas, salmos, hinos e orações. Originalmente as horas canônicas eram cultos públicos. Na Idade Média já estavam restritas aos conventos.

9 *Schlaraffenland* no original — um país lendário de fartura e prazer, onde se consegue tudo sem trabalho e esforço. Qualquer desejo é cumprido ao simples pensamento.

o mundo o maltrata e abusa dele, sendo poucos os que o consolam e alegram com uso conveniente.

Caso, porém, além do Pai-Nosso, me sobrar tempo e oportunidade, procedo da mesma forma com os Dez Mandamentos. Pego um ponto depois do outro, para que fique inteiramente livre para a oração (o quanto isso for possível), fazendo de cada mandamento um quadrado ou uma coroa trançada quatro vezes, ou seja: tomo cada mandamento primeiro como um ensinamento, como ele na realidade o é em si mesmo, e reflito sobre o que nosso Senhor Deus nele exige de mim com tanta seriedade; em segundo lugar, faço dele uma ação de graça; em terceiro lugar, uma confissão, e em quarto, uma oração, da seguinte maneira ou com pensamentos e palavras deste tipo:

1. *"Eu sou o Senhor teu Deus"*, etc. "Não terás outros deuses ao lado de mim", etc. Aqui penso, em *primeiro lugar*, que Deus exige de mim e me ensina a confiar nele de coração em todas as coisas, e que ele, muito seriamente, deseja ser meu Deus. E como tal devo considerá-lo, sob pena de perder a eterna bem-aventurança. E meu coração não se deve basear ou confiar em mais nada, seja em algum bem, honra, sabedoria, poder, santidade ou qualquer criatura. Em segundo lugar, sou grato a sua insondável misericórdia, por se voltar tão paternalmente para mim, homem perdido, oferecendo-se a si mesmo sem ser solicitado nem procurado, e sem qualquer merecimento meu, para ser meu Deus, aceitar-me, querendo ser meu consolo, proteção, auxílio e força em todas as aflições. Caso ele mesmo não se fizesse ouvir de modo tão manifesto e não se nos oferecesse em nossa linguagem humana, querendo ser nosso Deus, nós pobres e cegos seres humanos teríamos procurado diversos deuses e ainda os procuraríamos. Quem lhe pode agradecer o bastante para sempre e eternamente por tudo isso? Em terceiro lugar, confesso e professo meu grande pecado e ingratidão, por ter desprezado, de maneira tão vergonhosa, doutrina tão bela e dádiva tão valiosa por toda minha vida, e por ter provocado sua ira de forma tão horrível com inúmeras idolatrias; isso me dói e peço misericórdia. Em quarto lugar, peço e digo: Deus meu e Senhor, ajuda-me por tua graça que eu, a cada dia, consiga aprender e compreender melhor este teu mandamento, e possa, em confiança sincera, agir de acordo. Protege meu coração, para que não me torne tão esquecido e ingrato, não procure outros deuses nem consolo em quaisquer criaturas, mas permaneça de todo o coração unicamente contigo, meu único Senhor. Amém, querido Senhor Deus e Pai, amém.

Em seguida (se eu quiser ou tiver tempo), o *segundo mandamento*, também quatro vezes trançado, ou seja: "Não abusarás do nome do Senhor teu Deus", etc. Primeiro aprendo daí que devo manter glorioso, santo e belo o nome de Deus, e nele não jurar, amaldiçoar ou mentir; não ser presunçoso nem procurar a própria dignidade ou nome, mas, em humildade, invocar,

adorar, exaltar e glorificar seu nome, deixando que toda a minha honra e glória resida no fato de ele ser meu Deus e de eu ser sua pobre criatura e servo indigno. Em segundo lugar, agradeço pela dádiva maravilhosa que ele me concedeu: de me ter revelado e concedido seu nome; de eu poder me gabar de seu nome e me deixar chamar de servo e criatura de Deus, etc., que seu nome é meu refúgio como um castelo forte (conforme diz Salomão), no qual o justo se refugia e é protegido[10]. Em terceiro lugar, confesso e professo meu vergonhoso e grave pecado que cometi contra este mandamento em minha vida: não só deixei de invocar, exaltar e glorificar seu santo nome, mas também me mostrei ingrato por essa dádiva, dela abusando por toda sorte de infâmia e pecado, jurando, mentindo, enganando, etc. Disso me arrependo e imploro misericórdia e perdão, etc. Em quarto lugar, suplico auxílio e força para, doravante, poder aprender bem esse mandamento. Peço que me guarde dessa vergonhosa ingratidão, do abuso e pecado contra seu nome, e que, pelo contrário, seja achado agradecido e no devido temor e glorificação de seu nome.

E, como disse acima referente ao Pai-Nosso, recomendo também aqui caso o Espírito Santo intervier nesses pensamentos e começar a pregar em seu coração com ricos e iluminados pensamentos, dá-lhe a honra, e deixa de lado esses pensamentos preconcebidos; fica quieto e escuta aquele que o sabe fazer melhor do que tu; e o que ele prega, isso grava e toma nota. E haverás de contemplar maravilhas na lei de Deus (como diz Davi)[11].

O terceiro mandamento: "Lembra-te de santificar o dia de descanso". Aqui fico sabendo, em primeiro lugar, que o dia de descanso não foi instituído para o ócio nem para o prazer carnal, mas para ser santificado por nós. No entanto, não é santificado por nosso obrar e agir; porque nossas obras não são santas; ele é santificado pela palavra de Deus; pois só ela é pura e santa, e santifica a tudo que com ela está em contato, seja tempo, lugar, pessoa, trabalho, descanso, etc. Pois através da Palavra também nossas obras se tornam santas, conforme diz S. Paulo em 1 Timóteo 4.4s.: "Toda criatura é santificada através da Palavra e da oração". Por isso reconheço aqui que no dia de descanso devo, em primeiro lugar, ouvir a palavra de Deus e refletir sobre ela, e, segundo a mesma palavra, agradecer e louvar a Deus por todos os seus benefícios, bem como orar por mim e por todo o mundo. Quem procede deste modo no dia de descanso, esse o santifica. Quem não o faz age pior do que aqueles que nele trabalham.

Em segundo lugar, agradeço nesse mandamento pela grande bênção e graça de Deus por nos ter concedido sua palavra e pregação, mandando nos praticá-las em especial no dia de descanso. Não há coração humano que

10 Cf. Pv 18.10.

11 Cf. Sl 119.18.

possa valorizar o bastante esse tesouro, pois sua palavra é a única luz nas trevas desta vida, e é palavra da vida, de consolo e de toda bem-aventurança. E onde não estiver presente a querida e salutar palavra, existe só a terrível e assustadora escuridão, engano, sectarismo, morte, toda sorte de infelicidade e tirania do diabo, como o vemos todos os dias diante dos olhos.

Em terceiro lugar, confesso e professo meu grande pecado e vergonhosa ingratidão por ter passado os dias de descanso de forma tão infame em minha vida, desprezando de maneira tão lastimável sua cara e preciosa palavra; por ter sido preguiçoso, indisposto e enfastiado de ouvi-la, isso para não falar de que jamais a procurei de coração nem por ela agradeci. Deixei, portanto, que meu Deus me pregasse em vão, e desprezei o precioso tesouro, calcando-o aos pés. E ele o tolerou de minha parte por exclusiva bondade divina, e nem por isso deixou de continuar a pregar para mim e de me chamar para a bem-aventurança de minha alma, com todo o amor e toda a fidelidade paterna e divina; por isso lamento e peço misericórdia e perdão.

Em quarto lugar, rogo por mim e por todo o mundo que o Pai amado nos queira conservar junto à sua santa palavra, que não a tire de nós por causa de nosso pecado, ingratidão e negligência; queira ele proteger-nos contra espíritos sectários e falsos mestres, e enviar-nos bons e fiéis obreiros para sua seara, isso é, pastores e pregadores leais e devotos; ele também nos dê a graça de, em humildade, ouvirmos, aceitarmos e fazermos jus a essa palavra, e de agradecermos e louvarmos de coração por isso; e assim por diante.

O quarto mandamento: "Honrarás a teu pai e tua mãe". Primeiramente aprendo aqui a reconhecer em Deus meu criador e como me criou de forma tão maravilhosa com corpo e alma; que de meus pais me deu a vida, e lhes deu o coração de me terem servido a mim, o fruto de seu corpo, com todas as suas forças, que me geraram, alimentaram, que se dedicaram a mim, cuidaram de mim e me educaram com muito zelo, preocupação, risco, esforço e trabalho; que até hoje me guardou a mim, sua criatura, em corpo e alma, contra inúmeros perigos e dificuldades e que me socorreu muitas vezes. Assim me cria de novo a cada momento. Pois o diabo não nos deixa de invejar a vida por um momento sequer.

Em segundo lugar, agradeço ao rico e bondoso Criador, por mim e todo o mundo, por ter, com esse mandamento, instituído e preservado o crescimento e a conservação do gênero humano — a vida familiar e a vida pública. Pois sem essas duas instituições ou regimes o mundo não poderia subsistir por um ano sequer, porque sem o regime secular não há paz; e onde não há paz não pode haver vida familiar, não podem ser gerados nem educados filhos, e paternidade e maternidade teriam que acabar por completo. Mas é para isso que está aí esse mandamento, mantendo e guardando a ambas, a vida familiar e a vida pública, determinando obediência para filhos e súditos, cuidando também para que ela realmente seja prestada. Ou então, caso isso

não acontecer, ele não o deixa impune. Caso contrário, os filhos há muito já teriam solapado toda a vida familiar com sua desobediência, e os súditos teriam acabado com a vida política através de tumultos, porque seu número é muito maior que o de pais e regentes. Por essa razão também esse benefício é inestimável.

Em terceiro lugar, confesso e professo minha lastimável desobediência e pecado pelo fato de ter infringido esse mandamento de meu Deus: de não ter honrado a meus pais, nem ter sido obediente; indignei e ofendi-os com freqüência; aceitei sua disciplina paternal com impaciência e resmunguei contra eles; desconsiderei sua leal admoestação, preferindo o convívio irresponsável de malandros e perversos. O próprio Deus amaldiçoa esses filhos desobedientes e lhes nega uma vida longa, como, aliás, muitos há que por causa disso morrem e sucumbem de modo vergonhoso antes de alcançarem idade adulta. Pois quem não obedece a pai e mãe tem que obedecer ao carrasco ou então perder cruelmente sua vida pela ira de Deus, etc. Por tudo isso lamento e peço misericórdia e perdão.

Em quarto lugar, rogo por mim e por todo o mundo que Deus nos queira conceder sua graça e derramar ricamente sua bênção sobre a vida familiar e pública; que doravante nos tornemos devotos, honremos os pais, sejamos obedientes às autoridades, resistamos ao diabo e não sigamos sua incitação à desobediência e ao tumulto; que, portanto, ajudemos ativamente a melhorar o lar e o país, e a manter a paz, em honra e louvor a Deus, para nosso próprio proveito e todo o bem; e que reconheçamos essas suas dádivas e sejamos gratos por elas. Aqui deve ser incluída também a intercessão pelos pais e autoridades: que Deus lhes conceda entendimento e sabedoria de nos liderarem e governarem de forma pacífica e venturosa; que os guarde da tirania, de excessos e fúrias desenfreadas; que os livre disso, para que honrem a palavra de Deus, não provoquem perseguições nem causem injustiça a alguém, porque essas elevadas dádivas se tem que alcançar através da oração, como o ensina S. Paulo[12]. Senão o diabo se torna o prior da corte e as coisas andam mal e desordenadas.

E se também fores pai ou mãe, esta é a ocasião de não esqueceres a ti mesmo, nem teus filhos e tua criadagem, mas de pedires com seriedade que o querido Pai, que te colocou na honra de seu nome e ofício e quer que também sejas chamado de pai e honrado como pai, te conceda a graça e a bênção de governar e sustentar a mulher, os filhos e sua criadagem de modo divino e cristão; que te dê sabedoria e força para educá-los bem; e a eles, um bom coração e boa vontade de seguirem seus ensinamentos e de lhe

12 Cf. Rm 12.12.

obedecerem. Pois tanto as próprias crianças como seu desenvolvimento, sua boa formação e a permanência nela são dádivas divinas. Caso contrário, um lar não passa de um chiqueiro, sim, de uma escola de malandros, como se observa entre a gente ímpia e devassa.

O quinto mandamento: "Não matarás". Aqui aprendo, em primeiro lugar, que Deus deseja de mim que eu ame a meu próximo, de modo que não lhe cause nenhum dano em seu corpo, seja em palavras, seja em ações; que não me vingue nem o prejudique com minha raiva, impaciência, inveja, ódio ou qualquer malevolência, mas saiba que tenho a obrigação de ajudá-lo e dar-lhe conselho adequado em todas as suas necessidades físicas. Pois com esse mandamento Deus me incumbiu da guarda do corpo de meu próximo, e determinou, por sua vez, a meu próximo que guarde meu corpo, como diz Siraque [Eclo 9.21?]: A cada um de nós confiou seu próximo.

Em segundo lugar, agradeço aqui pelo indizível amor, providência e fidelidade para comigo: por ter levantado uma guarda e muralha tão grande e forte ao redor de meu corpo, providenciando que todas as pessoas tenham a obrigação de me poupar e proteger, assim como também eu tenho essa mesma obrigação para com todas as demais pessoas; por cuidar também de sua observância, e por ter instituído, onde ela não acontece, a espada para castigo daqueles que não a cumprem. Caso contrário, se não existisse esse seu mandamento e instituição, o diabo haveria de perpetrar tamanho morticínio entre nós seres humanos a ponto que ninguém poderia viver em segurança por uma hora sequer, como de fato acontece quando Deus se indigna e pune o mundo desobediente e ingrato.

Em terceiro lugar, confesso e lastimo minha própria maldade e a do mundo: por não sermos apenas tão terrivelmente ingratos por este seu paternal amor e cuidado para consoco, mas — e isso é o mais vergonhoso — por não conhecermos tal mandamento e ensino, e por tampouco querermos tomar conhecimento dele; pelo contrário, o desprezamos, como se não nos dissesse respeito ou como se dele não pudéssemos ter nenhum proveito. Além disso andamos despreocupados e nem sequer deixamos que nossa consciência se impressione com o fato de, à revelia desse mandamento, desprezarmos, abandonarmos, sim, perseguirmos e lesarmos o próximo, ou até o matarmos em nosso coração, agindo conforme nossa ira, raiva e toda maldade, como se estivéssemos procedendo bem e corretamente. A verdade é que está na hora da lamentação e do clamor sobre nós fascínoras malvados e gente cega, selvagem e má, que nos pisamos, batemos, esfolamos, mutilamos, mordemos e devoramos mutuamente, como animais enfurecidos, e por não nos deixarmos intimidar o mínimo por esse sério mandamento de Deus; e assim por diante.

Em quarto lugar, peço que o Pai amado nos queira ensinar a reconhecer esse seu santo mandamento e ajudar com que também procedamos e vivamos de acordo: que nos proteja a todos daquele homicida que é o mestre e

exemplo de todo morticínio e dano[13]. Que conceda sua abundante graça para que as pessoas (e nós com elas) sejam amáveis, mansas e bondosas entre si, perdoem-se sinceramente e cada um suporte a falha e defeito do outro de forma cristã e fraternal. E assim vivam em boa paz e união, como no-lo ensina e de nós exige esse mandamento.

O sexto mandamento: "Não cometerás adultério". Aqui aprendo, uma vez mais, o que Deus pretende comigo e o que deseja de mim: que eu viva em castidade, pureza e temperança, em pensamentos, palavras e ações. Que não desonre a mulher, filha ou criada de quem quer que seja, mas ajude a socorrer, proteger e fazer tudo em prol de sua honra e pureza, bem como ajude a refrear as más línguas que comprometem ou roubam sua honra. Pois tudo isso é minha obrigação. E Deus quer de mim que não apenas deixe intacta a honra da mulher e dos familiares de meu próximo, mas também sinta a obrigação de ajudar a preservar e guardar a honra e a integridade moral dele, assim como desejo que meu próximo proceda para comigo e aplique este mandamento em relação a mim e aos meus.

Em segundo lugar, agradeço ao Pai amado e fiel por essa sua bênção, pois com esse mandamento tomou sob sua proteção e tutela meu marido, filho e criado, minha mulher, filha e criada, determinando assim, severa e rigorosamente, que não sejam desonrados. Pois ele me conduz em segurança, cuida para que esse mandamento seja observado e não deixa ninguém impune, ainda que ele mesmo tenha que punir quando alguém transgride ou viola este mandamento e proteção. Ninguém lhe escapa; ou a pessoa tem que pagar aqui ou então deverá satisfazer esse desejo carnal no fogo do inferno. Porque Deus insiste na castidade e não tolera adultério, como constatamos diariamente em todos os impenitentes e perversos: no final das contas a ira de Deus os apanha e eles perecem em desonra. Caso contrário nem seria possível conservar a pureza e honra de sua mulher, filho, criadagem por uma hora sequer contra o diabo imundo; isso daria em casamento de cachorro e pura bestialidade, como acontece quando Deus, irado, retira sua mão e solta as rédeas a todos os excessos.

Em terceiro lugar, confesso e professo meu pecado (e o de todo o mundo) que cometi contra este mandamento, seja em pensamentos, palavras ou ações, em toda minha vida. E não apenas por ter demonstrado ingratidão em face de ensino e presente tão belos; mas também porque murmurei contra Deus por ter ordenado essa disciplina e castidade; por não permitir que ficasse livre e impune toda sorte de impudicícia e malandragem, tampouco que o matrimônio fosse desprezado, ridicularizado e condenado, etc. Visto que os pecados referentes a esse mandamento são os mais flagrantes e mais

13 Cf. Jo 8.44.

facilmente reconhecíveis de todos, não há jeito de ocultar ou disfarçá-los. Isso lamento muito, e assim por diante.

Em quarto lugar, peço por mim e por todo o mundo que Deus nos queira conceder a graça de cumprir este seu mandamento com muito amor. Que não somente nós vivamos em castidade, mas também possamos ajudar e apoiar a outros nesse intento.

Da mesma forma prossigo com os demais mandamentos, na medida em que tenho tempo, disponibilidade ou vontade. Pois, como já disse, não quero prender ninguém a essas palavras ou reflexões. Quero apenas apresentar meu exemplo, ao qual queira seguir quem assim entender, ou melhor, quem puder, propondo-se de uma só vez todos os mandamentos ou quantos lhe aprouverem. Porque a alma, quando procura alguma coisa, seja boa ou má, e o caso é sério para ela, consegue pensar, em um único momento, mais do que a língua consegue falar em dez horas e a pena escrever em dez dias. Tão esperta, engenhosa e capaz é a alma ou o espírito; por isso terá tratado com rapidez todos os Dez Mandamentos, passando pelas quatro partes, contanto que realmente o deseje.

O sétimo mandamento: "Não furtarás". Em primeiro lugar aprendo aqui que não devo tomar os bens de meu próximo, nem possuí-los contra sua vontade, seja abertamente ou às ocultas. Que não devo ser desleal ou desonesto ao agir, servir ou trabalhar, para que não obtenha o que é meu como ladrão, mas me sustente no suor de meu rosto e coma meu próprio pão honestamente. Da mesma forma devo contribuir para que, pelos pontos acima mencionados, não se tire de meu próximo o que é seu (como tampouco de mim mesmo). Aprendo também que, através desse mandamento, Deus resguarda e protege meus bens com cuidado paternal e grande seriedade, pois proíbe que me roubem qualquer coisa. E onde isso não se cumpre, ele impôs o castigo, entregando a forca e a corda ao carrasco. E se esse não puder executar o castigo, ele mesmo o aplica, sendo que no fim tenham que ficar mendigos, conforme o ditado: Quem rouba quando jovem, vai mendigar na velhice. Ou então: Bens ilegítimos não medram, e: Danosamente obtido, ruinosamente perdido.

Em segundo lugar, agradeço por sua fidelidade e bondade de ter dado a mim e a todo o mundo tão bom ensinamento e assim também proteção e tutela. Porque, onde ele não protege, não fica dentro de casa sequer um centavo nem pedaço de pão.

Em terceiro lugar, confesso todo o meu pecado e ingratidão com que, em toda a minha vida, fiz injustiça a alguém, o privei de algo ou com ele fui desonesto, e assim por diante.

Em quarto lugar, peço que nos conceda a graça para que eu e todo o mundo aprendamos este seu mandamento e o consideremos; que por ele também melhoremos, para que diminuam furto, roubo, exploração, fraude e

injustiça. E que em breve, com o dia final, para o qual urge a oração de todos os santos e de todas as criaturas (Rm 8,18ss.), isso tudo tome um fim, amém.

O oitavo mandamento: "Não prestarás falso testemunho", etc. Isso nos ensina, em primeiro lugar, a sermos sinceros uns com os outros e a evitarmos toda sorte de mentiras e calúnias, a ouvirmos e falarmos de bom grado o melhor sobre os outros. Assim se erige um muro de proteção para a nossa boa fama e integridade, proteção contra as más línguas e bocas falsas, as quais Deus também não deixará impunes, como foi dito acerca dos outros mandamentos.

Por isso lhe devemos agradecer, tanto pelo ensinamento como pela proteção que ele assim nos dá graciosamente.

Em terceiro lugar, [devemos] confessar-nos e rogar pela graça por termos passado nossa vida em semelhante ingratidão e pecado, mentindo, usando de falsidade e má língua contra o próximo, para com o qual, afinal, temos o dever de salvaguardar toda sua honra e integridade, como o desejaríamos para nós mesmos.

Em quarto lugar, pedimos forças para cumprir doravante esse mandamento, e por uma língua benevolente, etc.

O nono e décimo mandamento: "Não cobiçarás a casa de teu próximo, nem sua mulher", etc.

Isso nos ensina, em primeiro lugar, que não devemos, com a aparência da legitimidade, aliciar, tirar ou extorquir os bens de nosso próximo e o que lhe pertence, mas ajudar para que os possa conservar, como nós gostaríamos que acontecesse conosco. Isso também é uma proteção contra as espertezas e tramóias dos ladinos que, afinal, também receberão seu castigo. Em segundo lugar, devemos ser gratos por isso. E, em terceiro lugar, [devemos] confessar nosso pecado com arrependimento e contrição; em quarto lugar, [devemos] rogar por auxílio e fortalecimento para nos tornarmos retos e cumprirmos esse mandamento de Deus[14].

Estes são os Dez Mandamentos tratados de quatro modos: como livrinho de doutrina, como livrinho de canto[15], como livrinho de confissão e como livrinho de oração. Com eles um coração deveria encontrar-se a si mesmo e aquecer-se para a oração. Cuida, porém, para não te propores tudo ou demais, para que o espírito não se canse. Uma boa oração não deve ser longa, nem repetida muitas vezes. Deve ser freqüente e calorosa. É suficiente que consigas tratar um ponto ou mesmo só a metade, com que possas

14 Em edições ampliadas, já a partir de 1535, Lutero inseriu neste ponto sua exposição sobre o Credo Apóstólico, omitindo os dois parágrafos seguintes.

15 O "livrinho de canto" — *Sangbüchlein*, no original — deve ser entendido como louvor, agradecimento, como se pode deduzir da exposição posterior.

acender uma chama em teu coração[16]. Bem, isso nos dará o Espírito e tem que ser dado por ele, e há de continuar a ensiná-lo no coração quando este estiver em sintonia com a palavra de Deus e livre de negócios e idéias estranhas.

Esta não é ocasião para falar a respeito da fé ou da Escritura Sagrada; porque isso se delongaria ao infinito. Quem tiver prática pode muito bem tomar os Dez Mandamentos num dia, noutro dia um salmo ou um capítulo da Escritura, para com este isqueiro acender uma chama em seu coração.

16 Em algumas edições, Lutero inseriu aqui o Salmo 51.

Sexualidade: Matrimônio — Bigamia Divórcio — Prostituição

Sexualidade: Matrimônio — Bigamia Divórcio — Prostituição

INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

Quando o estudante de Direito, Martinho Lutero, vendeu seu exemplar do *Corpus Iuris Canonici* e ingressou no convento dos agostinianos eremitas em Erfurt, não apenas frustrou os planos paternos que preparavam seu casamento, mas tornou-se também incapaz para o matrimônio, segundo o direito canônico vigente, em virtude de seu voto de castidade. Não deixou, porém, de envolver-se com questões matrimoniais, pois constantemente eram-lhe apresentadas as perguntas dos cristãos, aos quais tinha que servir de conselheiro. Foi no confessionário, principalmente, que ouviu a respeito dos conflitos armados pelo direito canônico para as pessoas casadas.

As formulações da Epístola aos Efésios haviam dado margem a que se visse no matrimônio um sacramento. No entanto, mesmo estando sob a bênção da Igreja, o matrimônio era visto como inferior ao estado sacerdotal, pois conferia-se ao sacerdote uma função de mediador da salvação e dava-se maior valor a sua condição de vida "virginal" em virtude do celibato. O sacramento do matrimônio era considerado concedido através do mútuo consenso matrimonial dos nubentes. Com isso, desde Tomás de Aquino[1], estava assegurado que o que constituía o matrimônio era a vontade dos pais, do marido e do consentimento voluntário da noiva. Uma vez que o matrimônio era visto como sacramento, esse aspecto assegurava sua indissolubilidade, mas também colocava-o sob a jurisdição da Igreja, das autoridades episcopais e do papa. Leis eclesiásticas estabeleciam impedimentos ao matrimônio. Tais impedimentos abrangiam parentescos sangüíneos, parentesco espiritual (padrinho e afilhada), etc. Os impedimentos, por sua vez, provocavam conflitos de consciência. Eventuais dispensas eram concedidas a custos elevados. As leis canônicas previam, além disso, que um matrimônio já era considerado válido quando jovens, em secreto e sem o consentimento dos pais, se prometiam em casamento ou mantinham relações sexuais. Em conseqüência, caso uma das partes viesse a se casar publicamente com outra pessoa, o direito eclesiástico exigia que esse matrimônio permanecesse sem relações sexuais[2].

1 *Tomás de Aquino* (1225-1274). Aprofundando o conhecimento de Aristóteles e dos pais da Igreja, criou um dos mais impressionantes sistemas da teologia e filosofia escolásticas, tornando-se conhecido como "doutor angelical". Sua obra prima: *Suma Teológica*. Rovílio COSTA e Luis A. de BONI (organizadores), tradução: Alexandre CORRÊA. Co-edição Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Livraria Sulina Editora, Universidade de Caxias do Sul, 1980, 10 volumes, que veio a tornar-se teólogo normativo no sistema escolástico.

2 Cf. *Predigt am Epiphaniastage — 6. Januar 1544* — Sermão para o dia da Festa de Epifania, WA 49,298,24-300,21.

Em razão de tais experiências, Lutero já se manifesta de maneira crítica em relação ao direito matrimonial a partir de 1519[3]. É, porém, a partir de 1520, no escrito "À Nobreza Cristã de Nação Alemã, Acerca da Melhoria do Estamento Cristão" que podemos ver a influência e a conseqüência do princípio reformatório para sua visão do matrimônio. Nele, Lutero afirma que o papa não tem o direito de proibir o matrimônio a sacerdotes e a conventuais[4]. No tratado "Do Cativeiro Babilônico da Igreja"[5], criticando o conceito sacramental da escolástica, afirma que o matrimônio não é um sacramento, mas ordenação divina. Tal ordenação divina é maior que todas as leis humanas e, por isso, devem ser revogados todos os impedimentos ao matrimônio determinados pelas leis papais, permanecendo aqueles determinados pela Escritura. Somente três aspectos impedem o matrimônio: o desconhecimento de matrimônio anterior, o voto de castidade e a incapacidade de manter relações sexuais. Quando o marido não tiver comunicado à esposa sua impotência sexual, esta tem o direito à relação sexual fora do matrimônio, pois foi privada de um direito seu, não pode ser forçada à abstinência e é livre segundo o direito divino. Lutero manifesta-se tão contrário ao divórcio que considera, neste caso, a bigamia preferível ao divórcio. Contrariando o direito canônico, interpreta Mt 5.32 como palavra de Cristo favorável ao divórcio, em caso de adultério, e como palavra que admite novo matrimônio para a parte ultrajada. Vai além da palavra bíblica, quando admite novo matrimônio para a pessoa que foi abandonada maldosamente por seu consorte por mais de dez anos. No futuro, não deveriam mais decidir sobre divórcio e anulação do matrimônio bispos e o papa, mas pessoas doutas e piedosas.

As questões matrimoniais brevemente abordadas nesses escritos teriam que ser tratadas mais extensamente em razão de terem sido mal interpretadas. Em decorrência disso, surgiu, em 1522, o escrito "Da Vida Matrimonial"[6], no qual fala do matrimônio como ordenação de Deus, trata do divórcio e encoraja aqueles que pretendem contrair matrimônio. Nos anos seguintes a questão do divórcio foi abordada no escrito "O Sétimo Capítulo de S. Paulo aos Coríntios"[7] (1523) e em diversos sermões[8]. Os argumentos contra os votos da castidade, que já haviam sido mencionados no escrito "Dos Votos Monásticos"[9] (1521), voltaram a ser abordados quando da libertação de monjas, entre as quais se encontrava sua futura esposa Catarina von Bora, no escrito "Causa e Resposta que Virgens Possam Abandonar Conventos de Direito Divino"[10] (1523) e, em 1526, no escrito "Resposta a Algumas Questões Atinentes a Votos Monásticos a todos aqueles que buscam deixar o estado da tradaria, monacaria e freiraria, um grande consolo"[11]. Caso específico motivou,

3 P. ex., no escrito "Um Sermão a Respeito do Estado Matrimonial" — WA 2,(161)166-171; WA 9,(213)-219.789s.804; WA 21,66-74.
4 Cf. Obras Selecionadas, v. 2, pp. 277-340, especificamente pp. 311ss.
5 *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 341-424, especialmente pp. 400-403.
6 Cf. neste volume, pp. 160-183.
7 Cf. neste volume, pp. 184-229.
8 Cf., p. ex., WA 15,558-562; 17,I, (XIX) 12-29.
9 WA 8,631s.; 665s.
10 WA 11,394-400.487.
11 WA 19,287-290; 48,355-357.

em 1524, a repetição de posições já anteriormente defendidas no escrito "Os Pais não Devem Forçar os Filhos ao Matrimônio nem Impedi-los"[12].

A visitação às comunidades da Saxônia Eleitora, do ano de 1528, evidenciou, sob muitos aspectos, a ignorância dos pastores em virtude de sua pouca instrução. Em 1529 Lutero publicaria, como auxílio para esses pastores, seu Catecismo Maior[13]. Já no ano de de 1528, porém, havia publicado o "Manual da Bênção Matrimonial para os Pastores Pouco Letrados", um auxílio para a prática pastoral. Na segunda frase do prefácio a esse escrito, Lutero escreve: "Sendo casamento e matrimônio um assunto secular, não é da alçada de nós clérigos ou servidores eclesiásticos determinarmos ou prescrevermos qualquer coisa a esse respeito, e, sim, devemos deixar a cada cidade e província seu uso e costume em vigor"[14]. Para Lutero, o matrimônio ainda é questão que diz respeito ao clã de noivo e noiva, devendo seguir o uso e o costume da aldeia. A formulação do prefácio desse escrito, porém, nos evidencia também seu esforço para tirar o matrimônio do controle dos bispos e do papa e, conseqüentemente, eliminar a opressão popular feita através do sacramento do matrimônio e do direito canônico, onde se refere ao direito matrimonial.

O mais volumoso dos escritos de Lutero a respeito do matrimônio foi escrito em 1530 e levou o título: "Assuntos Matrimoniais"[15]. Os escritos dos anos seguintes ainda vão abordar questões matrimoniais, mas o essencial está dito.

Os escritos até aqui mencionados permitem-nos afirmar que no mundo da Reforma aconteceu uma mudança na valorização das relações de ambos os sexos. A valorização do matrimônio e da parternidade/maternidade deve ser mencionada entre as mais destacadas influências da Reforma.

A importância que recebem a mulher e o matrimônio na época da Reforma fica patente quando observamos a situação das mulheres na Igreja da Idade Média tardia. Neste período, a vida em celibato é vista como obra meritória que está a serviço da salvação. Tal concepção tem suas origens na introdução do celibato sacerdotal, tornado obrigatório com as reformas do papa Gregório VII (1073-1085). Nessa época passou-se a fomentar novamente as concepções da Igreja Antiga que viam a sexualidade como expressão do pecado original, promovendo-se, em conseqüência, o distanciamento em relação ao feminino. Paralelamente ao celibato sacerdotal, que pôde ser introduzido somente pela violência, a Idade Média tardia experimentou também uma revalorização do ideal da virgindade, que, por sua vez, levou a uma desvalorização do matrimônio. Nesse período vamos encontrar ainda uma série de proibições de matrimônios para leigos, a partir do 4º Concílio de Latrão (1215 sob o papa Inocêncio III, 1196-1216). Tais proibições trouxeram aos leigos uma grande incerteza em relação ao matrimônio. Ponto culminante desse desenvolvimento, que se iniciara com Gregório VII (1073-1085), vai ser a bula de Inocêncio VIII, (1484-1492) a respeito das bruxas, datada de 1484. Nela, a declaração do valor da sexualidade e da igualdade da mulher em relação ao homem é considerada doutrina herética. De

12 Cf. neste volume, pp. 230-237.
13 Cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre,, Concórdia, 4. ed. 1993, pp. 385-496.
14 Cf. neste volume, pp. 283-286.
15 Cf. neste volume, pp. 238-282.

maneira geral, a época apresenta a mulher como especialmente propensa às atividades satânicas, necessitando assim de um caminho especial para alcançar a salvação: a virgindade.

A doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes, desenvolvida por Lutero a partir de 1 Pe 2.9 e exposta no escrito "À Nobreza Cristã de Nação Alemã"[16], viu-se, pois, confrontada com uma Igreja, na qual as mulheres, a maioria de seus membros, eram discriminadas por causa de seu sexo e foram perseguidas por decênios com o consentimento da Igreja. Além disso a Igreja justificava teologicamente o papel de segunda categoria dado às mulheres. Lutero tentou voltar-se contra essa situação, se bem que em muitas de suas formulações venhamos a encontrar expressões que o mostram filho de seu tempo e traindo suas próprias intenções. Mesmo assim, a igualdade de todos os membros do corpo foi explicada por Lutero a partir de seu conceito de Deus: Deus é o Deus que se dá aos seres humanos, quando uma mulher fica grávida e dá à luz ao Filho de Deus. Quando Deus se torna ser humano, é dada a resposta definitiva à pergunta acerca do valor e da dignidade, da igualdade ou da desigualdade de homem e mulher. Deus envia seu Filho para derrubar os muros de separação e para possibilitar uma vida nova dentro de um amor recíproco (Ef 2). Com essa descoberta de Lutero fica eliminada a base teológica para a declaração de inferioridade da mulher, como podemos verificar especialmente em sua interpretação do "Cântico de Maria" (Lc 1.46-55)[17], de 1521.

A partir dessa realidade, surge em Lutero uma nova concepção de matrimônio. Ligada a essa nova concepção de matrimônio está uma descoberta de corporalidade. Para chegar a essa descoberta, Lutero parte do relato da criação (Gn 1.27ss.): "'Deus criou o ser humano, para que houvesse um homenzinho e uma mulherzinha'. Esse enunciado nos dá a certeza de que Deus dividiu os seres humanos nestas duas partes, para que houvesse homem e mulher, um ele e ela. E isso lhe agradou tanto que ele próprio o chamou uma boa criatura"[18]. Para Lutero, o fato de o ser humano existir somente como homem e mulher, e não de outra forma, é "obra e vontade de Deus". A distinção do gênero humano como homem e mulher deve ser vista como boa obra de Deus. *Ambos* foram criados à imagem de Deus. A sexualidade de cada um é parte do ser humano. "Não está em meu poder transformar-me em mulher, e não está em teu poder transformar-te em homem. Tal como fez a ti e a mim, assim somos, eu um homem, tu uma mulher. E Deus quer que essas boas criaturas sejam honradas e respeitadas como obra divina, e não permite que o homem despreze ou ridicularize a mulher ou a moça. Nem tampouco a mulher o homem, mas cada qual honre a pessoa e o corpo do outro como boa obra de Deus, que agrada ao próprio Deus."[19]

A diferença de sexos e a atração mútua entre os sexos não dependem da vontade do ser humano. São vontade de Deus; assim, cada um deve honrar o outro como boa obra de Deus. A corporalidade e o sexo são dádivas de Deus, pelas quais lhe devemos agradecer. A vida responsável do ser humano também abarca sua corporalidade.

16 Cf. nota 3.
17 Vide *Obras Selecionadas*, v. 6.
18 Cf. neste volume, p. 161.
19 Cf. neste volume, p. 161s.

Para Lutero, homem e mulher são criaturas de Deus e ele criou o ser humano como mulher e homem porque sabe do que necessita o ser humano: "Não é bom que o ser humano esteja só". Assim, a comunhão matrimonial é "obra e boa vontade de Deus". Em que consiste, porém, essa boa obra e vontade de Deus? Diz Lutero que há uma diferença entre "estar casado" e "reconhecer a vida matrimonial". Podemos reconhecer o bem no matrimônio quando cremos firmemente que o próprio Deus o instituiu. Foi ele quem uniu a mulher e o homem e lhes deu a capacidade de gerar filhos, criar e educá-los. Tudo isso é do agrado de Deus. Não é "tendo" um companheiro que demonstramos a vontade de Deus, mas "encontrando-nos", isso é, respeitando-nos, reconhecendo um as peculiaridades do outro, amando e vivendo de acordo. O matrimônio significa trabalho, sofrimento de um em relação ao outro, mas também dá a possibilidade de complementação, de apoio mútuo em todas as situações. E isso é boa vontade de Deus. Lutero vê no cuidado conjunto em relação à criança o que os cônjuges cristãos devem ser um em relação ao outro. No escrito "Da Vida Matrimonial", de 1522, na época em que ainda era solteiro, pois seu casamento se daria somente em 1525, Lutero diz: "Que diz a fé cristã a esse respeito? Ela abre seus olhos e encara todas essas coisas insignificantes, incômodas e desprezíveis espiritualmente e percebe que, com a benevolência divina, todas elas são ornadas com o mais precioso ouro e pedras preciosas, e diz: 'Ó Deus, porque sei que tu me criaste como homem e geraste essa criança de meu corpo, também sei com certeza que isso te agrada da melhor maneira; confesso que não sou digno de embalar o bebê, nem de lavar suas fraldas, nem de tomar conta dele e de sua mãe. Como foi que me tornei digno, sem qualquer mérito de ter reconhecido que estou servindo à tua criatura e à tua boa vontade? Com que alegria irei abraçar a tarefa, mesmo que fosse a mais humilde e desprezível. De agora em diante, nem frio nem calor, nem incômodo nem trabalho me há de desgostar, porque estou certo de que é isso que te agrada'"[20]. Em outras passagens, Lutero critica a tradição que diz que o trabalho diário na família é somente coisa de mulher. A tradição que diz que as tarefas domésticas são coisa de mulher é paganismo: Lutero escreve tal opinião com as palavras: "Acaso deveria eu embalar o bebê, lavar as fraldas, arrumar camas, cheirar o fedor, vigiar à noite, atendê-lo quando chora, curar suas assaduras e pústulas? Depois atender a mulher, alimentá-la, trabalhar pelo sustento, preocupação aqui e preocupação ali, sofrer isso ou aquilo, e todos os demais desgostos e incômodos inerentes ao estado matrimonial?"[21] Isso são palavras que a fé cristã não pode pronunciar. Mulher e homem são companheiros no matrimônio, chamados a levar as cargas uns dos outros. Quando as tarefas "insignificantes" são entregues exclusivamente à mulher, está desvirtuada a finalidade do ser humano. Só se pode ser ser humano em comunhão. Na maneira como homem e mulher se relacionam no desempenho diário de suas funções percebe-se se crêem no que confessam.

Portanto, o matrimônio cristão tem sua origem na palavra do Criador. A palavra de Deus cria o amor mútuo que envolve a todo o ser humano e capacita a homem e mulher a serem conjuntamente responsáveis. Além disso, ambos são iguais perante Deus, pois Deus criou homem e mulher a sua imagem, ambos são suas criaturas.

20 Cf. neste volume, p. 176.
21 Cf. neste volume, p. 176.

Essa imagem de Deus, no entanto, sempre é negada por homem e mulher em virtude de seu comportamento. Em seus escritos e em sua prática pastoral, Lutero não conhece apenas o "matrimônio perfeito". Ele sabe muito bem que há pecado também no matrimônio. Em sua atividade pastoral viu que os conflitos do matrimônio podem ser motivados por problemas sexuais, por problemas de personalidade, por enfermidades crônicas dos cônjuges, por influências dos pais do jovem par, por adultério, por problemas econômicos, por falta de oração. Ele sabia que todos esses problemas e outros como: fome, sede, satisfação, trabalho, sono, têm significado espiritual. Se essas questões não são observadas, elas vão provocar problemas na relação conjugal, e assim não haverá companheirismo no matrimônio.

Não obstante, Deus se tornou homem em Cristo para reconciliar consigo o mundo que se encontra sob o pecado e a morte. Com isso, homens e mulheres estão libertos dessa dependência de culpa, para que possam assumir com alegria todos os aspectos de sua vida em comum. Através do Batismo lhes são concedidas novas possibilidades de dar forma a sua vida em comum, pois em Cristo também seu relacionamento é modificado (Gl 3.26-28). Passam a ser "amigos no Espírito". Nessa liberdade, podem servir um ao outro, pois sua vida tem um objetivo: participar na renovação de tudo que foi criado (Ap 21.1). Essa obra de Deus, que ele quer concretizar em sua Igreja, é impedida por homens e mulheres enquanto continuam olhando e estabelecendo suas relações dentro das categorias do mundo caído. O Espírito de Deus quer modificar a homem e mulher, santificando-os para que se tornem *amigos*. A palavra "amigos" como característica da relação do casal é obtida por Lutero a partir da interpretação de Gl 3.28. Lutero não interpreta essa passagem no sentido de uma eliminação das características sexuais. Isso seria negação da "boa criação de Deus". Ele a interpreta no sentido da colaboração de homem e mulher. Eles vivem de acordo com o Evangelho: o masculino não mais quer subjugar o feminino, nem este procura, velada ou abertamente, meios para dominar o masculino. Homem e mulher são amigos. A base do matrimônio cristão é a reconciliação, e daí o respeito mútuo[21a].

A vontade do Criador na criação se torna realidade em Cristo. Lutero sempre constatou que cada geração tem que reaprender essa possibilidade. Cada ser humano tem também a possibilidade de fechar-se a essa mudança na relação de homem e mulher e acomodar-se à situação do mundo. Por isso vai dizer que não há matrimônio cristão. Também o matrimônio é uma "coisa civil". O que há são cristãos no matrimônio. Esses o recebem como dádiva, como oportunidade de complementarem-se, como possibilidade de tornarem-se "amigos em Cristo". O matrimônio não conhece regras, mas quer ser vivido dentro da liberdade que Cristo nos conquistou.

Afirmamos, no início, que Lutero aprendeu a ser conselheiro em questões matrimoniais a partir do confessionário. Dessa necessidade de conselheiro brotaram também todos os seus demais escritos. Dois episódios, para os quais Lutero formulou pareceres em questões matrimoniais de príncipes, merecem nossa particular atenção

21a De fundamental importância é o estudo de Gerta SCHARFFENORTH. *Freunde in Christus. Die Beziehung von Mann und Frau bei Luther im Rahmen seines Kirchenverständnisses*, in: Gerta SCHARFFENORTH e Klaus THRAEDE. **"Freunde in Christus werden..." Die Beziehung von Mann und Frau als Frage an Theologie und Kirche.** Gelnhausen e Stein, Burckhardthaus-Verlag e Laetare-Verlag, 1977.

em virtude das conseqüências que tiverem para o andamento da Reforma. Trata-se do parecer relativo a Henrique VIII, da Inglaterra, em 1531, e do parecer relativo ao landgrave Filipe de Hesse, de 1539.

Na tentativa de conseguir a anulação de seu matrimônio com Catarina de Aragão, mas visando também legitimar sua relação com Ana Bolena e buscar um herdeiro para o trono inglês, Henrique VIII justificou sua pretensão com o argumento de que Catarina fora esposa de seu falecido irmão e que ele não poderia ter sido dispensado do impedimento matrimonial daí decorrente. Em conseqüência, solicitou pareceres de diversas universidades que fundamentassem ou refutassem sua petição. Essa a razão de Lutero dirigir-se, em data de 3 de setembro de 1531, a Robert Barnes[22], representante do rei inglês junto aos teólogos de Wittenberg. Na carta, Lutero admoesta a Henrique VIII a que não se divorcie de Catarina de Aragão, pois, em se divorciando, estaria agindo contra a lei de Deus, mesmo que na época de seu casamento tivesse agido contra a lei humana. No máximo, concorda com que o rei inglês, seguindo o exemplo dos patriarcas bíblicos, tenha duas esposas. Henrique VIII não seguiu o conselho do reformador; Lutero, porém, voltaria a ocupar-se criticamente com a atitude do rei inglês, responsável pelo assassinato de diversas de suas esposas[23].

As observações de Lutero a respeito da bigamia dos patriarcas e dos limites da monogamia teriam sérias conseqüências para o futuro. Conselho dado ao landgrave Filipe levaria a profundas discussões em torno de pareceres já anteriormente formulados, mas criaria situação política deveras complicada. Aos 19 anos de idade, Filipe de Hesse casara com uma filha do duque Jorge da Saxônia, com a qual teve diversos filhos. Dizendo-se infeliz ao lado da esposa e sendo portador de sífilis em virtude de vida sexual desregrada, afirmou estar com a consciência oprimida e desejar regularizar a situação. A 28 de novembro de 1526[24], Lutero respondeu a pergunta do landgrave a respeito da poligamia dos patriarcas, dizendo que os patriarcas haviam tido palavra divina a esse respeito e que, além disso, a poligamia daquela época tivera função social. Desrecomenda a poligamia para os cristãos, a não ser que a esposa tenha contraído lepra. Em 1539, Filipe voltou a dirigir consulta a Lutero, através de Martim Bucer[25], solicitando dele parecer favorável a uma pretendida bigamia. A escolhida seria Margarete von der Sale, dama de companhia de sua irmã, a qual só concordava com a união, caso pessoas doutas a declarassem válida. Martim

22 WA Br 6,175-188 (nº 1861).

23 Cf. WA 51,449-451; WA Br 11,292,14-16 (nº 4204); WA TR 2,571,32-572,10 (nº 2640a.b.).

24 Cf. WA Br 4,140s. (nº 1056).

25 *Martim Bucer*, ou *Butzer* (1491-1551). Dominicano, adepto da causa luterana desde 1518. Um dos primeiros clérigos luteranos casados ao contrair matrimônio em 1522 com uma ex-monja. Pregador em Estrasburgo e organizador da Reforma nesta cidade. Durante toda sua vida tentou intermediar entre Lutero e as cidades influenciadas pela teologia zwingliana. Em 1536 participou da elaboração da *Concórdia de Wittenberg*. Desde então foi conselheiro na introdução da Reforma em diversos territórios. Pressionado pelo imperador Carlos V, teve que abandonar Estrasburgo e dirigiu-se para a Inglaterra. Faleceu em Cambridge. Em Bucer temos um tipo especial de teologia reformatória. Influenciado por Lutero, está igualmente ligado a Erasmo. A doutrina do Espírito Santo recebe destaque em sua teologia, a qual coloca o Espírito Santo como *nota ecclesiae* ao lado de Palavra e sacramento.

Bucer solicitou pareceres teológicos em Wittenberg, acentuando que por trás do pedido do landgrave estaria o peso de uma consciência deveras atribulada. Os pareceres deveriam concordar pública ou secretamente com a bigamia do príncipe, para que o mesmo não precisasse se dirigir ao imperador[26].

Em parecer assinado por Lutero, Melanchthon[27] e mais sete teólogos, acentuou-se que desde o início da criação um homem não deveria ter mais de uma esposa. Não se deveria, porém, condenar situações em que estivesse ocorrendo bigamia em virtude de necessidade e com a devida dispensa, como no caso da esposa leprosa. Por isso o landgrave poderia ver sua situação como caso de dispensa, para evitar o desregramento sexual. Caso pretendesse concretizar situação de bigamia, essa não deveria ser tornada pública, permanecendo dispensa de confessionário[28]. Tal procedimento seria preferível ao desregramento.

Oficializada a bigamia, a questão logo se tornou pública e Lutero foi interpelado pelo príncipe-eleitor. Na resposta, Lutero afirmou que seu posicionamento e o dos demais signatários teria sido conselho de confessionário, não lhes tendo sido fácil formulá-lo. Conselho semelhante teria sido dado a sacerdotes sob domínio papal, para que se casassem em secreto com suas cozinheiras[29]. De fato, o conselho dado a Filipe de Hesse não é posicionamento novo no pensamento de Lutero. Já em 1520, afirmara que a bigamia seria preferível ao divórcio e havia dito que seria admissível o relacionamento sexual da mulher de um marido impotente com o irmão do esposo ou com outro homem[30]. Também considerara lícito um segundo matrimônio para o esposo de mulher leprosa que, segundo o costume da época, deveria viver permanentemente distante do marido, desde que a esposa doente concordasse com isso[31]. A argumentação de Lutero parte de sua convicção da necessidade de vida em comum e de comunhão de corpos para evitar fraquezas humanas e tentações, mas também do exemplo das histórias dos patriarcas bíblicos[32].

No caso específico de Filipe de Hesse, há aspectos que fogem à argumentação até então usada por Lutero. No código penal, expedido por Carlos V, em 1532, a bigamia havia sido expressamente proibida! O parecer elaborado pelos teólogos de Wittenberg voltava-se, portanto, contra a lei imperial. Podemos argumentar que Lutero seguia a prática do conselho dado no confessionário. Mesmo assim, não podemos nos furtar à observação de que, de fato, Lutero está profundamente preso

26 Cf. WA Br 8,628-737.

27 *Filipe Melanchthon* (1497-1560). Humanista e editor de autores clássicos. Professor da Universidade de Wittenberg, logo tornou-se adepto do movimento reformatório, talvez o mais íntimo colaborador de Lutero. Ele é o autor da *Confissão de Augsburgo* e da *Apologia da Confissão* além do Tratado Sobre o Poder e o Primado do Papa. Os três textos se encontram em: *Livro de Concórdia*. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993. Em 1521 publicou *Loci communes*, a primeira teologia sistemática luterana.

28 *Beichtweis*, no original. Cf. WA Br 8,638-644 (nº 3423).

29 WA Br 9,131-135 (nº 3493).

30 Cf. *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 208s.

31 WA 48,670,27 671,3; WA Br 4,140,15s. (nº 1056).

32 WA 24,144,19 27; 14,714,9 11.

à estrutura patriarcal de seus dias. Mesmo se não quisermos duvidar da seriedade com que aceitou a argumentação do landgrave, que se dizia pressionado por sua consciência e que estaria buscando na bigamia uma fuga de uma vida desregrada, devemos, contudo, concordar que Lutero argumentou muito pouco a partir da situação das mulheres, vítimas das "dores de consciência" dos representantes do sexo masculino. O pouco de sua argumentação em favor da mulher merece, por outro lado, ser destacado, quando pensamos no patriarcalismo de seus dias.

Martin N. Dreher

Da Vida Matrimonial[1]

INTRODUÇÃO

Nas discussões de Lutero com a Igreja de seu tempo, as temáticas "matrimônio e vida monástica" formam todo um complexo. Elas não são questões primariamente literárias, mas existenciais, pois brotam do confronto da teologia reformatória com a temática de matrimônio e monasticismo. Diante da justificação dada de graça em Cristo, o matrimônio adquire importância, enquanto que a vida monástica se desintegra.

No verão europeu de 1522, o bispo de Meissen buscava reintroduzir, especialmente em Zwickau, os antigos costumes e entre estes os impedimentos ao matrimônio segundo o direito canônico. Em princípio de agosto, Lutero publicou um bilhete, a pedido de Nicolau Hausmann[2]. Nele reduzia consideravelmente o número de impedimentos. O bilhete serviu de base para a redação de "Da Vida Matrimonial". Lutero só abordou a temática a contragosto, pois sabia que, em razão das dificuldades e dúvidas provocadas pela legislação papal, nova legislação deveria ser estabelecida. Ele, porém, o fez em consideração às consciências atribuladas.

O matrimônio é incondicionalmente valorizado. Mulher e homem são boa criação de Deus. Crescer e multiplicar-se é obra divina, e a natureza implantada no ser humano, sua sexualidade, é mais importante do que comer e beber, do que dormir e acordar. Nenhuma promessa pode levar ao celibato, do qual não se pode dispor como se dispõe de vestes e calçados. Fala da impotência e considera o casamento de um impotente uma fraude. Analisa os 18 impedimentos papais ao matrimônio e descarta-os, com exceção de dois. O divórcio, tolerado apenas em caso de impotência e adultério, nos termos de Mt 19, deve ser considerado de competência da autoridade civil. O adúltero deve ser executado ou, no mínimo, expulso do país. Furtar-se sexualmente ao parceiro e imcompatibilidade também podem ser razões para o divórcio; nesse caso, porém, os parceiros não deveriam casar novamente. A doença do parceiro não é motivo de divórcio, devendo ser suportada como cruz imposta por Deus.

Feitas essas observações, Lutero aborda a vida matrimonial propriamente dita, mas não trata das relações sexuais entre os parceiros. Volta-se contra a desvalorização do matrimônio, valoriza paternidade e maternidade responsáveis, considerando o cuidado ao filho da prostituta mais importante que a vida monástica celibatária. Lamenta, porém, que na maioria dos matrimônios não haja ciência da palavra de Deus, motivo pelo qual os cônjuges não sabem aceitar também as dificuldades que

1 *Vom ehelichen Leben*, 1522, WA 10/II, 275-304. Tradução do original alemão: *Ilson Kayser*.
2 *Nicolau Hausmann* (1478/79-1538) pertenceu ao primeiro círculo de amigos de Lutero e é o reformador de Zwickau (1521) e Dessau (1532). Cf. o texto do "bilhete" em WA 10/II,261-266.

nele existem. O matrimônio, que é arma contra prostituição e incastidade, deve ocorrer bastante cedo.

O melhor do matrimônio são os filhos, pregadores de Deus em relação aos pais, a quem é permitido exercer junto a eles o sacerdócio de todos os crentes. É verdade que no matrimônio surgem preocupações com a sobrevivência, mas é necessário confiar no Criador. Na terceira parte do escrito é feito todo um arrazoado em favor do matrimônio, no qual Lutero não deixa de ver também as dificuldades e o pecado. Mesmo vendo pecaminosidade nas relações sexuais, afirma que o matrimônio é obra de Deus e que, por isso, graciosamente, não repara no pecado.

Martin N. Dreher

0

Jesus.

Este assunto me apavora, pois não gosto de pregar sobre a vida matrimonial porque temo que, uma vez levantado o assunto, dará muito trabalho a mim e a outros. As malditas leis papais causaram tal miséria e uma confusão tão lamentável nesta matéria, e, além disso, por causa de um regime omisso, tanto da parte da autoridade eclesiástica quanto da secular, aconteceram tantos abusos abomináveis e aberrações, que não gosto de me meter nesse assunto nem ouvir falar a respeito. Mas não há como fugir à necessidade, tenho que atacar a questão, para instruir as miseráveis consciências perturbadas, e ir em frente com coragem. Divido o presente sermão em três partes.

Primeira Parte

Antes de mais nada, queremos ver que pessoas devem aspirar ao matrimônio. E como introdução adequada, recorremos ao versículo de Gn 1.27: "Deus criou o ser humano, para que houvesse um homenzinho e uma mulherzinha". Esse enunciado nos dá a certeza de que Deus dividiu os seres humanos nessas duas partes, para que houvesse homem e mulher, ele e ela. E isso lhe agradou tanto que ele próprio o chamou uma boa criatura. Por isso, cada qual tem que aceitar o corpo tal como Deus lho criou, e não está em meu poder transformar-me em mulher, nem está em teu poder transformar-te em homem. Tal como fez a ti e a mim, assim somos, eu um homem, tu uma mulher. E Deus quer que essas boas criaturas sejam honradas e respeitadas como obra divina, e não permite que o homem despreze ou ridicularize a mulher ou a moça. Nem tampouco a mulher o homem, mas

cada qual honre a pessoa e o corpo do outro como boa obra de Deus, que agrada ao próprio Deus.

Segundo: Depois de haver criado homem e mulher, ele os abençoou e disse: "Crescei e multiplicai-vos" [Gn 1.28]. Esse versículo nos dá a certeza de que homem e mulher se devem unir, para se multiplicarem. E isso vale tanto quanto o primeiro, e tampouco deve ser desprezado e ridicularizado, visto que para isso Deus concede sua bênção e faz algo além da criação. Por conseguinte, assim como não está em meu poder deixar de ser homem, também não está em meu poder ficar sem mulher. Analogamente, assim como não está em teu poder deixar de ser mulher, também não está em teu poder ficar sem homem. Pois aí não se trata de livre escolha ou decisão, mas de algo necessário e natural: quem é homem tem que ter uma mulher, e quem é mulher tem que ter um homem.

Pois a palavra de Deus "crescei e multiplicai-vos" não é um mandamento apenas, é mais do que um mandamento, é uma obra divina que não nos compete impedir ou abandonar. É tão necessária como o fato de eu ser homem, mais necessária do que comer e beber, purgar e excrementar, dormir e vigiar. É uma natureza e espécie implantada da mesma forma como os membros correspondentes. Portanto, assim como Deus não ordena a ninguém que seja homem ou mulher, mas os cria como homem ou mulher, assim também não ordena que se multipliquem, mas cria as coisas de tal maneira que eles têm que se multiplicar. E mesmo que se queira impedi-lo, isso se revela impossível, e toma seu curso através de fornicação, adultério e masturbação, pois trata-se de algo da natureza e não da livre vontade.

Terceiro: Ele próprio excetuou dessa criação três categorias, ao dizer, em Mt 19.12: "Alguns nasceram castrados, desde o ventre materno; outros há que foram castrados por mãos humanas; outros ainda castraram-se a si mesmos por amor ao reino dos céus". Que com exceção dessas três categorias ninguém se atreva a ficar sem esposa! E quem não se enquadra em nenhum desses três grupos, pense somente na vida matrimonial, pois não há outro jeito de viver piedosamente. Isso é impossível, porque a palavra de Deus que te criou e disse: (...) Cresce e multiplica-te, permanece e governa dentro de ti, e não podes subtrair-te a ela de forma alguma; do contrário, terás que cometer pecado abominável sem fim.

E não te deixes enganar, mesmo que tivesses feito dez juramentos, votos, contratos ou até mesmo promessas de ferro ou diamente. Pois assim como não podes fazer votos de não querer ser homem ou mulher — e se o fizeres, seria uma loucura e não teria valor nenhum, pois não te podes fazer diferente , tampouco faz sentido prometeres que não queres reproduzir e multiplicar-te, caso não te encontrares em um daqueles três grupos. E mesmo que o prometas, também seria loucura e não teria valor algum, pois reproduzir e multiplicar-se é criação de Deus e não está em teu poder.

Por aí podes deduzir até que ponto têm valor todos os votos monásticos: perante Deus, o voto de um jovem ou de uma moça não tem valor, a não ser nas condições daquelas três categorias que o próprio Deus excetuou. De sorte que padres, monges e freiras têm a obrigação de romper seus votos quando percebem que têm a capacidade de se reproduzirem e multiplicarem, presente neles por criação de Deus, pois não têm poder de impedirem em si mesmos a criação de Deus por força própria, leis, mandamentos ou votos. Se a impedirem, podes ter a certeza de que não permanecerão puros e que têm a necessidade de se macularem com masturbação e fornicação. Pois não têm a capacidade de impedirem em si mesmos a palavra e a criação de Deus. As coisas hão de ser como Deus as fez.

Os primeiros, aos quais Cristo chama de castrados natos, desde o ventre materno, são os impotentes, incapazes por natureza de se reproduzirem e multiplicarem, os que têm uma natureza fria ou fraca, ou outra deficiência física, tornando-os incapazes de viver matrimonialmente, como existem tanto homens como mulheres. A esses se deixe ir; o próprio Deus os excetuou e os criou de modo que não lhes foi concedida a bênção de poderem multiplicar-se. A palavra: "Crescei e multiplicai-vos" não lhes diz respeito, como acontece também quando Deus cria a alguém coxo ou cego; os que não podem andar ou enxergar são livres.

A respeito desses escrevi certa vez um parecer para os confessores[3], para o caso em que viesse um homem ou uma mulher e quisesse aprender como proceder quando ele ou ela não é capaz de cumprir o dever conjugal e quando, não obstante, não o pode prescindir, visto que existe nele a capacidade criada por Deus de multiplicar-se. Aqui me acusaram de ter ensinado que, se um homem não consegue satisfazer os desejos de uma mulher, que ela procure outro. Mas deixemos de lado os mentirosos perversos. Pois, se distorcem as palavras de Cristo e de seus apóstolos, como não distorceriam também minhas palavras? No entanto, ainda veremos com quem ficará o prejuízo.

O que eu disse foi o seguinte: se uma mulher potente casasse com um homem impotente, não podendo casar com outro publicamente e também não querendo manchar a honra, visto que o papa exige muitas testemunhas nesses casos e faz muito alarde em torno disso, ela deveria dizer a seu marido: Caro esposo, não podes me corresponder e roubaste o corpo jovem; além disso puseste em risco minha honra e a salvação da alma. Perante Deus não existe matrimônio entre nós. Permite-me que mantenha uma relação secreta com teu irmão ou parente mais próximo, para que se preserve teu

3 Em "Do Cativeiro Babilônico da Igreja", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 341ss. Cf. especialmente p. 408s.

nome e teus bens não passem às mãos de estranhos. Permite que eu te engane conscientemente, assim como tu me enganaste sem minha ciência.

Disse também que o marido tem o dever de assentir e proporcionar-lhe o cumprimento dos deveres conjugais e a concepção de filhos. Se não aceitar, que ela o abandone em secreto, fuja para outro território e ali case. Este conselho dei na época em que ainda era tímido. Hoje, porém, interviria sem medo e arrancaria a pele de um homem desses, que engana uma mulher desse modo. Faria a mesma coisa com uma mulher, embora esse caso seja mais raro entre mulheres do que entre homens. Não se pode permitir que alguém engane tão levianamente seu próximo em assuntos tão importantes, que atingem o corpo, os bens, a honra e a salvação. Dever-se-ia fazê-lo pagar honestamente por isso.

O outro grupo, aos quais Cristo se refere como castrados por mãos humanas, os eunucos, são uma gente infeliz, pois, embora incapazes para o casamento, não estão livres do desejo, e cobiçam as mulheres mais do que antes. Tornam-se efeminados e lhes sucede o que diz o provérbio: "Os que não sabem cantar querem cantar sempre". Assim eles são torturados, procurando tanto mais a companhia de mulheres sem serem capazes. A esses também deixamos em paz; eles foram colocados fora da ordem natural de reproduzir e multiplicar-se, embora à força e somente por intervenção.

O terceiro grupo é constituído pelos elevados e ricos espíritos, capacitados pela graça de Deus, aptos para o casamento por natureza e fisicamente, mas que, não obstante, continuam solteiros espontaneamente. Eles dizem: "Bem que eu poderia casar, mas não quero. Prefiro trabalhar no reino dos céus, ou seja, no Evangelho, e multiplicar os filhos espirituais". Esses são raros, não se encontra um entre mil, pois são especial obra milagrosa de Deus; ninguém deverá encetar por esse caminho por conta própria, senão unicamente por chamado especial de Deus, como Jeremias[4], ou quando sente a graça de Deus tão forte dentro de si que a palavra "crescei e multiplicai-vos" não lhe diz respeito.

No entanto, por meio de mandamentos humanos, o diabo foi além dessas três categorias e encontrou ainda outras pessoas que ele excetuou da ordem divina e natural. São os que foram enredados (isso é, em mandamentos e votos humanos) e que depois foram presos por muitas trancas e grades de ferro. Essa é a quarta maneira de violentar a natureza, para que não possa reproduzir e multiplicar-se, contrariando a criação e gênero implantada por Deus, como se estivesse em nosso poder dispor sobre virgindade como dispomos sobre roupa e sapatos. Se fosse possível impedir a criação e a palavra de Deus com grades e trancas de ferro, quem sabe, poderíamos

[4] Cf. Jr 1.5; 16.2.

também construir grades de ferro suficientemente grossas e altas para transformar mulheres em homens, ou seres humanos em pedra ou madeira. É o diabo que faz essas diabruras com a pobre criatura, dando vazão à sua raiva.

Quarto: Queremos ver agora as pessoas aptas a se unirem em matrimônio, para que fique evidente que não tenho nenhum interesse em romper casamentos e na separação de homem e mulher. Pois no direito canônico, o papa inventou dezoito razões para impedir e romper o matrimônio. Rejeito e condeno a quase todas. Ele próprio também só as cumpre até que sejam derrubadas com ouro ou prata. Além disso, somente foram inventadas para servirem de rede de arrecadação de dinheiro e armadilha para as almas (2 Pe 2.14). Para que sua loucura fique patente, queremos analisar todas as dezoito uma por uma.

A primeira razão é a consangüineidade. Proibiram o matrimônio até a terceira e quarta geração. Se não tiveres dinheiro, embora Deus to permita perfeitamente, não podes casar com tua prima de terceiro e quarto grau, ou, se estás casado com ela, tens que deixá-la. Se, porém, tiveres dinheiro, está permitido. Pois esses mercadores têm em oferta mulheres que jamais se tornaram suas. Para poderes proteger-te contra esses tiranos, enumerarei as pessoas proibidas por Deus em Lv 18.7ss.: a mãe, a madrasta, a irmã, a meia-irmã, a filha de minha filha ou enteada, a irmã de meu pai, a irmã de minha mãe. Com essas pessoas não posso casar.

Daí se segue que filhos de irmãos podem unir-se por vontade de Deus e cristãmente. Também posso casar com a irmã de minha madrasta, com a meia-irmã de meu pai, com a meia-irmã de minha mãe. Mais ainda: posso tomar em casamento a filha de meu irmão ou de minha irmã, como foi o caso de Abrão e Sara. Nenhuma dessas pessoas me é proibida por Deus. Pois Deus não calcula segundo as gerações, como fazem os juristas, mas conta diretamente a pessoa. Do contrário, visto que a irmã de meu pai e a filha do irmão são do mesmo grau de parentesco, deverei dizer que ou não devo casar com a filha do irmão, ou posso tomar em casamento a irmã de meu pai. No entanto, Deus proibiu o casamento com a irmã do pai, mas não o proibiu com a filha do irmão, embora seja do mesmo grau de parentesco. Na Escritura também se pode constatar que as coisas não foram tão rigorosas com todas as meias-irmãs. Tamar, por exemplo, a irmã de Absalão, achava que bem poderia ter casado com Amnom, seu meio-irmão (2 Reis 13, sc. 2 Sm 13.13).

A segunda razão é a condição de cunhado. Aí também estabeleceram muitas gerações, para que, depois da morte da mulher, ninguém pudesse escolher de novo dentre a parentagem dela. Neste caso minha mulher deve ser de terceira ou quarta geração, se não me vier em socorro o dinheiro. No entanto, Deus me proibiu essas pessoas — a mulher do irmão de meu pai, a mulher de meu filho, a mulher de meu irmão, minha enteada, a filha de meu

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

enteado ou de minha enteada, a irmã de minha mulher enquanto minha mulher vive. Com essas pessoas não possso casar. Todas as demais posso tomar em casamento sem qualquer pagamento: a irmã de minha noiva ou de minha mulher depois de sua morte, a filha do irmão de minha mulher, a filha dos primos de minha mulher e todas as filhas dos irmãos de minha mulher, todas as suas sobrinhas. Se, todavia, um irmão vier a falecer sem deixar herdeiro, sua mulher tinha que casar, de acordo com o Antigo Testamento, com o parente mais próximo de seu marido, a fim de gerar um herdeiro de seu marido. Hoje isso não é mais assim, mas também não está proibido.

A terceira razão é o parentesco espiritual. Quando levo uma menina ao Batismo ou ao sacramento da confirmação, nem eu nem meu filho podem casar com ela, nem com sua mãe, nem com sua irmã, a não ser que disponha de boa soma de dinheiro. Tudo isso não passa de ludíbrio e armadilha inventados para arrancar dinheiro e perturbar as consciências. Acaso não é algo bem mais importante quando eu próprio aceito o Batismo ou quando levo alguém outro ao Batismo? Por conseguinte, não poderia casar com nenhuma mulher cristã, visto que todas as mulheres batizadas são irmãs espirituais de todos os homens batizados por meio do mesmo Batismo, Sacramento, fé, Espírito, Senhor, Deus e herança eterna.

Por que o papa não proíbe igualmente que nenhum homem fique com sua mulher quando lhe ensina o Evangelho? Visto que quem instrui o outro é seu pai espiritual, como se gloria São Paulo em 1 Co 4.15 de ser o pai de todos eles, dizendo: "Eu vos gerei em Cristo por meio do Evangelho". Nesse caso nem ele nem qualquer apóstolo sobre a terra poderia ter casado com nenhuma mulher de Corinto, porque instruíam e batizavam a todos.

Por isso, esquece essa doidice e, se quiseres, toma em casamento — porque Deus to permite — a filha do padrinho ou do compadre, ou sua irmã, ou quem quer que seja, e desconsidera totalmente essa razão inventada por avidez. Se não te impede o fato de a moça ser cristã, muito menos te impeça o fato de a teres batizado, instruído ou levado ao Batismo. Em especial evita a macaquice da confirmação desde que se saiba que Deus nada disse e nada sabe a respeito, e que é invenção o que os bispos pretextam nela. Zombam de nosso Deus e dizem que se trata de um sacramento de Deus, quando não passa de invenção humana.

A quarta razão é o parentesco secular. Quando uma criança estranha é adotada como filho ou filha, ela não pode, posteriormente, casar com os filhos desse casal ou com seus irmãos seculares. Também isso é invenção humana e não tem valor algum. Por isso, se quiseres, observa-o, no entanto, perante Deus não é nem tua mãe nem tua irmã, pois és sangue estranho; mas ela também trabalha na cozinha e rende dinheiro; é por isso que é proibido.

A quinta razão é a incredulidade, ou seja, não posso casar com uma turca, judia ou herege. Admira-me que esses tiranos criminosos não se

envergonham até o fundo do coração ao se oporem de forma tão evidente ao claro texto de Paulo em 1 Co 7.13, onde diz: "Se uma mulher ou um homem gentio quiser ficar na companhia do consorte cristão, não se separe dele". E S. Pedro diz em 1 Pe 3.1 que as mulheres cristãs devem mostrar um bom comportamento para, assim, converterem seus maridos não-cristãos, conforme procedeu Mônica, a mãe de Sto. Agostinho. Por isso, saibas que o matrimônio é um assunto físico exterior, como qualquer outro negócio secular. Assim como posso comer, beber, dormir, passear, cavalgar, negociar, conversar e trabalhar com um gentio, judeu, turco ou herege, também posso casar com ele e continuar casado, e não te importes com as leis loucas que to querem proibir. Pois é fácil encontrar cristãos que por dentro são descrentes piores (e esses são a maioria) do que qualquer judeu, gentio, turco ou herege. Um gentio é homem ou mulher criado por Deus tão bem quanto S. Pedro e S. Paulo e Sta Luzia[5], sem falar de um cristão imprestável e hipócrita.

A sexta razão é o crime, o vício. Sobre esse assunto eles não têm consenso quanto ao que isso poderia significar. Basicamente se trata das seguintes três situações: se alguém se deitou com uma moça, não pode casar com a irmã ou sobrinha dela; segundo, quem comete adultério com uma mulher não pode casar com ela depois da morte de seu marido; terceiro, se um homem ou uma mulher assassinar o consorte de alguém que ela ama, não pode, posteriormente, casar com ele. Isso aí é uma avalanche de loucuras. Não acredites em nada disso, nem te deixes enganar. É o diabo que os está cavalgando. Vícios e pecados devem ser castigados, mas de outra forma, e não com a proibição do casamento. Por isso nenhum vício ou pecado pode impedir o casamento. Davi cometeu adultério com Bate-Seba[6], a mulher de Urias, e, além disso, mandou matar seu marido, cometendo dois crimes de uma só vez. Nem por isso deu dinheiro ao papa, antes, a casou e gerou com ela o rei Salomão.

Preciso ser mais incisivo neste ponto. Essa gente sábia coloca igualmente o caso em que um homem peca com a mãe ou a irmã de sua mulher. Antes do casamento, isso seria um crime que impediria o matrimônio e o separaria. Quando, porém, tal caso acontece depois do casamento, o matrimônio não pode ser anulado por causa da mulher que não tem culpa nenhuma. No entanto, o homem tem que ser castigado. Tem que dormir ao lado de sua mulher sem ter o direito de exigir dela o cumprimento do dever conjugal. Aí vês o que o diabo é capaz de aprontar no matrimônio por meio de seus tolos agentes. Deita homem e mulher lado a lado e diz: Não sejam homem nem

5 *Sta. Luzia*: mártir cristã (283?-302), nascida provavelmente em Siracusa. Segundo a tradição, recusou-se a casar com um pagão; denunciada como cristã e condenada a ser ultrajada, conseguiu livrar-se dessa ignomínia, morrendo traspassada pela espada. Padroeira dos cegos, talvez em virtude da semelhança de seu nome com "luz". Comemorada em 13 de dezembro.
6 Cf. 2 Sm 11.

mulher. Ajunta fogo e palha e ordena que não haja incêndio. Caso se impusesse a décima parte desses mandamentos ao papa, como bufaria e raivejaria e se revoltaria contra esta injusta violência! Fora com esses grandes loucos! Deixa tu o matrimônio livre como Deus ordenou, e castiga o pecado e o vício com outras penas, mas não com o matrimônio e outros pecados.

A sétima razão eles chamam de honestidade pública. Isso significa: se minha noiva morre antes de eu levá-la para casa, não me é permitido casar com sua irmã até a quarta geração. Isso porque o papa acha e parece sonhar que é bom e honesto que eu não o faça, a não ser que lhe pague uma quantia de dinheiro. Aí então a honestidade deixa de existir. No entanto, já ouviste antes que, depois da morte de minha mulher, posso casar com a irmã dela e com qualquer uma de suas parentes, exceto sua mãe ou sua filha. Fica nisto e esquece os loucos.

A oitava razão é o voto, ou seja, o voto de castidade dentro ou fora do convento. Meu conselho é o seguinte: se quiseres fazer um voto sábio, jura que não irás morder teu nariz. Isso podes cumprir. No entanto, uma vez feito o voto, lembra-te do que foi dito anteriormente; examina tua situação se te enquadras em uma das três categorias que Deus excetuou. Caso sintas que não te enquadras em nenhuma delas, esquece votos e convento e junta-te sem demora com teu companheiro natural e casa. Pois teu voto contraria a Deus e de nada vale. Dize: Prometi algo de que não disponho e que não é meu.

A nona razão é o engano. Tendo sido noivo de Catarina e depois colocam a meu lado Bárbara, como aconteceu a Jacó com Lia e Raquel, essa união deve ser anulada e o noivo pode casar com outra.

A décima razão é a condição, ou seja, quando caso uma mulher que deveria ser livre, mas depois se constata que ela é propriedade de seu dono[7]. Que vá lá. No entanto, em minha opinião, se houver amor cristão, o homem poderia facilmente assimilar essas duas razões, sem grandes problemas. Além disso, esses dois casos não acontecem mais em nossos dias, ou então raras vezes, e ambos podem ser contemplados sob o aspecto do engano.

A décima primeira razão é a santa ordenação. A idéia é que a tonsura e o querido óleo é tão forte que devora o matrimônio, fazendo que o homem já não seja mais homem. Desse modo um leitor da epístola, o leitor do evangelho e o sacerdote não podem ser casados, embora S. Paulo tivesse ordenado que devem e podem casar (1 Tm 3.2,12; Tt 1.6). A respeito disso, porém, escrevi tanto em outras ocasiões[8] que aqui não há necessidade de repetição. Pois a loucura deles já ficou evidenciada suficientemente, e está a vista de todos no que deu entre os consagrados a exigência desse impedimento.

7 Refere-se à condição de escrava, propriedade de seu dono, não podendo dispor de si mesma nem para casar-se.

8 Cf. "A Nobreza Cristã da Nação Alemã", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 311s.

A décima segunda razão é a coação: quando me obrigam a tomar por esposa minha Margarete, seja por parte dos pais ou por imposição das autoridades. Isso evidentemente não é matrimônio perante Deus. Nesse caso, o homem não deveria submeter-se à obrigação e abandonar o país, para não ludibriar a moça ou a mulher, enganando-a. Pois o fato de estarem sendo coagidos não é desculpa. Não deves permitir que te obriguem a ofender teu próximo, e antes sacrificar a vida do que agir contra o amor. Pois também tu não gostarias que alguém te ofendesse, seja por coação ou sem coação. Por isso não poderia considerar seguro perante Deus quem se divorciar por esse motivo. Se alguém te obrigasse a me roubar ou a me matar, estarias justificado? Por que aceitas a coação que te obriga a agir contra o mandamento de Deus e contra teu próximo? A moça, porém, absolvo-a plenamente, pois tu a abandonas sem culpa ou vontade da parte dela, como ainda haveremos de ouvir.

Como, porém, fica caso se obrigue alguém a aceitar uma moça à força de machado? Essa coação também valeria? Não, pois a moça sabe que é coação e não está sendo enganada. Não obstante, é justo que se o obrigue a ficar com ela, pelo fato de ele a ter destruído. Esse caso também foi descrito por Moisés: quem se deita com uma moça deve ficar com ela; caso seu pai não consentir, deve pagar por ela o que seu pai estipular (Êx 22.16).

A décima terceira razão é o noivado, ou seja, quando me comprometo com uma moça e depois tomo outra. Esse é um assunto amplo e muito comum, e muito já se empreendeu a respeito. Em primeiro lugar, se esse noivado acontece sem o conhecimento do pai e da mãe, ou daqueles que estão em lugar dos pais, ela deve ficar com aquele que o pai escolher, pois, embora a moça estivesse sendo enganada, não deixa de ser culpa dela. Pois deveria saber que uma filha deve obediência submissa a seu pai e que não deveria noivar-se sem o conhecimento dele. Assim, com base na autoridade dos pais e na obediência a eles, se acabariam com todos esses noivados secretos que causam tanta desgraça. Se, porém, não for esse o caso, em minha opinião ele deveria ficar com a primeira, pois entregou-se a ela e não pertence mais a si mesmo; por essa razão não poderia ter prometido a outra o que pertencia à primeira, e não a ele.

Se, no entanto, o faz e continua com essa relação até gerar filhos com a outra, fique com esta, pois também ela foi enganada e sofreria maior prejuízo que a primeira se ele a abandonasse. Por isso peca contra ambas. A primeira, porém, ainda pode recuperar seu prejuízo, porque ainda não tem filhos. Por isso, por amor, deixe o lugar à outra, e case com outro. No entanto, o homem deveria ser castigado, obrigando-o a pagar indenização à primeira, a qual privou do que lhe pertencia.

A décima quarta razão é a já referida acima: a única razão justa entre essas dezoito para romper o matrimônio é quando homem ou mulher se re-

vela incapaz para o matrimônio. Mas também esta está cercada de muitas leis antes que se pudesse concretizar esse rompimento junto aos tiranos. Restam, pois, ainda quatro razões: a proibição dos bispos, épocas proibidas, costumes e problemas de visão e de audição. Não há necessidade de comentar esses casos, pois seria uma piada podre e inócua, se um bispo me quisesse proibir o casamento com determinada mulher ou me quisesse determinar a data para casar; ou que um cego ou surdo não pudesse contrair matrimônio. Por isso basta dessas loucuras nesta primeira parte.

Segunda Parte

Nesta segunda parte queremos ver que pessoa deve divorciar-se. Conheço três razões que separam homem e mulher. A primeira já foi referida acima: se homem ou mulher for incapaz para o matrimônio por problemas físicos ou por natureza. Sobre os detalhes já foi dito o suficiente.

A segunda razão é o adultério. Sobre essa os papas silenciaram. Por isso devemos ouvir o que Cristo diz em Mt 19.3ss. Quando os judeus lhe perguntaram se um homem pode abandonar sua mulher pelas mais diversas razões, ele respondeu: "Não lestes, por acaso, que aquele que criou o ser humano, desde o início os criou homem e mulher, dizendo: Por isso um homem deixará pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e os dois serão uma só carne? Portanto, o que Deus une ninguém o separe. Então eles disseram: Por que então Moisés ordenou que se lhe dê uma carta de divórcio e se a despeça? Ele então respondeu: Moisés ordenou despedir as vossas mulheres por causa de vosso coração endurecido. No entanto, no começo não foi assim. Eu, porém, vos digo: quem abandona sua mulher, exceto por fornicação, e toma outra, esse comete adultério; e quem toma a mulher abandonada em casamento também comete adultério".

Daí podes ver que Cristo admite o divórcio de homem e mulher por causa do adultério e que a parte inocente pode casar de novo. Pois ao estabelecer que comete adultério aquele que casa com outra e abandona a primeira, a não ser por fornicação, evidencia que não comete adultério aquele que casa com outra e abandona a primeira por causa de fornicação.

Os judeus, porém, despediam suas mulheres pelos mais diversos motivos, a seu bel-prazer, embora não houvesse fornicação. Essa prática se tornou tão corriqueira que eles próprios consideravam aquilo um exagero. Por isso perguntaram a Jesus se aquela prática era justa, e queriam saber sua posição referente à lei de Moisés.

Pois na lei de Moisés Deus estabeleceu dois tipos de mandamentos e regimes: alguns espirituais, que ensinavam como ser justo perante Deus, como, por exemplo, a lei do amor e da obediência. Os que cumpriam essas leis não rejeitavam suas mulheres e não tinham necessidade da instituição da

carta de divórcio; pelo contrário, toleravam e suportavam as manhas de suas mulheres. Alguns desses mandamentos, porém, eram seculares, por causa daqueles que não cumpriam as leis espirituais; isso para que se lhes impusessem limites, impedindo-os de agirem completamente a seu bel-prazer e para que não cometessem algo ainda pior. Por isso lhes ordenou que, caso de forma alguma conseguissem suportar suas mulheres, não as matassem ou lhes infligissem muitos outros sofrimentos, mas as despedissem com uma carta. Por isso essa lei não se aplica entre cristãos, que devem viver no regime espiritual. Quando, porém, alguns vivem acristãmente com suas mulheres, seria bom que se recorresse a essa lei ainda hoje, desde que não se os considerasse cristãos, o que, aliás, não são.

Concluímos, pois, que o marido pode abandonar a mulher por causa de adultério, como também o diz Salomão em Pv 18.22: "Quem mantém uma mulher adúltera é louco"[9]. Exemplo para isso é José, Mateus 1.19. Ele é elogiado pelo evangelista como justo, por não querer infamar sua mulher Maria, preferindo abandoná-la em secreto ao constatar que ela estava grávida. Com isso nos está dito claramente que merece elogios a pessoa que abandona uma adúltera. Não obstante, caso o adultério permaneça em segredo, o homem pode fazer duas coisas: em primeiro lugar, pode repreender fraternalmente sua mulher em secreto e ficar com ela, desde que ela se proponha a emendar-se; em segundo lugar, pode abandoná-la, como se propusera José. Da mesma forma pode proceder a mulher. Esses dois atos disciplinares são cristãos e louváveis.

O divórcio público, porém, que permite que o divorciado case novamente, está sujeito à investigação e à autoridade secular, para que o adultério seja proclamado publicamente. Caso as autoridades não queiram ocupar-se com o assunto, que se divorcie com o conhecimento da comunidade, para não acontecer que cada qual busque para si um motivo qualquer para o divórcio.

Onde, porém, ficará o outro, caso não consiga viver castamente? perguntas tu. Resposta: Foi por isso que Deus ordenou na lei que a adúltera fosse apedrejada, de sorte que não havia preocupação com essa pergunta. É assim que ainda hoje deveria proceder a espada e a autoridade secular — que mate os adúlteros, pois quem comete adultério já divorciou a si mesmo e deve ser considerado pessoa morta. Por essa razão a outra parte pode casar novamente, como se o companheiro tivesse morrido, desde que queira valer-se do direito de não perdoar. Se, porém, as autoridades se omitem e não matam, o adúltero pode refugiar-se num território distante e ali casar, se não souber

9 Lutero cita conforme a Vulgata: "O que achou uma mulher boa achou o bem, e recebeu do Senhor um manancial de alegria. Aquele que expulsa uma mulher virtuosa, expulsa o bem, mas o que retém a adúltera, é insensato e um ímpio" (Matos Soares, *Bíblia Sagrada*, Edições Paulinas, São Paulo 1977. (Cf. Bíblia Sacra - Iuxta Vulgata Versionem, 3. ed. melhorada, 1983, *ad loc.* mais aparato.)

dominar-se. O melhor, porém, seria que fosse morto mesmo, para evitar o mau exemplo.

Se, porém, alguém objetar, que assim se abrem as portas a todos os homens e mulheres devassos para se separarem e tornarem a casar em terras estranhas, respondo: Que culpa tenho eu? A culpa é das autoridades. Por que não se matam os adúlteros? Aí então não precisaria dar esse conselho. Em todo caso, entre dois males, melhor é que se evite o adultério do que permitir que adúlteros tornem a casar em outro território. Ademais acho que essa pessoa também está justificada perante Deus, visto que se lhe deixa a vida e ela não consegue dominar-se. Se, no entanto, seguindo esse exemplo, também outros vierem a separar-se, que se separem. Eles não têm motivo, como é o caso deste, pois não são desterrados nem coagidos. Deus e sua consciência ainda os há de encontrar. Quem seria capaz de evitar toda a maldade?

No entanto, se as autoridades não executam o adúltero e se um consorte quer ficar com o parceiro, deve-se repreendê-los de acordo com o evangelho de Cristo e impor-lhes a devida penitência, de acordo com a disciplina instituída para todos os demais pecados públicos (Mt 18.15ss.). Pois sobre a terra existem apenas estas três penas para os seres humanos: a repreensão secreta e fraternal, a disciplina evangélica pública, perante a comunidade, e a executada pelas autoridades seculares.

O terceiro caso está dado quando um se priva ao outro e se retira, não lhe presta o dever conjugal, nem quer viver em sua companhia. Existem essas mulheres obstinadas, que impõem sua teimosia. A essa altura deve-se dizer: "Se não queres tu, uma outra quer; se não quer a mulher, que venha a empregada". No entanto, não antes de o marido adverti-la duas ou três vezes e o comunique a outras pessoas, para que a teimosia dela se torne de conhecimento público e seja castigada perante a comunidade. Se ela ainda não consentir, despede-a. Toma uma Ester e deixa a Vasti ir, como o fez o rei Assuero[10].

Aí deves basear-te na palavra de S. Paulo em 1 Co 7.4s.: "O marido não é dono de seu corpo, mas a mulher; e a mulher não é dona de seu corpo, mas o marido. Não vos priveis um ao outro, a não ser em caso de consentimento mútuo", etc. S. Paulo proíbe privar-se um ao outro, pois na hora do comprometimento um entrega o corpo ao outro para o serviço conjugal. Se agora um se nega e não quer, ele rouba seu corpo que havia entregue ao outro. Na verdade, isso contraria ao matrimônio e significa seu rompimento. Por isso, nesses casos, a autoridade secular tem que obrigar ou então eliminá-la. Caso não o fizer, o marido considere sua mulher raptada por salteadores e por eles assassinada, e procure outra. Já que temos que suportar que se

10 Cf. Et 1.9-19; 2.1-17.

prive alguém de seu corpo, por que não iríamos tolerar também que uma mulher se prive a si mesma ao marido ou seja roubada por alguém outro?

Além desses três motivos para o divórcio de marido e mulher ainda existe outro. Nesse caso, porém, ou devem desistir de um novo casamento, ou então devem reconciliar-se. Isso acontece quando o problema de homem e mulher não é o dever conjugal, mas quando não se toleram por outras razões. A respeito disso diz S. Paulo em 1 Co 7.10s.: "Aos casados, porém, digo, não eu, mas o Senhor, que a mulher não abandone o marido; se, todavia, o abandonar, não torne a casar ou se reconcilie com ele. Da mesma forma ordeno que o marido não abandone a mulher". Também Salomão tem muitas queixas a respeito dessas mulheres em Provérbios. Diz ele que encontrou uma mulher mais amarga que a morte[11]. Da mesma forma existem também muitos homens devassos, violentos e insuportáveis.

Se uma das partes fosse mais forte cristãmente e suportasse a maldade do outro, isso naturalmente seria uma excelente bem-aventurada cruz e um caminho certo para o céu. Pois um consorte dessa espécie cumpre, sem dúvida, o ofício do diabo e purifica a pessoa capaz de reconhecer e tolerá-lo. Se, porém, não for capaz, é preferível que se divorcie, antes de cometer algo pior, e jamais case novamente por toda a vida. Se, porém, quiser alegar que a culpa não é sua, mas do outro, e tomar outra esposa, nada feito, pois é sua obrigação sofrer o mal, ou esperar que o próprio Deus o livre dessa cruz, visto que o dever conjugal não lhe está sendo negado. Aqui se aplica o provérbio: "Quem quer ter fogo também tem que suportar a fumaça".

E se alguém tiver uma mulher doente, incapaz de lhe prestar o dever conjugal? não pode ele tomar outra? De forma alguma! Pelo contrário, sirva a Deus na pessoa doente e cuide dela, sabendo que nela Deus enviou a tua casa um meio de salvação com o qual deverás conquistar o céu. Bem-aventurado, sim, bem-aventurado és se reconheceres essa dádiva e graça, e servires desse modo a teu consorte por amor de Deus. Se, porém, disseres: Mas não consigo dominar-me, estarás mentindo; se servires com seriedade a tua mulher doente, reconhecerás que foi Deus quem ta enviou, e hás de lhe ser grato. Deixa o caso com ele e, com certeza, ele te dará forças para não precisares suportar mais do que podes. Ele é por demais fiel que fosse privar-te de tua mulher por meio de doença sem que, por outro lado, te livrasse dos desejos da carne, se servires fielmente a teu enfermo.

Terceira Parte

Em terceiro lugar, para falarmos também de algumas coisas proveitosas a respeito da vida matrimonial para a salvação das almas, queremos analisar

11 Ec 7.26.

agora como conduzir essa ordem de modo cristão e divino. Quero silenciar sobre como o dever matrimonial deve ser concedido e negado e deixar esse assunto de lado. Não faltam os pregadores porcalhões que tratam essa matéria desavergonhadamente a ponto de provocarem repugnância. Alguns determinaram tempos especiais para isso e excetuam as noites santas e os ventres grávidos. Eu fico com S. Paulo, 1 Co 7.9, onde diz: "É melhor casar do que viver abrasado". E depois: "Cada qual tenha sua esposa, e cada qual tenha seu marido, para que se evite a fornicação". Embora cônjuges cristãos não devessem permitir que seus corpos sejam governados pela busca de desejo mau, como Paulo escreve aos tessalonicenses[12], cada qual deve examinar-se a si mesmo para não se expor ao risco da fornicação ou outros pecados com sua abstinência; portanto, esquece essa distinção de dias santos e dias úteis ou qualquer outro motivo tolo.

Queremos voltar nossa atenção ao fato de haver tanta lamúria sobre o estado matrimonial entre todos. Existem muitos livros pagãos que nada mais fazem do que descrever vícios das mulheres e desgostos do estado matrimonial, a ponto de alguns terem chegado à conclusão de que, se a própria sabedoria fosse mulher, ainda assim não deveria casar. Certo conselheiro romano havia sido incumbido certa vez da missão de encorajar os jovens a casar (pois a cidade estava necessitada de muita gente, por causa das constantes guerras). Entre outras coisas, disse: "Meus companheiros, se fosse possível viver sem mulheres, estaríamos livres de um grande desgosto. Visto, porém, que não é possível viver sem elas, casai!" Alguns criticaram esse discurso por falta de habilidade e que antes tornava os jovens ainda mais arredios. Alguns, porém, disseram: Mitelo foi corajoso, por isso foi certo o que disse; pois um homem honesto tem que dizer a verdade, sem temor nem hipocrisia.

Chegaram, pois, à conclusão de que a mulher é um mal necessário e que nenhuma casa está isenta desse mal. Isso, porém, são palavras de gentios cegos, que não sabem que homem e mulher são criatura de Deus, e blasfemam contra sua obra, como se homem e mulher tivessem surgido ao acaso. Creio inclusive que, se as mulheres fossem escrever livros, escreveriam as mesmas coisas sobre os homens. O que, porém, não escreveram, elas o expressam em lamúrias e difamações quando estão reunidas. Diariamente também ainda se encontram pais que, esquecidos de sua doença e da farinha, satisfeitos como os camundongos, afastam seus filhos do estado matrimonial e os incentivam ao sacerdócio e ao monacato; alegam os grandes sacrifícios e os dias maus na vida matrimonial e, desse modo, entregam os próprios filhos ao diabo, como o podemos observar diariamente. Criam-lhes bem-estar para o corpo e o inferno para a alma.

[12] Cf. 1 Ts 4.5.

Visto que Deus teve que suportar essa blasfêmia de sua obra por parte dos gentios, retribui-lhes com a devida recompensa, como escreve a respeito Paulo em Rm 1.24ss., entregando-os à fornicação, ao corrimento impuro, chegando ao ponto de violentarem meninos e animais irracionais em lugar de mulheres. A mesma coisa aconteceu também entre as mulheres; na medida em que blasfemavam a obra de Deus, ele as entregava a uma mentalidade perversa. Disso também estão cheios a não querer mais os livros gentios, do modo mais desavergonhado.

Para não andarmos também nós nessa cegueira, mas vivermos cristãmente, fixemos, em primeiro lugar, o seguinte: homem e mulher são obra de Deus. Cala tu a boca e o coração e não recrimines sua obra, chamando de ruim o que ele mesmo considera bom. Ele sabe melhor do que tu o que é bom e útil para ti, conforme diz em Gn 1 [sc. 2.18]: "Não é bom que o homem esteja só; irei fazer-lhe uma auxiliadora [que esteja] ao lado dele". Por aí vês que chama a mulher de boa e auxiliadora. Se, porém, tens outra opinião, certamente a culpa é tua, por não entenderes a obra de Deus, nem creres nela. Com esse enunciado de Deus se tapa a boca de todos aqueles que se queixam do matrimônio e reclamam.

Por isso os jovens companheiros devem tomar cuidado ao lerem os livros gentios e ao ouvirem o queixume geral, para não se envenenarem, pois o diabo não tem muita afinidade com a vida matrimonial, visto que é obra de Deus e sua boa vontade. Por isso provocou tanto alvoroço e lançou tantos livros no mundo contra o matrimônio, a fim de afugentar as pessoas da vida divina e de as prender nas teias da fornicação e do onanismo, de sorte que quer-me parecer que também Salomão, apesar de recriminar bastante as mulheres malvadas, se voltou contra esses blasfemadores de Deus em Pv 18.22: "O que acha uma esposa acha uma coisa boa e alcançará a benevolência de Deus". Em que consiste essa coisa boa e a benevolência de Deus? Vejamos.

O mundo sentencia a respeito do matrimônio: A alegria é curta, o desgosto é longo. Que fale o que quiser. Tudo o que Deus cria e quer tem que ser uma zombaria para ele. Tenho por mim que em breve perceberá na consciência que gozo e alegria ele tem fora do matrimônio. É algo muito diferente estar casado e reconhecer a vida matrimonial. Quem está casado e não reconhece a vida matrimonial, este jamais poderá viver nela sem desgosto, fadiga e miséria. Há que lamentar-se e blasfemar como os gentios e as insensatas pessoas cegas. Quem, todavia, a reconhece, encontra nela gozo, amor e alegria sem fim, como diz Salomão: "O que acha uma esposa acha uma coisa boa, etc".

Os que a reconhecem são aqueles que crêem firmemente que foi o próprio Deus que instituiu o matrimônio, que foi ele que uniu homem e mulher e que ordenou gerar e criar filhos. Pois têm a palavra de Deus a seu

favor, tendo a certeza de que ele não mente (Gn 1.28). Por isso também estão convictos de que o estado matrimonial lhe agrada com tudo o que envolve, com suas tarefas, sofrimentos e o que mais ele inclui. Dize-me agora: como poderá um coração encontrar benefício, paz e gozo maior do que em Deus, quando tem a certeza de que seu estado, sua condição e obra agradam a Deus? É a isso que se chama achar uma esposa. Muitos têm esposas, mas poucos acham esposas. Por quê? Porque são cegos, não são capazes de perceber que a vida e o procedimento com a mulher é obra de Deus e lhe agrada. Caso se dessem conta disso, nenhuma mulher lhes seria demasiadamente feia, malvada, malcriada, pobre, doente que não encontrassem nela gozo do coração pelo fato de poderem, incessantemente, exibir diante de Deus sua obra, criação e vontade. E por perceberem que isso é do agrado de seu Deus amado, podem usufruir paz no sofrimento e gozo em meio ao desgosto, alegria em meio à tribulação, como os mártires na hora do sofrimento.

Apenas cometemos o erro de, segundo nosso sentimento exterior, fazermos a obra de Deus sem olhar para sua vontade mas para nosso proveito. Por isso não pudemos reconhecer suas obras e transformamos em mal o que é bom, recebendo desgosto onde há gozo. Nada é tão mau, nem mesmo a morte, que não se tornasse doce e suportável quando sei e tenho a certeza de que agrada a Deus. E logo acontece o que diz Salomão: "alcançará a benevolência de Deus" [Pv 18.22].

Observa o seguinte: quando a sábia meretriz, a razão natural (à qual seguiram os gentios, querendo ser os mais sábios), olha para a vida matrimonial, ela torce o nariz dizendo: "Acaso deveria eu embalar o bebê, lavar as fraldas, arrumar camas, cheirar o fedor, vigiar à noite, atendê-lo quando chora, curar suas assaduras e pústulas? Depois atender a mulher, alimentá-la, trabalhar pelo sustento, preocupação aqui e preocupação ali, dar uma mão aqui e outra ali, sofrer isso e aquilo, e todos os demais desgostos e incômodos inerentes ao estado matrimonial? Deveria eu prender-me desse modo? Miserável e pobre homem! Arrumaste uma mulher em casamento? Coitado de ti! É só miséria e desgosto. Melhor é permanecer livre e viver uma vida sem preocupação. Eu me tornarei padre ou freira e o mesmo aconselharei a meus filhos".

No entanto, que diz a fé cristã a esse respeito? Ela abre seus olhos e encara todas essas coisas insignificantes, incômodas e desprezíveis espiritualmente e percebe que, com a benevolência divina, todas elas são ornadas com o mais precioso ouro e pedras preciosas, e diz: "Ó Deus, porque sei que tu me criaste como homem e geraste essa criança de meu corpo, também sei com certeza que isso te agrada da melhor maneira; confesso que não sou digno de embalar o bebê, nem de lavar suas fraldas, nem de tomar conta dele e de sua mãe. Como foi que me tornei digno, sem qualquer mérito, de ter reconhecido que estou servindo a tua criatura e a tua boa vontade? Com que

alegria irei abraçar a tarefa, mesmo que fosse a mais humilde e desprezível. De agora em diante, nem frio nem calor, nem incômodo nem trabalho me há de desgostar, porque estou certo de que é isso que te agrada".

Da mesma forma também a mulher deve pensar a respeito de seu serviço, quando amamenta ou embala a criança, dá banho e realiza outras tarefas nela; igualmente quando realiza outros serviços, ajudando a seu marido e sendo-lhe obediente. Tudo isso são obras de puro ouro, obras nobres. Da mesma forma também se deve consolar e fortalecer uma mulher em dores de parto, não com lendas de Santa Margarete[13] e outras tolices próprias das mulheres, mas com as seguintes palavras: "Margarete querida, não esqueças de que és mulher e lembra-te que esta obra que se realiza em ti agrada a Deus; consola-te confiantemente com sua vontade e permite que faça uso de ti conforme é de seu direito. Dá à luz esta criança e colabora o mais possível; se morreres durante o parto, vai! bem-aventurada és, pois morres propriamente na obra [mais] nobre e na obediência a Deus. Sim, se não fosses mulher, deverias desejar ser mulher por causa dessa única obra e, desse modo, sofrer e morrer deliciosamente na obra e vontade de Deus. Pois aqui está a palavra de Deus que te criou assim, que implantou em ti esse sofrimento. Dize-me, não é também isso receber benevolência de Deus (como diz Salomão), inclusive em meio ao sofrimento?

Dize-me: Se um homem fosse lavar as fraldas ou realizasse qualquer outro serviço desprezível na criança, e todos zombassem dele, dizendo que é um babaca e afeminado; no entanto, se ele o fizesse no espírito acima descrito e na fé cristã — dize-me, agora, quem zomba mais do outro? Deus se alegra com todos os anjos e criaturas, não porque [o pai] lava as fraldas, mas por fazê-lo na fé. Aqueles zombadores, porém, que enxergam apenas a obra, mas não a fé, zombam de Deus e de toda a criatura como os maiores tolos na terra; sim, zombam apenas de si mesmos e com sua sabedoria não passam de babacas do diabo.

Foi isso que fez S. Cipriano[14], esse excelente grande homem e santo mártir, ao escrever que se deve beijar uma criança logo depois de nascida e antes de ser batizada, em honra das mãos divinas apanhadas em flagrante.

13 *Sta. Margarete* (séc. III): filha de sacerdote pagão, abraçou o cristianismo e assumiu o voto de castidade. Morreu como mártir da fé. Mais tarde tornou-se a padroeira das mulheres grávidas. É uma dos 14 "auxiliadores em todas as necessidades", considerados os mais eminentes intercessores perante Deus. Os nomes de todos eles são: Acácio, Egídio, Bárbara, Blásio, Cristóvão, Ciríaco, Dionísio, Erasmo, Eustáquio, Jorge, Catarina, Margarete, Pantaleão e Vito. Cf. "Catorze Consolações para os que Sofrem e Estão Onerados", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 11ss., especialmente Introdução, p. 12.

14 *Cypriani Epistola 64 ad Fidum* (Corp. Script. eccl. lat. III,2,719): *in osculo infantis unus quisque nostrum pro sua religione ipsas adhuc recentes Dei manus debet cogitare.*

Imagina o que diria a respeito de uma criança batizada! Eis aí um verdadeiro cristão, um homem que de fato reconheceu a obra e a criatura de Deus. Por isso digo que todas as freiras e monges, pessoas sem fé e que se consolam com sua castidade e ordem, não são dignas de embalar uma criança batizada ou de lhe preparar um mingau, ainda que fosse um bastardo. Motivo: sua ordem e vida não têm nenhuma palavra de Deus a seu favor e eles não podem gloriar-se de que Deus se agradara do que fazem, como o pode uma mulher, ainda que o filho que está gerando seja bastardo.

Isso digo para que reconheçamos a nobreza do estado que Deus instituiu e que conta com a palavra e o agrado de Deus; isso torna todos os sofrimentos desse estado santos, divinos e preciosos, de modo que Salomão deseja felicidade a um homem desses, dizendo em Pv 5.18: "Alegra-te com a mulher de tua mocidade". E em Ec 9.9: "Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida neste tempo fugaz". Certamente, Salomão não está se referindo aos prazeres puramente carnais, pois é o Espírito Santo que fala por intermédio dele, mas consola em Deus aqueles que enfrentam muitos incômodos na vida matrimonial contra os zombadores da ordem divina, que, a exemplo dos pagãos, não procuram nela outra coisa do que prazer carnal e temporal, sem, no entanto, o encontrarem.

Por outro lado, aprendemos a reconhecer o quanto é desgraçado o estado espiritual dos monges e freiras em si mesmo, pois não tem a seu favor a palavra de Deus nem é de seu agrado, estado no qual todas as obras, a conduta e os sofrimentos são acristãos, inúteis e perniciosos, de sorte que Cristo diz e os assusta em Mt 15.9: "É em vão que me servem por meio de mandamentos humanos". Por isso não há termos de comparação entre uma mulher e uma freira, quando aquela vive no reconhecimento e na fé de seu estado, e esta, sem fé, na presunção de seu estado espiritual, do mesmo modo como os caminhos de Deus e os caminhos do ser humano não são comparáveis, como diz Is 55.9: "Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos". É uma grande graça ter a palavra de Deus a seu favor, com a qual se pode argumentar, falar com Deus e dizer: Ora, foi isso que disseste, é isso que te agrada. Que importa isso a uma pessoa quando isso desagrada a todo o mundo e lhe parece uma zombaria?

No entanto, não admira o fato de também a maioria das pessoas casadas terem somente desgosto e sofrimento, pois nada sabem a respeito da palavra de Deus e de sua vontade sobre o estado matrimonial. Por isso são tão desgraçadas como os monges e as freiras, ficando de ambos os lados sem consolo e sem a esperança de contar com a benevolência de Deus. Por isso lhes é impossível suportar o desgosto e os incômodos exteriores, pois ter desgosto por dentro e por fora vai além da capacidade do ser humano. Se não reconhecem interiormente que seu estado é do agrado de Deus, já se

instalou o desgosto. Se procuram nele o gozo exterior, enganam-se, e a um desgosto associa-se mais outro, e isso resulta no clamor e queixume sobre as mulheres e o estado matrimonial.

Pois a ordem e obra de Deus devem ser assumidas e executadas com base na palavra de Deus e em sua promessa; do contrário, prejudica e se torna insuportável. Por isso S. Paulo pondera maravilhosamente sua palavra em 1 Co 7.28, dizendo: "Os casados sofrerão tribulações carnais", ou seja, desgosto exterior. No entanto, silencia a respeito do prazer espiritual interior, visto que o desgosto exterior é comum a crentes e descrentes, como também o é a natureza e a caracterísitica particular do estado matrimonial. No entanto, ninguém pode encontrar nele verdadeiro prazer, se não reconhecer firmemente na fé que ele agrada a Deus e que goza de alta estima da parte dele com todas as suas implicações, por insignificantes que sejam. De fato, são insignificantes e desprezíveis, mas todos nós procedemos daí e delas necessitamos; sem elas, pessoa alguma existiria. Por isso elas agradam a Deus que as ordenou e por intermédio das quais cuida de nós com toda bondade como uma mãe.

Vê só! até agora referi a respeito da vida matrimonial somente as coisas que o mundo cego e a insensatez temem e blasfemam como algo mau, incômodo e amargo. Vimos, porém, que tudo isso encerra em si muita virtude nobre e verdadeiro prazer quando se dá atenção à palavra de Deus e sua vontade, reconhecendo assim sua verdadeira natureza. Não quero falar dos demais proveitos e prazeres que o estado matrimonial proporciona quando, isso deve ser dito, marido e mulher se amam, são unidos, um se preocupa com o outro e as demais coisas boas que existem nele, para que ninguém me tape a boca, dizendo que estou falando de algo que não experimentei, e que nele existe mais fel do que mel. Falo a respeito do asssunto baseado na Escritura, que me é mais segura do que toda a experiência e que não mente. Se alguém encontra nele ainda outras coisas boas além das referidas, tem proveito tanto maior. Agradeça a Deus por isso. O que Deus ordena somente pode ser bom, a não ser que se o não reconheça ou dele faça uso abusivo.

Por isso deixo de lado as coisas boas ou más que a experiência ensina e continuo seguindo a Escritura e a verdade e as coisas boas que lhe atribuem. Ou, por acaso, é um bem insignificante o fato de, por meio da vida matrimonial, estar sendo evitada e reprimida a fornicação e a incastidade? Isso por si só já é um bem tão grande que basta para incentivar as pessoas a se casarem sem demora, e isso por várias razões. Primeiro, porque a fornicação não destrói apenas a alma, mas também corpo, bens, honra e relações familiares, pois se constata que essa vida lasciva e indisciplinada não é apenas um grande escândalo, mas também uma vida desonesta e que custa mais do que uma vida matrimonial; além disso, nela um sofre mais por causa do outro do que pessoas casadas. Ademais, consome o corpo, corrompe

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

carne e sangue, a natureza e a constituição física. Parece que com todos esses maus sintomas de doença Deus está tentando incitar as pessoas da fornicação para a vida matrimonial, embora poucos se importem com isso.

Alguns, porém, refletiram sobre a questão e o perceberam por experiência própria, de modo que compuseram um nobre e excelente ditado a respeito: "Levanta-te cedo e casa-te cedo, e não te arrependerás". Por quê? Ora, assim se fazem pessoas que preservam o corpo são, a consciência boa, bens, honra e amigos, coisas essas que, por meio da fornicação, se perdem e dispersam. E será muito difícil juntá-las de novo e entre cem sequer um o consegue. A esse proveito referiu-se São Paulo em 1 Co 7.2: "Por causa da fornicação tenha cada qual sua mulher e cada qual seu marido".

No entanto, o estado matrimonial não é apenas de proveito para o corpo, o bem, a honra e alma do indivíduo, mas também para cidades e países inteiros, visto que ficam preservados das pragas de Deus. Pois é sabido que as mais cruéis pragas assolaram países e povos em conseqüência do meretrício. Pois esse pecado é citado como razão pela qual o mundo foi afogado pelo dilúvio[15], pela qual Sodoma e Gomorra foram queimadas pelo fogo[16] e para muitas outras pragas que a Escritura relata, também no caso de homens santos como Davi, Salomão, Sansão, e como Deus as envia ainda hoje diariamente, coforme está à vista de todos.

Muitos acham poderem escapar do estado matrimonial entregando-se, por algum tempo, às orgias da incastidade para, depois, se corrigirem. Pois é, meu caro, se entre mil um se salva por esse expediente, então é muito. Quem quiser viver castamente há que começar cedo e não se alcança nada por meio do meretrício, mas sem meretrício, pela graça de Deus, ou então por meio do matrimônio. O resultado pode ser visto diariamente. Em vez de desabafarem, enredam-se cada vez mais. Foi o diabo que inventou essas coisas e introduziu ditados malditos como estes: "Uma vez a gente tem que banear o tolo" — "Quem não o faz na juventude, este o fará na velhice"

"Anjo na juventude, diabo na velhice". Nesta direção também vai o poeta Terêncio[17] e mais outros gentios. São pagãos, falam de forma pagã e diabólica.

É evidente que irá cair na fornicação a pessoa que não se casa. Como poderia ser diferente? visto que Deus criou homem e mulher para procriarem e se multiplicarem. Por que então não se previne a fornicação com o matrimônio? Pois quando uma graça especial não faz exceção, aí a natureza quer

15 Gn 6.4ss.
16 Gn 19.24ss.
17 Lutero se refere à frase de *Terêncio Ad. I.2,22*, citada por ele com freqüência: *Non est flagitium, mihi crede, adolescentulum scortari* (Não é flagício, podeis crer-me, quando um adolescente pratica a fornicação).

e tem que reproduzir e multiplicar-se. Se isso não acontecer no matrimônio, onde seria senão no meretrício ou em pecados ainda piores? Mas por que, dizem eles, se não me casasse, nem caísse no meretrício e me dominasse? Não percebes que isso não é possível sem a graça especial? Pois a palavra de Deus não permite que te domines, também não mente ao dizer: "Crescei e multiplicai-vos". Não podes nem impedir nem dominar o crescimento e a multiplicação; isso é obra de Deus e toma seu curso.

Por isso também não estão errados os médicos quando dizem que, se essa obra da natureza é impedida a força, isso passa para a carne e o sangue e se transforma em veneno; daí resultam fedorentos corpos doentios, fracos e tuberculosos, pois aquilo que se destinava para a frutificação e procriação o corpo agora o tem que consumir dentro de si mesmo. Se não existe fome imensa ou trabalho pesado, ou a elevada graça, o corpo não agüenta, e há que necessariamente adoecer. Por aí também se percebe como são fracas e doentias as mulheres estéreis; as fecundas, porém, são mais sadias, mais asseadas e alegres. Se elas se desgastam de tanto gerar filhos e por fim morrem, isso não faz mal. Elas estão aí para isso. É melhor viver sadio por breve tempo do que enfermo por longo tempo.

Porém, o melhor de tudo que a vida matrimonial proporciona, e por amor ao qual se deveria sofrer e fazer tudo, é que Deus dá fruto e ordena criá-lo para o serviço de Deus. Esta é a mais nobre e preciosa obra na terra, porque para Deus não pode acontecer nada mais desejável do que salvar almas. Ora, todos nós temos o dever inclusive, se necessário, de entregar a vida para levar uma alma a Deus. Por aí percebes o quanto o estado matrimonial é rico em boas obras, pois Deus coloca em seu seio as almas geradas do próprio corpo e nas quais podem praticar todas as obras cristãs. Pois, sem dúvida, pai e mãe são apóstolo, bispo e pastor das crianças, anunciando-lhes o Evangelho. Em resumo, não existe autoridade maior e mais nobre na terra do que a dos pais sobre os filhos, visto que têm autoridade espiritual e secular sobre eles. Quem ensina o Evangelho aos outros é, sem dúvida, seu apóstolo e bispo. Mitras e báculos e grandes possessões bem que fazem ídolos, mas ensinar o Evangelho faz apóstolos e bispos. Por isso observa o quanto é bom e rico o que é obra e ordem de Deus.

Quero parar por aí e encomendar a outros a tarefa de continuarem procurando o que mais existe de bom e proveitoso no estado matrimonial; quis restringir-me ao que uma pessoa cristã pode possuir para conduzir seu matrimônio cristãmente, a fim de que, como diz Salomão, encontre sua mulher na presença de Deus e receba a benevolência de Deus. Pois com o que disse não quero rejeitar a virgindade nem estimular seu abandono e encorajar para o matrimônio. Cada qual proceda como pode e conforme sente o que lhe foi concedido por Deus. Apenas quis tapar as bocas dos blasfemadores que colocam o estado matrimonial em nível tão inferior ao

estado da virgindade a ponto de poderem dizer: Se quisermos que os filhos se tornem santos, a castidade seria o melhor. Perante Deus não se deve considerar nenhum estado melhor do que o estado matrimonial. Sem dúvida, o estado da castidade é melhor na terra, visto que acarreta menos preocupações e incômodos e não gira em torno de si mesmo, mas pode dedicar-se mais à pregação e à palavra de Deus, como o diz S. Paulo em 1 Co 7.35. A palavra de Deus e a pregação tornam o estado da castidade melhor do que o matrimonial, como o levaram Cristo e Paulo. Em si mesmo, porém, é muito inferior.

Por fim, temos diante de nós uma grande e forte contestação pela qual nos temos que responsabilizar. Sim, dizem eles, seria bom a gente se casar. No entanto, como sustentar-me? Não estou naquela condição de "toma uma mulher e sustenta-te por conta dela", etc. Este é, sem dúvida, o maior impedimento e o fator que mais destrói o matrimônio, motivo para toda a fornicação. No entanto, que posso dizer a respeito? Isso não passa de descrença e dúvida da bondade de Deus e sua verdade. Por isso também não admira que, onde ela existe, resulta tudo em fornicação e desgraça. O erro deles é que querem ter o bem previamente garantido: de onde tirar comida, bebida e roupas. Sim, querem escapar do laço no que se refere a Gn 3.19: "No suor de teu rosto comerás teu pão". O que querem é uma vida de malandros preguiçosos e glutões, que não precisam trabalhar. Por isso querem casar-se quando encontrarem mulheres ricas, bonitas, piedosas e amáveis. Pois fica esperando. Iremos pintá-las para ti.

No entanto, esqueçamos esses pagãos; não é com eles que estamos falando, pois mesmo que conseguissem o que corresponde a sua categoria, seu matrimônio continuaria sendo um matrimônio descrente e acristão. Confiam em Deus enquanto sabem que não precisam dele e enquanto têm provisão suficiente. Quem, todavia, quer levar uma vida matrimonial cristã, não deve ter vergonha der ser pobre e desprezado e de se dedicar a tarefas desprezíveis. Deve satisfazer-se, antes de mais nada, com o fato de seu estado e sua obra agradarem a Deus. Em segundo lugar confiar que Deus certamente lhe dará o sustento, desde que trabalhe e se esforce com todo o empenho. E se não puder ser um fidalgo ou príncipe, que seja um empregado ou uma empregada.

Pois Deus prometeu em Mt 6.31,33: "Não vos preocupeis com o que havereis de comer, beber e vestir; buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão concedidas". Também no Sl 37.25 se lê: "Fui jovem e agora sou velho, porém jamais vi o justo abandonado nem seus filhos a mendigarem pão". Ora, se alguém não crê, acaso admira que passe fome, sede e frio e fique a mendigar pão? Pensa em Jacó, o santo patriarca. Ele nada possuía na Síria. Apenas pastoreava as ovelhas. No entanto, granjeou bens a ponto de sustentar quatro mulheres com grande

criadagem e muitos filhos, sem nada lhe faltar. Também Abraão, Isaque e Ló se enriqueceram e muitos outros santos no Antigo Testamento.

Ademais, Deus demonstrou suficientemente como quer providenciar nosso sustento, pois em Gn 1 criou todas as coisas e as preparou no céu e na terra, juntamente com todos os animais e plantas, antes de criar o ser humano. Com isso demonstra que sempre tem preparado para nós alimento e vestuário suficiente e de sobra, antes mesmo que lho peçamos. Agora importa pedir e não andar ocioso. O alimento e o vestuário estão garantidos. No entanto, a maldita descrença não o permite, apesar de ver, perceber e sentir que, ainda que se mate com preocupações, não é capaz de produzir e preservar sequer um grãozinho no campo. Além disso, ainda que todas as suas instalações estivessem abarrotadas, não poderia aproveitar nenhum bocado ou fio, se Deus não lhe preservar a saúde e a vida e não proteger seus bens. Apesar disso, de nada adiantará.

Para encerrar: quem não se considera apto para a castidade não demore em procurar uma ocupação e uma atividade; depois, em nome de Deus, assuma o risco e case. O rapaz o mais tardar aos vinte anos, a moça entre os quinze e dezoito anos, pois com essa idade ainda são sadios e capazes. A preocupação com o alimento próprio e dos filhos deixem-na com Deus. É Deus que faz os filhos, ele também os sustentará. Se não der a ti e a eles uma posição elevada na terra, conforma-te com o fato de te ter concedido um matrimônio cristão e que pudeste reconhecer que lá ele te enaltecerá. E sê grato por esses seus bens e dádivas.

Com todo esse louvor à vida matrimonial, porém, não quero ter feito a concessão à natureza como se ali não existisse pecado. Pelo contrário, afirmo que carne e sangue, corrompidos por Adão, são gerados e nascidos em pecado, como reza o Sl 51.5. Afirmo ainda que nenhuma relação sexual no matrimônio é isenta de pecado. No entanto, Deus o desconsidera por graça, porque a ordem matrimonial é sua obra, e, inclusive em meio e através do pecado, preserva todas as coisas boas que nele implantou e para as quais concedeu sua bênção.

O Sétimo Capítulo de S. Paulo aos Coríntios, Explicado por Martinho Lutero[1]. 1523

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1522, João Faber[2], vigário-geral de Constança, publicou em Roma escrito latino, intitulado: "Contra Determinados Dogmas Novos e Completamente Adversos à Religião Cristã, de Martinho Lutero". A obra de Faber volta-se contra as publicações de Lutero, de 1519, acerca do poder do papa[3]. Lutero incumbiu a Justo Jonas[4] da resposta. O texto de Jonas recebeu carta de recomendação de Lutero[5], que não estava interessado em discutir uma vez mais toda a problemática da autoridade dos pais da Igreja, dos papas e dos concílios, além de ter que se ocupar de toda a erudição de Faber, que citava muitos livros mas nenhuma vez a Bíblia. Lutero a respeito de Faber: "Meu cachorro também vê diariamente muitos livros". Jonas, entrementes casado, recebeu a incumbência de se ocupar especialmente com o celibato sacerdotal.

Talvez não muito satisfeito com a abordagem desse último aspecto por Jonas, Lutero publicou, em agosto de 1523, "O Sétimo Capítulo de S. Paulo aos Coríntios". O capítulo oferecia-lhe base suficiente para abordar, com base bíblica, a questão do celibato. O escrito foi dedicado ao marechal saxão João von Löser, na época solteiro.

À crítica mundana de Faber, Lutero contrapõe o louvor bíblico do matrimônio. O celibato só pode ser exercitado quando é presente de Deus; quem não o tem deve casar. Base do matrimônio é o mandamento do amor, exercício de entrega mútua, do serviço de um parceiro em relação ao outro. Mais não se precisa dizer a respeito

1 *Das siebente Capitel S. Pauli zu den Corinthern, ausgelegt durch Martinum Luther.* — 1523. WA 12,92-142. Traduzido do original alemão por: *Ilson Kayser.*

2 Cf. abaixo nota 6.

3 Cf. Comentário de Lutero sobre a 13ª Tese a Respeito do Poder do Papa, in: *Obras Selecionadas* v. 1, p. 267-332.

4 *Justo Jonas* (1493-1555) foi teólogo e humanista. Inicialmente ardoroso adepto de Erasmo, desde 1520 influenciado por Lutero, passou a dedicar-se à Teologia. Participou de todas as dietas. Seus conhecimentos jurídicos foram muito importantes para a formulação de diversas constituições eclesiásticas. Jonas providenciou a tradução de várias obras de Lutero. Foi o primeiro reformador a propugnar o matrimônio dos sacerdotes. Esteve junto ao leito de morte de Lutero e proferiu a alocução fúnebre em Eisleben.

5 Cf. WA 12,81-87.

do matrimônio. A abstinência sexual limitada é possível, mas não deve ser regulamentada. Celibato e matrimônio têm o mesmo valor diante de Deus: a freira não leva vantagem sobre a mulher casada. O verdadeiro estado espiritual é o matrimônio. O celibato sacerdotal, no entanto, não pode ser comprovado com a Escritura. Sacerdócio e matrimônio podem ser conciliados. O celibato obrigatório é desumano e leva ao pecado. As necessidades sexuais, porém, levam ao matrimônio. Celibato é uma possibilidade, mas deve ser livre opção.

Martin N. Dreher

0

Ao rigoroso e confiável João Losser de Pretisch, general de cavalaria herdeiro da Saxônia, meu bondoso senhor e amigo.

Graça e paz em Cristo. Rigoroso e confiável, amado senhor e amigo. Na medida do possível, sustento o que disse, na firme esperança de que, de acordo com vossa nobre mentalidade, ireis opor-lhe o que vós dissestes, e não ireis adiar o assunto. No entanto, para poderdes avaliar o assunto de modo tanto mais cristão, propus-me a explicar, para prestar-vos um serviço e a todos que o desejarem, o sétimo capítulo da Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios. Isso porque cá e lá este capítulo foi usado mais do que qualquer outro livro de toda a Bíblia para argumentar contra o estado matrimonial e recebeu uma forte aura de argumento a favor do perigoso e estranho estado da castidade. E para dizer a verdade, em geral ninguém se pavoneou tanto com esse capítulo como justamente aqueles que menos castos foram. Também eu pensava que a castidade fosse tão comum como eles alegam. Mas, graças a Deus, descobri nesses três anos o que é castidade fora do matrimônio no mundo, tanto em conventos femininos quanto masculinos.

Visto, pois, que Deus me incumbiu de pregar sobre o estado matrimonial e desmascarar a castidade do diabo, para reduzir a fornicação e para que a pobre juventude não fosse seduzida tão miseravelmente pela aparência da falsa fama da castidade, tenho que me empenhar para que este capítulo, argumento principal deles, não sirva por mais tempo para encobrir seus escândalos, mas para que seja entendido conforme a verdadeira opinião de S. Paulo. Quero oferecer-vos este capítulo como presente de casamento, para, desse modo, cantar uma vez um epitalâmio cristão, ou seja, um canto nupcial como se fazia outrora, para que vosso intento comece e seja concluído para a honra de Deus e vossa bem-aventurança. Encomendo-me convosco juntamente com vossa amada noiva à graça de Deus. Amém.

Wittenberg, no ano de 1523. Martinho Lutero.

"É louco quem toma esposa", diz o mundo, e isso é verdade. Muitos dos altamente eruditos senhores decidiram que um homem sábio não deve tomar esposa, ainda que ela fosse a sabedoria em pessoa. Estão certos eles, pois quem acredita que não existe outra vida depois desta (como pensa essa gente) procede muito sabiamente satisfazendo-se com a livre fornicação, e não se comprometendo com a azáfama de uma vida matrimonial. Deste modo ao menos têm alguns dias maus a menos nesta vida. Isso também o perceberam nossos clérigos e se entregaram maravilhosamente à castidade, isso é, à livre fornicação, como disse a seu respeito Daniel 8 [sc.11.37]: "Não terão respeito pelas mulheres nem as desejarão".

Por outro lado, o espírito diz: "Sábio é o homem que toma esposa". Também isso é verdade, e a verdade também decidiu que um homem sábio deve tomar esposa, ainda que ela fosse a tolice em pessoa. Também isso está certo, pois, visto que um cristão espera outra vida depois desta, é muito sábio que tenha menos dias bons nesta vida, para que naquela vida tenha somente dias bons. A isso Deus considerou certo quando criou homem e mulher e os uniu.

Portanto, fala-se do estado matrimonial em dois sentidos, uma vez por parte dos sabichões e eruditos do mundo que, perante Deus, são os cegos e piores idiotas. Esses consideram o estado matrimonial como uma instituição humana, supérflua e arbitrária, da qual a gente poderia livrar-se e da qual se pudesse prescindir, assim como posso prescindir de um casaco ou de uma capa supérflua. Essa gente enche o mundo com sua gritaria e escritos loucos e blasfemos contra o estado matrimonial e o desaconselham a todos, embora eles próprios percebam muito bem e o comprovem suficientemente com fatos que não são capazes de prescindir de mulheres; e porque foram criados exclusivamente para o matrimônio, torturam e atormentam-se dia e noite com a fornicação.

Um deles é atualmente o arqui-idiota João Schmid de Cosnítzia[6], o afamadíssimo putanheiro. Ele acabou de escrever um volumoso livro contra o estado matrimonial, impresso recentemente em Leipzig, desaconselhando-o a todos. No entanto, só diz quanta dedicação e trabalho custa o matrimônio, como se o mundo não soubesse disso há tempo e como se este cabeça-de-burro nos devesse ensinar como primeiro o que qualquer camponês já sabe. Se eu fosse a castidade, não saberia de ofensa e vergonha maior e mais insuportável do que receber elogios desses patifes e putanheiros, inimigos da

6 *João Schmid* é o mesmo que *João Faber*, jurista, teólogo, humanista (1478-1541). Debateu com Zwínglio em vários escritos e debates públicos e tornou-se ardoroso adversário de Lutero, já a partir de 1521. Em 1523 entrou a serviço do arquiduque Fernando da Áustria (1503-1564), participando de muitas tarefas, dietas e diálogos religiosos. Em 1530 tornou-se bispo de Viena, destacando-se como pregador e cura d'almas. Contribuiu com trabalhos importantes para o Concílio de Trento.

castidade. Acusam-nos de sermos inimigos da castidade, de estarmos enaltecendo o matrimônio e de gostarmos de apresentar-nos como casados. E exigem que os consideremos sumamente eruditos, a eles que nada fazem senão praticar a fornicação incessantemente, que enaltecem a castidade apenas com a pena e blasfemam o estado matrimonial.

Eles são patifes, não apenas na pele, mas também no fundo do coração, e sequer merecem que se lhes responda. E de que adiantaria se todo o mundo se queixasse do estado matrimonial? Pois percebemos muito bem que Deus não apenas cria diariamente homens, mas também mulheres, e os conserva em vida; por isso também está evidente que não cria nenhuma mulher para a fornicação. Visto, pois, que estão evidentes a nossos olhos as obras e palavras de Deus de que mulheres são usadas ou para o casamento ou para a fornicação, esses mascarados pagãos deveriam fechar suas bocas e deixar que a palavra e obra de Deus se cumpram sem repreensões e desimpedidamente. A não ser que nos queiram ensinar, de acordo com sua afamadíssima sabedoria, a, contrariando a Deus, estrangular todas as mulheres e a enxotá-las. Deus então seria nosso bobo. O que ele faz não presta, o que nós fazemos, isso, sim, está bem feito.

Deus criou a mulher para estar ao lado do homem. Por isso nos basta que Deus esteja conosco e queremos honrar o estado matrimonial como nobre instituição divina. E se esses sabichões não o querem, deixemo-los entregues à fornicação e às patifarias em sua cegueira pagã, enquanto Deus lho permitir. Temos a palavra de Deus a nosso favor, e esta não arredará diante desses grosseiros Schmid, ainda que fossem mais numerosos que areia no mar. Aliás, é um grande pecado e uma vergonha que nós cristãos cheguemos a ser tolos tão grandes que primeiro precisamos discutir e debater se devemos casar ou não, como se alguém tivesse que consultar primeiro se também tem que comer e beber nesta vida. Agora queremos ouvir as palavras de São Paulo.

O Sétimo Capítulo da Epístola de S. Paulo aos Coríntios.

"Quanto ao que me escrevestes, digo o seguinte: É bom que o homem não toque em mulher. Mas por causa da fornicação, cada um tenha sua própria esposa, e cada uma seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente a esposa a seu marido. A esposa não tem poder sobre seu corpo, e, sim, o marido. Semelhantemente, o marido não tem poder sobre seu corpo, e, sim, a esposa. Não vos priveis um ao outro, salvo por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes ao jejum e à oração, e encontrai-vos novamente, para que o diabo não vos tente por causa de vossa incastidade.

"Isso, porém, vos digo como concessão e não por mandamento. No entanto, prefiriria que todas as pessoas fossem como eu. Todavia, cada um tem de Deus seu próprio dom, um de um modo, outro de outro. Aos viúvos e às viúvas digo: seria bom se permanecessem como eu. Caso, porém, não se dominem, que se casem. É melhor casar do que viver abrasado.

"Aos casados, porém, ordeno, não eu mas o Senhor, que a esposa não se separe do marido. Se, todavia, vier a separar-se, que fique sem matrimônio, ou então se reconcilie com o marido; e que o marido não mande a esposa embora.

"Aos outros digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não se divorcie dela. E se a esposa tem um marido descrente, e este consente em viver com ela, não se divorcie dele. Porque o marido incrédulo é santificado pela esposa, e a esposa incrédula é santificada pelo marido. Do contrário, vossos filhos seriam impuros, agora, porém, são santos. Se, todavia, o descrente se separar, que se separe. O irmão ou a irmã não estão presos nesse caso. Deus nos chamou na paz. Pois como sabes, esposa, se irias salvar o marido? ou como sabes, marido, se irias salvar a esposa? Cada um conforme Deus lho tem distribuído.

"Cada um viva conforme Deus o tem chamado. É assim que o ordeno em todas as igrejas. Se alguém foi chamado como circunciso, não produza novo prepúcio. Se alguém foi chamado com o prepúcio, não se deixe circuncidar. A circuncisão de nada vale e o prepúcio de nada vale, mas o que vale é o cumprimento dos madamentos de Deus. Cada qual permaneça na vocação em que foi chamado. Foste chamado sendo escravo? não te preocupes; mas se puderes conquistar a liberdade, aproveita-o preferencialmente. Porque o que foi chamado no Senhor como escravo, é liberto do Senhor. Semelhantemente o que foi chamado sendo livre, é escravo de Cristo. Fostes comprados por alto preço; não vos torneis escravos dos seres humanos. Amados irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado.

"Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor. Porém dou minha opinião como alguém que recebeu misericórdia do Senhor de ser fiel. Creio que, por causa da angústia atual, seria bom que o homem permanecesse como está. Estás ligado a uma mulher? não procures separar-te; estás livre de mulher? não procures casamento. Se, no entanto, te casares, não estás pecando. E se uma virgem se casar, não pecou. No entanto, tais pessoas sofrerão angústia na carne e eu gostaria de poupar-vos.

"Isto, porém, vos digo, amados irmãos: o tempo é breve. Ademais é minha opinião que aqueles que são casados devem ser como se não o fossem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não quisessem ficar com o que compram; os que fazem uso deste mundo, como se dele não se utilizassem. Porque a natureza neste mundo passa.

"Quero, porém, que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor. Quem, todavia, está casado cuida das coisas do mundo, de como agradar à mulher, e assim está dividido. A mulher ou a virgem não casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa, tanto no corpo como no espírito. A que se casou, porém, cuida das coisas do mundo, de como agradar ao marido. Digo isso para vosso proveito; não que quisesse amarrar-vos uma corda ao pescoço, mas somente para o que fica bem para vós outros e vos dê condições de estardes sempre desimpedidamente a serviço do Senhor.

"Entretanto, se alguém acha que as coisas não lhe ficam bem com sua virgem, porque já passou seu tempo, e não tem outro jeito, faça o que quiser. Não peca. Que se casem. No entanto, quem está com um propósito firme no coração e não está sendo constrangido, mas tem domínio de sua vontade e decide em seu coração ficar com a virgem, esse procede corretamente. E assim, quem a dá em casamento faz bem, quem não a dá faz melhor. A mulher está comprometida com a lei enquanto vive o marido; se, contudo, o marido falecer, ela está livre para casar com quem quiser, desde que seja feito no Senhor. Todavia, em minha opinião, será mais feliz se permanecer como está. Penso que também eu tenho o Espírito de Deus."

A razão para escrever este capítulo foi a seguinte: Ao se converterem ao cristianismo, especialmente os que se converteram dentre os judeus, os de Corinto guardavam ao lado do Evangelho também a lei de Moisés. Moisés, porém, havia ordenado que todas as pessoas deveriam ser casadas. O homem deveria ter uma mulher, a mulher deveria ter um homem, pois a castidade era condenada como um estado infrutífero. Isso tudo aconteceu porque Cristo fora prometido da semente de Abraão. E como ninguém podia saber quem seria essa pessoa, todos os judeus deviam casar em honra a essa semente e multiplicar-se até que ela viesse.

Agora os coríntios perguntam se ainda estão obrigados a essa lei de Moisés ou se não têm o direito de ficarem solteiros, porque têm vontade de viver em castidade e visto que muitas outras leis de Moisés haviam sido anuladas pelo Evangelho. Pois as consciências fracas tinham dificuldade de deixar a lei de Moisés à qual estavam acostumadas. A isso S. Paulo lhes responde que não é apenas permitido mas inclusive bom viver em castidade quem tivesse vontade e inclinação para ela. Ele fala a respeito com cautela e cuidado, e sempre entremeia o estado matrimonial, dizendo:

É bom que o homem não toque em mulher. Mas, por causa da fornicação, tenha cada um sua própria esposa e cada um seu próprio marido. [vv. 1 e 2.]

Observa as palavras. Ele é breve e da opinião de que seria uma coisa boa não tocar em mulher, mas não o ordena nem o aconselha a ninguém,

mas passa imediatamente a falar do matrimônio, como se temesse que essa coisa maravilhosa fosse rara e se pudesse transformar em mera fornicação. Por isso ordena que cada qual tenha uma esposa para evitar a fornicação. A primeira conclusão, portanto, é a seguinte: quem não percebe em si essa coisa boa, mas percebe a inclinação para a fornicação, a esse se ordena que se case. E a esse mandamento deves aceitar não como ordenado por homens, mas por Deus. Disso se conclui em segundo lugar que ninguém pode fazer voto de castidade nem deve cumprir tal voto; muito antes, deve rompê-lo quando nota e percebe que não possui aquela coisa boa e não se sente inclinado à castidade, pois tal voto foi, na verdade, feito contra esse mandamento de Deus. No entanto, não se pode fazer votos contra o mandamento de Deus, e quando é feito, aquele que o cumprir é condenado.

Alguns tomaram esta expressão "tocar em mulher" de modo tão restrito que não quiseram sequer tocar nas mãos ou na pele de uma mulher. Para isso inventaram tantas leis e maneiras para se manterem tão afastados das mulheres que não podiam mais nem ver nem ouvir mulheres. Com isso imaginaram que estariam trabalhando magistralmente em favor da castidade. Foi esse o pensamento daqueles que inventaram e instituíram conventos: queriam preservar na castidade os meninos por ausência das meninas, e as meninas, por ausência dos meninos. No que isso resultou e quanto espaço se abriu aí para o diabo, isso seria horrível demais para ser ouvido e referido.

Essas miseráveis pessoas cegas tentaram impor a castidade às pessoas a partir de fora, quando ela é uma dádiva do céu que tem que brotar de dentro. Embora fosse verdade que é muito excitante e inflamador quando homens e mulheres estão juntos, não se resolve o caso separando-os uns dos outros. Pois de que me adianta não poder ver, ouvir nenhuma mulher nem poder tocar nela, quando meu coração está cheio de mulheres e quando dia e noite meus pensamentos se ocupam com mulheres e penso coisas mais escandalosas do que as que qualquer pessoa tem permissão de fazer? E de que adianta encarcerar uma moça para não ver nem ouvir nenhum homem, quando seu coração geme dia e noite, incessantemente, por um rapaz?

Tem que se ter o coração inclinado para a castidade, do contrário ela é pior do que o inferno e o purgatório. Pois esta palavra de S. Paulo deve ser entendida espiritualmente e com vistas ao coração no seguinte sentido: ordena que não toque em mulher quem de todo o coração se abstém exteriormente do contato físico com a mulher, e não àquele que é obrigado a se abster exteriormente da mulher, mas que, interiormente, está possuído do desejo e do amor pelas mulheres. Pois isso é hipocrisia e sua castidade apenas aparece como tal diante do mundo, mas perante Deus é corrupta, sim, é incastidade dobrada. Pois a palavra de S. Paulo é uma palavra espiritual livre e exige um espírito livre e tem que ser compreendida em espírito livre. Os hipócritas, porém, a aceitam contrariados e a transformam em letra morta e lei intimidadora, que os oprime e lhes torna amarga a castidade perdida com sua abstinência exterior de mulheres.

Que assassinos cruéis são estes que mantêm a explosiva juventude apenas exteriormente na castidade e os obrigam a suportar o sofrimento secreto (como se diz) e nem perguntam se um jovem desses também tem vontade e inclinação interior para a castidade. Acreditam que quanto mais amarga a castidade e quanto mais difícil de suportar tanto mais preciosa seria para Deus, como qualquer outro sofrimento ou desgraça física. No entanto, não percebem que entre este sofrimento e o sofrimento físico há uma diferença maior do que entre céu e terra. Pois o segundo sofrimento se pode suportar de consciência alegre e sem pecado, e é apenas um sofrimento doloroso. Esse sofrimento, porém, é um sofrimento pecaminoso, que não se pode suportar de consciência alegre. Pois é pecaminoso e injusto em si mesmo; por isso não há outra maneira senão desvencilhar-se e livrar-se dele. Isso só pode acontecer por meio do casamento. O outro sofrimento, porém, pode ser superado pela paciência, ainda que a gente não possa livrar-se dele.

Assim também S. Paulo quer que se entenda esta palavra espiritualmente, quando diz: "É bom que o homem ..., etc." A palavra "bom" não se refere ao mérito perante Deus, como se uma pessoa casta fosse melhor do que uma pessoa casada, como o texto vem sendo interpretado até agora por S. Jerônimo[7], pois isso é próprio exclusivamente da fé e de nenhuma obra. Aqui se fala do bom sossego e descanso nesta vida que um homem casto goza em comparação ao homem casado. Pois quem é solteiro e vive castamente está livre de todo o trabalho e desgosto próprios do estado matrimonial. Em breves palavras: é um dom bonito, alegre e maravilhoso para aquele ao qual foi dado viver com prazer e confiante em castidade. O próprio S. Paulo destacará mais abaixo o que entende por este "bom", pois compete a S. Paulo consolar também aqueles que preferem viver em castidade. No entanto, temos que lembrar que para Deus uma mulher casada está acima de uma virgem, embora a mulher casada tivesse muito trabalho e desgosto em seu estado, e uma virgem muito prazer, sossego e dias agradáveis.

A opinião de S. Paulo é a seguinte: É bom que o homem não toque em mulher, portanto, segundo o Novo Testamento, não é pecado viver sem mulher e filhos, como o é no Antigo. Quem recebeu a graça de viver com prazer e de boa vontade na castidade, poderá viver dias felizes, conforme o ditado: "Louco, casa-te, e tua alegria se acabou". Ou então: "Casamento é uma alegria breve e um longo desgosto" e tantos outros ditados a respeito do matrimônio. Todos eles concordam com S. Paulo no sentido de que é bom não tocar em mulher. Por isso também se ordena na lei de Moisés [Dt 24.5]

7 *Jerônimo ad Iovinianum I,3ss.* Migne, *Patrologia lat.* Tom. XXIII,213ss.

IELBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

que se deve conceder a um homem recém-casado a liberdade por um ano inteiro para alegrar-se com sua mulher, que não seja convocado para a guerra nem seja encarregado de tarefas comuns, como diz Moisés: "A alegria durará um ano, depois se verá".

Quando, porém, não foi concedida a graça de viver em castidade com prazer de boa vontade, é melhor casar-se. Não há outro meio que pudesse ajudar a não ser o matrimônio. Por isso, quando não se pode usufruir os dias bons da castidade, é preciso submeter-se aos maus dias do estado matrimonial, pois, sem dúvida, é melhor sofrer dias maus, sem pecado, no estado matrimonial, do que ter dias bons como solteiro, em pecado e incastidade. No entanto, ninguém gosta de sujeitar-se a esses dias maus. Por isso todos temem o estado matrimonial. Daí o provérbio: "É preciso ser corajoso para tomar uma esposa". Sim, é preciso ter coragem, e ninguém é mais capaz disso do que um cristão piedoso, que age na fé. Esse pode assumir dias maus sem lamentar-se, sem clamar e blasfemar contra Deus e sua obra, como fazem esses loucos sabichões cegos.

É esta a opinião de S. Paulo. Por isso passa logo do louvor à castidade para o estado matrimonial e diz: "Mas por causa da fornicação, cada qual tenha sua própria esposa, e cada uma, seu marido". Que significa isto: "Por causa da fornicação"? Não se podendo ter esses dias bons, viva a castidade! Disso, porém, resultará, com certeza, incastidade e fornicação. No entanto, para evitá-la, é melhor viver divina e honestamente e renunciar aos dias bons que fruem aqueles que não tocam em mulher e resignar-se aos dias maus, para evitar o pecado. Visto que, em todos os casos, é melhor incômodo sem pecado do que pecado sem incômodo, sim, pecado com incômodo.

Atenta bem para as palavras de S. Paulo. Ele não confia muito na castidade dos coríntios, pois diz: "A castidade é algo maravilhoso, sim, se ela realmente existisse; por isso cada qual tenha sua própria esposa, etc." Ele não considera a castidade algo tão comum como nós a consideramos hoje; em geral quer ver a todos casados. Pois, sem dúvida, ele (homem cheio do Espírito Santo) reconheceu a natureza, o caráter e a capacidade humana melhor do que todos os bispos depois dele, que perverteram e combateram tal ordem, de maneira que já não vale mais a palavra de S. Paulo: "Cada qual tenha sua própria esposa". Eles pregam: "Alguns podem ter esposa, outros não as podem ter" e fazem do "cada qual" um "alguns". Disso falaremos depois. S. Paulo continua dizendo:

O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e semelhantemente a esposa a seu marido. A esposa não tem poder sobre seu corpo, e, sim, o marido; e também semelhantemente, o marido não tem poder sobre seu corpo, e, sim, a esposa. [vv. 3 e 4.]

Aqui S. Paulo instrui os cônjuges sobre seu comportamento em relação aos deveres conjugais e fala do dever de atender aos desejos do parceiro. É

dever e, ao mesmo tempo, deve acontecer de boa vontade. Esse dever é a razão por que Deus faz concessões ao estado matrimonial e lhe perdoa coisas que, em outras circunstâncias, castiga e condena. Pois com isso o estado matrimonial está subordinado à lei do amor, sendo que nenhuma das partes tem poder sobre seu corpo, mas um tem que servir ao outro, como é próprio do amor. Na fornicação, porém, isso não é possível, porque nela ninguém tem poder sobre o outro e ninguém deve nada a ninguém, mas cada qual procura somente sua própria satisfação no outro. Por isso é contra a lei do amor e, conseqüentemente, contra a vontade de Deus. É realmente uma grande palavra esta: ninguém tem poder sobre seu corpo, ou seja, quando existe a tentação da incastidade, um deve servir ao outro e ninguém pode entregar-se a alguém outro. Aí se revela que o adultério é o maior despojo e roubo sobre a terra. Pois a pessoa entrega o corpo que não lhe pertence, e também se apossa de um corpo vivo que não lhe pertence.

Ora, as palavras de S. Paulo são claras e não necessitam de muitas explicações. Por isso não quero ir muito a fundo e escrever coisas indecentes a respeito do dever conjugal. Um cristão certamente saberá como comportar-se nesse assunto e proceder moderadamente. Por isso não nos interessa o comportamento selvagem e insano dos não-cristãos nessa matéria. Antigos mestres citavam o provérbio pagão: "Quem é fogoso demais no amor comete adultério com sua própria esposa"[8]. Isso, porém, é conversa de gentio, por isso não lhe dou importância e digo que não é verdade. Pois ninguém pode cometer adultério com sua própria esposa, a não ser que não a considere sua mulher, ou não queira tocá-la como sua esposa.

Creio que não se pode falar melhor sobre esse assunto do que S. Paulo o faz aqui: o estado matrimonial é um auxílio e recurso contra a incastidade. Por isso, em minha opinião, quem faz uso dele para fugir da incastidade tem a S. Paulo por defensor e patrono. Por isso também não pode ser correto que em determinadas regiões se separem noivo e noiva por três noites e se os obrigue a se absterem até a terceira noite, conforme o exemplo de Tobias[9]. Por mim que cada qual proceda conforme seu desejo, pois sei por experiência quanta desgraça resultou do fato de o mau espírito sempre querer interferir. Se o exemplo de Tobias é tão importante, por que não vale tanto mais o exemplo do patriarca Jacó que se deitou com sua Lia já na primeira noite e manteve relações sexuais com ela?[10]. Aí deve haver liberdade. São tolos os

8 *Adulter est in suam uxorem omnis impudicus vel amator ardentior. Sexti Enchiridion, nº 222, Fragm. philosoph. graec.* ed. Mullach Tom I. Paris, 1860, p. 527. Citado por Jerônimo *ad Iovinianum* I,49, Migne, *P. L.*, Tomo 23, cl. 281, e daí entrou no *Decretum Gratiani* vc. 5 C. 32 qu.4.

9 Cf. Tob 8.4.

10 Cf. Gn 29.23.

que fazem restrições e lei nessa matéria. A noiva pertence ao noivo e não tem poder sobre seu corpo, e vice-versa. É isso que vale e que ninguém tente fazê-lo melhor.

Eles também excetuaram alguns dias, por exemplo, noites santas[11], o ventre grávido[12], etc. Ora, é bonito e bom ser moderado em tudo; não obstante, não se deveriam fazer leis rígidas nessa matéria e aceitar as palavras de Paulo que diz que nenhum dos parceiros tem poder sobre seu corpo, seja neste ou naquele dia, como Deus quiser. A única preocupação é a de combater a incastidade e que não se lhe dê espaço nem motivo. A pequena palavrinha de S. Paulo: "ninguém tem poder sobre seu corpo" substitui muitas leis, sim, ela não tolera nenhuma lei. Pois como poderia alguém privar-me do corpo que me foi dado por direito e poder de Deus? A concessão de Deus vale mais do que todos os mandamentos de Deus; o que ele me concede que não mo prive S. Pedro.

Segue:

Não vos priveis um ao outro, salvo por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes ao jejum e à oração, e encontrai-vos novamente, para que o diabo não vos tente por causa de vossa incastidade. [v. 5.]

S. Paulo, evidentemente, tem pouca confiança em sua castidade, isso porque conhece muito bem ao diabo e suas manhas e igualmente a fraqueza da carne. Aqui percebes que pessoas casadas estão ligadas uma à outra a tal ponto que uma não pode privar-se à outra, nem para o jejum nem para oração, sem o consentimento do outro. Paulo prefere que se desista tanto do jejum como da oração antes que um se considere senhor de seu corpo a ponto de negar-se ao outro. A oração é, sem dúvida, uma boa obra muito preciosa; no entanto, ela tem que ceder a uma obra tão insignificante (como poderia parecer); isso acontece por causa da lei do amor na qual estão unidos.

Aqui se fala de um jejum e de uma oração especial, como no caso em que marido e esposa entram em acordo para um período de jejum e oração de três, quatro, seis dias, ou de uma semana ou duas. Cada qual deve estabelecer esse jejum livremente para si, para disciplinar o corpo, pelo tempo que quiser, sem qualquer lei ou imposição da autoridade superior. No mais, pessoas casadas têm o mesmo dever dos demais cristãos de jejuar e orar à maneira evangélica. Pois a palavra de Cristo é dirigida a todos: "É preciso orar sem cessar" [Lc 18.1]. Esse jejum consiste em comer e beber moderadamente. E orar é gemer e clamar do fundo do coração, etc.

11 *Ambrosiaster ad 1. Cor. 7* (*Migne* Tom. 17, cl. 217.) *Summa Angelica s.v. Debitum coniug. 28.*
12 *August. de bono coniug. c. 6.* (*Migne* Tom. 40, cl. 377.) Jerônimo *contra Iovinianum* I, 49. (*Migne* Tom. 23, cl. 281.) *Summa Angelica* l.c.32.

Quanto ao significado de "privar-se" entre pessoas casadas e quais as razões que surgem para tanto, elas mesmas devem explicar. Posso imaginar que vêem muitas razões, como não pode ser diferente no estado que foi criado e instituído para ver dias maus e não dias bons; raiva e desentendimento também contribuirão por vezes. Também uma espiritualidade exagerada quererá interferir aí. S. Paulo coloca somente uma regra, mais também eu não ouso propor a ninguém: que ambos concordem em se disciplinarem de maneira mais rigorosa com jejum e orações tanto mais intensas, especialmente quando existe um problema especial. Pois para uma oração forte também se precisa um jejum rigoroso. No entanto, S. Paulo deixa liberdade e não institui lei a respeito; ele o faz depender do consentimento de ambos. Por isso ninguém pode ser obrigado a esse jejum e oração por meio de mandamentos, como se tem feito até agora.

É isso que quis dizer a respeito desse assunto. Depois S. Paulo passa a falar dos três estados da castidade: a viuvez, o matrimônio e a virgindade, e passa a ensinar o que se deve saber a respeito. Diz ele:

Isso, porém, vos digo como concessão e não por mandamento. No entanto, prefiriria que todas as pessoas fossem como eu. Todavia, cada um tem de Deus seu próprio dom, um de um modo, outro de outro. [vv. 6 e 7.]

Acima disse como mandamento: "Cada qual tenha sua própria esposa por causa da fornicação", e também ordenou a satisfação conjugal. Como então afirma agora que diz essas coisas não por mandamento, mas como concessão? Ele quer, sem dúvida, que casar-se seja da livre decisão de cada um, não como no Antigo Testamento, que todas as pessoas tivessem que casar. Por isso não ordena a ninguém que se case, mas o deseja a todos. No entanto, depois de se haverem casado, ordena-lhes o dever da satisfação conjugal. E onde não foi concedida a graça de escolher livremente entre casar e não casar, aí está ordenado o casamento, sim, mais do que ordenado.

Depois continua: "No entanto, prefiriria que todas as pessoas fossem como eu". Como entender isso? Não está ele falando contra o estado matrimonial, como se quisesse que ninguém se casasse? Na verdade, ele gostaria que todas as pessoas possuíssem a elevada graça da castidade, a fim de que estivessem acima das preocupações e fadigas da vida matrimonial, livres para dedicarem-se exclusivamente a Deus e sua palavra, como ele. E quem não desejaria ou deveria desejar isso a todos? Pois o amor cristão deseja a todos o melhor, tanto de coisas materiais quanto de eternas. O amor não conhece medida de fazer e desejar o bem, ainda que fosse algo impossível, assim como em Rm 11 [sc. 9.3] deseja ser banido de Cristo por amor da salvação dos judeus.

"Todavia, cada um recebeu de Deus seu dom, um de um modo, outro de outro", diz ele.

Aqui confessa que seu desejo não se cumprirá e que não é da vontade de

Deus conceder a todas as pessoas essa elevada graça. Atenta bem para este texto, porque é muito importante, e nele o matrimônio não é glorificado menos do que a castidade. Pois onde se comparam matrimônio e virgindade, sem dúvida, a castidade é um dom mais nobre do que o matrimônio. Não obstante, de acordo com S. Paulo, o matrimônio é dom de Deus tão bem quanto a castidade. Também o homem é mais nobre do que a mulher, não obstante a mulher é criatura de Deus tão bem quanto o homem. Pois perante Deus todas as coisas, diferentes entre si, são iguais. Tudo que ele criou o chama de seu Criador e Senhor, e ninguém o chama mais do que o outro, seja grande ou pequeno. Assim também perante ele matrimônio e virgindade têm o mesmo valor, pois ambos são seus dons divinos, embora, se comparados entre si, um seja melhor que o outro.

Daí decorre quão horrivelmente se enganam aqueles que convencem as monjas de que seu estado seria mais excelente e melhor do que o estado matrimonial, e inventam coroazinhas especiais e não sei que outras vantagens e dignidades, produzindo com isso pessoas arrogantes, acristãs e ímpias, que confiam mais em seu estado e suas obras do que na fé em Cristo e na graça de Deus, e desprezam o matrimônio como algo muito inferior a seu estado, inclusive perante Deus, e denominam-se "noivas de Cristo". No entanto, são noivas do diabo, porque não usam a castidade como deve ser usada, ou seja, não que fosse melhor perante Deus, mas que aqui na terra proporciona às pessoas maior liberdade e melhores condições para se dedicarem à palavra de Deus do que o matrimônio.

Sendo, pois, ambos dádiva de Deus e o matrimônio o dom geral, enquanto a castidade é um dom especial e singular de poucas pessoas, está sendo dito aqui que cada qual deve examinar-se a si mesmo para ver se encontra em si o dom geral ou o específico. E visto que S. Paulo conclui aqui que se trata de um dom, temos que confessar também que não é obra, bem ou capacidade nossa. Por isso ninguém pode jurar castidade nem observá-la. Pois não posso prometer a Deus com voto sua própria dádiva, a não ser que ma tenha dado antes ou que tenha certeza de sua promessa que ele ma dará, como foi Jeremias[13]. Por isso não temos na Escritura nenhum exemplo de algum voto a não ser de coisas que já nos são dadas ou que nos deverão ser dadas, como se lê em Nm 30.14[14], a respeito de casas, campos, dinheiro, gado, castigo do próprio corpo com jejuns e outros exercícios, etc.

Uma vez que estamos aqui no ponto em que Paulo glorifica tanto o estado matrimonial, chamando-o de dom divino, queremos analisar melhor a questão e provar que o estado matrimonial é o estado mais espiritual e que

13 Cf. Jr 16.2.
14 Cf. Dt 27.9ss.; 14ss.; 17ss.; Nm 30.14.

é errado e injusto que se tenha denominado alguns estados de "ordens espirituais" enquanto o matrimônio foi denominado "estado secular". O contrário é verdade: o estado matrimonial deve ser considerado o verdadeiro estado espiritual, o que de fato é, e as ordens deveriam ser consideradas os verdadeiros estados seculares, como de fato o são. Introduziram no mundo abusos pervertidos das palavras, e com isso taparam a boca de todo o mundo e os seduziram, para que espiritual fosse chamado secular, e secular fosse chamado espiritual.

Em primeiro lugar, não se deveria chamar a nada de santo a não ser a vida interior da fé no coração, onde reina o Espírito. Como, todavia, também é chamado de espiritual o que acontece exteriormente no corpo por meio do espírito da fé, veremos e deixaremos claro de modo cabal e com destreza que o estado matrimonial é chamado espiritual com toda razão, e que as ordens devem ser chamadas de estados seculares. Refiro-me àquelas ordens e clérigos que até agora se chamavam assim e como tais queriam ser honrados. Porque aqueles que procedem corretamente na fé e que são de fato espirituais, esses naturalmente possuem o verdadeiro estado espiritual da castidade.

Por outro lado, ninguém pode negar que a obra e o ofício dos clérigos são tão exteriores, temporais e físicos como os dos casados, pois são feitos por meio do corpo e seus membros da mesma forma como os dos casados. O que, todavia, é realizado por meio do corpo e seus membros há que ser obra corporal e externa, inclusive os intentos e pensamentos no coração a respeito dessas obras exteriores e corporais devem ser chamadas corporais. Para se chamar qualquer estado de espiritual, é preciso algo mais do que essa obra e ação exterior, a saber, a fé no coração, que é espírito e torna espiritual tudo que existe no homem, exterior e interiormente.

Observa os estados espirituais conhecidos até agora. Em primeiro lugar, constatarás que estão providos do modo mais seguro com as necessidades para o corpo, que têm juros garantidos, comida, roupa, moradia e tudo mais em abundância, conquistado por trabalho alheio e entregue a eles, de modo que não correm nenhum risco nem o querem correr. Pois ninguém se torna nem quer tornar-se espiritual a não ser que saiba que está provido fisicamente para toda a vida, e a maioria procura exatamente isto nos conventos e no estado clerical: que a barriga e a pele tenham o suficiente.

Isso nada mais é do que procurar e ter um estado em que não se pode levantar os olhos ao céu e esperar que Deus nos dê o pão de cada dia, e confiar que Deus os sustente. Para ser breve, a fé não tem espaço, nem lugar, nem vez, nem função, nem é praticada nesse estado, pois tudo lhes está à disposição e lhes é assegurado. Aí não existe *substantia rerum sperandarum*, "expectativa dos bens que não se vêem" [Hb 11.1], como é próprio da fé, mas *certitudo rerum possessarum*, certeza absoluta dos bens presentes.

Agora, se tomas esposa e te casas, surge o primeiro impacto: Como irás sustentar a ti, tua mulher e filhos? E essa preocupação te acompanhará a vida inteira. Portanto, o estado matrimonial é de natureza tal que ensina a confiar na mão e na graça de Deus e obriga imediatamente à fé. Pois também podemos observar que onde falta a fé no matrimônio, a situação é difícil e miserável, cheia de preocupação, angústia e fadiga. Por outro lado, quanto menor a fé no badalado estado espiritual, melhores dias terá, pois seu ventre está livremente abastecido, não precisa olhar para as mãos de Deus nem esperar em sua bondade.

Dize-me agora qual dos estados deveria ser chamado com justiça o estado espiritual. Acaso não seria aquele no qual a fé é necessária e tem sua própria tarefa e que tem motivo para se exercitar diariamente na confiança em Deus, e onde as coisas andam conforme a palavra do Salmo 104.27s.: "Todos os olhos estão voltados para ti, e tu lhes dás o alimento a seu tempo. Abres tua benigna mão e satisfazes a todos os seres vivos com fartura", etc.? Ora, somente o estado matrimonial tem esse motivo e exercita sua fé em Deus. Mas nenhum estado espiritual o tem e nenhum o quer ter, pois têm doações demasiadas e estão seguros demais para isso, de sorte que não podem ter esses motivos. Dessa maneira expulsaram a fé e taparam todos os buracos a fim de que, de forma alguma, entrasse.

Acaso não é uma petulância perversa o fato de eles se gloriarem de serem espirituais e de alardearem seus estados como estados espirituais, nos quais, por natureza e pela espécie de estado, não pode haver uma gotinha de fé, de modo que o Espírito e esse estado espiritual se coadunam como Cristo e Belial, como dia e noite, como espírito e carne, como fé e sentir? Pois onde não há fé, nem espaço nem motivo para a fé, aí também não pode haver espírito, e necessariamente terá que ser algo puramente carnal, secular, físico e exterior, como, aliás, o ensina a experiência nos monges. Por outro lado, alardeiam o estado matrimonial como secular e carnal, e não percebem que ele foi instituído por Deus para impelir e conclamar ao espírito e à fé, e que, para se sair bem, precisa haver quase só espírito. Pois o que é obra e negócio de Deus é de tal ordem que haverá que ser feito na fé e se exercita na fé. Do contrário se tornará algo difícil e insuportável. As coisas inventadas pelos homens, todavia, sempre funcionam melhor sem fé, pois querem estar seguros das coisas e ter o sustento garantido.

Constatas, pois, em primeiro lugar, que o estado matrimonial é, por natureza, de tal espécie que impele e empurra a pessoa humana para dentro do ser espiritual mais íntimo e elevado, a saber, para a fé. Pois não existe nada mais elevado e íntimo como a fé, porque esta se fia exclusivamente na palavra de Deus e está despida de tudo que não seja a palavra de Deus. Agora, não há nada mais elevado e íntimo, nem no céu nem na terra, do que a palavra de Deus, que é o próprio Deus. Por outro lado, o estado espiritual

é por natureza tal que atrai a pessoa humana para fora e a faz depender inteiramente de coisas temporais e exteriores, a fim de que esteja satisfeita corporalmente; somente admite estado espiritual quando está satisfeita exteriormente e tenha plena garantia, para não necessitar de fé e confiança em Deus. Por conseguinte terás que dizer que esse estado espiritual é, por natureza, um verdadeiro estado terreno, secular e pagão em relação ao estado matrimonial, enquanto o estado matrimonial é um estado verdadeiramente celestial, espiritual e divino em relação ao estado espiritual.

Digo "por natureza", pois na verdade muitos não usam o matrimônio corretamente na fé e transformam o bem em mal para si mesmos por meio da descrença. Por outro lado, não é impossível que alguém faça bom uso do estado espiritual por meio de sua fé, transformando o que é mau em bem para si mesmo por meio de sua fé. No entanto, por causa desse uso bom ou mau não se pode afirmar que o estado matrimonial seja mau e o estado espiritual seja bom. Pois a fé torna boas todas as coisas, inclusive a morte e toda desgraça. A descrença torna todas as coisas más e perniciosas, inclusive a vida e o próprio Deus. No entanto, não estamos falando agora do uso ou abuso dos estados, mas da espécie e natureza dos estados em si, e chegamos à conclusão de que o estado matrimonial é ouro e o estado espiritual, bosta, porque aquele fomenta a fé, este, porém, a descrença.

Além do mais, o estado matrimonial não exercita apenas o coração e o homem interior na fé em Deus, mas também a fé exteriormente em obras, de maneira que o estado matrimonial pratica tanto a fé quanto as obras, vem em auxílio tanto do corpo quanto da alma, sustentando e conduzindo-os corretamente. Pois o estado matrimonial é por natureza de tal espécie que se tem que trabalhar e ganhar o sustento com as próprias mãos e propriamente se cumpre nele o que está escrito na palavra de Deus em Gn 3.19: "No suor de teu rosto comerás o teu pão". Corre o risco de malograr em seu trabalho, que muitas vezes tenha prejuízo, que sofra muito por causa da mulher e dos filhos, e quem poderá enumerar todo o suor do rosto? Pois no matrimônio também o corpo tem sua porção de trabalho e preocupações para vencer, tão bem como a alma as tem com a fé; no entanto vive sempre na certeza de que tudo isso é da vontade de Deus e lhe agrada.

O estado espiritual, porém, não se sustenta por seu trabalho. É um espertalhão preguiçoso e não exercita o corpo em absoluto, mas faz os outros trabalhar por ele e deleita sua pança no suor e sangue dos outros; também não quer correr nenhum risco ou levar prejuízo, nem preocupar-se com seus bens. Em resumo, aqui não há suor do rosto. Sua mentalidade é a descrita no Sl 14 [sc. 73.5s.]: "Não trabalham como outras pessoas, nem são afligidos como outras pessoas. Por isso estão cheios de arrogância, etc.". Embora orem e cantem e façam suas obras espirituais, nada disso tem utilidade para exercitar o corpo. Além disso, ainda que sejam feitas da melhor maneira, não

é certo que agradam a Deus. Sim, por serem feitas sem a palavra de Deus, essas coisas não podem agradar a Deus.

Aqui poderias objetar: "Se for assim, então seria melhor que ninguém permanecesse casto e todos se casassem. No entanto, isso seria contra esse texto de S. Paulo". Resposta: Estou falando do estado espiritual em relação ao estado matrimonial, e não do estado da castidade. O estado espiritual para nada serve, e seria melhor que ninguém fosse espiritual e todos casassem. O estado da castidade, porém, é algo diferente do estado espiritual, e S. Paulo nada diz a respeito do estado espiritual, mas fala do verdadeiro estado da castidade. Não há estado mais incasto do que o estado espiritual, como se verifica todos os dias. E ainda que alguns vivessem castamente nele, não têm necessidade dele no sentido do uso que S. Paulo lhe atribui, pois não é em absoluto a castidade de que S. Paulo está falando neste texto. Pois fazem da castidade um mérito, uma glória e excelência perante Deus e o mundo e nisso confiam. Isso contraria a fé. S. Paulo, porém, faz dela uma habilidade e serviço para a palavra de Deus e a fé.

E continua: *Aos viúvos e às viúvas digo que lhes seria bom se permanecessem como eu.* [v. 8.]

Desse texto se depreende que S. Paulo teve uma esposa, pois conta-se entre os viúvos[15]. Pois em seguida fala da virgindade em separado, não se incluindo nesta categoria, embora fosse a opinião de muitos de que tenha permanecido virgem, porque diz em 1 Co 9.5s.: "Não temos o direito de fazer-nos acompanhar de uma irmã como esposa, como os demais apóstolos, os irmãos do Senhor e Cefas? Ou somente eu e Barnabé não temos o direito a isso?" Isso, porém, não é concludente, muito antes indica que teve esposa. Apenas não quis levá-la consigo, como o faziam os demais apóstolos com suas mulheres; em todos os casos dá a entender que no momento não tinha mulher, como os viúvos. No entanto, gostaria de ter uma.

É bem provável que era casado. Pois no judaísmo se exigia que todos os homens fossem casados, e não se admitia a castidade, a não ser em casos excepcionais permitidos por Deus. Com isso também concorda Fp 4.3, onde diz: "Peço-te, meu bom companheiro, toma sob teus cuidados as que comigo batalharam pelo Evangelho". Muitos são da opinião que este "bom companheiro" foi a esposa de S. Paulo, porque não diz o nome e a ninguém se dirige desta forma, chamando-o bom companheiro. O termo grego[16] significa uma pessoa que puxa com ele na mesma canga e que tem com ele relações

15 Cf. Kawerau, *De digamia episcoporum*. Kiel, 1889, pp. 37s.
16 *syzygos*, em grego.

especiais, como pessoas casadas. Ainda acresce o fato de encomendar a esse companheiro mulheres[17].

De acordo com isso é preciso dizer que a mulher de S. Paulo havia morrido quando escreveu esta epístola, apresentando-se como viúvo, ou então a tinha dispensado com o consentimento dela, visto que não a levara consigo, vivendo, portanto, num matrimônio casto com ela, como reza no capítulo 9. Seja como for, quer tenha sua mulher morrido, quer tenha ficado afastada dele por amor do Evangelho, é certo que à época viveu como viúvo e que foi um homem casado. Agora, porém, queremos tentar descobrir o que este versículo nos revela.

Alguns já chegaram ao ponto de terem que admitir que sacerdotes e bispos podem casar-se e que pessoas casadas podem ser sacerdotes, porque a Escritura os obriga a reconhecer que quase todos os apóstolos foram casados e muitos bispos depois deles. No entanto, procuram uma evasiva e dizem: "É verdade que lemos que aqueles que eram casados antes se tornaram apóstolos, bispos e sacerdotes. Mas não consta em parte alguma que se casaram os que se tornaram apóstolos, bispos e sacerdotes quando eram solteiros. Por isso também hoje os sacerdotes não devem contrair matrimônio". A estes o presente versículo há de dar resposta.

Primeiro. Visto que reconheceis, antes de mais nada, que homens casados se tornaram bispos e sacerdotes, e que podem ser e tornar-se sacerdotes, como o ensina e demonstra o exemplo dos apóstolos, quem sois vós para não permitirdes que um homem casado se torne sacerdote? Afastais do sacerdócio não somente aqueles que ainda pretendem casar, mas também aqueles que já estão casados, o que contraria a Cristo e todos os apóstolos, e também a doutrina de S. Paulo (embora tivesse ficado sem matrimônio), ao ordenar que se escolhesse como bispo um homem que tivesse apenas uma esposa e filhos disciplinados e obedientes. Dizei-me agora a quem devemos crer e quem é mais sábio ou mais santo? Cristo ou vós? Cristo escolhe pessoas casadas para sacerdotes e o confirma por seus apóstolos, vós, porém, os rejeitais. Neste ponto ou Cristo é um tolo e está sem razão, ou então vós sois contracristos e sedutores.

Prezados senhores, se tivésseis preservado somente o artigozinho de que,

17 *Erasmi Novum Testamentum*. Basiléia, 1516, ad. Fp 4.3: *Syzygi dicuntur, quasi pariter ducentes iugum... Quidam hoc referunt ad uxorem Pauli. Nam graeca possunt et foeminino genere accipi "syzuge gnesie", id est coniunx germana, hoc est syncera coniunx. Sunt autem magni autores apud graecos, qui putant Paulum habuisse uxorem. Et consentaneum est hic mulieres commendari mulieribus* — (denominam-se *syzygi* as pessoas que puxam na mesma canga... Há quem diz que isso se refere à esposa de Paulo. Pois em grego pode-se tomar *syzyge* também por feminino, ou seja, a esposa companheira, isso é, a verdadeira esposa. Entre os gregos existem autores importantes que crêem que Paulo foi casado. Assim é consentâneo que aqui mulheres são recomendadas a mulheres).

de acordo com o exemplo dos apóstolos e com a doutrina de Cristo, pessoas casadas podem ser sacerdotes, e se não tivésseis proibido que sacerdotes casem, não teria havido tanta falta. Pois muitos homens casados se teriam tornado sacerdotes, e muitos já teriam procurado o matrimônio antes e teriam fugido do meretrício. Agora, porém, vindes com o aparente argumento de não terdes lido que sacerdotes se teriam casado e afastais o estado matrimonial totalmente do sacerdócio, contrariando a Deus, a natureza, a razão e o direito, por pura maldade e sem qualquer razão, para assim cobrirdes o mundo de fornicação.

Em segundo lugar: por que não lestes o presente texto e não o analisastes? Não consta aqui claramente que um sacerdote ainda pode contrair matrimônio? Pressuponho aqui que S. Paulo foi virgem ou viúvo. Não obstante diz que tem todo o direito de conduzir consigo uma esposa. Por acaso, S. Paulo não era apóstolo, bispo e sacerdote na ocasião? como então ousa afirmar que tem direito e poder de contrair matrimônio? E se sua elevada posição permite continuar casado ou casar-se, por que o baixo estado sacerdotal não admitiria que permanecessem casados ou contraíssem matrimônio?

Além disso, visto que S. Paulo é viúvo e ainda quer ter o direito de tomar uma esposa, sem dúvida é bígamo de acordo com a lei papal, embora não se importe com isso. No direito eclesiástico a bigamia é algo tão horrível que, embora não tivesse mulher, ainda assim não pode tornar-se sacerdote. Bígamo é o homem que teve duas mulheres. No Antigo Testamento, bígamo era o homem que tinha duas mulheres ao mesmo tempo. O direito eclesiástico, porém, interpretou agora essa frase de outro modo e inventou três tipos de bígamos: o primeiro tipo é aquele que teve duas mulheres sucessivamente, embora ambas tenham sido virgens; o segundo tipo é aquele que casa uma só vez e toma uma viúva; o terceiro tipo é o que toma uma mulher deflorada, ainda que não o tivesse sabido e a tivesse tomado por virgem.

Para o papa todos esses são "bígamos" ou "homens com duas mulheres", e nenhum deles jamais pode tornar-se sacerdote depois da morte dessas mulheres. No entanto, se tivesse violentado cem mulheres casadas, tivesse tido intercurso com cem virgens e se relacionasse diariamente com cem meretrizes ao mesmo tempo, ele pode muito bem ser, permanecer e tornar-se sacerdote. Tão maravilhosamente santo é o sacerdócio! Não há em todo o mundo pecado nem escândalo tão grande e numeroso capaz de impedir que alguém se torne sacerdote no santo estado matrimonial, que eles próprios denominam e confessam ser sacramento e obra do próprio Deus. Essa única obra de Deus não se coaduna com o sacerdócio.

Agora dize-me como se coaduna esse ultraje horrível com a doutrina de S. Paulo, que é viúvo e quer o direito de casar-se e permite a todos os viúvos e viúvas que se casem, sem exceção, nem sacerdote nem leigo? Que dizer a respeito disso? Essas leis humanas esbravejam pública e vergonhosamente

contra a palavra de Deus e nos consideram toras e pedras, querendo levar-nos a crer que fornicação seria melhor do que vida matrimonial. E com isso apenas se alcança que a instituição de Deus, o matrimônio, seja injuriada e que se abra espaço livre para a fornicação em todo o mundo. Isso está evidente e já Daniel o anunciou em relação ao regime do anticristo: "Ele não terá respeito por mulheres" [Dn 11.37], como se quisesse dizer: "Respeitará somente as meretrizes".

Em terceiro lugar: visto que têm que reconhecer que os apóstolos continuaram casados depois de se terem tornado apóstolos, gostaria de saber por que o matrimônio não pode começar no sacerdócio e vigorar depois de alguém ter assumido o sacerdócio. Acaso seria o matrimônio uma coisa tão diabólica quando começa depois de assumido o sacerdócio? Aconteceriam nele mudanças tão grandes pelo fato de anteceder ou suceder [ao sacerdócio]? Na verdade toda a razão tem que reconhecer e cada qual há de compreender que tudo que pode ser divino durante o sacerdócio e depois dele também pode ser assumido no sacerdócio e começar antes do sacerdócio.

Também é um argumento escandaloso chamar o matrimônio uma instituição divina e um santo sacramento e, não obstante, não querer admitir que uma instituição divina e um santo sacramento coexista com a santidade sacerdotal. Como se explica que neste ponto Deus se contradiz a si mesmo? que uma de suas obras não tolera a outra? que uma santidade persegue a outra e um sacramento condena o outro? Que abominações desavergonhadas e cegas são estas que não se tenha apenas convencido as pessoas de tais coisas desastrosas, mas também as tenha levado a considerá-las como sendo o melhor? Como teria isso sido possível se a ira de Deus não tivesse cegado e castigado o mundo dessa forma?

No entanto, fiquemos com S. Paulo, que não nos seduzirá e estabelece que viúvos podem casar-se, graças a Deus, sejam eles sacerdotes ou não. Também estabelece que podem tomar esposas, sejam elas virgens ou viúvas. O estado sacerdotal não sofre nenhum prejuízo se o sacerdote casar-se com uma viúva, e nada ganha se casar-se com uma virgem. Todas essas coisas têm que ser livres entre os cristãos, pois, sem dúvida, S. Paulo não escreveu esta epístola exclusivamente para os leigos, mas também para os bispos e todos os cristãos em Corinto em geral. E visto que não excetua nenhuma pessoa nem categoria, não nos compete restringir suas palavras aos leigos ou a somente uma categoria de pessoas.

S. Paulo sabia muito bem que Cristo não quis destruir nem impedir a criação de Deus por meio de seus ensinamentos e seu regime. Ora, o ser humano foi criado por Deus para procriar e multiplicar-se (Gn 1.28). Por isso não quer transformar o homem em tronco ou pedra por meio de seu Evangelho e sacerdócio, nem impedir sua função natural que Deus implantou nele. Pois quando se proíbe o matrimônio aos sacerdotes, não é a mesma

coisa que afirmar que um homem já não é mais homem, e que a criatura e obra de Deus deve ser afastada e deixar de existir, por causa da petulância e mandamento humano? Somente Deus, que o criou, pode mudar isso por meio de seus dons e sua interferência; toda a lei humana e livre decisão ou esforço nesse sentido não cabe aqui e é vão.

S. Paulo escreve: *É bom para os viúvos e as viúvas que permaneçam no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem. É melhor casar do que viver abrasado.* [vv. 8 e 9.]

Sem dúvida, é bom permanecer como S. Paulo. No entanto, coloca ao lado disso a razão por que não é bom permanecer assim, e por que é melhor casar-se de novo do que permanecer viúvo. S. Paulo resumiu todas as razões para o casamento num só ponto e delimitou toda a glorificação da castidade nas palavras: "Caso, porém, não se dominem, que se casem". Isso significa: a necessidade te obriga a casar. Por mais que se glorifique a castidade, e por mais nobre que seja a dádiva da castidade, a necessidade a impede, de maneira que poucos são aptos para ela, pois não se dominam. Embora sejamos cristãos e tenhamos o Espírito de Deus na fé, nem por isso está eliminada a criatura de Deus, tu como mulher, eu como homem. Apesar disso o Espírito deixa ao corpo sua natureza e suas funções naturais, como comer, beber, dormir, digerir, defecar, como o faz o corpo de qualquer pessoa.

Da mesma forma também não elimina os caracteres femininos ou masculinos, seu instinto, sua fecundidade e capacidade de procriar. O corpo de um cristão se procria e se multiplica da mesma forma como o de outros seres humanos, pássaros e todos os animais, para o que foi criado por Deus (Gn 1.28). Por isso um homem tem que se unir à mulher e a mulher ao homem por necessidade, quando Deus não faz um milagre por meio de um dom especial, impedindo [a destinação de] sua criatura. É isso que S. Paulo quer dizer aqui: "Quem não se domina, que se case", como a dizer: A quem Deus não conceder o dom especial, mas deixa ao corpo seu gênero e natureza, para este é melhor, sim, necessário, que se case, e que não permaneça nem viúvo nem virgem. Ora, Deus não tem a intenção de dar essa graça às pessoas em geral; o comum há de ser o casamento, tal como o instituiu uma vez e como criou ambos os corpos. Não anulará ou bloqueará em todas as pessoas os caracteres recebidos na criação.

Além do mais, um cristão é espírito e carne. Por causa do espírito ele não necessita de matrimônio. Visto, porém, que sua carne é carne comum, corrompida em Adão e Eva, cheia de maus desejos, ele necessita do matrimônio por causa dessa mesma enfermidade e não está em seu poder livrar-se dele. Pois seu corpo tumultua, arde e tem o desejo de procriar como o corpo de qualquer outra pessoa, se não lhe vem em socorro e o dominar com o devido remédio o matrimônio. Deus tolera esse tumultuar por causa do matrimônio e seu fruto. Pois revelou em Gn 3.16 o que está disposto a tolerar

no homem, ao não revogar a bênção da multplicação, pelo contrário, a confirmou, embora soubesse que a natureza corrupta, cheia de maus desejos, não seria capaz de efetuar essa bênção sem pecado.

Querer desprezar o estado matrimonial, afastar dele e querer atrair as pessoas para a castidade, visto que acarreta muito sofrimento e incômodos, de nada adianta e não vale, é um empreendimento louco e maldoso. Pois assim não se resolve o problema, porque a necessidade sempre se interpõe e diz: Não pode ser, não é possível, a gente não consegue viver neste céu. Como diz S. Paulo: "Quem não se domina, que se case". Por outro lado, também não resolve glorificar o estado matrimonial, pois de fato é algo divino, cheio de bens espirituais, pois ninguém ou somente poucos se deixariam comover ao casamento por causa de tais bens. A natureza teme esforço e trabalho.

Existem muitos motivos para casar. Alguns se casam por causa de dinheiro e bens; grande parte casa-se por paixão, à procura de prazer e satisfação; outros ainda para gerar herdeiros. S. Paulo aponta este um, e em princípio não conheço outro mais forte do que este: a necessidade. Sim, necessidade. A natureza procura realizar-se, quer fecundar e multiplicar-se e Deus não quer que isso aconteça fora do matrimônio. Portanto, por causa dessa necessidade, todos têm que procurar o matrimônio, se quiserem viver de boa consciência e orientar-se em Deus. Além dessa necessidade, todas as demais, evidentemente, farão um mau matrimônio, especialmente a paixão que leva as pessoas doidas a entrarem levianamente num estado tão sério, necessário e divino, para logo depois se darem conta do que prepararam para si mesmos.

No entanto, que significa: "Casar-se é melhor do que viver abrasado"? Sem dúvida, toda pessoa que quer viver sem matrimônio e castamente sem a graça [especial] entenderá essa palavra e saberá o que significa. Pois S. Paulo não fala de segredos, mas dos sentimentos comuns e evidentes daqueles que vivem castamente sem serem casados e que, não obstante, não receberam a graça para tanto. Pois diz que vivem abrasados todos os que vivem na castidade sem possuírem a graça, e aponta como único remédio o matrimônio. Se isso não fosse algo tão comum ou se existisse outra solução, não teria aconselhado o matrimônio, embora em alemão se fale do "sofrimento oculto", que não seria tão comum se fosse um mal oculto.

Também é indubitável que aqueles que têm a graça da castidade não obstante sentem às vezes o mau desejo e são tentados. Mas é algo passageiro, por isso não se pode falar em ardor. Resumidamente, viver abrasado é o ardor da carne que não cessa de tumultuar, é a atração diária pela mulher ou pelo homem que existe em toda parte onde não há gosto e amor pela castidade, de maneira que são tão poucos os que não vivem abrasados, como são poucos os que receberam a graça de Deus para a castidade. Esse ardor

é mais forte num, mais brando no outro. Alguns o sentem com tanta violência que se satisfazem a si mesmos. O lugar de todos esses é o casamento. Ouso até dizer: para cada pessoa casta deve haver mais do que cem mil pessoas casadas.

Nada melhor do que um exemplo: S. Jerônimo, que glorifica a castidade da forma mais exagerada, confessa[18] que não conseguiu dominar sua carne nem com jejum nem com vigílias, de modo que sua castidade se lhe tornou extremamente amarga. Quantas horas boas deve ter perdido com pensamentos carnais! Insistia em que a castidade deve ser trabalhada e que é algo comum. Ora, o homem vivia abrasado e devia ter-se casado. Aí percebes o que significa viver abrasado. Ele foi um daqueles que devia ter casado, e injustiçou-se e fez sofrer a si mesmo pelo fato de não ter-se casado. Há muitos desses exemplos nas biografias dos pais.

S. Paulo chega à seguinte conclusão: Onde não existe o especial dom de Deus, há que se viver abrasado ou casar-se. Em todo o caso (diz Paulo) é melhor casar do que viver abrasado. Por quê? Viver abrasado é castidade inexistente, ainda que não se concretize em atos, porque não é vivida com prazer e boa vontade, mas com grande desgosto, aversão e sob coerção. Desse modo ela é considerada incastidade perante Deus, pois o coração é incasto embora o corpo não ouse ser incasto. De que adianta sustentares uma castidade inexistente e incasta com grande, amargo sacrifício contra tua vontade? Em todos os casos seria melhor ser casado e fugir desse dissabor. Embora também o matrimônio tenha seus desgostos e dissabores, é possível aceitá-los e de vez em quando ter seus dias de sossego e prazer. E onde, fora do matrimônio, não existe a graça [especial], é impossível consentir com a castidade e viver nela com prazer.

Aí vês quão tolos mestres e governantes são esses que em toda parte obrigam a juventude à castidade e ainda pretextam que quanto mais amarga e quanto maior a resistência, tanto melhor seria a castidade. Brinca desse jeito com outros assuntos, mas não com a castidade, pois ninguém pode aceder prazerosamente a ela quando não tiver a graça especial. Todas as demais coisas podem ser aceitas prazerosamente, desde que haja fé. Procedem como os judeus que queimavam seus filhos em sacrifício ao ídolo Moloque[19], de modo que até me parece que S. Paulo usou o termo "arder" porque quis apontar e denunciar essa abominação. Pois que diferença existe entre manter um jovem abrasado a vida inteira num convento ou de outra forma e queimar uma criança em honra ao diabo, somente para manter uma miserável castidade inexistente?

18 *Hieron. ep. XXII ad Eustochium* (*Migne* Tom. 22, cl. 398s.), *ep. IV ad Florentium* (cl. 336); *ep. VII ad Chromatium* (cl. 340), etc.
19 Cf. Jr 32,35.

Em homenagem a esses mestres e governantes tenho que contar o que ouvi certa vez a respeito de um homem valente, para que essas grosseiras cabeças cegas compreendam com que sabedoria procedem em seu governo. Um desses pregadores escrevera certa vez que quem quisesse prestar um serviço a Deus deveria empreender algo grande e machucar bastante a si mesmo. Para tanto cita como exemplo a Simeão de *Vitae Patrum*[20], que ficou um ano inteiro apoiado numa só perna sobre uma alta coluna, orando sem cessar, sem comer nem beber, até que se desenvolveram vermes em seu pé. Ao caírem, os vermes se transformaram em pedras preciosas. É assim que deves proceder contigo, se quiseres servir a Deus (disse dito pregador). É próprio desses pregadores pregar essas mentiras que o diabo sem dúvida inventou outrora por meio de malvados patifes para zombar dos cristãos, para acabar com seus milagres que faziam em grande número naqueles tempos, como se todos eles não passassem de tais ludíbrios.

Um desses pregadores doidos teve por discípulo outro doido, conforme o provérbio: "Um louco produz mais outros dez". Este quis servir a Deus e resolveu torturar-se a si mesmo e começou a reter a urina. Tendo retido a urina por quatro dias, ficou doente; mas ninguém conseguiu dissuadi-lo e quis morrer. Até que Deus inspirou alguém que elogiou seu intento e o apoiou dizendo que ele estava certo (como se deve falar com loucos, para que o entendam, diz Salomão[21]). "No entanto", disse ele, "estás fazendo isso por pura vaidade. Se assim for, de nada vale". Ouvindo isso, desistiu de seu intento e disse: "Se é como me acabais de explicar, desisto".

Ora, isso é uma loucura grosseira, mas não se deve desprezá-la simplesmente. Com isso Deus mostrou (como disse) o que esses mestres e governantes são capazes de aprontar. Vamos sublinhar o seguinte: a realidade é como a ensina a Escritura e toda a experiência: esta vida na terra é miserável, cheia de miséria e sofrimento, qualquer que seja a posição social que venhas a escolher (desde que seja divina). No entanto, ninguém é tão miserável como aquele a quem se ordena reter a urina ou as fezes. Seria preferível escolher qualquer das condições [de miséria e sofrimento] do que sujeitar-se a algo tão impossível. Visto que ninguém tem obrigação de cumprir tal mandamento, as pessoas não percebem o quanto é agradável urinar e defecar; enquanto isso ficam contemplando e lamentando a miséria em sua condição, que não é a décima parte do que seria essa miséria.

20 *Vitae patrum*. Migne, *Patrol. lat.* Tom. 73, cl. 328s. A citação refere-se a Simeão, o Estilita (390-459), que levou a vida eremita e ascética a um certo auge, vivendo sobre uma coluna de 20 metros. Do alto dela dirigia-se aos que o procuravam, tendo grande influência em seus dias com suas pregações de acento calcedonense.
21 Cf. Pv 26,5.

A mesma coisa acontece com esse fogo. Pois os casados estão livres dele, podem apagar seu fogo e esquecem o sofrimento (do mesmo modo como a mulher pensa de maneira muito diferente depois do parto do que antes e durante o parto), e passam a olhar somente para as dificuldades e dissabores de seu estado. Pois ninguém dá atenção às coisas boas que tem, e as coisas más se esquecem depois que passaram. Aqueles, porém, que vivem abrasados e não têm perspectivas, só podem zombar e chamar de loucos aqueles que são casados e, não obstante, se queixam do matrimônio. Pois estão obrigados a dominar o que não se pode dominar, e ainda deverão dominá-lo em vão e perder toda essa amarga fadiga. Sem dúvida, uma desgraça lamentável! O quanto prefeririam suportar todos os dissabores do matrimônio do que esse fogo. É isso que S. Paulo quer dizer com: "É melhor casar do que viver abrasado", querendo significar: casar é ruim, mas viver abrasado é pior. Em resumo: o matrimônio cheio de dissabores é melhor do que a castidade cheia de dissabores. O matrimônio amargo e difícil é melhor do que a castidade amarga e difícil. Motivo: esta de nada vale, aquele pode ser útil.

Digo isso a respeito do fogo que sofrem os que se dominam, que são muito poucos, pois a maioria não suporta esse ardor e não se domina, mas encontram maneiras para se livrarem dele. Disso, porém, não pretendo escrever agora. Quando, porém, se livram dele fora do matrimônio, logo a consciência os acusa, o que é a desgraça mais insuportável e a mais miserável condição na terra. O resultado final de tudo é que a maior parte dos solteiros e dos que vivem na castidade sem terem o dom para isso são constrangidos e obrigados a pecar fisicamente com incastidade, e os demais são obrigados a viver castos exteriormente e incastos interiormente. Dessa maneira aqueles levam uma vida condenável e estes, uma vida desgraçada e sem sentido. E onde estão os governantes espirituais e seculares que se preocupam com esse sofrimento das pobres almas? Com sua incitação e constrangimento [à castidade] apenas ajudam ao diabo a multiplicar diariamente essa miséria.

Segunda Parte

Aos casados, porém, ordeno, não eu mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido. Se, todavia, vier a separar-se, que fique sem matrimônio, ou então se reconcilie com o marido; e que o marido não mande a mulher embora. [vv. 10 e 11.]

Até aqui referiu-se aos viúvos e às viúvas, podendo ficar o homem sem mulher e vice-versa: se tiverem o dom para isso, é bom que vivam separados. Isso, porém, não se aplica aos casados. Pois aí existe o mandamento de Deus que obriga a que fiquem unidos. No entanto, que viúvos e viúvas

fiquem separados não é mandamento nem proibição de Deus, mas um conselho sincero do apóstolo, tendo eles a liberdade perante Deus de se casarem novamente de sã consciência ou ficar como estão.

No entanto, o apóstolo admite que marido e mulher se divorciem, desde que permaneçam sem matrimônio. Com isso anula a lei de Moisés, segundo a qual o homem tem a autoridade de rejeitar uma mulher quando se desgostar ou se cansar dela, e tomar outra. Também ela podia tomar outro marido (Dt 24). Embora Moisés tivesse dado essa lei aos judeus, por serem teimosos e pagãos, isso não convém aos cristãos. Por isso o próprio Cristo a anula (Mt 19.8s.). Pois no Antigo Testamento tais leis não serviam apenas ao regime espiritual, mas também ao regime secular, porque Deus governava esse povo tanto espiritual como secularmente. Como também ainda hoje existem muitas leis no direito imperial estabelecidas para os mundanos, mas que não convêm aos cristãos, como, por exemplo, defender-se com violência contra violência, recorrer a juízo, etc.

Pois as leis necessárias para repreender e dominar os maus são muito diferentes das que se usam para instruir e governar os bons. Essa lei havia sido estabelecida para repreender e dominar os maus, para que não matassem suas mulheres ou fizessem algo ainda pior. Cristãos, porém, devem ser piedosos de todo o coração, a fim de que não tenham necessidade dessa lei, mas fiquem com suas esposas para toda a vida. Entre os não-cristãos, porém, ou entre os estranhos falsos cristãos ainda hoje seria bom orientar-se por essa lei e permitir que, a exemplo dos gentios, se divorciem de suas mulheres e que tomem outras, para não terem dois infernos com seus matrimônios discordes, um aqui e outro lá; no entanto deveriam saber que, ao se divorciarem, já não são mais cristãos mas gentios, e se encontram no estado da condenação.

Mas o apóstolo fala de uma razão para o divórcio, da ira, quando homem e mulher não conseguem viver em harmonia, vivendo em ódio e briga, de maneira que não conseguem orar nem realizar qualquer outra boa obra. O texto expressa isso claramente, dizendo que devem reconciliar-se e não se divorciar, ou então ficar sem vida matrimonial no caso em que não conseguirem reconciliar-se e quererem viver separados. Onde, porém, se ordena reconciliação, denuncia-se ira e desunião. Sem dúvida, o apóstolo permite essa separação, fazendo vista grossa para a fraqueza dos cristãos quando duas pessoas não se dão. No mais, cada qual tem o dever de carregar o fardo do outro[22], e não deve separar-se dele. Por essa razão não permite aos divorciados que se casem novamente, a fim de lhes conceder espaço para se reconciliarem e se reencontrarem, ou até para forçar ou pressioná-los a se reconciliarem, porque talvez não tenham o dom da castidade.

22 Cf. Gl 6.2.

No entanto, se uma das partes não quer a reconciliação e simplesmente quer viver em separado, e a outra parte não consegue dominar-se, necessitando de um parceiro, que fará? Poderá casar-se? Resposta: Sim, sem dúvida. Visto que não lhe foi ordenado viver em castidade nem tem o dom para tanto, e seu parceiro não quer retornar a ele, privando-lhe, portanto, o corpo do qual não pode prescindir, Deus não o obrigará ao impossível por causa da transgressão de alguém outro. Há de proceder como se seu parceiro tivesse morrido, especialmente porque não é por sua culpa que não se juntam. No entanto, a parte que não quer [reconciliar-se], há de ficar sem matrimônio, como aqui o diz S. Paulo.

E continua:

Aos outros digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem esposa incrédula, e esta consente em morar com ele, não se divorcie dela. E se alguma esposa tem marido descrente, e este consente em viver com ela, não se divorcie dele. [vv.12 e 13.]

Visto que S. Paulo expressa que não é o Senhor que diz isso, mas ele próprio, dá a entender que isso não é mandamento de Deus, mas que há liberdade de agir de uma ou de outra forma. Pois distingue suas palavras das palavras do Senhor, de maneira que a palavra do Senhor deve ser considerada mandamento, sua própria palavra, porém, apenas conselho. Aqui quer dizer o seguinte: aos outros, isso é, onde não há ódio entre os cônjuges, sendo que um dos parceiros é cristão e o outro não (caso freqüente naqueles tempos, quando se começou a pregar a fé entre os gentios, sendo que uma parte se convertia, a outra não), embora o cristão tenha o direito de se separar do não-cristão, o apóstolo aconselha que não se separe, desde que a parte não-cristã o aceite e consinta que seja cristão, não lhe proíba nem o impeça de viver cristãmente, nem o obrigue a renunciar a Cristo ou a viver uma vida não-cristã.

É isso que S. Paulo quer dizer com a palavra: "e consente em morar com ele, etc.", ou seja, quando o não-cristão está satisfeito e quer ficar morando com seu companheiro cristão e lhe permite fazer tudo o que compete a um cristão fazer, etc. Pois o estado matrimonial é algo exterior e físico, que não impede nem promove a fé, sendo que um pode ser cristão e o outro não, da mesma maneira como um cristão pode comer e beber na companhia de um gentio, judeu ou turco, comprar dele e fazer com ele qualquer outro negócio exterior, ou como hoje um dos parceiros pode ser um cristão verdadeiramente piedoso e o outro um cristão mau e falso. Pelo fato de alguém ser [cristão] piedoso ou mau [cristão] não há necessidade de se romper o matrimônio.

Se, porém, o não-cristão não tolera que seu cônjuge seja cristão nem viva cristãmente, o impede e persegue, aí então está na hora de cumprir

literalmente a palavra de Cristo: "Quem ama a sua mulher e filhos mais do que a mim, este não é digno de mim" [Mt 10.37]. Aí então há de se pensar em divórcio. Havendo divórcio, haverá que haver ou reconciliação ou então aquele que não quer a reconciliação terá que ficar sem matrimônio, sendo que a outra parte tem o direito de casar-se, como dito acima. Pois é preciso ter a Cristo, o cônjuge da alma, em maior consideração do que o cônjuge físico, e onde um não tolera o outro, é preciso ficar com o cônjuge da alma, que é eterno, abandonar o [cônjuge] físico, e tomar outro que esteja disposto a tolerar a seu lado o [cônjuge] eterno.

Da mesma forma deve-se proceder também hoje; onde um marido fosse levar ou instigar sua mulher ao roubo, adultério ou a cometer qualquer outra injustiça contra Deus, estamos diante do mesmo motivo para a separação, e (se não se reconciliarem) uma das partes terá o direito de casar-se. Essa é a razão por que o adultério separa e dá o direito de casar-se. Pois no Antigo Testamento, em Dt 13.6ss., foi ordenado que cada qual deve ajudar a matar sua mulher, irmãos e o melhor amigo que quisesse induzi-lo ou incitá-lo a agir contra Deus. No Novo Testamento, porém, onde não se mata fisicamente, basta divorciar-se dele.

São Paulo continua:

Porque o marido incrédulo é santificado pela esposa, e a esposa incrédula é santificada pelo marido. Do contrário, vossos filhos seriam impuros, agora, porém, são santos. [v. 14.]

Aqui está sendo dito à maneira hebraica e paulina que para aquele que é santo todas as coisas são santas, conforme diz em Tt 1.15: "Para os puros tudo é puro". E em Rm 8.28: "Aos santos todas as coisas servem para o bem". Isso significa o seguinte: um cônjuge cristão não deve divorciar-se, mas pode ficar com seu consorte não-cristão e pode também gerar e criar filhos não-cristãos. O motivo é o seguinte: se o consorte não-cristão não impede que seu consorte cristão viva cristãmente, a fé é algo tão poderoso que o convívio com não-cristãos não o prejudica, não lhe importando se são santas ou não-santas as coisas com as quais lida. Pois inclusive a morte, a coisa mais cruel, é santa e ditosa para um cristão.

A fé pode perfeitamente fazer uso de todas as coisas, sejam más ou boas, exceto a incredulidade e seus frutos. Pois estes são diretamente contrários à fé e a tornam impossível; no mais, tudo o que possibilita a fé se torna inofensivo, puro, santo, proveitoso e salutar por meio da fé, de modo que o crente pode lidar com essas coisas e conviver com elas sem qualquer perigo. Não fosse assim, nenhum cristão poderia viver, visto que tem que viver entre pessoas não-cristãs. Agora, desde que não lhes siga [o exemplo], mas faça bom uso dele, pode ficar com elas e viver em sua companhia, para que também elas se tornem piedosas e cristãs por meio dele, etc.

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

Assim, pois, para o cristão o mundo inteiro é salutar, puro, útil e proveitoso. Por outro lado, para o não-cristão o mundo inteiro é impiedade, impureza, prejuízo e perdição, inclusive o próprio Deus e todos seus bens, como diz o Sl 18.25s.: "Com o santo és santo, com os irrepreensíveis és irrepreensível, com os eleitos és eleito. Com o perverso, porém, és perverso". Por que isso? Porque os santos, isso é, os crentes, podem usar todas as coisas de modo santo e salutar e santificar e purificar-se nelas. Os não-santos e descrentes, porém, cometem pecado, profanação, e se tornam impuros sem cessar em todas as coisas. Pois não podem fazer uso de nada de modo correto, divino ou salutar, a fim de lhes servir para a santidade.

Desta maneira os filhos são santos, embora não sejam batizados nem cristãos. Não são santos em sua própria pessoa e não é desta santidade que S. Paulo fala aqui, mas são santos para ti, de modo que tua santidade pode lidar com eles e criá-los e que não perderás tua santidade no contato com eles. São como se fossem santos. Pois o que S. Paulo quer dizer é o seguinte: se um cônjuge cristão tivesse filhos adultos com um cônjuge não-cristão (como ocorria com freqüência naqueles tempos) e os filhos ainda não quisessem deixar-se batizar, visto que ninguém deve ser coagido à fé, mas ser atraído voluntariamente por Deus através do Evangelho, isso não é motivo para o pai ou a mãe abandonar os filhos, nem para lhes subtrair ou negar os deveres maternos ou paternos, como se pecassem e se contaminassem nos filhos descrentes. Antes devem orientá-los fisicamente e providenciar seu sustento, como se fossem os mais santos cristãos. Pois não são impuros nem ímpios (diz ele), isso é, tua fé pode exercitar-se neles a fim de permanecer pura e santa.

É isso que deve acontecer também agora e sempre. Se filhos não querem aceitar o Evangelho, nem por isso se deve abandonar nem rejeitá-los, mas cuidar deles e providenciar seu sustento como os melhores cristãos. Sua fé deve ser entregue às mãos de Deus, desde que em outros assuntos sejam obedientes e corretos no que diz respeito à vida exterior. Porque os pais podem castigar comportamento e obras exteriores maus. Ao mau ser descrente e interior, porém, ninguém pode impedir nem castigar, a não ser exclusivamente Deus. Portanto, também este texto de S. Paulo ainda nos diz respeito e está em vigor: para os crentes todas as coisas são santas e puras.

Se, todavia, o descrente se separar, que se separe. O irmão ou a irmã não estão presos neste caso. Deus nos chamou na paz. [v. 15.]

Aqui o apóstolo estabelece que o consorte cristão está livre e desimpedido quando seu consorte não-cristão se separa dele ou não quer admitir que viva cristãmente, e lhe dá o direito de casar-se com outra mulher. E o que S. Paulo diz a respeito de um cônjuge gentio aplica-se também a um falso cristão. Portanto, se este quisesse levar seu consorte a uma vida não-cristã e impedir que viva cristãmente, ou se vier a separar-se dele, o consorte cristão

está livre e desimpedido para contrair matrimônio com alguém outro. Pois se assim não fosse, o parceiro cristão teria que correr atrás do não cristão ou então viver em castidade contra sua vontade, e assim ficar preso por causa da culpa do outro e viver pondo sua alma em risco.

Como, porém, ficaria o caso em que o segundo cônjuge igualmente desse problemas e também quisesse obrigar seu consorte a viver de modo gentílico ou não-cristão, ou então também o abandonasse, e assim sucessivamente o terceiro e o quarto, sempre que tal ocorresse? Poderia um homem ter dez ou mais mulheres, todas vivas, que o tivessem abandonado? E por sua vez, poderia uma mulher ter dez ou mais maridos que tivessem ido embora? Resposta: Não podemos tapar a boca de S. Paulo; por isso também não pretendemos opor-nos aos que querem recorrer a sua doutrina quantas vezes quiserem. Suas palavras são claras: um irmão ou uma irmã estão livres e desimpedidos quando seu consorte o abandona e não quer morar com ele. E não diz que isso pode ocorrer somente uma vez, mas o admite tantas vezes quantas o exige a necessidade, pois não quer ter prendido a ninguém no perigo da incastidade por causa da contravenção ou maldade de outro.

Mas como? Não deveria o consorte cristão esperar até que seu parceiro não-cristão voltasse ou morresse, como foi costume e o direito espiritual até agora? Resposta: Se quiser ficar esperando, isso depende de sua boa vontade. Pois, visto que o apóstolo o declara livre e desimpedido, não tem a obrigação de ficar esperando, mas pode casar-se em nome de Deus. Queira Deus que essa doutrina de S. Paulo tivesse sido praticada até agora ou que se a fizesse vigorar de agora em diante para os casos em que homem e mulher se separam e um abandona o outro. Disso resultou muita fornicação e pecado. Para tanto contribuíram as malfadadas leis do papa, que, contrariando diretamente a esse texto de S. Paulo, coagiu e obrigou este consorte a não se casar, sob pena de perder a salvação de sua alma; mas que deveria ficar esperando pela volta do consorte que o abandonou ou então aguardar sua morte. Portanto, num caso desses simplesmente pôs em cativeiro o irmão ou a irmã, por causa do delito e da maldade de outro, expondo-o sem necessidade ao perigo da incastidade.

No entanto, que fazer no caso em que o consorte desertor retornasse, prometendo comportar-se? dever-se-ia admitir e recebê-lo? Resposta: Se o parceiro que ficou ainda não se casou, poderá recebê-lo, sendo aconselhável que passem a viver juntos novamente. Se, todavia, já se casou entrementes, deve-se simplesmente rejeitá-lo e não recebê-lo de novo. Aqui nos pode servir o que Dt 24.3,4 escreve a respeito da mulher rejeitada: o primeiro homem não poderá recebê-la novamente, ainda que tivesse ficado descomprometido com o outro por meio da morte ou carta de divórcio. Assim também se deveria proceder no presente caso, para que o abandono seja castigado. E caso se procedesse assim, sem dúvida diminuiriam os casos de

abandono. Agora, porém, que o papa abriu as portas e concede autoridade e direito de voltar a esses malvados e patifes, não admira que o mundo esteja cheio de matrimônios rompidos e de divorciados, sim, cheio de fornicação, coisa que o diabo procurou estabelecer por lei.

Caso, porém, ambos são culpados e se separam, é justo que ponham as coisas a limpo, se reconciliem e tornem a morar juntos. Essa doutrina de S. Paulo deve ser estendida a todo tipo de separações, inclusive quando homem e mulher se separam não apenas por causa da fé cristã, mas por qualquer motivo que seja, por causa de raiva ou qualquer outro desgosto: o parceiro culpado deve reconciliar-se ou passar a viver sem matrimônio, e a parte inocente fica livre e tem o direito de se casar, se a outra não quer reconciliar-se. Pois o fato de um consorte fugir por causa de raiva ou desgosto, não querendo compartilhar com seu parceiro nem coisas boas nem más, nem doce nem amargo, como é devido, tudo isso são questões não-cristãs e gentílicas. Por isso esse cônjuge é, na verdade, um gentio e descrente.

"Deus nos chamou na paz", diz ele, portanto, quer que vivamos pacificamente uns com os outros, de maneira que um consorte cristão não deve contender com seu parceiro não-cristão por causa da fé ou da descrença, nem separar-se dele, contanto que o consorte não-cristão lhe permita viver cristãmente. Cada qual deve deixar ao outro sua crença e entregar a questão às mãos de Deus. Pois não se deve nem se pode obrigar ou incitar qualquer pessoa à fé, mas Deus terá que atraí-la com bondade; neste sentido devemos instruir, admoestar e rogar, não, porém, coagir. Por isso um consorte cristão deve administrar em paz as coisas exteriores do estado matrimonial relativas a seu cônjuge descrente, e não afrontar nem ameaçá-lo, não acompanhá-lo nem levá-lo de arrastão. Pois Deus não é um Deus da discórdia, mas da paz (Rm 15.33)[23]. Por isso não nos ensina discórdia mas nos admoesta para a paz.

S. Paulo diz mais:

Pois como sabes, mulher, se irás salvar o marido? ou como sabes, marido, se irás salvar a mulher? Cada um conforme Deus lho tem distribuído. [v. 16.]

Isso significa: por isso deveis viver em paz um com o outro em vosso matrimônio, também com o consorte não-cristão (desde que não impeça vossa vida cristã), não insistir obstinadamente, nem incitar ou coagi-lo à fé. Pois não é obra vossa nem está em vosso poder que alguém se torne crente, mas exclusivamente no poder de Deus. Visto que não sabeis se sois tão dignos que Deus os quererá salvar por meio de vós, deveis manter a paz com

23 Na verdade, Lutero está citando 1 Co 14.33, se bem que em Rm 15 também apareça o termo "paz".

eles e que nenhum homem insista com sua mulher descrente ou brigue com ela por causa da fé, nem a mulher com seu marido descrente. Se, no entanto, Deus quiser convertê-los por vosso intermédio, ele vos ajudará e distribuirá entre vós graça e dons para isso. A mim me parece que esta é a compreensão correta dessa passagem de S. Paulo, não querendo que alguém seja coagido à fé nem à piedade, mas que todos vivam pacificamente uns com os outros, até que Deus converta por sua graça, por nosso intermédio, aos que quer converter, como também S. Pedro o ensina em 1 Pe 2. [sc. 3.1ss.]

Da mesma forma há que se proceder com um consorte cristão falso. Sua vida perversa deve ser tolerada em paz e não se deve insistir obstinadamente com ele nem coagi-lo para o bem, mas apenas estimular e ajudar pacífica e amigavelmente. Porque talvez não sejas digno de converter alguém. Se acaso fores considerado digno, Deus to concederá e distribuirá de acordo com sua vontade; entrementes tens certeza de que deves conviver com teu consorte descrente ou perverso, desde que não sigas a sua descrença nem a sua vida perversa, nem as aproves e também ele não te obrigue ou incite a isso. Hás que tolerar essa descrença e erro em teu consorte, da mesma maneira como se deve tolerá-lo da parte de todo o mundo, inclusive do diabo, e deverás agir sempre com palavras boas e com um procedimento pacífico em relação a ele, até que Deus conceda a graça para que também ele se converta.

Segue:

Cada um viva conforme Deus o tem chamado. É assim que o ordeno em todas as Igrejas. [v. 17.]

Esta é a conclusão desta parte a respeito do estado matrimonial. Ele quer dizer o seguinte: A fé e o estado cristão são coisas tão livres que não estão condicionados a nenhum estado, mas estão acima de todos os estados, em todos os estados e através de todos os estados. Por isso não há necessidade de aceitar ou abandonar qualquer estado para seres salvo. Podes permanecer e ser salvo no estado em que o Evangelho e a fé te encontrarem. Por isso não é preciso abandonar o matrimônio e deixar teu consorte descrente por causa da fé ou da salvação. Por outro lado, não é necessário que te cases, seja com um parceiro crente ou descrente, por causa da fé ou da salvação. Por fim: se és casado, seja com uma pessoa crente ou descrente, piedosa ou perversa, por isso não estás salvo nem condenado. Se és solteiro, nem por isso és salvo ou condenado. Tudo isso é livre, livre. No entanto, és salvo se fores cristão e se permaneceres cristão, e se permaneceres descrente, serás condenado.

"Assim o ordeno em todas as Igrejas", ou seja, entre todos os cristãos aos quais prego. Pois não lhes ensino a abandonar seus estados e a provocar discórdia, mas que permaneçam e vivam pacificamente. Por aí percebes que S. Paulo não considera nenhum estado um estado salvífico exceto um, o

estado cristão. Todos os demais deixa livres; em si mesmos não servem nem para a salvação nem para a condenação. Todos eles se tornam salvíficos por meio da fé, e condenáveis por meio da descrença, ainda que sejam considerados os melhores em si mesmos. Onde ficarão agora os monges e as freiras e os demais estados clericais que eles elevam a estados de salvação superiores ao lado e acima deste único estado da salvação? Todos eles de nada valem, a não ser que os deixem livres, de maneira que as consciências não estejam comprometidas com eles e que não sejam considerados úteis para a salvação mas para disciplina temporal do corpo, como disse com freqüência.

Se alguém foi chamado como circunciso, não pretexte ter prepúcio. Se alguém foi chamado tendo prepúcio, não se deixe circuncidar. A circuncisão de nada vale e o prepúcio de nada vale, mas o que vale é o cumprimento dos mandamentos de Deus. [vv. 18 e 19.]

Aqui dá alguns exemplos da conclusão: que cada qual viva no estado em que o Senhor o chamou. Este primeiro exemplo refere-se a judeus e gentios e quer dizer: Não importa se és judeu ou gentio. Se és circunciso e sujeito à lei judaica, não penses que isso é pecado ou errado e que deverias livrar-te disso. Pois a fé está acima da circuncisão e de toda lei, de maneira que podes ser circunciso ou incircunciso. Nisso não há nenhum problema para a salvação; tens a liberdade de ficar em uma ou outra condição, da mesma forma como também não faz diferença casar ou não casar. Ambas as coisas são livres. Por outra, se és gentio, incircunciso e independente da lei judaica, não penses que isso seja errado e que devas circuncidar-te. És livre em relação a isso. Somente a fé te torna justo e somente ela cumpre os mandamentos de Deus.

Estas duas palavras: "não pretexte ter prepúcio" e "não se deixe circuncidar" não devem ser entendidas como se S. Paulo estivesse proibindo circuncidar-se e de ter prepúcio. Pois quem poderia ter ambas as coisas ao mesmo tempo, visto que circuncisão e incircuncisão são coisas opostas entre si? Ele próprio diz: "A circuncisão de nada vale", o que contradiz a sua afirmação: "não pretexte ter prepúcio". Pois se não deve pretextar prepúcio, há de ser circunciso. Como então a circuncisão de nada vale? Também a frase "o prepúcio de nada vale" é o oposto de "não se deixe circuncidar". Pois, se não deve circuncidar-se, há de ter prepúcio. Como então o prepúcio de nada vale? O que ele proíbe é a necessidade, a obrigação e que se crie consciência por causa disso. O ato em si deve ser livre, nem bom, nem mau. Assim não se deve pretextar prepúcio como se a pessoa tivesse que ser incircuncisa, nem se deve ser circunciso como se a pessoa tivesse que ser circuncisa. Ambas de nada servem para a salvação e as duas coisas podem ser praticadas sem problema de consciência. Portanto, ser judeu ou gentio não impede nada nem concede qualquer direito perante Deus, mas somente a fé.

Analogamente se deveria dizer a nosso povo hoje: Ser casado de nada vale,

ser solteiro também não. Ter um consorte gentio de nada vale, ter um consorte cristão igualmente de nada vale. Quem é casado, que permaneça casado. Quem é solteiro que não se case, isso é, não faça de casar-se ou ficar solteiro uma questão de consciência. Também ser monge de nada vale, ser leigo também de nada vale; ser padre de nada vale, ser freira também de nada vale. Quem é leigo não se torne monge. Quem é monge não se torne leigo, isso é, não faça de ser monge ou leigo uma necessidade ou questão de consciência; que fique como está, desde que a fé permaneça pura e firme. Pois quando está ameaçada a fé, o monge deve fugir do mesmo modo como um consorte deve abandonar seu parceiro descrente que o impede em sua fé cristã e o afasta dela.

Aqui os judeus poderiam perguntar a Paulo: "Dizes que a circuncisão de nada vale, mas o que vale é o cumprimento da palavra de Deus. Ora, a circuncisão foi incisivamente ordenada a nós judeus da parte de Deus. Como então de nada vale?" Seria prolongar-se demais falar sobre essa questão agora; falei a respeito o suficiente em outras ocasiões[24]. Em resumo: todas as leis no livro de Moisés deveriam vigorar até Cristo. Quando este viesse, haveria que ensinar e dar a fé e o amor. Onde existem essas duas coisas, todas os mandamentos estão cumpridos e anulados, são livres. Portanto, depois da vinda de Cristo não há mais necessidade de nenhum mandamento, a não ser o mandamento da fé e do amor. Ora, onde o amor o exigir, deverei circuncidar-me, caso contrário, não. Onde o amor exige que eu odeie, devo odiar, caso contrário, não. Onde o amor exige que eu jure, devo jurar, caso contrário, não. Assim se deve agir em relação a todos os mandamentos de Deus. O que é o amor que visa tão-somente o proveito e a vontade do próximo, e o que é a fé, a respeito disso escrevi o suficiente em outra ocasião[25].

Cada qual permaneça na vocação em que foi chamado. Foste chamado como escravo? não te preocupes; mas, se puderes conquistar a liberdade, aproveita-o preferencialmente. [vv. 20 e 21.]

Pela segunda vez repete a conclusão, oferecendo mais o exemplo do escravo e do livre. Pois naqueles tempos ainda existia muito o que se chama de escravo[26], como ainda existem hoje em alguns lugares. A estes S. Paulo denomina de servos. Ora, assim como um cônjuge deve comportar-se em relação a seu parceiro, do qual é escravo, assim também um servo deve comportar-se em relação a seu senhor, do qual é escravo. Isso significa que

24 P. ex., em: *In epist. Pauli ad Galatas comment.*, WA 2,565s.
25 P. ex., em: Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã, in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 435ss.
26 No orignal *Leybeygen* — literalmente "propriedade física".

o fato de ser escravo não o impede em sua fé cristã. Por isso não deve fugir de seu senhor, mas ficar com ele, quer o senhor seja crente ou descrente, piedoso ou perverso, a não ser que seu senhor quisesse obrigá-lo a desistir de sua fé ou a seguir a sua vida perversa. Aí então está na hora de fugir e correr. Tudo que foi dito acima a respeito de um consorte cristão, a maneira com que deve tratar seu parceiro descrente, vale também aqui para o servo cristão no relacionamento com seu senhor descrente.

O que Paulo diz aqui a respeito do escravo deve ser seguido também por todos os empregados, empregadas, diaristas, trabalhadores e serviçais no relacionamento com seus senhores e suas senhoras, e também em relação a todas as promessas, associações, sociedades e todo e qualquer compromisso assumido um com o outro. Em todos esses assuntos há que se cumprir o serviço, a fidelidade e o dever, quer o parceiro seja cristão ou descrente, piedoso ou perverso, desde que não te impeçam a fé e o direito e permitam que vivas cristãmente. Pois todos esses estados são livres e não impedem a fé cristã. Se, pois, o rei da Polônia ou da Hungria fizer uma aliança com o turco, que cumpra a aliança e diga como o ensina Paulo: "Deus nos chamou na paz".

"Mas se puderes conquistar a liberdade", diz Paulo, "aproveita-o preferencialmente." Não que devas roubar-te a ti mesmo de teu senhor e fugir sem que o saiba e contra sua vontade. Quando S. Paulo diz que deves ficar na vocação na qual foste chamado, isso não significa que deves permanecer escravo embora tivesses a chance de conquistar a liberdade com a ciência e concordância de teu senhor. S. Paulo apenas quer instruir tua consciência para que saibas que ambas as coisas são livres perante Deus, quer sejas escravo, quer livre. Com isso não quer impedir que conquistes a liberdade se puderes com o favor de teu senhor. Portanto, para tua consciência não importa que te tornes livre ou escravo, quando o puderes fazer com Deus e com honra. Pois a fé cristã não ensina tirar do outro o que é dele, muito antes ensina cumprir todo o dever, inclusive para com aqueles aos quais nada devemos e que não têm nenhuma exigência a fazer.

Porque o que foi chamado no Senhor como escravo, é liberto do Senhor. Semelhantemente o que foi chamado como livre, é escravo de Cristo. [v. 22.]

Isso é a mesma coisa que dizer: perante Deus é indiferente que sejas livre ou escravo, da mesma maneira como é indiferente ser circuncidado ou incircunciso. Nenhuma das duas coisas impede a fé e a salvação. É a mesma coisa como se eu dissesse: para a fé não importa que sejas pobre ou rico, jovem ou velho, bonito ou feio, douto ou indouto, leigo ou padre. Pois quem é chamado sendo pobre é rico perante Deus. Quem é chamado sendo rico é pobre perante Deus. Quem é chamado sendo velho é jovem perante Deus. Quem é chamado sendo feio é belo perante Deus. E por outra: quem é

chamado sendo leigo, é padre perante Deus. Isso porque a fé nos torna a todos iguais perante Deus, e não admite nenhuma distinção de pessoa ou de categoria social.

O mesmo está sendo dito aqui: quem foi chamado sendo escravo, este é liberto do Senhor, isso é, perante ele vale a mesma coisa como se fosse livre e não escravo. Por outro lado: quem foi chamado sendo livre, este é escravo de Cristo, isso é, não é melhor do que aquele que é escravo. Aqui acontece o que S. Paulo diz em Gl 5. [sc. 3.28]: "Aqui ninguém é judeu, nem gentio, nem escravo, nem liberto, nem homem, nem mulher, mas tudo e tão-somente é Cristo". Pois é a mesma fé, os mesmos bens, a mesma herança, tudo é igual. Por isso também podes dizer: quem é chamado sendo homem, este é mulher perante Deus; e quem é chamado sendo mulher, este é homem perante Deus. Por isso a expressão "escravo de Cristo" não pode referir-se ao serviço que se presta a Cristo, mas diz: escravo entre os homens na terra, porque pertence a Cristo e lhe está sujeito; por isso vale a mesma coisa que um liberto, e um liberto vale a mesma coisa que um escravo. Não obstante é propriedade de Cristo sendo escravo.

Fostes comprados por alto preço; não vos torneis escravo dos homens. [v. 23.]

Que está sendo dito aqui? Acabou de ensinar que se deve permanecer escravo e que isso não impede a fé cristã. Aqui, porém, proíbe que se seja escravo. Sem dúvida, diz isso em termos gerais contra a doutrina humana que desfaz esta liberdade e igualdade da fé e restringe as consciências. Pois, quem ensina que um cristão não deve casar-se com uma mulher descrente e ficar morando com ela, como o faz a lei espiritual[27], este põe empecilhos à liberdade ensinada por S. Paulo e leva as pessoas a obedecerem mais a ela do que à palavra de Deus. É a isso que chama aqui de ser escravo dos homens, pois acham que desse modo estão se tornando escravos de Deus e que estão servindo a ele, quando tudo não passa de doutrina humana, tornando-se assim escravos dos homens. A mesma coisa fizeram aqueles que pregavam que as pessoas devem circuncidar-se, desfazendo assim a supracitada liberdade. Desse modo Paulo se preocupa e luta em todas as frentes pela liberdade cristã contra as amarras e cárceres dos estatutos humanos.

Que esta é sua opinião evidencia-se da frase: "Fostes comprados por alto preço". Está se referindo a Cristo, que com seu sangue nos resgatou e libertou de todos os pecados e leis (Gl 5.1). Ora, este resgate não se dá no plano mundano e também não diz respeito aos contratos que as pessoas fizeram entre si, por exemplo, as relações entre escravo e senhor, entre mulher e homem. Todos esses contratos permanecem intactos e [Paulo] quer que sejam respeitados. No entanto, dirige-se espiritualmente à consciência,

27 Cf. Do cativeiro Babilônico da Igreja, in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 403ss.

dizendo que perante Deus não nos prende nem aprisiona mais nenhuma lei. Aí estamos livres de todas as coisas. Pois anteriormente estávamos presos no pecado; agora, porém, estamos livres de todos os pecados. O que todavia permanece exteriormente em termos de contratos e liberdade não é nem pecado nem mérito, mas felicidade ou infelicidade exterior, sofrimento ou alegria exterior, como qualquer outro bem ou mal físico, nos quais podemos viver, tanto num como no outro, em liberdade e sem pecado.

Amados irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado. [v. 24.]

Aqui repete pela terceira vez a conclusão a respeito da liberdade cristã, de que todas as coisas exteriores são livres perante Deus e que um cristão pode fazer uso delas como quiser, pode aceitar ou rejeitá-las. Ele acrescenta "diante de Deus", isso é, no que diz respeito à relação entre ti e Deus. Pois não prestas serviço a Deus casando, sendo solteiro, escravo, livre, tornando-te isto ou aquilo, comendo isto ou aquilo; por outro lado, também não o aborreces nem cometes pecado se renuncias a uma dessas coisas ou a deixas. Em resumo, nada deves a Deus exceto crer e confessá-lo. Em relação a todas as demais coisas ele te dá inteira liberdade, de maneira que podes proceder como quiseres, sem nenhum perigo para a consciência. E isso a tal ponto que não pergunta se abandonas a mulher, foges de teu senhor e não cumpres nenhum compromisso assumido; pois que proveito tem ele se o fazes ou deixas de fazer?

Visto, porém, que estás comprometido com teu próximo, cujo escravo te tornaste, Deus não quer privar a ninguém do que é seu por meio da liberdade, mas deseja que seja cumprido em relação ao próximo. Pois embora Deus não pergunte por essas coisas por causa delas mesmas, ele pergunta por elas por causa de teu próximo. É isso que quer expressar ao dizer: "diante de Deus", o que vale dizer: em relação ao semelhante ou a teu próximo não te concedo a liberdade, pois não quero tirar-lhe o que lhe pertence, até que ele mesmo te liberte. Em relação a mim, porém, estás livre, e de maneira nenhuma poderás perder-te, quer cumpras ou deixes de cumprir as coisas exteriores. Portanto, distingue corretamente esta liberdade: a relação entre Deus e ti não é a mesma que a relação entre ti e o próximo. Lá existe a liberdade, aqui não. Motivo: Deus te concede esta liberdade somente no que se refere ao que é teu, não no que diz respeito a teu próximo. Por isso o homem não pode abandonar a mulher, porque seu corpo não lhe pertence, mas pertence à mulher, e vice-versa. Também o escravo não é dono de seu corpo, mas pertence a seu senhor. Para Deus não teria importância se o homem abandonasse a mulher, pois o corpo não está ligado a Deus, mas é dado livremente por ele para todas as coisas exteriores, e é propriedade de Deus apenas interiormente, por meio da fé. Perante os homens, porém, é preciso cumprir o contrato. Resumo dos resumos: Nada devemos a ninguém

exceto amar e servir ao próximo por meio do amor[28]. Onde existe o amor acontece que comer, beber, vestir, viver assim ou de outro modo não é perigo para a consciência nem pecado perante Deus, desde que não ofenda ao próximo. Nessas questões não se pode pecar contra Deus, mas, sim, contra o próximo.

É preciso saber que a palavrinha "chamado" aqui não significa a vocação na qual alguém é chamado como quando dizemos: tua vocação é o matrimônio, tua vocação é o sacerdócio, e assim por diante, conforme a vocação que cada qual tem de Deus. Não é desse chamado que Paulo fala aqui, mas refere-se ao chamado evangélico, ou seja: permanece no chamado em que foste chamado, isso é, assim como o Evangelho te atinge e assim como seu chamado te encontra, assim permanece. Se te chama no matrimônio, permanece nesse chamado no qual te encontras. Se te chama na escravidão, permanece na escravidão na qual és chamado.

E se me atingir em estado de pecador, devo permanecer nele? Resposta: Se estiveres na fé e no amor, isso é, se estiveres no chamado do Evangelho, faze o que quiseres e vai pecando. No entanto, como podes pecar se crês e amas? Visto que por meio da fé se faz satisfação a Deus e por meio do amor [se faz satisfação] ao próximo, é impossível que sejas chamado em estado de pecado e que devas permanecer nele. Se, no entanto, permaneceres nele, ainda não és chamado ou então ainda não compreendeste o chamado. Pois esse chamado te tira do estado do pecado e te leva a um estado de retidão e faz com que não possas pecar se permaneceres nele; por meio da fé és livre de todas as coisas perante Deus; perante os seres humanos, porém, és escravo de todos por meio do amor.

Disso tudo podes depreender mais uma vez que a monjaria e a espiritualização de nossos dias não serve. Pois as pessoas se comprometem diante de Deus com coisas exteriores, enquanto Deus concede liberdade nelas, opondo-se eles assim à liberdade da fé e à ordem de Deus. Por outro lado, naquilo em que deveriam estar comprometidos, a saber, com os semelhantes, servindo a todos por meio do amor, eles se sentem livres, não servindo a ninguém nem sendo úteis, a não ser a si próprios. Assim resistem ao amor. É um povo perverso que perverte todo o direito de Deus. Quer ser livre onde está comprometido, quer estar comprometido onde é livre. Não obstante, esperam receber cadeiras muito mais elevadas no céu do que o cristão comum. Sim, estarão no abismo do inferno estes que transformam a liberdade celestial neste presídio infernal e fazem do serviço físico uma liberdade hostil.

28 Cf. Rm 13.8.

Terceira Parte
Da Virgindade.

Com respeito às virgens não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião como alguém que recebeu misericórdia do Senhor de ser fiel. Por causa da angústia presente considero ser bom para o homem permanecer como está. [vv. 25 e 26.]

Até aqui ouvimos suficientes elogios ao estado matrimonial. Agora queremos também proclamar suas adversidades e honrar a virgindade. Se não fosse S. Paulo, seria simplesmente aborrecedor o fato de conceder louvor tão escasso e honra tão minguada à virgindade. Em primeiro lugar diz que a virgindade não é ordenada por Deus tão pouco quanto o estado matrimonial. Isso significa que deve estar na livre decisão de cada um. Com isso, porém, lhe tira toda a honra que até agora lhe está sendo atribuída por todos os grandes pregadores. Pois onde não há mandamento, também não há mérito ou recompensa diante de Deus, mas é assunto livre em si. Porque perante Deus é a mesma coisa que sejas virgem ou não. E do mesmo modo como acima disse: "Quem foi chamado sendo escravo é liberto do Senhor", também se pode dizer aqui: Quem foi chamado sendo virgem é mulher diante de Deus. Pois perante Deus tudo tem o mesmo valor e não há distinção da pessoa nem mérito de obras, mas somente a mesma fé em todos e por meio de todos.

A virgindade é algo precioso e nobre e de alta estima na terra. Mas o Espírito Santo disse essas coisas por meio de S. Paulo para que, por causa da nobreza e grandeza desse estado, ninguém se julgue melhor ou superior diante de Deus do que um cristão comum, mas permaneça na singeleza da fé, que a todos nós torna iguais diante de Deus. Pois a natureza venenosa sempre tenta ser algo perante Deus por meio de obras, e quanto mais elevada a obra, mais quer ser. Por isso está tão obcecada pelo suave brilho da virgindade, porque não há obra maior ou mais bela na terra, de modo que não conhece estado mais elevado perante Deus do que a virgindade e acha que, assim como na terra uma virgem vale muito mais do que uma mulher casada, assim haveria que ser também no céu.

E aí vêm os loucos mestres do diabo que forjam coroazinhas especiais[29]

29 Com base em Êx 25.25, se desenvolveu a doutrina da *aureola*, como *praemium servantium consilia* (prêmio para os que observam os preceitos); pensou-se num *decor, qui apparebit exterius in corpore* (um decoro que deve aparecer exteriormente no corpo), como *decentia et pulchritudo singularis in corpore representativa aureolae: Doctori in ore, virginibus in illa parte, martyribus in cicatricibus: ut sciatur statim qualis quis fuerit, an martyr, virgo, doctor* (decência e beleza de uma auréola singular representada no corpo: para o doutor, na boca; para as virgens, naquele lugar; para os mártires, nas cicatrizes; para que se possa saber imediatamente o que alguém é, se mártir, virgem ou doutor). Outros ainda afirmam *quod*

para as freiras no céu e fazem delas noivas de Cristo, como se outros cristãos não fossem noivas de Cristo. O louco povo jovem corre atrás dessas coisas e cada qual quer alcançar essa coroazinha, querendo encher o céu de virgens e noivas de Cristo. Entrementes a fé cristã, a única que conquista a coroa e faz noivas de Cristo, cai no desprezo e esquecimento e se apaga. Quero que saibas e tenhas a certeza de que nenhuma dessas virgens coroadas, que confiam nesta doutrina e com este pensamento protestam virgindade, e não como o ensina S. Paulo, é e permanecerá uma virgem pura e não será considerada nem virgem nem noiva de Cristo.

Depois diz que, em sua opinião sincera, a virgindade é boa "por causa da angústia presente". Esse é o primeiro elogio de S. Paulo à virgindade. Percebes também o que S. Paulo quer dizer com "bom". Acima também falou a respeito ao dizer que é bom não tocar em mulher. Nenhuma palavra de mérito ou recompensa no céu. Também S. Jerônimo[30] errou neste ponto e entendeu e interpretou mal a Paulo. Fala aqui do bem nesta vida terrena, como ainda ouviremos mais a respeito. Está, pois, aí uma boa razão para permanecer virgem e fugir do laborioso matrimônio, porque o cristão está sempre exposto à perseguição por causa do Evangelho e corre o constante perigo de ter que arriscar seus bens, amigos e a própria vida, ou de ser desterrado ou assassinado. É a isso que S. Paulo chama aqui de "angústia presente".

Agora dize-me onde queres encontrar uma virgem em todos os conventos, até aonde alcança o domínio do papa, que permaneceu virgem por causa desse motivo? onde seus bens, corpo e vida correm perigo? Seus bens, sua vida e sua parentagem estão tão privilegiados e garantidos como jamais qualquer povo o poderá ser na terra, de maneira que todos têm que confessar que não permanecem virgens por causa da angústia e do perigo, mas por causa da segurança e para não ficarem privadas de nada, exatamente o contrário do motivo que S. Paulo coloca aqui. E hás de ver onde se pode constatar essa angústia e perigo nos conventos. Onde agora se encontram milhares e milhares de conventos não ficaria de pé nenhuma estaca. Por que perder muitas palavras? Está se vendo a angústia e o perigo em corpo e bens que os conventos passam juntamente com todo o papado. Porcos de engorda são todos eles.

Você argumentará: "Pessoas casadas têm que passar pelos mesmos perigos e dificuldades por amor do Evangelho que as virgens, pois, assim como o Evangelho é comum a todos os cristãos, assim também a cruz e as

Virgines in capite aliquam coronulam albam gestabunt (que as virgens devem trazer na cabeça uma coroazinha branca). Cf. Gabriel Biel. Suppl. in quartum Sentent. dist. 49 qu 4; *du Cange s.v. Aureola.*

30 Cf. acima p. 191, 17ss.

perseguições. Em tal dificuldade também Abraão teve que abandonar, na companhia de sua Sara, a seu pai, seus bens, e com ela arriscar sua vida a toda hora''[31]. Resposta: S. Paulo não diz que por causa dessa angústia alguém devesse que permanecer virgem, mas diz que seria bom e proveitoso permanecer assim. A dificuldade é de todos, mas as virgens estão em situação melhor do que os casados. Pois se Abraão não tivesse tido sua Sara, teria sido poupado de muitos incômodos e preocupações e teria vencido com mais facilidade. Uma virgem é uma só pessoa, não precisa preocupar-se com ninguém; uma pessoa casada está atrelada a outra; isso acarreta muita preocupação e incômodos, e isso exige muito, como o ensina a experiência.

No entanto, o fato de terem mantido sua castidade em vão fará com que muitos se sintam ressabiados e os tornará amuados, visto que perante Deus não são mais do que qualquer outro cristão. Nisso, porém, se perceberá também que elas são as virgens néscias, que derramaram o azeite [32], porque não permaneceram virgens por causa de uma singela atitude cristã, mas por causa da recompensa, da glória, da fama e da honra. Não consideram ser bom no sentido como o diz S. Paulo, mas para, antes de mais nada, conquistarem algum bem naquela vida. Assim transformaram sua virgindade em manipulação, para, por meio dela, fazer uma negociata com Deus, não se satisfazendo com as vantagens temporais da castidade e com o eterno bem da fé. Por isso hão de se aborrecer, pois a coisa se lhes tornou amarga, porque sua virgindade foi por terra.

Estás ligado a uma mulher? não procures separar-te; estás livre de mulher? não procures casamento. Se, no entanto, te casares, não estás pecando. E se uma virgem se casar, não pecou. No entanto, tais pessoas sofrerão angústia na carne e eu gostaria de poupar-vos. [vv. 27 e 28.]

Aqui tens ambas as coisas: nem casar nem ficar solteiro é pecado. Pois a preocupação maior do apóstolo é com as consciências; quer instruí-las e também mostrar-lhes o que é proveitoso e o melhor na terra. E ressalta com palavras secas a razão por que é bom não casar-se: ''Os casados sofrerão angústias na carne''. Esse é o clamor do qual o mundo inteiro canta, fala e escreve a respeito da vida matrimonial, de maneira que ninguém deveria casar-se pensando em dias agradáveis. Pois o estado matrimonial acarretaria muitos incômodos e dias difíceis, do que as virgens ficam poupadas. Não quero nem posso falar aqui dos sofrimentos na vida matrimonial, pois argumentam que eu nada sei a respeito porque não o teria experimentado.

Pois bem, neste ponto acredito em S. Paulo. No entanto, conheço duas dessas tribulações da Escritura. A primeira é de Gn 3.19,17, onde Deus diz

31 Cf. Gn 12.1ss.
32 Cf. Mt 25.3ss.

a Adão: ''No suor de teu rosto comerás teu pão'' e ''com aflição tirarás da terra teu sustento durante toda a tua vida''. Aqui se impõe ao homem a difícil tarefa de sustentar a si e sua mulher, aí a fé sofre, pois ''pobreza dói''. Disso faz parte o difícil trato com os serviçais, o perigo que se corre com os animais e os bens, por fim ainda a malícia e infidelidade das pessoas com as quais se tem que conviver e lidar. Pois [o homem casado] tem que empenhar-se a fundo, muitas vezes tem que conter-se e engolir coisas duras pelo fato de estar amarrado a uma mulher, coisas que não precisaria suportar se fosse solteiro. Por sua vez o sofrimento da mulher consiste em andar grávida, gerar filhos e pari-los com dores, não dormir à noite e muitas vezes sacrificar-se e renunciar a muitas coisas boas, o que não precisaria fazer se fosse virgem. Também a ela diz Deus em Gn 3.16: ''Com aflição darás à luz teus filhos e os gerarás''.

A segunda [tribulação do matrimônio] é a referida por S. Pedro[33], ao afirmar que a mulher é fraca e frágil e que o homem tem que suportar muitas coisas da parte dela se quiserem conviver. Esse defeito é culpado por se encontrar tão raras vezes um matrimônio bom, em que reinasse amor e paz. Por outro lado, segundo Gn 3.16, a mulher deve ser submissa ao homem, de maneira que deve acompanhar seu marido para onde quer que esse vá e que seu desejo tem que ser contrariado muitas vezes. Se houver ainda outras aflições no matrimônio e se queres saber quais, toma uma esposa. Eu considero essas duas as maiores, pois abrangem muitas coisas. Tudo isso, porém, não é pecado nem mau diante de Deus, mas apenas um temporal incômodo exterior nesta vida, coisas que devem ser ponderadas quando alguém quer casar-se. O apóstolo menciona essas coisas a fim de que ninguém despreze esse estado por causa de seus inconvenientes, como se por isso não agradasse a Deus ou como se nele não se pudesse servir a Deus, como procederam os falsos mestres, que excluíram todo o serviço a Deus e todas as boas obras desse estado e como tais as propalaram.

Por isso também S. Paulo modera sua palavra e diz ''tribulação da carne'' e não ''do espírito''. Pois a tribulação do espírito é o pecado e a má consciência, mas a tribulação da carne é incômodo exterior, trabalho e desgosto. E o que S. Paulo denomina de ''da carne'' à maneira hebraica de falar, nós o denominamos de ''corporal'', de maneira que tribulação carnal significa a mesma coisa que tribulação corporal, não corporal como uma doença, mas há tribulação nas coisas com as quais temos que lidar corporalmente e as coisas que dizem respeito ao corpo, como mulher e filhos, serviçais, casa, propriedade, gado e bens e todas as coisas que ocorrem entre as pessoas neste mundo falso e perverso.

Agora, quem tem o dom de permanecer casto, domine sua paixão e

33 Cf. 1 Pe 3.7.

abstenha-se do estado matrimonial, e não se sujeite a esta azáfama, a não ser que a necessidade o obrigue, como Paulo o aconselha sinceramente e como também se deve aconselhar. Pois é uma grande e nobre liberdade viver sem matrimônio, e poupa muita inquietação, incômodos e sofrimentos, o que S. Paulo deseja a todos, conforme diz: "Eu gostaria de poupar-vos". Eis aqui o que significa honrar verdadeiramente a virgindade: não mencionar o mérito e a nobreza que teria perante Deus, mas exaltar seu sossego e comodidade nesta vida. Pois também existem aqueles que se casam por paixão, sem necessidade, e que poderiam permanecer castos, e procuram dias maus sem serem obrigados a isso. Bem feito para eles se encontrarem o que procuram.

Isto, porém, vos digo, amados irmãos: o tempo é breve. Ademais é minha opinião que os casados devem ser como se não fossem casados; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não quisessem ficar com o que compram; os que fazem uso do mundo, como se não o utilizassem. Porque a natureza neste mundo passa. [vv. 29-31.]

É um ensinamento comum para todos os cristãos para que cuidem de seus bens eternos que possuem na fé, e desprezem esta vida, para não se aprofundarem demais nela com amor e gozo, ou com sofrimento e desgosto; devem comportar-se como hóspedes na terra, sabendo que irão usar todas as coisas somente por breve tempo, para cobrir as necessidades e não para gozo. É isso que significa ter uma mulher como se a não tivesse, quando do fundo do coração preferiria não ter esposa, mas preciso dela para evitar o pecado. Quem todavia não a tem apenas por necessidade, mas procura também o gozo nela, este não possui uma esposa mas está totalmente possesso por uma mulher. Da mesma maneira um cristão deve comportar-se também em relação a todos os demais bens: que apenas satisfaça a necessidade, e não satisfaça o gozo e fortaleça o Adão.

Quero, porém, que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor. Quem, todavia, está casado cuida das coisas do mundo, de como agradar a mulher, e assim está dividido. A mulher ou a virgem não casada também cuida das coisas do Senhor, para ser santa, tanto no corpo como no espírito. A que se casou, porém, cuida das coisas do mundo, de como agradar o marido. [vv. 32-34.]

Este é o outro fruto e proveito da virgindade na terra: a gente pode dedicar-se tanto mais a Deus. Não do jeito como acreditam os clérigos de hoje, com seus cantos e leituras, pois entre eles não há mais serviço a Deus. Mas que a pessoa se pode dedicar sossegadamente à palavra de Deus, ler nela diariamente, orar, agir e pregar, como Paulo admoesta a Timóteo[34]. Pois

34 Cf. 1 Tm 4.13.

uma pessoa casada não pode dedicar-se por inteiro à leitura e à oração, mas "está dividido", como se expressa Paulo, quer dizer, tem que usar uma grande parte de sua vida para dedicar-se a sua esposa. Assim está amarrado, como Marta[35], a muitas preocupações que a vida matrimonial exige. Uma virgem, porém, não está dividida por tais preocupações, mas pode dedicar-se inteiramente a Deus.

Nem por isso o apóstolo quer condenar o estado matrimonial. Pois não diz que uma pessoa casada tem somente preocupações mundanas ou que esteja afastada de Deus. Diz apenas que está dividida e que tem muitas preocupações e que não pode orar sem cessar e lidar com a palavra de Deus. Embora seus cuidados e trabalho também fossem bons, é muito melhor estar livre para a oração e para promover a palavra de Deus, pois com isso é útil e consolador para muitas pessoas, sim, para toda a cristandade. Isso naturalmente é um motivo grande e nobre para afastar do matrimônio a todos que têm o dom. Nossos clérigos, porém, que não ensinam a orar nem estudam a palavra de Deus, mas se torturam com leis humanas e murmuram e uivam em coro, fariam melhor se fossem pastorear os porcos no estado matrimonial.

Digo isso para vosso proveito; não que quisesse amarrar-vos uma corda ao pescoço, mas somente para o que fica bem para vós outros e vos dê condições de estardes sempre desimpedidamente a serviço do Senhor. [v. 35]

Quer dizer não ordeno a castidade, mas deixo-a livre, e também não insisto nela como se fosse uma vergonha não permanecer casto, preferindo casar. Pois com isso não quero ter amarrado nem comprometido a ninguém. Apenas digo que a virgindade é uma coisa bonita e livre. Quem quer e pode, que a assuma. Aqui percebes que não há obrigação neste assunto, e que não se deve obrigar ninguém à castidade, ordená-la ou fazer votos de castidade. Em todo o caso é certo que Paulo escreveu estas palavras a todos os cristãos de Corinto, e não somente aos leigos. Mesmo assim não alega nenhum mérito da virgindade diante de Deus, mas apenas a elogia como sendo boa e útil nesta vida, como o fez acima.

Entretanto, se as coisas não lhe ficam bem com sua virgem, porque já passou seu tempo, e não tem outro jeito, faça o que quiser. Não peca. Que se casem. [v. 36.]

É um texto estranho que um homem também pode dar sua virgem em casamento pelo único motivo de se zombar dele por causa de sua virgem que já esperou demais. Até este ponto S. Paulo quer deixar plena liberdade a cada um nesta questão, para fazer o que é bom e proveitoso para ele. Se não tiver outro jeito, diz ele, quer dizer, se não há outra saída. Se, pois, em vossa

35 Cf. Lc 10.40s.

cidade e entre vossa gente é assim que as pessoas passam vergonha quando se deixa uma virgem ficar velha, faça o que quiser. Entregue-a em casamento ou despreze o vexame. Desta forma, sem dúvida, não se revela apreço pela virgindade quando o apóstolo a entrega para evitar uma vergonha ou zombaria qualquer. Certamente ele nada sabia das coroazinhas das virgens.

No entanto, quem está com o firme propósito em seu coração e não está sendo constrangido, mas tem domínio de sua vontade, e decide em seu coração ficar com a virgem, esse procede corretamente. [v. 37.]

Logo acima, onde diz "Se as coisas [não] lhe [ficam bem] com sua virgem", e aqui: "quem quer ficar com sua virgem", ele se refere a pai, mãe, irmãos ou qual for seu tutor. Com isso está sendo dito que filhos não devem casar-se por petulância própria nem permanecer virgens, mas os que têm autoridade sobre eles devem dá-los [em casamento] ou ficar com eles. Caso porém, não existam tais pessoas ou não se importam com eles, que procedam como puderem. Quanto ao que diz a respeito da autoridade de sua vontade, deve-se entender as coisas assim que ninguém deve segurar sua virgem contra a vontade dela, pois onde ela não quer, ele não pode impor sua vontade. Isso vale também para o caso em que houvesse qualquer outro motivo, que fosse obrigado por outros a dá-la em casamento, ou que sinta vergonha de sua virgem já um tanto idosa, ou que fosse obrigado por amigos ou pela autoridade.

E assim, quem a dá em casamento faz bem, quem não a dá, faz melhor. [v. 38.]

Aqui está sendo dito que os pais não têm poder sobre os filhos para decidirem, sem o consentimento deles, em assuntos de casar ou não casar, o que já escrevi por diversas vezes[36]. A respeito desse "bom" e "melhor" está dito suficientemente acima que se trata do bem aqui na terra. O estado matrimonial é bom, (isso é), sem pecado, agradável a Deus e livre para todos; o estado da castidade, porém, é mais tranqüilo e livre.

A mulher está comprometida com a lei enquanto vive o marido; se, contudo, o marido falecer, ela está livre para casar com quem quiser, desde que isso seja feito no Senhor. Todavia, em minha opinião, será mais feliz se permanecer como está. Penso que também eu tenho o Espírito de Deus [vv. 39 e 40.]

Sobre este ponto ele fala também em Rm 7.2ss., e passa a uma parábola espiritual, que aqui deixa fora, mas que lá traz em maiores detalhes. No entanto, a conclusão deste capítulo é que perante o mundo o estado matrimonial é uma prisão, mas perante Deus é livre, como acima diz que o

36 Cf., p. ex., *Ein Sermon von dem ehelichen Stand* — 1519. WA 2, especialmente p. 169.

escravo é livre diante de Deus, embora seja escravo perante o mundo. No entanto, os descasados são livres e desembaraçados tanto perante Deus como perante o mundo. Por isso diz que sua situação é mais feliz do que a dos casados; no entanto, não em termos de bem-aventurança eterna, onde somente a fé é maior ou vale mais, dependendo do caso, mas em termos da vida presente, no sentido de ter menos inquietação, preocupação, perigos e fadigas.

Portanto, o resumo deste capítulo é o seguinte: bom é não casar, a não ser que seja necessário. É necessário onde Deus não concede o raro dom da castidade, pois nenhum ser humano foi criado para a castidade, mas todos foram criados para gerar filhos e para suportar o peso da vida matrimonial (Gn 1.28; 2.18; 3.16). Agora, se alguém não tem essa necessidade, não será um mandamento, nem voto, nem propósito que fará dele uma exceção, mas exclusivamente a graça de Deus e sua mão maravilhosa. Isso pode acontecer mesmo que ele não o faça, mas não levará a bom termo. Por isso são cruéis assassinos de almas aqueles que empurram os jovens para os conventos e os prendem neles à força, como se a castidade fosse algo como calçar e descalçar os sapatos e como se estivesse em nosso poder, quando eles mesmos têm outros sentimentos, mas obrigam a outros a algo que eles próprios jamais tocaram nem são capazes de tocar com um só dedo. É fácil dizer: "Sê casto". No entanto, por que tu mesmo não és casto? Esta é uma boa: tu comes e bebes a não querer mais e a mim ordenas jejuar! Para os que aceitam conselho, basta por ora. E aos que não querem ouvir, por que fazer mais palavras? Que Deus os ilumine e os impeça de estrangular as almas! Amém.

Por fim, saiba cada um de uma vez por todas que tudo que é publicado com minha ciência e autorização deve ser revisto previamente por aqueles a que compete fazê-lo, como o determina não apenas a ordem e regulamento da universidade imperial mas também da nossa. O que, todavia, for publicado às minhas costas, em todo o caso não me deve ser atribuído[37].

37 Este adendo, referindo-se à censura exercida pela universidade, está em nítida relação com a ordem estabelecida na assembléia nacional de Nürnberg, 1523: que "Lutero e seus seguidores não escrevessem nem publicassem coisas novas até o próximo concílio". (Cf. WA 12,59, a introdução ao manifesto de Lutero: Wider die Verkehrer und Fälscher kaiserliches Mandats — 1523.)

Os pais não devem forçar os filhos ao matrimônio nem impedi-los, e os filhos não devem contratar casamento sem o consentimento dos pais.[1]
1524

INTRODUÇÃO

As questões matrimoniais postas em discussão a partir da doutrina da justificação ocupariam constantemente a Lutero. Assim, teve que interceder em favor de sacerdotes que contraíam matrimônio[2], aconselhar sacerdotes casados contra os quais foram movidos processos[3]. O próprio príncipe-eleitor da Saxônia evitava por todos os meios o contato com sacerdotes casados[4] e Lutero teve que intervir junto a um de seus chanceleres que exigia a separação de um pastor de sua esposa[5]. Por outro lado, prefaciou o escrito de um teólogo que defendia seu matrimônio[6]. Aconselhou sacerdotes a não buscarem junto ao papa a dispensa para seu matrimônio, mas a casar sem se importarem com o papa[7]. Em pregações, Lutero admoestava os jovens a que não contratassem casamento sem o conhecimento dos pais[8] e os pais, a que não forçassem seus filhos ao matrimônio[9]. Por trás dessas admoestações encontravam-se diversos casos de despotismo paterno.

1 *Dass Eltern die Kinder zur Ehe nicht zwingen noch hindern, und die Kinder ohne der Eltern Willen sich nicht verloben sollen.* — 1524. WA 15,163-169. Traduzido do original alemão por: *Ilson Kayser.*
2 Cf. WA Br 2,601,34-60: Lutero apela a João, Barão de Schwarzenberg, a interceder em favor do pastor de Kranach perante o bispo de Bamberg.
3 WA Br 12,27-35: Diretrizes para uma petição dos pastores João Stumpf e Francisco Klotsch ao coletor de Kolditz Benedito Spörner, com pedido de encaminhamento ao bispo. Os dois pastores haviam aderido à Reforma e se casado. Processados, buscaram conselho. A referida carta de outubro de 1522 é a resposta à consulta que os dois seguiram à risca.
4 WA Br 2,606,10-12; 3,2,29-33: Refere-se ao casamento de Bugenhagen, o "fundador da casa paroquial evangélica". Espalatino envia o assado para a festa de casamento a Lutero, para evitar o gesto ostensivo e não cair no desfavor do príncipe.
5 WA Br 3,144-145.
6 WA Br 12,68-72.
7 WA Br 3,89-94.
8 WA 11,40,24-41,12; 15,316,17-317,12
9 WA Br 12,61s.

Este último aspecto levou Lutero a escrever "Os pais não devem forçar os filhos ao matrimônio nem impedi-los, e os filhos não devem contratar casamento sem o consentimento dos pais". Afirma que o pátrio poder deve vir em auxílio dos filhos, caso contrário vai além de sua competência. O filho que sofre em conseqüência do autoritarismo paterno deve, mesmo assim, curvar-se em obediência cristã; Lutero faculta-lhe, porém, o direito de solicitar a intermediação da autoridade civil. O quarto mandamento encontra seu limite quando os pais querem impedir o matrimônio dos filhos. Quando os filhos já tiverem consumado a comunhão matrimonial (o que pode significar tanto o contrato de casamento quanto a relação sexual), é prudente que os pais dêem seu consentimento. Segundo direito humano, deve ser prestada obediência aos pais, desde que não haja abuso do pátrio poder. A fé cristã dirá que se deve buscar um consenso e, se for preciso, desobedecer aos pais. Note-se que a liberdade cristã é base para a argumentação.

Martin N. Dreher

0

Martinho Lutero ao severo e firme João Schot[10], cavaleiro, etc., meu estimado senhor e amigo.

Graça e paz em Cristo nosso Senhor e Salvador. Severo amado senhor e amigo. Quando comecei a escrever sobre questões da vida matrimonial, já temia que poderia acontecer o que agora realmente acontece: que me daria mais trabalho do que todo o restante de minha atividade. Caso não tivéssemos outro ponto de referência que nos revelasse que o estado matrimonial é tão divino, bastaria observar o quanto o príncipe deste mundo, o diabo, lhe resiste de tantas maneiras, o impede com pés e mãos e todas as forças, para que o meretrício não diminua, mas aumente. Já escrevi anteriormente[11] que a obediência devida aos pais é tão ampla que um filho não deve contratar casamento nem contrair matrimônio sem sua ciência e consentimento. E caso isso acontecesse, os pais teriam poder de desfazê-lo. Agora os pais insistem unilateralmente nesse aspecto e começam a impedir e coibir seus filhos a seu bel-prazer e (conforme o caso que me relatastes recentemente) os obrigam a

10 *João Schott*, o cavaleiro saxão que havia escoltado a Lutero quando de sua chegada a Worms. Schott havia relatado a Lutero vários casos de prepotência por parte de pais em relação ao casamento de seus filhos.
11 Já em 1522 Lutero se havia ocupado com o assunto. Cf. acima o texto: "Da vida matrimonial", pp. 160-183.

casar com esta ou com aquele, quando não há indícios de vontade ou amor nesse sentido. Por isso vejo-me obrigado a publicar uma vez mais meu conselho e opinião honesta, caso alguém quisesse orientar-se por ele ou consolar-se com isso. Recomendado à graça de Deus. Amém.

Primeiro

Os pais não têm direito nem poder de obrigarem os filhos ao casamento.

Impedir ou coibir um casamento é coisa bem diferente do que obrigar ao casamento ou insistir nele. Embora os pais tivessem direito e poder de coibir o casamento, não se segue disso que também tivessem o poder de obrigar a ele. Pois é mais tolerável que o amor entre duas pessoas seja separado e impedido do que juntar à força duas pessoas que não têm afeição nem amor uma à outra, porque no primeiro caso o sofrimento dura pouco tempo, enquanto no segundo caso é de se temer um inferno eterno e a infelicidade para toda a vida. Ora, S. Paulo diz em 1 Co 16 [sc. 2 Co 10.8] que a autoridade suprema, a de pregar o Evangelho e governar as almas, não foi dada por Deus para destruição, mas para edificação. Quanto menos a autoridade dos pais ou qualquer outra autoridade poderia ter sido dado para a destruição e não, muito antes, exclusivamente para a edificação?

Por isso é evidente que a autoridade paterna tem um objetivo e limite ao qual não pode ultrapassar. Ela jamais pode prejudicar ou destruir o filho, especialmente sua alma. Quando, pois, um pai coage o filho a um casamento onde não sente vontade nem amor, aí ele ultrapassa seus limites e vai além de sua autoridade, e o pai se transforma em tirano que não usa sua autoridade para o melhor, para o que lhe foi dada por Deus, mas para o pior, usurpando-a de Deus para si mesmo, sim, contra Deus.

Por outro lado, onde impede o filho ou sequer cogita de incentivá-lo ao casamento (como ocorre entre padrastos e filhos, ou entre órfãos e tutores, onde a avareza tem mais em vista os bens do filho do que suas necessidades), aí, de fato, o filho está livre e pode proceder como se seu pai ou tutor estivesse morto; deve visar o que é melhor para ele, noivar-se em nome de Deus e providenciar as coisas da melhor maneira. No entanto, o filho deveria antes consultar o pai, ou perguntar e pedir conselho, para que tenha certeza que o pai ou amigos nada querem ter com o caso ou apenas querem adiar o caso mais e mais com palavras inúteis. Pois neste caso o pai é omisso em seu dever e sua autoridade, e permite que o filho arrisque sua honra e alma. Por isso também não merece e é justo que não se pergunte pela opinião daquele que não se interessa por tua honra e alma. Isso vale especialmente para o caso em que os amigos se negam a encaminhar o casamento das

pobres freiras, como está acontecendo agora[12], e não perguntam nem pela honra ou pela alma de seus parentes. Eles foram suficientemente advertidos. E depois, vamos casar confiantes, em nome de Deus, quer os amigos se irritem ou zombem.

O pior nó na questão, porém, é o seguinte: Deverá o filho obedecer ao pai que o coage ao casamento ou a casar-se com uma pessoa da qual não gosta? Pois é fácil decidir e entender que o pai age de modo injusto e como diabo e tirano, não como pai. A questão agora é se o filho deve sujeitar-se a essa autoridade e injustiça e obedecer a esse tirano, porque Cristo ordena pública e secamente em Mt 5.39ss., que não se deve resistir ao mal, e que se deve andar duas milhas com aquele que exige uma milha, que se deve também entregar o manto quando alguém exige a túnica e que se deve oferecer também a outra face. Disso se concluiu que o filho deve e tem que obedecer a essa injustiça e aceitar o que esse pai tirânico e não-paternal lhe impõe.

A isso respondo: Se um caso desses for tratado entre cristãos, a solução é fácil. Pois um cristão verdadeiro, que obedece ao Evangelho (porque está disposto a sofrer injustiça e violência, ainda que atinja corpo, bens e honra, seja breve ou prolongado, ou eterno, conforme a vontade de Deus), naturalmente não se oporia nem negaria a aceitar esse casamento por imposição. Agiria como alguém que tivesse que prender entre os turcos ou em outra terra estranha aqueles que o turco ou o inimigo o obrigasse a prender, ou como se o metessem para sempre no cárcere ou o prendessem com correntes numa galera, conforme o excelente exemplo do santo patriarca Jacó, ao qual sua Lea foi imposta com toda injustiça, contra sua vontade. Não obstante, ficou com ela, embora não tivesse sido obrigado a isso perante os homens. Embora se tivesse deitado com ela sem o saber, ele suportou e tolerou essa injustiça e a aceitou contra sua vontade.

Onde, porém, se encontram cristãos assim? E ainda que sejam cristãos, onde estão os que são tão fortes como este Jacó, a ponto de se conformarem com isso? Pois bem, apenas me compete aconselhar e ensinar o que é cristão nesta questão e em todas as demais. Quem não é capaz de seguir esse conselho, confesse a Deus sua fraqueza e peça por clemência e ajuda. A mesma coisa deve fazer aquele que tem medo de morrer ou de sofrer qualquer outra coisa por amor de Deus (o que, afinal, é de seu dever) e que se sente fraco demais para cumpri-lo. Aí não há outro jeito, pois deve ser mantida a palavra de Cristo: "Entra em acordo com teu adversário, enquanto estás com ele a caminho" [Mt 5.25].

12 Muito provavelmente Lutero está se referindo a acontecimentos ligados à fuga de monjas dos conventos, como o de Nimbschen, do qual o comerciante de Torgau ajudou a nove monjas em sua fuga, a 5 de abril de 1523. Lutero teve que se empenhar em conseguir casas, nas quais as monjas pudessem ficar, e, depois, buscar esposos para as ex-freiras.

ULBRA - Canoas

Também não vale desculpar-se e dizer que desse matrimônio sob coação resultaria ódio, inveja, assassinato e toda sorte de infelicidade. Pois Cristo responderá imediatamente: Deixa que eu cuide disso. Por que não confias em mim? Se obedeceres a meu mandamento, posso muito bem providenciar para que não aconteça nada daquilo que temes, mas somente felicidade e coisas boas. Acaso queres transgredir meu mandamento certo e bem-aventurado por causa do temor de uma infelicidade futura e incerta? Ou queres cometer o mal para que aconteça o bem? o que Paulo condena em Rm 3.3. E ainda que surgisse infelicidade futura com toda certeza ou existisse já agora, acaso quererias desconsiderar meu mandamento por causa disso, visto que é teu dever empenhar vida e alma, agora e em eternidade, por amor de mim?

Aos cristãos fracos, porém, incapazes de observar esse mandamento de Cristo, aconselharia que bons amigos se empenhassem junto ao príncipe, ao burgomestre ou alguma outra autoridade para conseguirem que a injustiça nefasta e a autoridade diabólica desse pai fosse refreada e o filho fosse posto a salvo dela, e que ele fosse obrigado a fazer uso correto de sua autoridade paterna. Pois, embora um cristão tenha o dever de sofrer injustiça, também é obrigação da autoridade secular castigar tal injustiça e coibi-la, proteger o direito e aplicá-lo. Se, todavia, também a autoridade fosse omissa ou tirânica, o último recurso seria que o filho fugisse para outro país e abandonasse pai e autoridade, do mesmo modo como antigamente alguns cristãos fracos fugiram dos tiranos para o deserto. Assim também o profeta Urias fugiu do rei Jeoaquim para o Egito, e como fugiram os cem profetas, inclusive Elias, da rainha Jezabel[13]. Além desses três, não saberia dar outro conselho a um cristão. Os não-cristãos, porém, que façam o que estiver a seu alcance e o que as leis seculares permitem.

Segundo

Um filho não deve casar nem noivar sem o consentimento e a ciência de seus pais.

Embora já tenha falado a esse respeito na Postila[14], tenho que retornar ao assunto. Aqui está inabalável e firme o Quarto Mandamento de Deus: "Honrarás pai e mãe e lhes obedecerás". Por isso também não temos nenhum exemplo em toda a Escritura que dois filhos se tivessem dado em casamento um ao outro. Sempre está escrito a respeito dos pais: "Dai esposos a vossas filhas e esposas a vossos filhos" (Jr 29.6), e em Êx 21.9s.

13 Cf. Jr 26.20s.; 1 Rs 18.4; 19.2ss.

14 Na postila de inverno de 1521, Lutero trata da questão na interpretação do Evangelho do Dia dos Reis: WA 10/I,1,6ºf2s.

diz Moisés: "Se o pai der uma mulher ao filho", etc. Assim também Isaque e Jacó tomaram esposas por ordem dos pais.

A partir daí surgiu o costume conhecido em todo o mundo de se celebrarem os casamentos ou as bodas publicamente com uma ceia e festa, para condenar o noivado secreto e para que o matrimônio seja confirmado e honrado com ciência e o conhecimento de ambas as famílias. Também o primeiro noivo, Adão, não tomou esposa ele próprio, mas, como o expressa o texto claramente, Deus lha trouxe e ele a aceitou[15].

Tudo isso, porém, está sendo dito a respeito de pais que se demonstram paternais com os filhos, como dito acima. Pois onde não procedem dessa forma, deve-se considerá-los como se não fossem pais ou estivessem mortos, e como se o filho estivesse livre para noivar e casar-se com quem quisesse. Seriam não-paternais quando vissem que o filho está adulto, apto e inclinado para o casamento, mas não o aconselham a casar nem o incentivam para isso, mas deixam as coisas correr ou pressionam e obrigam a uma vida clerical ou de abstinência, como procedeu até agora a nobreza com suas filhas, exilando-as nos conventos. Pois pais devem saber que o ser humano foi criado para o matrimônio, para produzir frutos de seu corpo (assim como uma árvore foi criada para produzir maçãs ou peras), quando a elevada graça especial de Deus e um milagre da natureza não o modifica e impede. Por isso é seu dever propiciar o casamento dos filhos e libertá-los do perigo da incastidade. Se não o fazem, já não são mais pais, e o filho tem o dever de noivar-se por própria iniciativa (entretanto, anunciando-o previamente e depois de denunciada a omissão dos pais), para livrar-se a si mesmo do perigo da incastidade e entrar no estado para o qual foi criado, quer isso agrade a pai, mãe, amigos ou inmigos quer não.

Também se chegar ao ponto de se terem tornado um corpo em secreto, é justo que se os deixe juntos e que o pai renuncie a sua autoridade, embora na lei de Moisés Deus reserve o filho ao pai, como está escrito em Êx 22.16s.: "Se uma moça pratica o ato sexual com alguém, ele deve pagar-lhe o dote e tomá-la por esposa. Se, todavia, o pai dela não quiser, deverá pagar-lhe o dote das virgens", etc. Naquele tempo, porém, não se dava muita importância à virgindade. No entanto, em nossos dias se tem um grande nojo de tomar uma moça deflorada e é considerado grande escândalo. Portanto, a segunda parte dessa lei de Moisés a respeito da autoridade paterna sobre a virgem deflorada é perigosa e prejudicial para o filho. Por isso deve-se ficar com a primeira parte: que fique com ela o que se deitou com ela.

Agora alguém poderia objetar: Se o pai tem autoridade de impedir ou anular o noivado ou o casamento do filho, então também tem autoridade de

15 Cf. Gn 2.22.

impedi-lo de casar e obrigá-lo a uma vida em castidade, etc. Resposta: Não é assim. Eu disse acima que o ser humano é criado, não pelo pai, mas por Deus, para comer, beber, reproduzir-se, dormir e outras atividades naturais, o que jamais pode ser mudado pelo ser humano. Por isso é uma coisa bem diferente impedir o casamento com esta ou aquela pessoa, do que proibi-lo definitivamente. O pai pode ordenar que seu filho não coma ou beba isso ou aquilo, não durma aqui ou acolá, mas não pode deixá-lo totalmente sem comer, beber ou dormir. Sim, ele tem o dever de proporcionar ao filho comida, bebida, roupas, sono e tudo de que o filho tem necessidade e que lhe serve para o bem. Se não o fizesse, já não seria mais pai, e o filho tem que e deve fazê-lo ele mesmo.

Portanto, tem o poder de impedir que sua filha tome este ou aquele, mas não tem autoridade para dizer que não deve tomar nenhum. Mas tem o dever de dar à filha um esposo que lhe sirva e lhe seja obediente ou cuidar para que lhe seja obediente. Se não o faz, a própria filha tem que cuidar disso. Por outro lado, também pode declinar de seu direito e de sua autoridade, sem pecar, depois que a aconselhou sinceramente e a tentou impedir, e deixar que se faça a vontade da filha para tomar a quem quiser sem o consentimento do pai. Pois quem poderia impedir toda a injustiça onde não se quer aceitar um bom conselho ou uma opinião sincera? Também Isaque e Rebeca toleraram que o filho Esaú fizesse o que bem entendesse e tomasse esposas que não lhes agradavam (Gn 27) [sc. 26.34s.]. Nesse caso o pai cumpriu seu dever paternal e não há necessidade de impedi-lo a pau e ferro. Deus certamente observará a desobediência e pertinácia do filho.

Resumo dos resumos: essas coisas acontecem de acordo com dois direitos: o direito cristão e o direito humano. Do ponto de vista cristão as coisas devem correr de tal forma que ambas as partes estejam de acordo e cientes: que o pai não entregue o filho em casamento sem a vontade e a ciência do filho (como está escrito em Gn 24.57ss. que primeiro se perguntou a Rebeca e que ela concedeu seu pleno consentimento em tornar-se a mulher de Isaque). Por outro lado, também o filho não deve comprometer-se sem a ciência e o consentimento do pai. Quando, porém, as coisas são feitas humanamente e pelo rigor da lei, o pai pode casar o filho com quem quiser e o filho tem o dever de obedecer-lhe. O pai tem autoridade de anular o noivado que o filho realizou, e o filho não tem o direito de noivar às ocultas do pai. Se, porém, uma das partes, por exemplo, o pai, quer proceder cristãmente, pode renunciar a seu direito e deixar que o filho faça sua vontade e imponha sua desobediência. Depois de sua sincera resistência paternal, de advertências e conselhos, o pai pode ter a consciência tranqüila e deixar o filho de consciência pesada, embora muitos santos pais toleraram maior desobediência da parte de seus filhos, entregando sua vontade e a causa a Deus. Se no entanto as coisas não acontecem nem de forma humana

nem cristã, mas diabolicamente, que é o caso quando o pai impõe o casamento com violência, quando o filho não tem nenhuma inclinação, então esse filho pense que caiu prisioneiro do turco e que tem que viver por causa do inimigo, ou então, onde for possível, que fuja, como já disse.

Isso basta para uma carta aberta. Provavelmente o próprio assunto ainda exigirá um debate maior como agir de acordo com o direito e não apenas de acordo com o Evangelho.

Assuntos Matrimoniais[1]
1530

INTRODUÇÃO

As questões matrimoniais continuaram a ocupar Lutero ao longo de todo o seu ministério. É fácil imaginar que a abordagem do assunto ocorresse, principalmente, em seus sermões em Wittenberg[2]. Admoestando ao amor, dizia claramente aos maridos que se abstivessem da violência contra as esposas[3]. Por outro lado, via-se, sempre de novo, compelido a afirmar que o matrimônio é boa criação de Deus, contra a tradição monástica vigente, e a lutar pela eliminação dos bordéis.

Grande atenção teve que ser dada a questões legais ligadas ao matrimônio, forçando-o a aconselhar pastores e o próprio príncipe-eleitor. Em 1524 deu seu parecer ao conselho da cidade de Zerbst sobre como proceder em relação a adúlteros. Contrariando seu parecer, a cidade de Wittenberg não condenava adúlteros à morte, mas expulsava-os da cidade[4]. Muitas vezes Lutero contava com a colaboração de Jonas, Bugenhagen ou Melanchthon[5] na elaboração de pareceres sobre direito matrimonial. Assim, por exemplo, permitiram a uma mulher abandonar seu marido impotente e casar-se com outra pessoa[6]. A um pregador, que fora abandonado pela

1 *Von Ehesachen* — 1530. WA 30/III, 205-248. Traduzido do original alemão por: *Ilson Kayser.*
2 Cf. WA 17/I,8-12; 439,27-440,34; 17/II,158,9-159,31; 21,56-60,15; 29,1-7,16.
3 Cf. WA 13,687,24-26.
4 Cf. WA Br 3,355.
5 Três íntimos colaboradores de Lutero: *Justo Jonas* ((1493-1555) foi teólogo e humanista. Inicialmente ardoroso adepto de Erasmo, desde 1520 influenciado por Lutero. Participou de todas as dietas. Seus conhecimentos jurídicos foram muito importantes para a formulação de diversas constituições eclesiásticas. Jonas traduziu várias obras de Lutero. Foi o primeiro reformador a propugnar o matrimônio dos sacerdotes. Esteve junto ao leito de morte de Lutero e proferiu a alocução fúnebre em Eisleben. — *João Bugenhagen = D. Pomer* (1485-1558), tornou-se adepto da Reforma a partir do tratado "Do Cativeiro Babilônico da Igreja" (cf. *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 342ss.), indo estudar Teologia em Wittenberg (1520), passando a ser pároco da igreja matriz da cidade (1523) e professor dessa mesma universidade (1535). Bugenhagen é o criador da casa pastoral evangélica, ao contrair matrimônio em 1522. Íntimo amigo de Lutero, colaborou na tradução da Bíblia, foi também seu conselheiro e confessor. — *Filipe Melanchthon* (1497-1560), humanista, professor da Universidade de Wittenberg, amigo de Lutero e adepto da Reforma, ao qual foi confiada a redação de textos básicos do movimento reformatório. É autor da *Confissão de Augsburgo* e também da *Apologia da Confissão* (cf. *Livro de Concórdia*. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed. 1993, pp. 23-304). Em 1521 publicou *Loci communes*, a primeira teologia sistemática luterana.
6 Cf. WA Br 3,443-445.

mulher, Lutero permitiu novo casamento[7]. Estes são apenas alguns exemplos para os muitos pareceres que Lutero teve que elaborar. Em 1527 reclama do fato de serem tantos os pareceres e conselhos que tem que emitir nesse assunto que preferiria deixá-lo completamente nas mãos dos magistrados.

As experiências coletadas ao longo dos anos foram reunidas no escrito "Assuntos Matrimoniais", publicado em janeiro de 1530. Com ele Lutero atendeu à solicitação de pastor desconhecido, mas também às aspirações de muitas outras pessoas. Lutero evita dar um posicionamento oficial. Seu desejo é deixar que as questões relativas ao matrimônio sejam tratadas pela autoridade civil. Problemas matrimoniais surgidos entre cristãos poderiam ser facilmente resolvidos. Julgava não ser de sua alçada fazer leis para não-cristãos e apontava para no que dera a tentativa papal de legislar sobre o assunto. Era importante observar a clara distinção entre autoridade civil e autoridade eclesiástica. Como, porém, continuassem a surgir questões relativas ao direito canônico, tanto da parte de pastores quanto da autoridade civil, Lutero não se pôde omitir. Suas palavras, porém, não deveriam ser entendidas como lei; quem quisesse delas fazer uso, deveria fazê-lo sob sua própria responsabilidade.

A primeira questão a ser abordada diz respeito aos noivados. Desrecomenda noivados secretos, contraídos sem o conhecimento dos pais. Afirma, contudo, que os matrimônios contraídos em razão de noivados secretos seriam legalmente válidos. Os noivados públicos não deveriam ser questionados por noivados secretos anteriores. A questão tornava-se, porém, complicada em razão do fato de, não raro, os noivados secretos haverem sido acompanhados de relação sexual. Lutero busca encontrar soluções que possam ser responsabilizadas diante de Deus. Princípios firmados nem sempre são a melhor solução. Em caso de dois noivados públicos, o segundo deveria ser considerado nulo, pois o primeiro seria o matrimônio realmente válido. Essa observação deveria valer, mesmo que do segundo matrimônio já houvessem nascido filhos. Um segundo noivado deveria ser considerado adultério. É radical ao negar a possibilidade de maus comentários a respeito de uma noiva poderem levar à anulação de um noivado. Noivados forçados deveriam ser considerados nulos. Por outro lado, a autoridade deveria intervir quando os pais forçassem os filhos ao celibato.

Nos casos de adultério, dever-se-ia buscar, inicialmente, uma reconciliação. Se necessário, permitir-se-ia o divórcio e novo matrimônio à parte julgada inocente. Igualmente dever-se-ia optar pelo divórcio em caso de abandono maldoso e longo, pois tal situação estaria em desacordo com a finalidade do matrimônio. Nos casos de parentesco, era preferível dar atenção ao direito romano do que ao direito canônico. Aqui é importante que se observe que Lutero se volta contra a tendência dos juristas de adaptar o código civil ao direito canônico.

O final do escrito está dedicado à consciência, pois os pastores estão chamados a aconselhar as consciências. É possível que só se possa aconselhar as consciências passando por cima do direito e das leis. A consciência tem primazia sobre o direito e não pode ser confundida por ele. O direito matrimonial tem que estar a serviço das pessoas e não as pessoas a serviço do direito matrimonial. Com esta observação, Lutero esteve constantemente em conflito com os juristas. Sua formulação também

7 Cf. WA Br 3,557-558.

contém riscos que vieram a se concretizar, como no caso de Filipe de Hesse[8]. No seu todo, o escrito é muito humano, pois parte da experiência pastoral.

Martin N. Dreher

0

Aos dignos senhores N. e N., pastor e pregador em N., meus prezados irmãos em Cristo.

Graça e paz em Cristo, nosso Senhor e Salvador. Vós não sois os únicos, amados senhores, que tendes muitos problemas com o matrimônio; os outros encontram-se na mesma situação. Eu próprio tenho as piores dificuldades. Eu luto, clamo e grito que se deixe essas coisas para a autoridade secular e que se faça como diz Cristo: "que os mortos sepultem seus mortos" [Mt 8.22]. Que o façam bem ou mal, por amor de Deus. Pois nós deveremos ser servos de Cristo, isso é, lidar com o Evangelho e com as consciências, com o que teríamos trabalho de sobra contra o diabo, o mundo e a carne.

Em todos os casos, ninguém pode negar que o matrimônio é um assunto exterior, secular, como roupas e alimento, casa e lar, sujeito à autoridade secular, como o demonstram tantas leis imperiais sobre o assunto. Também não encontro nenhum exemplo no Novo Testamento que comprovasse que Cristo ou os apóstolos tivessem tomado ou reservado para si esse assunto, quando estava envolvida a consciência, p. ex., S. Paulo em 1 Co 7 e em especial no que diz respeito aos descrentes e não-cristãos. Pois entre os cristãos ou crentes é fácil resolver esse assunto; entre os não-cristãos, todavia, dos quais o mundo está cheio, ninguém consegue nada, se a espada secular não usar de rigor. E de que adianta que nós cristãos façamos muitas leis e estabeleçamos muitos critérios, se o mundo não nos está sujeito e nós não temos poder sobre ele?

Por isso simplesmente quero ficar fora dessa questão e peço que me deixem em paz com esse assunto. Se não tens superiores, tens oficiais [da justiça][9]. Se não julgam com justiça, que me importa? A responsabilidade é deles, pois foram eles que assumiram o cargo. Horroriza-me igualmente o exemplo do papa, que foi o primeiro a se envolver com esse jogo e que

8 Cf. abaixo o texto: "A Bigamia de Filipe de Hesse".

9 Desde os séc. XII e XIII existiram os "oficiais", vicários dos bispos em assuntos da justiça secular; segundo uma resolução do Concílio Tridentino, eles tinham que ter o grau de doutor ou ao menos ser licenciados em Direito.

tomou a si essas questões seculares, até que se tornou um mero senhor secular, acima de imperador e reis. Por isso temo que, roendo esses paninhos, o cão irá aprender a comer couro e que sejamos seduzidos em boa intenção, até que no fim também nós nos afastemos do Evangelho em negócios puramente mundanos. Pois se começarmos a ser juízes em questões matrimoniais, a engrenagem já nos pegou pela manga e nos arrastará consigo, sendo que deveremos definir o castigo. Se tivermos que julgar sobre o castigo, teremos que julgar também sobre corpo e bens; e aí já estamos debaixo da roda e afogados na água dos negócios mundanos.

Ora, (graças a Deus) o mundo inteiro sabe com quanto empenho e dedicação trabalhei e ainda trabalho para que os dois ofícios ou regimes, o secular e o espiritual, sejam distinguidos e separados um do outro, e que cada um fosse instruído e encaminhado a sua tarefa específica. Pois o papado misturou e confundiu as duas coisas a tal ponto que nenhum dos dois ficou com seu poder, nem com sua força, nem com seu direito, e que ninguém é capaz de separá-los novamente. Isso me apavora e com a ajuda de Deus ficarei longe disso e permanecerei em meu ministério; como disse acima: "Deixa os mortos sepultar seus mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus", Mt 8[10]. Esta é minha resposta, e assim procedei.

Visto, porém, que pedis de forma tão insistente, e não solicitais instrução apenas para vós mesmos e vosso ofício, mas também para vossos superiores, que desejam vosso conselho nessas questões; e visto que perguntais exatamente a mim o que faria para minha pessoa se me pedissem conselho; e especialmente porque vossos superiores têm consciência pesada de julgarem pelas leis espirituais ou do papa, que nesses casos são perigosas e contradizem muitas vezes a toda justiça, razão e direito, mas que, não obstante, são direitos imperiais, não quero negar-vos minha opinião; no entanto, sob a condição (o que quero ter dito a todos com clareza antecipadamente) de que não o farei como juiz, oficial da justiça ou regente, mas à guisa de conselho, como o faria de boa consciência a bons amigos por especial deferência; portanto, quem quer seguir este meu conselho, deve fazê-lo por conta própria. Pois se não souber levá-lo a efeito, não deve procurar ajuda e amparo em mim ou queixar-se; pois não quero assumir aqui qualquer regime ou compulsoriedade de juízo; não tenho e não quero ter. Que governe quem deve e quer; eu apenas quero esclarecer as consciências e consolá-las da melhor maneira possível. Quem quiser ou puder seguir-me, que o faça; quem não quer ou não puder, que o deixe. Foi assim que procedi até agora, e assim prosseguirei também doravante.

Vamos, pois, atacar o assunto em nome de Deus e formular minha

10 Nessa formulação a frase se encontra em Lc 9.60 e não em Mt 8.22.

opinião e conselho em alguns artigos e pontos, para serem entendidos e guardados tanto melhor.

Primeiro.

Noivados secretos simplesmente não deveriam constituir matrimônio.

Segundo.

Noivados secretos deveriam dar lugar aos públicos.

Terceiro.

Quando houver dois noivados públicos, o segundo deveria ceder ao primeiro e deveria ser punido.

Quarto.

Se alguém tocar em outra mulher depois de um noivado público, com o fim de casar-se e romper o primeiro noivado, isso deveria ser considerado adultério.

Quinto.

Noivados sob coação não deveriam ser válidos.

Estes artigos bastam para a primeira parte do livrinho. Queremos agora apresentar os argumentos a favor deles. Para o primeiro, são os seguintes:

Em primeiro lugar está aí a lei de Deus. Visto que o matrimônio é um estado público, que deve ser assumido e reconhecido publicamente perante a comunidade, é justo que também seja instituído e iniciado publicamente na presença de testemunhas, que o possam provar. Pois Deus diz: "Todas as coisas devem ser estabelecidas pelo testemunho de duas ou três pessoas" [Mt 18.16]. Quando, porém, duas pessoas noivam secretamente, ninguém pode ter a certeza se é verdade ou não, porque homem e mulher (bem como noiva e noivo) são um só corpo e boca, em cuja confissão e testemunho não se pode confiar nem se pode confirmar esse matrimônio incerto.

Para que não surjam brigas de palavras: chamo de noivado secreto o que foi firmado sem o saber e conhecimento dos superiores que têm o direito e a autoridade de instituir o matrimônio, quais sejam, pai, mãe ou qualquer outra pessoa que os substitua. Pois ainda que houvesse mil testemunhas para um noivado secreto, se ele foi feito sem o conhecimento dos pais, todos os mil deverão ser considerados uma só boca, como pessoas que colaboram para que seja iniciado traiçoeiramente e no escuro, sem a participação da autoridade pública instituída, e que não agem às claras.

Em segundo lugar, temos também a lei imperial secular que proíbe claramente o noivado secreto. Ora, segundo a vida exterior, temos o dever de obedecer ao direito secular, e não podemos concordar com que o direito

imperial ceda ao direito papal e se lhe sujeite, porque o direito papal contraria muitas vezes manifestas declarações da Escritura, a razão e a justiça.

Em terceiro lugar, isso também é confirmado pelos antigos cânones e pelos melhores parágrafos do direito eclesiástico. Todos eles proíbem o noivado secreto. Inclusive ainda hoje o papa proíbe esses noivados. No entanto, uma vez consumados, quer que sejam validados e compromissivos. Considera-os, pois, apenas um pecado de desobediência e os recompensa para alegria e benevolência dos desobedientes, por terem imposto sua vontade com pecado de desobediência. Isso contradiz a toda justiça e direito.

Em quarto lugar, concorda com isso também o exemplo da antiga lei e o de todos os patriarcas, entre os quais era direito e costume que os pais davam seus filhos em casamento por autoridade paterna, como se lê claramente em Êx 21.9 e como o demonstram os exemplos de Isaque, Jacó, José, Sansão, etc.[11].

Em quinto lugar, isso também foi assim entre os gentios no direito natural, por exemplo, entre os gregos, que foram as pessoas mais sábias da terra. Pois no poeta grego Eurípides[12] se lê o seguinte: Meu pai deverá providenciar meu casamento. Não me compete tratar desse assunto. Santo Ambrósio gostou muito desse enunciado, [como se pode verificar] no livro 1. Sobre Abraão[13] e com ele adverte todas as mulheres a seguirem o exemplo de Rebeca e que não noivem a si mesmas e escolham maridos, mas deixem essa preocupação e direito para os pais.

Em sexto lugar, isso também é decorrência da razão e da justiça natural. Pois quem iria aprovar que eu tivesse criado uma filha com tantos custos e sacrifícios, preocupações e perigos, empenho e trabalho, e tivesse dedicado a ela minha vida com corpo e bens por tantos anos, e agora ela não me estaria mais protegida do que se fosse minha vaca perdida no mato, que qualquer lobo pode devorar. Minha filha então deveria estar à disposição, para que qualquer malandro, que eu não conheço ou que inclusive foi meu inimigo, tivesse poder e livre acesso para ma roubar secretamente e levá-la sem minha ciência e consentimento? Ninguém gostaria que seu dinheiro e bens estivessem à livre disposição de quem viesse primeiro. Agora, porém, o malandro não leva apenas meu dinheiro e bens, mas minha filha, que criei com dificuldade, e ainda leva meu dinheiro e bens juntamente com a filha. Portanto, tenho que recompensá-lo e pelo sofrimento e maldade que me

11 Cf. Gn 24.1ss.; 28.1ss.; Jz 14.2.

12 Eurípides, *Andrômaco* 986s.: *nympheumaton men ton emon pater emos merimnan, kouk emo krinein tade.*

13 Cf. Migne, *Patrologia*, série latina 14,453. — *Ambrósio* (339-397) foi governador do Norte da Itália antes de se converter ao cristianismo. Ainda durante seu período de catecumenato (isso é, de sua preparação para o Batismo) foi eleito bispo de Milão (374). Considerado um dos grandes teólogos da Igreja de fala latina, destacando-se na luta contra os arianos.

ULBRA Canoas

causou tenho que aceitá-lo como herdeiro dos bens que adquiri com esforço e trabalho. A isso se chama recompensar maldade com honra; isso significa abrir todas as portas e dar espaço para fazer sofrer e prejudicar as pessoas.

Naturalmente existe a possibilidade de que seja um bom rapaz, onde as coisas estão bem aplicadas. Todavia patenteia-se assim tanto ao malandro como ao rapaz decente o direito de praticar contra mim uma maldade que põe tudo a perder. Afirmo que, em sua razão, qualquer pessoa concordará comigo que isso é uma violência e injustiça que poderia ser evitada facilmente se fosse proibido o noivado secreto. Neste caso nenhum malandro se aventuraria a conquistar a filha de um cidadão honesto, ou a arrogar-se o direito de ser herdeiro estranho de bens que não adquiriu. Pois saberia que seria em vão, ainda que tivesse conseguido mil noivados secretos.

Em sétimo lugar, nos devem comover o grande perigo e desgraça em que resultou muitas vezes e ainda resulta o noivado secreto. Quero relatar aqui o que me obrigou a desaconselhar o noivado secreto e a opor-me a ele mesmo antes de ter pensado nesses argumentos. Com freqüência me procuraram (sem contar os que procuraram outras pessoas no vasto mundo) casais dos quais uma parte ou ambos se haviam noivado anteriormente e que tinham grandes conflitos e problemas. Esperava-se que nós confessores e teólogos aconselhássemos essas consciências cativas. Como, porém, poderíamos fazê-lo? Defrontávamo-nos com o direito e costume do oficial da justiça[14] que sentenciava que o primeiro noivado secreto deveria ser considerado o verdadeiro matrimônio perante Deus, e o segundo, um adultério público. Iam então e desfaziam o segundo matrimônio, ordenando que fosse cumprido o noivado secreto precedente; ainda que tivessem dez filhos no matrimônio público e tivessem misturado herança e bens, tinham que separar-se, não importando se o primeiro noivo existisse e apelasse a eles ou estivesse ausente, ou também se tivesse casado alhures e sequer queira [a primeira noiva]. E mais: se esse noivado foi tão secreto que não podia ser comprovado por nenhuma testemunha, e o segundo matrimônio foi confirmado publicamente na igreja, se os obrigava a assumir os dois. Primeiro porque tinham que considerar o noivado secreto como o verdadeiro matrimônio em sua consciência perante Deus; depois se os obrigava, sob a ameaça de excomunhão e acusação de desobediência, a compartilhar mesa e cama com o segundo homem, como o verdadeiro marido, porque este matrimônio estava publicamente comprovado, enquanto ninguém ousava crer naquele outro matrimônio secreto, a não ser eles próprios em sua consciência perante Deus. Que pode fazer uma pobre consciência num caso desses? Que poderia causar-lhe maior confusão do que essas leis e sentenças contraditórias? Caso

14 Cf. acima n. 9.

abandonasse o segundo marido e se juntasse ao primeiro, é condenada como adúltera e excomungada, é excluída dos sacramentos e privada de todos os direitos cristãos. Se ficar com o segundo, também é condenada como adúltera perante Deus. Portanto, não pode ficar aqui e, não obstante, tem que ficar aqui.

Que conselho honesto dão a semelhante consciência? Aconselham que deve cumprir o primeiro noivado e se for condenada a viver com o segundo homem, deve suportar a condenação como algo que não lhe acarreta prejuízo perante Deus. E se não se unir fisicamente ao primeiro homem e for obrigada a deitar-se com o segundo e cumprir seu dever matrimonial, a que ele tem direito, deve suportar também isso e cumprir esse dever com o corpo, mas seu coração deve estar preso ao primeiro noivado. E não deve exigir o cumprimento do dever conjugal do outro homem, pois não teria poder sobre seu corpo, mas o deve pedir e exigir do primeiro homem. A isso se chama consolar e instruir consciências. Eis os frutos dos noivados secretos, coisa que antigamente era corriqueiro.

Meu caro, que mulher singular é essa? Ela é mulher do outro homem, mas este não é seu marido. O primeiro homem não é seu marido, não obstante, ela é sua esposa. Pois tem direito e poder de exigir dele o dever conjugal como esposa, mas não tem o dever de cumpri-lo, pois não precisa juntar-se a ele. Por outra, o segundo homem é seu marido, mas ela não é sua esposa, pois não tem direito nem poder de exigir dele o cumprimento do dever conjugal na qualidade de esposa. Sem falar do perigo de se obrigar uma mulher a deitar-se com o homem para cumprir o dever conjugal, sem, no entanto, nada exigir. Sim, é fácil cortar a pele do outro, é fácil impor aos outros leis que não nos dizem respeito.

De semelhantes leis e mandamentos inconvenientes ainda resultam outros casos incovenientes. E que poderia resultar de bom de tais leis doidas, injustas, antinaturais, antidivinas, quando já é difícil que resulte algo de bom das leis mais bem feitas e boas? Para evitar semelhantes abominações perigosas e inconvenientes, rasguei esses mandamentos e leis e aconselhei abertamente e ainda aconselho que se anulem tais noivados secretos e que sejam considerados sem valor. Assim se fica livre e a salvo deste e de outros incontáveis perigos e desgraças. E se nenhuma autoridade me seguir neste ponto e os votos secretos não forem condenados e anulados publicamente, como seria razoável e justo, isso não me importa. Pois aqui quero ter consolado e informado todos os que estão enredados e confusos por causa do peso de consciência decorrente do noivado secreto, provocado pelo papa, bispos, oficiais da justiça, pregadores, confessores, para que, alegres e seguros, desprezem essas leis papais, considerem o noivado secreto nulo, e convivam segundo o matrimônio público como verdadeiros consortes, sem receio nem temor do adultério, seja exigindo ou cumprindo o dever conjugal. Se alguém puder e quiser aceitar esse conselho, está bem; quem não quiser,

que o deixe. Não quero nem posso forçar alguém a isso por meio de leis.

Espero que os bispos não me repreendam por causa disso, como se eu rompesse ou destruísse seu regime. Não, eu não o destruo e também não o destruí, mas o fortaleço e confirmo. Pois digo exatamente o que ordenam: que nesse caso a mulher permaneça com o segundo marido sob excomunhão e desobediência, sim, digo até mais: sob o desagrado de Deus e por causa da consciência. No entanto, quando acrescentam que perante Deus ela deve ser a mulher do primeiro, aí rompo e destruo secretamente essas leis na consciência, como fiz até agora, rompendo e destruindo ainda outros artigos. Pois isso não é de sua autoridade. Trata-se de abusos e acréscimos loucos que perturbam as consciências sem nenhuma necessidade. Visto que os oficiais da justiça e os bispos não são teólogos, mas executores da lei, não lhes compete interferir na consciência. Isso compete a nós teólogos. Que governem no foro, nós queremos governar as consciências.

Não culpo exclusivamente o papa desta lei inconveniente sobre o noivado secreto. Para tanto também contribuíram amplamente os juristas e oficiais da justiça indoutos que, tendo ouvido uma frase da jurisprudência, já se consideravam doutores dos doutores. Pois corre um provérbio em seus direitos a respeito do favorecimento que diz: *In causis matrimonii semper est iudicandum pro matrimonio*, o que significa: em causas sublimes é preferível agir a favor do que contra[15]. Ora, o matrimônio é um assunto sublime. Por isso se aplicaram em instituir matrimônio onde quer que encontrassem um resquício de motivo. Assim o noivado secreto teve que ser validado e ser razão suficiente para constituir o amado e sublime matrimônio. No entanto, acabamos de ouvir que perigos e inconveniências desagradáveis, hostis e abomináveis resultaram dessa concessão amável descabida. Afável para cá, amável para lá, o direito e a boa consciência são coisas mais afáveis e melhores do que o matrimônio; por isso é preferível que ajam em favor do direito e da consciência do que contra eles, muito mais do que em favor do matrimônio.

Igualmente foi puro artifício que praticaram "com verbos do presente e do futuro", com o que também romperam muitos matrimônios que eram válidos e compromissivos de acordo com o direito deles, mas que nada valeram. Pois geralmente consideraram as palavras "Quero ter-te como esposa", ou "quero tomar-te, quero ter-te", "hás de ser minha" e outras semelhantes como verbos no futuro, e pretextavam que o homem deve dizer: *Accipio te in uxorem*, tomo-te por esposa, e que a mulher deve dizer: Tomo-te por esposo. No entanto não viram nem perceberam que não é assim que

15 Lutero interpretou o provérbio. Sua tradução literal seria: "Em causas referentes ao matrimônio sempre se deve decidir a favor do matrimônio".

se diz em alemão quando se fala no tempo presente. No presente se fala assim: Eu quero ter-te, *ego volo te habere* — isso é tempo presente e não futuro. Por isso nenhum alemão fala de um noivado futuro ao dizer: "Quero ter-te" ou "tomar-te". Pois não se diz: "Eu te terei" como inventam com o *accipiam te*, mas, sim, *accipio te*, o que, na verdade, significa em alemão: "Quero tomar-te" ou "ter-te", e se entende como tempo presente, no sentido de dar seu sim e consentimento agora.

Pois eu próprio não saberia dizer como um empregado ou uma empregada poderiam comprometer-se com verbos no tempo futuro na língua alemã. Pois a forma que se usa para o noivado está no tempo presente, e ademais o povo não sabe nada das sutilezas da gramática, que *accipio* e *accipiam* sejam duas coisas diferentes. Ele diz simplesmente à maneira de nossa linguagem: "Quero ter-te", "quero tomar-te", "hás de ser minha", etc. Isso significa dizer sim naquela hora, sem qualquer adiamento ou dúvida. Verbo no futuro seria para mim caso se acrescentasse uma condição, uma cláusula ou restrição, p. ex.: quero que sejas minha se estiveres disposta a esperar por mim dois ou um ano; ou então: quero que sejas minha se me trouxeres cem ducados de dote; ou ainda: se teus e meus pais concordarem, e coisas semelhantes. Tais palavras não dão o livre consentimento, mas a decisão é adiada e condicionada a algo que não está em seu poder. Com isso também confessa que ainda não o pode fazer agora e que sua vontade ainda não está livre; por isso semelhante noivado não compromete como se fosse feito por meio de verbos no presente.

Se, no entanto, mesmo assim há o compromisso mútuo depois de cumprida a condição, que o decidam os juristas. A meu ver essa questão seria supérflua caso se tivesse proibido os votos secretos, pois no noivado público seriam usadas exclusivamente formulações no tempo presente. E se forem realizados noivados públicos no tempo futuro e sob condições, e as condições forem cumpridas, creio que se deve proceder como em qualquer contrato, onde se deve manter fé, caso não existam motivos grandes, importantes e justos, de modo que não se possa, com Deus e com a razão, manter fé. Quem conhece semelhantes casos? pois são acontecimentos raros. Em resumo: caso fosse eliminado o noivado secreto, eu chamaria de esponsais o noivado público com formulações no tempo presente, embora no mais se denomine esponsais o noivado formulado em termos futuros, porque não se pode afirmar nada seguro a respeito de semelhantes noivados e por se tratar de casos muito raros e incomuns. Pois comumente um noivado público tem que ser realizado em formulações no tempo presente. A meu ver isso seria uma instituição importante e evitaria muitas aberrações. Quem, todavia, quer proceder desse modo, que o faça. Eu apenas aconselho e não estabeleço regras, a não ser na medida em que as consciências necessitam de minha instrução.

A esta altura tenho que responder a seu argumento com o qual confir-

mam os noivados secretos, aterrorizando e enredando desse modo as consciências. Citam a frase de Cristo em Mt 19.6: "O que Deus une, não o separe o homem". Ora, eles afirmam que Deus uniu aqueles que noivam secretamente. Vê só como citam mal o versículo. Pois conforme a opinião deles, o sentido do versículo seria o seguinte: onde dois se juntam Deus uniu. Disso se seguiria que também o adúltero e a adúltera não se deveriam separar, pois também a eles Deus uniu, porque se sabe muito bem que sem Deus não poderiam viver por um momento sequer, muito menos unir-se. Conseqüentemente também deveríamos dizer que um ladrão e seu roubo, um assaltante e o produto do assalto também não deveriam ser separados, pois Deus os uniu. Assim toda a maldade ficaria impune, e por fim Deus levaria a culpa, como o fez Adão no paraíso, dando a culpa a Deus por meio de Eva, dizendo: "A mulher que me deste me deu [da árvore], e eu comi dela" [Gn 3.12]. Como se quisesse dizer: se não me tivesses dado a mulher, eu teria permanecido justo; castiga-te a ti mesmo primeiro, etc.

Por isso importa aqui que façamos um bom discernimento e tenhamos uma boa compreensão do significado da frase: "O que Deus une". Aqui não se diz: "O que se une a si mesmo", mas "o que Deus une". O unir se percebe logo, mas que há de ser Deus o que une, isso não se considera. De modo que pessoas se unem por própria iniciativa, usam o nome de Deus como pretexto e dizem que Deus o fez. Isso é contra o segundo mandamento: abusar do nome de Deus e desonrá-lo. O próprio versículo deixa claro que existem duas maneiras de unir, uma da parte de Deus e outra sem Deus. Da parte de Deus significa que isso acontece segundo sua palavra e mandamento através de nós; sem Deus significa, que isso é feito sem sua palavra e mandamento por nós mesmos. Pois já ensinamos tantas vezes que nada devemos fazer a não ser que tenhamos a segura palavra de Deus. Também Deus nada faz conosco nem nós com ele a não ser por meio deste único recurso, sua palavra, por meio da qual reconhecemos sua vontade e pela qual nos devemos orientar. Quem tem um Deus mas não tem sua palavra, esse não tem Deus, pois o verdadeiro Deus condicionou nossa vida, ser, posição, ofício, discurso, agir, deixar de fazer, sofrer e tudo mais a sua palavra e nos propôs que nada devemos nem podemos procurar ou saber sem sua palavra, nem mesmo a respeito do próprio Deus. Pois sem sua palavra, por meio de nossa especulação e raciocínio, não o poderemos entender, procurar nem achar, como diz Salomão: Quem investiga a Majestade, a este ela esmagará[16]. Por isso não nos compete fazer qualquer coisa ou julgar de acordo com o conselho e vontade secretos de sua Majestade, mas tudo e tão-somente de acordo com o conselho e vontade manifestos de sua palavra.

16 Pv 25.27, conforme a Vulgata: *Qui scrutator est maiestatis opprimitur a gloria.*

Portanto, a conclusão é a seguinte: o que é unido pela palavra de Deus isso foi Deus que o uniu, e nada mais. Os noivos secretos devem comprovar que têm a palavra de Deus e que ele o tenha ordenado e preceituado. Dize-me, como sabes que Deus vos uniu? existe algum sinal pelo qual se pudesse reconhecer que foi Deus que o fez e não tu mesmo, sem Deus? Muito antes, é contrário a Deus e sua palavra, ou seja, contrário à obediência aos pais, que Deus ordenou publicamente; Deus está presente nesse mandamento e proíbe semelhante noivado e não une de forma alguma. O que se une a si mesmo sem o mandamento de Deus é pecado e injustiça contra Deus e sua palavra. Por isso não podem citar esse versículo a seu favor, a não ser para sua própria vergonha e desonra de Deus. Assim lemos em Moisés, Êx 21 [sc. 22.16s.]: Se alguém seduz a filha de alguém e mantém intercurso sexual com ela (o que somente é possível quando se unem e se unem até demais), ainda assim não pode ficar com ela, mesmo que a lei decida a seu favor; o pai da moça deve separá-los e romper tal matrimônio ou então deverá haver, como novo componente, o consentimento do pai. Desse exemplo se depreende claramente que o versículo: "O que Deus une, não o separe o homem" não se opõe a nossa idéia de proibir o noivado secreto, pois a frase "não o separe" se aplica ao caso em que são unidos por Deus.

Neste mesmo contexto[17], Cristo diz aos que se dispõem a conviver matrimonialmente que eles não se devem divorciar. Com este enunciado anula a carta de divórcio, como se pode deduzir claramente do texto. Pois a discussão surgira em torno da prática dos judeus de se divorciarem de suas mulheres quando queriam e tomavam outras, baseando-se em Moisés. Perguntam a Cristo se é justo esse divórcio arbitrário e desnecessário, de se divorciarem da mulher por qualquer razão. Pois eles próprios achavam que divorciar-se com tanta facilidade era por demais leviano e injusto. Cristo diz que esse divórcio leviano é injusto e que Moisés lhes havia feito essa concessão por causa de seu coração duro e embrutecido, para que não viessem a fazer algo pior, matando suas mulheres. Com respeito a isso diz: "O que Deus une não o separe o homem" [Mt 19.6]. Isso significa que não devem divorciar-se tão levianamente de acordo com a lei de Moisés, como estavam acostumados. Assim como Deus os une, devem também ficar juntos até que o próprio Deus os separe. Por isso esse texto na verdade se dirige àqueles que já estão casados. Aqui, porém, estamos tratando do noivado secreto, onde ainda não existe o casamento nem o convívio. A pergunta é se este noivado é tão compromissivo que os obrigue a se casarem no futuro e que, portanto, não há chance de separação ou distrato.

Aqui podes perguntar: Agora sei como e quando Deus une homem e

17 Cf. Mt 5.31s.; 19.3ss.

mulher. Como, porém, saberei quando Deus os separa? Resposta: Em primeiro lugar, pela morte, conforme Paulo estabelece a palavra de Deus em Rm 7.2, dizendo: Depois que o marido faleceu, a mulher está livre. Em segundo lugar, quando um dos parceiros comete adultério, pois o mandamento de Deus julga e penaliza o adultério com a morte. Portanto, uma pessoa adúltera já está divorciada de seu cônjuge pelo próprio Deus e sua palavra. E não se pode dizer que esse divórcio seja realizado por pessoas humanas, pois não acontece sem a palavra de Deus. A respeito disso, porém, falaremos abaixo com mais detalhes. Antes queremos encerrar o assunto relativo ao noivado secreto.

Não quero que pessoas casadas, que se uniram em noivado secreto contra a vontade dos pais, torturem suas consciências, pensando, quem sabe: O meu Deus, que fazer? Não encontrei minha esposa por vontade de Deus, mas contra a vontade de Deus e sua palavra, por iniciativa própria, contra a vontade de meus pais. Infelizmente meu matrimônio não foi legal até aqui, e talvez jamais o será com este parceiro, etc. E chegue à conclusão que deverá divorciar-se, ainda que a contragosto.

A respeito dessa situação digo: De forma nenhuma! Os que se uniram e convivem em matrimônio público devem permanecer unidos, e jamais devem divorciar-se alegando noivado secreto. Pois com tudo o que estamos escrevendo e com os conselhos a respeito do noivado secreto não nos voltamos contra os noivados secretos do passado e há muito concretizados, mas temos em vista os futuros, para prevenir as incontáveis confusões das consciências que até agora resultaram desses noivados secretos. Pois embora também os noivados secretos anteriores não tivessem sido legais, estão mais ou menos desculpados pelo fato de um direito geral, sim, um engano geral ter sido usual e costumeiro. Os pais tiveram que ceder-lhe e conformar-se, de modo que a culpa não é tanto dos filhos como dos tiranos espirituais que, assim, usurparam dos pais o direito e a autoridade paterna e deram liberdade excessiva aos filhos. Visto que seu matrimônio se concretizou e deixou de ser um noivado secreto, saibam que o presente escrito não lhes diz repeito; fiquem tranqüilos, peçam perdão a Deus por terem errado e por não terem procedido corretamente. Pois no presente escrito nossa única preocupação é coibir os noivados secretos no futuro.

Com o que escrevi quero, simultaneamente, ter dado resposta aos empedernidos e mal-intencionados maridos e mulheres que gostariam de separar-se e tentam justificar-se com aquela citação [de Jesus], alegando: Também eu não fui unido a meu consorte por Deus; por isso quero corrigir-me e divorciar-me dele. Não, este pretexto não o encontrarás na palavra de Deus. Não to permitiremos. Meu caro companheiro, tu sabes que existem dois tipos de direito: um ordena, outro castiga. Quero denominá-los direito disciplinar e direito punitivo. Quem não observa o direito disciplinar tem que sujeitar-se

à lei punitiva. O direito disciplinar diz que deves ficar do lado de tua mulher e cumprir teu compromisso matrimonial. O direito punitivo diz que, se procederes de outro modo, não precisas nem ficar do lado de tua mulher nem cumprir o compromisso matrimonial, mas pagar com a cabeça ou fugir do país.

O mesmo acontece aqui: se conquistaste teu consorte por meio de um noivado secreto, em pecado, e agora casaste publicamente, transgrediste o direito disciplinar e estás sujeito à lei punitiva: terás que ficar com o que conquistaste desta maneira, quer te agrade, quer não. Pois privaste a filha de sua honra, cometeste violência contra os pais e os parentes. Esses erros não são expiados com o fato de a rejeitares; pelo contrário, cometerias algo ainda pior, tanto contra a filha quanto contra os pais, e não a poderás devolver como a recebeste. Por isso pensa no seguinte: Se a queres rejeitar, restabelece sua honra total, como ela foi antes de a teres tocado; ou então fica com ela para castigo e penitência, embora mereças castigo ainda maior por causa disso, conforme reza a lei de Moisés.

Meu amigo, roubar um par de sapatos de um sapateiro e devolvê-los depois de os teres rasgado é algo que não funciona. Roubar sapatos é transgressão da lei disciplinar. E onde se pode impedir e prevenir que o sapateiro tenha seus sapatos roubados ou ao menos providenciar que lhe sejam restituídos intactos, deve-se fazê-lo. Caso, porém, acontecer que sejam roubados, não poderás devolver os sapatos depois de estragados, mas terás que ficar com eles e pagá-los; além disso deverás ser penalizado por roubo. Do mesmo modo deve-se impedir e coibir que um noivado secreto resulte em casamento. Caso, porém, isso acontecer e a moça se tornar mulher, não poderás devolvê-la, pois foi corrompida e se tornou indigna perante os demais; hás que ficar com ela e, além disso, penitenciar-te por isso. Uma mulher pública também ganha seu salário com pecado e incastidade; nem por isso precisa devolver esse salário, e ninguém pode exigir isso dela. Um jogador também ganha dinheiro de forma pecaminosa. No entanto, depois de ter ganho o dinheiro, não precisa devolvê-lo àquele do qual o ganhou. Pois foi isso que este queria ao arriscar o jogo e brincar com a sorte.

Agora poderá vir alguém e dizer: Se um desses malandros descobrir que não pode conquistar minha filha por meio do noivado secreto, procurará ocasião para deflorá-la secretamente, pensando: ela será minha de qualquer jeito, pois está prejudicada em sua honra; ou então, ambos poderiam entrar em acordo e confessar que tiveram intercurso sexual, ainda que não fosse verdade. Minha resposta é: Quem poderá impedir todas as malandragens? Pensa em tua filha e cuida dela. Se, porém, não podes sequer preservar sua honra, como poderás evitar um noivado secreto? Aqui deveria intervir a autoridade secular e castigar esses malandros e sedutores de moças. Certamente então desistiriam de seu intento. Visto, porém, que não se castiga como deveria ser, mas ainda se lhe adjudica a moça como recompensa para

sua malandragem, também não precisam consultar-me a respeito. Que cada qual se vire com o que lhe acontece. Que posso eu aconselhar ou de que forma posso ajudar se as autoridades não castigam um malandro que te rouba o dinheiro e os bens ou comete outro mal ou violência contra ti? Nada me resta do que dizer: agüenta o que te ocorreu.

Seja, pois, o seguinte o resumo final desse primeiro artigo: Visto que no noivado secreto ainda não se concretizou o casamento e a moça e seus pais ainda não foram prejudicados de fato, encontrando-se, portanto, totalmente sob a proibição e a autoridade dos pais, ele deve ser evitado totalmente e não deve ser considerado casamento. Quem o quiser aceitar e seguir, que o faça; quem não, proceda como quiser. Se os pregadores e pastores não se ativerem à doutrina mencionada, também não podem convencer os tribunais episcopais e as autoridades a lhes negarem validade nos tribunais públicos. Assim, cada qual vá e proceda como bem entender. Se agora viesse um homem ou uma mulher de consciência pesada, por já se ter comprometido secretamente com um ou dois outros, mas que agora está casado publicamente com um terceiro, deve-se tranqüilizá-los e encorajá-los a ficarem de sã consciência com este terceiro, como se tivessem sido compelidos a isso pelo direito punitivo e pela palavra de Deus (que confirma esse direito).

O segundo artigo.

A partir desse artigo se esclarece suficientemente o segundo, juntamente com os dois seguintes. Caso acontecer que um noivado ou casamento público seja contestado ou posto em dúvida por meio de um noivado secreto, como ocorreu com freqüência até agora, tanto com mentiras quanto com verdades, não se observe nem se dê ouvidos ao noivado secreto e não se permita a contestação nem faça concessões. Prossiga-se invariavelmente com o noivado ou casamento público, como se não houvesse impedimento nenhum, embora os tribunais episcopais tivessem agido de modo totalmente diferente e os costumes tivessem sido bem diferentes até agora. Também de nada adiantará que tenham sido feitos dotes nupciais, promessas solenes na palma da mão ou assumidos compromissos. Se, todavia, as autoridades não se importam com isso e também as partes não o querem aceitar, deixa as coisas correr (como já disse); que misturem, combinem, cozinhem, fermentem, fervam e fritem noivados secretos e públicos a seu bel-prazer. Tu, porém, permanece seguro e livre na consciência de que noivados secretos nada valem perante Deus, e que não correrás risco se depois fores unido publicamente a um outro.

No entanto, que fazer quando o noivado secreto não é um simples noivado, mas também segue o concubinato secreto? Eu disse acima que as autoridades devem castigar os que roubam secretamente a filha de alguém com noivado e depois se deitam com ela. Quando, porém, não se castiga,

que se insista no casamento, substituindo o noivado secreto pelo público. Pois neste caso a moça e seus pais sofrem injustiça e desonra maior, se ela tiver que continuar nesta situação escandalosa, do que aquela que foi enganada apenas por um noivado secreto, mas preservou a coroa, e o concubino não quis comprometer-se publicamente com outra, porque está comprometido com uma situação indefinida, não com um simples noivado secreto, mas também por concubinato. Essa é também a sentença de Moisés, em Deuteronômio [sc. Êx 22.16]: quem se deita com uma virgem, deve casar-se com ela; além disso deve ser castigado.

Isso quando o caso do noivado secreto acompanhado de intercurso sexual se torna público ou fica comprovado. Quando, porém, o caso não é público nem pode ser comprovado, e o parceiro nega e jura que tenha tido relações com ela, o caso deverá ser relegado à consciência dele e tem que se desistir do noivado público. A primeira moça deve receber total liberdade de se casar com alguém outro, embora saiba em sua consciência que seu parceiro jurou falsamente. Pois em sua consciência deve deixá-lo ir como adúltero perante Deus, como alguém que a abandona e se divorcia dela, sim, inclusive como um marido morto, falecido, do qual está livre e desembaraçada sem culpa própria. Deve entregar o caso ao juízo de Deus. Se, porém, ambos querem prestar juramento, deve-se perguntar aos juristas se podem ser admitidos ao juramento, ou qual dos juramentos é mais fidedigno. Pois iria longe demais tratar aqui deste assunto. E também não é necessário. Muito antes, aconselho que, se uma das partes jura, a outra não deve jurar, embora saiba que o outro jura falsamente. Que deixe o caso por isso e o entregue a Deus. E que se sinta livre.

Se depois de estar casado publicamente com a outra, esse concubino começar a sentir remorsos e sua consciência ficar intranqüila por ter enganado tão maldosamente a pobre moça e seus pais, por lhes ter mentido e lhes ter causado tanta vergonha, e por ter, além disso, negado e escandalizado a Deus por meio de um falso juramento e ter-se enfeitado com o nome de Deus em seu erro, como aliás de fato é uma grande maldade — pois é, também isso é um dos frutos do noivado secreto. Os tribunais episcopais obrigam-no a assumir tanto a primeira como a segunda, como já dissemos acima, e lhe proíbem exigir o cumprimento dos deveres conjugais. No entanto, de que adianta esse conselho? Na verdade considero que ele merece essa disciplina do arrependimento, para que sirva de exemplo para que outros aprendam a não pecar contra a consciência. Porque por fim as coisas vêm à luz, e quanto mais demora, pior será.

Eu aconselho que indenize a primeira de alguma forma e que entre num acordo cristão com ela. Que fique com a outra, exija e cumpra os deveres conjugais, como convém a um matrimônio livre e verdadeiro. Pois o matrimônio é um estado público, ordenado por Deus, e não um assunto clandes-

tino ou empreendimento obscuro. E quem o procura na clandestinidade e na obscuridade, ou o assume secretamente, este é um ladrão do matrimônio e o roubou, e não o recebeu honestamente com Deus e em obediência a sua palavra, como compete ao estado matrimonial. Por isso o matrimônio conquistado de modo traiçoeiro, roubado, secreto e desonesto deve dar lugar ao matrimônio público, conquistado com Deus e honra de modo honesto. Pois nossa regra há de ser que os interesses privados devem ceder aos interesses públicos, sendo iguais nos outros particulares, ou seja: o noivado secreto deve dar lugar ao noivado público, e, da mesma forma, o intercurso sexual privado ao intercurso público. Pois tampouco seria correto perante Deus que a outra mulher, casada em conformidade com Deus e em obediência a ele, fosse privada desse matrimônio, e que assim fosse castigada por sua virtude e tivesse que pagar por pecados alheios, e, por outro lado, se promovesse a primeira mulher, casada em desobediência a Deus e sem ele, fosse promovida e sua conduta reprovável recompensada e que se lhe ordenasse abusar da virtude alheia em benefício de sua desobediência. Por isso a segunda mulher deverá possuir o homem sozinha e sem reservas no matrimônio público, e somente esta união deve ser e chamar-se matrimônio entre eles, sem reservas para ambos. Pois nem a autoridade secular nem a autoridade espiritual permite que se prive a segunda mulher de seu direito ao esposo e que se desfaça seu matrimônio sem culpa dela e sem razão. Por isso [o marido] deve permanecer nele.

E ainda que confessasse publicamente o matrimônio e a coabitação secretos, ou fizesse uma denúncia e jurasse (coisa que pode fazer e que seria bom como exemplo para os outros, para que futuramente ninguém fizesse um jogo desses com a consciência), não se deve acreditar nele e ainda castigá-lo, como já foi dito. Pois nada pode provar. E ainda que seu juramento merecesse crédito, isso de nada lhe adiantará. Pois o matrimônio público, realizado em conformidade com Deus e honradamente, deve ser prestigiado e prevalecer contra o matrimônio clandestino, roubado, traiçoeiro, desobediente, para que, no futuro, também as moças e mulheres se cuidem da coabitação secreta e não acreditem tão levianamente nas belas palavras do sedutor. Pois acreditam e confiam em pessoas humanas. Por isso também as coisas lhes acontecem conforme a Escritura: quem confia em seres humanos só pode errar; ou então: colherá desgraça o que confia em seres humanos[18]. Porém, a que está noivada publicamente está firmada em Deus e confia nele, pois tem a seu favor a palavra de Deus e testemunhas que merecem crédito. Mas a que se comprometeu em secreto não tem a seu favor nenhuma palavra de Deus, nem testemunhas, mas apenas as belas palavras e promessas do

18 Cf. Sl 118,8; Jr 17,5; etc.

coabitador, uma pessoa humana e que está sozinha. Por isso é enganada merecidamente.

Sim. No entanto, se os pais ou parentes não querem entregar a moça desonrada em casamento ao rapaz que a desonrou? que, sendo ricos, de casa honrada, não querem entregar sua filha a um homem pobre e devasso, e insistem em que fosse castigado, etc.? Resposta: Caso for possível convencer as autoridades a que castiguem esse delito, dou minha concordância. E, como já disse acima, o veria até com agrado. Se isso não for possível, aconselharia que se lhe dê a moça em casamento e que lhe siga, e que se a não deixe pendente no opróbrio e no perigo. Se, no entanto, acontecer que a impeçam pela força, e não havendo esperança que lhe seja entregue e possa seguir com ele, em minha opinião o coabitador está livre, se puder provar sua reclamação mediante testemunhas, como convém, podendo casar-se com outra (1 Co 7.15). No entanto, que fará a moça? Deverá viver como uma prisioneira dos turcos e suportar essa prisão para castigo de sua desobediência e coabitação secreta. E caso depois de algum tempo for dada em casamento a um outro por seus pais e familiares, deverá tolerá-lo, obedecer e aceitá-lo, como alguém que, entre os turcos, perdeu a liberdade de resistir e negar-se, da mesma maneira como Mical, a mulher de Davi, teve que aceitar que seu pai Saul a desse a outro. Ela lhe seguiu até que o tempo trouxe mudanças[19].

Pode ainda surgir o caso em que pais pobres veriam com bons olhos que sua filha se comprometesse secretamente com um homem rico e depois coabitasse com ele. Se isso acontecer sem fraude ou dolo por parte dos pais, por desejo e amor próprio das pessoas envolvidas, em minha opinião se deveria considerar essa situação um matrimônio, como dito acima, não obstante o homem seja rico. Pois em matéria de direito não existe acepção de pessoas. Se um homem e seus pais vêem com agrado o plano de conseguir, conforme este direito, secretamente a filha de um homem rico, por que não veriam com agrado também que, pelo mesmo direito, fique com uma moça pobre? No entanto, se tudo isso for um plano fraudulento e doloso da parte dos pais da moça, para prender traiçoeiramente o filho do homem rico (casos que aqui não podemos enumerar, pois quem poderia considerar todo o dolo e engano que ainda está por vir?), seria justo que além da zombaria ainda colhessem o prejuízo e, como diz a Escritura, "caíssem na cova que eles mesmos cavaram" [Sl 7.15].

Como, porém, ficaria o seguinte caso: duas pessoas não se importam com esta opinião e vão noivar publicamente na livre consciência de que ambos, ou apenas um deles, estão dispostos a anular seu noivado secreto

19 Cf. 1 Sm 25.44.

feito anteriormente com outra pessoa em outro lugar. Depois, porém, um deles ou ambos, instigados por gente mal intencionada ou estimulados pela tentação do diabo, ou ainda por capricho próprio, procuram motivo para se separar e se dirigem a um lugar onde o noivado secreto têm preferência sobre o noivado público, de modo que não se os pode obrigar a cumprir o noivado público. Que deve fazer neste caso a outra parte? Deverá, acaso, seguir aquela parte, ou esperar e permanecer na situação em que se encontra? ou deve considerar-se desimpedida e livre para unir-se a outro consorte? A resposta é a mesma que antes: Deixa ir ao que não quer ficar. No entanto, conforme a palavra de Cristo em Mt 18.15ss., aquela parte deve ser admoestada e citada perante o juiz em data determinada, com provas, como é de direito. Se não quiser se apresentar, teu juiz ou, caso este não quiser, teu pastor deverá absolver-te, proclamar teu direito de poderes te casar de novo conforme a regra de São Paulo em 1 Co 7.15: "Se um descrente se afastar, deixa-o ir". Um irmão ou uma irmã não está preso neste caso. Quem pode e quer (repito), siga este conselho; quem não quer, deixe-o.

O mesmo julgamento vale para o caso em que uma das partes de um par já casado quisesse separar-se, dizendo a sério ou por pretexto: É verdade, estou comprometida contigo publicamente e unida a ti em casamento. No entanto, agora minha consciência me constrange, porque me havia comprometido anteriormente com outro. Meu confessor mo aconselhou, etc. Se ela estiver falando sério, deixa-a ir, já que não quer ou não pode ficar, embora o papa não lhe permita essa separação, a menos que o faça em secreto ou se mude para um país desconhecido. Se, no entanto, não está falando sério, mas apenas procura um pretexto para desembaraçar-se de ti, tendo seguido até agora nosso conselho, mas quer agora orientar-se pelo conselho do tribunal eclesiástico, sempre por capricho perverso, e assim se separa de ti, dá-lhe a bênção e lhe dize por despedida: Vai, meretriz! vai para o diabo! Pois o mundo está tão cheio de maldade que ninguém o pode compreender, muito menos preveni-la com leis. Colocaram-se num jogo de vaivém. Se não se sente bem no papado, vem a nós e nos engana; se não se sente bem entre nós, nos deixa a vergonha e retorna ao papado. Ali encontra protetores inclusive contra todas as vilanias e vícios cometidos entre nós.

Da mesma forma procederam recentemente algumas amantes de clérigos: quando se cansam de um e gostariam de ter outro, fogem em boa companhia, pretextando que na verdade aquilo não fora um matrimônio, que sua consciência não o tolera, que agora querem viver como jovens honestas. Ora, vai-te, minha bela amada! Com a palavrinha "consciência" sempre podemos enganar o mundo enquanto Cristo está deitado no berço e é nenê. Quando, porém, se tornar adulto e vier em poder, aí então ficaremos sabendo quem enganou quem. Entrementes, porém, queremos ficar tão livres como eles, e cantar: Estou me sentindo que nem tu, minha nobre meretriz. Vai

troteando em frente; ainda encontrarás teu par, etc. Quem quer ou pode, julgue outros casos de acordo com as situações e exemplos citados, pois é impossível relatar a todos.

E se ocorrer um caso tão confuso e inusitado, seja neste ou em outros artigos ou assuntos, que não se pode julgar com base em alguma abonação da Escritura ou livro, então deve-se ouvir a respeito dessa matéria o conselho e julgamento de um ou dois homens honrados e probos e acatar seu juízo e conselho, sem vacilar nem duvidar. Pois, embora nesses assuntos obscuros nem sempre acertem exatamente as exigências máximas da lei, essa pequena falha não faz mal. É melhor finalmente ter paz e sossego, ainda que com desvantagem e direito menor, do que buscar com intranqüilidade e desassossego interminável o direito mais exigente e rigoroso. De qualquer modo, até aí jamais chegaremos. Pois não é necessário que um bom atirador acerte sempre na balisa ou na mosca. Quem acerta bem próximo da mosca ou várias vezes no alvo também é bom atirador. Todos os grandes sábios e também a experiência confirmam que existem e diariamente vão surgindo muito mais litígios e casos do que se pudesse abranger com leis e direito. Por isso também dizem que a lei rigorosa é a maior injustiça, como também diz Salomão: "Não sejas demasiadamente justo, para não quebrares a cabeça" [Ec 7.16], e em outra passagem: "Assoar demasiadamente o nariz provoca sangramento" [Pv 30.33].

Por isso, esses homens piedosos podem errar um pouco em tais casos confusos. Visto, porém, que sua intenção é sincera e cordial e não procuram seu próprio proveito nem julgam conscientemente contra o direito estabelecido, Deus se contentará com seu engano e enterrará tudo no Pai-Nosso, quando oramos: "Perdoa-nos as nossas dívidas". Qualquer autoridade superior igualmente se engana muitas vezes e não pode evitá-lo. Nem por isso tem que abandonar seu cargo ou entregar-se ao desespero. A vida é por demais pecaminosa e cega. Embora façamos o melhor que podemos, não obstante erramos em muitos pontos que devemos encomendar a Deus e dizer com o rei Davi: "Quem se dá conta de todas as suas faltas? Senhor, purifica-me das que me são ocultas" [Sl 19.12]. E Tiago 3.2: "Todos nós erramos freqüentemente, etc.", para que Deus também encontre em nós lugar para perdoar faltas e pecados e para demonstrar sua graça.

No entanto, que nenhum tirano ou malandro interprete isso como permissão de minha parte para julgar e sentenciar a seu bel-prazer ou arbítrio, contra o direito público e a verdade. Estou falando de homens piedosos, e ademais, não do incontestável direito público, mas de casos obscuros e confusos que não podem ser decididos conforme as claras leis públicas e que não são previstos nas leis e nos livros. Quero que se ponha um ponto final a esse assunto e que se tranqüilize a consciência das pessoas, e que não se deixe as pessoas eternamente na incerteza e na dúvida por causa de um

direito controvertido, visto que paz vale mais do que todo o direito. E a paz não existe em função do direito, mas o direito existe em função da paz. Por isso, se um dos dois deve ceder, o direito deve ceder à paz, e não a paz ao direito. Onde for possível estabelecer a paz sem demanda jurídica, deixe-se o direito litigioso de lado. Neste sentido a falta para com a lei não acarreta prejuízo, mas é, antes, uma grande virtude que contribui para a paz.

Seja como for. Caso se tornasse uso e costume considerar nulos todos os noivados secretos, ainda restariam alguns desacertos (pois jamais existiu direito ou doutrina tão boa que não tivesse sido tolhida por abusos e malícias, conforme o adágio: "Estabelecida a lei, estabelecida está a fraude contra a lei"[20]). No entanto, serão evitados inúmeros enganos e confusões que, do contrário, recrudescerão em toda parte, e muitas coisas poderiam ser resolvidas facilmente, de maneira que pastores e juízes e as próprias partes poderiam ter mais sossego e paz, e ainda uma consciência aliviada e um trabalho mais fácil.

O terceiro artigo.

Entre dois noivados públicos, o segundo deve ceder ao primeiro e deve ser castigado.

Quem tem a noiva é o noivo, diz João Batista em Jo 3.29. Visto que o primeiro homem noivado tem a noiva e é o noivo, ela não pode noivar posteriormente com outro nem ele com outra. Por essa razão, em Dt 22.23s., Moisés chama uma virgem comprometida de mulher casada, dizendo: "Se uma moça está comprometida com um homem e alguém se deita com ela na cidade, apedrejarás a ambos até a morte. A moça porque não gritou, e o homem, porque lançou a esposa ou a mulher de seu próximo na desonra". Por aí vês que uma noiva confiada a alguém é denominada de esposa na Escritura. Também em Mt 2. [sc. 1.20] o anjo diz a José, noivo de Maria: "José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher ou esposa". Portanto, não há dúvidas a respeito deste artigo: se duas pessoas noivaram publicamente e este noivado permanece válido, nenhuma das partes pode abandonar a outra por toda a vida.

No entanto, como já ouvimos, nos assuntos matrimoniais existe uma gama tão vasta e confusa de situações que contrariam as leis e os artigos estabelecidos, que corre um importante ditado popular: Quem tem sorte, leva a noiva. Isso quer dizer: levar a noiva não é questão de justiça, mas de sorte; não depende do direito, mas da sorte. E não adianta estrilar. Pois também é verdade que os casos foram tão variados e as leis a respeito do noivado secreto tão estranhas até agora que não poucos viram suas noivas sendo

20 *Inventa lege inventa fraus in legem*, no original.

arrancadas de seus braços e não adiantaram noivado, nem testemunhas, nem proclamas.

Aqui acontece a mesma coisa: no caso de simples noivado sem outros fatores, a conclusão é fácil: nenhum noivado posterior terá validade, porque [o noivado] é um verdadeiro matrimônio perante Deus e o mundo. No entanto, que fazer quando alguém se compromete publicamente com uma pessoa e esconde que já se havia comprometido anteriormente em secreto com outra, que se havia deitado com ela e a engravidado? Este é vilão. Neste caso meu juízo seria o seguinte: caso for público e provado o noivado e a coabitação em secreto, há que se castigar primeiramente o vilão por ter enganado e ludibriado desse modo os pais ou a viúva e seus familiares com um noivado público. Depois, como já dito anteriormente, o noivado público, ainda sem coabitação, deverá ser anulado a favor do noivado secreto, onde já houve coabitação.

Aqui, porém, alguém poderia objetar: Acima disseste que onde existe o noivado público existe também o verdadeiro matrimônio, e a noiva deve ser considerada verdadeira esposa, conforme demonstraste com base em Moisés e Mateus 2 [sc. 1]. Com que direito podes aconselhar agora que o noivado secreto seguido de coabitação continua sendo matrimônio? Com isso estaria desfeito o matrimônio realizado publicamente. Minha resposta: É preciso proceder sabiamente com as leis de Moisés. Pois as condições matrimoniais sob o regime de Moisés eram muito diferentes das nossas, especificamente em dois aspectos: primeiro, porque um homem podia ter duas ou mais esposas. Por isso estabelece: se um homem se tivesse comprometido publicamente com uma moça, tendo assim iniciado um matrimônio verdadeiro, e inclusive a tivesse levado para sua casa; e se desse o caso que anteriormente se tivesse deitado com outra ou que existisse um noivado secreto, ou então se concretizasse o noivado secreto após o casamento — este homem podia ficar matrimonialmente com ambas, com aquela com que coabitara como também com sua noiva ou esposa pública. Isso, porém, não vale nem serve para nós, visto que um homem não pode ter mais do que uma mulher. Por isso sua lei também não pode valer plenamente entre nós sem mais nem menos em todos os aspectos. Pois temos que tomar em consideração a estrutura e o uso de nosso país ao estabelecermos ou recorrermos a direito e lei, porque nossas leis e nosso direito são feitos para a estrutura de nosso país e não para o de Moisés e sua estrutura, da mesma maneira como a lei de Moisés se afina com a estrutura e modo de ser de seu país e não do nosso.

Em segundo lugar: o fato de um moça se ter deitado com um homem não era tão problemático entre o povo de Moisés, especialmente com vistas a um futuro casamento; pois podia casar-se logo e não corria nenhum risco. Além disso, entre eles o fruto do ventre tinha tão alta estima e era considerado tão precioso que, em comparação, a virgindade ou a honra corporal era

de menor importância. Este, porém, não é o nosso caso. A honra da mulher está acima do fruto do ventre, e uma virgem deflorada dificilmente recupera a honra, e corre grande risco de cair no meretrício. Isso temos que considerar e não podemos chamar de lei de Moisés uma lei que adotamos no aspecto que nos serve e no outro a deixamos de lado. Moisés pode fazer as duas coisas: pode declarar que a moça comprometida publicamente é uma esposa que de forma alguma pode ser abandonada, e ao mesmo tempo pode restabelecer a honra da moça que havia tido intercurso sexual com aquele homem e adjudicar-lha em matrimônio. Nós seguimos a Moisés conquanto consideramos a moça comprometida publicamente como mulher casada. Visto, porém, que não podemos adjudicar-lhe a moça com a qual se havia deitado, como o faz Moisés, temos que encontrar uma medida aceitável para nossa gente e não abandonar simplesmente ao perigo a moça roubada em sua honra, que consideramos o tesouro mais precioso.

Por isso gostaria de dar o seguinte conselho: Quando o noivado público ainda está puro, sem coabitação, e houve um comprometimento secreto anterior com coabitação notória e confirmada por juramento, é justo que o noivado público deve ser anulado, visto que ela ainda possui o tesouro de sua honra incólume, podendo, portanto, casar-se sem dificuldade. A outra, porém, que manteve relações sexuais, jogou fora seu maior tesouro, conforme conceito em nosso país, e dificilmente encontrará casamento, o que sob Moisés não teria sido problema. Isso me parece um procedimento justo e correto enquanto as autoridades nada fazem contra os sedutores secretos e estupradores de moças. Se o castigo fosse aplicado, todo este caso estaria resolvido, e muitos outros também. Pois não considero um procedimento correto que se deixe esses casos impunes, pois ambos são grandes escândalos: desfazer o noivado público tão bem como relegar a coabitação secreta à ignomínia. Tanto o sedutor quanto a seduzida bem que mereceriam pelo menos um desterro temporário, para que a ofensa fosse expiada ou então reparada, e fosse estabelecido um exemplo para os outros.

Aqui alguém poderia objetar que se faz injustiça à noiva comprometida publicamente com a separação por causa daquela primeira que conviveu com o noivo e que isso lhe causa prejuízo e possivelmente será uma vergonha para ela. A isso se deve responder: não obstante, ela preserva seu mais precioso tesouro, a honra, e sua inocência também é algo maravilhoso e louvável, porque foi enganada e agora tem que sofrer imerecidamente. Que poderia ela fazer caso seu noivo também já tivesse tido uma esposa antes, ou se tivesse noivado publicamente em outro lugar? Também neste caso deveria separar-se e suportar tudo isso. Ademais, se o embusteiro for castigado, sua inocência será tanto mais apreciada, e tal embuste resulta em benefício para ela.

Aquela outra pobre moça, porém, nada mais tem, e o castigo não lhe

restitui a honra. Uma mulher que perdeu a honra não tem valor, porque não temos o fruto do ventre em tão alta estima como os judeus. Pois essas relações secretas não podem ser tachadas de meretrício, pois acontecem em nome e em vista do casamento, o que não é o caso na fornicação. Por isso existe uma grande diferença entre fornicação e relações secretas depois de contratado o casamento. Na verdade, nenhum cristão nem qualquer homem sincero procederia de outra maneira; caso chegasse ao extremo de cometer o deslize de manter relações sexuais secretas com uma moça depois do noivado, ao refletir sobre o assunto, ele ficaria com ela e anularia todos os noivados públicos contraídos posteriormente.

No entanto, estabeleci este artigo para exortação, para que o observe quem quiser. Pois sei muito bem por experiência que chusma devassa existe no mundo. Malandros dissolutos vagabundeiam pelo país, de cidade em cidade. E onde alguém descobre uma menina que lhe agrada, arde em desejos e trata imediatamente de conquistá-la. Sem hesitar, compromete-se pela segunda vez, querendo, deste modo, esquecer e anular o primeiro noivado realizado em outro lugar com outra moça. E o que é pior, avançam e celebram casamento, e alguns celebram casamento tanto num lugar como em outro, cometendo assim, sob o nome e a aparência do matrimônio, grandes vilanias escandalosas.

Os pastores devem ficar atentos a isso e advertir seu povo deste perigo: que nenhum cidadão ou camponês entregue sua filha a um moço ou a um homem desconhecido. E que tampouco as autoridades permitam esses casamentos. E o seu pastor não deverá fazer as proclamas de nenhum deles, nem celebrar o casamento nem lhes conceder a bênção nupcial. Se forem estranhos e desconhecidos, seja homem ou mulher, que apresentem boas referências por escrito e orais, para que se possa saber com certeza de que gente se trata, se são solteiros ou casados, honestos ou desonestos, a exemplo do que fazem algumas categorias profissionais, que exigem informações sobre seus companheiros de ofício. Também os monges procederam dessa forma, não admitindo ninguém antes de se assegurarem que o candidato era livre e não comprometido com ninguém por noivado, dívida ou penhora. Quanto mais se deveria exigir essas informações de homens e mulheres estranhos que se querem casar! Pois, na verdade, é importante que cada qual escolha bem seu consorte e a quem entrega a filha ou a parente. Também para o conselho e para a comunidade é importante saber quem é o novo cidadão ou a nova cidadã ou membro que estão recebendo na comunidade.

Pois vemos por experiência, como já disse, que os malandros e as malandras perambulam por aí, tomando esposas e maridos somente para satisfazerem suas patifarias. Depois roubam tudo que podem, e desaparecem. Tratam o matrimônio como os tártaros e ciganos que celebram casamento e batismo por onde quer que passam, de modo que uma moça pode muito bem

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

noivar dez vezes e uma criança ser batizada dez vezes. Conheço uma cidadezinha, não muito distante daqui (para não manchar sua honra não cito seu nome), para não falar do país inteiro. Quando ali começamos a pregar o Evangelho, encontramos trinta e dois casais em concubinato, sendo que ou a mulher ou o homem era pessoa fugitiva. Estimo que o número de casas e de moradores não passava muito de trinta e dois. Tal foi a administração e a vigilância dos amados bispos, dos tribunais eclesiásticos e das autoridades que naqueles esconderijos se haviam reunido todos os que haviam sido expulsos de outros lugares ou fugido. Agora, porém, graças a Deus, o Evangelho fez uma limpeza tal nesses escândalos que já não se tolera mais, em parte alguma, adultério, meretrício ou concubinato. Não obstante, chamam ao pobre Evangelho de heresia e afirmam que dele não vem nada de bom.

Neste artigo estão incluídos muitos casos que aqui não podem ser enumerados. Esses ficam relegados ao conselho e juízo de pessoas honestas, como dito acima. Para citar um deles: Que acontece se alguém tivesse filhos com a segunda mulher e tivesse convivido com ela por muito tempo sob o mesmo teto e tivessem tido comunhão de mesa, etc.? Resposta: Tudo isso não resolve o caso. Visto que está comprometido publicamente com a primeira e é seu verdadeiro marido, não pode ficar com a outra e com as crianças. E, como diz o direito canônico: tanto mais grave é o fato de terem convivido em adultério por tanto tempo e suas almas terem estado presas nos laços do diabo, se é que ambos sabiam do compromisso público com a primeira. Porque a parte que ignorava o fato é inocente no adultério e viveu no engano, se bem que foi imprudente por não se ter informado ou certificado antes se seu consorte já teve outro compromisso. Por isso deve aceitar essa separação e vergonha como penitência, e que isso sirva para ela própria e todos os demais como lição e advertência, para que ninguém se comprometa em casamento sem ter informação segura de que o parceiro esteja livre e desembaraçado.

E como fica se a primeira noiva, ao ver que seu noivo a abandonou e se juntou com outra, também foi e tomou outro, com o qual agora tem filhos e bens, etc.? Resposta: Também isso está errado, e também ela deve ser separada do outro marido, pois ela mesma se erigiu em juiz e se declarou a si mesma livre e desvinculada. Abandonou o primeiro marido e não fez valer seus direitos, como é do dever de uma mulher honesta. Assim concordou tacitamente com o adultério do primeiro marido ou com o casamento ilícito, e ainda lhe acrescentou seu próprio matrimônio ilícito. Por isso, nesses casos, se deveria antes consultar a legislação a respeito e interpor um protesto contra o homem quanto ao noivado com a segunda mulher, ou então intimá-lo inclusive depois do casamento. Caso ele fugir ou não puder ser retido legalmente, ela pode solicitar uma sentença de anulação de seu vínculo e, em nome de Deus, casar-se de novo.

No entanto, que fazer se a primeira noiva estivesse tão furiosa que não quisesse aceitar novamente esse homem, embora ele quisesse voltar a ela e abandonar a segunda? Resposta: As autoridades deverão insistir com ela a que o aceite. Se ela se negar, que seja desterrada, e não poderá casar-se enquanto vive o homem (1 Co 7.11). Quanto ao homem, ficará com a outra após absolvida a pena. De agora em diante deverá considerar a coabitação com ela como coabitação antes do noivado público, visto que continua de pé a oferta à primeira mulher de restabelecer o primeiro noivado público, oferta esta que ela, todavia, não quer aceitar. Assim ela anula aquele compromisso em relação a si mesma, privando-se do amparo da lei. Se as autoridades a obrigam, e ela prefere fugir e abandonar o país, deixemo-la ir, e, como já disse, deixemos o homem na companhia da segunda. O que disse a respeito da mulher em relação ao homem referente a este caso, digo-o também a respeito do homem em relação à mulher. Argumentamos com 1 Co 7.15: se o incrédulo quer separar-se, separe-se. O irmão ou a irmã não está comprometido neste caso.

A mesma resposta vale para o caso em que surgir uma desavença ou inimizade entre os noivos, a ponto de ninguém poder reconciliá-los, sendo que um abandona o outro, crendo ter motivos justificados, toma outra mulher e vai morar com ela. Resposta: Tudo isso está errado, pois ninguém pode ser juiz em causa própria e divorciar-se a si mesmo. Antes deveria ter promovido um processo contra a noiva e deveria tê-la obrigado por meio das autoridades. Se não quisesse aceitar, deveria tê-la deixado sem poder casar-se para sempre (como dito acima), e conseguir a sentença de anulação de seu vínculo; só então deveria unir-se à outra.

Mas, como fica a situação se ele não sabe onde se encontra sua primeira noiva? Pois, ao mudar-se, ele a havia deixado em outro país. Estaria viva? Estaria entrementes casada com outro? ainda estaria solteira? Resposta: Verifica isso. Pensa, investiga e informa-te nas localidades circunvizinhas onde a deixaste e te separaste dela; enquanto isso, não prossigas no caso com a segunda mulher. E se alguém tivesse investigado um ano inteiro, ou meio ano (de acordo com o que lhe havia sido imposto), com todo o empenho, sem obter nenhuma notícia a respeito de sua primeira noiva? Neste caso seria o melhor (aceito que pessoas mais sábias me corrijam) intimá-la por determinado tempo por meio de avisos públicos e anúncios do púlpito; caso ela não se apresentar, que fique com a segunda, garantindo, porém, à primeira seus direitos legais, caso ainda se apresente.

Situação igual: Que fazer se alguém acreditasse e fosse convencido com indícios e provas convincentes de que sua noiva havia falecido, e depois ela reaparecesse e encontrasse outra mulher em sua companhia? Resposta: Deve ficar com a primeira e separar-se da segunda. E se ela simplesmente não quer retornar a ele e não o quer de nenhum jeito? Recorre então às autoridades,

para que a obriguem a ficar contigo. Se ela não quiser, exige uma declaração de inocência e que confirmem tua união com a segunda. Visto que não falta boa vontade de tua parte, estavas disposto a recebê-la de volta, não pecaste voluntariamente, mas foste enganado por fortes evidências, o que ela deve perdoar-te. Se ela não quer, isso é como se ela agora desistisse de ti e te abandonasse espontaneamente. A partir do exposto cada um pode julgar outros casos que venham a surgir. Sem dúvida, pessoas sábias e piedosas chegarão a um juízo correto.

O quarto artigo.

Se, depois do noivado público, alguém tocar em outra mulher, comprometendo-se com ela, com a intenção de casar-se e de romper o primeiro noivado, isso deve ser considerado adultério.

Também este artigo é claro e as leis papais igualmente negaram validade a essa coabitação quando existe noivado público e até mesmo quando existe noivado secreto. Em todos esses casos decidiu-se no sentido de confirmar o primeiro noivado, seja ele secreto ou público, como compromisso de casamento, negando o caráter de casamento à coabitação posterior com noivado. No entanto, seria necessário que não se fosse tão tolerante com essa coabitação, mas se denunciasse que é um adultério tão grave que, segundo a lei de Moisés, foi punido com a morte. Por isso é dever dos pastores fazer insistentes admoestações e denúncias para mostrar quão grave é este adultério, pois é de se temer que não tem intenções sérias com o casamento o homem que tem tão pouco amor a sua noiva que, inclusive durante e antes do casamento, priva à noiva seu corpo e seu amor. Pois o amor à noiva deveria justamente e de modo natural expulsar da carne todo o amor perverso. Isso é um vício e tal pessoa deve ser um malvado, indigno de viver, muito menos de contrair matrimônio.

Pois acima já ouvimos que uma moça que noivou publicamente deve ser considerada uma mulher casada, e que esse noivado público, quando desimpedido e não onerado por coabitações anteriores com outras moças, estabelece um matrimônio verdadeiro e legal. Por isso também ele é de fato um homem casado. Como, porém, entre nós é ilícito possuir mais do que uma esposa, e que esta seja esposa de um único homem, ele não tem poder sobre seu corpo e não pode tocar a outra mulher sem incorrer em adultério. Por isso também existe uma enorme diferença entre a coabitação antes do noivado público e a coabitação depois do noivado público. Pois antes do noivado público o homem ainda está sem vínculos e livre, de sorte que não comete adultério com a noiva secreta ao deitar-se com ela. Depois do noivado público, porém, deixou de ser livre, e passou a ser noivo e esposo. Visto, porém, que se trata de um matrimônio verdadeiro, o direito canônico não deveria ter permitido, nem deveria permitir hoje, que este noivo e esta noiva

abandonassem um ao outro e entrassem num convento. Pois agora é homem casado e não tem direito de ingressar no estado religioso ou de permanecer virgem sem o consentimento do outro. Da mesma forma como o papa permite e ordena que uma mulher exija que o marido retorne do convento, também deveria ter permitido e ordenado às noivas e aos noivos que não se separassem e entrassem no convento. O matrimônio está estabelecido tanto após o noivado público quanto após o casamento. Naturalmente se pode objetar que um noivado público pode ser rompido por causa de uma coabitação anterior, como já foi dito, e que por isso não se deveria tratar o matrimônio antes do casamento com a mesma rigidez como depois dele. A coisa não é sempre assim. Tão bem como se podem encontrar casos que destroem um matrimônio depois do casamento, também se podem encontrar outros que destroem o matrimônio antes do casamento. Os dois casos se equivalem.

No entanto, este assunto não nos causa problemas cá entre nós, visto que a vida monástica, como vinha sendo praticada até agora, está condenada, de sorte que, se Deus quiser, daqui por diante não atrapalhará mais nenhum casamento. Se, não obstante, alguém quiser viver em castidade depois de seu noivado público e negar-se a conviver com seu consorte, a este não se fará outra concessão do que aquela que Paulo faz em 1 Co 7.11, admoestando que a mulher se reconcilie com o marido ou então permaneça solteira, com o que a deixa com sua má consciência. Esta seria também minha opinião: que permaneça solteira, não por causa da castidade, mas por negar-se a conviver maritalmente com seu esposo e que seja chamada de noiva irreconciliada. Porque a castidade não foi escolhida por seu mérito e sua elevada dignidade, mas com o fito de obter mais sossego e espaço para dedicar-se à palavra de Deus e à oração, e por proporcionar menos preocupação com as crianças e os serviços domésticos, como ressalta S. Paulo. Se não for isso que se procura na castidade, mas um estado de santidade, ou uma forma para desvencilhar-se do cônjuge com o qual se está comprometido — ambas as coisas são reprováveis, e nada mais se procura do que a vontade e o proveito próprios. Resumindo: com o dito não quero desonerar a consciência dela nem lhe dar segurança. Que ela o faça por risco próprio. Pois já que chegou ao ponto de comprometer-se publicamente, é mais seguro ater-se ao que prometeu e deu. Deus não tem proveito nenhum do roubo de sua castidade.

Nesta matéria também acontecem muitos casos singulares. O primeiro a citar é o do santo patriarca Jacó, quando seu sogro Labão lhe conduziu ao leito nupcial sua filha Lia em vez de Raquel (que era sua verdadeira noiva e esposa prometida[21]). Teria Jacó ou Lia pecado neste caso? Resposta: Nem

21 Cf. Gn 29.23.

ele nem ela pecou, porque em seus corações e suas consciências cada um acreditava estar com seu cônjuge. Jacó pensava que estava com sua Raquel; Lia pensava que tinha que receber a Jacó como seu esposo por ordem do pai. Também aconteceu que um homem cometeu adultério com sua própria esposa; ele tinha combinado um encontro secreto com outra mulher e também apareceu, igualmente em secreto, sua própria esposa no mesmo lugar, etc. Ora, segundo o rigor da lei, o santo Jacó não tinha a obrigação de ficar com Lia. No entanto, portou-se como homem honesto; visto que a tinha tocado, não a quis abandonar, ainda mais porque naquele país era costume ter mais do que uma mulher. Se, porém, ocorrese um caso desses hoje — o que considero difícil —, que se levasse à cama de alguém outra mulher, ele deveria ficar com a noiva e deixar esta com quem se deitou: pois foi enganado e não pode ficar com as duas; além disso não se deitou com ela intencionalmente, como procede aquele que, estando já comprometido em secreto, se deita com outra conscientemente. Pois se o tivesse feito conscientemente, seria adultério, como já foi dito.

Outro caso: Se alguém descobre, antes ou depois do casamento, que a moça com quem noivou publicamente não é pura, mas que já teve relações sexuais com outro, pode ele abandoná-la e tomar outra? Segundo a lei de Moisés, tal pessoa era apedrejada e queimada. Está, pois, evidente, que se trata de uma separação total. O papa lhe permite uma separação de cama e mesa, mas não lhe permite tomar outra. Nós, porém, o aconselhamos [a tomar outra], porque a separação de cama e mesa é um divórcio real, a ponto de não sobrar nem sinal de matrimônio (pois separação de cama e mesa que é senão um matrimônio pintado e sonhado?). Portanto, ele pode tomar outra, e não existe mandamento divino que o obrigue a ficar sem matrimônio ou a ficar com a mulher impura. Na verdade, porém, se for um homem bom, que se deixasse convencer, aceitasse uma indenização e ficasse com ela, na esperança de que doravante ela se comporte melhor, isso seria bom e uma solução melhor do que a separação. Se, no entanto, é muito piedoso, que faça como José em Mt 2 [sc. 1.19], que quis abandonar a Maria em secreto, para não provocar-lhe um escândalo, atitude esta elogiada como de homem justo.

Isso vale para o caso em que se possa comprovar que a noiva manchou sua honra. Pois não podemos ir atrás de simples suspeitas ou más intenções, nem ainda atrás de más línguas que caluniam uma moça às ocultas. Isso contraria a Deus e a lei. Por meio de más intenções e línguas maliciosas o diabo insidioso impediu mais de um bom matrimônio, ou então, não podendo impedi-lo, o amargou e destruiu da forma mais lamentável por meio de suspeitas. Contra este mal abominável e insídia diabólica deves proceder da seguinte forma: se alguém te vem contar que tua noiva ou mulher não seria pura, enche a boca assegurando que o viu, que o ouviu, que tem plena certeza, etc., toma-o pela palavra e dize: Confirmas o que disseste e estás

disposto a fazer essa declaração e testemunhá-la publicamente em juízo (se eu a denunciar)? Se ele se negar, pretextando que apenas quis advertir-te em secreto, em forma amiga e sincera, podes crer com toda a certeza que foi o malvado do diabo que to enviou, e que está mentindo como um malandro ou tolo, ainda que seja teu pai, tua mãe, irmão ou irmã. Toma nota disto: agora que as coisas aconteceram, vem e quer advertir e aconselhar-te secretamente. Por que não o fez antes? Também não quer fazer uma declaração pública, para que pudesses separar-te dela. Por isso sua venenosa advertência e conselho têm a seguinte intenção: ele vê que estás preso e quer que continues preso no matrimônio; não tem a mínima intenção de ajudar-te a sair dele por meio de sua declaração pública. Apenas quer envenenar-te o coração secretamente e incitá-lo a um eterno ódio e inquietação contra tua noiva. Vês, portanto, que o homem mente ao afirmar que quer advertir-te e que o faz para teu bem. Tudo isso é, como já disse, artimanha do diabo.

Por isso, dize-lhe que em nome de Deus cale a boca que abriu em nome do diabo, pois do contrário o levarias ao tribunal para que prove sua denúncia ou receba a punição devida como caluniador malvado e virulento. O dito corrente é: Depois de consumado o fato, somente se fale o melhor a respeito. Isso é o que agrada a Deus e é justo, em especial quando não se pode ou não se quer confessar publicamente o contrário. Existe alguma coisa que seja tão boa que não se pudesse denegri-la da pior forma secretamente? Se, no entanto, se fosse dar crédito a essas línguas traiçoeiras, nada mais restaria de bom nem nos céus nem na terra, nem sequer no próprio Deus. Se, porém, lhes quiseres dar crédito, bem, então também colhe a recompensa merecida: jamais terás sossego em teu matrimônio ou noivado. Assim estarás fazendo o que o diabo queria, pois ele é inimigo do estado matrimonial e um espírito imundo da fornicação. Por isso ele trata de impedir o matrimônio, ou então lhe tira o sossego.

Neste ponto os pregadores e pastores devem empenhar-se a fundo, para que seja desarmada esta artimanha secreta do diabo e não se concretize. Devem denunciá-la, resistir-lhe e advertir o povo. E se acontecer que uma jovem seja caluniada dessa forma perante seu noivo, devem envidar o maior esforço para tirar e afastar da cabeça do noivo esse veneno do diabo. Por outro lado, devem, perante ele, condenar do modo mais rigoroso os mensageiros do diabo, que causaram tal confusão, como perversos, malvados, perigosas serpentes peçonhentas, ou, caso, sejam bons amigos, como grandes bobos loucos e gente insensata.

Eu próprio presenciei o caso de quatro ou cinco jovens excelentes, da melhor reputação e muito virtuosas, imaculadas. No entanto, mal haviam sido dadas em casamento, apresentaram-se essas bocas do diabo aos noivos ou aos bons amigos. Um tinha visto e ouvido isto, outro, aquilo. E todos tinham certeza absoluta, ainda que fosse pura mentira e invenção. Em vista

disso cheguei a formular um ditado: Nenhuma moça honesta pode tornar-se esposa sem antes ter-se tornado meretriz. Pois constatei que, embora fossem honestas e puras no respeitante ao corpo, eram meretrizes na boca desses caluniadores.

O valor mais caro e nobre das pobres mulheres é sua honra e a esta o diabo lhes quer arrebatar. Ele se chama *diabolus* ou diabo, isso é, difamador ou caluniador. É isso que ele é e sempre será. Feliz aquele que o sabe e crê. Por isso aprecio o ditado dirigido contra esta ação do diabo: As mulheres têm que ser elogiadas sempre, seja verdade ou seja mentira. Elas precisam disso. Existe ainda aquele outro ditado: Há quem fala mal das mulheres e não sabe o que fez sua própria mãe. Pois sob o termo "mulheres" se compreendem as mães de todos nós, nossas irmãs, esposas, filhas, tias e parentes. Sua honra é a nossa honra, e sua desonra é a nossa desonra. Sobre esse assunto basta por ora.

Coloquemos o caso em que alguém se compromete com uma moça escrava[22], ou um nobre com uma plebéia, ou alguém que se compromete com uma moça leprosa, ou com uma surda ou cega, ou que sofre de qualquer outra doença repugnante e incurável: pode ele tomar outra? Resposta: Se ele o sabia e noivou com ela assim mesmo, há de ficar com ela, conforme o quis. O mesmo vale para o caso em que um ou dois desses defeitos aparecerem depois do noivado: não devem separar-se, mas suportar e carregar em conjunto o que Deus lhes enviou. Se, no entanto, alguém não sabia de nenhum desses defeitos, sendo assim enganado, é arriscado opinar. Pois se um homem descobre posteriormente um defeito que, com certeza, o teria levado a não tomá-la se o tivesse sabido antecipadamente, seria justo que tivesse a liberdade de separar-se dela. Porque nestas condições jamais havia concordado em aceitá-la.

No entanto, quem impedirá as pessoas mal-intencionadas que, quando se arrependem e pensam poderem, quem sabe, encontrar algo melhor, procuram motivo uma na outra [para a separação]? Uma parte irá argumentar: Eu não a teria tomado se tivesse tido conhecimento do defeito. No entanto, isso não passa de mentira, pois no fogo da paixão não reparara no defeito que agora alega. E a outra parte nega por sua vez e sustenta que antes não tivera nenhum defeito e que o tinha contraído depois do noivado ou do casamento – a costumeira forma mentirosa e dolosa com que se tratam esses assuntos no mundo, onde se procura o proveito, a vantagem ou o desejo egoísta próprios. Essa gente, que não tem temor de Deus nem consciência, eu a rejeito e os encaminho à justiça, da justiça ao carrasco, para que ali se des-

22 No original consta *leibeigen*, literalmente: pessoa cujo corpo é propriedade de outra, não podendo dispor de si mesma; situação de semi-escravidão própria da estrutura social daqueles tempos.

vinculem ou se comprometam com juramentos e outros procedimentos jurídicos, da maneira como puderem. Aqui estou escrevendo para as consciências boas e piedosas. Se alguém descobrir em sua noiva um desses graves e incuráveis males que, se fossem de seu conhecimento, o teriam levado a rejeitá-la, este foi enganado e deveria ser considerado livre inclusive para casar com outra. O direito canônico também estabelece que "o erro e a condição dirimem o contrato"[23]. Como, porém, neste mesmo direito o divórcio é tratado, comumente, de tal modo que nenhuma das partes pode casar-se de novo, consideramos este tipo de separação nula, pura ficção, perigosa para as almas e as consciências. Portanto, se alguém quiser recorrer a esse direito, que o faça; por razões de consciência, porém, nós não queremos valer-nos dele. Pois ele não serve absolutamente para tomar decisões fundadas e conclusivas em assuntos matrimoniais.

E se o fato de não se ter informado previamente com cuidado sobre o defeito em questão resulta em prejuízo para este, levando ele mesmo a culpa por sua imprudência, muito menos a outra parte terá qualquer proveito do fato de ter enganado conscientemente seu próximo e de ter permitido que ele, inadvertidamente, em sua fiel confiança, incorresse em erro tão perigoso. Quem quereria acusar um noivo de sua imprudência decorrente de seu amor sincero e de sua paixão louvável? Não se deveria antes elogiar sua cordial confiança por não ter pedido informações? Tanto pior é a infidelidade e maldade da outra parte ao não advertir o parceiro tão sincero, mas por ainda ter contribuído para que tropeçasse e errasse. E mesmo que alguém quisesse investigar todos os defeitos, isso não é costume nem uso entre nós. E ainda que fosse costume, ninguém gostaria de revelar seus defeitos para seu próprio prejuízo, em especial os ocultos como a lepra; antes irá negar, esconder, disfarçá-los e minimizá-los ao máximo.

Outros casos que ainda podem aparecer encomendo (como dito acima) a homens probos e tementes a Deus, para que os julguem da melhor maneira, seja segundo o direito civil, seja pelo direito eclesiástico, quando este for útil. Pois, em quase todos os casos, o direito canônico sentencia como se seu autor não tivesse sido casado e nem cogitado de casar-se. Por isso não se importa muito com as conseqüências [de seus ditames] para a pessoa casada, coisa que não acontece com o direito secular.

O quinto artigo

Noivados forçados devem ser considerados nulos.

Com este artigo todo o mundo concorda, pois Deus criou homem e mulher de tal forma que se unissem com alegria e prazer, espontaneamente

23 No original: *error und condítio dirimunt contractum.*

e do fundo do coração. O amor entre noivos e o desejo de se casarem é uma coisa natural, implantada e colocada no ser humano por Deus. Por essa razão a Escritura Sagrada enaltece tanto o amor nupcial e o cita com tanta freqüência como modelo para a relação de Cristo com sua cristandade. Por isso pais que obrigam seus filhos ao casamento ou a se casarem com alguém que não seja de seu agrado pecam contra Deus e a natureza. Em Gênesis, capítulo 24.58, lemos o seguinte: Quando os parentes deram a Rebeca em casamento, chamaram-na e lhe perguntaram se queria casar-se com Isaque, pois consideravam justo que antes se tivesse que buscar também o consentimento da moça. Não foi sem motivo que o Espírito Santo mandou registrar esse exemplo; assim quis confirmar o direito natural que ele próprio havia criado: que nubentes sejam unidos em matrimônio sem coação e obrigação, espontaneamente, com prazer e alegria.

As desgraças resultantes de casamentos forçados estão evidentes na experiência diária. Inclusive quando iniciado sob a bênção de Deus e em obediência a seu mandamento, com prazer e alegria, de modo agradável, se necessita de muita graça contra o diabo, a carne e o mundo, para que seja bem sucedido; por que então iniciar o casamento contra a lei de Deus e por pura teimosia, pintando, assim, o diabo na parede? Ele já vem por si. Aliás, é algo estranho esperar que alguém queira noivar com uma moça sabendo que ela não o quer, e que pais possam ser tão insensatos a ponto de obrigarem seus filhos [a uma união] de eterna aversão e desgosto. Nem mesmo animais irracionais o fariam. E mesmo que não tivesse sido ordenado por Deus e pela natureza que o casamento fosse livre de coação, o próprio afeto paternal ou maternal aos filhos não deveria admitir outra coisa, a não ser que eles se casem com prazer e alegria. No entanto, o dinheiro e o ventre são deuses poderosos. Por isso os pastores devem insistir neste ponto e fazer com que as pessoas desistam da coação.

Pois é bem possível que até agora nem pais nem filhos tivessem sabido que obrigar alguém ao casamento é pecar contra Deus e a natureza. Por essa razão também isso não pesava na consciência dos pais, nem o consideravam pecado. Pelo contrário, sentiam-se bem em seu papel, como se tivessem agido corretamente e como se estivesse em seu poder proceder desse modo com seus filhos. Não, companheiro, este poder não te será concedido; serás impedido e ele te será tirado por meio da palavra e do mandamento de Deus, para que saibas que não te cabia este poder sobre teu filho. Este poder não é um poder paternal, mas não-paternal, tirânico, criminoso, não muito melhor do que se um assaltante te roubasse teus bens à força ou os retivesse em seu poder. As autoridades não deviam dar essa permissão a nenhum pai, mas repreendê-los e obrigá-los a permanecerem dentro dos limites do poder paterno; em nenhum caso se deveria permitir que fossem além do que compete a um pai. É pecado horrível quando alguém mata deliberadamente

seu próprio filho, ou o cega ou mutila. No entanto, crês que fazes algo melhor quando forças o filho a casar quando não tem interesse nem vontade, a ponto de preferir a morte? Cuida para que não te tornes assassino de teu próprio filho, ao atentares contra a natureza e índole do matrimônio, ordenado por Deus, caindo assim em um pecado mortal muito grave e condenável.

Pois é. O povo rude aprendeu rapidamente do Evangelho que se deve temer o poder paterno e que filhos não devem noivar secretamente. Até este ponto aceitam o Evangelho e, com efeito, tomam-no para abusar dele para que lhes sirva de pretexto para seu agir vergonhoso. Transformam a autoridade paterna em força criminosa. E isso com tanta desenvoltura e sem escrúpulos como se com isso tivessem merecido indulgências. Muito bem. Se queres argumentar com o Evangelho quando ele te concede autoridade sobre o filho e exige obediência filial a ti, também deverás aceitá-lo quando te ordena um trato paterno e quando te proíbe um procedimento arrogante e criminoso neste assunto em que está em perigo a salvação de sua alma. Pois não podes dar-lhe o afeto e o amor ao cônjuge que lhe convêm e que devem estar presentes segundo a ordem de Deus, pois ele quer que marido e mulher se amem mutuamente. Ora, se, por um lado, podes, com base no Evangelho, destacar a desobediência filial, pode-se, por outro lado, destacar, com base no mesmo Evangelho, teu procedimento não-paternal e violento. E se desobediência filial é pecado simples, teu autoritarismo não-paternal e criminoso é pecado em dobro, toma nota disso. Serás comparado a um tirano que mantém seus filhos longe da fé cristã ou os obriga a se afastarem dela. Neste ponto os filhos não são obrigados a obedecer. São livres e devem ser desobedientes, conforme a palavra de Cristo: "Quem ama a seu pai ou sua mãe mais do que a mim, esse não é digno de mim" [Mt 10.37]. Um pastor saberá destacar isso devidamente e dirá como proceder.

Como proceder no caso em que uma filha é coagida a casar-se? Deve-se considerar isso um matrimônio? deve ser mantido? Resposta: Sim, deve ser considerado matrimônio e deverá ser mantido. Pois, embora tivesse sido obrigada, de fato ela consentiu com esta coação, aceitou a situação e lhe seguiu, de modo que seu marido adquiriu direito público sobre ela, direito esse que não se pode mais tirar dele. Se, no entanto, pressente que está sendo coagida, ela deve prevenir-se a tempo, resistir e não aceitar a situação, inclusive pedir a ajuda de alguns bons amigos. Se isso não resolve, deve dirigir-se às autoridades ou expor o caso ao pastor, declarar publicamente que não aceita a imposição, e desse modo protestar abertamente contra a coação. Pois estes quatro recursos: pedir a ajuda de bons amigos, recorrer às autoridades, expor o caso ao pastor, protestar publicamente, devem ter força suficiente para impedir um casamento por obrigação. Inclusive acho que as autoridades poderiam resolver o caso sozinhas, por meio da lei, ou então o pastor, com bom aconselhamento.

Se, porém, a jovem permanece calada por ocasião do casamento público e não faz uso desses recursos, ela deve cumprir o que promete e calar-se também depois, e que não se queixe alegando que fora coagida. Tampouco se deve acreditar nela. Dirás: E quem sabia que se poderia impedir a coação com esses meios? Resposta: Pois então aprenda-o agora quem puder e quiser. Por que não to ensinaram teus pregadores e juízes? e por que não buscaste o conselho de teu cura d'almas neste teu aperto? Na verdade não querem ter nem pregadores nem pastores. Não se os respeita nem se tem necessidade deles, e fazem de conta como se pudessem viver muito bem sem eles e, não obstante, levar todas as coisas a bom termo. Pois bem, que então também colham os respectivos frutos e as recompensas merecidas, e não nos venham com suas queixas e choradeiras. Não é isto que querias? Pois aí tens o que mereces. Por que Deus instituí pais, pastores, autoridades, se não precisas deles?

Ainda poderia ocorrer outro caso: digamos que uma moça, vigiada rigidamente, não pudesse recorrer a esses meios e fosse dada em casamento à revelia, por intermediários, que a entregam em casamento à força; depois ela pode apresentar testemunhas de que jamais dera seu consentimento — que fazer neste caso? A essa eu absolveria, inclusive depois de terem coabitado. Pois o que se faz com ela é como privar uma moça de sua honra. A isso se chama violação e não deve ser considerado casamento. E todos os implicados e cúmplices são réus da violação e roubo de sua honra. Se, porém, for possível convencê-la a aceitar a situação, e ela concorda em ficar com o homem, como deveria fazer na Turquia, tanto melhor. Agora, com seu consentimento, sua união se torna um verdadeiro matrimônio. Assim também procederam as mulheres de seus antepassados raptadas dos sabinos[24], conforme escrevem os autores romanos, e igualmente as moças raptadas em Silo (Juízes 21.20ss.), embora aqui a causa tivesse sido outra. Pois não foram roubadas por capricho mas por extrema necessidade, como relata o texto em questão.

Além disso também se encontram pessoas tão rudes que se negam terminantemente a entregarem suas filhas em casamento, embora a filha quisesse casar-se e exista a possibilidade de um casamento honroso e proveitoso. No entanto, esse tipo de pai estufa a barriga como um camponês grosseiro, abusa do Evangelho para satisfazer sua teimosia, alegando que a filha lhe deve obediência. No entanto, não deixa a filha ir porque pode ocupá-la em casa, em lugar de uma empregada, e assim explora a filha em

24 *Sabinos*: antigo povo itálico, habitantes dos vales altos dos Apeninos médios, a norte de Roma. O historiador e clássico romano Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) conta em seu relato da história de Roma a lenda do "'rapto das sabinas": havendo carência de mulheres, os romanos organizaram uma expedição para raptar as mulheres dos sabinos e tomaram-nas por esposas.

seu interesse. Isso não é obrigar a casar, mas obrigar a não casar. Mesmo assim, essa malvadeza não-paternal não lhes causa nenhum escrúpulo, como se estivessem procedendo corretamente. É possível que fossem esses toscos grosseiros os primeiros que levaram o direito eclesiástico a aprovar o noivado secreto. Pois também eu, antes de tolerar tais grosseiros excessos de prepotência paterna da parte dessa gente rude, preferiria aconselhar a suas filhas que noivassem à revelia da vontade desses pais. Pois Deus concedeu a autoridade paterna aos pais não para uso arbitrário e em prejuízo de seus filhos, mas para promover o bem deles e ajudar-lhes. Quem faz outro uso da autoridade paterna, ou em detrimento dos filhos, esse a perde, e já não deve mais ser considerado pai de seus próprios filhos, mas arruinador.

Se, pois, acontecer que o pai ou o responsável se nega a entregar sua filha em casamento, meu conselho é o seguinte: se bons amigos, o pastor ou então as autoridades reconhecem que o casamento pretendido pela filha é honroso e útil para ela, e que os pais ou tutores apenas buscam seu próprio proveito e agem arbitrariamente, então as autoridades devem assumir o papel de pai, como se fosse órfã, e devem pressionar o pai. Caso se negar, devem prendê-lo e lançar no calabouço, privá-lo assim de toda sua autoridade paterna; ademais, devem puni-lo como inimigo público, não apenas de sua filha e, inclusive, de Deus, mas de toda disciplina e honra, do bem-estar e do progresso da comunidade. Pois, quanto depende dele, ele atrapalha e prejudica a população e a comunidade em seu crescimento, contribuindo para que diminua em vez de aumentar, privando a cidade de um cidadão. Se a autoridade não se dispor a isso, intervenha o pastor, apelando a amigos, na medida do possível, e outorgue à filha, como abandonada e inclusive impedida pelo pai, o livre poder perante Deus de noivar ela mesma de consciência tranqüila, e confirme esse matrimônio. Tudo isso deve ser feito porque a autoridade paterna não é uma livre arbitrariedade criada por Deus, mas tem o dever primordial de estar ao lado dos filhos com aconselhamento, para seu benefício e boa reputação, e de fomentar e buscar com todo o empenho a melhoria e crescimento da comunidade. Os pastores devem destacar a maldade dessa gente rude publicamente, do modo mais enfático, para que criem escrúpulos. E mesmo quando não temem a Deus, ao menos devem passar vergonha perante os semelhantes e obedecer à autoridade.

Também o caso inverso é possível: uma moça se opõe ao pai e quer pôr o Evangelho a serviço de seu capricho, porque sabe, e nisso confia, que não pode ser obrigada a nada e que se lhe deve deixar a vontade. No entanto, ela está presa a uma paixão louca e por isso rechaça um casamento honroso e sincero, de acordo com a opinião de bons amigos e também do pastor e das autoridades. Neste caso de fato se deve conceder ao pai o direito de castigar a filha. Pois, como se trata de um casamento sincero, e visto que, de acordo com a opinião de pessoas piedosas e bem intencionadas, se pode asseverar à

filha que não se pode perceber no pai nenhuma maldade ou prepotência, mas verdadeira fidelidade paternal, é justo que a filha, caso não tiver outro motivo além de sua louca paixão juvenil com que está presa a outro, abandone esse amor e preste obediência filial ao sincero conselho de seu pai. E deve saber que, se não proceder assim, não terá a liberdade de resistir a essa vontade do pai sem cometer pecado, mas que corre perigo de pecar contra o quarto mandamento de Deus. Pois a liberdade cristã não é dada a ninguém para que a use para seu prazer e seus caprichos, para o mal, prejuízo ou desgosto de outros, mas exclusivamente para que, em dificuldades e perigos de consciência, um sirva e ajude com ela ao outro.

No entanto, o mundo está infestado de astúcia e engano, e uma filha pode muito bem desculpar-se e alegar que não está procedendo dessa forma por capricho ou paixão louca, mas porque não pode amar a este ou àquele. Casos assim devem ser encomendados ao são critério e decisão dos pais como proceder com esses filhos. Não obstante, os pregadores devem instruir diligentemente os jovens e manter as consciências em obediência filial, denunciando que, se num caso desses, vêm com mentiras e desculpas falsas, estão pecando em dobro contra a autoridade do pai, tanto com desobediência quanto com sua fraude. Isso não lhes trará nenhum benefício e há que se temer que, como castigo, terão um casamento infeliz ou uma vida breve. Que não brinquem com esse assunto, pois não enganam ao pai, mas, seguramente, a si mesmos. Deus descobrirá suas mentiras e fraudes. Se amar outra coisa e não querer abandoná-la justificasse a desobediência, provavelmente não restaria obediência alguma, nem no céu nem na terra. Abraão também amava seu filho, não obstante, teve que entregá-lo e renunciar a ele[25]. Isso basta por ora com respeito aos cinco artigos.

Segunda parte

A necessidade nos obriga a dizer também algo sobre o divórcio e alguns outros pontos, como grau de parentesco entre as famílias. Acima ouvimos que a morte é a única causa para a separação. E visto que Deus ordenou na lei de Moisés que os adúlteros devem ser apedrejados[26], não há dúvida que também o adultério é divórcio, uma vez que, por causa dele, o adúltero é sentenciado à morte e condenado. Por isso também Cristo, ao proibir o divórcio em Mt 19.9, excetua o adultério, dizendo: "Quem abandona sua mulher, exceto em caso de adultério, e toma outra, este comete adultério". Esta sentença também a confirma José em Mt 2. [sc. 1.19], quando se propôs

25 Cf. Gn 22.2.
26 Cf. Lv 20.10; Dt 22.22ss.; Jo 8.5.

a abandonar Maria, visto que a considerava adúltera. Não obstante, o evangelista o elogia como homem justo. Certamente não poderia ser considerado um homem justo se quisesse abandonar Maria sem ter o poder e o direito para tanto.

De acordo com isso não posso nem quero impedir que, caso uma das partes comete adultério e isso pode ser demonstrado publicamente, a outra parte esteja livre para separar-se e casar com outra, ainda que seria muito melhor, caso possível, que houvesse reconciliação e os dois permanecessem juntos. Se, porém, a parte inocente não quiser, que faça uso de seu direito em nome de Deus. O mais importante, porém, é que esta separação não aconteça por autoridade própria, mas por conselho e sentença do pastor ou da autoridade, a não ser que, a exemplo de José, queira desaparecer em secreto e abandonar o país. Caso queira ficar, deve divorciar-se publicamente.

Para que esses casos de divórcio sejam reduzidos ao máximo, dever-se-ia, em primeiro lugar, proibir a uma das partes de casar-se novamente logo em seguida; deveria esperar pelo menos um ano, ou meio ano. Do contrário, o caso se apresenta um tanto suspeito, como se tivesse gostado do fato de sua mulher ter cometido adultério, aproveitando-se com alegria do ensejo para livrar-se desta e casar-se imediatamente com outra. Assim estaria satisfazendo a seus caprichos sob o manto do direito. Pois essa malandragem revela que ele não abandona de modo tão espontâneo a mulher adúltera e procura outra com tanta ansiedade por repugnância ao adultério, mas por causa da inveja e ódio que nutre contra sua mulher, e por causa do desejo e cupidez de possuir outra.

Em segundo lugar, os pastores devem estar empenhados para conseguirem que (se as autoridades não a castigam) a parte culpada se humilhe perante a parte inocente e peça misericórdia. Uma vez conseguido isso, deve-se mostrar com firmeza à parte inocente, com passagens da Escritura, que Deus ordena perdoar; desse modo deve-se pressionar a consciência e mostrar quão grande seria o pecado caso não perdoasse a sua cônjuge (que não é castigada nem desterrada pela autoridade) e não a reaceitasse na esperança de melhora. Pois todos nós erramos com facilidade, e quem está livre de pecado? Que esperaríamos do próximo caso tivéssemos caído em pecado? Da mesma forma devemos nós proceder com outros; e assim devemos prosseguir, insistindo energicamente no amor e dever cristãos, pelos quais temos a obrigação de perdoar ao outro caso se corrija. Desse modo devemos colaborar para que esse direito do divórcio seja refreado na medida do possível. Se isso não surte efeito, bem, então que impere o direito.

Além desse, ainda existe o caso em que um cônjuge abandona o outro, etc. Pode, neste caso, a parte abandonada casar-se com outra? Minha resposta é a seguinte: Pode ser que alguém deixe sua consorte com o conhecimento e a concordância dela, como é o caso de comerciantes ou em caso de guerra,

ou em qualquer outra situação em que ambos consentem. Neste caso a outra parte deve esperar e não casar-se de novo até que haja a certeza e obtenha provas fidedignas de que seu esposo está morto, como também o estabelece o papa em suas decretais, sendo quase mais indulgente do que eu. Pois se a esposa consente nesta viagem do marido e se expõe a esse risco, deve também assumir as conseqüências, sobretudo quando se trata de interesses econômicos, como no caso de comerciantes. Se por interesses econômicos ela concorda que o marido se exponha aos perigos da viagem, também deve enfrentar esses perigos quando aparecem. Por que não prende o marido em casa, arcando com ganhos menores e conformando-se com a pobreza?

Caso, porém, o marido for uma canalha tal, como tenho visto muitos em nossos dias, que se casa, convive algum tempo com ela, gasta o que tem e vive regalando-se; depois, sem que ela o saiba e sem seu consentimento, abandona-a em secreto e traiçoeiramente, deixa-a grávida ou com vários filhos, não lhe manda dinheiro, não lhe escreve, nada lhe oferece, dedica-se a suas patifarias; depois de um, dois, três, quatro, cinco, seis anos volta na confiança de que ela tem que aceitá-lo de novo assim que retornar, e que as portas da cidade e da casa lhe estão abertas — aqui estaria na hora e seria necessário que as autoridades emitissem leis rigorosas e insistissem em seu estrito cumprimento. E se um patife desses se arriscasse a uma malandrice ou fraude dessa espécie, que fosse expulso do país; e caso fosse preso, que recebesse a recompensa digna de um vilão. Pois um velhaco desses faz descaso tanto do matrimônio quanto das leis da cidade; não considera sua mulher como sua esposa, nem tem respeito pelas crianças. Pois, contra seu saber e vontade, lhes nega o cumprimento de seu dever, o alimento, os serviços, sustento, etc.; atenta contra a natureza do matrimônio, que é uma vida e um estado em que homem e mulher, unidos em matrimônio, devem permanecer, morar e viver juntos até a morte, como também o expressam as leis civis: uma forma de vida indivisa, etc.[27], e que sem o consentimento de ambos ou necessidade inevitável não devem estar ou viver separados.

Além do mais, como renegado e desobediente, subtrai à autoridade e vizinhança seu corpo e serviço que prometeu sob juramento; ao retornar faz uso da cidade, da mulher, de casa e bens como um ladrão e assaltante; ninguém pode exigir seus préstimos. A nenhum outro patife teria maior prazer de ver enforcado ou decapitado como o dessa laia. E se tivesse a tarefa e tempo suficiente de descrever e caracterizar um malvado desses, deixaria bem claro que nenhum adúltero pode ser comparado a ele. Por isso tenho aconselhado e continuo aconselhando (se é que alguém quer seguir meu conselho): caso encontrar-se em algum povoado ou cidade um desses malandros, que esteve ausente por um ano ou meio ano nas condições des-

27 *In individuam consuetudinem vitae*, no original.

critas, o pastor ou as autoridades devem aconselhar e auxiliar a mulher na busca do patife onde puder e onde acredita poder encontrá-lo e citá-lo para determinada data. Caso não se apresentar, fixem-se avisos nas igrejas ou prefeituras, para que seja citado também publicamente, sob a ameaça de ser expulso do país e de sua mulher ser declarada livre. Se ainda não se apresentar, que não venha jamais. Pois é inacreditável como se difundiu esta malandragem, e na total impunidade, quando, na verdade, não deve ser tolerada por nenhuma autoridade, nem secular, nem eclesiástica.

Todas as mazelas dessa espécie surgem do fato de jamais se ter pregado nem ouvido o que é o matrimônio. Ninguém o considerou uma obra ou estado ordenado por Deus e subordinado por ele à autoridade secular. Por isso cada qual procedeu com ele como um senhor livre dispõe de seus bens, inteiramente a seu bel-prazer, sem qualquer escrúpulo. Não, amigo, não é assim! Se estás ligado a uma mulher, deixas de ser dono de ti mesmo. Deus te obriga e te ordena a permaneceres ao lado de tua mulher e dos filhos, a sustentá-los e dar-lhes educação e, depois, a te sujeitares à autoridade, a socorrer teus vizinhos com teus conselhos. Queres agora abandonar todas essas boas e nobres obras e, em troca, queres aproveitar-te manhosamente de todos os benefícios e utilidades que o matrimônio e o estado oferecem em si. Bonito, meu caro! Mestre João[28] haveria que mostrar-te na forca como são as coisas. Não se pode admitir que alguém cause somente sofrimento e prejuízo a todas as pessoas e, em troca, cobre de todo mundo nada mais que proveito e benefícios.

Caso muito diferente é se, cá ou lá, alguém deixa o outro num acesso de raiva ou irritação. Aí também não se trata de um traiçoeiro abandono secreto. S. Paulo nos diz, em 1 Co 7.11[29]: reconciliar-se ou, caso isso não for possível, ficar sem matrimônio. Pois a situação pode ser tal que é melhor viverem separados do que permanecerem juntos. Do contrário, Paulo não teria admitido que permanecessem sem casamento, caso não quiserem reconciliar-se. No entanto, quem poderia enumerar todos os casos e legislar a seu respeito? Aqui deve-se apelar ao juízo de pessoas sensatas.

E como fica quando o marido ou a mulher for açoitada e expulsa do país? Deve a outra parte acompanhá-la ou ficar e casar de novo? Resposta: Eles devem carregar essa desgraça em conjunto e, por isso, não separar-se. Pois, da mesma forma como se tornaram um corpo, também têm que permanecer um corpo, venha honra ou desonra, bem-estar ou pobreza. Pois

28 *Meister Hans*, no original, é como Lutero designa com freqüência o carrasco.

29 Cf. neste volume o texto: *O Sétimo Capítulo de S. Paulo aos Coríntios*, especialmente seus comentários a 1 Co 7.11.

lemos em Mt 18.25 que no caso do servo que devia dez mil talentos a seu senhor, não deveria ser vendido somente ele, mas também a mulher e os filhos, etc. Assim uma mulher deveria aceitar tanto o proveito como o prejuízo decorrente do casamento. Há ainda muitos outros casos: de suspeita de envenenamento ou assassinato, ou casos em que a mulher é obrigada por seu marido a roubar ou a prostituir-se. Nesses casos, porém, as autoridades e pessoas ajuizadas saberão como agir, pois não se pode obrigar a ninguém a pecar. Por outro lado, um cônjuge tem que assumir o risco de ser envenenado ou assassinado, especialmente quando isso acontece em secreto. Tentativas manifestas podem ser reprimidas e evitadas pelas autoridades ou amigos.

Em relação à parentagem[30] e aos graus de parentesco meu conselho seria que se seguisse o que está estabelecido no direito civil. Se, todavia, alguém quiser considerar proibidos também o terceiro e quarto grau de parentesco, não me oponho. Pois, por causa das pessoas devassas, rudes e selvagens, que desprezam o Evangelho, abusam dele para satisfazer seus caprichos, eu queria que se lhes proibisse casar parentes de quinto, sexto e até mesmo de sétimo grau, pois não merecem nenhum consolo nem liberdade. Seja o que for o que acontece com esses, no entanto, deve-se conseguir que os que casaram ou vierem a se casar com parentes de terceiro ou quarto grau não se sintam culpados, especialmente quando no mais se trata de pessoas boas, honestas e sensatas, porque não há proibição neste sentido na lei imperial nem na Escritura. Ademais é sabido que o papa e os próprios clérigos não cumprem a proibição do casamento com parentes de terceiro e quarto grau. A troco de dinheiro concedem licença tanto para o terceiro como para o quarto grau, e provavelmente também para o segundo. Se o vil metal é capaz de fazer isso sem Deus, então também Deus pode fazê-lo sem o vil metal.

No entanto, o direito civil proíbe o casamento em segundo grau, ou seja, que alguém se case com a filha de seu irmão ou de sua irmã. Não obstante, pode ter acontecido, como foi o caso freqüente de alguns grandes reis, com licença do papa, e ainda pode acontecer que um judeu se converta ao cristianismo juntamente com sua esposa que é sua parente de segundo grau, o que a lei de Moisés não lhe proíbe. Moisés e Naor também se casaram com as filhas de seu irmão Harã, Gn 11.29. Por isso se deve deixar intacto esse matrimônio e não separá-lo, como também o admitem e aconselham as leis imperiais para tais casos. Na verdade se trata de um matrimônio contraído em desobediência às leis civis. Visto, porém, que é um matrimônio já consumado e que não contraria a palavra de Deus, e que a mulher já perdeu sua honra e se tornou indigna, usemos de misericórdia, e, para evitar males

30 Mais detalhes sobre os graus de parentesco proibidos no casamento cf. acima no texto: *Da Vida Matrimonial*, 1 parte, item 4.

maiores, essa união deve ser considerada um matrimônio. Digo isso em consideração das consciências, as quais talvez não se satisfaçam com o fato de o papa lhes haver concedido ou vendido a licença. O assunto dos graus de parentesco ou das pessoas proibidas no direito secular, deixo por conta dos juristas e jurisconsultos. Eu me preocupo mais com as consciências do que com as leis.

A esta altura um jurista esperto talvez poderá objetar que, neste ponto, a lei imperial se submeteu ao direito eclesiástico. Por isso não faz sentido querer orientar-se pelo direito civil, visto que agora este se atém submissamente ao direito canônico. Portanto, é a este que devemos nos ater. Resposta: Por desgraça sei perfeitamente que os imperadores se submeteram com seu direito em muitos pontos ao papa e ao direito eclesiástico. No entanto, o infindo horroroso derramamento de sangue que o papa provocou por causa disso nos revela com excessiva clareza com que prazer o fizeram, o quanto foi do agrado de Deus e quais os resultados. Acresce a isso o interminável, eterno ódio, inveja, discórdia e inumeráveis outras atrocidades que grassaram até agora entre papas e imperadores, e que parecem nunca mais acabar, para indizível, insuperável prejuízo de toda a cristandade pelo mundo todo. Está escrito: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" [Mt 22.21]. Posto que o direito imperial tomou a si os assuntos matrimoniais, como negócio secular, e os codificou e ordenou, meu amado papa os deveria ter deixado como estavam, e não deveria ter-se intrometido em funções alheias e que não eram de sua alçada. Pois a isso se chama roubar e usurpar pela força.

Se eu fosse um empregado, e meu senhor estivesse empreendendo uma série de coisas perigosas para seu corpo e suas propriedades, para seu próprio prejuízo, seguramente não lhe obedeceria em tudo. Muito antes, tentaria evitar o desastre. Se não quisesse me dar atenção nem obedecer-me, o caso seria com ele. O mesmo acontece aqui: se o imperador quis fazer tantas concessões e submeter-se tão completamente ao papa, a ponto de este poder dispor inclusive sobre meu corpo e meus bens, não devemos obediência ao imperador. Pois assim o regime imperial estaria reduzido a nada em toda parte, quando, na verdade, deveria estar acima de toda autoridade na terra. É o caso também aqui: visto que esse assunto está regulamentado e codificado na lei imperial, deveríamos orientar-nos por ela, como era o caso antigamente, quando também existiram cristãos piedosos como hoje, independentemente do fato de este poderoso assaltante e caçador, o papa, ter, mais tarde, usurpado [muitos direitos] e de o imperador se ter submetido a ele. Isso digo para esclarecer as consciências. Quem, todavia, quer submeter-se ao papa juntamente com o imperador, que o faça. Eu, porém, não posso consentir na usurpação do papa nem na submissão do imperador, para não me tornar cúmplice de todos os frutos que resultaram dessa usurpação e submissão:

todo esse derramamento de sangue, assassinatos, ódio, discórdia, corrupção da cristandade até o dia derradeiro, como dito acima.

A verdade é que jamais surgiu nenhum regime melhor para atormentar este mundo desesperado e mau do que o dos turcos e do papa. Tampouco poderia surgir um regime melhor para eles, a não ser o próprio regime do diabo. Pois o mundo não merece possuir uma única linha de direito bom e proveitoso, nem ter um soberano justo; merece, isso sim, nada mais do que leis más e perniciosas, tão-somente tiranos e sanguinários. São esses os que convêm ao mundo, pois ele não tolera o direito bom e pessoas justas. Por isso, desde que posso instruir e consolar as consciências, não me importa muito que, em seguida, os patifes sejam pisoteados pelo papa, pelos turcos e diabos, quer julguem com justiça, quer injustamente. Pois não prejudicam as boas consciências que estejam bem instruídas e tenham a compreensão correta e, sem dúvida, bem podemos suportar exteriormente, além do mundo, também essas pragas.

Quero terminar por aqui e deixar pelo que disse. Como acima, quero aconselhar meus queridos senhores e irmãos, pastores e curas d'alma que não se envolvam com questões matrimoniais e as evitem sempre que puderem, pois são negócios seculares e do direito secular. Que deixem-nas a cargo das autoridades e dos oficiais, exceto nos casos em que se necessita de seus conselhos para a consciência, como, por exemplo, quando aparecerem questões matrimonias em que os oficiais ou jurisconsultos enredaram ou confundiram as consciências, ou quando se formou um matrimônio em contravenção à lei. Nestes casos devem exercer seu ministério, consolar as consciências e não abandoná-las na dúvida ou no engano.

Pois pode surgir o caso ou o engano, ou dúvida tal que não se pode socorrer a consciência a não ser que se anule a lei ou o direito. Visto, porém, que não se pode anular publicamente essa lei, por vigir no mundo em geral, não obstante, perante Deus e no recôndito da consciência, deve-se dar mais atenção à consciência do que à lei. Se é preciso que uma parte tenha que ceder, que ceda o direito, para que a consciência fique livre e desembaraçada. Pois o direito é assunto secular, que por fim há de desaparecer. A consciência, porém, é algo eterno, que jamais morre. Dever-se-ia, por acaso, matar ou enredar uma coisa eterna, para que pudesse perdurar uma coisa efêmera e ser libertada? Isso seria por demais injusto. Melhor é o inverso: antes que pereça uma coisa eterna, pereça a passageira. É melhor matar um pardal para que o ser humano possa subsistir, que matar uma pessoa, para que o pardal possa sobreviver. O direito existe por causa da consciência, e não a consciência por causa do direito. Quando, pois, não se podem conciliar as duas coisas, socorra-se a consciência e resista-se ao direito.

Digo isso porque ouvi com freqüência confessores se queixando que lhes apareceram assuntos matrimoniais insolúveis; diziam então: temos que recomendar esta questão à imensurável bondade de Deus. Vi também quanto trabalho tiveram os doutores, especialmente Gérson[31] com as *perplexis conscientiis* — as consciências confusas. Tudo porque se misturou o direito eclesiástico com o direito secular, considerando-se as passageiras leis exteriores iguais às eternas leis interiores. É sinal de compreensão errada da lei quando usada para perturbar as consciências. As leis devem intimidar, repreender e proibir, mas não perturbar e enredar. Onde, porém, confundem, com certeza já não são mais corretas, ou então, não foram entendidas corretamente. Portanto, sempre que perceberes que se está produzindo uma confusão na consciência por causa do direito, não tenhas receio de romper as malhas da lei como a mó rasga uma teia de aranha, e faze de conta como se para este caso jamais tivesse surgido qualquer lei. E se exteriormente, perante o mundo, não podes romper através da lei, esquece-a e rasga-a na consciência. É melhor que fiquem enredados na lei corpo e bens do que a consciência e a alma.

Sobretudo deve-se observar a seguinte regra ou modo de proceder *in practeritis*, ou seja, ante o caso consumado: O que está feito, feito está; passou, passou; quem seria capaz de recolher completamente os cacos espalhados? Tenha-se o cuidado para que, doravante, não se repita o que sucedeu, perdoe e esqueça-se o acontecido, para poupar as consciências. Um bom médico procede com sabedoria quando economiza a medicação enquanto a pessoa está sadia. Quando, porém, a pessoa está doente e o médico prefere deixar a pessoa ali atirada somente para economizar remédio, comporta-se como um louco. O mesmo vale aqui: quem quiser restabelecer em sua pureza o direito uma vez lesado a ponto de preferir deixar as consciências presas a ele a fazer uma concessão legal, este é o maior tolo na terra, como o foi o procedimento dos monges sob o papado. Estudar o direito e conhecê-lo não é uma grande arte. Mas usá-lo corretamente e aplicá-lo em sua intenção e objetivo, isso não é exceder-se, isso é arte.

Na verdade deveria ter tratado, neste contexto, também do direito canônico e das decretais do papa. Mas isso é uma mistura tão desordenada de leis e com freqüência contraditórias entre si, por exemplo as compiladas a partir de cartas circulares do papa, escritas em diversas épocas e sobre os mais diferentes assuntos, que tratar delas me pareceu por demais trabalhoso. Além

31 *Gérson* é Jean Charlier (1363-1429), influente teólogo, reformador e político eclesiástico, cognominado "Doctor Christianissimus". Chanceler da Universidade de Sorbona, destacou-se como decidido partidário do conciliarismo no Concílio de Constança (1414-1418), defendendo a primazia do concílio sobre o papa, e como acérrimo inimigo de Hus. No campo da reforma teológica, o escolasticismo lhe valia menos do que a teologia prática, a cura d'almas e a mística dentro da tradição da Igreja. Exigia antes comprovação teológica prática, experiência e efeito na vida religiosa.

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

disso, se originaria daí um grande debate que nem mesmo um grande número de páginas poderia esgotar, como aconteceu e ainda acontece todos os dias aos juristas quando têm que conciliar e compará-las. Sem dúvida, entre elas existem muitos juízos e vereditos bons, outros são medíocres. Aceita-se que Ângelo conseguiu fazer um resumo em sua *Summa*[32]. Que seja. No entanto, não me agradaria ter que seguir ao Ângelo em todos os pontos. Por isso meu conselho: apliquem-se aqui as leis seculares. Na consciência, porém, nosso cânone deve ser o seguinte: os esponsais públicos devem ter preferência sobre os clandestinos e privados; se, porém, nestes houve cópula carnal, devem ter preferência sobre os esponsais futuros; as demais circunstâncias são as mesmas, etc.[33].

32 *Ângelo Carleti de Chivasso* (Clavássio), OFM (m. 1495). Afamado jurista e como tal convocado freqüentemente como juiz e conselheiro em questões jurídicas duvidosas. Foi provincial de sua ordem e por 12 anos vigário-geral dos observantes cismontanos; núncio apostólico da pregação em favor da cruzada contra os turcos. Ao lado de outras obras escreveu a *Summa Angelica casuum conscientiae* (1486), uma obra jurídica que, devido a sua praticidade — organizada em ordem alfabética —, teve 23 edições ainda no séc. XV. Lutero conheceu a obra e a queimou em 1520, por considerá-la "mais do que diabólica".

33 *Quod publica sponsalia preiudicent clandestinis et privatis. Sic ante copulata carne preiudicent sponsalibus futuris Caeteris paribus* etc., no original.

Manual da bênção matrimonial para os pastores pouco letrados.[1] 1529

INTRODUÇÃO

O "Manual da Bênção Matrimonial" foi publicado em 1528 como resultado da visitação às comunidades da Saxônia Eleitora e em consideração à pouca formação dos pastores. Trata-se de auxílio para a prática pastoral. Por isso acentua o valor e a dignidade do matrimônio e manda ler aos noivos o relato de sua instituição, advertências e palavras de consolo.

Em 1529 o "Manual" foi anexado ao Catecismo Maior.

Martin N. Dreher

0

Martinho Lutero

Cada terra tem seu costume, diz o ditado popular. Sendo casamento e matrimônio um assunto secular, não é da alçada de nós clérigos ou servidores eclesiásticos determinarmos ou prescrevermos qualquer coisa a esse respeito, e, sim, devemos deixar a cada cidade e província seu uso e costume em vigor. Uns levam a noiva duas vezes à igreja, na véspera e de manhã, outros apenas uma vez. Uns o anunciam e lêem as proclamas no púlpito duas ou três semanas antes. Todas as coisas desse tipo deixo para as autoridades e os conselhos resolverem como bem entenderem; nada tenho a ver com isso.

Se, no entanto, nos pedem que os abençoemos na frente da igreja ou dentro da igreja, que oremos por eles ou também lhes demos a bênção matrimonial, temos a obrigação de fazê-lo. Por essa razão procurei colocar

1 *Ein Traubüchlein für die einfältigen Pfarrherr* — 1529. WA 30/III,74-80. Tradução: *Walter O. Schlupp*.

as presentes palavras e formas à disposição daqueles que não o souberem fazer de maneira melhor, caso alguém tiver o desejo de usar uma prática comum conosco. Os outros, que sabem fazê-lo melhor, isso é, que nada sabem, mas julgam saber tudo, não precisam deste meu serviço, a não ser para mostrar que estão acima dele e para criticá-lo; eles que evitem a todo custo ter qualquer prática comum com alguém, pois do contrário se deveria pensar que precisam aprender algo dos outros; isso seria um grande vexame.

Já que se faz tanto espalhafato com a consagração dos monges e freiras (apesar de ser ímpio e pura invenção humana todo esse estado e negócio deles, sem qualquer fundamento na Escritura), quanto mais devemos honrar este estado divino e abençoá-lo, orar por ele e enfeitá-lo de forma ainda mais grandiosa. Pois, mesmo sendo um estado secular, nem por isso deixa de ter a seu favor a palavra de Deus, nem foi inventado ou instituído por pessoas humanas como o estado dos monges e freiras; por isso é justo que seja considerado cem vezes mais espiritual do que o estado dos monges, que, na verdade, deve ser considerado o mais mundano e carnal, inventado e instituído por carne e sangue e somente por esperteza e razão humana.

Isso também para que a gente jovem aprenda a levar a sério esse estado e a tê-lo em alta consideração como obra e mandamento divinos, e não fiquem fazendo suas loucuras, rindo e praticando outras leviandades, como é costume até agora, como se entrar no estado matrimonial ou casar-se fosse um chiste ou brincadeira de criança.

Aqueles que instituíram pela primeira vez a praxe de se conduzir noivo e noiva para a igreja, na verdade não consideraram isso uma brincadeira, mas algo muito sério; pois não há dúvida que com isso queriam buscar a bênção de Deus e a intercessão da comunidade, e não fazer comédia ou farsa pagã.

Isso também o comprova o próprio assunto. Pois quem procura oração e bênção junto ao pastor e bispo está indicando (ainda que não o expresse oralmente) os riscos e dificuldades que o esperam, e de quão elevada bênção divina e intercessão da comunidade precisa para o estado que agora se inicia; pois diariamente se percebe que desgraça o diabo provoca no estado matrimonial através de adultério, infidelidade, discórdia e toda sorte de miséria.

Portanto, procedamos da seguinte forma com o noivo e a noiva (caso o desejarem e pedirem):

Em primeiro lugar, ler as proclamas de casamento no púlpito, com as seguintes palavras:

Em conformidade com a ordem divina, João N. e Margarete N. querem assumir o sagrado estado do matrimônio, e desejam uma oração cristã da comunidade por eles, para que o iniciem em nome de Deus e sejam bem sucedidos.

E se alguém tiver alguma coisa a objetar, que o faça em tempo ou se cale depois. Deus lhes dê a bênção. Amém.

Fazer o casamento na frente da igreja com as seguintes palavras:

João, queres receber a Margarete por cônjuge matrimonial? Ela diga: Sim.
Margarete, queres receber a João como cônjuge matrimonial? Ele diga: Sim.

Neste ponto deixa-os trocar as alianças, une suas mãos direitas e dize:

O que Deus une, não o separe o homem.

Em seguida dize perante toda a assembléia:

Como João N. e Margarete N. se desejam mutuamente para o matrimônio e aqui o professam publicamente perante Deus e o mundo, e tendo eles se dado mutuamente as mãos e as alianças, eu os declaro unidos em matrimônio, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Na frente do altar lê sobre noivo e noiva a palavra de Deus conforme Gênesis, capítulo 2:

E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; quero fazer-lhe uma auxiliadora que lhe faça companhia. Então o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem e ele adormeceu. Tomou uma de suas costelas e fechou o lugar com carne. E da costela que havia tomado do homem o SENHOR Deus construiu uma mulher e lha trouxe. Então disse o homem: Esta é finalmente osso de meus ossos e carne de minha carne. Chamar-se-á varoa porque foi tomada do varão. Por isso um homem deixará a seu pai e a sua mãe e se apegará a sua mulher, e os dois serão uma só carne. [Gn 2.18,21-24.]

Em seguida volta-te para os dois e te dirige a eles da seguinte forma:

Visto que ambos abraçastes o estado matrimonial em nome de Deus, ouvi *em primeiro lugar* o madamento de Deus a respeito desse estado. Assim diz São Paulo: Maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja, e entregou a si mesmo por ela, para que a santificasse, e a purificou por meio do banho de água na palavra, para apresentar a si mesmo uma Igreja gloriosa, que não tivesse mácula nem ruga ou coisa dessa espécie, mas para que seja santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar as mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa ama a si mesmo. Pois jamais alguém odiou sua própria carne, antes a sustenta e dela cuida, como também o SENHOR a Igreja. [Ef 5.25-29.]

As mulheres sejam submissas a seus maridos como ao SENHOR, porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da

Igreja, e ele é salvador de seu corpo. Assim, pois, como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres [estão sujeitas] aos maridos em todas as coisas. [Ef 5.22-24.]

Em segundo lugar, ouvi também a respeito da cruz que Deus colocou sobre este estado. Deus disse à mulher: Eu te imporei muitas aflições quando engravidares; irás dar à luz teus filhos com aflição, haverás de ser submissa a teu marido e ele será teu senhor.

E ao homem disse Deus: Visto que obedeceste à voz de tua mulher, e comeste da árvore a respeito da qual eu te ordenei dizendo: "Dela não comerás", maldita seja a terra por tua causa; em aflições tirarás dela teu sustento todos os dias de tua vida. Produzirá espinhos e cardos, e comerás a erva do campo. No suor de teu rosto comerás teu pão até que tornes à terra da qual foste tomado. Pois és terra e tornarás a ser terra. [Gn 3.16-19.]

Em terceiro lugar: Este é vosso consolo que saibais e creiais que vosso estado agrada a Deus e é abençoado. Pois está escrito: Deus criou o homem à sua própria imagem, sim, criou-o à imagem de Deus. Criou-os homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a. Dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves debaixo do céu, e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra. E Deus viu tudo que havia feito, e eis que tudo era muito bom. Por isso também diz Salomão: Quem ganha uma esposa ganha uma coisa boa e receberá a benevolência do SENHOR [Pv 18.22].

Ergue agora as mãos sobre eles e ora assim:

Senhor Deus, que criaste homem e mulher e os destinaste ao estado matrimonial, e que, além disso, os abençoaste com frutos do ventre e que com isso caracterizaste o sacramento[2] de teu querido Filho Jesus Cristo e da Igreja, sua noiva, rogamos, por tua infinita bondade, não queiras permitir que esta tua instituição, ordem e bênção sejam tiradas nem corrompidas, mas que as guardes misericordiosamente em nós, por Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

2 A Vulgata traduz o termo grego *mysterion* por *sacramentum* em Ef 5.32. Embora Lutero já se tivesse afastado do conceito sacramental do matrimônio desde 1520, continua usando o termo, pois lhe é familiar, dando-lhe, porém, o sentido de *mysterion* — o matrimônio como "imagem misteriosa" da relação de Cristo com a Igreja.

Os bordéis públicos não devem ser tolerados[1]

Martinho Lutero

1539

INTRODUÇÃO

Já em 1520 Lutero se volta contra a existência de bordéis em seus escritos "Das Boas Obras" e "À Nobreza Cristã de Nação Alemã"[2]. Dois anos mais tarde, em 1522, os bordéis estão eliminados em Wittenberg. No entanto, em escritos posteriores, vai ter que voltar ao assunto, pois voltam a existir casas de prostituição ou estudantes da Universidade estão envolvidos em prostituição[3].

Lutero estava convicto de que o melhor remédio contra a prostituição e a falta de castidade era o matrimônio[4]. Além disso manifestava-se favorável ao matrimônio bastante prematuro e totalmente contrário às muitas experiências sexuais antes do matrimônio. Em diversas oportunidades manifestou-se veemente contra a prática de estudantes de Wittenberg que costumavam escrever livrinhos difamatórios contra moças mal-afamadas. Em sua opinião não era esse o procedimento correto. As moças deveriam ser admoestadas em particular ou denunciadas à autoridade. Bailes supervisionados por homens e mulheres honrados eram por ele considerados oportunidade para a aproximação da juventude. Em certa oportunidade chegou a pensar em participar de um baile para impedir que os jovens bailassem de maneira muito intempestuosa[5]. Em 1543 advertiu sua comunidade frente a prostitutas vindas de fora de Wittenberg que poderiam estar infectadas com a sífilis. Estudantes que não pudessem viver sem prostitutas deveriam afastar-se de Wittenberg[6].

Não sabemos a quem se destinavam as considerações abaixo e da qual existe apenas uma impressão de 1563, dando como data de publicação o ano de 1539.

Martin N. Dreher

1 *Vom gemeinen Frauenhause nicht zu dulden, Doktor Martinus Lutherus.* — 1539. — WA Br 12,295-298 (nº 4274). Tradução: *Ilson Kayser.*
2 Cf. *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 157, 338.
3 Cf. WA 43,60,21-33; WA Br 9,228s.; 10,395s.
4 Cf. acima "Da Vida Matrimonial".
5 Cf. WA TR 3, (nº 3523); 5, (nº 5265).
6 Cf. WA 49,278-279,8.

Para começar, deve-se distinguir entre um estado ou um povo que de fato quer e deseja considerar-se e ser considerado cristão ou povo de Deus e um que quer ser pagão e ser considerado como tal. Se quiserem ser pagãos e ser considerados como tais, se querem negar a Cristo e a Deus juntamente com o nome cristão e virar-lhe as costas, por mim que admitam e instalem não apenas uma casa de meretrício, mas quantas quiserem, e que vivam e morem nelas conforme seu desejo. Se, no entanto, querem ser cristãos e sujeitar-se ao nome de Deus, como pessoas que lhe pertencem e pretendem alcançar a bem-aventurança, têm o dever, por amor à bem-aventurança de sua alma, de não tolerarem tais casas, muito menos instalá-las ou permitir que sejam instaladas; muito antes, têm o dever de impedir e coibi-las, na medida do possível, pelas seguintes razões:

Primeiro: porquanto eu próprio confesso que este é um estado pecaminoso, contrário aos mandamentos de Deus, é contra a honra do nome de Deus que seu povo tolere, admita e proteja este estado de coisas contrário a Deus e, não obstante, queira ser povo de Deus. Pois com isso servem ao diabo e seu reino contra o reino de Deus, e isso como cristãos, sob Cristo e em nome de Deus. Isso significa blasfemar e envergonhar o nome de Deus contra o Segundo Mandamento, e nenhum deles pode orar o Pai-Nosso de boa consciência: "Santificado seja teu nome", pois ele próprio se faz de mentiroso.

Assim também S. Paulo escreve aos efésios que a fornicação não deve sequer ser mencionada entre os cristãos [Ef 5.3]. E em 1 Coríntios 7.2 diz que, para evitar a fornicação, cada qual tenha sua própria mulher. Em todas as epístolas[7] ele insiste nisso e proíbe a fornicação. Se agora um estado cristão ou uma comunidade querem ser chamados de cristãos e, inobstante, toleram ou protegem conscientemente, em público, este estado de coisas contrário à palavra de Deus — isso é tão blasfemo que seria inclusive vergonhoso acusar disso os pagãos, e, além disso, contrário à razão natural.

Se, porém, dizem: Nós não tomamos conhecimento disso nem o aconselhamos; apenas deixamos as coisas acontecer e o toleramos, eu respondo: Isto é tão mau como se eles próprios o fizessem e ordenassem. Pois S. Paulo diz em Romanos 1.32 que ambos são réus de morte, o que o pratica e o que o admite, pois se aquele que o pode impedir o admite e tolera, ele vale perante Deus tanto como se ele próprio o fizesse.

Disso temos o grande exemplo em 1 Reis 5 [sc. 1 Sm 2.12-17,22-34; 4.11-18]. O castigo de Deus mais severo que o sacerdote Eli sofreu foi pelo fato de não ter repreendido rigorosamente seus filhos, de modo que Deus o acusa de ter honrado mais a seus filhos do que a ele. Quanto mais dirá Cristo neste caso que se está honrando e servindo mais as meretrizes e os fornicadores do que a ele.

7 Além das duas referências acima, cf. tb.: 1 Co 6.18; 10.8; 2 Co 12.21; Gl 5.19; Cl 3.5; 1 Ts 4.3.

É de público que os senhores devem estar admitindo e protegendo o meretrício, administrando-o com liberalidade. Porque sem tal licença, consentimento, proteção e liberalidade tais casas não poderiam ser instaladas nem subsistir. Por isso eles próprios são culpados de todos os pecados e vícios que aí se cometem. Assim também é evidente que o poderiam impedir e coibir. Se não o fazem, uma vez mais são culpados de todos os pecados. Imagina que alguém que lhes tivesse jurado fidelidade soubesse que alguém quer violentar suas mulheres e filhas, matá-las, incendiar a casa e as benfeitorias; ele poderia impedi-lo, mas não o faz; pelo contrário, fica apenas olhando as coisas acontecerem, ainda o protege, lhe dá hospedagem e permite que faça em sua casa o que quiser. Embora não tivesse sido ele mesmo que praticou tais crimes, pergunta a eles próprios se o inocentariam. Quanto mais aqui, visto que juraram fidelidade a Deus. Apesar disso toleram esses seus inimigos em seu território, ficam apenas observando as coisas acontecerem, protegem-nos e permitem que façam contra Deus seu Senhor o que quiserem; não o impedem, apesar de o poderem se quisessem. Se manter casas de meretrício é coisa tão excelente, por que não admitir que tolerem também casas de assassinos e ladrões?

Eles, porém, argumentam: É melhor tolerar o mal menor para evitar algum mal maior. Estamos defendendo uma boa causa.

Isso o contesta S. Paulo em Rm 3.8, dizendo que não se deve praticar o mal visando o bem, do contrário Deus dirá, conforme o Sl 50.18: "Associaste-te aos ladrões", etc. Não podes combater o mal praticado por meio de pecados, mas com justiça, e não pecando também para impedir o pecado de alguém outro. Pois assim, uma vez mais, terás o pecado do próximo em mais alta conta do que a honra de Deus. É isso que diz em Êx 23.2: "Não seguirás a multidão para fazeres mal".

A cristandade o tolerou até agora, argumentam eles.

A isso dizemos não. É bem verdade que Agostinho[8] escreve que os bordéis são tolerados para não manchar tudo de pecados. No entanto, ele fala do regime gentio sob o qual os cristãos viviam naquele tempo. Os cristãos, porém, não os toleram; em todos os escritos dos pais, de Cipriano, Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho, se pode verificar que os pecados públicos foram combatidos. Por isso surgiram tantos cânones penitenciais[9]. Também o gentio Plínio escreve ao imperador Trajano[10] que os cristãos combatem rigorosa-

8 *De Ordine* 2,4,12 (Migne, *Patrologia lat.*, Tom. 32, cl. 1000).

9 Trata-se dos 47 cânones penitenciais que representam um excerto do *Decretum Gratiani* e das decretais de Gregório IX, que encontraram ampla divulgação na versão do minorita Asteriano (m. 1330) em sua *Summa de Casibus*.

10 Plínio, *Epist.* 10,96,7.

mente a fornicação e o roubo juntamente com outros pecados e não os toleram. Pois Cristo instituiu as chaves e o banimento em Mt 18.16-18 para que os cristãos castigassem esse pecado e para que considerassem pagão quem não quer emendar-se e o deixassem ir. É injusto acusar a cristandade de tolerar o meretrício. Falsos cristãos, que abandonam a palavra e ordem de seu Deus, e que são fornicadores eles mesmos, esses, sim, o toleram, como aconteceu no estado clerical até agora.

No entanto, mais anticristão e diabólico ainda é o fato de sequer se excetuarem as universidades. Pois ali se pratica o mal contra Deus e se fomenta o reino do diabo. Aqui se combate o bem e destrói o reino de Deus. Isso é obra do próprio diabo, pois a juventude nos é confiada para que a eduquemos na palavra e no temor de Deus. Os que poderiam contribuir para tanto e não o fazem dificilmente podem justificar-se. Que justificativa terão os outros que impedem e atrapalham os que gostariam de fazê-lo?

Casas de tolerância teriam a função de prevenir outros males. Creio que é fácil comprovar o contrário. Onde estão os que abandonaram outros vícios por causa do meretrício? Em minha opinião, os bordéis serviram apenas de motivo e estímulo para toda sorte de pecados, vícios e vida devassa. Muitas dessas coisas poderiam ter sido evitadas se os bordéis públicos livres, essas escolas da lascívia e do vício, não tivessem existido. Não saberia como um homem poderia preservar a honra de sua mulher e dos filhos se mantivesse em sua casa uma meretriz para os fornicadores. Da mesma forma se preserva a disciplina e a honra numa comunidade quando se abre uma casa pública do vício e quando se expõe aos olhos dos cidadãos exemplos de toda sorte de vícios, e quando se a patenteia livremente a eles e concede livre acesso a todo mundo, para que aprendam e pratiquem esse vício. Fui! É escandaloso demais inclusive quando o praticam os piores gentios, que dirá os cristãos.

Martinho Lutero D.

A Bigamia de Filipe de Hesse

INTRODUÇÃO

As duas cartas a seguir evidenciam que o conselho confessional dado a Filipe de Hesse foi um dos mais sérios erros do reformador. É importante, porém, que se veja que Lutero não falhou enquanto cura d'almas, a quem competia refletir com seu aconselhado. Também em outras situações soube dar conselhos não convencionais. Seu erro está na avaliação errônea da situação e de seu cliente. Soube reconhecer o erro e pôde atacar as situações criadas, pois pretendia-se fazer do conselho, nada convencional, uma convenção. Nesse sentido pôde contribuir para evitar que o erro tivesse conseqüências éticas maiores. A bigamia de Filipe de Hesse teve, contudo, conseqüências políticas fatais, pois um dos principais príncipes luteranos infringira lei imperial, enfraquecendo a Liga de Esmalcalde[1]

Martin N. Dreher

— 0 —

Considerações de Lutero sobre o sigilo de seu conselho confessional[2]

[Eisenach, 18? 21? de julho de 1540]

Assim como aconselhei e pedi desde o começo, continuo aconselhando e pedindo humildemente (e isso pela última vez, pois nada mais posso nem irei fazer, e deixarei as coisas por isso mesmo) que meu clemente senhor, o

1 *Liga de Esmalcalde* — Depois do resultado pouco satisfatório da Assembléia Nacional de Augsburgo (1530), as cortes luteranas se viram obrigadas a revisar seus tratados de aliança. De 26 a 31 de dezembro de 1530 deliberaram em Esmalcalde sobre uma liga de defesa. O resultado dessas deliberações foi a Liga de Esmalcalde e a aprovação dos Artigos de Esmalcalde (cf. o texto em *Livro de Concórdia*, pp. 305-341).

2 *Bedenken Luthers über die Geheimhaltung seines Beichtrates* — WA Br 9.,192 (nº 3516). Tradução: *Ilson Kayser.*

landgrave, volte a tratar esse assunto sigilosamente, pois é impossível defendê-lo publicamente como caso justo, como já disse ontem. E Vossa Clemência Principesca verá com o tempo que com esse conselho tivemos as melhores e mais sinceras intenções para com Vossa Clemência Principesca e que Deus o abençoará.

Se todavia Vossa Clemência Principesca, a conselho de outros ou a vosso próprio, quer publicá-lo e defender essa causa, querendo onerar desse modo toda a Igreja de nossa confissão e suas cortes, pois todas elas serão envolvidas, é justo e necessário que todas também sejam consultadas e se pergunte por sua opinião. Do contrário, simplesmente se negarão a defender essa causa, como assunto estranho, visto que não tiveram conhecimento dele. E o D[outor] M[artinho] e M[estre] F[ilipe Melanchthon][3] nada conseguirão com sua autoridade (ainda que o pudessem e valessem algo).

E antes de me dispor a defendê-lo publicamente, preferiria dizer não ao conselho meu e de Filipe exposto publicamente. Pois não se trata de um conselho público e se torna nulo pela publicação. E se isso não fosse suficiente, preferiria antes confessar, caso fosse chamado de conselho e não antes um pedido (o que na verdade é), que me enganei e que fiz uma brincadeira, e pediria clemência. Pois o escândalo é por demais grande e insuportável.

E meu clemente senhor, o landgrave, deveria considerar que já seria o bastante para Vossa Clemência Principesca poder ter a mulherzinha secretamente com boa consciência, de acordo com nosso conselho confessional, dado como resposta à confissão de Vossa Clemência Principesca.

Considerando que Vossa Clemência Principesca não tem nenhuma necessidade nem motivo para a publicação, e considerando ainda que o caso pode ser mantido em segredo facilmente, pode-se evitar esse grande desgosto e desgraça.

Esta é minha palavra final.

Martinho Lutero D.

Lutero ao Landgrave Filipe[4]
24 de julho de 1540

Ao sereníssimo, ilustre príncipe e senhor, senhor Filipe, landgrave de Hesse, conde de Catzen-Elbogen, Ziegenhein, Dietz e Nidda, meu clemente senhor.

3 Trata-se de *Filipe Melanchthon*, o mais íntimo colaborador de Lutero.
4 *Luther an Landgraf Philipp* 1540, WA Br 9,200-203 (nº 3518). Tradução: *Ilson Kayser.*

Rubrica: Resposta de Lutero à questão da digamia. Selado em Lichtenau, correio de segunda-feira, no dia de São Tiago de 1540.

Graça e paz em Cristo! Sereníssimo, ilustre príncipe, clemente senhor! Recebi a missiva de Vossa Excelência Principesca, escrita, como me parece, com certa animosidade que, quanto me lembro, não mereci. Pois, quanto me recordo, V. E. P. entende que estamos agindo desta forma em causa própria, e não a fiel e submisso serviço de V. E. P., para prevenir incômodos futuros. Por isso quero expressar a V. E. P. do fundo do coração que não é por causa de mim que rogo e previno tão insistentemente que não se publique o conselho. V. E. P. pode ter a certeza e não deve duvidar de que não é minha causa que está em jogo. E mesmo que todos os diabos quisessem impor a publicação do conselho, eu saberia responder-lhes, pela graça de Deus, que eu nada tenho a ver com isso.

Pois tenho a vantagem de que V. E. P., juntamente com todos os diabos, é minha testemunha e tem que admitir, em primeiro lugar, que se trata de um conselho sigiloso.

Em segundo lugar, que envidei todos os esforços para que não viesse a público. Em terceiro lugar: se vier a público, certamente não será por minha iniciativa. Enquanto tiver esses três fatores a meu favor, não aconselharia nem ao diabo que me obrigasse a tomar a pena. Que Deus me poupe disso. Pela graça de Deus, sei distinguir muito bem quais as concessões que se devem fazer, por graça, diante de Deus, por motivos de consciência, e o que não é justo perante Deus em assuntos terrenos, fora dos conflitos de consciência. Não gostaria que V. E. P. me declarasse uma guerra literária. V. E. P. tem coisa melhor para fazer, e eu também.

O que está em jogo é o seguinte: visto que V. E. P. é um dos companheiros da Confissão [de Augsburgo], não posso nem quero (na medida do possível) que corra perigo e seja acusado de qualquer coisa, e, como cristão, reconheço meu dever de aconselhar e servir ao próximo da melhor maneira.

Pois se V. E. P. for revelar o conselho, não me importo. Mas com isso V. E. P. não alcança o que deseja, e nada se ganha; V. E. P. somente agravaria sua situação a tal ponto que, depois, não poderíamos mais tirar V. E. P. dessa enrascada, por mais que quiséssemos.

Pois V. E. P. não poderá impor que o mundo aceite como público esse vosso matrimônio secreto, ainda que invocasse a autoridade de cem Luteros, Filipes[5] e outros. Eles sempre dirão que Luteros e Filipes não têm poder para mudar a lei pública e honrada, embora tivessem que aconselhar de outro modo em casos de conflito de consciência.

Assim também as coisas são estabelecidas de tal forma no mundo que

5 Trata-se de *Filipe Melanchthon*. Vide nota 3.

nenhum tribunal pode interferir na jurisdição de outro; do contrário, se estabeleceria um caos e a justiça deixaria de existir. Segundo o direito da Saxônia, enforcam-se a ambos; segundo a lei romana e mosaica, não; e assim há outras situações. Não obstante, Deus quer que se respeitem ambas as leis conflitantes. Quanto mais quererá que, neste caso, se cumpra a lei secular contra a digamia, e, não obstante, quererá ter a liberdade de, no foro da cidade, admitir a digamia [!] por razões compulsórias, contrariando o direito secular.

Se agora V. E. P. quer desistir do juízo de Deus (que o admite por graça, por necessidade), divulgando o conselho, e entregar-se à justiça dos homens, terá que sofrer as penas de acordo com o direito humano, sem poder contar com a proteção e ajuda do direito divino, na qual V. E. P. não permaneceu. Pois Deus não irá ordenar que se rasgue o direito civil, que ele mesmo confirma, por causa de V. E. P., embora tivesse sido indulgente em seu próprio direito. Nossa doutrina confessa abertamente que não apenas queremos a livre aplicação da lei secular (conquanto não contrarie a Deus), mas queremos inclusive ajudar a promovê-la.

Disso segue que, se V. E. P. quer insistir na divulgação do conselho, por fim V. E. P. deverá mandar embora a moça como uma prostituta, ou então refugiar-se neste conselho sigiloso. Seria melhor fazer isso agora com honra do que depois com escândalo.

E por que V. E. P. briga para que a moça não seja considerada uma meretriz? Pois agora, antes que seja publicado o conselho, terá que admitir que ela é uma prostituta perante o mundo inteiro, embora para nós três, isso é, perante Deus, seja considerada nada mais do que uma concubina conjugal. Por que iria V. E. P. tolerar por mais tempo essa conversa, de sã consciência, razão que o leva a tolerá-lo (conforme cremos), insistindo que ela não é meretriz na consciência de V. E. P.?

Tudo isso escrevo para que V. E. P. perceba que, de fato, não se trata de mim, que sei muito bem tirar o corpo fora quando tomo a pena e deixar V. E. P. empenhada, coisa que não quero fazer, a não ser que não tenha outra saída. Pois não tenho a intenção de abandonar V. E. P. nesse assunto, tanto quanto pode meu espírito e minha vida, e não somente por amor de V. E. P., mas por amor de toda a causa da Confissão [de Augsburgo], que está sendo muito onerada com essa questão.

[*À margem:* Por isso V. E. P. não se preocupe com o fato de não querer deixar-me sair desse conselho, mas, muito antes, que desta maneira não me expulse dele à força.]

Por outro lado, V. E. P. deve também lembrar como será difícil para as pessoas piedosas, que ademais já estão sendo castigadas pelo diabo e por todo o mundo, aceitar esses escândalos. Pois, se cada qual quisesse fazer o que bem entende e empurrar a responsabilidade para pessoas piedosas, isso

não vai longe, visto que é justo pedir previamente sua opinião sobre as coisas pelas quais devem ser co-responsáveis.

Espero que V. E. P. não esteja falando sério ao alegar que com a publicação se iria provocar a ira do imperador, atacado por nosso conselho. Ademais, isso em nada contribuirá para a causa de V. E. P. E se fosse sério, não atacaria o imperador somente por causa de seus negócios, mas de maneira bem diferente com a Escritura, e lhe leria a cartilha. "Todo homem é mentiroso" e "não confieis em príncipes"[6]. Pois é fácil chamar de mentiroso e pessoa falsa a alguém que se revolta contra a verdade de Deus, o que, aliás, ela teria que aceitar. Por isso não me preocupa essa consideração de V. E. P. de que eu deveria temer a publicação do conselho sem minha ciência e contra minha vontade, etc.

Diverti-me com a brincadeira de V. E. P. de que nós teólogos só aceitamos o que nos agrada, etc. Nem por isso é culpa nossa que vós príncipes não tomais o que vos agrada[7]. Por que não procedeis de outra maneira? Assim espero que V. E. P. experimente na própria carne com sua amada mulherzinha que quando mulher bonita não tem mais a oferecer do que repugnância, ou, como se diz, felicidade curta, desgosto longo, um matrimônio não pode durar ou seria impossível iniciar um novo. É da vontade de Deus que desse empreendimento divertido nasçam filhos ou se evite a fornicação. Do contrário, não saberia para que poderia servir a beleza.

No entanto, peço encarecidamente a V. E. P. que não suspeite de mim, como se me deixasse instigar contra V. E. P. Tenho as melhores intenções, Deus o sabe, e o faço de grande preocupação por V. E. P.; se V. E. P. não o quiser acreditar, ainda o descobrirá por fim, e então me agradecerá quando é tarde. Vejo, pois, que meu clementíssimo senhor está encarando o assunto com a maior seriedade, bem como todos nós, para aconselhar e ajudar a V. E. P. da melhor maneira.

O fato de V. E. P. se desculpar dizendo que já gostara da mulherzinha anteriormente, e que inclusive o teria confessado, nada contribui para o caso. Pois a escolha deve ser livre, e ninguém poderá tomar a mal o fato de V. E. P. amar como está amando, conforme escreve, etc. Mas também é verdade que eu próprio li que um bom amigo de V. E. P. escreveu que o landgrave não convencerá a ninguém de que está tomando mais uma esposa por motivos de consciência.

Imgina V. E. P. se até os melhores amigos falam assim, que dirão os adversários? Pois essa conversa acabará com nosso conselho. E quem não pode deixá-lo, poderá dizer que o Dr. Martinho acreditou no impossível, e

6 Cf. Sl 146.3; Rm 3.4.

7 Lutero refere-se jocosamente ao fato de o landgrave Filipe ter-se casado com Cristina — como ele mesmo confessou — a contragosto, sem sentir amor por ela.

que enganou a si mesmo e até fez questão de ser enganado, visto que ainda cremos que V. E. P. teve intenções sérias e que não quer que se pervertam as elevadas e caras palavras de V. E. P. pronunciadas em confissão sigilosa.

Em resumo, ainda peço que V. E. P. queira manter o conselho em sigilo e que deixe que as conversas se evaporem e dissipem. E que retire o que ainda pode ser retirado, a fim de que o escândalo, que não pode ser justificado, se acalme. Pois não vejo como V. E. P. poderia ser coagido a dá-lo a público. E visto que, de qualquer modo, V. E. P. concorda, caso necessário, em dar uma resposta ambígua, isso é a mesma coisa que dizer que V. E. P. não quer declarar a mulherzinha publicamente sua esposa. V. E. P. poderia insistir nisso eternamente e deixar o assunto na ambigüidade; assim em breve as coisas se acomodariam com a ajuda de Deus.

Com isso encomendo V. E. P. ao amado Deus, pois sou sincero com o que aconselharia a minha própria alma.

Sábado, depois do dia de M. Madalena[8], de 1540.

De V. E. P.
submisso
Martinho Lutero D.

8 O dia dedicado a Maria Madalena é 22 de julho.

Educação

Educação

INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

Lutero como Reformador Religioso da Educação

A sociedade em que Lutero atuou caracterizava-se como "mundo cristão". Era a religião cristã que lhe conferia sustentação e sentido — pelo menos na concepção de seus integrantes. As críticas de Lutero à religião estabelecida, por questionarem o próprio fundamento ideológico da ordem social, repercutiram na sociedade toda.

Lutero se deu conta dessa repercussão e tratou de enfrentá-la. Eis a razão de haver ele discutido as implicações educacionais da Reforma em várias oportunidades ao longo de sua carreira.

Já em *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, de 1520, ele propõe a reforma das universidades como parte de um programa de reforma geral da sociedade política[1]. As Escrituras Sagradas, escreve ele, devem constituir o principal objeto de estudo, tanto nas escolas superiores, como nas inferiores. Para entendê-las, é preciso estudar as línguas e as artes liberais. As obras dos pais da Igreja devem ser estudadas somente na medida em que conduzam ao estudo das Escrituras. Convém estudar a natureza por observação direta, e não tanto pela leitura de Aristóteles e dos comentaristas.

A publicação do Novo Testamento de 1522 em língua alemã reflete a preocupação didática de oferecer ao povo, na própria língua, os textos que fundamentavam as exigências e medidas da Reforma. Os Prefácios ao Novo Testamento e a livros específicos, como a Epístola aos Romanos[2], oferecem ao leitor a compreensão de conceitos básicos, de forma que possa entender o texto no sentido próprio, nele expresso. Assim fazendo, reconhecerá a Jesus como centro da Escritura e aprenderá a usá-lo como Libertador. Esta linha de ação se acentua, posteriormente, na tradução e publicação dos livros do Antigo Testamento, até completar-se a Bíblia Alemã em 1534 e sucessivas edições.

Ao traduzir e renovar a Ordem da Missa em 1526[3], Lutero propôs um sistema

1 À Nobreza Cristã Alemã, in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 277-340.
2 Prefácio ao Novo Testamento, 1522, in: *Pelo Evangelho de Cristo*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, pp. 171-177. — Prefácio à Epístola de São Paulo aos Romanos, 1522, in: *ib.*, pp. 179-192.
3 WA 19,72-113. Cf. *Obras Selecionadas*, v. 7.

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

de serviços religiosos e leituras bíblicas para promover a formação cristã tanto do povo, como dos acadêmicos. Os cristãos, argumentava ele, precisam conhecer as Escrituras e as línguas, para poderem anunciar o Evangelho a todas as nações.

Nas *Instruções aos Visitadores*, de 1529[4], Lutero juntamente com a equipe de supervisores propôs ações concretas para a reforma do ensino nas escolas inferiores, como parte de um projeto de renovação da vida comunitária. Enfatiza, mais uma vez, o estudo das Escrituras e da doutrina cristã, juntamente com a leitura, a gramática, a dialética e a retórica.

As visitações na Saxônia e outros territórios revelaram toda a extensão da ignorância religiosa do povo. Procurando acudir ao problema, Lutero proferiu uma série de prédicas sobre as partes principais da doutrina cristã. Daí resultaram, em 1529, o *Catecismo Alemão* e o *Enchiridion* ou *Catecismo Menor*[5]. Este último foi publicado, inicialmente, em cartazes que se afixavam nas salas de aula; posteriormente, na forma de livreto com ilustrações didáticas.

Lutero atuou como professor universitário a vida toda. Nessa condição, liderou e apoiou projetos de reforma dos estudos superiores tanto na Universidade de Wittenberg, como em outras universidades criadas sob a inspiração da *alma mater* da Reforma.

Finalmente, como reformador consciente das implicações sociais da Reforma, Lutero sentiu-se na obrigação de dirigir escritos específicos a atores sociais capazes de sustar processos que ameaçavam corromper a educação cristã das novas gerações.

Em 1524, na carta aberta *Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*, Lutero argumenta em favor dos estudos clássicos com vistas à formação de lideranças para a Igreja e o Estado. Increpando a omissão de bispos e príncipes, encarece a criação de escolas latinas aos governantes das cidades mais progressistas e sensíveis à Reforma. Contrapõe-se, assim, a ilações que vinham fazendo, como, por exemplo: para servir a Deus não é preciso ser monge, e se todo o mundo dispõe da Bíblia em alemão, já não é preciso estudar grego e latim; basta saber ler e escrever o alemão. A carta esboça uma ética social teológica, ao caracterizar a educação como obra do amor cristão, que atende às necessidades individuais e coletivas dos seres humanos. Constitui-se em apologia e encômio dos estudos clássicos como o meio tanto para disseminar o Evangelho, como para habilitar as novas gerações a gerir os negócios tanto públicos como particulares.

Em 1530, Lutero volta à carga com *Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola*. Tomando por base a ética do amor cristão, exorta os pais crentes a reconhecerem a responsabilidade que lhes cabe na situação específica. A Igreja precisa de pastores e mestres; os principados e cidades, de líderes e conselheiros. É preciso, pois, habilitar as novas gerações à liderança e serviço, enviando-as à escola. Aí receberão não apenas o Evangelho, mas a experiência da humanidade em viver neste mundo. Se bem conduzida, a educação facilita aos seres humanos a tarefa de (bem) viver no mundo.

4 WA 26,195-201. Cf. *Obras Selecionadas*, v. 7.

5 Catecismo Alemão, WA 30/I, 125-238; *Enchiridion* ou Pequeno Catecismo, WA 30/I, 346-402. Cf. ambos os textos em *Obras Selecionadas*, v. 7.

Estes escritos de Lutero não chegam a formular uma teoria cristã de educação. Servem, porém, para justificar o empenho pela boa educação que tem caracterizado as comunidades e os líderes luteranos desde a Reforma. Como Lutero, sentimo-nos responsáveis pelas gerações futuras. É por isso que lutamos na e pela educação.

Nestor L. J. Beck

Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs[1]

Martinho Lutero
1524

INTRODUÇÃO

A presente exortação aos prefeitos e câmaras municipais das cidades da Alemanha, para que se dignassem a criar e manter escolas cristãs, foi publicada em Wittenberg por Lucas Cranach em janeiro ou fevereiro de 1524. Foi reeditada muitas vezes em Wittenberg, Erfurt, Nürnberg, Estrasburgo e outras cidades da Alemanha no século XVI.

Uma tradução latina de Vicente Obsopöus, revista por Filipe Melanchthon, foi publicada em Hagenau, provavelmente em 1524, reproduzida no sétimo tomo da edição das obras de Lutero em latim, publicado em Wittenberg no ano de 1577, e republicado em Leipzig no ano de 1579.

O texto alemão consta nas principais edições das obras de Lutero. A obra está traduzida ao inglês e ao espanhol, entre outras línguas modernas. É considerada um clássico da história da educação. Abriu caminho para a disseminação do ginásio humanista cristão em toda a Europa.

A presente tradução baseia-se no texto da edição original de Lucas Cranach, conforme reproduzido na edição crítica de Weimar das obras de Lutero.

Nestor L. J. Beck

0

Graça e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Previdentes, sábios caros senhores. Exilado e proscrito há cerca de três anos, certamente eu deveria ter silenciado[2], se tivesse temido os mandamentos dos homens

1 *An die Ratsherren aller Städte deutsches Lands, dass sie christliche schulen aufrichten und erhalten sollen.* – WA 15.27-53. Tradução do original alemão: *Ilson Kayser.*

2 Desde 25 de junho de 1520 Lutero se encontrava sob a ameaça da excomunhão papal; desde a assembléia nacional de Worms, de 1521, estava proscrito. Todos os seus escritos estavam proibidos e ele próprio, condenado ao silêncio.

mais do que a Deus. Assim também muita gente grande e pequena na Alemanha ainda perseguem, pela mesma razão, a tudo que digo e escrevo e por causa disso derramam muito sangue[3]. Agora, porém, Deus me abriu a boca e me ordenou que falasse; nisso ele me assiste vigorosamente e, sem conselho e ação de minha parte, fortalece minha causa e a divulga tanto mais quanto mais raivejam, e se comporta como se risse e zombasse de sua fúria, como diz o Sl 2.4. Somente nisso todo aquele que não está endurecido já pode notar que esta causa é a própria causa de Deus, visto que aqui se revela aquela qualidade da palavra e obra divina: quanto mais rigorosa a perseguição e a repressão, tanto mais ela cresce.

Por isso quero falar e não silenciar (como diz Isaías [62.1]) enquanto viver, até que a justiça de Cristo irrompa como um fulgor e sua graça salvífica seja acendida como uma lâmpada. E agora peço a todos vós, meus queridos senhores e amigos, que recebais este meu escrito e admoestação com carinho e que vos fale ao coração. Pois seja eu próprio como for. Não obstante, posso gloriar-me perante Deus de sã consciência que não procuro meu próprio interesse nesta causa (isso eu o alcançaria muito melhor se silenciasse). Tenho as melhores intenções convosco e com toda a Alemanha; pois foi para isso que Deus me destinou, que o creia ou deixe de acreditar quem quiser. E quero ter prometido e anunciado de modo franco e confiante a vosso amor: se me obedecerdes neste ponto, sem dúvida não obedeceis a mim, mas a Cristo. E quem não me obedece, não despreza a mim, mas a Cristo[4]. Pois sei, em todo caso, e estou certo do que falo e ensino e com que objetivo; isso certamente também o sentirá todo aquele que se der ao trabalho de observar minha doutrina corretamente.

Em primeiro lugar, constatamos hoje em todas as partes da Alemanha que as escolas estão no abandono. As universidades são pouco freqüentadas e os conventos estão em declínio. Este capim está secando e a flor está murchando, como diz Isaías [40.6ss.], porque o Espírito de Deus sopra por eles e porque os raios quentes do Evangelho caem sobre eles. Pois por meio da palavra de Deus fica evidente o quanto é acristão esse sistema e que visa somente à barriga. Sim, porque o povo carnal se dá conta de que não pode mais colocar os filhos, as filhas e os parentes em conventos e fundações, e que já não pode mais expulsá-los de casa e deixar que vivam às expensas de estranhos; por isso ninguém mais quer proporcionar ensino e estudo aos filhos. "Pois é", dizem eles, "que haverão de estudar se não podem tornar-

3 Em 1º de julho de 1523 foram executados os primeiros protestantes: Henrique Voes e João von Essen foram condenados à fogueira. Aqui e ali explodiram atos de violência e perseguição contra adeptos da Reforma.

4 Cf. Lc 10.16.

se padres, monges e freiras? Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se."

Esta sua própria confissão revela com suficiência as intenções e a mentalidade dessa gente. Pois se não tivessem procurado nos conventos e fundações ou no estado clerical apenas o bem-estar da barriga e alimento material para os filhos, e se tivessem tido intenções sérias de procurar a salvação e a bem-aventurança de seus filhos, não desanimariam desta forma nem desistiriam, dizendo: "Já que o estado clerical não tem mais chance, também não nos interessa mais o ensino e nada mais faremos neste sentido". Antes diriam: "Se for verdade que este estado[5] é perigoso para nossos filhos, conforme ensina o Evangelho, por favor, ensinai-nos outra maneira que seja agradável a Deus e que seja salutar para nossos filhos. Pois, na verdade não queremos preocupar-nos somente com o sustento de nossos filhos, mas também com sua alma". Certamente é isso que pais verdadeiros, cristãos e fiéis dirão sobre esse assunto.

Não admira que o diabo tome esta atitude a esse respeito, convencendo os carnais corações mundanos a negligenciarem os filhos e a juventude. Quem lho tomará por mal? Ele é príncipe e deus do mundo[6]. Acaso seria de esperar que lhe agradasse o fato de seus ninhos, os conventos e hordas espirituais, serem destruídos pelo Evangelho? Pois é justamente nestes que mais arruína os jovens, e ele tem muito, sim, todo o interesse neles. Como poderia admitir ou até estimular que se eduque a juventude corretamente? Ora, seria louco se admitisse e ajudasse a instituir algo em seu reino que, muito breve, o levaria à ruína! Isso seria o caso se perdesse o belo naco, a querida juventude, e se tivesse que tolerar que fossem encaminhados ao serviço de Deus em seus conventos e a suas custas.

Por isso agiu com muita inteligência na época em que os cristãos educavam seus filhos cristãmente e os enviavam às escolas. A multidão de jovens estava escapando de seu domínio e se dispunha a instituir em seu reino algo insuportável. Aí ele interveio e lançou suas redes, constituindo esses conventos, escolas e estados, de modo que um menino poderia escapar-lhe somente por um especial milagre de Deus. Agora, porém, ao ver que as armadilhas são desarmadas pela palavra de Deus, toma o outro partido e quer que não se estude mais nada. Mais uma vez age correta e sabiamente para preservar seu reino e que, em todos os casos, a juventude permaneça sob seu poder. Tendo-a sob seu domínio, ela cresce sob sua tutela e continua sendo sua. Quem lhe poderá arrancar algo? Assim mantém o mundo tranqüilamente sob seu domínio. Pois se quisermos causar-lhe algum prejuízo que ele sinta

5 A saber: o estado monástico e o estado clerical.
6 Cf. Jo 14,30.

de fato, isso deve ser feito pela juventude que cresce no conhecimento de Deus e que divulga a palavra de Deus e a ensina a outros.

Ninguém, mas ninguém mesmo, acredita que diabólico empreendimento danoso é este; enquanto isso a coisa acontece com tanta tranqüilidade que ninguém o percebe, e o prejuízo está feito mesmo antes que se possa aconselhar, defender-se ou ajudar. Tememos o turco, guerras e enchentes; pois aí sabemos perfeitamente o que é prejuízo e proveito. Mas a este propósito do diabo, este ninguém enxerga e também ninguém o teme; isso acontece em silêncio. Não obstante, se alguém der um ducado para a guerra contra os turcos (ainda que nos assediassem), seria justo que se doassem cem ducados, embora com eles se pudesse educar apenas um garoto de modo a tornar-se um varão verdadeiramente cristão. Pois um cristão verdadeiro é melhor e mais útil do que todos os seres humanos na terra.

Por isso vos imploro a todos, meus caros senhores e amigos, por amor de Deus e da pobre juventude, que não considereis esta causa de somenos importância, como o fazem muitos que não enxergam a intenção do príncipe do mundo. Pois se trata de uma causa séria e importante, da qual muito depende para Cristo e para o mundo, que ajudemos e aconselhemos a juventude. Isso é a solução também para nós e para todos. E tende consciência de que este ataque silencioso, secreto e traiçoeiro do diabo pode ser combatido somente com profunda seriedade cristã. Caros senhores. Anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança temporal. Por que não levantar igual soma para a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens competentes como professores?

Também cada cidadão deveria pensar o seguinte: Até agora dispendeu inutilmente tanto dinheiro e bens com indulgências, missas, vigílias, doações, espólios testamentários, missas anuais pelo falecimento, ordens mendicantes, fraternidades, peregrinações e toda a confusão de outras tantas práticas deste tipo; estando agora livre dessa ladroeira e doações para o futuro, pela graça de Deus, que doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem. Se não tivesse aparecido essa luz do Evangelho e não o tivesse libertado disso, teria sido obrigado a doar eternamente não menos que dez vezes isto ou mais aos supracitados ladrões, sem recompensa. E que reconheça: se neste ponto houver resistência, queixa, bloqueio e má vontade, seguramente isso é obra do diabo. Quando esse dinheiro era doado para conventos e missas, ele não resistia desta forma, pelo contrário, encaminhava-o para estes fins aos montes. Pois sente que esta obra não é de seu interesse. Caros senhores e amigos, que este seja o *primeiro motivo* que vos deve comover a resistirmos ao diabo neste ponto como ao mais perigoso inimigo secreto.

O *segundo motivo* é que não devemos receber a graça de Deus em vão, nem deixar passar desapercebido o tempo bem-aventurado, como diz S. Paulo em 2 Co 6.1s. Pois o todo-poderoso Deus de fato visitou misericordiosamente a nós alemães e instituiu um verdadeiro ano de jubileu[7]. Temos hoje os melhores e mais doutos jovens companheiros e homens com conhecimentos lingüísticos e toda a ciência; esses poderiam muito bem produzir algo útil se fossem aproveitados para instruir a juventude. Não está evidente que hoje se pode formar um menino em três anos de modo que aos 15 ou 18 anos sabe mais do que lhe puderam ensinar até agora todas as universidades e conventos? Afinal, que se aprendeu até agora nas universidades e conventos a não ser tornar-se burro, tosco e estúpido? Houve quem estudasse vinte, quarenta anos e não sabe nem latim nem alemão. Não quero nem falar da vida vergonhosa e dissoluta na qual a nobre juventude foi corrompida tão miseravelmente.

É bem verdade: se as universidades e conventos continuarem como estão, sem a aplicação de novos métodos de ensino e modos de vida para os jovens, preferiria que nenhum jovem aprendesse qualquer coisa e que ficassem mudos. Pois é minha opinião séria, meu pedido e desejo que essas cocheiras e escolas do diabo mergulhem no abismo ou sejam transformadas em escolas cristãs. Visto, porém, que Deus nos agraciou tão ricamente, concedendo-nos uma grande quantidade de pessoas aptas a instruir e educar maravilhosamente a juventude, é necessário que não desperdicemos a graça de Deus e não o deixemos bater em vão às nossas portas. Ele está diante da porta; felizes nós, se lhe abrirmos! Ele nos saúda; bem-aventurado quem lhe responder! Se o desprezarmos, de modo que passa adiante, quem o chamará de volta?

Atentemos para nossa miséria anterior e as trevas em que nos encontrávamos. Creio que a Alemanha jamais ouviu tanto a respeito da palavra de Deus como agora. Em todo caso não há registro disso na História. Se deixamos as coisas passar sem agradecimento nem honra, é de se temer que haveremos de suportar trevas e pragas ainda mais horríveis. Caros alemães, comprai enquanto o mercado está às portas, colhei enquanto o sol brilha e o tempo é bom; aproveitai a palavra de Deus e sua graça enquanto estão aí. Pois é preciso saber que a palavra de Deus e sua graça são como chuva de verão, que não retorna ao lugar por onde passou. Ela esteve com os judeus, mas o que passou passou. Agora estão sem nada. Paulo a levou para a Grécia.

7 "Ano de jubileu" ou ano santo, em que, por promulgação de Roma, se pode adquirir indulgência plena pela romaria às igrejas de São Pedro e de São Paulo em Roma, por exemplo. Esse costume foi introduzido em 1300 pelo papa Bonifácio VIII (1294-1303). Originalmente, um ano de jubileu estava previsto a cada 100 anos. Depois a periodicidade foi reduzida gradativamente para 50 (1350), 33 (1390) e 25 anos (1470). O costume é praticado até hoje.

Mas também aí, o que passou passou. Agora eles têm o turco. Ela também passou por Roma e o mundo latino. O que passou passou. Agora eles têm o papa. E vós alemães não deveis pensar que a tereis eternamente, pois a ingratidão e o desprezo não permitirão que permaneça por muito tempo. Portanto, agarre quem puder. Mãos preguiçosas terão um ano ruim.

O *terceiro motivo* é, certamente, o mais importante, a saber, o próprio mandamento de Deus que estimula e exige com tanta freqüência por meio de Moisés que os pais ensinem os filhos, como também diz o Salmo 78.5s.: "Quanto insistiu com nossos pais que transmitissem aos filhos [sc. os louvores e as maravilhas do Senhor] e os ensinassem aos filhos dos filhos!" Isso o demonstra também o Quarto Mandamento de Deus, onde ordena aos filhos a obediência aos pais com tanto rigor que filhos desobedientes devem ser inclusive condenados à morte pelo tribunal[8]. Aliás, para que vivemos nós velhos senão para cuidar da juventude, ensinar e educá-la? Pois é totalmente impossível esperar que este povinho louco se instrua e discipline a si mesmo; por isso Deus os confiou a nós, os mais velhos e que sabemos por experiência o que serve para o bem deles, e, sem dúvida, exigirá de nós uma prestação de contas severa sobre eles. Por isso também ordena Moisés em Dt 32.7: "Pergunta a teu pai, ele te informará; pergunta aos velhos, eles to dirão".

Na verdade, é pecado e vergonha o fato de termos chegado ao ponto de haver necessidade de estimular e de sermos estimulados a educar nossos filhos e a juventude e de buscar o melhor para eles. A própria natureza nos deveria convencer disso e também o exemplo dos gentios nos deveria incentivar em vários sentidos. Não existe animal irracional que não cuide de seus filhotes e não lhes ensine o que lhes convém, com exceção da avestruz a respeito do qual Deus diz em Jó 31 [sc. 39.14,16] que é tão rigorosa com seus filhotes como se não fossem seus e que deixa seus ovos abandonados no chão. De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos.

Quando eu era moço, era corrente nas escola o seguinte ditado: "*Non minus est negligere scholarem quam corrumpere virginem*" — "Negligenciar um estudante não é crime menor do que violentar uma virgem". Isso foi dito para alertar os professores, pois naqueles tempos não se conhecia pecado maior do que violar uma moça. Meu bom Deus, que é violentar uma virgem ou uma mulher (que pode ser penitenciado como pecado reconheci-

8 Cf. Dt 21.18ss.

damente físico) em comparação com o pecado de deixar no abandono e violentar as nobres almas, visto que este não é tomado em consideração nem reconhecido e jamais penitenciado. Ai do mundo sempre e eternamente! Diariamente nascem crianças e se criam aí entre nós, e infelizmente não existe ninguém que se dedique à pobre juventude e a oriente; deixamos as coisas correr de qualquer jeito. Isso seria tarefa dos conventos e das fundações. Mas justamente a respeito destes diz Cristo: "Ai do mundo por causa dos escândalos. Quem escandalizar um destes jovens que crêem em mim, melhor lhe seria que se lhe pendurasse uma mó de moinho ao pescoço e fosse afogado no mar no lugar onde é mais fundo" [Mt 18.7,6]. Não passam de devoradores e pervertedores de crianças.

Pois não, objetas tu, isso tudo diz respeito aos pais. Que têm os conselheiros e as autoridades a ver com isso? Está certo; no entanto, que acontece se os pais não o fazem? Quem o fará? Simplesmente não se fará nada e as crianças ficam negligenciadas? Acaso as autoridades e o conselho querem desculpar-se e dizer que isso não lhes diz respeito? O fato de os pais não cumprirem essa tarefa tem várias razões.

Em primeiro lugar, há os que sequer são leais e conscientes a ponto de fazê-lo ainda que tenham condições para tanto. Como as avestruzes, também eles se endurecem contra seus filhos, contentam-se com o fato de terem se livrado dos ovos e de terem gerado filhos; além disso nada mais fazem. No entanto, apesar disso essas crianças devem viver entre nós e conosco numa comunidade urbana. Como poderá a razão e em especial o amor cristão tolerar que cresçam sem educação e que sejam veneno e bicharia para as outras crianças, de sorte que por fim se arruína uma cidade inteira, como aconteceu em Sodoma e Gomorra, em Gibeá e outras cidades[9]?

Em segundo lugar, infelimente a maioria das pessoas mais velhas não tem aptidão para tanto e não sabe como educar e ensinar crianças. Pois elas próprias nada aprenderam a não ser encher a barriga. Para ensinar e educar bem as crianças precisa-se de gente especializada.

Terceiro: Mesmo que os pais fossem aptos e o quissessem assumir, eles não têm tempo nem espaço em face de outras atividades e dos serviços domésticos. Portanto a necessidade obriga a mantermos educadores comunitários para as crianças, a não ser que cada qualquer queira manter um em particular. Isso, porém, seria oneroso demais para um simples cidadão, e uma vez mais muitos excelentes meninos seriam prejudicados por serem pobres. Além disso, muitos pais morrem e deixam órfãos; e a maneira como os tutores cuidam deles nos deveria mostrar, se a experiência não basta, o fato de o próprio Deus se denominar pai dos órfãos[10] que estão abandonados

9 Cf. Gn 19 e Jz 19.12ss.

10 Cf. Sl 68.5, p. ex.

pelos demais. Também existem os que não têm filhos; por isso esses não teriam interesse no caso.

Por isso certamente será da competência do conselho e das autoridades dedicar o maior cuidado e o máximo empenho à juventude. A eles, como curadores, foram confiados os bens, a honra, corpo e vida de toda a cidade. Portanto, não agiriam responsavelmente perante Deus e o mundo se não buscassem, com todos os meios, dia e noite, o progresso e o melhoramento da cidade. Agora, o progresso de uma cidade não depende apenas do acúmulo de grandes tesouros, da construção de muros de fortificação, de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armaduras. Inclusive, onde existem muitas coisas dessa espécie e aparecem alguns tolos enlouquecidos, o prejuízo é tanto pior e maior para a referida cidade. Muito antes, o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando possui muitos homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, honestos e bem educados. Estes então também podem acumular, preservar e usar corretamente riquezas e todo tipo de bens.

Como procedeu a cidade de Roma? Ela educava seus meninos de tal maneira que dentro de quinze, dezoito ou vinte anos dominavam perfeitamente o latim, o grego e toda sorte de artes liberais (como são chamadas)[11]. Daí passavam diretamente para o serviço militar e para o serviço público; disto resultaram homens sensatos, ajuizados e excelentes, munidos de toda sorte de conhecimentos e experiência. Se hoje se fundissem todos os bispos e todos os padres e monges da Alemanha num só bolo, não se encontraria tanto quanto se encontrava num único soldado romano. Por essa razão Roma progrediu; havia gente apta e preparada para todas as atividades. Assim a necessidade obrigou, em todos os tempos e no mundo inteiro, inclusive entre os gentios, a manter professores, se é que se quisesse fazer alguma coisa boa de um povo. Por isso também se adotou o termo "pedagogo" em S. Paulo, Gl 4 [sc. 3.24], pois o termo é tirado do uso comum na vida humana quando diz: "A lei foi nosso pedagogo"[12].

Visto que uma cidade deve e tem que ter pessoas [assim], e visto que a falta delas é sempre a maior necessidade, a maior carência e a queixa mais freqüente, não se deve esperar que cresçam por si só; também não se pode talhá-lhos em pedra ou madeira; da mesma forma Deus não fará nenhum

11 "Artes liberais": com essa expressão se designava, na Idade Média, o conjunto das sete disciplinas que constituíam pré-requisitos para a formação específica. Ao lado do estudo das línguas, que compreendia Gramática, Dialética e Retórica, se exigiam Aritmética, Música, Geometria e Astronomia.

12 A versão alemã de Lutero traduz o termo grego *paidagogos* por *Zuchtmeister* — "disciplinador". A Vulgata, a Bíblia de Jerusalém e a versão de Matos Soares preservam o termo original "pedagogo"; somente J. F. de Almeida distoa, usando "aio" em vez de "pedagogo".

milagre enquanto se pode resolver a carência por outros meios oferecidos por sua bondade. Por isso temos que tomar a iniciativa e dedicar esforço e recursos a esta causa. Nós mesmos haveremos de formar e arregimentá-los. Pois de quem é a culpa se hoje são tão raras nas cidades as pessoas bem preparadas, senão das autoridades? Deixaram a juventude crescer como as árvores no mato, sem se preocuparem como ensinar e educá-la; por essa razão se desenvolveram de modo tão deformado que não servem para nenhuma construção, havendo somente uma capoeira imprestável, útil somente para o fogão.

Sempre haverá de existir um regime secular. Acaso se há de permitir que governem apenas grosseirões e malandros, quando se pode fazer as coisas muito bem de outro modo? Isso é de fato um procedimento selvagem e insensato. Por fim, seria melhor transformar porcos e lobos em senhores e nomeá-los para governarem sobre pessoas que não querem preocupar-se como poderiam ser governados por gente. Também é uma maldade desumana quando não se pensa além do seguinte: Agora nós estamos no governo; que nos interessam os problemas dos que vêm depois de nós? Pessoas deste tipo, que no governo procuram apenas seu próprio proveito e honra, não devem governar sobre seres humanos, mas sobre porcos e cachorros. E ainda que se empenhasse o maior esforço para arregimentar somente pessoas decentes, instruídas e aptas para o governo, ainda assim se exigiria esforço e preocupação suficiente para que as coisas andassem bem. Como então podem andar as coisas quando nada se faz neste sentido?

"Sim", objetas novamente, "se é verdade que é necessário ter escolas, de que nos adianta ensinar latim, grego e hebraico e outras artes liberais? Não se poderia ensinar a Bíblia e a palavra de Deus em língua alemã, o que nos basta para a salvação?" Resposta: Sim, infelizmente sei muito bem que sempre seremos chamados e haveremos de ser bestas e bichos loucos, pois é assim que nos chamam os países vizinhos, como certamente o merecemos. Apenas me admira por que não dizemos também: "Que nos interessam seda, vinho, especiarias e este tipo de produtos estrangeiros, quando nós mesmos temos na Alemanha vinho, trigo, lã, linho, madeira e pedras em abundância para nosso consumo, e não somente isto, mas temos inclusive seleção e escolha para honrarias e jóias"? As ciências e as línguas, que não nos prejudicam, mas que, pelo contrário, nos servem de ornamento, proveito, honra e promoção (tanto para o entendimento da Sagrada Escritura como também para dirigir o governo secular), a estas queremos desprezar; os produtos estrangeiros, porém, que não nos são necessários nem úteis, e que, além disso, nos escorcham até os ossos, destes não queremos prescindir! Não é com razão que tais pessoas sejam chamadas de tolos e bestas?

Se as línguas não tivessem outra utilidade, não obstante nos deveria alegrar e estimular com razão o fato de se tratar de um tão maravilhoso e

nobre dom de Deus com o qual Deus contemplou e agraciou a nós alemães tão ricamente, muito mais do que a outros países. Apenas, pouco disso aparece, porque o diabo não permitiu que ele se desenvolvesse por meio das universidades e conventos. Pelo contrário, estes sempre se revoltaram contra isso com a maior fúria e ainda resistem hoje. Pois o diabo sentiu o faro do assado. Se as línguas fossem valorizadas, isso significaria uma brecha em seu reino que não conseguiria tapar tão facilmente. Visto, porém, que não pôde impedir que viessem à tona, procura mantê-las tão restritas que desapareçam e caiam fora novamente por si mesmas. Não foi um hóspede benvindo que lhe apareceu aí. Por isso quer servi-lo de tal maneira que não se demore. São poucos dentre nós que percebem esse truque malvado do diabo, caros senhores.

Por isso, caros alemães, abramos os olhos, agradeçamos a Deus por esse precioso tesouro e preservemo-lo, para que não nos seja tirado novamente e o diabo faça de nós gato e sapato. Porque não podemos negar: embora o Evangelho tenha vindo até nós exclusivamente pelo Espírito Santo e ainda venha diariamente, isso aconteceu por intermédio da linguagem e através dela se desenvolveu; e por meio dela também há de ser preservado. Pois quando Deus quis levar o Evangelho a todo o mundo por meio dos apóstolos, deu concomitantemente também as línguas[13]. Antes já havia difundido o grego e o latim em todos os países por meio do regime romano para que seu Evangelho pudesse frutificar logo nas terras mais longínquas. Da mesma forma procedeu também desta vez. Ninguém sabia por que Deus resgatou as línguas, até que se percebeu que isso aconteceu por causa do Evangelho que ele queria revelar depois, para assim pôr o regime do anticristo a descoberto e destruí-lo. Por isso mesmo entregou a Grécia aos turcos, para que os gregos, expulsos e dispersos, espalhassem a língua grega e dessem um primeiro impulso para que também se estudassem outras línguas.

Assim como nos é caro o Evangelho, preservemos as línguas com o mesmo afã. Pois não foi sem motivo que Deus mandou que sua Escritura fosse escrita apenas em duas línguas: o Antigo Testamento em hebraico, o Novo em grego. Se, pois, Deus não as desprezou, mas as escolheu dentre todas as demais para sua palavra, também nós devemos honrá-las acima de todas as demais. Pois S. Paulo considera o fato de a palavra de Deus ser escrita nesta língua uma honra e um privilégio especial da língua hebraica quando diz, em Rm 3.1s.: "Qual o privilégio ou proveito da circuncisão? Muito. Em primeiro lugar, foram-lhes confiados os oráculos de Deus". Isso também o rei Davi enaltece: "Ele anunciou a Jacó sua palavra e a Israel seus mandamentos e leis" [Sl 147.19]. Esse privilégio Deus não concedeu a nenhum outro povo, revelando-lhes suas leis. Por isso também a língua

13 Cf. At 2.4ss.

hebraica é considerada santa, e S. Paulo a denomina de "letra sagrada" em Rm 1.2, sem dúvida por causa da santa palavra de Deus nela contida. Da mesma forma também se pode considerar santa a língua grega, porque foi escolhida dentre outras para que o Novo Testamento fosse escrito nela. Dela então jorrou como de uma fonte por meio de traduções a outras línguas e as santificou igualmente.

E que seja dito o seguinte: Não conseguiremos preservar o Evangelho corretamente sem as línguas. As línguas são as bainhas da espada do Espírito. São o cofre no qual se guarda essa preciosidade. Elas são o vaso que contém esta bebida. São a despensa em que está guardado esse alimento. E, como o mostra o próprio Evangelho, são os balaios nos quais se guardam esses pães e peixes e as sobras. Sim, se o desprezarmos — Deus nos guarde disso! — a ponto de esquecermos as línguas, não perderemos apenas o Evangelho, mas chegaremos ao ponto de não mais falarmos ou escrevermos direito nem o latim nem o alemão. Como prova e advertência disso tomemos por exemplo lamentável e assustador as universidades e conventos, nos quais não só se desaprende o Evangelho, mas também se corrompe a língua latina e a alemã[14]. Aí então as miseráveis pessoas quase viraram bichos; não sabem falar ou escrever corretamente nem alemão nem latim e quase perderam inclusive a razão natural.

Por esse motivo os próprios apóstolos consideraram necessário redigir o Novo Testamento na língua grega e vinculá-lo a ela, sem dúvida com o intuito de no-lo preservar de modo seguro e confiável como numa arca sagrada. Pois previram tudo o que iria acontecer e o que realmente agora aconteceu: se o Evangelho fosse guardado somente na memória, surgiriria uma série de desordens e confusões selvagens e devassas, sim, as mais diversas mentalidades, opiniões e doutrinas na cristandade, e ninguém seria capaz de as combater e o povo simples não poderia ser protegido contra elas, se o Novo Testamento não estivesse redigido de modo confiável em escrita e língua. Por isso é certo: se não forem preservadas as línguas, por fim o Evangelho há de perecer.

Isso também o revelou a experiência e ainda o revela. Pois imediatamente após o tempo dos apóstolos, quando acabaram as línguas[15], também o Evangelho, a fé e toda a causa cristã em geral diminuíram paulatinamente

14 O latim praticado nesses círculos tinha má fama e era tachado depreciativamente de "latim de monge". Em 1515 foram publicadas as *Epistolae obscurorum virorum* — Cartas dos homens obscuros — uma sátira à má qualidade do latim praticado naqueles domínios. A língua alemã sequer era cultivada, pois a língua acadêmica nas escolas e nas universidades, nas igrejas e na esfera administrativa e oficial era o latim.

15 Para Lutero o conhecimento das "línguas" é um fenômeno semelhante à glossolalia, ao "falar em línguas" de At 2.4 e 1 Co 12.10. Tanto a glossalalia como a compreensão das línguas é obra do Espírito Santo.

com o passar do tempo, até que sucumbiram por completo sob o papado. E desde que as línguas perderam o valor, não se viu acontecer nada de especial na cristandade; em contrapartida aconteceram muitas abominações horríveis em conseqüência da ignorância das línguas. Igualmente o contrário: agora que as línguas estão novamente em evidência, nos trazem uma luz tal e realizam coisas tão grandes, que todo o mundo se admira e tem que confessar que temos o Evangelho plenamente na mesma autenticidade e pureza em que o tiveram os apóstolos e que foi restabelecido em toda sua pureza, sendo muito mais puro do que foi nos tempos de São Jerônimo e Agostinho[16]. Em resumo, o Espírito Santo não é nenhum tolo, também não lida com coisas levianas e desnecessárias; considerou as línguas algo tão útil e necessário na cristandade que muitas vezes as trouxe consigo desde o céu[17]. Isso por si só já deveria ser o suficiente para nos comover a nos interessarmos por elas com afinco e honra e a não desprezá-las, porque agora ele mesmo as reaviva na terra.

No entanto, dizes tu, muitos pais alcançaram a bem-aventurança e ensinaram sem línguas. Isso é verdade. No entanto a que atribuis o fato de terem errado tantas vezes na interpretação da Escritura? Quantas vezes Sto. Agostinho se engana no Saltério e outras interpretações, igualmente Hilário[18], como, aliás, todos os que ousaram explicar a Escritura sem conhecimento das línguas! E mesmo quando algumas vezes ensinaram corretamente, jamais tinham certeza se era exatamente isso que constava na passagem de onde o deduziam. Para exemplificar: Foi dito acertadamente que Cristo é o Filho de Deus. No entanto, aos ouvidos dos opositores isso soa como uma provocação à zombaria quando aduzem como prova para este enunciado o Salmo 110.3: "Contigo está o princípio no dia de teu poder"[19], enquanto no texto hebraico

16 *Sofrônio Eusébio Jerônimo* (347-420), o mais erudito dos pais latinos, chamado *vir trilinguis*, por seu amplo conhecimento do latim, grego e hebraico, e também "Doutor bíblico", por suas pesquisas no campo da Sagrada Escritura. De 382-385 morou em Roma, sendo secretário do papa Dâmaso. Por encomenda deste papa, Jerônimo empreendeu a revisão da *Itala*, a versão latina da Bíblia em uso na época. Do trabalho de Jerônimo resultou a *Vulgata* — versão que se tornou o texto oficial da Igreja por muitos séculos. Lutero estava familiarizado com o texto da *Vulgata* e quando cita a Bíblia, se baseia nessa versão. — *Agostinho, bispo de Hipona* (354-430). Um dos pais da Igreja Ocidental, o mais profundo filósofo da era patrística e seu maior gênio teológico, cuja influência plasmou a Idade Média. Lutero era conhecedor e admirador de Agostinho e cita seus livros com freqüência, ora para abonar suas afirmações, ora para apontar seus erros.

17 Cf. At 2.4; 10.46; 1 Co 12.10; 14.2ss.

18 *Hilário de Poitiers* (ca. 315-367), um dos pais da Igreja Ocidental que se destacou no combate à heresia ariana na Gália. Lutero conheceu as obras de Hilário, especialmente o tratado "Sobre a Santíssima Trindade" ou "Contra os arianos", e seus comentários bíblicos.

19 Seguindo a Septuaginta, o texto latino correspondente na *Vulgata* é o seguinte: "*Tecum principium in die virtutis tuae; in splendoribus sanctorum ex utero ante luciferum genui te*"
"Contigo está o princípio no dia de tua força; entre os resplendores dos santos, das

nada consta nesta passagem a respeito da divindade. Quando, porém, se defende a fé desta maneira com argumentos incertos e conclusões erradas — não é isso uma vergonha e zombaria para os cristãos entre os opositores que têm conhecimentos lingüísticos? Eles se endurecem ainda mais em seu erro e, com uma aparência de direito, consideram nossa fé um sonho humano.

Quem é culpado se nossa fé se apresenta tão deteriorada? Evidentemente o fato de não termos conhecimento das línguas e não há outra saída: temos que estudar as línguas. Não se viu São Jerônimo[20] obrigado a providenciar uma nova tradução do Saltério a partir do hebraico? Porque quando se debatia com os judeus com base neste salmo, eles zombavam de nós porque no hebraico não constava o que os nossos aduziam. Contanto que trataram a Escritura sem conhecimento das línguas, todas as explicações dos antigos pais, ainda que não ensinem nada de errado, revelam com muita freqüência uma linguagem insegura, desajeitada e inadequada; tateiam ao longo da parede como um cego, de modo que muitas vezes erram com o verdadeiro sentido do texto e lhe dão uma interpretação conforme seu próprio parecer, como no versículo citado acima: "Contigo está o princípio, etc.". Também o próprio Sto. Agostinho tem que admitir, conforme escreve em seu livro "Da doutrina cristã"[21], que um mestre cristão, que quer interpretar a Escritura, tem que conhecer, além do latim, o grego e o hebraico. Do contrário é impossível que não tropece em toda parte; pois isso até é muito difícil quando alguém domina bem as línguas.

Por isso é algo bem diferente o caso de um simples pregador da fé e de um intérprete da Escritura ou, como diz S. Paulo, de um profeta[22]. Um simples pregador dispõe (é verdade), com base em traduções, de suficientes enunciados e textos claros para entender e ensinar a Cristo, viver uma vida piedosa e pregar a outros. No entanto, para interpretar a Escritura e tratá-la autonomamente e para combater aqueles que citam a Escritura erroneamente para isso não tem formação; sem línguas isso não é possível. Mas na cristandade sempre se precisa destes profetas que estudam a Escritura e a interpretam e que também sejam aptos para o debate; para tanto não basta uma vida piedosa e o ensino correto. Por essa razão as línguas são absolutamente indispensáveis na cristandade, tanto quanto os profetas e intérpretes,

minhas entranhas te gerei antes da aurora". O texto hebraico, no entanto, se traduz corretamente assim: "No dia em que conclamares para a guerra, teu povo se apresentará voluntariamente em seu santo ornamento. Como o orvalho emergindo da aurora serão teus jovens".

20 Cf. nota 16.

21 *Agostinho, De doctrina christiana*, Migne, Patrol. lat. Tom. II, 11.14. Neste livro Agostinho estabeleceu as regras básicas para a interpretação das Escrituras em sua estrutura com vistas à prepação.

22 Cf. 1 Co 12.28ss.; 14.26ss.

embora não seja necessário que todo cristão ou pregador seja um profeta, como diz São Paulo em 1 Co 12.6ss. e Ef 4.11.

Esta é a razão por que, desde os tempos dos apóstolos, a Escritura permaneceu tão obscura e em parte alguma foram escritas interpretações confiáveis e irrefutáveis. Pois, como já disse, também os santos pais erraram muitas vezes e raras vezes são unânimes porque não dominaram as línguas; este vai numa direção, aquele em outra. São Bernardo[23] foi um homem de muito espírito, de modo que quase arriscaria colocá-lo acima de todos os afamados mestres, tanto antigos como novos. Observa, porém, como brinca freqüentemente com a Escritura (ainda que espiritualmente) e não a cita no sentido verdadeiro. Por isso os sofistas[24] disseram que a Escritura é obscura; pensavam que a palavra de Deus fosse muito obscura por natureza e que se expressava de modo muito estranho, mas não vêem que o erro todo está no desconhecimento das línguas. Do contrário, se entendêssemos as línguas, jamais teria sido dito algo mais claro do que a palavra de Deus. Para mim um turco fala de modo incompreensível enquanto não entendo sua língua, ao passo que uma criança turca de sete anos o entende perfeitamente.

Por isso também foi um empreendimento absurdo quando se quis explicar a Escritura com o auxílio da interpretação dos pais e por meio da leitura de muitos livros e explicações. Em lugar disso deveriam ter-se dedicado às línguas. Não tendo conhecimento das línguas, os caros pais às vezes se esfalfaram com muitas palavras na interpretação de uma só frase; não obstante, a muito custo apenas a entenderam aproximadamente; metade adivinharam, metade erraram. Assim lhe segues a muito custo. Entrementes, com o auxílio das línguas, tu mesmo poderias achar respostas muito melhores do que aquele ao qual segues. Pois como o sol está para a sombra, assim a língua [original da Bíblia] está para as interpretações de todos os pais. Visto que compete aos cristãos ler a Sagrada Escritura como seu livro próprio e único, e visto que é pecado e vergonha quando não entendemos nosso próprio livro e não conhecemos a linguagem e a palavra de nosso Deus, é pecado e prejuízo ainda maior quando não estudamos as línguas, ainda mais quando agora Deus nos oferece pessoas e livros e todos os recursos auxiliares [para o estudo das línguas] e nos convida para tanto, querendo que seu

23 *Bernardo de Claraval* (1190/91-1153), ou simplesmente São Bernardo, natural da Borgonha, filho de família nobre. Em 1112 entrou no convento de Citeaux. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, que se tornou o centro de rápida expansão da Ordem Cisterciense. Como monge visava uma vida apostólica em pobreza e ascese, em seguimento a Cristo. Elaborou uma mística cristocêntrica, motivo pelo qual Lutero o apreciava muito, citando-o repetidas vezes ao lado de Agostinho.

24 *Sofistas* são, no vocabulário de Lutero, os mestres escolásticos das universidades medievais; no uso de Lutero, o termo tem a conotação de pessoas que tratam de um assunto com erudição sofisticada.

livro seja acessível a todos. Como se teriam alegrado os caros pais se tivessem tido esse acesso à Sagrada Escritura e tivessem tido oportunidade de estudar as línguas! Com quanto esforço e dedicação alcançaram apenas as migalhas, enquanto nós, com a metade do trabalho, sim, sem muito esforço, podemos alcançar o pão inteiro. Como sua dedicação envergonha nossa preguiça! Com que rigor Deus irá castigar nossa falta de dedicação e nossa ingratidão!

Aqui deve ser citado também o que São Paulo diz em 1 Co 14.27,29: à cristande compete o julgamento de toda a espécie de doutrina[25]. Para isso é absolutamente necessário conhecer as línguas. Pois se não houver ninguém que possa julgar se o pregador ou professor ensina corretamente, este pode, muito bem, interpretar a Escritura do começo ao fim como quiser, quer acerte quer erre o sentido. Se quisermos julgar, tem que haver conhecimento das línguas. Do contrário, tudo está perdido. Por isso, sem dúvida, a fé e o Evangelho podem ser pregados por simples pregadores sem conhecimentos lingüísticos; no entanto é uma coisa pobre e miserável, e por fim a gente cansa e se enfada e assim somos seduzidos. Onde, porém, há conhecimento das línguas, aí as coisas se desenvolvem com frescor e vigor, e a Escritura é trabalhada; aí a fé se encontra sempre de forma nova por meio de outras e mais outras palavras e obras. O Salmo 128 [sc. 29.9] compara este estudo a uma caça, dizendo que Deus abre os matos cerrados para a corça, e o Salmo 1.3 o compara com uma árvore que está sempre verde e sempre tem água fresca.

Também não nos devemos deixar enganar pelo fato de alguns se gloriarem de possuírem o Espírito, desprezando a Escritura[26] e pelo fato de alguns, como os irmãos valdenses[27], considerarem as línguas algo inútil. No entanto, caro amigo, Espírito para cá, Espírito para lá! Também eu estive no Espírito e também vi Espírito (se é que alguma vez tem valor gloriar-se da própria carne[28]), talvez mais do que estes ainda verão no decorrer de um ano, por mais que se esforcem; além disso, meu Espírito revelou certas provas, enquanto o Espírito deles está acomodado num cantinho e não faz muito mais do que exaltar sua própria glória. De uma coisa, porém, tenho certeza:

25 Lutero expõe essa idéia em maiores detalhes no tratado: *Dass eine christliche Versammlung oder Gemeinde Recht oder Macht habe, alle Lehre zu urteilen, etc.* — "Uma reunião ou comunidade cristã tem o direito ou o poder de julgar toda a doutrina, etc." — WA 11,408-416.

26 Lutero está se referindo aos fanáticos, corrente que se baseava na inspiração direta pelo Espírito Santo, dispensando a Sagrada Escritura. Os expoentes dessa linha são *André Karlstadt* (cf. *Obras Selecionadas*, v. 4, p. 218, nota 4) e *Tomás Müntzer* (cf. ibd., p. 237 nota 67).

27 A referência é aos "irmãos boêmios e morávios" pelos quais tinha muita estima. Esses "irmãos" consideravam a Sagrada Escritura como única norma de fé e vida, o que os uniu estreitamente à Reforma de Wittenberg. Liam a Bíblia em linguagem popular e demonstravam profundo desprezo pela erudição das pesquisas lingüísticas no campo da Sagrada Escritura. Neste sentido Lutero os critica.

28 Cf. 2 Co 12.2ss.; Fp 3.4.

por mais que o Espírito faça tudo sozinho, não obstante eu teria ficado longe do alvo se não me tivessem ajudado as línguas e se não me tivessem tornado a Escritura segura e certa. Também poderia ter levado uma vida piedosa e ter pregado corretamente no silêncio. Neste caso, porém, teria deixado o papa e os sofistas intactos, juntamente com todo o regime anticristão[29]. O diabo se importa menos com o meu Espírito do que com minha língua e minha pena a serviço da Escritura. Pois meu Espírito nada lhe tira senão a mim mesmo; a Sagrada Escritura, porém, e as línguas lhe tornam o mundo apertado demais. Isso o prejudica em seu reino.

Por isso não posso, de forma alguma, elogiar os irmãos valdenses pelo fato de desprezarem as línguas. Pois, ainda que ensinassem corretamente, hão de errar muitas vezes na interpretação correta do texto. Igualmente ficam sem armas e incapazes para lutar pela fé contra o erro. Além disso sua causa é tão obscura e de caráter tão pessoal, fora da maneira de falar da Escritura, que temo que não seja limpa ou que não há de permanecer limpa. Pois é muito perigoso falar dos assuntos divinos de maneira diferente ou com palavras diferentes das que o próprio Deus usa. Em resumo, pode até ser que vivam e ensinem de modo santo entre si; no entanto, por ficarem sem conhecimentos lingüísticos, lhes faltará a mesma coisa que falta a todos os demais: não tratam a Escritura de modo confiável e sólido e não podem ser úteis a outros povos. Visto, porém, que o poderiam fazer, mas apenas não o querem, que vejam como o poderão responsabilizar perante Deus.

É isso que quis dizer a respeito do proveito e da necessidade das línguas e das escolas cristãs para a vida espiritual e a salvação das almas. Agora queremos ocupar-nos com o corpo, como se não existisse alma, nem céu nem inferno, e como se tivéssemos que considerar apenas o regime secular em relação ao mundo[30], e perguntar se este não tem maior necessidade de boas escolas e pessoas instruídas do que o regime espiritual. Pois até agora os sofistas não se importaram com ele em absoluto e orientaram as escolas com tal exclusividade para o estado clerical que inclusive era considerado escândalo quando uma pessoa douta contraía matrimônio. Essa tinha que ouvir: "Olha, este aí se torna secular e não quer ser clerical!", como se seu estado clerical fosse agradável a Deus e o secular (como o denominam), inteiramente do diabo e acristão. Entrementes, porém, eles mesmos se tornam propriedade do diabo, e somente este pobre povaréu ficou no país e no

29 Lutero considera todo o sistema eclesiástico da época, sob o domínio do papa e sob a orientação dos "sofistas", como obra de poderes satânicos. Seu juízo mais contundente neste sentido encontra-se nos Artigos de Esmalcalde (cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4ª ed. 1993, pp. 305ss.).

30 Lutero expôs detalhadamente a distinção dessas duas esferas em seu Tratado sobre a Liberdade Cristã (cf. *Obras Seleccionadas*, v. 2, pp. 435ss.).

verdadeiro estado, e os melhores e superiores foram levados ao diabo para a Babilônia, com tonsuras e capuzes, como aconteceu com Israel no cativeiro babilônico[31].

Neste espaço não há necessidade de dizer que o regime secular é uma instituição divina e um estado divino. Sobre isso disse tanto em outra ocasião[32], que espero que ninguém tenha dúvidas a respeito. Aqui temos que ver como se podem conseguir para ele pessoas qualificadas e aptos. E neste ponto os gentios nos desafiam e envergonham grandemente, em especial os gregos e os romanos. Em tempos passados sequer sabiam se este estado agrada a Deus. Não obstante, mandavam instruir e educar os meninos e as meninas com tanta seriedade e empenho, para que se tornassem aptas para estas funções, que tenho vergonha de nossos cristãos quando penso no assunto, especialmente de nossos alemães. Somos tocos e animais a tal ponto que ousamos dizer: "Para que escolas quando não se quer ser padre?" No entanto, sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, senhor, conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer esta função cristãmente.

Mesmo que (como já disse) não existisse alma e não se precisasse das escolas e línguas por causa da Escritura e de Deus, somente isso já seria motivo suficiente para instituir as melhores escolas tanto para meninos como para meninas em toda parte, visto que também o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e aptos para manter seu estado secular exteriormente, para que então os homens governem o povo e o país, e as mulheres possam governar bem a casa e educar bem os filhos e a criadagem. Ora, tais pessoas devem surgir dentre os meninos, e tais mulheres devem surgir dentre as meninas. Por isso urge que se eduquem meninos e meninas para isso. Já disse acima que o homem simples nada faz neste sentido nem o pode fazer, nem o quer, nem o sabe. São os príncipes e senhores que o deveriam fazer. Esses, porém, estão ocupados com passeios de trenó, bebedeiras e carnaval, seu tempo está tomado com os elevados negócios da adega, da cozinha e da alcova. E ainda que alguns gostassem de o fazer, teriam que temer os demais, para não serem considerados tolos ou hereges. Por isso a responsabilidade fica exclusivamente convosco, caros conselheiros; vós também tendes espaço e autorização para isso, melhor que príncipes e senhores.

Ora, dizes tu, que cada qual ensine e crie suas filhas e seus filhos na disciplina. Resposta: O resultado deste ensino e desta educação está à vista.

31 No ano de 586 a. C. Jerusalém foi destruída e os sacerdotes, funcionários da corte, as elites do povo, foram deportados para a Babilônia. Ficaram na terra somente "os mais pobres" (cf. 2 Rs 25,11s.). Em seu tratado de 1520: Do Cativeiro Babilônico da Igreja (cf. *Obras Selecionadas*, vol 2, pp. 241ss.), Lutero já havia feito essa comparação em detalhes.

32 Especialmente no tratado: Da Autoridade Secular e até que ponto se lhe deve obediência (Cf. *Obras Selecionadas*, vol. 6.)

Quando a disciplina é aplicada com o maior rigor e tem algum resultado, o máximo que se alcança é um comportamento forçado ou de respeito; no mais continuam sendo meras toras, que não têm conhecimento nem nesta nem naquela área, não sabem responder nem ajudar a ninguém. Se, porém, fossem ensinados e educados em escolas ou em outras instituições, onde houvesse mestres e mestras instruídos e disciplinados, que ensinassem línguas e outras disciplinas, e História, aí então conheceriam a história e a sabedoria do mundo inteiro, a história desta cidade, deste império, deste príncipe, deste homem, desta mulher e, desta forma, poderiam ter diante de si, em breve tempo, como um espelho, a natureza, vida, conselho, propósitos, sucessos e fracassos do mundo inteiro. Isso lhes serviria de orientação para seu pensamento e para se posicionarem dentro do curso do mundo com temor de Deus. Além disso a História os tornaria prudentes e sábios, para saberem o que vale a pena perseguir e o que deve ser evitado nesta vida exterior, e para poderem aconselhar e governar a outros de acordo com estas experiências. No entanto, a disciplina que se pratica em casa, fora de tais escolas, quer nos ensinar por experiência própria. Antes que isso aconteça estamos mortos cem vezes e agimos insensatamente a vida inteira, pois a experiência própria exige muito tempo.

Ora, a juventude tem que dançar e pular e está sempre à procura de algo que cause prazer. Nisto não se pode impedi-la e nem seria bom proibir tudo. Por que então não criar para ela escolas deste tipo e oferecer-lhe estas disciplinas? Visto que, pela graça de Deus, está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando. Pois as escolas de hoje já não são mais o inferno e purgatório de nossas escolas, nas quais éramos torturados com declinações e conjugações, e de tantos açoites, tremor, pavor e sofrimento não aprendemos simplesmente nada. Se tomamos tanto tempo para ensinar as crianças jogos de tabuleiros, a cantar e dançar, por que não tomamos o mesmo tempo para lhes ensinar a ler e outras disciplinas, visto que são jovens e têm tempo, são capazes e têm vontade? Falo por mim mesmo: se eu tivesse filhos e tivesse condições, não deveriam aprender apenas as línguas e História, mas também deveriam aprender a cantar e estudar Música com toda a Matemática[33]. Pois, que é tudo isso senão meras brincadeiras de criança nas quais os gregos outrora educaram suas crianças e do que resultaram pessoas excelentes, preparadas para toda sorte de atividades. Como lamento que não li mais poetas e livros de História e que ninguém mos ensinou. Em lugar disso tive que ler a sujeira do diabo, os filósofos e sofistas[34], com o empenho de muito esforço, trabalho e para prejuízo, de modo que tenho muito para varrer.

33 Na estrutura do currículo escolar da Idade Média, a Música estava integrada na Matemática.
34 Vide nota 24.

Agora argumentas: "Quem pode dispensar seus filhos deste modo e transformar a todos em aristocratas? Eles têm que cuidar do serviço em casa", etc. Resposta: Ora, não sou da opinião de que se deva criar escolas iguais às que existiram até agora, onde um menino se ocupava vinte, trinta anos com o Donato e Alexandre[35], sem nada ter aprendido. O mundo hoje é diferente, e as coisas são feitas de outro modo. Minha idéia é a seguinte: Os meninos devem ser enviados a estas escolas diariamente por uma ou duas horas e, não obstante, fazer o serviço em casa, aprender um ofício ou para o que sejam encaminhados, para que as duas coisas andem juntas enquanto são jovens e podem dedicar-se a isso. Do contrário, gastam dez vezes mais tempo com jogos de bolinhas, jogar bola, corridas e lutas.

Também uma menina pode dispender diariamente uma hora para ir à escola e, ao mesmo tempo, cumprir perfeitamente suas tarefas domésticas. Porque seguramente gasta mais tempo com dormir, dançar e jogar. O único problema é a falta de vontade e seriedade para educar a juventude e ajudar e socorrer o mundo com pessoas qualificadas. O diabo prefere grandes bobalhões e gente inútil, para que as pessoas não vão bem demais na terra.

Os destaques dentre eles, porém, dos quais se esperaria poderem tornar-se pessoas qualificadas para o cargo de professores e professoras, pregadores e outros cargos clericais, a esses têm que se proporcionar um estudo mais prolongado e intensivo ou, até, destiná-los exclusivamente ao estudo, como o lemos a respeito dos santos mártires que educaram Sta. Inês e Sta. Ágata e Lúcia[36]; a partir desta idéia surgiram os conventos e fundações que, no entanto, agora se dedicam a uma tarefa diferente, diabólica. E isso será muito necessário, pois o número de monges diminuiu. Além disso, na maioria dos casos, são incapazes para instruir e orientar; pois nada sabem fazer do que cuidar da barriga; é a única coisa que aprenderam. Nós, ao contrário, precisamos de gente de verdade, que nos ofereçam a palavra de Deus e o Sacramento e que sejam curas d'alma entre o povo. No entanto, de onde os queremos tirar se negligenciamos as escolas e não criamos outras, cristãs?

35 Referência a dois livros didáticos em voga na época: a *Ars grammatica* de Donato, um lingüista romano do séc. IV, continuou sendo a autoridade para o estudo do latim até a Idade Média; o *Doctrinale puerorum*, os poemas didáticos de Alexandre, um franciscano da Normandia, do séc. XIII, era usado como livro-texto para o estudo da gramática. — A objeção explica-se: as escolas monásticas funcionavam em regime de internato. Os alunos eram integrados totalmente na comunidade monástica. A função precípua dessas escolas era a de formar padres. No entanto, a nobreza também enviava seus filhos para essas escolas a fim de proporcionar-lhes uma boa formação.

36 *Sta. Inês, Sta. Ágata e Sta. Lúcia*, três jovens mártires da Igreja antiga (séc. III/IV). Também em outros contextos Lutero cita essas três mulheres como exemplos de pessoas bem instruídas, chegando a chamá-las de "teólogas", sendo ainda muito jovens (cf. *Obras Selecionadas*, v. 3, p. 189).

Pois as escolas mantidas até agora, mesmo que não desaparecessem, nada mais podem produzir do que somente sedutores perdidos e perigosos.

Por isso é urgente, não apenas por causa dos jovens, mas também para a preservação de nossos estados clericais e seculares, que se faça algo sério e a tempo neste sentido. Do contrário, depois, se o deixarmos de fazer agora, não o poderemos fazer mais, embora o quiséssemos fazer, e vamos nos torturar eternamente com arrependimento em nosso prejuízo. Pois Deus se oferece ricamente e nos estende a mão, pondo à disposição tudo de que necessitamos. Se o desprezarmos, já temos nossa sentença a exemplo do povo de Israel, a respeito do qual Isaías diz: "Estendi minha mão o dia inteiro a este povo descrente, que me resiste" [Is 65.2]. Assim também se lê em Pv 1.24ss.: "Ofereci minha mão, e ninguém o quis ver; desprezastes todo o meu conselho. Pois bem, também eu me rirei de vós quando perecerdes, e zombarei de vós quando vossa desgraça vos sobrevier, etc." Disso nos queremos precaver. Tomai por exemplo o grande esforço desempenhado por Salomão neste sentido! Como se preocupou com a juventude escrevendo, inclusive, apesar de seus muitos negócios como rei, um livro para os jovens chamado "Livro dos Provérbios"[37]! E vede como o próprio Cristo atrai a si as crianças[38] e com quanto rigor no-las recomenda[39], para nos mostrar que grande serviço é educar bem a juventude e, por outro lado, como é grande sua ira quando se lhe provoca escândalo e a deixa perecer.

Por isso, caros senhores, dedicai-vos à tarefa que Deus exige de vós tão insistentemente, que é do vosso dever, que é tão necessária para a juventude e da qual nem o mundo nem o espírito podem prescindir. Infelizmente apodrecemos e nos deterioramos por tempo suficiente na escuridão. Por demasiado tempo fomos alemães bestas. Usemos também a razão, para que Deus se aperceba da gratidão por seus bens, e outros países vejam que também somos gente e pessoas que podem aprender deles ou ensinar-lhes algo útil, a fim de que também nós contribuamos para o melhoramento do mundo. Eu fiz minha parte. Em todos os casos, quero ter aconselhado e ajudado à Alemanha neste sentido, ainda que alguns me desprezem por causa disso e não dêem atenção a esse conselho sincero e queiram saber tudo melhor. Não posso impedi-lo. Sei perfeitamente que outros o poderiam ter feito melhor; visto, porém, que silenciam, eu o faço da melhor maneira possível. Em todo caso é melhor falar do assunto, por mais desajeitado que seja, do que silenciar de todo a respeito. E tenho a confiança de que Deus há de despertar alguns de vós, para que meu conselho sincero não caia nas

37 Cf. 1 Rs 4.32s.
38 Cf. Mt 19.13ss.
39 Cf. Mt 18.10.

cinzas, e que não olharão para a pessoa que o está dizendo, mas se ocuparão com a causa em si e por ela se deixarão comover.

Por último, recomenda-se a todos aqueles que se interessam pela criação e manutenção de tais escolas e do estudo das línguas na Alemanha, que não se poupem esforços nem dinheiro para a instalação de livrarias ou bibliotecas, especialmente nas grandes cidades que tenham condições para tanto. Pois se quisermos preservar o Evangelho e todas as artes, há que registrá-lo por escrito em livros e ali deve ser fixado (como o fizeram os próprios profetas e apóstolos, como dito acima). E isso não somente para que os príncipes espirituais e seculares tivessem literatura para ler e estudar, mas também para que os livros bons sejam preservados e não se percam juntamente com as artes e línguas que agora temos pela graça de Deus. Também São Paulo se aplicou muito a isso, ordenando a Timóteo que se dedicasse à leitura e que trouxesse o pergaminho deixado em Trôade[40].

Sim, a isso se dedicaram todos os reinos que se destacaram, antes de todos o povo de Israel, no qual Moisés foi o pioneiro nesta obra, ordenando que o livro da lei fosse guardado na arca e colocando-o sob a guarda dos levitas[41], para que dele pudesse fazer cópias quem tivesse necessidade. Ordenou também ao rei que pedisse uma cópia dos levitas. Aí se vê que, entre outras tarefas, Deus instituiu o sacerdócio levítico também para guardar os livros e para serem responsáveis por eles. Depois Josué, Samuel, Davi, Salomão, Isaías e outros ampliaram e melhoraram esta biblioteca, bem como muitos outros reis e profetas. A partir daí surgiu a Sagrada Escritura do Antigo Testamento, que jamais poderia ter sido compilada ou preservada se Deus não tivesse ordenado que se dedicasse a isso tanta atenção.

Seguindo esse exemplo, também as fundações e conventos instituíram outrora bibliotecas, embora com poucos livros bons. Somente mais tarde se percebeu o prejuízo causado pelo fato de não se ter insistido em escrever bons livros e criar boas bibliotecas na época em que existiam livros e pessoas suficientes para isso; com o tempo, infelizmente, todas as artes e línguas caíram no esquecimento. Em lugar de livros decentes, foram introduzidos pelo diabo os tolos, inúteis e prejudiciais livros dos monges: *Catholicon, Florista, Graecista, Labirynthus, Dormi secure*[42] e semelhante esterco de

40 Cf. 1 Tm 4.13; 2 Tm 4.13.

41 Cf. Dt 17.18.

42 Trata-se de livros didáticos em uso na época. *Catholicon*, um dicionário latino, editado em 1286 pelo monje predicante João Januanense; *Flores Grammaticae*, um poema latino sobre a sintaxe, editado em 1317 pelo canônico Ludolfo v. Luchow; sua obra lhe deu o cognome de Florista; *Grecista*, cognome dado ao autor de uma coletânea léxico-gramatical em versos intitulada *Graecismus*; *Labyrinthus* é uma poesia *de miseriis rectorum scholarum* — "sobre os infortúnios dos mestres-escolas" — escrito por volta de 1220; *Dormi secure* é o título de uma coleção de sermões sobre as perícopes do ano eclesiástico e os dias dedicados aos santos (meados do séc. XV).

mula, de modo que com isso a língua latina desapareceu, não restando, em parte alguma, uma escola ou ensino decente nem qualquer método apropriado para o estudo. No entanto, como vimos, as línguas e as artes foram recuperadas do pó e das brocas, a muito custo e trabalho, de forma incompleta, a partir de alguns fragmentos e partes de livros antigos, busca e trabalho que ainda continuam diariamente. É como procurar tesouros e preciosidades numa cidade destruída.

Foi isso que merecemos e desta forma Deus retribuiu nossa ingratidão. Quando o tempo era oportuno e nós o poderíamos ter feito, não demos atenção a seu benefício e não criamos reservas, para que pudéssemos ter ficado com bons livros e pessoas instruídas; deixamos as coisas correr, como se não nos dissessem respeito. Por isso nos retribui, e em lugar da Sagrada Escritura e bons livros nos mandou o Aristóteles[43] com inúmeros livros nocivos que a cada passo nos levaram mais longe da Bíblia. Além disso recebemos e tomamos sobre nossas costas as máscaras do diabo, os monges, e o fantasma das universidades que erguemos a custo de esforços desumanos, e muitos doutores, pregadores, mestres, padres e monges, ou seja, grandes, grosseiros e gordos burros, ornados de barretes vermelhos e marrons, como o porco com uma corrente de ouro e pérolas, que não nos ensinaram nada de bom; pelo contrário, nos cegaram e confundiram cada vez mais e, em recompensa, devoraram todos os nossos bens e encheram todos os conventos, sim, todos os cantos somente com a sujeira e esterco de seus livros sujos e venenosos. É um horror só pensar nisso.

Não foi uma tristeza lamentável que até agora um menino tivesse que estudar vinte anos ou mais somente para aprender um mau latim, suficiente apenas para tornar-se padre e ler a missa? E os que chegaram a este ponto, consideraram-se felizes. Bem-aventurada a mãe que gerou um filho destes. Não obstante, permaneceu uma pessoa pobre e inculta a vida inteira, incapaz de chocar nem de pôr ovos. Durante todo este tempo tivemos que nos satisfazer com professores e mestres deste tipo: eles próprios nada sabiam e não eram capazes de ensinar nada de bom e decente, e também não conheciam os métodos como aprender e ensinar. De quem é a culpa? Não existiam outros livros além desses livros loucos dos monges e sofistas. Que era de se esperar a não ser alunos e mestres tolos como os livros que ensinavam? Uma gralha não produz uma pomba, e um tolo não produz um sábio. Esta é a recompensa da ingratidão, por não se ter dedicado esforço à criação de bibliotecas, mas porque se deixaram perder os bons livros e se preservaram os inúteis.

43 *Aristóteles* (383-322 a. C.), filósofo grego da Antigüidade, cuja filosofia foi amplamente usada pelos teólogos escolásticos da Idade Média, chegando a ser a filosofia normativa da teologia, especialmente desde Tomás de Aquino (1225-1274).

IELBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

Meu conselho, porém, não é que se ajunte toda sorte de livros indiscriminadamente e que se pense somente na quantidade de livros. Eu iria fazer uma seleção, pois não é necessário colecionar todos os comentários dos juristas, todas as sentenças dos teólogos, todas as questões dos filósofos e todos os sermões dos monges. Eu inclusive iria lançar fora toda esta porcaria, e proveria minha biblioteca de livros decentes e iria consultar a respeito pessoas especializadas. Em primeiro lugar deveria figurar a Sagrada Escritura em latim, grego, hebraico e alemão ou em outras línguas mais. Depois os melhores intérpretes e os mais antigos, ambos em grego, hebraico e latim, onde quer que os pudesse encontrar. Depois livros úteis para aprender as línguas, como por exemplo os poetas e oradores, sem perguntar se são gentios ou cristãos, gregos ou latinos. Pois é deles que se deve aprender a Gramática. Depois deveriam vir os livros sobre as artes liberais[44] e outras disciplinas. Por último também livros jurídicos e de Medicina, embora também aqui se faça necessária uma boa seleção entre os comentários.

Entre os mais importantes, porém, deveriam constar as crônicas e compêndios de História, em qualquer língua que seja. Pois estes são maravilhosamente úteis para entender o curso do mundo e para governá-lo, mas também para enxergar os milagres e obras de Deus. Quantas histórias e textos maravilhosos poderíamos ter agora sobre acontecimentos que ocorreram ou ocorrem na Alemanha, dos quais agora não possuímos nenhum. Isso porque não havia ninguém para os registrar e, mesmo que tivessem sido registrados, ninguém os teria preservado. Por essa mesma razão nada se sabe a respeito de nós alemães em outros países, e somos considerados em todo o mundo as bestas alemãs, que só sabem fazer guerra, comer e beber. Os gregos e latinos, porém, sim, inclusive os hebreus, descreveram sua História tão exata e cuidadosamente que, mesmo quando uma mulher ou uma criança tinha feito algo de extraordinário, todo o mundo tinha que ler e sabê-lo. Enquanto isso, nós alemães continuamos sendo alemães e como tais queremos permanecer.

Visto, porém, que agora Deus nos proveu com uma riqueza de artes, pessoas doutas e livros, está na hora de ceifar e de recolher o melhor que pudermos, e de ajuntar tesouros, para preservarmos algo para o futuro destes anos dourados e que não ponhamos esta rica colheita a perder. Pois é de se temer, e já está começando agora, que se escrevam sempre outros e novos livros, que por fim vá acontecer que, por obra do diabo, os livros editados agora sejam reprimidos novamente e se propaguem de novo os depravados e infames livros sobre coisas inúteis e loucas e encham todos os cantos. Pois, sem dúvida, o diabo quer que nos debatamos e torturemos novamente apenas

44 Cf. nota 11.

com *o Catholicon*, o Florista, os modernistas[45] e com o esterco maldito dos monges e sofistas, como antes, aprendendo sempre sem nunca aprender.

Por isso vos rogo, caros senhores, que permitais que esta minha lealdade e dedicação frutifiquem entre vós. E ainda que houvesse alguns que não me considerem digno para aceitarem meu conselho ou me desprezem como condenado pelos tiranos, estes queiram considerar que minha intenção não vai nesse sentido, mas que procuro apenas a felicidade e salvação de toda a nação alemã. E ainda que eu fosse um tolo, mas que, de vez em quando tem uma boa idéia, não deveria ser considerado vergonha por parte de nenhum sábio seguir-me. E ainda que eu fosse um turco ou gentio, vendo, porém, que isso não pode resultar em meu proveito, mas no dos cristãos, não deveriam, com razão, desprezar meu serviço. Já houve casos em que um tolo deu conselhos melhores do que todo o conselho dos sábios. Moisés teve que aceitar os conselhos de Jetro[46]. Com isso recomendo a todos à graça de Deus; ele queira comover e inflamar vossos corações, a fim de que se dediquem com seriedade à pobre juventude abandonada e a aconselhem e ajudem, com o auxílio de Deus, para um regime abençoado e cristão da Alemanha em corpo e alma, em toda a abundância, para louvor e honra de Deus Pai, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador. Amém.

45 Quanto ao *Catholicon* e *Florista*, cf. nota 42. Os "modernistas" devem ser os "modernos", ou seja, os "nominalistas", corrente filosófica iniciada pelo franciscano inglês Guilherme de Occam (1285-1349).

46 Cf. Êx 18,17ss.

Uma Prédica
Para que se Mandem os Filhos à Escola[1]
1530

INTRODUÇÃO

A exortação aos pais para que mandassem os filhos à escola foi redigida na fortaleza de Coburgo em junho/julho e publicada em Wittenberg por Nickel Schirlentz em agosto de 1530.

Lutero proscrito, não acompanhou a comitiva do Eleitor da Saxônia à dieta de Augsburgo. Permaneceu — um tanto constrangido, é verdade — na fortaleza de Coburgo, no extremo sul dos territórios do Eleitor. Refugiado neste local seguro e relativamente próximo, assessorava o Eleitor, por carta, durante as deliberações da assembléia imperial.

Aliviado da rotina, sem distrações nem companheiros (apenas Veit Dietrich, seu secretário, estava com ele), aproveitou para realizar projetos literários que trazia no peito.

Em abril de 1529, ao redigir um prefácio à obra de Justo Mênio, *Oeconomia Christiana*, ele havia prometido lançar livro próprio para expor amplamente aos pais o dever de bem educarem os filhos, atendendo à responsabilidade sagrada de proverem a Igreja e o Estado de líderes e servidores. Realizou esse propósito ao publicar a presente exortação para que se mandem os filhos à escola.

Esta exortação ou discurso hortatório está organizada de acordo com os padrões que caracterizam esse gênero literário na retórica tradicional. É o que se pode observar no esboço veiculado no prefácio à obra de Justo Mênio, e em rascunho recolhido por Veit Dietrich e reproduzido na edição de Weimar das obras de Lutero. O autor expõe tanto o prejuízo como os benefícios que resultam, para a Igreja e para o Estado, de se negligenciar e de se promover a educação humana e cristã dos filhos.

Esta obra também está traduzida para diversas línguas modernas, inclusive, espanhol e inglês. A presente tradução reproduz em português o texto original, conforme acolhido na edição crítica de Weimar das obras de Lutero.

Nestor L. J. Beck

0

1 *Eine Predigt, dass man Kinder zur Schule halten solle.* — WA 30/II,517-588. Traduzido do original alemão por *Ilson Kayser.*

Ao honrado e prudente Lázaro Spengler[2], síndico da cidade de Nürnberg, meu especial amado senhor e amigo.

Graça e paz em Cristo, nosso amado Senhor e fiel Salvador. Amém.

Honrado, prudente e amado senhor e amigo. Escrevi uma prédica para os pregadores de toda parte, para que conclamem as pessoas a enviarem seus filhos à escola. O texto se avolumou em minhas mãos e quase deu um livro, embora tivesse que conter-me à força para não me prolongar demais; tão rico e vasto é esse tema. É meu desejo que traga bons resultados. Dediquei-o a V. S[a] com a única intenção de lhe dar tanto mais autoridade para que, se ele o merece, seja lido também entre vós por vossos cidadãos. Pois, embora pudesse pressupor que vossos pregadores se dedicam com suficiente empenho a essa tarefa e que (como pessoas altamente agraciadas por Deus) conhecem o assunto e o promovem de tal maneira que não necessitam de minha exortação e ensinamentos (graças a Deus), não é demais que muitos juntem suas vozes e se oponham ao diabo com tanto maior energia.

Numa cidade tão grande e populosa certamente não há de faltar que o diabo pratique suas artes e tente alguns para que desprezem a palavra de Deus e as escolas. Especialmente porque há muitos motivos para desviar as crianças da escola e servirem ao dinheiro (a saber, o comércio). Sem dúvida, sua estratégia é a seguinte: se conseguisse fazer com que em Nürnberg a Palavra e a escola caíssem no desprezo, já teria conseguido boa parte de seu propósito, porque assim teria estabelecido um exemplo de enorme repercussão em toda a Alemanha, o que seria, sem dúvida, um duro golpe contra todas as escolas em outras cidades. Pois Nürnberg brilha em toda a Alemanha como um sol entre a lua e as estrelas. O que acontece lá influi poderosamente em outras cidades.

No entanto, louvor e graças a Deus que se antecipou em muito às pretensões do diabo e inspirou um honrado e prudente conselho para instituir e instalar uma escola tão excelente e maravilhosa, com grandes gastos e expensas[3], escolhendo e contratando para tanto as pessoas mais qualificadas[4];

2 Secretário do Conselho da cidade de Nürnberg.

3 Por iniciativa e sob a orientação de Filipe Melanchthon, o Conselho de Nürnberg havia fundado recentemente o Ginásio de Egídio ao lado das três escolas de latim já existentes. O próprio Melanchthon inaugurou a nova escola em 1526.

4 Para lecionar grego havia sido contratado *Joaquim Camerário* (1500-1574), filólogo, discípulo de Melanchthon; foi catedrático em Tübingen e Leipzig; para o latim, *Miguel Röting*; para o hebraico, *Böschenstein*; para a poética, *Eobano Hess* (1488-1540), renomado poeta neolatino, com grau de *Magister* em Erfurt, onde também foi titular da cadeira de latim. Mais tarde estudou Medicina, e de 1526 a 1533 foi professor de Poética no referido Ginásio de Egídio de Nürnberg; para a Matemática havia sido contratado *Schoner.*

(sem exagero), jamais uma universidade esteve tão bem provida de docentes, nem mesmo a de Paris, como o podem atestar os que comigo freqüentaram universidades. Conheço a sabedoria deles e também a aprendi, e, infelizmente, ainda a domino bem demais. Ela será um maravilhoso e excelente sucesso e uma virtude dessa cidade tão famosa, e igual honra também para esse sábio conselho tão renomado. Pois com este gesto beneficiaram a seus súditos generosamente, em espírito cristão, e com toda a fidelidade contribuíram para a salvação eterna e para benefício e honra terrena. Sem dúvida, Deus fortalecerá essa obra com ricas bênçãos e graça em medida crescente a cada dia que passa, ainda que o diabo lhe resista por algum tempo. Pois não pode ver com agrado que se tenha construído um tabernáculo tão maravilhoso para nosso Senhor nesse sol. Juntará nuvens, neblina e pó e impedirá de todas as maneiras que esse resplendor não brilhe muito longe e se empenhará para que se apague. Poderia proceder de outra forma?

Em conseqüência também espero que os cidadãos reconheçam a dedicação e o amor de seus senhores e que fortaleçam essa obra enviando seus filhos à escola, ao observarem que, sem ônus para eles próprios, tudo foi providenciado em abundância e com dedicação para seus filhos, estando a sua disposição. Isso será conseguido sobretudo se os pregadores se empenharem nesse sentido. Se não o fizerem, o homem simples será tentado e aturdido com pensamentos por Satanás e desistirá facilmente; ocupado com outros afazeres, não consegue refletir sobre a importância desse assunto, sobre o proveito ou o prejuízo, como o pode fazer um pregador. Por isso também se deve ter paciência com eles, desde que não sejam obstinados ou maldosos. Conheço Nürnberg o suficiente para saber que, graças a Deus, ali existem muitos excelentes cristãos, que fazem de coração o que lhes compete, seja que o saibam por si mesmos ou seja que alguém lho diga. Essa fama eles não gozam somente junto a mim, mas em toda parte.

Aí não há o que temer, a não ser que algum idólatra ou escravo de ídolos (refiro-me ao dinheiro) tire seu filho da escola alegando: "Se meu filho sabe calcular e ler, é o que basta. Agora existem livros em alemão, etc." Com isso dá um mau exemplo a outros cidadãos honrados, que lhe seguem o exemplo sem pensarem no prejuízo, convencidos de que estão agindo corretamente e que é assim que deve ser. Os pregadores podem perfeitamente remediar essa falha. Pois uma comunidade e, em especial uma cidade como esta, precisa ainda de outras pessoas além de comerciantes, pessoas que saibam mais do que calcular e ler livros em alemão. Os livros alemães foram feitos precipuamente para o homem simples ler em casa. No entanto, para pregar, governar e administrar a justiça, tanto no estado clerical ou secular, não bastam sequer todas as ciências e línguas do mundo, muito menos exclusivamente a língua alemã, sobretudo nos tempos modernos, quando é preciso falar com mais pessoas do que com o vizinho João. Esses idólatras,

porém, não pensam no governo, nem percebem que, se não existisse a pregação e o governo, não poderiam servir a seu ídolo por uma hora sequer.

Naturalmente creio que entre tanta gente exista um ou outro idólatra, aos quais não importa que a gloriosa cidade de Nürnberg seja cumulada de honra ou de vergonha, desde que tenham seu dinheiro. Neste caso, porém, ninguém deveria preocupar-se com semelhante idólatra daninho e se deveria deixá-lo em paz com seu mau exemplo. Ao contrário, se deveria arrazoar: como é grande a fama da cidade porque um conselho honrado se dedica com tanta fidelidade e honestidade à escola, assim seria grande, por sua vez, a vergonha se os cidadãos desprezassem essa fidelidade e benefício de seus senhores, tornando-se cúmplices do mau exemplo e do escândalo que se teria dado a todas as demais cidades, que depois poderiam dizer: "É isso que se faz em Nürnberg, onde também existe gente. Por que nós o haveríamos de fazer melhor?"

Se tu, idólatra, não queres preocupar-te com o que é divino e honroso e somente correr atrás de teu ídolo, não obstante Deus encontrará pessoas que se preocupam. Graças a Deus, tenho notícias de muitas cidades em que o conselho não se preocupava com a Palavra e com as escolas; no entanto, houve muitos cidadãos íntegros que com insistência diária obrigaram o conselho a instalar escolas e paróquias. Se Deus quiser, de Nürnberg não sairá a vergonhosa notícia de que, a seu exemplo, os cidadãos desprezam a escola instituída e mantida por um conselho honroso com tanta fidelidade e custos, enquanto em cidades menores os cidadãos o conseguem, apesar da indiferença do conselho.

Mas aonde vai me levar essa minha conversa, amado senhor e amigo? Tenho por mim que esse assunto exige muita troca de idéias a respeito. Neste caso, porém, pretendo ter conversado, sob o nome de V. Sª, com todos os cidadãos de vossa cidade. Peço que não mo tomeis por mal e que, como o tendes feito até agora, continueis ajudando a promover e a levar adiante essa causa. Pois tenho as melhores intenções, Deus o sabe. Cristo nosso SENHOR vos fortaleça e preserve até aquele dia em que, se Deus quiser, nos tornaremos a ver alegres em outra figura. Pois aquele que vos proporcionou tanto ensejo de trabalhar em sua obra e palavra, como aconteceu até agora, também continuará ajudando e levará tudo a seu fim. A ele louvor e gratidão em eternidade. AMÉM.

Vosso servidor Martinho Lutero.

Nosso amado Senhor Jesus Cristo diz em Mt 18 [sc. 19.14]: "Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais, porque a elas pertence o reino dos céus, etc.". Isso seria sermão suficiente como prefácio para um livrinho sobre a escola, se houvesse olhos e ouvidos capazes e dispostos a enxergar e ouvir. Pois aqui ouvimos claramente que as crianças que se levam a Cristo ou se

deixam chegar a ele são filhos e herdeiros no reino dos céus, isso é, juízes e senhores sobre o mundo e seu deus, o diabo, e todo seu poder. Como não se deveria considerar bem-aventurada uma pobre pessoa quando é considerada digna por Deus de propiciar a ajudar a uma criança a chegar a Cristo. Deveria saber o quanto é excelente, preciosa e cristã a boa obra que está fazendo.

Um coisa é certa: quando se ajuda, estimula e encoraja crianças a irem à escola e ainda quando se contribui para tanto com dinheiro e conselho para que isso se torne possível, a isso se chama, sem dúvida, ter levado e encaminhado os filhos a Cristo. Não estou me referindo a escolas de meretrício e casas de tolerância, mas a escolas nas quais se educam jovens nas ciências, na disciplina e no verdadeiro culto a Deus, onde aprendem a conhecer a Deus e sua palavra, para depois se tornarem pessoas capazes de governar igrejas, países, pessoas, casas, filhos e criadagem. Pois não se mandam filhos à escola para aprenderem coisas dissolutas, levianas, imprestáveis e inúteis, mas para que sejam iniciados em exercícios honrados, sérios, úteis, disciplinados e cristãos. Que isso acontece pode-se observar, entre outras coisas (como se a gente não soubesse que isso é assim em si), no fato de o diabo e o mundo desprezarem, contestarem, trancarem e atrapalharem essa obra onde puderem, de modo que se torne palpável que esta é uma obra de Deus, à qual o diabo e o mundo se opõem e resistem tão violentamente. Além disso, a juventude ainda está aprofundada na carne, incapaz para o estudo, e se deixa desviar facilmente dele. Também acontece que alguns se desencaminham e depois causam prejuízo. Isso, porém, não deve afugentar a ninguém da escola. Todas as criaturas de Deus estão sujeitas ao abuso sem exceção, como diz S. Paulo em Rm 8.20. Não se deve desprezar a boa criatura de Deus por causa do abuso. Do contrário, se deveria desprezar todos os anjos, porque deles procederam os diabos. Também se deveria desprezar todos os reis, príncipes, senhores e autoridades, porque dentre eles surgiram tiranos, assassinos, incendiários e os piores patifes. Nenhum apóstolo seria digno de respeito, porque dentre eles surgiu Judas, o traidor; nenhuma virgem nem mulher honesta seria honrada, porque todas as meretrizes procedem de virgens, e todos os fornicadores, de pessoas honradas. Por fim permanece e vence a boa criatura de Deus, e o abuso será destruído e perecerá.

Já se escreveu muito sobre escolas e educação dos filhos, até demais; no entanto, na prática pouco se fez e poucos tomaram a questão a peito. Os que, porém, se empenharam ou ainda se empenharão, Deus lho recompensará ricamente. Os outros também receberão a recompensa juntamente com os papistas, que acham que prestam um serviço a Deus quando destroem igrejas e escolas, deixam perecer jovens e velhos sem a palavra de Deus, sem disciplina e sem auxílio. Entrementes querem devorar o turco e exterminar os hereges, enquanto eles próprios há muito estão devorados e exterminados pelo diabo. Além disso conquistam, desse modo, graça e ajuda, espaço e

força perante Deus para os turcos e hereges, de maneira que Deus tem que considerar o turco piedoso, os hereges santos e o diabo justo em comparação a eles, e não seria de admirar se tivéssemos que passar por coisas piores por causa dessa gente desesperadamente malvada do que as que nos poderiam infligir os turcos e o diabo.

Nós cristãos, porém, queremos agir como se fôssemos Ló em Sodoma e Daniel na Babilônia, ajudando sempre que pudermos, nós que sabemos que não trabalhamos em vão[5], mas que servimos ao SENHOR e Deus fiel, rico e amaroso, seja com o agir, seja com sofrimentos. Ele, que se compraz imensamente em nós, não nos há de esquecer e, no devido tempo, revelará o gozo e a alegria de nosso coração no diabo e seu séquito, quando ele vier (Deus queira que seja em breve) para julgar os vivos e os mortos.

A ele louvor e honra em eternidade. AMÉM.

Uma prédica de Martinho Lutero para que se mandem os filhos à escola.

A todos os meus prezados senhores e amigos,
pastores e pregadores que seguem fielmente a Cristo,
Martinho Lutero.

Graça e paz em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Meus muito amados senhores e amigos. Vedes com vossos próprios olhos como o asqueiroso Satã nos ataca agora de todos os lados com violência e com astúcia, e nos aflige com toda sorte de pragas, para destruir o santo Evangelho e o reino de Deus. Ou então, não podendo destruí-los, pelo menos procura pôr obstáculos e atrapalhar por todos os meios para que não progrida ou alcance o predomínio. Entre suas artimanhas uma das mais importantes (se é que não é a mais importante) consiste em aturdir e enganar as pessoas simples de tal maneira que não queiram mandar seus filhos à escola nem encaminhá-los para o estudo. Ele lhes insufla os seguintes pensamentos perniciosos: como já não existe mais a perspectiva da monjaria masculina ou feminina e do clericato, como vinha acontecendo até agora, não há mais necessidade de pessoas instruídas nem de muito estudo; o que interessa é tratar de conseguir alimento e riquezas.

Isso me parece uma verdadeira obra de mestre da arte diabólica. Ao ver que hoje já não pode fazer e agir como quer, procura impor sua vontade a

5 Cf. 1 Co 15.58.

nossos descendentes, preparando-os diante de nossos olhos de maneira que nada aprendam e nada saibam, a fim de que, quando estivermos mortos, tenha à disposição um povo despreparado, despojado e indefeso, com o qual possa fazer o que quer. Pois se desaparecerem a Escritura e as ciências, nada mais restará na Alemanha do que uma rude e selvagem horda de tártaros e turcos, e, quem sabe, uma pocilga e uma súcia de animais selvagens. Por enquanto, porém, lhes esconde sua intenção, cegando-os com maestria, a fim de que, quando as coisas chegarem a esse ponto e eles o enxergarem com seus próprios olhos, possa rir-se de todo o lamento e choro daqueles que, ainda que quisessem, não mais podem remediar a situação, e tenham que confessar: tarde demais. Daí então estariam dispostos a dar cem florins por um erudito medíocre, enquanto agora não teriam dado sequer dez por dois eruditos completos.

É o que mereceriam, porque agora não querem manter nem sustentar mestres e professores íntegros, honestos e disciplinados, postos à disposição por Deus, que poderiam educar seus filhos para o temor de Deus, na disciplina, ciência, ensino e honra, com muito trabalho, dedicação e esforço, e além disso com pouco gasto e dinheiro. Em troca, recebem mestres de aluguel e professores auxiliares, grosseiros, asnos e lorpas, como os tiveram anteriormente, os quais somente ensinaram a seus filhos como ser burro, apesar dos altos custos. Em contrapartida, violentam suas mulheres, filhas e empregadas, pretendendo ser senhores da casa e dos bens, como vinha acontecendo até agora. Esta deve ser a recompensa para sua grande e escandalosa ingratidão, para a qual o diabo os induz com tanto ardil.

Visto que, como curas das almas, devemos ser vigilantes contra esse e outros ardis maliciosos, por força de nosso ministério, certamente não podemos cochilar neste ponto de tamanha importância; devemos, muito antes, estimular, advertir, encorajar, instigar com toda a força, empenho e cuidado, para que o homem simples não se deixe enganar e seduzir tão miseravelmente pelo diabo. Por isso cada qual deve ficar atento e desempenhar seu ministério, para que não cochile nesta matéria, permitindo que o diabo seja Deus e senhor. Pois se silenciarmos e dormirmos nesse ponto, deixando a juventude no abandono e permitindo que nossos descendentes se tornem tártaros e animais selvagens, então será por culpa de nosso silêncio e ronco, e teremos que prestar contas rigorosas sobre isso.

Sei perfeitamente que muitos dentre vós levam esse assunto adiante também sem minha exortação, melhor do que o poderia fazer e aconselhar. Além disso publiquei anteriormente um livrinho especial sobre essa matéria, dirigido aos conselheiros nas cidades[6]. No entanto, caso alguém tivesse

6 Cf. acima o texto: *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, etc.*

esquecido o assunto ou quisesse seguir meu exemplo com mais afinco, enviei-vos este sermão, pronunciado mais do que uma vez cá entre os nossos, para que percebais com quanta fidelidade estou colaborando convosco e que sempre estamos cumprindo nossa parte, de modo que perante Deus estamos desculpados no que se refere a nosso ministério. Sem dúvida, o assunto agora depende de nós, porque vemos que também os chamados clérigos procedem nessa matéria como se quisessem ver a ruína de todas as escolas, da disciplina e do ensino, e inclusive estão dispostos a colaborar para seu destroçamento, porque já não têm a mesma liberdade arbitrária como até agora. É o diabo que efetua isso através deles. Que Deus nos ajude. AMÉM.

Sermão ou prédica para que se mandem os filhos à escola.

Prezados amigos. Vejo que as pessoas simples estão alheias à manutenção das escolas e que mantêm seus filhos totalmente afastados do estudo, dedicando-se exclusivamente à alimentação e ao cuidado com o estômago. Ademais, não querem ou não podem avaliar que coisa horrível e acristã estão cometendo com isso e que grande prejuízo assassino provocam no mundo inteiro a favor do diabo. Por isso me propus a dirigir-vos a presente admoestação, para o caso em que ainda existam algumas pessoas que ainda crêem que existe um Deus no céu e um inferno para os descrentes (pois quase todo o mundo está se comportando como se não existisse Deus no céu nem diabo no inferno) e tomam a sério a presente admoestação. Portanto, quero relatar o que há de útil e prejudicial nessa matéria.

Em primeiro lugar, queremos analisar o proveito e o dano espiritual ou eterno, depois o temporal ou secular. Espero que os crentes e os que querem ser cristãos saibam perfeitamente que o estado espiritual foi instituído e fundado por Deus, não com ouro ou prata[7], mas com o precioso sangue e com a amarga morte de seu único Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Com efeito, de suas chagas fluem (como antigamente se desenhava nas cartas) os sacramentos[8]. De fato pagou um preço alto para que em todo o mundo se

7 1 Pe 1.18s.

8 Já no comentário ao Evangelho segundo João, *Tractatus 120 in Joh.* de Agostinho, se encontra a observação: *Vigilanti verbo Euangelista usus est, ut non diceret: Latus eius percussit aut vulneravit, sed operuit, ut illic quodammodo vitae ostium panderetur, unde sacramenta Ecclesiae manaverunt.* - "Atentando para a palavra que o evangelista usa, ele não diz: golpeou ou feriu seu lado, mas diz abriu, para que dali se abrisse como que a porta da vida, de onde emanaram os sacramentos da Igreja" água = Batismo, sangue = Santa Ceia. No séc. XV a difundida ilustração da Missa de São Gregório representa a Cristo sobre o altar e de suas chagas jorra o sangue para dentro do cálice. Lutero deve ter conhecido esses quadros e também a referência de Agostinho.

ULBRA - Canoas
Biblioteca Martin Luther

tivesse o ministério de pregar, batizar, absolver, ligar, administrar o Sacramento, consolar, admoestar com a palavra de Deus e tudo mais que é necessário para o ministério pastoral. Pois também esse ministério não apenas promove e ajuda a preservar a vida terrena e todos os estados seculares, mas também dá a vida eterna e redime da morte e do pecado, o que, aliás, é seu ofício próprio e precípuo. O mundo ainda subsiste e permanece somente por causa desse estado, do contrário já teria perecido há muito.

Não me refiro ao atual estado clerical em conventos e fundações, com seu celibato, pois esse há muito se afastou de sua louvável função original. Agora nada mais é que um estado instituído por sabedoria humana para ganhar dinheiro e cobrar taxas. Nada tem de espiritual, exceto que não levam vida matrimonial, coisa, aliás, de que não necessitam, pois a substituem por outra forma. Quanto ao mais, tudo é ostentação exterior, secular e efêmera. Pois não se dedicam à Palavra e ao ministério da pregação; onde, porém, não se anuncia a Palavra, ali a espiritualidade será deteriorada. Refiro-me, muito antes, ao estado que se ocupa com o ministério da pregação e ao serviço da Palavra e dos sacramentos, ministério esse que dá o Espírito e toda a bem-aventurança, que não se pode conseguir com cantorias e pompa. Penso no ministério pastoral, professores, pregadores, leitores, sacerdotes (chamados capelães), sacristãos, mestres-escola e tudo mais que diz respeito a esses ministérios e pessoas. A este estado a Escritura enaltece e elogia. São Paulo os denomina de mordomos e servos de Deus, bispos, doutores, profetas, além disso, mensageiros de Deus para reconciliarem o mundo com Deus, 2 Co 6 [sc. 5.20]; Joel os denomina de salvadores, Davi os chama de reis e príncipes, Sl 68; Ageu lhes dá o nome de anjos e Malaquias 2.7 diz: "Os lábios do sacerdote guardam a lei, pois ele é um anjo do SENHOR Zebaote"[9], como, aliás, o próprio Cristo os denomina não somente em Mt 11.10, onde chama o Batista João de anjo, mas também através de todo o livro do Apocalipse de João.

Por essa razão os antigos evitaram muito este estado e hesitavam em aceitá-lo por causa de sua grande dignidade e sublimidade, a ponto de ter sido necessário obrigar e incitá-los a isso[10]. Assim também posteriormente e até hoje houve muitos que enalteceram esse estado mais por causa da celebração da missa do que em razão da pregação. Essa exaltação e prestígio cresceram tanto até nossos dias que colocaram o ministério sacerdotal (sacrifício da missa) acima de Maria e dos anjos, visto que Maria e os anjos não poderiam celebrar missa, enquanto o sacerdote o pode. Era considerado um acontecimento maravilhoso quando um novo sacerdote celebrava a primeira missa. Bem-aventurada a mulher que havia dado à luz um sacerdote, enquanto a Palavra e o ministério da pregação é o ministério supremo e mais nobre e que não foi valorizado condignamente. Em resumo: chamava-se de sacerdote a pessoa que podia celebrar a missa, embora não soubesse pregar uma única palavra e não passasse de um asno sem instrução. Em geral, esta é a situação do estado clerical ainda hoje.

Estando assegurado e certo que o próprio Deus instituiu o estado espiritual com seu próprio sangue e com sua morte, é fácil concluir que quer vê-lo altamente honrado e que não permitirá que ele desapareça ou deixe de existir, mas que seja preservado até o dia derradeiro. Pois o Evangelho e a cristandade hão de perdurar até o dia derradeiro, como o diz Cristo no último capítulo de Mateus: "Eis que estou convosco até o fim do mundo" [Mt 28.20]. No entanto, por quem há de ser preservado? Bois e cavalos, cachorros e porcos não o farão, tampouco madeira e pedras. Teremos que fazê-lo nós seres humanos, posto que esse ministério não foi ordenado a bois e cavalos, mas a nós seres humanos. Onde, porém, buscaremos as pessoas para essa finalidade senão junto àqueles que têm filhos? Se nem tu, nem este, nem aquele querem educar seu filho para esse fim, e se nenhum pai nem mãe quer entregar seu filho a Deus para essa finalidade, como poderá subsistir o ministério e o estado eclesiástico? Os mais velhos, que agora o desempenham, não viverão para sempre; morrem todos os dias e não há sucessores. Que dirá Deus por fim a isso? Crês que lhe agrada o fato de desprezarmos tão escandalosamente seu ministério de instituição divina, conquistado a tão alto preço para seu louvor e honra e nossa salvação e de o abandonarmos e deixarmos perecer com tanta ingratidão?

Deus não deu os filhos e seu sustento somente para teu prazer ou para educá-los para a pompa do mundo. Exige-se de ti seriamente que os eduques para o serviço de Deus, ou então serás erradicado com filhos e tudo, de modo que seja condenável tudo o que investes neles, como diz o primeiro mandamento: "Visito a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam" [Êx 20.5]. Como, porém, poderás educá-los para o serviço de Deus, se o ministério da pregação e o estado eclesiástico jazem por terra e caíram no abandono? E por tua culpa, pois poderias ter dado tua contribuição e ajudado a preservá-lo se tivesses mandado teu filho estudar. Pois, se tens condições de fazê-lo e teu filho é capaz e tem vontade de estudar, e não o fazes, antes o impedes — escuta bem! — então és culpado do dano pelo desaparecimento do estado eclesiástico e do fato de

9 As referências são de difícil identificação. Lutero talvez tivesse em mente a versão da *Vulgata* de Joel 2.23 que se refere ao *doctorem iustitiae* que ele verteu, em sua Bíblia Alemã, com *Lehrer der Gerechtigkeit* — "mestre da justiça" (WA DB 11/II, 221). Quanto ao Salmo 68, Lutero deve ter identificado os "reis" do v. 12 com os mensageiros das boas novas do versículo anterior.

10 *Gregório Nazianzeno* (329/30-390/91), p. ex., foi constrangido por seu pai à ordenação ao sacerdócio e só cedeu depois de muita resistência; relutou também em aceitar a consagração a bispo.

nem Deus nem a palavra de Deus permanecerem no mundo. Pois quanto depende de ti, tu o deixas desaparecer, porque não queres entregar teu filho para esse fim. Do mesmo modo procederias com todos os demais, mesmo que tivesses o mundo cheio de filhos, de maneira que por tua causa o serviço de Deus simplesmente se arruína.

De nada te servirá dizer: Meu vizinho manda seus filhos para a escola; portanto não há necessidade que eu também mande os meus, etc., pois teu vizinho pode dizer a mesma coisa, e assim, subseqüentemente, todos os vizinhos. No entanto, onde irá Deus buscar entrementes pessoas para seu ministério espiritual? Tu dispões da pessoa e podes fornecê-la; no entanto, não queres, tampouco teu vizinho. Assim, no que depende de vós, o ministério se afunda. Visto, pois, que permites que se destroce o ministério instituído por teu Deus, adquirido por tão alto preço, e o deixas arruinar-se com tamanha abominável ingratidão, sejas maldito também tu, e que venha tanto sobre ti como sobre teus filhos pura ignomínia e miséria, ou então que sejais castigados por outras pragas, para que não sejas condenado juntamente com eles apenas aqui na terra, mas também lá eternamente no inferno. Disso não escaparás, para que compreendas que não és dono absoluto de teus filhos, como se não tivesses o dever de entregar um deles a Deus. Ele também quer ter direito sobre eles e, ademais, pertencem mais a ele do que a ti.

E para que não penses que estou te falando duro demais, irei expor-te, pelo menos em parte (pois quem poderia mencionar todos?) o proveito e o prejuízo que estás causando, para que tu mesmo te convenças que pertences com toda razão ao diabo e que estás condenado com toda justiça eternamente ao inferno, se te considerares culpado nesse assunto e não te corrigires. Por outro lado, que possas também alegrar-te de coração e regozijar-te ao descobrires que foste eleito por Deus para, com teus bens e teu trabalho, educar um filho que irá ser um bom pastor, pregador ou professor cristão. Com isso terás educado para o próprio Deus um servidor especial, sim, como dito acima, um anjo de Deus, um verdadeiro bispo perante Deus, um salvador de muita gente, um rei e príncipe no reino de Cristo e no povo de Deus, um mestre, uma luz do mundo. Quem poderá enumerar toda a honra e virtudes que um verdadeiro e fiel pastor tem perante Deus? Não há tesouro mais precioso nem coisa mais nobre na terra e nesta vida do que um verdadeiro e fiel pastor ou pregador.

Julga tu mesmo: todos os benefícios que o amado ministério da pregação e a cura d'almas proporcionam seguramente também os irá realizar teu filho que exerce fielmente esse ministério. Por exemplo: todos os dias são instruídas, convertidas, batizadas e levadas a Cristo muitas almas; por meio dele, são salvas, redimidas de pecado, morte, inferno e do diabo; por meio dele alcançam a justiça eterna, a vida eterna e o céu, como diz Daniel 12.3: "Os que instruem a outros resplandecerão como o céu, e os que mostram a muitos

o caminho da justiça serão como as estrelas em eternidade". Pois, visto que a palavra de Deus, quando ensinada corretamente, não pode deixar de produzir incessantemente grandes coisas e fazer milagres, também teu filho realizará grandes coisas e tão-somente milagres sem cessar perante Deus, como, por exemplo, ressuscitar mortos, expulsar demônios, devolver a vista a cegos, recuperar a audição de surdos, purificar leprosos, curar mudos e pôr aleijados a andar. Ainda que isso não aconteça fisicamente, não deixa de acontecer espiritualmente na alma, o que é um milagre muito maior, como o atesta Cristo em Jo 14.12: "Quem crê em mim fará as obras que eu faço, e outras ainda maiores". Se já o crente é capaz de fazer essas coisas em pessoas individuais, quanto mais o poderá um pregador público numa multidão? Não que o fizesse como ser humano, mas quem o faz é seu ministério instituído por Deus para isso, e a palavra de Deus que ele ensina, pois ele é o instrumento para isso.

Se realiza essas grandes obras e milagres espiritualmente, decorre daí que também os realiza fisicamente, ou, no mínino, é o iniciador deles e sua causa. Pois, de onde procede que no dia derradeiro os cristãos ressuscitarão dos mortos, que todos os surdos, cegos, aleijados e quaisquer que tenham sido as mazelas do corpo hão de desaparecer, e que seus corpos não apenas serão maravilhosos, bonitos, sadios, mas inclusive irão luzir brilhantes e belos como o sol, como o afirma Cristo?[11] Não será porque foram convertidos, chegaram à fé, foram batizados e incorporados a Cristo aqui na terra por meio da palavra de Deus? como o diz Paulo em Rm 8.11: "Deus ressuscitará nossos corpos mortais por amor de seu Espírito que habita em nós". Quem conduz a pessoa humana a essa fé e princípio da ressurreição corporal se não for o ministério da pregação e a palavra de Deus que teu filho exerce? Acaso, não é isso uma obra e milagre infinitamente maiores e mais maravilhosos do que se ressuscitasse fisicamente ou temporalmente mortos para essa vida e se ajudasse a cegos, surdos, mudos, leprosos neste mundo e na existência corruptível?

Se estivesses convencido de que teu filho irá realizar uma dessas obras em uma única pessoa, ou seja, devolver a vista a um único cego, ressuscitar um morto, arrancar uma alma do diabo, salvar uma só pessoa do inferno, ou qualquer que seja, não deverias empenhar simplesmente e com toda a alegria teus bens, para que seja educado para esse ministério e para essa obra? Não deverias pular de alegria por teres possibilitado uma coisa tão grande perante Deus com teu dinheiro? Pois que são todas as fundações e mosteiros, tais como existem hoje e estão em voga, com suas obras próprias, em comparação com um pastor, pregador ou mestre-escola assim? Se bem que em tempos

11 Cf. Mt 13.43.

antigos e originalmente foram instituídos por reis e senhores piedosos com essa preciosa finalidade, para que neles se eduquem pregadores e pastores nesse sentido, infelizmente, na atualidade, são uma calamidade por obra do diabo, transformando-se em antros de assassinos e puras ante-salas do inferno, para perdição e dano da cristandade.

Agora vê, teu filho não realiza apenas uma dessas obras, mas muitas, sim, todas, e isso diariamente. E o que é o melhor de tudo, ele as realiza perante Deus. Ele as toma como tais e as considera tão preciosas e sublimes, como já foi dito, ainda que os homens não as reconheçam nem apreciem. Com efeito, se o mundo o tache de herege, sedutor, mentiroso, sedicioso, tanto melhor, e é um bom sinal de que é homem íntegro e semelhante a seu Senhor Cristo. Pois o próprio Cristo foi chamado de sedicioso, assassino, sedutor e teve que ser condenado e crucificado com os assassinos. Se eu fosse pregador, que me importaria que o mundo me chamasse de diabo quando sei que Deus me chama de seu anjo? Que o mundo me chame de sedutor o tempo que quiser; em compensação Deus me chama de seu fiel servo e mordomo; os anjos me chamam de companheiro; os santos, seu irmão; os crentes me chamam de pai; os miseráveis, seu salvador; os ignorantes me chamam de sua luz. E Deus diz amém, e o confirma juntamente com os anjos e todas as criaturas. Ah! como me enganou o mundo juntamente com o diabo com suas calúnias e injúrias! Quanto ganhou comigo! que prejuízos me causou! Coitado!

É isso que tenho a dizer a respeito das obras e milagres que teu filho realizará em favor das almas, livrando-as do pecado, da morte e do diabo. No entanto, ele também realiza tão-somente grandes e imponentes obras em favor do mundo: ensina e instrui todas as categorias sociais como se devem conduzir exteriormente em seus cargos e suas posições, para agirem com justiça perante Deus. Pode consolar os tristes, aconselhar, intermediar em casos de conflito, reconciliar consciências confusas, ajudar a manter a paz, a reconciliar, a viver em harmonia e inúmeras obras mais diariamente. Pois um pregador confirma, fortalece e ajuda a preservar a autoridade, toda a paz secular, resiste aos sediciosos, ensina obediência, bons costumes, disciplina e honra; instrui pai, mãe, filhos, empregados, em suma, a cada qual em sua função e estado secular. Na verdade, essas sãos as obras menos importantes de um pastor; não obstante, são tão elevadas e nobres que jamais um sábio entre os gentios as pôde reconhecer e entender, muito menos realizá-las; também não existe jurista, universidade, fundação ou convento que conheça essas obras, e não são ensinadas nem no direito eclesiástico nem no direito civil. Pois aí não há ninguém que chamasse esses ofícios seculares de grande dom ou clemente ordem de Deus. Somente a palavra de Deus e o ministério da pregação as enaltecem e honram tanto.

Por conseguinte, para dizer a verdade: a paz temporal, que é o maior

bem na terra, que encerra todos os demais bens temporais, é, no fundo, um fruto do ministério da pregação, pois onde esse é exercido, certamente acabam guerra, conflitos e derramamento de sangue. Onde, porém, não é exercido corretamente, não é de se admirar que haja guerra ou então intranqüilidade constante, desejo e disposição para guerrear e derramar sangue. Assim vemos atualmente que os sofistas[12] nada mais sabem fazer do que reclamar sangue e cuspir fogo; derramam o sangue dos inocentes sacerdotes por causa do casamento, enquanto o papa e seu próprio direito canônico, quando castigam esse casamento com severidade, apenas destituem os padres do sacerdócio, preservando-lhes a vida e a posse de seus bens e sua honra cristã; muito menos os condenam ao inferno, nem os consideram hereges, como o deverão testemunhar todos os juristas e todo o mundo e como também ficou estabelecido na Assembléia Nacional de Nürnberg[13]. Esses obcecados sanguinários, porém, abandonaram o ministério da pregação e se entregaram à mentira; por essa razão não podem deixar de assassinar, como o faz também o diabo, seu deus, que é mentiroso e assassino desde o princípio, segundo João 8.44.

Assim é que um verdadeiro pastor serve às pessoas em corpo e alma, bens e honra. Além disso observa como serve a Deus e que maravilhosos sacrifícios e serviços a Deus realiza, pois por meio de seu ministério e palavra é preservado o reino de Deus no mundo, a honra, o nome e a glória de Deus, o verdadeiro conhecimento de Deus, a verdadeira fé e a compreensão de Cristo, o fruto da paixão e do sangue e morte de Cristo, os dons, as obras e o poder do Espírito Santo, o verdadeiro uso salvífico do Batismo e

12 *Sofistas* são, na linguagem de Lutero, os teólogos escolásticos, aqui o clero católico, com destaque para o cardeal-arcebispo Alberto de Mogúncia (1490-1545), suspeito de ser o mandante do assassinato de *Georg Winkler*, sacerdote de Halle. Este havia sido condenado por um tribunal de Aschaffenburg sob a acusação de ter administrado a Santa Ceia sob as duas espécies e de se ter casado. Winkler foi indultado por Alberto de Mogúncia, mas, na viagem para casa, foi preso novamente e assassinado em abril de 1527. A suspeita de ser o mandante do crime recaiu sobre Alberto de Mogúncia. Esse fato motivou Lutero a escrever uma carta aos cristãos de Halle sob o título: *Tröstung an die Christen zu Halle* — "Consolação para os Cristãos de Halle"(WA 23/402-431), na qual faz referência expressa ao arcebispo (cf. pp. 407-408).

13 Cf. *Propositiones adversus totam synagogam Sathanae* — "Teses Contra Toda a Sinagoga de Satanás" (WA 30/II,420-424). Nas teses XXX-XXXIX Lutero faz referência específica às penas impostas aos clérigos que contraíam matrimônio. A tese XXX é a mais expressa: *Etiam ipsa Papae Ecclesia, quamvis sit malignatium ecclesia, tamen coniugium sacerdotum sola officii suspentione damnat* — "Também a própria Igreja do papa, embora seja a Igreja da perfídia, pune o matrimônio dos sacerdotes apenas com a destituição do ofício". Em 1089 o papa Urbano II havia decretado o afastamento do sacerdócio e das propriedades de qualquer membro das ordens superiores que contraísse matrimônio (Cf. *Decreti Magistri Gratiani Prima Pars*, dist., XXXII, C. X. *CIC* 1, 120).

do Sacramento, a verdadeira pura doutrina do Evangelho, a maneira correta de disciplinar e crucificar o corpo, e muitas outras coisas semelhantes. Quem poderia enaltecer o suficiente um único dos artigos mencionados? E que se poderia acrescentar a tudo que faz ao sustentar tantas lutas contra o diabo, a sabedoria do mundo e a petulância da carne, conquistando tantas vitórias, rebatendo tantos erros, impedindo tantas heresias? Pois tem que lutar e pelejar contra as portas do inferno e vencer o diabo, e também o consegue, no entanto, não ele, mas seu ministério e palavra. Todas elas são inumeráveis e indescritíveis obras e milagres do ministério da pregação. Em resumo: quando se quiser louvar o próprio Deus ao extremo, também se há de louvar sua palavra e pregação ao extremo, pois é ministério e palavra de Deus.

Ainda que fosses um rei, não te julgues digno demais para empenhar teu filho com todos os teus bens, entregando e educando-o para esse ministério e obra. Acaso teu dinheiro ou trabalho que investes nesse teu filho não será mais honrado, abençoado de modo mais maravilhoso, melhor investido e mais valorizado aos olhos de Deus do que qualquer reino ou império? Seria o caso de se levar tal óbolo de joelhos até o fim do mundo, sabendo-se que ali será empregado de modo tão maravilhoso e proveitoso. E aqui o tens em tua casa e em teu seio, onde podes investi-lo tão magnificamente. Arre! que asco, que nojo é nossa vergonhosa ingratidão que não vemos que magnífico serviço poderíamos oferecer a Deus, sim, que grandes senhores poderíamos ser perante Deus com um empenho mínimo, e além disso com nosso próprio dinheiro e bens.

Os sofistas[14] criticam a nós luteranos afirmando que não ensinamos boas obras. Bons camaradas esses. Eles entendem de boas obras, pois não. Acaso não são boas obras as mencionadas acima? Que são as boas obras de todas as fundações e conventos em comparação com esses maravilhosos milagres? Não passam de grasnar de gralhas e corvos, e nem chegam a isso. Pois esses ao menos grasnam com amor e prazer, estes, porém, emitem seu grasnar com desprazer, como as corujas. Se antigamente se estimavam muito as primeiras missas e os novos sacerdotes, sendo que pai e mãe com toda a parentela se alegravam por terem educado um filho para ser um bolorento, ocioso e imprestável rezador de missas ou padre-glutão, que desonra a Deus com seus blasfemos sacrifícios da missa e suas orações vazias, escandalizando e envergonhando o mundo com sua vida lasciva, quanto mais deverias alegrar-te tu por teres educado um filho para um desses ministérios, tendo a certeza de que está servindo a Deus de maneira tão maravilhosa, ajudando às pessoas tão copiosamente e derrotando o diabo com tanto brio. Pois aí sacrificaste teu filho a Deus de forma genuína e magnífica, de maneira que os próprios anjos haverão de considerar-te um maravilhoso milagre.

14 Vide nota 12.

Por outro lado também é preciso que saibas que prejuízo estás causando se fizeres o contrário. Pois se Deus te deu um filho capaz e apto para esse ministério e tu não o educas para esse fim, mas te preocupas somente com a barriga e o sustento material, toma a lista feita acima, procura as boas obras e milagres nela arrolados. Aí então verás que santarrão e erva és. Pois quanto depende de ti, substrais a Deus um anjo, um servo, um rei e príncipe em seu reino, um salvador e consolador da humanidade em corpo e alma, bens e honra, um capitão e cavaleiro contra o diabo, cedendo espaço ao diabo e promovendo seu reino, de maneira que ele possa manter as almas presas em pecado, morte e inferno e possa meter nele muitas outras mais diariamente, e vencer em todas as frentes; para que o mundo permaneça em heresia, engano, discórdia, guerra e contenda e as coisas piorem a cada dia; que pereça o reino de Deus, a fé cristã, o fruto do sofrimento e sangue de Cristo, a obra do Espírito Santo, o Evangelho e todo o serviço de Deus e predomine toda sorte de serviço do diabo e superstição. Tudo isso não precisaria ter sido e poderia ter sido evitado se teu filho tivesse sido encaminhado e educado neste sentido.

Como pensas subsistir quando Deus se dirigir a ti no leito de morte ou no juízo final, dizendo: "Estive com fome, com sede, forasteiro, nu, doente, preso e não me serviste [Mt 25.42ss.]? Pois o que não fizeste às pessoas na terra e em favor de meu reino e do Evangelho, antes ainda ajudaste a reprimi-los e deixaste as almas perecer, isso fizeste a mim mesmo, pois poderias ter colaborado. Para este fim eu te havia dado um filho e bens. Tu, porém, deixaste sofrer e definhar deliberadamente a mim, meu reino e todas as almas. Desse modo serviste ao diabo e seu reino contra mim e meu reino. Que ele agora também seja tua recompensa. Vai com ele ao abismo do inferno! A meu reino celestial e terreno não ajudaste a edificar e a melhorar, antes contribuíste para sua destruição e enfraquecimento; no entanto, ajudaste ao diabo a construir e ampliar seu inferno. Pois agora também vai morar na casa que te construíste, etc.".

Que achas? Acaso não cairão sobre ti, de repente, não apenas gotas, mas verdadeiros aguaceiros de pecado, que agora desprezas e andas muito seguro, como se estivesses agindo corretamente ao não encaminhares teu filho ao estudo? Naquele dia, porém, hás de confessar que foste condenado ao abismo do inferno com justiça como uma das pessoas mais malvadas e perniciosas que viveram na terra. Com efeito, se pensasses nisso agora, em teu tempo de vida, sem dúvida terias que assustar-te de ti mesmo, pois nenhuma consciência é capaz de suportar que seja culpada de uma das coisas anteriormente referidas. Quanto menos poderá suportá-lo quando, de repente, todos esses inúmeros pontos caírem sobre ela de uma só vez. Aí então teu coração gritará que teus pecados são mais numerosos do que as folhas e ervas, maiores do que céu e terra, e com Manassés, rei de Judá, dirás: "Meus

pecados são mais numerosos do que a areia no mar, e minha iniqüidade é grande", etc. [Oração de Manassés, v. 9]. Pois a mesma coisa também o afirma a lei natural: quem pode evitar prejuízo e não o faz, esse também é culpado desse prejuízo, visto que essa mesma pessoa seguramente deseja e quer esse prejuízo e o provocaria ela mesma se tivesse motivo ou oportunidade. Por isso tais pessoas, sem dúvida, são tão boas quanto o próprio diabo, porque são hostis tanto a Deus quanto ao mundo, e ajudam a destruir tanto o reino do céu quanto a terra, servindo, dessa maneira, fielmente ao diabo. Em resumo: se podemos increpar duramente o diabo, também podemos increpar bastante essas pessoas que obstacularizam essa obra e ministério de Deus, pois estão a serviço do diabo.

Com isso, não quero ter insistido que todos devem educar seus filhos para esse ministério, pois não é necessário que todos os meninos se tornem pastores, pregadores ou professores. E é bom saber que os filhos dos patrões e grandes senhores não se destinam a essa finalidade, pois o mundo também precisa de herdeiros e gente, do contrário se destroçaria a autoridade secular. Refiro-me ao povo comum que, anteriormente, de qualquer modo teriam mandado seus filhos estudar somente com vistas às prebendas e feudos e que agora os mantêm afastados somente por causa da preocupação com o sustento, embora não necessitassem de herdeiros. Não obstante, afastam-nos da escola, apesar de serem aptos e capazes para esses ministérios e nos quais poderiam servir a Deus sem qualquer problema ou obstáculo. Esses meninos capazes deveriam ser encaminhados ao estudo, especialmente os filhos da gente pobre, pois para essa finalidade foram instituídas as prebendas e tributos de todas as fundações e conventos. Naturalmente também os outros meninos deveriam aprender ao menos a entender o latim, a escrever e ler, mesmo que não fossem tão capazes; pois não precisamos somente de eruditos doutores e mestres na Escritura; também precisamos de pastores comuns, que preguem o Evangelho e o catecismo ao povo jovem e rústico, que batizem e administrem o Sacramento, etc. Não importa que não se prestem para a luta contra os hereges. Para uma boa edificação não se necessitam somente silhares, mas também pedras de enchimento. Assim também se precisa de sacristãos e outras pessoas que apóiem o ministério da pregação e da palavra de Deus.

Ainda que posteriormente um menino que estudou latim aprenda um ofício e se torne um cidadão, nós o temos de reserva para o caso de se necessitá-lo para a função de pastor ou para outro serviço na Palavra. O estudo não o prejudica no trabalho pelo sustento; pelo contrário, sabe administrar tanto melhor sua casa e, além do mais, está preparado e apto para o ministério da pregação ou para o ministério pastoral caso se precisar dele. Sobretudo em nossos dias é fácil formar pessoas para ensinar o Evangelho e o catecismo, porque hoje estão fartamente à disposição não apenas as Sagradas Escrituras[15], mas também toda sorte de ciências, com tantos livros, leitura e pregação (graças a Deus!), de maneira que em três anos se pode aprender mais do que anteriormente em vinte, e que, graças aos livros e pregações em língua alemã, inclusive mulheres e crianças sabem mais hoje (é verdade o que digo) a respeito de Deus e de Cristo que antes souberam todas as universidades, fundações, conventos, todo o papado e o mundo inteiro. No entanto, latim os pastores e pregadores comuns precisam saber e não podem prescindir dele, tampouco como os eruditos devem prescindir do grego e do hebraico, como diz Sto. Agostinho e como o estabelece o próprio direito canônico.

Está tudo certo, dizes tu. Mas que acontece quando as coisas se desencaminham e meu filho se torna um herege ou algum outro tipo de patife? Porque, quanto mais estudado mais transviado, diz o provérbio. É verdade. No entanto, é preciso arriscar. Nem por isso teu empenho e esforço estará perdido. Apesar disso, Deus reconhecerá teu fiel serviço e o considerará como se tivesse sido bem aplicado. Em todas as outras áreas para as quais o queiras encaminhar, também tens que arriscar para ver no que dá. Que aconteceu com Abraão, cujo filho Ismael também fracassou? E a Isaque com seu filho Esaú? E a Adão com seu filho Caim? Teria por isso Abraão desistido de educar seu filho Isaque, Isaque seu filho Jacó e Adão seu filho Abel para o serviço de Deus? Quantos reis e homens maus houve no santo e eleito povo de Israel, que provocaram toda sorte de desgraça com heresias e idolatrias e mataram os profetas! Deveriam por isso os sacerdotes levitas ter abandonado o povo inteiro e não terem encaminhado mais ninguém ao serviço de Deus? Quantos maus sacerdotes e levitas houve na tribo de Levi, que o próprio Deus havia escolhido para o ministério sacerdotal! Quantas pessoas Deus tem no mundo que abusam de toda a sua bondade e de sua criação! Deveria ele por isso abandonar toda a sua bondade e não deixar nenhuma pessoa viva, ou então parar de fazer o bem?

Para que também não te preocupes demais de onde teu filho tirará o sustento caso se dedicar ao estudo e a esse ministério e serviço divino, também aí Deus não te abandonou nem te esqueceu, para que não te preocupes nem te queixes. Através de S. Paulo prometeu em 1 Co 9.14: "Quem serve ao Evangelho tirará seu sustento do Evangelho". E o próprio Cristo diz em Mt 10.10: "O obreiro é digno de seu salário". "Comei e bebei o que tiverem" [Lc 10.8]. Para que seu ministério não desaparecesse, ele escolheu no Antigo Testamento toda a tribo de Levi, a décima segunda parte de todo o povo, e lhes destinou o dízimo de todo o povo[16], além disso os primeiros

15 À época Lutero já havia publicado a tradução alemã de todo o Novo Testamento (1522) e boa parte do Antigo Testamento: o Pentateuco (1523), Josué até Ester (1524), Jó até Cantares (1524), Jonas (1526), Habacuque (1526), Zacarias (1527) e Isaías (1528).

16 Cf. Nm 18.21.

frutos da colheita[17], toda sorte de sacrifícios, cidades próprias e terras ao redor delas[18], campos, gado e todas as demais coisas necessárias. Observa como no Novo Testamento outrora imperadores, reis, príncipes e senhores contribuíram ricamente para esse ministério, e que agora está em poder das fundações e dos conventos e com ele superam a reis e príncipes. Ele não irá nem pode abandonar os que lhe servem fielmente. Ele se comprometeu demais ao dizer em Hb 13.5: "Não te abandonarei nem te deixarei".

Tu mesmo podes fazer a conta de quantos párocos e púlpitos, escolas e sacristanias existem e que, por enquanto, ainda estão bem providas e que vagam diariamente. Tudo isso nada mais é do que tortas e dispensas providas por Deus para teu filho, tendo seu sustento já provido, antes mesmo que dele necessita e que, além disso, não precisa adquirir. Quando eu era um jovem estudante, ouvi dizer que no principado da Saxônia (se não me engano) havia cerca de mil e oitocentos párocos[19]. Se isso é verdade e considerando que cada paróquia conta no mínimo com duas pessoas, a saber, um pároco e um sacristão, sem contar que nas cidades ainda temos pregadores, capelães, auxiliares, professores e colaboradores, teríamos, somente neste principado, cerca de quatro mil pessoas instruídas, das quais morre aproximadamente um terço no período de dez anos. Aposto que na Alemanha não existem quatro mil alunos. Acredito que mal e mal existem oitocentos párocos no principado. Quantos poderiam ser em todo o território alemão? Gostaria de saber onde vamos buscar pastores, professores e sacristãos dentro de três anos. Se nada fizermos neste sentido e se sobretudo os príncipes não providenciarem a instalação de boas escolas fundamentais e superiores, haverá uma tal carência de pessoal que se há de confiar três ou quatro cidades a um único pastor e dez povoados a um único capelão, se é que ainda se pode consegui-los.

As universidades de Erfurt, Leipzig e outras estão aí abandonadas, bem como várias escolas fundamentais. É uma tristeza! A pequena Wittenberg tem que dar conta do recado quase sozinha[20]. Também as fundações e os conventos sentirão essa carência (a meu ver), ou teriam somente eles uma rica colheita? Certamente não cantarão tão alto como quando começaram, por

17 Cf. Dt 26.2s.

18 Cf. Nm 35.2ss.

19 As informações a que Lutero teve acesso devem ter sido exageradas, se a referência se limita à Saxônia Eleitoral. O principado registrou, por ocasião da visitação de 1528/29, 145 paróquias (cf. C. A. H. Burkhardt, *Geschichte der sächsischen Kirchen- und Schulvisitation*, Leipzig, 1979, p. 36).

20 Quando Lutero se matriculou na Universidade de Erfurt, em 1501, as matrículas chegavam a cerca de dois mil estudantes, mas em 1529 se reduzira para apenas 20 matrículas. As matrículas em Leipzig caíram no qüinqüênio de 1526-30 de 175 para 93. As da Universidade de Wittenberg, fundada depois das de Erfurt e Leipzig, sendo uma escola bem menor, caíram de 250 para 173 no mesmo período.

mais arrogantes que sejam. Ou terão que tolerar e reverenciar em seus capítulos as pessoas pelas quais antes não queriam sequer ser vistos. Por isso, manda teu filho estudar e não te preocupes. Antes faltarão pessoas do que recursos. Quem sabe, se o mundo ainda durar por mais tempo e se, pela graça de Deus, os príncipes e as cidades cooperarem neste sentido, os bens das fundações e dos conventos voltarão a ser aproveitados para a finalidade para qual foram instituídos. Por que preocupar-se tanto com o sustento? Aí está Cristo que diz, em Mt 6.31-33: "Não vos preocupeis com o que haveis de comer e beber. Vosso Pai celeste sabe muito bem que necessitais dessas coisas. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão concedidas". Quem não confia nisso, que continue se preocupando e, não obstante, morra de fome!

É verdade que nos últimos anos muitos pastores sofreram grande carência e ainda a sofrem. Deve-se atribuir à maldade no mundo que as pessoas sejam tão más, ingratas e avarentas e, além disso, persigam o Evangelho; com isso Deus quer provar se somos genuínos. Devemos considerar esta situação como se fosse o tempo dos mártires, quando os piedosos mestres também sofreram grande penúria e pobreza, como o testemunha o próprio Paulo[21] e também Cristo o anuncia em Mt 9.15: "Quando lhes será tirado o noivo, jejuarão". Este é o verdadeiro jejum evangélico. Raras vezes surgiu a palavra de Deus sem que viesse acompanhada de um tempo de carestia. Os tempos de Abraão, Isaque, Jacó, José, Elias e Eliseu foram de cruel carestia num período de tão grande luz da verdade[22]. Quando o Evangelho começou a ser anunciado, havia uma grande carestia no mundo inteiro (At 11.28). Depois a culpa não é da anterior iniqüidade do mundo e da atual ingratidão obstinada, mas do amado Evangelho e da palavra de Deus. Do mesmo modo os judeus culparam os ensinamentos de Jeremias de toda sua miséria (Jr 44.16ss.). E quando os romanos foram destruídos pelos godos, acharam como único culpado o fato de se terem convertido ao cristianismo. Contra esse pensamento Santo Agostinho escreveu um grande livro: *A cidade de Deus*[23].

No entanto, digam o que quiserem, o mundo é mundo. Assim como aqueles se tornaram mentirosos e pereceram, também estes se tornarão mentirosos e perecerão, para que, não obstante, permaneçam Cristo e sua palavra. Ele está sentado tão firme e elevado como está escrito: "O SENHOR disse a meu Senhor: Senta-te a minha direita" [Salmo 110.1]. É ali que ele está

21 Cf. 2 Co 11.27.

22 Cf. Gn 12.10; 26.1; 41.56s.; 1 Rs 18.2; 2 Rs 4.38.

23 Agostinho escreveu *Civitas Dei* — "Cidade de Deus" — nos anos 413-426, logo após a tomada de Roma por Alarico, rei dos visigodos, no ano de 410, para refutar a acusação pagã de que a queda de Roma se devia à abolição do culto pagão.

sentado. O malvado que tiver vontade derrube-o. Enquanto, porém, ele permanece sentado ali, também nós subsistiremos. Quer apostar? Em resumo: teu filho poderá obter o sustento tão bem no ministério da pregação quanto num ofício. A não ser que ambiciones grandes riquezas e queiras fazer de teu filho um desses grandes senhores perante o mundo, a exemplo dos bispos e canônicos. Se for essa tua intenção, o presente discurso não te diz respeito. Neste momento estou falando com os crentes, que honram o ministério da pregação e o estimam acima de toda riqueza como o mais precioso tesouro dado aos homens depois de Deus mesmo. Isso para que saibam que grande serviço podem prestar a Deus com isso, preferindo participar dessa obra, ainda que com recursos modestos, do que possuir as riquezas do mundo e prescindir deste [tesouro]. Esses certamente compreenderão que a alma vale mais do que o estômago e que o estômago pode, facilmente, ser satisfeito enquanto eles têm que renunciar ao restante. Os que, porém, procuram riquezas, levarão consigo todos os seus bens e nada deixarão para trás. Como lhes poderia fazer falta? É isso que quis dizer, como primeira parte deste sermão, numa consideração rápida e breve sobre o benefício e o prejuízo espiritual que decorrem da manutenção ou da negligência das escolas.

A segunda parte tratará do benefício ou prejuízo temporal ou secular. Em primeiro lugar é preciso dizer que a autoridade ou a função secular não pode ser comparada de nenhum modo ao ministério espiritual da pregação, como o denomina S. Paulo[24]. Pois aquela não foi adquirida por preço tão elevado pelo sangue e pela morte do Filho de Deus como o foi o ministério da pregação. Por isso também não pode realizar milagres e obras tão grandes como o ministério da pregação. Pois todas as obras desse estado visam apenas a esta vida temporal e passageira, para a preservação do corpo, da mulher, dos filhos, casa, bens e honra e das demais coisas necessárias para esta vida. Tanto quanto a vida eterna é superior à vida terrena, assim o ministério da pregação ultrapassa o ofício temporal; é como a sombra em comparação ao próprio corpo. Pois o governo secular é uma imagem, sombra e figura do governo de Cristo. Pois o ministério da pregação (onde ele existe como Deus o ordenou) acarreta e proporciona justiça eterna, paz eterna e vida eterna, como S. Paulo o enaltece em 2 Co 4.1ss. O regime secular, todavia, mantém paz, justiça e vida temporal e passageira.

Não obstante, [o regime secular] é uma maravilhosa ordem divina e uma excelente dádiva de Deus. Ele o instituiu e estabeleceu e quer vê-lo preser-

24 Cf. Cl 1.25.

vado, visto que dele não se pode prescindir. Se não existisse, ninguém poderia subsistir diante do outro. As pessoas se devorariam entre si como fazem os animais irracionais. Por isso, assim como é função e honra do ministério da pregação transformar pecadores em verdadeiros santos, mortos em vivos, condenados em bem-aventurados, servidores do diabo em filhos de Deus, do mesmo modo é obra e honra do regime secular fazer de animais selvagens seres humanos e preservá-los como seres humanos, para que não se tornem animais selvagens. Ele preserva o corpo de cada pessoa, para não acontecer que qualquer um o pudesse matar; preserva a cada qual sua mulher, para não acontecer que qualquer um lha pudesse tirar e violentar; preserva a cada qual a prole, filha e filho, para não acontecer que qualquer um lha pudesse raptar ou roubar; preserva a casa e as benfeitorias de todos, para não acontecer que qualquer um pudesse apropriar-se delas e nelas cometer seus desmandos; preserva a cada qual seu campo, gado e todos os bens, para não acontecer que qualquer um os pudesse atacar, roubar ou danificar. Tudo isso não acontece entre os animais e tampouco aconteceria entre os seres humanos, se não existisse o regime secular. Sem dúvida, as pessoas se tornariam animais selvagens. Não achas que, se os pássaros e os animais pudessem falar e observassem o regime secular entre os seres humanos, diriam: "Ó queridos seres humanos, não sois humanos, mas verdadeiros deuses em comparação a nós. Com que segurança podeis viver e possuir todas as coisas! Entre nós, porém, ninguém está seguro perante o outro por uma hora sequer, nem a vida, nem a casa, nem o alimento. Ai de vossa ingratidão, porque não vos dais conta da vida magnífica que nosso Deus vos deu em comparação a nós animais!"

Fica, pois, estabelecido que [o regime secular] é criatura e ordem divina e, além disso, uma instituição e um estado necessário para nós humanos nesta vida, do qual podemos prescindir tão pouco quanto da própria vida, visto que sem essa instituição esta vida não pode existir. A partir daí é fácil calcular que Deus não o ordenou e instituiu para que perecesse, mas quer vê-lo preservado, como consta claramente em Paulo aos Romanos 13.4 e 1 Pedro 3 [sc. 2.13s.]: existem para proteger os bons e castigar os maus. Quem o irá preservar se não nós, seres humanos, aos quais Deus o ordenou e que, de fato, dele necessitam? Não serão os animais selvagens que o farão, tampouco madeira e pedras. Que pessoas, porém, podem preservá-lo? Sem dúvida, não somente aqueles que querem governar unicamente com os punhos, como muitos pretendem atualmente. Pois onde governam somente os punhos, não há dúvida, se terá por fim um mundo animalesco no qual o mais forte põe o outro no saco. Temos suficientes exemplos diante dos olhos do que fazem os punhos destituídos de sabedoria ou bom senso.

Por isso diz Salomão em Pv 8.14s. que deve governar a sabedoria e não a força, referindo-se a ela do seguinte modo: "Meu é o conselho e o socorro,

a inteligência e o poder são meus. Por meu intermédio reinarão os reis, e os magistrados exercerão a justiça''. E em Eclesiastes 10 [sc. 9.18]: ''A sabedoria é melhor do que couraças ou armas''. E ainda: ''A sabedoria é melhor do que a força'' [Ec 9.16]. Isso o comprova toda a experiência na História: jamais a força destituída da razão ou da sabedoria teve sucesso. A tal ponto que inclusive os tiranos não podem subsistir quando não procedem sabiamente e não recorrem a determinados direitos, conselhos e leis entre si e para si (ainda que sejam maus), segundo os quais usam os punhos e a força. Do contrário, se desentenderão entre si e desaparecem por si. Resumindo: não é o direito dos punhos, mas o direito da cabeça, não a força, mas a sabedoria ou a razão que deve reinar tanto entre os maus quanto entre os bons.

Por conseguinte, visto que o regime na Alemanha tem que e deve guiar-se pelo direito imperial romano, que também é a sabedoria e a razão de nosso regime, dadas por Deus, segue-se que esse regime não pode ser preservado, mas que desaparecerá, caso não se preservar esse direito. Ora, quem o poderá preservar? Não o conseguirão por punhos e armas, mas deverão fazê-lo as cabeças e os livros, deveremos estudar e conhecer o direito e sabedoria de nosso reino secular. Naturalmente é extraordinário quando um imperador, príncipe ou senhor é tão sábio e inteligente por natureza que sabe determinar, por si mesmo, o que é direito, como o puderam o duque Frederico da Saxônia e o senhor Fabiano von Feilitzsch[25] (entre os que conheci — os que ainda vivem não quero mencionar). Visto, porém, que esses são pássaros raros e, ademais, o exemplo perigoso inclusive por causa dos outros que não têm essa capacidade por natureza, é melhor ater-se, no regime regular, ao direito comum codificado. Desse modo ele goza de tanto maior prestígio e honra e não há necessidade de milagres ou qualidades excepcionais.

Portanto, nesse reino secular, os juristas e eruditos são as pessoas que preservam esse direito e, através dele, o reino secular. E do mesmo modo como no reino de Cristo um teólogo piedoso e um pregador honesto é chamado de anjo de Deus, salvador, profeta, sacerdote, servidor e mestre (como dito acima)[26], assim também se pode, no reino secular do imperador,

25 O duque *Frederico da Saxônia* (1486-1525), cognominado ''o Sábio'', manteve-se neutro em relação à fé da Reforma até pouco antes de sua morte. No entanto, manteve-se firme na defesa da pessoa de seu súdito Lutero e de seu direito à liberdade e à justiça. — *Fabiano von Feilitzsch*, conselheiro na corte de Frederico, o Sábio, era defensor da Reforma. Lutero dedicou a ele seu tratado de 1520: *Assertio omnium articulorum M. Luteri per bullam Leonis X novissimam damnatorum* — ''Defesa de Todos os Artigos de M. Lutero Condenados pela Recente Bula de Leão X''. No entanto, Feilitzsch morreu antes de sua publicação. Neste tratado Lutero se refere a Feilitzsch como ''leigo'', um homem ''da nova geração do clero'' (cf. WA 7,95).

26 Cf. acima p. 334.

perfeitamente chamar um jurista piedoso e um erudito honesto de profeta, sacerdote, anjo e salvador. Por outro lado, assim como no reino de Cristo um herege ou falso pregador é um diabo, ladrão, assassino e blasfemador, assim um jurista falso e desonesto na casa do imperador é um ladrão, velhaco, traidor, malvado e um diabo de todo o reino. Quando me refiro aos juristas, não tenho em mente apenas os doutores, mas toda a instituição: chanceleres, escrivães, juízes, advogados, notários e todos os que estão envolvidos nos assuntos jurídicos do regime. Penso também nos grandes senhores, que na corte se chamam conselheiros. Pois também eles exercem tarefas jurídicas ou o ofício dos juristas. E assim como a palavra ''conselheiro'' não está muito longe da palavra ''traidor''[27], assim também não se distinguem muito em seus atos. Às vezes aconselham seu senhor com tanta fidelidade que nenhum traidor os poderia ter traído tão bem.

Por aí podes avaliar quantos benefícios podem advir de um especialista em direito ou de um jurista. Quem poderia enumerá-los todos? Pois tudo o que é obra e ordem de Deus sempre produz tantos e tão grandes frutos que não podem ser enumerados nem compreendidos. Em primeiro lugar: através de seu código mantém e ajuda a promover (por ordem divina) todo o regime secular, imperadores, príncipes, senhores, cidades, campos e a população (como dito acima). Porque todos eles têm que ser preservados por meio da sabedoria e do direito. Quem poderia enaltecer suficientemente apenas essa única obra? Graças a ela tens proteção e defesa para o corpo e a vida contra o vizinho, os inimigos, assassinos. Além disso, proteção e paz para a mulher, a filha, o filho, casa, propriedades, criadagem, dinheiro, bens, campos e tudo que tens. Pois tudo isso está incluído no direito, nele assegurado e protegido. Nenhum livro seria capaz de descrever a magnitude de tudo isso, pois quem teria condições de expressar o indizível bem que representa a amada paz? o quanto ela proporciona e economiza num único ano?

Todas essas grandes obras podem ser realizadas por teu filho, podendo ele tornar-se essa pessoa útil, se o encaminhares para essa carreira e o mandares estudar. E tu podes participar de tudo isso, investindo teu dinheiro de modo excelente. Não te deverias sentir lisonjeado e considerar grande honra vendo que teu filho é um anjo no reino e um apóstolo do imperador, além disso uma pedra fundamental e alicerce da paz temporal na terra? E tudo isso na certeza de que o próprio Deus o vê assim e que assim é de fato? Se bem que ninguém se torna justo ou bem-aventurado perante Deus por meio dessas obras, ainda assim é um alegre consolo saber que tais obras agradam tanto a Deus. Ainda mais quando um homem assim também é crente

27 No original, um jogo de palavras que não se pode imitar em português: *Räte* = conselheiros, *Verräter* = traidores.

e pertence ao reino de Cristo. Pois com isso se lhe agradece por seu benefício e se oferece o mais belo sacrifício de gratidão, o supremo culto a Deus.

Terias que ser um estúpido grosseiro e ingrato e merecerias ser expulso do convívio humano e desterrado entre os animais se visses que teu filho pudesse tornar-se um homem que poderia ajudar ao imperador a preservar seu reino, seu poder e sua coroa; ao príncipe a governar seu território; que pudesse aconselhar e assessorar cidades e territórios; que pudesse ajudar a tantos homens a proteger o corpo, mulher, os filhos, bens e honra, e não estivesses disposto a investir o suficiente para que ele pudesse estudar e alcançar essa posição. Dize-me: que fazem todas as fundações e conventos em comparação a isso? Prefiro o trabalho de um único jurista ou escrivão piedoso e honesto à santidade de todos os padres, monges e freiras, inclusive dos melhores dentre eles. E se essas grandes e boas obras não te comovem, ao menos deveria comover-te a honra e o beneplácito de Deus, sabendo que com isso agradeces de modo tão maravilhoso a Deus e lhe prestas um serviço tão grande, como já disse. Na verdade, é um escandaloso desprezo de Deus o fato de não proclamarmos a nossos filhos essas maravilhosas obras divinas, pondo-os unicamente a serviço da barriga e da avareza, ensinando-lhes nada mais do que a busca do sustento, a focinhar constantemente no esterco como um porco, deixando de educá-los para esta digna função e tarefa. Sem dúvida, deveríamos estar loucos ou não amamos nossos filhos de verdade.

No entanto, escuta ainda o seguinte: E se Deus quer e exige de ti o filho para esse cargo? Pois é teu dever colaborar com teu Deus na preservação dessa categoria na medida do possível. Ora, ela não pode ser preservada se não se dá estudo aos meninos, mandando-os à escola. Disso não há dúvida. E para essa função se necessitam pessoas mais hábeis do que para o ministério da pregação, de modo que é mister destinar a ele os meninos mais capazes. Pois no ministério da pregação Cristo faz tudo por seu Espírito, enquanto no reino secular é preciso agir com a razão (de onde também vieram as leis). Pois Deus sujeitou o regime secular e as questões corporais à razão (Gn 2.19) e não enviou o Espírito Santo do céu para esta finalidade. Por isso é também mais difícil, porque não pode governar as consciências e tem que, por assim dizer, agir no escuro.

Portanto, se tens um filho apto para o estudo e condições de mandá-lo estudar, mas não o fazes, antes segues teu caminho e não perguntas onde vai parar o regime secular, juntamente com o direito e a paz, etc., então, quanto depende de ti, ages contra a autoridade secular como o turco, sim, como o próprio diabo. Privas, pois, o império, o principado, o país, a cidade de um salvador, de um consolo, de uma pedra fundamental, auxiliador e libertador. Por tua culpa o imperador perde o poder e a coroa. O país perde proteção e paz. E tu és o homem por cuja culpa (quanto depende de ti) ninguém pode

possuir em segurança sua vida, a mulher, os filhos, casa, propriedade e os bens. Sacrificas tudo livremente ao matadouro e ensejas que todas as pessoas se transformem em meros animais e que, por fim, um devore o outro. Sem dúvida, fazes tudo isso, mormente se substrais teu filho conscientemente a este estado salutar por causa do estômago. Acaso não és um homem excelente e útil neste mundo? tu que todos os dias te aproveitas do império e de sua paz e que, em agradecimento, lhe roubas teu filho e o metes na avareza, e te empenhas com todas as tuas forças para que não haja ninguém que ajude a preservar o império, o direito e a paz; pelo contrário, contribuis para que tudo caia por terra, apesar de possuíres e preservares teu corpo e tua vida, bens e honra graças a esse regime.

Que achas que ganhas com isso? Será que és digno de viver entre pessoas humanas? Que dirá Deus, que te deu filhos e adicionalmente bens, para que com eles lhe sirvas e encaminhes teu filho ao serviço de Deus? Acaso não é servir a Deus quando se colabora na manutenção de sua ordem e do regime secular? Tu, porém, desprezas esse serviço como se não te dissesse respeito, ou como se estivesses livre perante todas as pessoas e não tivesses a obrigação de servir a Deus. Pensas que podes fazer com teu filho e teus bens o que bem entendes, ainda que Deus caísse no abismo juntamente com os regimes secular e espiritual. Não obstante, queres usufruir diariamente a proteção, a paz e a justiça do império e ter à disposição o ministério da pregação e a palavra de Deus, para que te sirvam. De sorte que Deus tem que estar inteiramente a teu serviço e de graça, tanto com o ministério da pregação como também com o estado secular, para que entrementes possas despreocupadamente afastar dele teu filho e ensiná-lo a servir exclusivamente ao Mámon[28]. Não achas que algum dia Deus dirá um basta a tua avareza e preocupação com o estômago, de modo que perecerás juntamente com teu filho e teus bens, tanto aqui como lá? Ora, não se assusta teu coração em face dessas horríveis abominações de tua idolatria, desprezo de Deus, ingratidão, destruição tanto da instituição quanto da ordem de Deus, sim, da ruína e perdição de todos os seres humanos? Pois bem, eu te avisei e preveni. Agora é contigo. Estás informado a respeito do benefício e do prejuízo que podes causar. Faze o que quiseres e Deus te recompensará.

Não quero falar do sublime prazer de uma pessoa por ser instruída, embora não ocupasse nenhum cargo oficial; podendo ler toda sorte de literatura particularmente em sua casa, conversar e relacionar-se com pessoas eruditas,

28 Lutero usa aqui e alhures o termo *Mammon* como germanismo para o vocábulo grego *mamonas* de Lc 16.9, seguindo a *Vulgata*. J. F. de Almeida traduz *mamonas* por "riquezas", enquanto a Bíblia de Jerusalém fala em "dinheiro". Enquanto em Lc o "mamonas" é qualificado quanto a sua "origem iníqua", Lutero emprega o termo no sentido de "deus-dinheiro", o dinheiro como ídolo.

viajar e fazer negócios em países estrangeiros. Provavelmente esse prazer atrai pouca gente. No entanto, já que estás tão preocupado com o dinheiro e a alimentação, observa quantos e quão grandes bens Deus destinou às escolas e aos eruditos, de sorte que não deves desprezar o estudo e as ciências por causa da pobreza. Pois, imperadores e reis precisam de chanceleres e escrivães, conselheiros, juristas e pessoas eruditas. Não há príncipe que não necessite de chanceleres, juristas, conselheiros, pessoas instruídas e escrivães. Da mesma forma todos os condes, senhores, cidades e castelos precisam de síndicos, escrivães e outras pessoas de boa instrução. Não há nobre que não necessite de um secretário. E para falar também das pessoas instruídas comuns: onde ainda existem entendidos em mineração, comerciantes e profissionais? Conta quantos reis, príncipes, condes, senhores, cidades e povoados, etc. existem! De onde ainda se conseguirão pessoas instruídas dentro de três anos, quando já agora a carência se manifesta em toda parte? Realmente creio que reis têm que se tornar juristas, príncipes, chanceleres, condes e senhores, escrivães, prefeitos têm que se tornar sacristãos.

Se não se fizer algo neste sentido em tempo, iremos converter-nos em tártaros e turcos, ou então sucederá outra vez que um preceptor ou bacharel indouto se torne doutor e conselheiro da corte. Por isso considero que jamais houve oportunidade melhor para estudar do que agora. Não somente porque atualmente as ciências são oferecidas em tanta profusão e de forma acessível, mas também por causa dos grandes benefícios e honras que daí hão de se seguir. Os que estudam hoje serão pessoas apreciadas, de modo que dois príncipes e três cidades disputarão uma única pessoa de instrução. Pois se olhares a tua volta, perceberás que inúmeros cargos estão à espera das pessoas formadas dentro dos próximos dez anos; apesar disso são poucos os que estão sendo preparados para este fim. E Deus não providenciou somente benefícios tão grandes para as escolas e seus estudantes com esta finalidade; além disso trata-se de uma riqueza honrosa e divina, pois é conseguida mediante o exercício de um cargo divino e honroso, com muitas obras maravilhosas, boas e úteis, agradáveis a Deus e que constituem um serviço a ele. Em contraposição, o avarento adquire seus bens com desprezo (quando não sejam obras ímpias e pecaminosas) e obras odiosas, que não lhe proporcionam uma consciência tranqüila, não podendo dizer que aquilo é servir a Deus. De minha parte, prefiro ganhar dez florins com um trabalho que é considerado um serviço a Deus, do que mil florins com um trabalho que não é serviço a Deus, mas que significa apenas proveito e riqueza para mim.

Além disso, esses bens honrosos ainda lhes trazem honrarias, pois chanceleres, secretários municipais, juristas e as pessoas em seus cargos figuram nos postos mais elevados, ajudam a planejar e governar, como dito acima. Com efeito, são os senhores na terra, ainda que não o sejam em sua pessoa, por nascimento ou posição social. Daniel disse que teve que desempenhar as

funções do rei[29] e na verdade é isso mesmo: um chanceler tem que executar tarefas ou negócios da alçada do imperador, do rei, de um príncipe; um secretário municipal tem que executar as tarefas do conselho e da cidade, e tudo isso em nome de Deus e com honra. Deus abençoa esse trabalho e lhe concede felicidade e sucesso. Quando um imperador, rei ou príncipe não está em guerra, mas governa com o direito, que são eles próprios senão meros secretários ou juritas, no tocante a suas tarefas? Pois estão às voltas com o direito, que é tarefa dos advogados e secretários. Quem governa o país e o povo em tempos de paz, quando não há guerra? Acaso os soldados ou os generais? Pelo que sei, são as penas [dos escritores] que o fazem. E que faz, neste meio tempo, o avarento com suas riquezas? Ele não alcança essa honra e entrementes se suja com seu dinheiro enferrujado.

O próprio imperador Justiniano enaltece: *Oportet maiestatem imperatoriam non solum armis decoratam, sed etiam legibus armatam esse, etc.* — "A majestade imperial", diz ele, "não deve estar ornada apenas de armas, mas também deve estar encouraçada e armada com leis"[30]. Observa de que modo estranho esse imperador inverte suas palavras: denomina as leis de sua couraça e armamento, e as armas chama de seus adornos e decoração. Ele quer transformar seus secretários em couraceiros e guerreiros. Com efeito, fala com acerto. Pois, de fato, as leis são a verdadeira couraça e armamento, que preservam e protegem o país e seus habitantes, o próprio império e o regime secular, como expus sobejamente acima que sabedoria é melhor que poder. Os juristas honestos são os verdadeiros couraceiros, que protegem o imperador e os príncipes. A esse respeito se poderiam citar muitos enunciados dentre os poetas e da História; isso, porém, tomaria espaço demais. O próprio Salomão enaltece em Eclesiastes 9.15 que um homem pobre salvou, com sua sabedoria, uma cidade contra um rei poderoso.

Não que com isso eu quisesse acabar com os guerreiros e couraceiros e todas as demais coisas necessárias para a luta, como se os desprezasse ou rejeitasse. Eles também contribuem (desde que sejam obedientes) para a proteção da paz e todo o mais com a força. Cada ofício recebeu de Deus sua própria dignidade como também sua ordem e função. No entanto, também tenho que enaltecer uma vez meu próprio ofício, visto que minha vizinhança não é a melhor e que ele corre o risco de cair no desprezo. Também São Paulo sempre enaltece seu ministério a ponto de alguns pensarem que ele estaria exagerando e seria orgulhoso. Quem quiser elogiar e honrar os punhos e os homens de guerra, encontrará motivos suficientes com que elogiá-

29 Cf. Dn 8.27.

30 *Justiniano*, imperador de Roma de 527 a 565, foi o grande consolidador da lei romana, que constituiu a base do sistema legal da Alemanha do tempo de Lutero. A citação de Lutero é a frase inicial do *Corpus iuris civilis* de Justiniano, publicado em 533.

los. Também eu os elogiei de modo adequado e amplamente (assim o espero) em outro opúsculo[31]. Pois também não gosto dos juristas e escrivãezinhos que se enaltecem tanto que chegam a desprezar e ridicularizar outras profissões, como se fossem as únicas pessoas capazes no mundo, como o vêm fazendo até hoje os tonsurados juntamente com todo o papado. Devemos enaltecer todas as categorias e obras de Deus ao máximo, e jamais desprezar uma delas por causa da outra, pois está escrito: *"Confessio et magnificentia opus eius"* — "O que Deus faz é belo e bem-feito" [Sl 111.3] e no Salmo 104.31b: "Deus se agrada de suas obras". Sobretudo os pregadores devem inculcar essas idéias ao povo, os professores, aos meninos, e os pais, aos filhos desde a mocidade, para que saibam quais os estados e ofícios são de Deus ou são ordenados por Deus. E agora que o sabem, que não desprezem ou ridicularizem a nenhum deles, nem falem mal deles. Antes, honrem todos os ofícios e os admirem. Isso agrada a Deus e serve à paz e à unidade. Pois Deus é um grande senhor e mantém toda sorte de serviçais.

No entanto, existem certos fanfarrões que consideram o nome de "escritor" quase indigno de ser pronunciado ou ouvido. Não te importes com isso. Pensa assim: esses bons companheiros também precisam algo com que se divertir e alegrar. Deixa que se divirtam. Tu, porém, continuas sendo um escritor perante Deus e o mundo. Por mais que cavaqueiem, podes observar que, não obstante, estimam a pena ao extremo, colocam-na em seus chapéus e elmos, como se assim quisessem reconhecer concretamente que a pena é o máximo no mundo, sem a qual não estariam armados para a luta, nem viver em tempos de paz, muito menos fanfarronar com tanta segurança. Pois também eles se valem da paz que os pregadores e mestres (os juristas) do imperador ensinam e mantêm. Vês, portanto, que colocam nosso instrumento de trabalho, a amada pena, no lugar de maior destaque (como convém), enquanto cingem o instrumento de seu próprio ofício na cintura; ali ela fica no lugar devido e apropriado para seu ofício. Ela não ficaria bem na cabeça; lá tem que flutuar a pena. Se pecaram contra ti, pois bem, esta é sua penitência; deves perdoar-lhes.

Já que me ocorreu que muitos desses fanfarrões são tão hostis ao ofício de escritor — pois ignoram ou não se dão conta de que é um ofício e obra divina, também não enxergam o quanto ele é necessário e útil para o mundo; e se o percebessem (que Deus o permita), de qualquer forma já seria tarde

faze o seguinte: deixa-os e procura excelentes e piedosos nobres, como o finado conde Jorge von Wertheim, senhor João von Schwarzenberg, senhor Jorge

31 Lutero refere-se ao escrito: *Ob Kriegsleute auch in seligem Stande sein können* — "Se Soldados Também Podem Estar no Estado da Salvação", editado no fim do ano de 1526 (WA 19,616ss. cf. *Obras Selecionadas*, vol. 6).

von Fronsberg[32] e outros também falecidos (sem falar dos que ainda vivem). Conforta e consola-te com estes, pensando: por causa de um só homem, Ló, Deus honrou toda a cidade de Zoar; por causa de um Naamã, a todo o país da Síria; por causa de um José, todo o reino do Egito[33]. Por que não haverias de honrar também tu toda a nobreza por causa de muitos nobres honestos, dos quais, sem dúvida, conheces muitos? Observando a esses, pensarás que não existe nenhum mau. Acaso seria de esperar que dessa árvore formosa, a amada nobreza, não caíssem também frutos imaturos e que alguns deles não fossem bichados ou verrugosos? Nem por isso a árvore é condenada e má. O mesmo acontece com os filhos de Deus. Pois o próprio Deus poupa todo o gênero humano por causa de um homem, que se chama Jesus Cristo. Se olhasse somente para os seres humanos, haveria somente ira. É claro que o ministério da pregação e a autoridade secular não podem fechar os olhos ao mal, pois têm que castigar os maus, aquela com a Palavra, esta com a espada. Estou falando com pessoas individuais, com cristãos, para que aprendam a discernir o que seja obra divina e o que é maldade humana. Em todos os ofícios e categorias divinas existem muitas pessoas más. Não obstante, o estado permanece bom, por mais que os seres humanos abusem dele. Há muitas mulheres más, muitos empregados falsos, muitas empregadas desonestas, muitos funcionários e conselheiros perniciosos. Não obstante, a condição de mulher, de empregado e empregada e todos os ofícios são, de igual modo, instituição, obra e ordem de Deus. O sol permanece sendo bom, ainda que todo o mundo abuse dele, um para roubar, outro para assassinar, um para cometer esta, outro, aquela malvadeza. Quem poderia cometer alguma maldade se o sol não iluminasse, se a terra não o sustentasse e alimentasse, se o ar não o conservasse e Deus mesmo não o protegesse? A verdade é esta: "Toda criatura está sujeita à vaidade, mas não por vontade própria", Rm 8.20.

32 Conde *Jorge von Wertheim* (m. 1530) foi membro da comissão especial constituída na Assembléia Nacional de Worms (1521) para convencer Lutero de forma amigável a revogar seus livros (cf. WA 7,843-844). Lutero menciona expressamente o nome do conde em seu relato sobre os acontecimentos de Worms a Alberto von Mansfeld (cf. WA Br 2,322). No ano seguinte, o conde introduziu a Reforma em seu território, solicitando de Lutero um pastor evangélico para Wertheim (WA Br 2,597, nº 14). — Barão *João von Schwarzenberg II* (1463-1528) obteve boa parte de seus conhecimentos sobre Lutero de seu primo e amigo íntimo Jorge von Wertheim, cuja filha se casou com seu filho Frederico. Empenhou-se no sentido de impedir as tentativas papais para a implementação do edito de Worms na Assembléia Nacional de Nürnberg. Como representante do margrave Jorge de Brandenburg /Ansbach, ele possibilitou a visitação de 1528, que consolidou definitivamente a Reforma neste território. — Barão *Jorge von Fronsberg (Frundsberg)* (1473-1527), era soldado profissional. Em vista de suas boas relações tanto com os soldados camponeses quanto com a nobreza, intermediou favoravelmente na Guerra dos Camponeses no sentido de estabelecer a paz na Suábia e em Salzburgo.

33 Cf. Gn 19,21; 2 Rs 5,1; Gn 41,47.

Há os que pensam que o ofício do escritor é simples e fácil. Mas montar armado, suportar calor, frio, pó, sede e outros incômodos, isso, sim, seria um trabalho de verdade. Pois é. Esta é a velha e conhecida cantilena diária: ninguém vê onde aperta o sapato do outro. Cada qual sente apenas seu próprio infortúnio e cobiça a fortuna do outro. Sem dúvida, eu teria dificuldades se tivesse que montar armado. Por outro lado, gostaria de ver o cavaleiro capaz de ficar sentado quieto o dia inteiro com os olhos fixos num livro, mesmo que não precisasse preocupar-se com nada, nem imaginar, pensar ou ler qualquer coisa. Pergunta a um secretário de chancelaria, a um pregador ou orador o quanto é trabalhoso escrever e discursar; pergunta a um professor o quanto é penoso ensinar e educar meninos. É verdade, a pena é leve, e não há instrumento de trabalho em nenhuma atividade mais fácil de ser confeccionada do que a do escritor, pois ele só precisa da pena de ganso. E elas existem em abundância, e de graça. No entanto, neste caso, quem apanha e mais tem que trabalhar são as melhores partes do corpo humano, a cabeça, o membro mais nobre, a língua, e a faculdade suprema, a fala, enquanto em outras atividades trabalha somente o punho, os pés, as costas ou outros membros semelhantes. E enquanto trabalham, podem cantar alegremente e fazer brincadeiras, coisas que o escritor não pode. Três dedos bastam, se diz a respeito do escritor, mas todo o corpo e a alma estão empenhados.

A respeito do ilustre e amado imperador Maximiliano[34] me contaram o seguinte: quando os grandes senhores reclamaram por que necessitava de tantos secretários para embaixadas e outros fins, ele teria dito: "Que posso fazer? Eles não se dispõem a fazê-lo; só me resta empregar secretários. E tem mais: posso fazer cavaleiros, mas não posso fazer doutores". Também ouvi contar a respeito de um excelente nobre que teria dito: "Mandarei meu filho estudar. Não é grande arte pendurar duas pernas sobre um cavalo e tornar-se cavaleiro. Isso ele aprende logo". Assim é que se deve falar. No entanto, não estou dizendo isso em desprezo da ordem dos cavaleiros nem de qualquer outra categoria, mas contra os malvados fanfarrões, que desprezam todo o estudo e todas as ciências e que nada têm a apresentar do que sua armadura e que penduram duas pernas sobre um cavalo, se bem que precisam fazê-lo poucas vezes e, em troca, gozam de comodidade, prazer, alegria, honra e de todos bens em abundância durante todo o ano. É verdade que, como se diz, é fácil carregar as ciências e pesado carregar armaduras. Por outro lado, carregar uma armadura se aprende logo, enquanto as ciências não se aprendem tão depressa, nem é fácil praticar e aplicá-las.

E para terminar com essa conversa fiada, saibamos que Deus é um

34 *Maximiliano I*, imperador do Sacro Império Romano de 1493 a 1519, estava constantemente envolvido em expedições guerreiras durante seu reinado.

senhor singular. Seu trabalho consiste em transformar mendigos em senhores, assim como cria todas as coisas do nada. Ninguém poderá impedir ou atrapalhá-lo em sua atividade. Em todo o mundo faz anunciar maravilhosamente a seu respeito: "Quem é como o SENHOR, que está nas alturas e se inclina para as profundidades? Que ergue do pó o desvalido e tira o pobre do esterco, fazendo-o assentar-se entre os príncipes, entre os príncipes de seu povo?" — Salmo 113.5-8. Observa as cortes de todos os reis e príncipes, nas cidades e paróquias. Acaso não se concretiza nelas este salmo com muitos exemplos? Encontrarás advogados, doutores, conselheiros, escrivães, pregadores que, em geral, eram pobres e que, seguramente, todos foram estudantes que subiram e cresceram a tal ponto de agora serem senhores, como diz o salmo e que, como príncipes, ajudam a governar as nações e os povos. Deus não quer que reis, príncipes, senhores e nobreza por nascimento governem e sejam donos sozinhos. Quer que também seus mendigos participem. Do contrário, irão pensar que somente o nascimento nobre faz senhores e governantes, e não Deus somente.

É corrente dizer e é verdade: o papa também foi estudante. Portanto, não me desprezes os rapazes que estão a mendigar "um pedaço de pão, por amor de Deus"[35] nas portas das casas e cantam a modinha do pão, pois na verdade (conforme diz o salmo) ouves cantar grandes príncipes e senhores. Também eu fui um desses mendicantes, e pedi pão nas portas das casas, sobretudo em Eisenach, minha cidade querida; se bem que, mais tarde, meu querido pai me sustentou com todo o carinho e fidelidade na universidade de Erfurt, contribuindo com amargo suor e trabalho para que chegasse a ser o que sou[36]. Não obstante, fui aluno mendicante e, segundo esse salmo, consegui, por meio da pena, chegar ao ponto de não querer trocar com o imperador turco, nem possuir todos os seus bens em troca de meus conhecimentos. Sim, não aceito em troca os bens do mundo inteiro muitas vezes multiplicados. Sem dúvida, não teria chegado a esse ponto se não tivesse freqüentado a escola e não tivesse entrado na atividade literária.

Por conseguinte, manda teu filho estudar com toda a confiança. Ainda que, por enquanto, tenha que ficar mendigando pão, estás oferecendo a Deus nosso Senhor uma madeira preciosa da qual pode talhar-te um senhor. No

35 *Panem propter Deum*, no original, o tradicional refrão dos mendicantes.

36 Antes de matricular-se na Universidade de Erfurt, em 1501, para estudar Direito, Lutero freqüentou por quatro anos a escola em Eisenach. Sua carinhosa lembrança desse período e que fez de Eisenach sua "amada cidade" tem um motivo especial: a família Cotta recebeu o *Partekenhengst* — o escolar mendicante — em sua casa e lhe garantiu o sustento. Lutero aproveita o ensejo para expressar sua gratidão ao pai, que falecera há menos de dois meses, em 29 de maio de 1530.

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

final há que dar nisto, que teu filho e o meu[37], ou seja, filhos de gente humilde, hão de governar o mundo, tanto no estado espiritual quanto no secular, como testifica esse salmo. Pois os ricos avarentos não podem nem querem fazê-lo. São cartuxos e monges das riquezas, às quais têm que dedicar-se dia e noite. Os que são príncipes e senhores por nascimento não o poderão fazer sozinhos; particularmente não são capazes de entender o ministério espiritual. Portanto, ambos os regimes deverão ficar a cargo da gente pobre, da classe média e humilde e de seus filhos.

Não te importes com o fato de os avarentos em geral desprezarem tão profundamente as ciências, dizendo: "Ora, desde que meu filho saiba escrever em alemão, ler e calcular, isso basta. Ele será comerciante". Em breve ficarão tão mansos que, com prazer, iriam cavar com os próprios dedos dez palmos terra a dentro para arrancar um homem estudado. O comerciante não será comerciante por muito tempo, se a pregação e o direito desaparecem, disso tenho certeza. Nós teólogos e juristas haveremos de permanecer, ou então todos irão à ruína juntamente conosco, aí não pode haver engano. Se desaparecem os teólogos, desaparece a palavra de Deus e restarão somente pagãos, sim, meros diabos. Se desaparecerem os juristas, desaparece o direito juntamente com a paz, e só restará roubo, assassinato, crime e violência, nada mais que animais selvagens. O lucro que o comerciante terá, se faltar a paz, isso lhe dirá sua contabilidade. E o benefício que lhe trarão todos os seus bens, se faltar a pregação, isso lhe mostrará maravilhosamente sua consciência.

Especialmente incômodo é que essas palavras grosseiras, acristãs estão sendo ditas por aqueles que querem ser muito evangélicos; sabem doutrinar a todos com a Escritura e dominá-los com sua gritaria, mas não concedem nem ao próprio Deus, nem a seus filhos a honra e o benefício de mandá-los à escola, para que pudessem ascender a esses magníficos cargos divinos e servir a Deus e ao mundo, se bem que esteja evidente que são cargos instituídos, disponíveis e bem providos de bens e honra. Pelo contrário, afastam-nos deles e os empurram para dentro do serviço às riquezas, no qual, na verdade, não têm nenhuma perspectiva segura, pelo contrário, toda sorte de perigos tanto do corpo e dos bens quanto da alma e que, ademais, não pode ser um serviço a Deus.

Aqui também deveria mencionar quantas pessoas estudadas são necessárias na medicina e em outras áreas das ciências. Sobre esses dois pontos se poderia escrever um livro volumoso e pregar meio ano. De onde viriam

37 Na época, Lutero tinha só um filho, João (nasc. 1526), que tornou-se jurista e trabalhou, mais tarde, na chancelaria de Weimar; Martin (nasc. 1531) estudou Teologia, mas jamais ocupou um púlpito; Paulo (nasc. 1533) veio a ser um hábil e destacado médico.

pregadores, advogados e médicos, se não existisse o estudo das línguas e outras ciências da oratória? Todos têm que fluir dessa fonte. De momento, porém, esse assunto me seria demasiadamente extenso e delongado. Resumidamente quero dizer o seguinte: a um professor ou mestre dedicado e piedoso ou a quem quer que seja que eduque e instrua fielmente os meninos, jamais se pode recompensar o suficiente e não há dinheiro que o pague, como também diz o gentio Aristóteles[38]. No entanto, entre nós essa tarefa continua desprezada tão escandalosamente, como se não valesse nada. Não obstante, querem ser cristãos. De minha parte, se pudesse ou tivesse que abandonar o ministério da pregação e outras incumbências, nada mais eu desejaria tanto quanto ser professor ou educador de meninos. Pois sei que, ao lado do ministério da pregação, esse ministério é o mais útil, o mais importante e o melhor. Inclusive tenho dúvidas sobre qual deles é o melhor, pois é difícil domesticar cachorros velhos e converter velhacos empedernidos, a que, afinal, se dedica o ministério da pregação, trabalhando muitas vezes em vão. Enquanto as arvorezinhas novas são fáceis de dobrar e criar, embora também algumas se quebrem nesse processo. Sem dúvida, uma das virtudes mais elevadas na terra é educar fielmente os filhos de gente estranha, coisa que muito poucos, quase ninguém faz com os próprios.

Que os médicos são senhores, isso logo salta à vista. E a experiência ensina perfeitamente que não se pode prescindir deles. Que, porém, se trata de uma profissão útil, consoladora e salutar para o mundo, e, além disso, um agradável serviço a Deus, criado e instituído por Deus, isso o demonstra não somente a função em si, mas também o testemunha a Escritura em Eclesiástico 38.1-7: "Honrarás o médico, porque não se pode prescindir dele; foi Deus que o instituiu, pois todos os medicamentos procedem de Deus. A arte do médico lhe granjeia a devida honra e será estimado pelos grandes senhores. Deus criou os remédios da terra e nenhum homem sensato os desprezará. Pois, do modo como no tempo de Moisés a madeira transformou a água amarga em água doce[39], ele quis demonstrar ao ser humano, por meio desse episódio, do que o medicamento é capaz. Igualmente outorgou aos homens essa arte para que se glorificassem suas maravilhas. Pois através dela os médicos podem amainar toda sorte de dores e preparar muitas misturas boas e doces e fabricar pomadas com as quais se curam os doentes. Suas atividades são incontáveis, etc." Pois bem. Esse assunto me é demasiadamente extenso no momento. Os pregadores podem expor esse tema com maiores

38 Cf. Catecismo Maior (*Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4ª ed., 1993), p. 414,130: "*Deo, parentibus et magistris no potest satis gratiae rependi*", isto é: "A Deus, aos pais e aos mestres nunca se poderá agradecer e recompensar de modo suficiente", adágio que Lutero atribui a Aristóteles.

39 Cf. Êx 15.25.

detalhes e mostrar às pessoas os prejuízos e benefícios que podem causar ao mundo todo e a nossos descendentes, bem melhor do que eu o posso descrever.

Quero deixar o assunto por isso mesmo na esperança de ter advertido e solicitado fielmente a todas as pessoas que podem contribuir com algo nesse sentido. Pensa tu mesmo quantos bens teu Deus te deu de graça e ainda os dá diariamente: corpo e alma, casa, benfeitorias, mulher e filhos; além disso, paz secular, o serviço e uso de todas as coisas que criou no céu e na terra. Acima de tudo isso, também o Evangelho e o ministério da pregação, Batismo, Santa Ceia e todo o tesouro de seu Filho e de seu Espírito. E isso não apenas sem que o merecesses, mas ainda sem despesas e esforço de tua parte. Pois hoje não precisas sustentar nem as escolas nem os pastores, como seria de tua obrigação de acordo com o Evangelho[40]. E tu ainda queres ser um ladino tão maldito e ingrato, que não queiras oferecer um filho para que seja preparado a fim de preservar essas dádivas de Deus? Queres tudo de graça sem demonstrar um pingo de gratidão? Antes preferes que o reino de Deus e a salvação das almas se vá à breca, contribuindo ainda para sua ruína?

Não seria motivo para Deus irar-se? Não deveria sobrevir um tempo de carestia? Não deveriam atingir-nos pestilências, a peste inglesa, a epidemia francesa e outras pragas? Não deveriam pessoas obcecadas, tiranos selvagens e devassos assumir o governo? Não deveriam irromper guerras e desavenças? Não deveria instalar-se um regime malvado na Alemanha? Não deveriam os turcos e tártaros espoliar-nos? Com efeito, não admiraria se Deus abrisse as portas e janelas do inferno e fizesse nevar e chover diabos, ou fizesse chover do céu enxofre e fogo infernal, e nos lançasse todos juntos no abismo do inferno, como fez com Sodoma e Gomorra. Pois se Sodoma e Gomorra tivessem possuído, ouvido e visto tanto [como nós hoje], elas estariam em pé ainda hoje; pois Sodoma e Gomorra não foram nem um décimo tão malvadas como hoje é a Alemanha, porque não tinham a palavra de Deus nem o ministério da pregação, enquanto nós temos gratuitamente ambos e procedemos como se desejássemos que perecessem Deus e sua palavra, toda a disciplina e honra. As hordas fanáticas já começaram com força a suprimir a palavra de Deus. Também a nobreza e os ricos já estão em ampla campanha para derrubar a disciplina e a honra, para que nos tornemos a classe de gente que merecemos ser.

A quem devemos a posse do Evangelho e do ministério da pregação senão unicamente ao sangue e suor de nosso Senhor? Pois foi ele que o conquistou com seu angustiado e cruento suor, foi ele que os adquiriu com seu sangue e sua cruz, e no-los deu; temo-los de graça e nada fizemos nem demos em troca. Ó, meu Deus! Quão profundamente amargo e penoso isso

40 Cf. Mt 10,10; 1 Co 9,4; 1 Tm 5,18; 2 Ts 3,8ss.

se tornou para ele! No entanto, com quanto carinho e boa vontade ele o fez! Quanto sofreram os apóstolos e todos os santos para que chegasse até nós! Quantos foram assassinados em nossos dias por sua causa! E para gloriar-me também a mim, quantas vezes tive que sofrer as angústias da morte por amor a ele, sendo também profundamente penoso para mim, como ainda o é, para, deste modo, poder servir a meus queridos alemães! Tudo isso, porém, não é nada em comparação com o que Cristo, o Filho de Deus, nosso querido coração, sacrificou. E não teria conseguido nada mais entre nós do que o fato de alguns perseguirem, condenarem, blasfemarem, abaixo de todos os diabos, esse seu ministério adquirido a tão alto preço, enquanto os outros cruzam os braços, não sustentam nem pastores nem pregadores, nem ainda contribuem para sua manutenção. Além disso afastam os filhos deste ministério, para que ele se acabe bem depressa e o sangue e sofrimento de Cristo sejam em vão. Não obstante, sentem-se muito seguros, não têm escrúpulos, nenhum arrependimento ou pesar por essa ingratidão infernal, e mais do que infernal, e pelos muitos indescritíveis pecados e vícios. Não demonstram temor nem receio da ira de Deus, nem carinho e amor pelo amado Salvador, por seu amargo e penoso suplício. Não obstante, apesar dessas terríveis abominações, querem ser evangélicos e cristãos.

Se é isso que desejamos para a Alemanha, lamento ter nascido alemão e de ter alguma vez falado ou escrito nesse idioma. E se pudesse responsabilizá-lo diante de minha consciência, iria colaborar e aconselhar para que o papa retornasse sobre nós com todas as suas abominações, e nos oprimisse, escorchasse e arruinasse pior do que jamais fez anteriormente. Em outros tempos, quando se servia ao diabo e se ultrajava o sangue de Cristo, todas as bolsas estavam abertas e não havia medida para fazer doações para igrejas, escolas e todas as abominações; naquele tempo sim se podia arrojar, empurrar e meter as crianças à força em conventos, fundações, igrejas e escolas a custos incríveis, e tudo posto fora. Agora, porém, quando se trata de fundar verdadeiras escolas e igrejas, aliás, nem há necessidade de criá-las, mas apenas conservar os prédios, pois Deus as fundou e nos concedeu o necessário para mantê-las — agora que sabemos o que é a palavra de Deus e que honrar o sangue e o sofrimento de Cristo significa construir a verdadeira Igreja, agora todas as bolsas estão trancadas com correntes de ferro; aí nenhum pode contribuir. Além disso, afastam as crianças e não permitem que sejam alimentadas pela Igreja (para a qual nada contribuímos) e possam chegar a esses cargos salutares, nos quais também estarão supridos quanto às necessidades temporais, sem contribuírem para isso, para servirem a Deus, honrar e preservar o sangue e sofrimento de Cristo. Antes preferem lançá-las às fauces do Mámon, calcando o sangue de Cristo aos pés. Mesmo assim são bons cristãos.

Rogo a Deus que me conceda uma horinha [de morte] benigna, e me

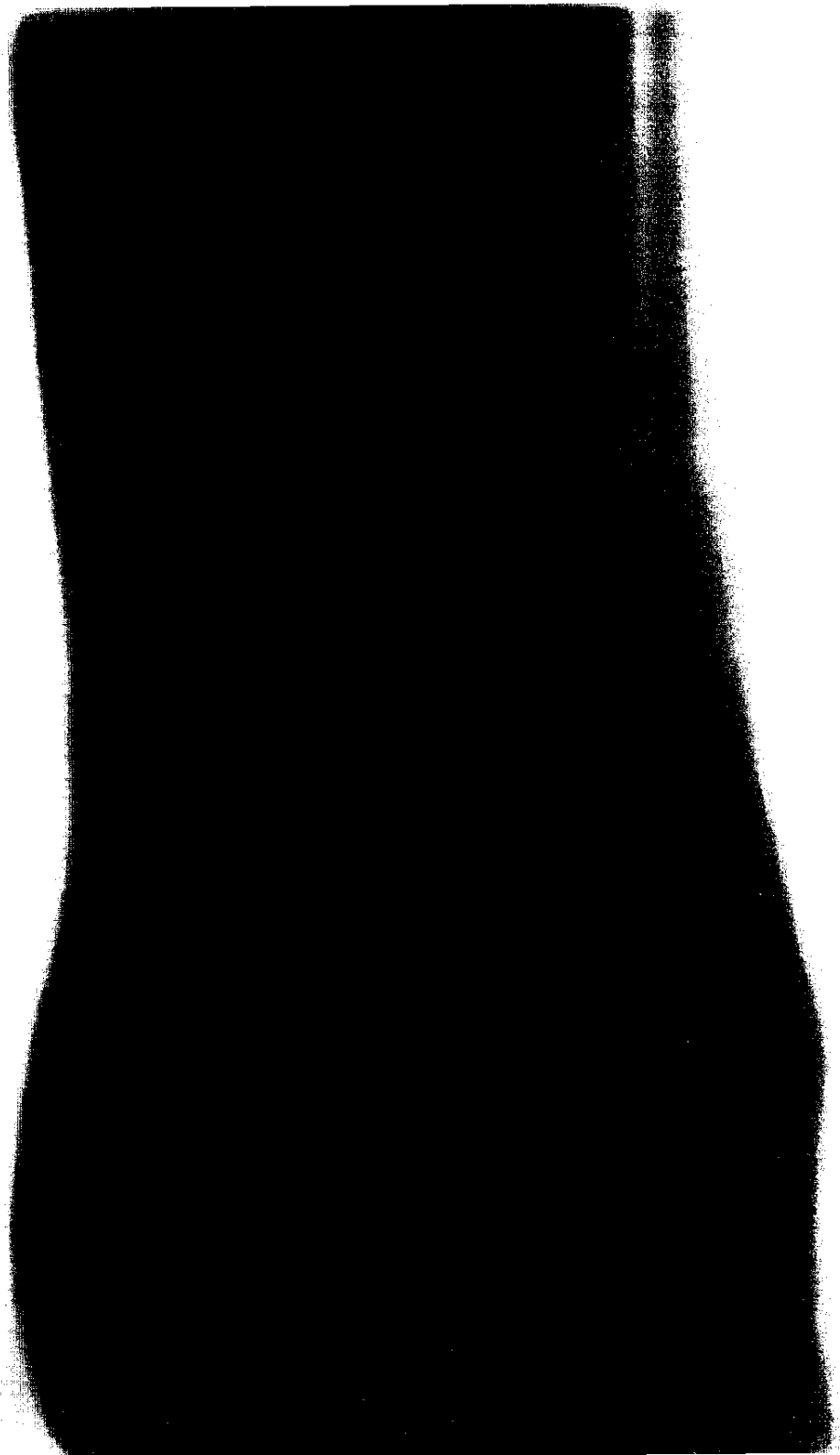
leve daqui, não permitindo que veja a miséria que há de sobrevir à Alemanha. Pois creio que, se dez Moisés se erguessem para interceder por nós[41], nada conseguiriam. Assim me sinto também quando me proponho a orar por minha querida Alemanha: minha oração ricocheteia e não quer elevar-se, como acontece em outras ocasiões, quando oro por outras coisas. Pois há de acontecer que Deus salvará a Ló e destruirá Sodoma. Queira Deus que esteja mentindo e que seja um falso profeta nesse ponto. Isso seria o caso se nos emendássemos e honrássemos a palavra de nosso Senhor e seu precioso sangue e morrer de modo diferente do que vem acontecendo até agora, e se incentivássemos e educássemos a juventude para os cargos divinos (como já disse).

Em minha opinião, porém, também as autoridades têm o dever de obrigar os súditos a mandarem seus filhos à escola, especialmente aqueles aos quais me referi acima. Pois, na verdade é dever dela preservar os ofícios e estados supramencionados, para que no futuro possamos ter pregadores, juristas, pastores, escritores, médicos, professores e outros, pois não podemos prescindir deles. Se podem obrigar os súditos capazes a carregar lanças e arcabuzes, escalar os muros e outras coisas mais que devem ser feitas em caso de guerra, quanto mais podem e devem obrigar os súditos a mandarem os filhos à escola. Porque aqui se trata de uma guerra pior, a guerra contra o enfadonho diabo, cujo propósito é sugar solapadamente cidades e principados, esvaziando-os das pessoas capacitadas, até retirar o cerne, deixando apenas uma casca vazia de pessoas inúteis, as quais pode manipular e usar a seu bel-prazer. Isso é a mesma coisa que render uma cidade ou um país pela fome, que se destrói por si mesma sem luta, antes mesmo que nos apercebamos disso. O turco procede de modo diferente; toma cada terceiro filho em todo o império e o educa para o que quer. Quanto mais nossos senhores deveriam escolher alguns meninos e mandá-los à escola, visto que, desse modo, não se está tirando os filhos dos pais, antes são educados para seu bem e proveito comum, para um cargo que lhe renderá o suficiente.

Portanto, seja vigilante quem puder! As autoridades, se descobrirem um menino capacitado, procurem mandá-lo à escola. Se o pai for pobre, usem-se para isso os recursos da Igreja. Os ricos deveriam destinar valores para essa finalidade em seus testamentos, como fizeram alguns que instituíram bolsas de estudo. Essa seria uma forma digna de doares teu dinheiro à Igreja. Com isso não estás tirando as almas dos falecidos do purgatório, mas, por meio da preservação dos ministérios divinos, estarás ajudando tanto aos que vivem atualmente como também às gerações futuras, que ainda não nasceram, para que não entrem no purgatório, mais ainda, para que sejam libertados do inferno e subam ao céu; e para que os vivos gozem paz e bem-estar. Isso seria um testamento cristão e louvável, que agradaria a Deus. Em compensação te abençoaria e honraria, para que também tu tivesses prazer e alegria nele. Aí está, meus amados alemães, eu vos adverti que chega. Acabastes de ouvir vosso profeta. Queira Deus que obedeçamos a sua palavra, para louvor e agradecimento a nosso amado Senhor por seu precioso sangue oferecido tão misericordiosamente por nós. E que Deus nos proteja do abominável vício da ingratidão e esquecimento de seus benefícios! AMÉM.

41 Cf. Ex 17,11.

Economia



Economia

INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

1. Economia e sociedade no séc. XVI

Lutero viveu em uma época profundamente marcada por transição nas formas de organizar a produção e a reprodução da subsistência material. O surgimento crescente de novos mercados levou a uma relação cada vez mais estreita entre as principais atividades econômicas — agropecuária, manufatura, mineração e comércio — na Europa central do séc. XVI. Manufatura e comércio eram atividades predominantemente urbanas. O trabalho dos artesãos era tradicionalmente regulamentado pelo estatuto das guildas, que determinava número e tamanho das empresas, além de prescrever os limites da produção com base nos índices de consumo. Após a segunda metade do séc. XV, houve grande expansão da manufatura, principalmente das grandes empresas voltadas à fabricação de tecidos e armas, à produção de seda, vidro e metalurgia. A atividade manual individual foi dando lugar a uma divisão do trabalho cada vez mais complexa, acompanhada do uso de energia hidráulica e maquinário. Para o comércio externo produziam-se mercadorias em série.

Através da intensa prática comercial houve grande acúmulo de capital que, em parte, era reinvestido na produção. Assim, os grandes comerciantes começaram a exercer uma influência crescente sobre os artesãos. Passaram a determinar a quantidade de mercadorias que comprariam deles, fazendo com que os artesãos muitas vezes ultrapassassem os limites de produção impostos pelas guildas e entrassem em conflito com elas. A burguesia mercantil também passou a fornecer matérias-primas e produtos não-acabados aos artesãos para que eles os beneficiassem, pagando depois pela mão-de-obra, a fim de levar, ela mesma, a mercadoria ao consumidor. Desse modo constituíram-se formas de trabalho assalariado com uma intensidade jamais vista anteriormente, não só no setor manufatureiro, mas também em outros ramos de atividade, como mineração e metalurgia, por exemplo. Tais formas pré-capitalistas de produzir punham em xeque o estatuto das guildas e, mais do que isso, estremeciam as bases da ordem econômico-social existente.

A concentração econômica nas mãos de poderosas casas comerciais — Fugger, Welser e Höchstetter estavam entre as mais destacadas — deveu-se em muito à participação direta de algumas delas no financiamento da invasão e conquista do Novo Mundo, bem como aos enormes lucros advindos do daí decorrente comércio com as colônias. Resultado dessa concentração foi a formação de monopólios, fortemente combatidos pela opinião pública de então, especialmente pelos artesãos. Pressionadas, as assembléias do Sacro Império Romano-Germânico tematizaram a questão, chegando inclusive a condenar e proibir oficialmente a prática monopolística em 1512, o que de resto permaneceu letra morta, apesar de o assunto voltar à pauta

seguidas vezes nos anos subseqüentes. A essa altura, membros da alta nobreza dirigente — inclusive o imperador Maximiliano I (1493-1519) e seu sucessor Carlos V (1519-1556), cuja candidatura ao império fora financiada pela casa bancária dos Fugger, da cidade de Augsburgo — já se encontravam na dependência financeira dos grandes responsáveis pelos monopólios.

2. Motivação e método de análise de Lutero

Lutero pôde experimentar em sua vida diversas facetas desse processo de profunda transição social. Desde a infância, acompanhou a forma como integrantes de seu clã ligados à prática agrícola na região da Turíngia se beneficiavam com o aumento da demanda de cereais nos mercados urbanos, resultado da retomada de crescimento demográfico ocorrido a partir de meados do séc. XV. Teve condições de observar como o pai, mestre de fundição na região mineradora de cobre de Mansfeld, ascendeu econômica e socialmente numa atividade marcada por relações de trabalho e formas de organização pré-capitalistas. Conheceu a pujança comercial de um dos maiores centros urbanos do império, que era Erfurt, onde iniciou seus estudos universitários em 1501. Até mesmo quando quis dar as costas àquela sociedade abalada em suas estruturas, buscando refúgio na vida de monge agostiniano-eremita observante, Lutero acabou envolto em questões administrativas e econômicas: entre 1515 e 1518, já em Wittenberg, foi vigário distrital de sua ordem, cabendo-lhe a supervisão geral sobre dez mosteiros nas regiões de Meissen e da Turíngia, o que o fazia responsável também sobre as transações financeiras realizadas, já que mosteiros e conventos — dentre várias outras atividades — se destacavam no grupo das principais entidades bancárias da Idade Média. Não por último, como professor de Bíblia na universidade e pregador na igreja paroquial de Wittenberg, ele fazia parte da pouco afortunada camada social dos assalariados que, entre 1520 e 1540, sofreram as conseqüências de uma inflação de mais de cem por cento no preço dos alimentos básicos.

Desse modo compreende-se por que a reflexão de Lutero a respeito de temas econômicos não se limitou aos escritos sobre comércio e usura de 1520, 1524 e 1540, incorporados no presente volume. Esses temas foram tratados por ele inúmeras vezes e detalhadamente também em tratados, sermões, traduções, preleções, prédicas, cartas, pareceres e conversas de mesa, porque o desafiavam a posicionar-se[1].

Por outro lado, os escritos sobre comércio e usura são importantes à medida em que revelam exemplarmente o método seguido por Lutero para formar um juízo ético a respeito de atividades, práticas, comportamentos e relações presentes na realidade social. Num *primeiro passo*, ele descreve a situação de acordo com sua própria análise. A ganância e a usura não só se teriam instalado poderosamente em todo o

1 Cf., p. ex., Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências. In: *Obras Selecionadas*, v. 1, pp. 22-29; Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e Sobre as Irmandades. *ib.*, pp. 440-443; Das Boas Obras. In: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 164-167; Breve Forma dos Dez Mandamentos. *ib.*, p. 180; À Nobreza Cristã de Nação Alemã... *Ib.*, pp. 291-300. 316s. 321s. 336-338; Catecismo Maior: 1ª parte: dos mandamentos (7º mandamento). In: *Livro de Concórdia;* São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, pp. 428,223-433,253.

mundo, mas estariam encobrindo sua maldade de forma a assumir uma fachada de justiça e eqüidade[2]. A fixação egoísta à propriedade e a ânsia por aumentá-la através de formas de transações comerciais e financeiras por vezes arbitrariamente legalizadas teriam levado a sérias discrepâncias sociais e jurídicas: fome e miséria no caso dos mais pobres e desempregados, empobrecimento progressivo de famílias com rendimentos modestos, bem como enriquecimento desmesurado de poucos, no caso, comerciantes e financistas cada vez mais abastados. A comunidade civil seria marcada pela falta de paz social e pelas batalhas jurídicas. Os conflitos estariam sendo resolvidos por meio da violência e do derramamento de sangue. A justiça seria frouxa no cumprimento de seu dever. Com base nessa análise, Lutero pergunta, então, pela maneira de agir da pessoa cristã em relação à propriedade, aos bens e ao dinheiro. Passa assim ao *segundo passo*: a busca e enunciado de afirmações do Evangelho para a forma de lidar com os recursos materiais. Lutero as encontra no Sermão do Monte — mais precisamente em Mt 5.40-42 — na forma de três graus, segundo os quais a pessoa cristã deveria agir: (1) Estar disposta a deixar que levem os bens, quando intimada a isso pela força; (2) Dar livremente os bens a quem os necessita ou deseja; (3) Emprestar de boa vontade os bens sem exigir de volta nada além do que efetivamente foi emprestado[3]. Em seguida, o reformador chega ao *terceiro passo* na formação de seu juízo ético, onde coloca frente à frente a prática usual das pessoas — especialmente das que se chamam cristãs — e o mandamento de Cristo. Demonstra detalhadamente como se restringia, em sua época, o alcance da exigência de Cristo, reduzindo os graus de comportamento da pessoa cristã em relação aos bens do nível de mandamentos — dirigidos a todos — ao de conselhos para a ação — obrigatórios apenas a quem se consagrasse à vida monástica e facultativos aos demais[4]. As palavras de Cristo no Sermão do Monte, entretanto, são claras e não excluem ninguém dentre as pessoas cristãs. Por fim, num *quarto passo*, Lutero apresenta casos específicos da atividade econômica, a fim de orientar na liberdade de decidir com base nos mandamentos de Deus. Tal decisão, portanto, não dependeria mais necessariamente do direito vigente. Para ele, contudo, situações diferenciadas exigiriam sempre decisões diferenciadas, o que o faz ressaltar permanentemente a importância da eqüidade[5].

A análise de seu método para a formação de um juízo ético referente à atividade econômica mostra que Lutero, apesar dos inegáveis e para o séc. XVI privilegiados conhecimentos em teoria econômica, trata do assunto antes de mais nada como teólogo e professor de Bíblia. Isso pode ser percebido não só na abundante fundamentação que dá a seus argumentos, fazendo citações da Escritura e da tradição cristã, mas na função central que certos conceitos têm em seus textos sobre questões comerciais e de crédito, tais como *ganância*[6], inúmeras vezes citada em combinação com usura ou com designativos para operações comerciais fraudulentas e *idolatria*[7],

2 Cf. abaixo pp. 399,13-19; pp. 447,18-448,19.
3 Cf. abaixo pp. 385,22-388,22; 399,13-416,31; 471,13-30.
4 Cf. abaixo pp. 385,28-386,3; 407,5-21; 472,1-8.
5 Cf. abaixo p. 376, n. 10.
6 *Ganância*: Sobre esse conceito cf. abaixo p. 377, n. 11.
7 Veja abaixo pp. 383,16-384,12.

relacionada ao assumir fiança. É marcante também como Lutero percebeu as profundas mudanças operadas na economia através de relações pré-capitalistas na produção de riquezas numa perspectiva escatológica, considerando injustiça e abusos cometidos como sinais do fim dos tempos, que estaria se aproximando celeremente[8].

3. Crítica ao comércio

No âmbito do comércio, Lutero fez referência a três fontes que, segundo ele, seriam responsáveis por diferentes práticas injustas: (1) O fato de cada um vender suas mercadorias o mais caro possível, orientando-se, quando da fixação do preço, na necessidade do próximo e não no próprio trabalho e riscos[9]; (2) A prática da fiança por terceiros, que levaria muitos a pagar com a servidão pelos compromissos assumidos e não honrados[10]; (3) A prática da usura. Dessas fontes brotariam vários tipos de exploração:

— Dava-se preferência a negócios a crédito — e não à vista —, a fim de aumentar a margem de lucro[11].
— A mercadoria, embora disponível, era estocada até o ponto de sumir do mercado, voltando depois a ser oferecida por preço aviltante[12].
— Toda mercadoria disponível era comprada por um único comerciante ou grupo, para ser então, excluída a concorrência, revendida por um preço extorsivo (monopólio)[13].
— O mais poderoso economicamente pratica preços baixíssimos, a fim de quebrar a concorrência e acabar dominando todo o mercado (''dumping'')[14]
— Alguém vende a um terceiro certa mercadoria de antemão, embora não a possua, mas sabe onde comprá-la por preço inferior ao da venda feita[15].
— Alguém, interessado em comprar abaixo do preço de mercado a mercadoria de um comerciante em aperto financeiro, envia sucessivamente pretensos compradores dispostos a pagar cada vez menos ao comerciante, para assim criar nele a falsa impressão de baixa de preço e finalmente arrematar seu produto a baixo custo[16].
— Formação de cartéis[17].
— Vender a mercadoria a crédito para alguém em necessidade — por preço acima da média — para depois recomprá-la através de um intermediário com dinheiro à vista e abaixo do preço de mercado[18].

8 Cf. abaixo pp. 399,13-17; 447,30-448,7; 491,12-21.
9 Cf. abaixo pp. 378,25-379,7.
10 Cf. abaixo p. 383,8-22.
11 Cf. abaixo p. 390,8-16.
12 Cf. abaixo p. 390,24-27.
13 Cf. abaixo pp. 390,28-391,3.
14 Cf. abaixo p. 392,19-24.
15 Cf. abaixo pp. 392,34-393,9.
16 Cf. abaixo p. 393,10-26.
17 Cf. abaixo pp. 393,27-394,2.
18 Cf. abaixo p. 394,3-13.

— Investimentos financeiros sem risco para o credor[19].
— Manipulação de mercadorias[20].

4. Crítica à usura

Por outro lado, ao abordar o tema da usura, Lutero voltou os olhos a uma das questões mais discutidas no começo do séc. XVI. Permanecia em vigor a proibição do direito canônico — renovada formalmente no V Concílio de Latrão, em 1515— mas que, por sua vez, vinha sendo debilitada por todo tipo de exceções e dispensas ao longo da Idade Média tardia, motivadas diretamente pelas novas formas de negócio surgidas com a economia monetária em expansão. Cada vez mais envolvidos nesse tipo de economia, comerciantes cristãos muitas vezes tinham problemas de consciência, tendo em vista a proibição eclesiástica oficial. Dentre os teólogos alemães que se ocuparam com o assunto destacaram-se especialmente três, todos eles ligados à universidade de Tübingen: Gabriel Biel, Konrad Summenhart e João Eck[21]. Eles procuraram reinterpretar o conceito de usura, para que diversas formas de negócio de crédito já usuais pudessem ser consideradas isentas diante da proibição canônica. Summerhart, discípulo de Biel, fez questão de enfatizar a importância da intenção do investidor ao realizar uma transação de crédito, que, em geral, permanecia oculta para a opinião pública. Aparentemente, a concessão sem risco de um crédito pelo credor ao devedor poderia não ser distinguida do pecado da usura, apesar de o contrato como tal ser plenamente legítimo, já que ambas as partes teriam participação no capital. Contudo, para não confundir a consciência do próximo, que observa o contrato de fora e desconhece a intenção do credor, Summerhart sugere que tais negócios sejam evitados. Fica clara, entretanto, a intenção de aliviar as consciências dos participantes em transações financeiras.

Eck, aluno de Summerhart, assumiu a concepção de seu mestre e procurou refutar o argumento de que um contrato de crédito necessariamente causaria escândalo a terceiros. Tratou de reforçar a presença a priori de uma boa intenção na mente dos participantes. Em 1514, Eck propôs o modelo de um contrato em três etapas: num primeiro momento, ambos os participantes do negócio estabeleceriam um acordo, fundando uma sociedade; a seguir, chegariam a um segundo acordo, pelo qual a participação financeira inicial, baseada numa taxa de juros de cinco por cento, seria designada de investimento, sem, contudo, excluir a insegurança e o risco de negócio para o credor; na terceira etapa, um terceiro acordo possibilitaria a fixação de um rendimento maior do que cinco por cento, caso o beneficiado com o empréstimo fosse bem sucedido em seu empreendimento. Depois de diversas universidades terem rejeitado uma discussão em torno das teses de Eck, este pôde finalmente promover — com grande sucesso, segundo ele próprio — um debate teológico a respeito delas em meados de 1515 na universidade da cidade italiana de Bolonha. Sua viagem até

19 Cf. abaixo p. 395,7-17.
20 Cf. abaixo pp. 395,29-306,3.
21 *João Eck* (1486-1543). O principal texto de Eck sobre a temática — *Tractatus de contractibus usurariis* — Tratado Sobre os Contratos de Usura — foi concluído a 25 de maio de 1514 e não foi publicado. Ainda sobre Eck, cf. nesta edição, v. 1, p. 257, n. 3.

lá foi financiada pela casa bancária dos Fugger, de Augsburgo. Grandes críticos da posição de Eck foram alguns humanistas, tais como Cristóvão Scheurl[22].

Assim, quando Lutero escreveu pela primeira vez a respeito da usura no ano de 1519, estava abordando um assunto bastante tematizado inclusive por teólogos. Embora Lutero certamente tivesse notícia dele, seu debate com Eck vinculou-se a outros temas teológicos e político-eclesiásticos[23].

De grande importância para a reflexão de Lutero sobre fé cristã e usura foi a discussão que travou nos anos de 1523/24 com Jacó Strauss[24]. Enquanto Eck pensava a respeito de transações financeiras sob a perspectiva do credor, Strauss — como também Lutero — o fazia sob a perspectiva do devedor. Penalizado com a situação miserável a que chegavam muitas pessoas endividadas em Eisenach, Strauss publicou 51 teses[25] no ano de 1523. Para ele, o mandamento divino contra a prática da usura — tomado de Dt 15.2 e Lc 6.35 — não poderia ser contornado por meio de dispensas de papas e concílios[26], e a usura seria por natureza contra Deus e o amor ao próximo. Segundo Strauss, até mesmo quem pagasse os juros por um empréstimo que tomou — contrato de renda[27] — teria como destino a condenação eterna. Essa tese serviu de pretexto para que muitos deixassem de honrar seus compromissos. O pregador também teve a simpatia da maioria dos integrantes do conselho da cidade de Eisenach e do duque João. Os credores, no entanto, sentiram-se prejudicados. Estes eram, em grande parte, representantes de instituições eclesiásticas da região, que somente subsistiam graças aos juros recebidos em transações financeiras.

Chamado a opinar, Lutero se manifestou a respeito das teses de Strauss em outubro de 1523. Reforçou o caráter antievangélico do contrato de renda, mas julgou apressada demais a maneira de agir do pregador. Especialmente a opinião de que restituir os juros por um empréstimo auferido seria pecado foi considerada indefensável por Lutero[28]. Em junho de 1524, Strauss publicou um escrito onde revisava algumas de suas posições mais radicais.[29]. Aqui ele defendia a idéia de que deixar de pagar os juros seria aumentar mais ainda a injustiça já presente no contrato de renda. Além disso, procurava atualizar as determinações mosaicas sobre o ano de jubileu no conjunto de sua ética social e se inspirava no que Lutero escrevera já em 1520 sobre a usura. Lutero, por sua vez, achou por bem reeditar aquele escrito em

22 *Cristóvão Scheurl* (1481-1542), humanista, assessorava o conselho da cidade de Nürnberg e se correspondeu com Lutero.
23 Cf. esta edição, v. 1, pp. 257-260 e pp. 261-384.
24 *Jacó Strauss* (1480/85-ca. 1533), natural de Basiléia, Suíça, ex-monge dominicano e, na época, pregador da corte do duque João, o Constante, da Saxônia (1468, 1525-1532), em Eisenach.
25 *Hauptstuck unnd Artickel Christlicher leer wider den vnchristlichen wu(o)cher / daru(m)b etlich pfaffen zu(o) Eysenach so gar vnru(e)wig vnd bemu(e)t seind* — Parte principal e artigos da doutrina cristã contra a ímpia usura: por causa dos quais certos padrecos em Eisenach estariam tão inquietos e incomodados.
26 Cf. abaixo pp. 454,19-456,18.
27 Cf. abaixo p. 417, n. 97.
28 Cf. WA Br 3,176-179.
29 *Das wucher zu nemen vnd gebe(n) / vnserm Christlichem glauben / vnd bru(e)derlicher lieb (als zu ewiger verdamnyss reichent) entgegen yst* ... — Por que cobrar e pagar usura é contrário a nossa fé cristã e amor fraternal, sendo suficiente para levar à maldição eterna...

1524, como segunda parte de *Comércio e Usura*, acrescentando algumas reflexões sobre a possibilidade de adaptar os modelos vétero-testamentários do dízimo e do ano de jubileu a sua realidade[30].

No contexto da discussão com Strauss, Lutero se manifestou a favor de uma nova regulamentação do contrato de renda pela autoridade. Por se tratar de um acordo entre duas partes, o devedor seria obrigado a pagar os juros combinados e a autoridade não poderia de modo algum aceitar ou proteger a inadimplência. A taxa de juros, contudo, não deveria superar os cinco por cento[31]. O reformador tinha sérias restrições quanto à prática de financiar a produção econômica mediante o recurso ao crédito financeiro. A prática da usura deveria ser permitida apenas às pessoas desassistidas — viúvas e órfãos — deficientes e enfermas, que não tivessem condições de obter a sobrevivência material por meio do próprio trabalho[32].

Ricardo Rieth

30 Cf. abaixo p. 428,6-14.
31 Cf. WA Br 3,307,33-59; 310,23-43.
32 Veja abaixo pp. 468,18-469,4.

Comércio e Usura[1]
1524

INTRODUÇÃO

"Comércio e Usura" foi publicado provavelmente em setembro de 1524, em Wittenberg. O surgimento desse escrito, no entanto, deu-se em diferentes etapas, distribuídas num período de quase cinco anos. No final de 1519, o mais tardar em novembro, foi publicado o "[Pequeno] Sermão sobre a Usura" (*[Kleiner] Sermon von dem Wucher*). Não se conhece um motivo específico que tivesse levado Lutero a escrever sobre a usura. Não é de todo improvável que o debate de Leipzig entre ele e João Eck — destacado teórico em questões financeiras, que defendia posições em muito opostas às do reformador — em abril daquele ano tivesse impulsionado Lutero a escrever, embora não haja evidências mais concretas disso. Ao escrever sobre a usura, Lutero tratou indubitavelmente de uma questão que vinha sendo bastante discutida, tendo em vista as profundas mudanças verificadas na economia e na sociedade do século XVI[2].

Motivado pela repercussão do escrito em Wittenberg e Leipzig, onde ele também foi editado em fins de 1519, Lutero resolveu reeditá-lo em forma revista e consideravelmente ampliada. Em dezembro de 1519, entregou o manuscrito ao gráfico João Grüneberg, de Wittenberg, que editou em começos de 1520 o "[Grande] Sermão sobre a Usura (*[Grosser] Sermon von dem Wucher*). Os adjetivos "pequeno" e "grande" foram usados para diferenciar os textos de 1519 e 1520 desde a edição dos escritos de Lutero surgida entre 1555 e 1558 em Jena, Alemanha. É interessante observar que a quase totalidade das edições que se sucederam — inclusive a primeira — são ilustradas por xilogravuras que mostram a figura de um judeu como usurário[3]. Trata-se de uma prática comum de impressores de textos sobre

1 *Von Kaufhandel und Wucher.* — 1524. — WA 15.293-313. — Tradução: *Walter O. Schlupp.*
(Grosser) Sermon von dem Wucher. — 1520. — WA 6.36-60. Tradução: *Ilson Kayser.*. Adendo: WA 15,321s. (Cf. Introdução.)

2 Cf. acima a introdução geral aos escritos econômicos.

3 Assim, a primeira edição de Wittenberg traz a imagem de um usurário judeu que diz: "*Bezal odder gib zinzs Dan(n) ich begere gewinsz*" (Honra tua dívida ou então paga juro ... pois eu quero lucro). As edições de Valentim Schumann (Leipzig, 1519 e 1520) trazem o desenho de um judeu que ameaça um cachorro com um pedaço de pau acompanhado dos dizeres: "*Ich heysz Rabin vnd begere alle tzeyt gewin, Bezal odder gib czinsz*"(Eu me chamo Rabino e quero lucro o tempo todo, Honra tua dívida ou então paga juro). Já a edição de Silvano Ottmar (Augsburgo, 1520) procurava retratar uma relação de exploração no mercado financeiro: traz a gravura de um camponês diante de um usurário, sendo que o camponês tem diante de si um cesto com pães e em sua mão um cesto de ovos.

temas financeiros que, ao que tudo indica, exploravam o arraigado anti-semitismo existente na Europa de então para aumentar a vendagem de seus títulos.

A segunda parte de "Comércio e Usura"[4] corresponde, portanto, à integra do "[Grande] Sermão sobre a Usura" de 1520, que Lutero julgou ser conveniente reeditar em setembro de 1524, provavelmente por causa da discussão ocorrida entre ele e Jacó Strauss, pregador em Eisenach.

Por outro lado, tanto a primeira parte[5] como as últimas linhas de "Comércio e Usura" sobre o dízimo[6] foram escritas no verão de 1524. É bem possível que Lutero, ao escrever sobre o comércio, tivesse a intenção de somar sua voz ao clamor indignado da opinião pública. Esta protestava abertamente contra a suavização e não-aplicação da lesgislação antimonopolista, promulgada em diversas assembléias imperiais — Trier e Colônia (1512), Nürnberg (1522/23)[7]. O conteúdo das últimas linhas sobre o dízimo está bem próximo ao de cartas escritas por Lutero em junho de 1524 a Capito[8] e ao duque João Frederico[9].

Os conteúdos de "Comércio e Usura" podem ser distribuídos na seguinte estrutura:

1 Comércio: pp. 376-399,4
1.1 Introdução: objetivo e tema do escrito: pp. 376,14-378,23
1.2 Estabelecimento de preços: pp. 378,25-382,27
1.3 Prática da fiança: pp. 382,29-385,21
1.4 Modo cristão de negociar (Mt 5.40-42): pp. 385,22-389,33
1.4.1 Deixar levar com violência: pp. 385,22-386,6
1.4.2 Dar ao que pede: p. 386,7-17
1.4.3 Emprestar despreocupadamente: pp. 386,18-388,22
1.4.4 Comprar e vender: pp. 388,23-389,33
1.5 Exemplos de práticas comerciais injustas: pp. 389,34-396,17
1.6 Papel do poder político: pp. 396,18-398,23
1.7 Observação final: pp. 398,24-399,4

2 Usura: pp. 399-428
2.1 A pessoa cristã e o uso dos bens: pp. 399-416
2.1.1 Introdução: contexto histórico e função do Evangelho: p. 399,13-21
2.1.2 Maneiras cristãs de negociar (Mt 5.40-42): interpretação correta e falsa: pp. 399,22-416,31
2.1.2.1 Deixar levar com violência: pp. 399,24-404,39
2.1.2.2 Dar ao que pede: pp. 405,1-412,5
2.1.2.3 Emprestar despreocupadamente: pp. 412,6-416,31
2.2 Contrato de renda como usura: pp. 416,34-426,36
2.2.1 Leis divina, natural e canônica e a definição de usura: pp. 417,14-419,25

4 Veja abaixo pp. 399ss.
5 Veja abaixo pp. 376,1-399,4.
6 Veja abaixo pp. 426,35-428,22.
7 Veja a introdução geral aos escritos econômicos.
8 Cf. WA BR 3,303. Wolfgang *Capito* (1478-1541), humanista e reformador na cidade de Estrasburgo.
9 Cf. WA Br 3,307. *João Frederico I*, duque, príncipe-eleitor da Saxônia (1503, 1532-1547, 1554).

2.2.2 Descrição e justificativas ao contrato de renda: pp. 419,26423,6
2.2.3 Alternativa à prática corrente do contrato de renda: pp. 423,7-425,14
2.2.4 Igreja e contrato de renda: pp. 425,15-426,34

3. Dízimo, ano de jubileu, contrato de renda e papel do poder político: pp. 426,35-428,22

Ricardo Rieth

0

Depois de ter vindo a lume, o santo Evangelho une e põe à mostra toda sorte de obras das trevas, como as cita S. Paulo em Rm 13.12. Pois é uma luz brilhante que ilumina o mundo todo e ensina quão más são as obras do mundo, mostrando as obras justas a serem praticadas perante Deus e para com o próximo. Por isso também vários comerciantes despertaram e se deram conta de que no seu ramo estão em uso diversos expedientes malignos e truques financeiros perniciosos, dando margem à preocupação de que esteja ocorrendo o que diz o Eclesiástico [26.28]: comerciante sem pecado é difícil. Parece-me, inclusive, que a eles se aplica o que diz S. Paulo em 1 Tm 6.10: "A ganância é uma raiz de todo mal", e "os que querem ficar ricos caem nas ciladas do diabo e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, que afogam os homens na ruína e perdição".

Creio até que este meu escrito será quase em vão, uma vez que a desgraça se instalou profundamente e tomou conta em toda parte. Além disso, os que entendem o Evangelho poderiam discernir muito bem de consciência própria nestas simples questões exteriores o que é justo e o que não é justo[10]. No entanto, tenho sido solicitado e exortado a tratar destas questões financeiras e pôr a descoberto algumas delas — embora muitos preferissem que não se o fizesse —, para que pelo menos alguns, por menor

10 Desde o séc. XIII havia teólogos que apelavam ao princípio aristotélico da eqüidade para solucionar questões não resolvíveis a partir do direito positivo. Lutero se colocou entre eles (veja, p. ex., *De votis monasticis*: WA 8,662,1s.). Ao fazer uso da eqüidade, a pessoa se decide por uma posição intermediária e justa entre dois extremos. Lutero baseou na eqüidade e na lei natural, p. ex., o direito emergencial, pelo qual a autoridade secular poderia intervir na Igreja, combatendo nela a corrupção e reformando-a (veja nesta edição, v. 2, pp. 150-153). Como o direito positivo se omitia em relação às inéditas práticas resultantes do capitalismo mercantil, Lutero apela novamente à eqüidade para que se vá na direção de decisões justas em questões econômicas. Cf. abaixo nota 18.

que seja seu número, sejam resgatados da voragem e goela da ganância[11]. Pois provavelmente é assim que ainda se encontram entre os comerciantes bem como entre outras pessoas alguns que pertencem a Cristo e que prefeririam ser pobres com Deus a serem ricos com o diabo, como diz o Sl 37.16: "Mais vale o pouco do justo do que o muito dos ímpios". Por amor a esses, portanto, precisamos falar.

Apesar de tudo, não se pode negar que comprar e vender são atividades necessárias, as quais não se pode dispensar, podendo ser praticadas de forma cristã, particularmente no tocante às coisas necessárias e honrosas. Porque também os patriarcas, por exemplo, venderam e compraram gado, lã, cereais, manteiga, leite e outros bens[12]. São dádivas de Deus que ele concede da terra e reparte entre os seres humanos. O comércio exterior, entretanto, aquele que traz mercadorias de Calcutá e da Índia e outros lugares estrangeiros, como

11 Lutero usou aqui o termo *geytz* (nos escritos latinos tem-se *avaritia*). Levando em consideração o uso corrente de *geytz* e *avaritia* no séc. XVI, podemos distinguir dois significados: o de "querer reter, manter para si, acumular" (ser avarento) e o de "querer ter mais" (ser ganancioso, exercer a cobiça). Ambos os significados estavam intrinsecamente ligados. Como, porém, para Lutero o significado "querer ter mais" (ser ganancioso) está mais presente quando faz uso de *geytz*, optou-se por traduzi-lo com "ganância" nos casos em que o contexto não indica explicitamente tratar-se de "avareza". Lutero entendeu a "ganância" como uma mentalidade ou postura do ser humano contra Deus e contra o próximo. A partir desse ponto de vista, criticou a tradição escolástica, que classificava a "ganância" como pecado radical e mortal, mas não a identificava com o pecado original, que para o reformador significava tanto quanto incredulidade. Lutero também distanciou sua crítica à "ganância" da crítica aos costumes presentes em correntes pré-reformatórias e correntes contemporâneas suas. Tais correntes contemporâneas estavam, em boa medida, vinculadas a setores do movimento humanista. Ele deixou claro que não queria, por meio de sua reflexão, promover uma moralização da vida pública com base em elementos do pensamento cristão. Queria, ao contrário, através de sua crítica "à ganância", encontrar respostas a questões fundamentais do âmbito de teologia e Igreja, que naturalmente estavam em ligação indissolúvel com o social e o econômico. Para Lutero, a "ganância" era uma forma de pecado que oculta a injustiça e a exploração do ser humano pelo ser humano sob uma fachada de boas obras e aparentes boas intenções. Ela se expande ininterruptamente. Desenvolve-se a partir da natureza egoísta das pessoas e assume, dentro do contexto econômico, sempre nova forma e estruturas. Por causa dessa característica de apresentar-se como virtude seria muito difícil, no fim das contas, identificar a origem da "ganância" no mal e na tentação pelo mundo, pela carne e pelo diabo. Por isso, somente a lei de Deus poderia reconhecer a "ganância" como pecado. A natureza humana tem condições no máximo de reconhecer as conseqüências do pecado. Daí Lutero querer sempre de novo analisar a conjuntura social e econômica em que estava inserido a fim de ver se o amor ao próximo estava sendo observado ou não. Isso porque tomou o amor ao próximo como princípio para o julgamento das mais diferentes atividades — política financeira, salarial, de preços, formação de monopólios e comércio exterior.

12 Lutero referiu-se em outras ocasiões a textos bíblicos como Gn 22.19 (cf. WA 43,267,11-15) 24.1-4 (cf. WA 43.298,38-299,5) e Sl 85.1 (cf. WA 41.293,2-298,26 — a exemplo de Agostinho e Gregório Magno).

preciosa seda, ouriversaria e especiarias, que somente servem de ostentação e não têm utilidade, sugando o dinheiro do país e das pessoas, não deveria ser permitido, se tivéssemos um governo e príncipes[13]. Mas a este respeito não quero escrever agora, porque acredito que por fim, quando não tivermos mais dinheiro, iremos largá-lo por nós próprios, inclusive jóias e comilanças. De qualquer forma, escrever e doutrinar de nada adiantará, até que a necessidade e a penúria nos forcem.

Deus rejeitou a nós alemães a ponto de termos que entregar nosso ouro e prata a países estrangeiros, enriquecendo o mundo todo e permanecendo mendigos nós próprios. A Inglaterra certamente teria menos ouro, se a Alemanha lhe deixasse seu tecido[14], e o rei de Portugal também teria menos, caso o deixássemos ficar com suas especiarias[15]. Calcule quanto dinheiro é levado para fora da Alemanha durante uma feira de Frankfurt[16], sem qualquer necessidade. É de se admirar que ainda reste um centavo na Alemanha. Frankfurt é o ralo da prata e do ouro, pelo qual se escoa da Alemanha tudo que entre nós brota e cresce, se cunha e forja. Se o ralo fosse fechado, não se haveria de ouvir agora as queixas de que só há dívidas e falta de dinheiro por toda a parte, de que todas as regiões e cidades estão sobrecarregadas pelos juros e pela usura. Mas deixa para lá, é assim mesmo: nós alemães temos que continuar alemães, não desistimos enquanto não formos obrigados.

Queremos falar aqui do abuso e do pecado do comércio no que tange à consciência. No que diz respeito ao prejuízo do bolso, isso é preocupação dos príncipes e senhores. Eles que cumpram sua obrigação neste ponto.

Em primeiro lugar, os comerciantes têm uma regra comum entre si, que é seu lema principal e fundamento de todo o negócio; eles dizem: "Posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder"[17]. Acham que este é um direito deles. Aí se dá espaço à ganância e se abrem todas as portas e janelas para o inferno. Que é isso senão dizer: Eu não me preocupo com o próximo?

13 Já em 1520 Lutero havia protestado contra esse abuso. Cf. "À Nobreza Cristã da Nação Alemã, Acerca da Melhoria do Estamento Cristão", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 337s.

14 A produção e comércio de tecidos eram um dos pilares principais da economia pré-capitalista inglesa. A importação de tecidos ingleses pelos territórios alemães era tão significativa que reduziu consideravelmente a influência comercial da Liga Hanseática, levando-a a atritos com comerciantes da Inglaterra.

15 O rei português detinha o monopólio sobre o comércio de especiarias com a Índia.

16 Lutero faz referência à feira da cidade imperial de Frankfurt no Meno, principal eixo comercial da Alemanha durante a Idade Média até o final do séc. XV, quando sua feira foi gradualmente superada em importância e volume de negócios pela de Leipzig.

17 No Catecismo Maior de 1529, Lutero descreve esse fenômeno em detalhes, ao comentar o Sétimo Mandamento. (Cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed. 1993, pp. 429,226-229.)

Se tenho meu lucro e satisfaço minha ganância, que importa que prejudique o próximo dez vezes de uma só feita? Aí você vê como esse lema afronta direta e desavergonhadamente não só a amor cristão, mas a própria lei natural[18]. Mas que então haveria de bom no comércio? Como ficar sem pecado, se tal iniqüidade é a principal diretriz e regra de todo o comércio? Desta maneira o comércio não pode ser outra coisa senão pilhar e furtar as posses dos outros.

Pois quando o olho do vilão e o ganancioso insaciável percebe que a gente depende de sua mercadoria, ou que o comprador é pobre e dela carece, ele se aproveita e eleva o preço; aí não considera o valor da mercadoria ou o serviço que presta com seu esforço e risco, mas apenas a necessidade e carência do próximo; não para vir em seu auxílio, mas para dela tirar proveito, aumentar o preço da mercadoria que, em condições normais, certamente deixaria no mesmo valor, caso não houvesse a carência do próximo. E assim, por causa de sua ganância, a mercadoria precisa custar tanto mais quanto maior for a necessidade do próximo, de modo que a necessidade do próximo acaba definindo o preço e valor da mercadoria. Acaso não é esse um procedimento acristão e desumano? Não se está, dessa maneira, vendendo ao pobre sua própria carência? Pois se ele precisa pagar tanto mais caro quanto maior for sua necessidade, isso equivale a ser forçado a comprar sua necessidade. Pois o que se vende a ele não é a mera mercadoria, tal e qual ela é por si mesma, e, sim, com o complemento e acréscimo de ele estar

18 Lutero cita freqüentemente Mt 7.12 e Lc 6.31 (regra áurea) quando se refere à "lei natural". Cf., p. ex., abaixo p. 414,13-415,24; 418,17ss.; 426,26ss. Veja tb. *Wider die himmlischen Propheten*, WA 18,81,4ss.: *Wo nun Moses gesetz und natur gesetz eyn ding sind, da bleybt das gesetze und wird nicht auffgehaben eusserlich on durch den glauben geystlich, wilches ist nicht anders denn das gesetz erfullen, Ro 3[31].* — Quando a lei de Moisés e a lei natural são a mesma coisa, aí a lei permanece e não é abolida exteriormente a não ser espiritualmente pela fé, o que nada mais é do que cumprir a lei, Rm 3.31. Lutero assumiu a tradição terminológica que identificava a lei natural com a regra áurea, mas não as confundiu uma com a outra. A regra áurea não seria, a princípio, uma lei espiritual, pois ela ordena uma obra externa e toma a própria pessoa por medida de seu comportamento. Cristo, no entanto, a teria interpretado espiritualmente, indicando às pessoas cristãs como deveriam usá-la. Assim, para Lutero, a regra áurea compreendida espiritualmente seria a forma do mandamento do amor ao próximo, presente na lei natural, que pertenceria ao reino de Cristo no âmbito da natureza corrompida. Ela seria muito mais do que uma regra para ordenar o bem-estar social, a saber, seria lei espiritual enquanto afirmação sobre a pessoa interior, não identificável pela razão humana, mas tão-somente pela compreensão nascida da fé. Sobre o assunto cf.: HOLL, Karl. *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte*, v. I, Mohr, Tübingen, 1932, 6. ed., p. 266 n. 1. HECKEL, Johannes. *Lex charitatis: eine juristische Untersuchung über das Recht in der Theologie Martin Luthers*. München, 1952, p. 67; SCHREY, Heinz-Horst. *Goldene Regel III: Historisch und ethisch. in: Theologische Realenzyklopädie*, v. 13, Berlin, 1984, pp. 576,34-577,19.

carente dela. Vê, essa e similares abominações são a necessária conseqüência quando vigora o direito do "posso vender minha mercadoria tão caro como puder".

A regra não deveria ser: "Posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder ou quiser", mas, sim: "Posso vender minha mercadoria tão caro quanto eu devo ou quanto é correto e justo"[19]. Pois teu comércio não deve depender totalmente de teu arbítrio e poder, independente de qualquer lei e medida, como se fosses um deus que não tem compromisso com ninguém. Muito antes, visto que esse teu comércio é uma atividade que praticas em favor de teu próximo, ela deve acontecer dentro de leis e em responsabilidade diante da consciência de tal maneira que a possas exercer sem dano e prejuízo para o próximo. Deves ter muito mais cuidado para não lhe infligir prejuízo, e não pensar apenas como ter maior lucro. Pois muito bem, onde é que se acham comerciantes desse tipo? Em quanto não se reduziria o número de comerciantes e diminuiria o comércio, se corrigissem esse direito maligno e se procedessem de modo cristãmente justo!

Perguntarás agora: Bem, qual será então meu preço? Como vou ao encontro do direito e da eqüidade, para não lograr ou explorar o próximo? Resposta: Isso naturalmente jamais será decidido em algum escrito ou discurso; nem tampouco jamais alguém tentou definir o preço de cada mercadoria, aumentando ou reduzindo-o. O motivo é o seguinte: as mercadorias não são todas iguais. Uma vem de mais longe que outra, uma tem custos maiores que outra, de modo que, neste ponto, tudo é e continuará necessariamente vago. Aí não se pode definir nada com certeza, assim como não se pode determinar uma única cidade de onde se buscariam todas as mercadorias, ou especificar um custo determinado que incida sobre a mercadoria; pois pode ocorrer que a mesma mercadoria, oriunda da mesma cidade e da mesma rua, este ano custe mais do que um ano atrás; que talvez as estradas ou as condições do tempo sejam menos favoráveis; ou que haja alguma outra circunstância casual que implique em custos maiores que em outra época. Ora, é justo e correto que um comerciante lucre o suficiente com sua mercadoria para cobrir seus custos e seu empenho, que trabalho e risco sejam recompensados. Afinal, um lavrador precisa receber alimento e salário por seu trabalho. Quem é que pode servir ou trabalhar de graça? Assim diz o Evangelho: "Digno é o trabalhador de seu salário" [Lc 10.7].

Mas para não nos omitirmos totalmente sobre este ponto: a forma mais adequada e segura seria que a autoridade governamental nomeasse pessoas sensatas e honestas que avaliassem todos os tipos de mercadoria quanto a

19 Lutero faz referência ao ensino de Aristóteles sobre o *iustum pretium* (preço justo), assumido e reelaborado por diversos escolásticos. De acordo com esse ensino, o preço de um produto deveria restituir os gastos com sua produção e transporte, excluindo todo e qualquer lucro.

seus custos e estabelecessem, a partir daí, o preço máximo que elas deveriam custar, para que o comerciante possa subsistir e ter seu justo sustento, da mesma forma como, em diversos lugares, é tabelado o preço do vinho, peixe, pão e similares. Nós alemães, porém, temos mais o que fazer, temos que beber e dançar, de modo que não podemos dedicar-nos [à elaboração de] tal regime e regulamentação. Portanto, como não se pode ter esperanças de que esta regulamentação seja implantada, a melhor recomendação a seguir é deixar que o mercado comum determine os preços de compra e venda, ou conforme a prática comum de vender e comprar da região. Pois neste ponto pode-se aplicar o adágio: "Faze como os outros, e não te farás de bobo". O lucro conseguido dessa forma considero ganho honesta e adequadamente, uma vez que nesse ponto há o perigo de [os comerciantes] ocasionalmente terem que arcar com perdas na mercadoria e nos custos, não podendo enriquecer demais.

Onde, porém, a mercadoria não for tabelada nem muito comum, e tu, por força das circunstâncias, és o primeiro a estabelecer seu preço, de fato não se pode ensinar outra coisa no tocante a isso senão entregá-lo a tua consciência, tentando não abusar do próximo e visando não tua ganância, mas o sustento merecido. Houve alguns que quiseram estabelecer um padrão neste tocante, de se lucrar a metade sobre toda a mercadoria, outros, a terça parte, e assim por diante. Mas a este respeito não se pode ter certeza nem segurança, a não ser que a autoridade secular e o direito comum a todos assim o ordenassem. O que esses instituíssem nesse ponto, isso seria seguro. Por isso deves propor a ti mesmo buscar na atividade comercial somente o sustento justo, orientando-te nisso para calcular e estimar o custo, esforço, trabalho e riscos, para então estipular o preço da mercadoria, aumentá-lo ou reduzi-lo, de modo que tenhas recompensa por esse trabalho e esforço.

Entretanto, não quero prender-te a consciência de modo tão perigoso, nem te dar uma margem tão limitada, como se fosse preciso estipular um preço tão exato que não se pudesse errar sequer por um centavo[20]. Porque não é possível acertar com tanta precisão quanto ganhaste com teu esforço e trabalho. Basta que, em sã consciência, procures acertar a medida adequada, embora as características próprias do comércio não o permitam. Provavelmente em ti se confirmará o que diz o sábio: "Dificilmente um negociante fará seus negócios sem incorrer em pecado, e dificilmente um taverneiro manterá justa sua boca" [Eclo 26.28]. Se acontecer que cobres um pouco demais, sem o saber e contra tua vontade, inclui isso no Pai-Nosso, ao orares "perdoa-nos a nossa culpa". Afinal, ninguém vive sem pecado. Da mesma

20 *Heller* no original. Trata-se do nome de uma unidade monetária de pequeno valor, também chamado de *haller*, que inicialmente designava uma moeda cunhada na cidade imperial de Schwäbisch Hall.

forma também pode ocorrer que peças muito pouco por teu esforço; toma isso então como compensação para quando pediste demais.

Suponhamos que fizesses negócio no valor de cem florins ao longo de um ano e que ganhasses e tomasses com teu esforço, trabalho e risco mais ou menos um, dois ou três florins[21] demais; a isso eu chamo de erro de cálculo no negócio, o qual certamente não se pode evitar, particularmente quando o negócio se estende por um ano inteiro. Por isso não deverias ficar de consciência pesada, mas apresentá-lo a Deus com o Pai-Nosso como mais um dos pecados inevitáveis (que todos nós temos), encomendando-o a ele. Porque o que te leva a tal lapso são as contingências e a peculiaridade do ofício, e não a petulância e ganância. Pois aqui estou falando de pessoas de bom coração e tementes a Deus, que não praticariam a injustiça voluntariamente, da mesma forma como o dever conjugal não acontece sem pecado. Mesmo assim Deus, por força das circunstâncias, faz vista grossa a tal ato, porque não pode ser diferente[22].

Para avaliar tua remuneração nesse negócio e ofício, o melhor será computar e avaliar o tempo e a quantidade de trabalho em termos estimativos, tomando por comparação o que ganha por dia um diarista comum em sua atividade eventual; calcula então quantos dias gastaste para buscar e conseguir a mercadoria e quanto trabalho tiveste e qual o risco que correste. Porque quanto maior o trabalho, quanto mais tempo dispendido, tanto maior deverá ser a remuneração[23]. Nessas coisas não é possível dizer ou ensinar algo mais aproximado, adequado ou certo. Quem não concordar, que o faça melhor. Minha fundamentação está (como disse) no Evangelho [Lc 10.7]: o trabalho merece seu salário. Em 1 Co 9.7 Paulo diz: "Quem pastoreia o rebanho tem direito ao leite. Quem pode ir à guerra a sua própria custa e soldo?" Se tiveres fundamentação melhor, eu não a contestarei.

Segundo: Existe ainda outro erro difundido, não só entre os comercian-

21 Com "florim" vertemos o termo alemão *Gulden*, originalmente uma moeda de ouro de Florença (por isso florim) medieval, cunhada em 1252. O nome passou a designar várias moedas européias de ouro e prata. Por volta de 1525, o salário anual de um professor universitário em Wittenberg se fixava entre 100 a 200 florins, e um terreno na periferia da cidade custava cerca de 40 florins.

22 Cf. neste volume o texto: *Da Vida Matrimonial*, p. 183, 24ss.

23 Essa maneira de compreender o valor de uma mercadoria é original dentro da história da ciência econômica: Lutero relaciona uma parte do valor da mercadoria a um dispêndio de trabalho — o salário de um diarista comum — mensurável segundo o tempo e a intensidade. Trata-se de um primeiro passo na compreensão teórica da mais-valia, a partir do qual avançou-se posteriormente na economia política clássica e na marxista.

tes, mas de uso corrente em todo o mundo: a fiança em favor do outro[24]. E mesmo que tal fato pareça isento de pecado e uma virtude do amor, ele geralmente arruína muitas pessoas, infligindo-lhes prejuízo insuperável. O rei Salomão proibiu essa prática em diversas ocasiões e a repudiou em Pv 6.1-5: "Filho meu, se ficaste por fiador de teu próximo, empenhaste tua mão. Estás comprometido com a palavra de tua boca, e preso com o discurso de tua boca. Agora, pois, faze isto, filho meu, e livra-te, pois caíste nas mãos de teu próximo; vai, pois, apressa-te, importuna teu companheiro. Não dês sono a teus olhos, nem repouso a tuas pálpebras. Livra-te como a gazela da mão [do caçador], como a ave da mão do passarinheiro". Idem no cap. 20.16: "Toma a roupa daquele que fica fiador por outrem, e penhora-o em consideração ao estrangeiro". Cap. 22.26: "Não faças companhia àqueles que empenham sua mão, e assumem a fiança por dívidas". E mais no cap. 27.13: "Toma a roupa daquele que se torna fiador de alguém, e empenha-a em consideração do estranho".

Eis aí como na Sagrada Escritura o sábio rei proíbe de modo tão intransigente e categórico assumir a fiança por outros. Com ele também concorda o adágio alemão: "Que se esganem os fiadores"[25], ou seja: Bem feito para o fiador que seja estrangulado e tenha que pagar; porque age de modo leviano e tolo ao se dar por fiador. Portanto, para a Escritura é caso encerrado: ninguém deve tornar-se fiador de outros, a não ser que tenha condições e esteja de pleno acordo em assumir a dívida e pagar. Ora, pode causar estranheza que tal ato seja considerado mau e condenável. Afinal, que seja um ato tolo, muitos o experimentaram, pois só lhes deu dor de cabeça. Mas qual seria a razão de condená-lo? Vejamos.

Assumir fiança é um ato que excede as limitações do ser humano, que não lhe compete e interfere insolentemente na obra de Deus. Pois, em primeiro lugar, a Escritura prescreve que não se deve confiar em pessoa alguma, nem fiar-se nela, mas somente em Deus. Pois a natureza humana é falha, frívola, mentirosa e incerta, como diz a Escritura e como também a experiência o ensina diariamente. Quem, todavia, se torna fiador confia numa

24 Um seguro de bens, um tipo de contrato desconhecido na lei romana da Idade Média, foi desenvolvido pela primeira vez nos portos mediterrâneos do séc. IV, como forma de assegurar riscos no comércio marítimo. A idéia de um proprietário transferir os riscos de seus bens a um segurador em troca de um pagamento se difundiu rapidamente em todos os centros comerciais. Os escolásticos aceitaram essa forma de seguro como não-usurária, exceto quando se recorria a ele para um empréstimo. Em sua *Summa angelica de casibus conscientiae*, de 1485, *Ângelo Cerletti Chivasso*, vigário-geral dos franciscanos observantes, permitiu o seguro do capital investido em sociedade, no entanto, somente com um terceiro parceiro. Sobre a discussão do tema no meio acadêmico alemão dos séc. XV e XVI, veja a Introdução Geral aos escritos econômicos.

25 Provérbio: *Bürgen soll man würgen* — literalmente: Fiadores devem ser levados à forca.

pessoa e coloca seu corpo e seus bens em perigo, sobre fundamentos falsos e incertos; por isso, bem feito para ele, que caia e se dê mal, e soçobre no perigo. Por outra, ele também está confiando em si próprio, tranformando a si mesmo em Deus (pois aquilo em que uma pessoa se fia e confia, isso é seu deus[26]). No entanto, em momento algum tem certeza e segurança de seu corpo e de seus bens, tampouco como daquele em favor do qual assume fiança. Tudo está exclusivamente nas mãos de Deus, o qual não quer que nós, no que tange ao futuro, tenhamos um mínimo de poder ou direito, nem tenhamos por um momento sequer certeza e segurança a esse respeito. Por isso tal pessoa procede de forma não cristã, e bem feito para ela [se ela se dá mal], porque está penhorando e prometendo o que não é seu e não está em seu poder, mas exclusivamente nas mãos de Deus.

Assim lemos em Gn 43.9; 44.14ss.,32ss. como o partriarca Judá entrou de fiador por seu irmão Benjamim perante seu pai Jacó, como garantia de que o traria de volta, caso contrário assumiria a culpa para sempre. Mas Deus puniu exemplarmente tal atrevimento, deixando-o cair e falhar, não podendo trazer Benjamim de volta, até que se entregou a si próprio por ele, mal e mal se livrando, por pura graça. Bem feito para ele. Pois esses fiadores se comportam como se não precisassem sequer consultar a Deus por isso, ou nem sabem se seu corpo e bens amanhã ainda estarão seguros; agem sem qualquer temor de Deus, como se tivesssem recebido a vida e os bens de si próprios e deles pudessem dispor o tempo que quisessem. Isso não é outra coisa senão fruto da ausência de fé. Assim também Tiago o censura em sua epístola, cap. 4.13-16, como arrogância, dizendo: "Atendei agora, vós que dizeis: Hoje, ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá negociaremos e lucraremos, vós que não sabeis o que sucederá amanhã. Que é vossa vida? Uma neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se vivermos e for da vontade de Deus, faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais de vossa arrogância".

Deus também condenou tal atrevimento em relação ao futuro e o desprezo por ele, em diversas ocasiões. Tomemos por exemplo Lc 12.16-21, onde o rico colheu tanto cereal naquele ano a ponto de querer demolir seus celeiros e construir outros maiores, para ali armazenar seus produtos, dizendo a sua alma: "Querida alma, tens muitos bens para muitos anos. Come, bebe e tem bom ânimo. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão tua alma, e o que juntaste, para quem será? É isso que acontece com todos os que

26 Enunciado semelhante encontra-se na explicação do Primeiro Mandamento no Catecismo Maior (cf. *Livro de Concórdia*, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed., 1993, p. 395, l. 3s.: "Aquilo, pois, a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus".

não são ricos em Deus". Assim também responde aos discípulos em At 1.7: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade". Pv 27.1: "Não te glories do dia de amanhã, porque não sabemos o que pode acontecer ainda hoje". Por isso também não nos mandou pedir mais no Pai-Nosso do que nos seja dado o pão de cada dia hoje. Isso para que vivamos e ajamos com temor e saibamos que, em momento algum, podemos estar seguros quer da vida, quer de nossos bens, mas esperemos e tomemos tudo de suas mãos, como procede uma fé genuína. Na verdade também vemos diariamente em muitas obras de Deus que este é o curso dos acontecimentos, gostemos ou não.

Salomão dedicou quase todo o seu livro chamado Eclesiastes a tal ensinamento. Mostra o quanto é vão todo o intento e a audácia das pessoas, e que não é nada mais do que fadiga e infelicidade, quando Deus não é incluído, para que o temamos e nos demos por satisfeitos com o presente e nele nos alegremos. Pois Deus é inimigo do atrevimento seguro de si e incrédulo, que dele se esquece. Por isso se lhe opõe com todos os seus atos, deixando-nos falhar e cair, arrancando-nos corpo e bens quando menos esperamos, e vem num momento em que nem nos damos conta, de maneira que os ímpios, como diz o Saltério[27], não atingem a metade de sua vida, e sempre têm que partir e morrer inesperadamente e quando apenas pretendem começar, como também diz Jó em várias ocasiões[28].

Dirás então: Mas como as pessoas poderão negociar umas com as outras, se não convém ser fiador? Dessa maneira muitos que poderiam subir na vida teriam que ficar para trás. Resposta: *Há quatro maneiras de negociar* bens exteriores com outros de forma cristã, como já disse em outra parte[29]. *A primeira* é deixar que nos tomem e roubem nossos bens, como ensina Cristo em Mt 5.40: "Se alguém te tira a túnica, deixa-lhe também a capa, e não a exijas de volta". Essa maneira de proceder naturalmente de nada vale entre os comerciantes. Ela também não foi considerada nem pregada como ensinamento cristão [de validade] geral, mas como conselho e boa recomendação para os clérigos e os perfeitos[30], os quais, aliás, a cumprem menos do que

27 Cf. Sl 55.23, p. ex.

28 Cf., p. ex., Jó 4.9,20s.; 15.32; 18.5ss.; 20.5ss.; 24.24; 27.13ss.

29 Cf. WA 6,3,36ss.: *(Kleiner) Sermon von dem Wucher* — 1519, e na segunda parte deste texto: (Grande) Sermão Sobre a Usura, pp. 399-427.

30 Em *Vom Missbrauch der Messe* (WA 8,482-563) de 1521, Lutero discute amplamente com os teólogos de Paris sobre a distinção entre mandamentos (*praecepta*) e conselhos (*consilia*). Já *Tertuliano* (ca. 160-ca. 220) debateu sobre essa distinção. Veja também a respeito a Introdução Geral aos escritos econômicos e a Introdução a *Prédicas Semanais sobre Mt 5-7*. *Tomás de Aquino* (ca. 1225-1274) também distinguiu entre mandamento e conselho em termos de obrigação e opção. Sustentava-se que a nova lei — a lei da liberdade — acrescentou de modo conveniente conselhos aos mandamentos, o que a antiga lei — a da escravidão — não fez. Esses "conselhos evangélicos" destinam-se a capacitar o ser

qualquer comerciante. Verdadeiros cristãos, porém, a cumprem, pois sabem que seu Pai no céu prometeu com certeza em Mt 6.11 dar-lhes hoje o pão de cada dia. E caso se procedesse dessa maneira, não só deixariam de ocorrer inúmeros abusos em todos os negócios, como também muitos nem se tornariam comerciantes, porque a razão e a natureza humana têm o maior receio e fogem de tal risco e prejuízo[31]

A segunda [maneira cristã] é dar gratuitamente a todos os que necesitam, como Cristo também o ensina na mesma passagem[32]. Também isso é ato altamente cristão, razão por que não é muito valorizado entre as pessoas. Também aí se reduziria o número de comerciantes e negócios, caso estivesse em uso, pois quem a colocar em prática deveras precisará agarrar-se ao céu e confiar sempre nas mãos de Deus, e não em seu estoque ou bens, sabendo que Deus quererá e haverá de alimentá-lo, mesmo que todos os cantos já estejam vazios. Pois sabe que é verdade o que Deus diz a Josué: "Não te deixarei nem te desampararei" [Js 1.5]. E como se diz: "Deus tem mais do que pode distribuir". Mas para isso é preciso ser cristão autêntico, esse espécime raro sobre a terra, ao qual o mundo e a natureza não dão a mínima.

A terceira [maneira] é dar emprestado, cedendo meus recursos para recebê-los de volta quando me são devolvidos, tendo que prescindir dos mesmos caso isso não ocorra. Pois em Lc 6.35 o próprio Cristo formula a respeito de tal empréstimo, dizendo: "Emprestai, sem esperar nada em troca", ou seja: deve-se emprestar e arriscar livremente, não vindo ao caso se é devolvido ou não. Caso for devolvido, a gente o aceita, caso contrário, que seja cedido gratuitamente. Portanto, segundo o Evangelho, somente existe uma diferença entre dar e emprestar: quando se dá, nada se toma de volta; quando se empresta, toma-se de volta quando retorna, arriscando mesmo assim que seja um dar. Pois quando alguém empresta pretendendo retorno melhor ou maior, isso é usura pública e maldita, uma vez que nem mesmo aqueles que dão emprestado exigindo ou esperando retorno igual,

humano para alcançar mais depressa a eterna bem-aventurança por meio da renúncia aos bens do mundo através de pobreza, castidade e obediência, de acordo com 1 Jo 2.16. Os conselhos evangélicos não se destinam a todos, mas somente aos capazes de observá-los, conforme Mt 19.12,21. Cf. *Suma Teológica*, I, II, q. 108, art. 4; 2, II, q. 184, art. 3 e 7, onde se afirma que o estado da perfeição é atingido de forma mais aproximada na vida monástica, e da forma mais perfeita no estado "episcopal" do que no estado "religioso".

31 Apesar de alertar contra a prática da fiança, o próprio Lutero tornou-se fiador de pessoas que, necessitadas, obtiveram créditos junto à caixa comunitária em Wittenberg. Em 1527, chegou a estar devendo 100 florins por causa disso, tendo que penhorar três taças pelo valor de 50 florins. Mesmo assim, não esteve em condições de emprestar 8 florins a um amigo. Comentando sua situação, escreveu: "O Senhor, contudo, que desse modo pune minha imprudência, há de me libertar novamente". Cf. WA Br 4,164,1-15 (1078), carta de 1/2/1527 a Eberhard Brisger.

32 Cf. Mt 5.42.

procedem de maneira cristã, ao invés de ousar o empréstimo independentemente de seu retorno.

Pois (em minha opinião) também isso seria procedimento altamente cristão e raro, em se considerando o curso do mundo; e caso fosse colocado em prática, haveria de reduzir e extinguir formidavelmente muitos tipos de negócio. Pois esses três modos de procedimento cuidam magistralmente para que eles não confiem no futuro, nem se fiem em pessoas nem em si próprios, mas se atenham exclusivamente a Deus, sendo que tudo é pago em espécie, acrescentando-se as palavras: "Que seja, se for da vontade de Deus", como ensina Tiago [4.15]. Pois aqui se está lidando com pessoas que podem falhar e que não são confiáveis, e se dá totalmente de graça, ou se assume o risco de perder o que se empresta.

Aqui se poderá argumentar: Se for assim, quem poderá ser salvo? E onde encontraremos tais cristãos? É verdade, dessa forma não restaria comércio sobre a terra; aconteceria então que se tirariam ou tomariam emprestados os bens de todo o mundo, e se abririam as portas para que os maus e gananciosos preguiçosos ficassem livres para tomar tudo, ludibriar e mentir. O mundo está cheio dessa gente. Resposta: Eu já disse que cristãos são gente rara sobre a terra. Por isso o mundo precisa de um governo secular duro e rigoroso, que tenha sob controle os maus e os impeça de tomar e roubar, obrigando-os a devolver o que tomaram emprestado (embora um cristão não deva exigir nem esperar o retorno), para que o mundo não fique devastado, não se acabe a paz, e as transações e a comunhão entre as pessoas não sejam totalmente aniquiladas. Tudo isso aconteceria caso se governasse o mundo segundo o Evangelho e não se obrigassem os maus com leis e à força a praticarem e sofrerem o que é justo. Por isso é preciso manter as estradas seguras, instaurar a paz nas cidades e praticar a justiça nos territórios, deixando a espada golpear solta e impávida sobre os transgressores, como ensina São Paulo em Rm 13.4. Pois Deus quer que os não-cristãos sejam controlados de modo a não praticarem a injustiça sem punição. Ninguém deve pensar que seria possível governar o mundo sem sangue. A espada secular deve e precisa ser vermelha e tingida de sangue, pois o mundo quer e precisa ser mau. Assim a espada de Deus é castigo e vingança contra eles. Mas a esse respeito falei o suficiente no livrinho sobra a autoridade secular[33].

O empréstimo então seria algo muito bom entre cristãos; cada qual devolveria espontaneamente o que tivesse tomado emprestado, e aquele que tivesse cedido o empréstimo o dispensaria de bom grado, caso o outro não conseguisse devolver. Pois cristãos são irmãos, e um não abandona o outro;

33 Cf. LUTERO, Martinho. "Da Autoridade Secular e até que Ponto se lhe Deve Obediência", in: *Obras Selecionadas*, v. 6.

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

mas também nenhum é tão preguiçoso e descarado a ponto de não trabalhar e fiar-se nos recursos e no trabalho do outro, querendo viver no ócio às custas do bens de outrem. Quando, porém, não se trata de cristãos, a autoridade secular deve tomar medidas para que quem tomou emprestado pague. Se ela não o fizer e for omissa, o cristão deve suportar esse roubo, como diz Paulo em 1 Co 6.7: "Por que não sofreis antes a injustiça?" O não-cristão, porém, que reclame, exija e faça como queira. Ele não tem consideração, porque é não-cristão e não observa o ensinamento de Jesus.

No entanto, ainda te resta um pequeno consolo. Tens a obrigação de dar emprestado somente aquilo que te sobra e que podes dispensar, como diz Jesus a respeito da esmola: "Dai de esmola o que tiverdes de sobra, e tudo vos será limpo" [Lc 11.41][34]. Se, porém, quiserem tomar emprestado de ti tanto que, se não for devolvido, terias que ir à ruína e não o poderias dispensar para teu sustento, não tens a obrigação de o dar emprestado. Porque antes de mais nada e em primeiro lugar tens a obrigação de prover o sustento de tua esposa, filhos e criadagem, e não podes privá-los daquilo que lhes cabe de tua parte. Por isso a melhor regra é esta: se o que te pedirem emprestado for demasiado, é melhor cederes algo gratuitamente, ou então empresta o que te parece possível e quanto podes arriscar, caso for perdido. Porque João Batista não disse: "Quem tiver uma túnica deve doá-la", e sim: "Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem; e quem tiver comida faça o mesmo" [Lc 3.11].

O quarto modo de proceder é comprar e vender, pagando em dinheiro ou mercadoria. Quem quiser proceder dessa forma, deve estar ciente de que não pode fiar-se no futuro, mas somente em Deus, e saber que está lidando com pessoas humanas que certamente falharão ou mentirão. Por isso o mais aconselhável é o seguinte: quem vende não dê emprestado nem aceite fiador, mas exija pagamento em espécie. Mas se quiser dar emprestado, que empreste aos cristãos; caso contrário, assuma o risco de perdê-lo, e não empreste

34 Lutero cita de acordo com a *Vulgata*, que traduz o termo grego *enonta* com *quod superest* – "o que sobra", "o que excede". A interpretação básica dessa passagem obscura, que prevaleceu na Idade Média, veio ao encontro do doador relutante e atribui à esmola uma virtude expiatória: "Tudo que vai além do necessário para o alimento e a roupa deves aos pobres". Em sua Bíblia Alemã, no entanto, Lutero evitou sistematicamente a versão tradicional e usou *von eurer Habe* em 1522 — "das coisas que vos pertencem" e *von dem das da ist* em 1526 — "daquilo que existe" (cf. WA DB 6,266). A base teológica para essa tradução pode ser encontrada, p. ex., em "Um Sermão Sobre o... Corpo de Cristo e Sobre as Irmandades", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 164-167; e em "Ordnung eines gemeinen Kastens. Ratschlag, wie die geistlichen Güter zu handeln sind" — Estatuto de uma Caixa Comunitária. Sugestão para uso do patrimônio eclesiástico", WA 12,11-30, in: Obras Selecionadas, v. 7.

mais do que quereria ceder gratuitamente sem comprometer seus sustento; ou, se o governo ou a ordem secular não lhe garantirem o retorno, que o dê por perdido. E evite ser fiador de alguém; é melhor dar gratuitamente o que estiver dentro de suas possibilidades. Este seria um comerciante genuinamente cristão; a este Deus também não deixaria na mão, porque confia de modo tão maravilhoso e com alegria arrisca e faz negócios com seu próximo de pouca confiança.

Se não houvesse a fiança no mundo e fosse costumeiro emprestar evangelicamente, usando-se nos negócios apenas moeda corrente ou mercadoria disponível, então os maiores e mais perniciosos riscos, falhas e problemas do comércio estariam eliminados. Então seria simples lidar com todos os comerciantes, o que também facilitaria o combate aos outros vícios pecaminosos. Pois se não existisse a prática da fiança e do empréstimo sem risco, muitos que no mais confiam em empréstimos e fianças, e dia e noite procuram subir na vida, teriam que limitar-se a condições humildes e a um consumo modesto; é por isso que todo mundo quer tornar-se comerciante e enriquecer. A necessária conseqüência disso são as inúmeras falcatruas, malícias e espertezas atualmente em voga entre os comerciantes, tanto que já não tenho mais esperanças de que se possa melhorar tudo isso; na verdade, tudo está tão sobrecarregado com maldade e fraudes, que deixa de ser sustentável a longo prazo, tendo que ruir por si mesmo.

Com isso pretendo ter desaconselhado e informado a todos a respeito dessas formidáveis, devassas e difundidas práticas dos comerciantes. Pois se houvéssemos que permitir que cada qual venda sua mercadoria tão caro quanto queira, e que emprestar, o empréstimo sob fiança e a necessidade de fiador fosse justo, aconselhando e ensinando mesmo assim como proceder cristãmente nesse assunto, preservando sã e tranqüila consciência, isso seria o mesmo que aconselhar e ensinar que injusto é justo, mau é bom, e que se pode viver e proceder segundo a Escritura Divina e, ao mesmo tempo, contra ela. Pois esses três erros, de cada qual vender tão caro quanto queira, o empréstimo e a fiança, são as três fontes de onde mana toda sorte de crimes, injustiças, fraudes e espertezas por toda a parte. No entanto, tentar impedir que a fonte jorre sem entupi-la é trabalho e esforço perdido.

Por isso quero relatar aqui algumas dessas espertezas e fraudes que eu mesmo observei, ou que me foram denunciadas por corações bons e honestos[35], para que se possa sentir e perceber que meus argumentos e minhas afirmações acima apresentadas precisam ser implementadas e praticadas, caso contrário não há como ir ao encontro das consciências nos negócios. E

35 Lutero conhecia pessoalmente um grande número de comerciantes, aos quais podia recorrer em busca de informações. É provável que tenha se assessorado justamente daqueles que o incentivaram a escrever sobre a prática comercial da época. Cf. acima p. 376,30ss.

também para que, a partir desses truques, se possam reconhecer e avaliar todas as outras malvadezas que aqui não são relatadas. Como seria possível relatá-las todas? Pois as três fontes mencionadas abrem portas e janelas à ganância e à natureza maligna, ladina e egoísta, abrindo-lhe espaço, licença e poder para praticar livremente toda sorte de tramóia e astúcia, inventando outras diariamente, de modo que tudo fede a ganância, tudo está afogado e mergulhado num grande mar de lama.

Em primeiro lugar, alguns não têm problema de consciência em vender sua mercadoria mais caro a prazo do que à vista. Inclusive alguns nem aceitam vender mercadoria à vista, mas apenas a prazo, só para terem lucro maior. Aqui vês que esse é um pecado grosseiro contra a palavra de Deus, contra a razão e tudo que convém, por pura petulância da ganância, e contra seu próximo, cujo prejuízo ele não leva em consideração, roubando o que é dele, não procurando o sustento decente, mas exclusivamente sua ganância e lucro. Pois segundo o direito divino[36], ele não deveria ceder emprestado ou a prazo mais caro do que à vista.

Ou por outra, alguns vendem sua mercadoria acima da cotação da praça ou da prática comum de mercado. Elevam os preços só porque sabem que essa mercadoria não existe mais na região ou dentro em pouco não mais será fornecida, mas que ela será solicitada. Eis aí um olho malicioso da ganância, que se fixa na necessidade do próximo, não para supri-la, mas somente para aproveitar-se dela e enriquecer com o prejuízo do próximo. São todos uns ladrões, assaltantes e agiotas públicos.

Também existem os que compram todo o estoque de algum bem ou mercadoria numa região ou numa cidade para tê-lo em seu exclusivo poder e então poderem fixar o preço, elevá-lo e vender tão caro quanto queiram ou possam. Ora, dissemos acima[37] que está errada e não é cristã a regra de alguém vender sua mercadoria tão caro quanto queira ou possa. Muito mais monstruoso é que, além disso, se compre sozinho todo o estoque de uma mercadoria, o que também proíbem os códigos imperiais e civis[38], que o chamam de monopólios, ou seja, práticas comerciais egoístas que de forma alguma devem ser toleradas nas cidades nem nos territórios. Os príncipes e senhores deveriam impedir e punir essa prática, se quisessem cumprir sua

36 Cf. Lv 25.36s.; *Decret. Grat.* IX, lib. V, tit. XIX. c. 6.

37 Cf. p. 378-382.

38 O monopólio era proibido pela lei civil romana: *Corpus iuris civilis*, Codex IX, 59: *De monopoliis*. A primeira proibição dos monopólios na Alemanha foi adotada na Assembléia Nacional de Tréveros/Colônia, em 1512. Depois de censurar a prática dos comerciantes que estabeleciam monopólios de certos bens e de a condenarem como contrária à lei imperial comum e como indecência, a Assembléia proibiu tal prática expressamente sob pena de confisco das mercadorias monopolizadas. Veja também acima Introdução Geral aos textos econômicos e Introdução ao presente texto.

função. Pois esses comerciantes procedem como se as criaturas e os bens de Deus tivesssem sido criados e concedidos exclusivamente para eles e como se os pudessem tirar dos outros e tabelá-los segundo seu próprio capricho.

Há os que querem apelar para o exemplo de José em Gn 41.48-57[39]. Esse santo homem armazenou todo o cereal da terra, para depois, no período da carestia, adquirir assim todo o dinheiro, gado, terras e pessoas para o rei do Egito. Isso também parece antes ter sido um monopólio ou interese egoísta. A resposta a esse argumento é a seguinte: a compra e negócio de José não foi um monopólio, mas uma compra comum e honesta, como era costume no país. Pois ele não impediu a ninguém comprar durante o período de abundância. Antes foi sua sabedoria, dada por Deus, que o levou a acumular o cereal do rei, durante os sete anos de colheita abundante, enquanto os outros pouco ou nada estocaram. Pois o texto não diz que ele comprou o material sozinho, e, sim, que o estocou nas cidades do rei. Se os outros não o fizeram, o prejuízo ficou com eles, já que o homem comum costuma consumir despreocupadamente ou por vezes nem tem o que armazenar.

Vemos ainda hoje que, quando príncipes e cidades não reúnem provisões para o bem geral da região, quase não ficam reservas, ou muito poucas, entre o povo comum, o qual se sustenta de um ano para o outro com a renda anual. Mesmo assim essa acumulação não é interesse egoísta ou monopólio, e, sim, uma providência genuinamente cristã e boa para a comunidade e o bem dos outros. Pois não estão se apoderando de tudo sozinhos, como esses comerciantes, e, sim, do que o mercado comum ou as receitas anuais de cada um representam em conjunto, eles reúnem estoque que os outros não querem ou não podem guardar, mas apenas tiram seu sustento diário. Tampouco consta na Escritura que José tivesse acumulado o cereal para vendê-lo ao preço que quisesse. Pois o texto diz claramente[40] que ele o fez não por ganância, mas para que o país e a população não se arruinassem. O comerciante ganancioso, porém, vende tão caro quanto quer e busca exclusivamente seu próprio proveito, sem se preocupar se terra e gente se arruínam com isso.

Mas o fato de José, dessa forma, ter colocado todo o dinheiro e gado, campos e pessoas sob [o poder do] rei, certamente não parece procedimento cristão, uma vez que deveria ter dado gratuitamente aos carentes, como ensina o Evangelho e o amor cristão. Entretanto ele procedeu bem e corretamente. Pois José exercia o governo secular em nome do rei. Pois já ensinei muitas vezes[41] que não se deve nem se pode governar o mundo segundo o Evangelho e o amor cristão, e, sim, segundo leis rigorosas, com espada e

39 Aqui Lutero tem em vista especialmente a Gabriel Biel (1410-1495), escolástico que aprovava a existência de monopólios, citando o exemplo de José nessa passagem.

40 Cf. Gn 41.36.

41 P. ex., em "Da Autoridade Secular", in: *Obras Selecionadas*, v. 6.

força, porque o mundo é mau e não aceita nem Evangelho nem amor, antes age e vive segundo sua petulância, caso não seja obrigado a força. Caso contrário, em se praticando puro amor, todo o mundo quereria comer, beber e viver bem das posses dos outros, e ninguém trabalharia; cada qual tiraria o que é do outro, instalando-se um estado de coisas tal que tornaria impossível o convívio.

Por isso José procedeu corretamente, porque Deus mandou que ele se apoderasse de tudo através de uma compra justa e eqüitativa, proporcionada pela ocasião, e fazendo com que, segundo o direito civil, o povo se visse forçado a vender a si e tudo o que possuía. Pois naqueles países sempre reinou um regime rigoroso, bem como a prática de se venderem pessoas como qualquer marcadoria. Além disso ele sem dúvida, como cristão piedoso[42], não permitiu que o pobre morresse de fome, e, sim, como diz o texto, depois de ter sido investido na judicatura e na autoridade do rei, coletou cereal, vendeu-o e o distribuiu para o bem e proveito do país e das pessoas. Por isso o exemplo do fiel José está tão distante da ação dos comerciantes pérfidos e agoístas como o céu está distante da terra. É mais ou menos isso que quis dizer como excurso. Retornamos agora aos tópicos.

Outra: quando alguns não conseguem estabelecer seu monopólio ou transações comerciais egoístas, porque há outros que também dispõem da mesma mercadoria e dos mesmos bens, eles passam a oferecer sua mercadoria tão barato, que os outros não conseguem acompanhar, forçando-os assim a deixarem de vender ou a se arruinarem, vendendo tão barato quanto aqueles. Assim acabam impondo seu monopólio[43]. Essas pessoas não merecem ser chamadas de seres humanos, nem morar entre gente, sim, não merecem sequer serem orientadas ou admoestadas, uma vez que, neste caso, a inveja e a ganância é tão desabrida e descarada que a pessoa prejudica os outros inclusive através de seu próprio prejuízo, para que, custe o que custar, fique sozinha a dona da praça. As autoridades fariam bem em tirar deles tudo que possuem, enxotando-os do país. Na verdade, não haveria necessidade de relatar esses abusos, mas eu os incluo para que se veja quanta malandragem existe nos negócios comerciais, e para que todos saibam o que se passa no mundo e se acautelem contra essa categoria perigosa.

Outro golpe refinado é quando um se compromete a vender ao outro, com promessa de fornecimento futuro, a mercadoria que ele próprio não possui, da seguinte forma: Um comerciante vem a mim e pergunta se tenho

42 Lutero refere-se invariavelmente aos crentes e justos do Antigo Testamento como cristãos e santos. Com o termo "piedoso" traduz-se o original *frum*, que para Lutero tem muitas vezes a conotação de "justo" ou "justificado" [pela fé] (*iustus*). Cf., p. ex., "Tratado [...] sobre a Liberdade Cristã", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, especialmente pp. 437[,32] 439[,40, 441],44,28] e 443[,18].

43 Cf. acima nota 38.

em oferta esta ou aquela mercadoria; digo que sim, mesmo não a tendo, porém, ainda assim lha vendo por dez ou onze florins, quando no mais ela é vendida por nove florins ou menos, e lhe prometo a entrega dentro de dois ou três dias. Então vou e compro essa mercadoria, uma vez que sabia de antemão que a compraria por menos que lha vendo, e entrego a mesma a ele e ele me paga. Dessa forma estou fazendo negócio com dinheiro e bens do outro sem qualquer risco, esforço ou trabalho, e enriqueço. Isso é o que se chama de ganhar a vida na rua com dinheiro e recurso alheio, sem precisar viajar por terras e mares.

Outra forma de ganhar a vida na rua é a seguinte: Quando um comerciante encheu o bolso de dinheiro e não quer mais aventurar-se com suas mercadorias por terras e mares, mas apenas fazer negócio certo, ele se fixa num grande centro comercial; então fica sabendo de um comerciante que está sendo apertado por seus credores, precisando de dinheiro para pagar; não tem dinheiro, mas ainda dispõe de boa mercadoria. Então manda alguém de suas relações para comprar essa mercadoria, oferecendo-lhe oito florins, quando ela perfeitamente valeria dez. Se ele não aceitar, encaminha ainda outro que lhe oferece seis ou sete, de modo que o pobre homem necessariamente fica preocupado, pensando que a mercadoria está baixando de preço. Por fim dá-se satisfeito com os oito florins, para conseguir dinheiro em espécie e não precisar sofrer prejuízo demasiado nem passar vergonha. Ocorre inclusive que comerciantes em semelhantes apuros procuram esses tiranos e oferecem a mercadoria por dinheiro para conseguirem pagar; aqueles ficam o pé por tanto tempo até baixar o preço ao ponto de pagarem o quanto quiserem. Esses financistas a gente chama de degoladores ou sanguessugas, mas passam por gente altamente habilidosa.

Outro expediente egoísta é quando três ou quatro comerciantes têm em suas mãos um ou dois tipos de mercadorias que outros não têm ou não estão oferecendo; quando percebem que essa mercadoria vale muito e encarece diariamente por motivo de guerra ou catástrofe, eles fazem um conluio entre si e alegam perante os outros que há grande procura por essa mercadoria e que não há muitos que a têm em oferta. Mas se houver alguns que a tenham, eles colocam um estranho como testa-de-ferro, o qual mandam comprar toda a mercadoria desse tipo. Tendo então a mercadoria totalmente em suas mãos, fazem entre si o seguinte pacto: já que não há mais dessa mercadoria, nós a venderemos por tal e tal preço; quem a vender mais barato pagará multa de tanto.

Ao que ouço, esse abuso é mais praticado pelos comerciantes ingleses na comercialização de tecidos ingleses ou londrinos. Pois consta que reúnem uma câmara especial para esse comércio, como a câmara de uma cidade, e todos os ingleses que vendem tecidos ingleses ou londrinos precisam obedecer a essa câmara, ou serão punidos. Essa câmara determina o preço de seus tecidos e o dia e ocasião em que deverão estar em oferta. O presidente dessa

câmara se chama *courtmaster*[44] e goza de um prestígio não muito inferior ao de um príncipe; vê, pois, a que ponto chega a ganância e quais suas conseqüências.

E esta peça também preciso mencionar: Eu vendo pimenta ou similar para alguém a prazo de meio ano, e sei que o comprador precisa passar a revendê-la imediatamente para fazer caixa. Então eu mesmo vou lá, ou mando alguém por mim que lhe compre de volta a mercadoria por dinheiro vivo, mas nos seguintes termos: o que ele me comprou por doze florins a prazo de meio ano, isso lhe compro por oito, sendo que o preço na praça é dez florins. Portanto, compro dele dois florins mais barato que a oferta no mercado, e ele comprou de mim por dois florins acima do mercado. Assim lucro na compra final e na venda inicial, só porque ele precisa fazer caixa e acredita que, caso contrário, poderia sofrer o vexame de ninguém mais lhe emprestar.

Vejamos aquele que pratica ou precisa praticar essas transações financeiras, como aqueles que compram a prazo mais do que podem pagar (como quando alguém não possui duzentos florins e faz um negócio de quinhentos ou seiscentos florins). Se acontecer que meus devedores não pagam, eu também não posso pagar; aí então a desgraça vai se alastrando, acumulando-se um prejuízo em cima do outro, quanto mais utilizo tais financiamentos. Por fim percebo a corda no pescoço, de modo que preciso fugir ou ir para a cadeia. Aí então fico bem quieto e acalmo meus credores com palavras bonitas, prometendo pagar-lhes direitinho; enquanto isso tomo emprestadas tantas mercadorias quantas puder e as converto em dinheiro, ou tomo emprestado dinheiro contra promissórias, ou simplesmente empresto tanto quanto puder receber. Quando então for a melhor ocasião e meus credores não me deixarem em paz, tranco minha casa, declaro falência e fujo; escondo-me num mosteiro qualquer, onde sou livre como um ladrão e assassino [asilado] na igreja[45]. Meus credores então ficarão contentes por eu não ter fugido do país e me dão desconto da metade ou de um terço de toda a minha dívida, e o restante a pagar num prazo de dois ou três anos; isso me dão por escrito e selado. Então volto para casa e sou um comerciante que, com sua falência e dando no pé, lucrou três mil florins, os quais não teria conseguido em três ou quatro anos a base de muita correria e esforço. Ou se isso não adiantar, se vejo que preciso fugir, encosto-me na corte do imperador ou em

44 Trata-se de uma referência ao *courtmaster*, o líder da organização dos *Merchant Adventures*, que, tendo seu centro em Londres, reunia os comerciantes e os submetia a suas determinações no que se refere a qualidade, preço e quantidade de mercadorias, bem como às rotas e destinos comerciais. Para qualidade e medida dos tecidos havia também uma legislação real.

45 Conventos e igrejas ofereciam asilo a pessoas perseguidas. Essa instituição, reconhecida pelo Estado desde o séc. IV como parte do ministério da caridade, revelou-se como um perigo público quando usado para fins fraudulentos.

seu representante. Por cem ou duzentos florins consigo um quinqüenal, ou seja, um salvo-conduto do imperador, que me concede liberdade por dois ou três anos[46], podendo transitar perante todos os meus credores por ter, supostamente, sofrido grave prejuízo, segundo alego, para que o quinqüenal também tenha a aparência de que tem sua razão justa e divina. Isso sim que são patifarias.

Mais outro golpe muito comum nas companhias comerciais: Um cidadão aplica por seis anos um ou dois mil florins junto a um comerciante, para que o comerciante negocie com eles, lucrando ou perdendo, e pagando ao cidadão anualmente duzentos florins de juros fixos. O que lucrar a mais será seu. Se nada lucrar, precisa pagar os juros assim mesmo. E com isso o cidadão está prestando grande serviço ao comerciante, pois este acredita que com os dois mil florins pode lucrar trezentos. Por outro lado, o comerciante presta um grande serviço ao cidadão, pois caso contrário seu dinheiro teria que ficar parado, sem dar lucro nenhum. Quão iníqua é esta prática comum, uma verdadeira agiotagem, narrei o suficiente no "Sermão sobre a Usura"[47].

Preciso relatar mais uma situação a título de exemplo de como o falso dar e tomar emprestado conduz ao infortúnio. Alguns, quando percebem que o comprador tem problema de liquidez e não cumpre seu prazo, conseguem ressarcir-se de forma muito refinada. Eu encaminho um comerciante estranho para que vá e compre daquele sua mercadoria, digamos a cem florins por aí, e digo: "Quando tiveres comprado toda a sua mercadoria, promete-lhe dinheiro vivo ou indica-lhe um devedor confiável. E quando tiveres a mercadoria, conduze-o a mim como sendo teu devedor e faz de conta como se não soubesses que ele me deve. Dessa forma sou pago sem nada lhe dar". Isso é o que se chama de defraudar e arruinar o pobre homem de modo inexorável junto com todos aqueles aos quais, por ventura, também deve. Mas é isso que acontece quando se dá e toma emprestado de modo não-cristão.

Da mesma forma também se descobriu como guardar ou acondicionar mercadoria ou bens de modo que aumentem de volume. Estocam pimenta, gengibre, açafrão em abóbadas ou porões úmidos, de modo que aumentem de peso. Vendem tecido de lã, seda, marta, chinchila em porões ou galpões escuros, cortando a ventilação. Essa prática é tão comum que para quase cada tipo de mercadoria há uma maneira de se criar um ambiente especial. Também não há mercadoria da qual não se saiba tirar vantagem: na medida,

46 *Quinqüenal*, originalmente um salvo-conduto que concede ao devedor inadimplente uma moratória de 5 anos sob a alegação de ter sofrido prejuízos consideráveis. A expressão passou a estender-se também a outras moratórias desse tipo, concedidas pelo imperador. A prática revelou-se bastante injusta.

47 O *Sermão Sobre a Usura* — veja acima Introdução — constitui a continuação do presente texto. Cf. especialmente a segunda parte desse Sermão, pp. 399ss.

na contagem, na vara métrica, no volume ou peso; às vezes lhe dão uma cor que ela nem tem por si mesma; é uma fraude sem fim, e nenhum comerciante arrisca confiar no outro além do que ele vê e toma nas mãos.

No entanto, reina entre os comerciantes grande queixa contra os fidalgos ou ladrões[48], sobre o grande perigo a quem têm que se expor em sua atividade comercial, sendo às vezes presos, espancados, extorquidos, saqueados, etc. Se, porém, estivessem sofrendo por causa da justiça, os comerciantes que suportam essas coisas naturalmente seriam gente santa. É claro que pode acontecer que alguém sofra injustiça perante Deus, que ele precisa pagar por outros, por ser encontrado na companhia deles, e pagar pelo pecado do outro. Enquanto, porém, injustiças tão graves e ladroagens e roubalheiras não-cristãs são praticadas em todo o mundo, inclusive pelos próprios comerciantes entre si mesmos, acaso admira que Deus providencie que bens tão formidáveis, adquiridos injustamente, sejam novamente perdidos ou roubados, e que os próprios comerciantes sejam espancados e presos? Afinal Deus tem que administrar a justiça, como, aliás, se deixa glorificar como verdadeiro juiz no Sl 11.7.

Não é que com isso eu queira desculpar os salteadores de estrada ou assaltantes, ou lhes dar a licença de praticarem sua roubalheira. A culpa é dos príncipes territoriais, que devem manter seguras suas ruas e estradas tanto para o bem do mau quanto do honesto. E aos príncipes compete punir e coibir tais negócios iníquos fora da ordem, para que seus súditos não sejam tão descaradamente explorados pelos comerciantes. Enquanto não o fazem, Deus usa para isso os cavaleiros e assaltantes, e através deles pune a injustiça dos comerciantes. Eles hão de ser seus diabos. Pois do modo como atormentou o Egito e todo o mundo com os diabos, ou os arruinou por meio de inimigos, assim também castiga um facínora com outro; além disso dá a atender dessa forma que os cavaleiros não são tão ladrões como os comerciantes, visto que os comerciantes roubam todo o mundo diariamente, enquanto um cavaleiro assalta um ou dois uma ou duas vezes por ano[49].

A respeito das companhias comerciais certamente teria muito a dizer. Mas aí a ganância e injustiça é tamanha que nada se pode encontrar nelas que se possa negociar de consciência tranqüila. Pois quem é tão grosseiro

48 A queixa é dupla. Em muitos casos os assaltantes eram cavaleiros que assaltavam os comboios de transportes a partir de seus castelos. Existiam "ordens de cavaleiros piratas" regulares, que se entendiam como defensores do povo contra os opressores. Um de seus líderes foi *Ulrich von Hutten*. Além disso, os comerciantes eram obrigados a pagar pesadas taxas de trânsito ao cruzarem os territórios dos inúmeros cavaleiros ou barões.

49 Cf. HUTTEN, Ulrico von. *Praedones*, in: BÖCKING, Eduard (ed.). *Ulrichi Hutteni Opera*, 4,363-406. Hutten afirma que entre os cavaleiros piratas, juristas, sacerdotes e comerciantes os maiores ladrões são os últimos.

a ponto de não enxergar que as companhias não passam de puros e autênticos monopólios? A esses, porém, proíbem inclusive os códigos civis pagãos[50] como algo notoriamente prejudicial em todo o mundo, isso para não falar do direito divino e da lei cristã. Pois elas têm toda a mercadoria em seu poder e com ela fazem o que bem entendem, praticando desabridamente os golpes acima mencionados, elevando ou baixando preços a seu bel-prazer, e pressionando e arruinando todos os pequenos comerciantes, como o tubarão trata os peixes pequenos na água, como se fossem os senhores sobre as criaturas de Deus, livres de todas as leis da fé e do amor.

É por isso que se tem que pagar em todo o mundo pelas especiarias os preços que eles estabelecem, e praticam a seguinte alternância: este ano levantam o preço do gengibre, ano que vem o do açafrão, ou vice-versa, para não precisarem sofrer nenhum prejuízo ou perda, nem correr risco, havendo sempre uma compensação. Caso estrague o gengibre ou vier a faltar, eles o compensam no açafrão, e vice-versa, para que o lucro fique garantido. Isso é contra a natureza não só dos bens comerciais, e, sim, de todos os bens temporais, os quais Deus quer que fiquem sob risco e insegurança. Mas eles deram um jeito de, por meio de mercadoria incerta e arriscada, terem lucro certo e eterno. E mesmo assim precisam sugar o mundo inteiro e todo o dinheiro tem que entrar e nadar para o bolso deles.

E como é possível, num procedimento legítimo e conforme a Deus, que um homem fique rico em tão pouco tempo, a ponto de conseguir comprar reis e imperadores[51]? Como, porém, eles conseguiram que todo o mundo

50 Cf. nota 38.

51 Foi esse o caso do banco da família Fugger, de Augsburgo, detentor de vários monopólios. Esse banco assegurou a eleição do imperador Carlos V, em 1519, por meio do desembolso de enormes somas de dinheiro. Jacó Fugger (1459-1525) enriquecera a partir de empreendimentos no setor da mineração de prata e cobre nas regiões do Tirol e da atual fronteira húngaro-eslovaca. Ele financiava os governantes desses territórios, que detinham o monopólio sobre a mineração, colocando-os, desse modo, em situação de dependência. Em 1488, p. ex., fez um empréstimo de 150 mil florins ao barão Sigismundo, no Tirol. Na fronteira húngaro-eslovaca, Fugger associou-se a João Thurzo, que tinha desenvolvido uma tecnologia revolucionária para bombeamento de água em minas submersas e abandonadas, para, assim, reaproveitá-las. A grande cartada de Fugger foi propor e estabelecer com os demais empresários de mineração no Tirol um cartel que estabelecia um preço fixo para o cobre. Às costas de seus associados, fez então com que Thurzo, seu sócio na região húngaro-eslovaca, vendesse cobre abaixo do preço do cartel tirolês. Agiram desse modo até que as empresas de lá falissem e fossem compradas por Fugger, por um preço irrisório. Desse modo, João Fugger assumiu o monopólio da venda de cobre em amplas regiões da Europa e logrou ampliar seu império financeiro. Ao morrer, deixou um montante aproximado de 2 milhões de florins. Com parte dessa riqueza, seu sobrinho, Anton Fugger (1493-1560), financiou expedições de invasão, conquista e colonização por europeus na América do Sul, México e Índia, empreendimentos que trouxeram, em alguns casos, lucros de até mil por cento.

fosse obrigado a fazer comércio com risco e perda, ganhando este ano e perdendo no outro, enquanto eles podem ganhar sempre e eternamente, compensando sua perda com lucro acrescido, não será supresa se daqui a pouco se apoderarem de todos os bens da terra. Pois um centavo certo e eterno é melhor do que um florim incerto e temporal. Agora essas companhias sempre negociam apenas com florins certos e eternos, em troca de nossos centavos incertos e temporais. Quem se admira que eles se tornem reis, e nós, mendigos?

Reis e príncipes deveriam cuidar disso e coibi-lo com justiça rigorosa. Porém ouço que eles estão com o rabo preso, e as coisas acontecem segundo diz Is 1.23: "Os teus príncipes são ... cúmplices de ladrões". Enquanto isso mandam enforcar ladrões que furtaram um ou meio florim, e transitam com aqueles que saqueiam o mundo inteiro e roubam mais do que todos os outros. Assim se confirma o adágio: "Os ladrões graúdos enforcam os miúdos"; ou como dizia o senador romano Catão[52]: "Os ladrões pequenos estão em grilhões nas cadeias; mas ladrões notórios trajam ouro e seda"[53]. Mas que dirá Deus enfim a esse respeito? Fará o que diz através de Ezequiel [22.20]: fundirá príncipes e negociantes, um ladrão com o outro, como chumbo e estanho, como quando se incinera uma cidade, de modo a não sobrarem nem príncipes nem comerciantes; tudo isso, temo eu, está prestes a acontecer, porque, de qualquer forma, sequer estamos pensando em nos corrigirmos, por maior que seja o pecado e a injustiça. Assim ele também não pode deixar impune a injustiça.

Por isso também ninguém precisa perguntar como poderia estar de consciência tranqüila nas companhias [comerciais]. Não há outro conselho senão: Larga disso, que não vai mudar. Se as companhias permanecerem, o direito e a honestidade desaparecerão. Se quisermos que prevaleça o direito e a honestidade, as companhias precisam desaparecer. A cama é muito estreita, diz Isaías [28.20], e um tem que cair fora; a coberta é muito estreita, e não consegue cobrir a ambos. Ora, sei muito bem que o que estou escrevendo não vai agradar, e talvez ignorem tudo e continuem do jeito que são. Eu mesmo, porém estou desculpado e fiz minha parte, para que, quando Deus vier com o açoite, se enxergue que o merecemos com justiça. Se com isso eu tiver instruído ao menos uma alma, resgatando-a da voragem, não terei trabalhado em vão; mesmo assim estimo que o estado de coisas tenha chegado a um ponto tão grave e extremo (como também já disse acima) que não mais consiga sustentar-se por si próprio. Não é por amor a mim ou para

52 *Catão* (234-149 a.C.), estadista e escritor romano.

53 GELLIUS. *Noct. Attic.*, lib. XI c. XVIII § 18: *Fures inquit [M. Cato] privatorum furtorum in nervo atque in compedibus aetatem agunt, fures publici in auro atque in purpura.*

me fazer um favor que alguém precisa deixar disso; e ninguém precisa aceitá-lo e considerá-lo para teimar comigo e me contrariar. Quem está em jogo és tu, e não eu. Deus nos ilumine e nos fortaleça para que cumpramos sua vontade. Amém.

0

Sobre a Usura[54]

Em primeiro lugar, é preciso saber que, em nossos dias (a respeito dos quais o apóstolo Paulo profetizou que seriam perigosos[55]), a ganância[56] e a usura não apenas se instalaram imensamente em todo o mundo, mas que alguns também se atreveram a descobrir alguns subterfúgios sob os quais podem praticar livremente sua maldade sob o manto da justiça. Entrementes chegamos quase ao ponto de já não fazermos mais nenhum caso do santo Evangelho. Por isso é necessário que, nestes tempos perigosos, cada qual se previna e proceda com discernimento no trato com bens temporais, observando com atenção o Evangelho de Cristo, nosso Senhor.

Em segundo lugar, é preciso saber que existem três graus e maneiras distintas[57] para se negociar corretamente e com méritos com bens materiais. 1º — Se alguém nos tirar um bem material à força, não devemos apenas tolerá-lo e abrir mão dele, mas inclusive estar dispostos a entregar mais se ele quiser tirar ainda outras coisas. A respeito disso diz nosso amado Senhor Jesus Cristo: "Se alguém quer demandar contigo em juízo para tira-te a vestimenta, a esse entrega também a capa" (Mt 5.40). Esse é o mais alto grau a ser atingido nesse assunto, e [a palavra de Jesus] não deve ser entendida, como opinam alguns, como se a gente tivesse que atirar também a capa atrás dele; mas que se renucie também à capa, que não se ofereça resistência nem se fique impaciente por causa dela, nem se a tome de volta;

54 Começa aqui o texto conhecido por *(Grande) Sermão Sobre a Usura*, em distinção ao *(Pequeno) Sermão sobre a Usura* de 1519 (WA 6,3-8). Publicado em 1520, o tratado foi anexado, juntamente com um breve complemento (cf. no final deste texto) ao presente tratado de 1524, por ocasião de sua publicação. (Cf. *Introdução* e nota 1.) Na edição de 1520, o texto principia com: "JESUS. (Grande) Sermão Sobre a Usura do doutor Martinho Lutero, agostiniano, em Wittenberg, 1520."

55 Cf. 2 Tm 3.1.

56 Veja acima nota 11.

57 Cf. acima pp. 385ss., onde Lutero decreve as "quatro maneiras cristãs" de se lidar com os bens temporais.

pois [Jesus] não diz: "dá-lhe também a capa", mas: "deixa-lhe também a capa"; assim como Cristo procedeu diante do bispo Anás[58]: quando recebeu a bofetada, ofereceu-lhe também a outra [face], estando disposto a suportar mais outras bofetadas. Em todo seu sofrimento observamos que ele jamais retribui com alguma palavra ou gesto mau, mas que estava sempre disposto a sofrer mais e mais.

Terceiro: Mas também é verdade que disse ao servo Malco: "Se falei mal, prova-o; se, todavia, falei bem, por que me bates?"[59] Tem gente que tropeça nessas palavras, inclusive alguns dos eruditos, afirmando que aqui Cristo não ofereceu a outra face, como havia ensinado. No entanto, não atentam bem para as palavras; pois nessas palavras Cristo não faz ameaças, não se vinga, não revida, também não se nega a oferecer a outra face, inclusive não julga nem condena a Malco. Pelo contrário, conforme escreve a respeito dele S. Pedro [1 Pe 2.23]: "Não fez ameaças nem intentou fazer mal, mas entregou tudo a Deus, o fiel juiz", como se tivesse dito: "Deus certamente saberá descobrir se falei bem ou se tu me bates com razão, e o compromisso de prová-lo é teu". A mesma coisa também disse Zacarias, quando estavam por matá-lo: "*Videat dominus et iudicet* — Deus o verá e o julgará" [2 Cr 24.22]. Do mesmo modo [Jesus] também procedeu perante Pilatos, quando disse: "Quem me entregou a ti tem maior pecado que tu" [Jo 19.11]. Pois é fraterna lealdade cristã assustar a pessoa que te faz injustiça, apontando-lhe sua injustiça e o juízo de Deus. Tens o dever de lhe dizer: "Está bem. Tu me tiras a veste e mais isto e aquilo; se o fazes com justiça, tu é que deverás responsabilizá-lo". Deves proceder desse modo não, em primeiro lugar, por causa de teu prejuízo, tampouco para ameaçá-lo, mas para advertir e lembrá-lo de sua perdição. Se ele não se importar com isso, deixa estar, e que te tome mais ainda. É assim que se deve interpretar as palavras que Cristo disse perante o tribunal de Anás. E disso se segue que depois também deverás interceder por ele, como fez Cristo na cruz[60], e que queiras bem ao que te faz mal. Isso, porém reservamos para o devido tempo.

Quarto: Muitos acham que esse grau máximo não é mandamento e não precisa ser observado por todos os cristãos. Dizem que é apenas um bom conselho para os perfeitos, se, porventura, o quiserem cumprir, da mesma maneira como a virgindade e a castidade são apenas aconselhadas, mas não ordenadas. Por isso consideram justo que cada qual retome o que lhe pertence, combata violência com violência da maneira que pode, e ainda mascaram

58 Cf. Jo 18.22. Anás era sumo sacerdote. Evidentemente não existiam bispos naquele tempo. Lutero adere ao hábito medieval de aplicar títulos correntes a pessoas de épocas passadas.
59 Cf. Jo 18.22. O servo do sumo sacerdote de nome Malco aparece em Jo 18.10. Ambos não são idênticos.
60 Cf. Lc 23.34.

sua opinião com belas flores e a embasam com muitos argumentos fortes (na opinião deles), da seguinte maneira: Em primeiro lugar, aduzem que inclusive alguns cânones eclesiásticos (sem falar dos civis) dizem: "*Vim vi pellere iura sinunt*"[61], isso é, a lei permite que se combata violência com violência. A isso se acresce, por essa razão, a conhecida expressão da autodefesa, e que seria inimputável o que dela resulta. Em terceiro lugar, aduzem certos exemplos da Escritura, como Abraão, Davi e muitos outros, a respeito dos quais lemos que castigaram seus adversários e lhes revidaram. Em quarto lugar, recorrem à razão e dizem: "Explica isso!". Se isso fosse um mandamento, se estaria dando permissão aos patifes para roubarem à vontade; por fim ninguém ficaria com nada, inclusive ninguém poderia viver em segurança. Em quinto lugar, para que tudo esteja bem firmado, citam a frase de Santo Agostinho que teria interpretado essas palavras de Cristo da seguinte forma: deve-se entregar a capa com o vestido *secundum praeparationem animi*[62], ou seja, deve-se estar disposto a isso no coração. Eles interpretam e obscurecem essa compreensão nobre e clara com outra glosa e acrescentam que não seria necessário entregar [a capa] de fato, mas que seria suficiente estar dispostos interiormente, no coração, ao fazê-lo. Assim, pois, deveríamos estar dispostos a fazer algo que, na verdade, não queremos fazer; sim e não seriam então a mesma coisa.

Quinto: Eis aí os primores com os quais, até hoje, se inverteu, obscureceu e reprimiu totalmente o ensinamento e o exemplo de nosso amado Senhor Jesus Cristo, juntamente com o santo Evangelho, todos os seus mártires e santos, de modo que, hoje em dia, verdadeiros cristãos são os prelados regulares e seculares bem como subalternos que seguem essas opiniões e se opõem à vida, à doutrina e ao Evangelho de Cristo. Esse é o motivo por que as desavenças, brigas, juízes, notários, tribunais eclesiásticos[63], juristas e toda essa nobre categoria pululam como moscas no verão. Essa é a causa de haver tanta guerra e derramamento de sangue entre os cristãos. Faz-se necessário apelar a Roma [em se tratando de causas judiciais], pois lá a maior necessidade é muito dinheiro. E na cristandade a obra maior, mais santa e mais comum é agora demandar em juízo e lutar, ou seja, opor-se à santa e pacífica vida e doutrina de Cristo. Por fim esse jogo cruel foi levado a um ponto tal que não se cita apenas um pobre cristão, que Deus redimiu com seu sangue,

61 *Decret. Grat.* I, lib. XIV, 6: *Vim vi repellere licet* — "É permitido repelir a violência pela violência".
62 Em seu *Comentário ao Sermão do Monte*, I,10,59, Agostinho explica que Mt 5.40 deve ser entendido corretamente como preceito *ad praeparationem cordis, non ad ostentationem operis* — "com vistas ao preparo do coração, e não com vistas à ostentação das obras" (Migne PL 34, 1260).
63 *Officiales* no original: juízes nas cortes episcopais.

a muitas milhas, por causa de uma soma insignificante, três ou quatro vinténs[64], e se o manda para o exílio, separando-o da mulher, dos filhos e de sua família[65], mas até os jovens rapazes consideram essas coisas justas e inclusive acham graça. Assim haverão que cair os que zombam do mandamento de Deus, assim Deus haverá que cegar e ultrajar os que obscurecem sua santa e clara palavra, isso é, "é permitido combater a violência com a violência" e "entregar a capa de acordo com a disposição de ânimo". Pois desse modo também os gentios cumprem o Evangelho, inclusive os lobos e todos os animais irracionais, e os cristãos já não precisam mais dele.

Sexto: Por isso desejo fazer minha parte e, dentro de minhas possibilidades, quero ter advertido a cada qual que não se deixe enganar, por mais eruditos, poderosos, espirituais e numerosos que sejam os que fizeram desse grau um conselho e ainda o fazem, quaisquer que sejam os pretextos que usam e o colorido que lhe dão. Aí não tem evasiva, porque se trata simplesmente de um mandamento, ao qual devemos obedecer, como Cristo e seus santos no-lo confirmaram e exemplificaram em suas vidas. Deus não pergunta se as leis, sejam elas eclesiásticas ou civis, permitem combater a violência com violência. Além do mais, não é lá coisa muito preciosa o que as leis permitem, pois permitem também a existência de casas de meretrício públicas que, afinal, ferem o mandamento de Deus, e muitas outras coisas que Deus proibiu, e inclusive são levadas a admitir pecados e maldades secretamente. Aquilo que as leis humanas ordenam e proíbem são coisas insignificantes, sem falar no que permitem ou deixam de punir. Sem dúvida, a autodefesa é inimputável perante a justiça humana, mas não é meritória perante Deus. Nem o papa nem o imperador condenam a demanda judicial, no entanto, Cristo e seu ensinamento a condenam. O fato, porém, de alguns patriarcas do Antigo Testamento terem punido seus inimigos jamais aconteceu por seu arbítrio ou sem expressa ordem de Deus, que às vezes castiga os pecadores tanto por meio de anjos quanto por meio de homens bons ou maus. Portanto os patriarcas não buscaram sua vingança nem visaram seu benefício, mas apenas serviram obedientemente a Deus, como Cristo ensina no Evangelho: sob o mandamento de Deus também se deve agir inclusive contra pai e mãe, apesar de ter ordenado honrá-los[66]. Não obstante, esses dois

64 No original *Groschen*, a menor unidade monetária, equivalente a 1/21 de florim. Cf. também nota 20. Por volta de 1540, p. ex., cerca de 15 kg de centeio custavam 8 *groschen* na região de Wittenberg.

65 Na Assembléia Nacional de Worms (1521) foi apresentada ao imperador uma lista de 102 agravos contra abusos da jurisdição eclesiástica, nos quais assomaram grandes protestos contra o processo judicial eclesiástico; acontecera que foram transferidos para Roma muitos casos que poderiam ter sido resolvidos na própria Alemanha. O texto pode ser conferido em: *Gravamina*, in: *Deutsche Reichsakten*, II, 671-704.

66 Mt 10.35ss.

mandamentos não são conflitantes, porque o inferior é governado pelo superior. Do mesmo modo, se Deus te ordena vingar-te ou defender-te, deves fazê-lo, mas não antes.

Sétimo: No entanto, é verdade que Deus instituiu a espada secular bem como o poder espiritual da Igreja, e ordenou a ambas as autoridades a punir os maus e libertar os oprimidos, como o ensina Paulo em Rm 13 e como é ensinado em muitas outras passagens, p. ex., Is 1.23ss. e Sl 82.3s. Isso, porém, deve ser feito de tal forma que ninguém seja acusador em sua própria causa. Os outros devem, em lealdade fraterna e preocupação mútua, denunciar à autoridade a inocência desses e a culpa daqueles, de modo que o poder judicial pode punir com autoridade e ordem legítima pelo testemunho dos outros. Sim, a parte injustiçada deve implorar e insistir que não se vingue sua causa; os outros, porém, não devem desistir até que o mal seja punido. Assim as desavenças se resolveriam de forma amigável, cristã e fraterna, e se daria mais atenção ao pecado do que ao prejuízo. Por isso S. Paulo recrimina os coríntios em 1 Co 6.6ss. por estarem em litígio uns com os outros, em vez de aceitarem o prejuízo e a fraude, embora fizesse a concessão a sua imperfeição que instituíssem como juízes os mais insignificantes dentre eles. Isso, porém, fez para envergonhá-los, a fim de que reconhecessem sua imperfeição. Assim também se deve tolerar os que demandam e lutam por bens temporais, como cristãos fracos e pueris, dos quais não se deve abrir mão, porque ainda existe a esperança de melhorarem, como o mesmo apóstolo ensina em muitas ocasiões[67]. No entanto, deve-se dizer-lhes que esse procedimento não é cristão nem meritório, mas que é uma obra humana e terrena, antes prejudicial para a salvação do que útil.

Oitavo: Cristo ordenou esse mandamento[68] para estabelecer entre nós uma vida pacífica, pura e celestial. Ora, se todos estão demandando a devolução de seus bens e ninguém quer sofrer nenhuma injustiça — este não é o caminho para a paz, como pensam esses cegos, a respeito dos quais está escrito no Salmo 14: "Não conhecem o caminho para a paz"[69]. O caminho da paz passa necessariamente pelo sofrimento, como também os gentios o reconhecem através da razão e nós, por experiência diária. Se quisermos manter a paz, uma parte tem que sujeitar-se à outra e tolerar. E por mais longas que sejam as brigas e desavenças, por fim tudo acaba com muitos prejuízos e males; isso não teria acontecido se, desde o início, tivessem respeitado o mandamento de Cristo e não houvessem permitido que a pro-

67 Cf., p. ex., At 20.35; Rm 14.1; 16.1-2; 1 Co 9.22; 1 Ts 5.14.

68 Mt 5.40.

69 A citação é de Rm 3.17 tomada de Is 59.8, uma passagem que Lutero conhecia do texto da *Vulgata*, onde a frase foi incluída como parte do Sl 13. Cf. Sl 13.3s. Na Bíblia Alemã, Lutero omitiu corretamente a frase do Sl 14 (cf. WA DB 10/I,138-139).

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

vação, com a qual Deus nos tenta, os afastasse desse mandamento e os superasse. Deus ordenou as coisas assim: quem não quer ceder um pouco por causa de seu mandamento, esse haverá que perder muito ou tudo por meio de processos judiciais e guerras. E não é mais do que justo que, se alguém que não quer perdoar ao próximo, por amor de Deus e eterno mérito, dez ou seis florins, que pague aos juízes, procuradores, escrivães, sem nenhum agradecimento, a serviço do diabo, 20, 30 ou 40 florins. Desse modo, aquele que poderia possuir suficiente no tempo e na eternidade, se quisesse obedecer a Deus, perde tanto os bens temporais quanto os eternos. Assim haverá que acontecer também que, às vezes, grandes senhores consomem um país inteiro e desperdiçam enormes somas com o exército por causa de uma pequena vantagem ou privilégio. Eis aí a sabedoria perversa do mundo: pescam com redes de ouro, sendo o custo maior que o ganho; são aqueles que ganham pouco desperdiçando grandes quantias.

Nono: Assim também seria impossível libertarmo-nos do apego aos bens temporais, se Deus não tivesse ordenado que tivéssemos que sofrer injustiça, sendo por meio deles exercitados a desprender nossos corações dos falsos bens temporais deste mundo, abrindo mão deles em paz, e a colocarmos a esperança nos invisíveis bens eternos. Por isso, quem procura retomar seus pertences e não deixa o manto depois de ter dado a vestimenta, esse age contra sua própria pureza e esperança para a salvação eterna, para a qual Deus quer exercitar e incitar por meio desse mandamento e sofrimento de injustiça. E mesmo que nos fosse tirado tudo, não há motivo de preocupação como se Deus fosse abandonar-nos e não nos fosse dar também o sustento material, como está escrito no Salmo 37.25: "Fui moço, e envelheci, porém jamais vi o justo desamparado, nem seus filhos a mendigar pão". Isso também ficou comprovado no caso de Jó, que no final recebeu muito mais do que tinha antes, embora tudo que possuiu lhe tivesse sido tirado[70]. Em resumo, esses mandamentos querem libertar-nos do mundo e tornar-nos ávidos do céu. Por isso se deveria aceitar pacificamente o fiel conselho de Deus, pois se não fizesse isso e não nos enviasse injustiça e discórdia, o coração humano não se dominaria. Iria envolver-se demais com as coisas temporais e prender-se a elas. O resultado seria fastio e desprezo em relação aos eternos bens no céu.

Décimo: É isso que tenho a dizer a respeito do primeiro grau no trato dos bens temporais, grau esse que é o principal e mais importante; no entanto, infelizmente, não veio a ser apenas o mais insignificante, mas foi aniquilado, sendo totalmente encoberto pelas neblinas e nuvens das leis, hábitos, presunções e costumes humanos.

70 Cf. Jó 42.10,12.

Chegamos agora ao *segundo grau,* que consiste no seguinte: devemos dar a todos livremente e de graça a quem necessita ou deseja [nossos bens]. A respeito disso diz nosso Senhor Jesus Cristo igualmente em Mt 5.42: "Dá a quem te pede". Apesar de esse grau ser muito inferior ao primeiro, ele é difícil e amargo para aqueles que encontram mais prazer nos bens temporais do que nos eternos. Pois não confiam suficientemente em que Deus os pode ou quer sustentar nesta vida miserável. Por isso temem que iriam morrer de fome e perecer se tivessem que dar a quem lhes pede, conforme o mandamento de Deus. E como poderiam acreditar que Deus os fosse sustentar eternamente? Conforme as palavras de Cristo: "Quem não confia em Deus nas coisas pequenas, jamais confiará nele nas coisas grandes"[71]. Não obstante acham que Deus os irá salvar para a eternidade, inclusive pensam que no tocante a isso confiam nele plenamente. No entanto, não querem obedecer a esses mandamentos dele, com os quais quer exercitar e incitá-los a aprenderem a confiar nele tanto em coisas temporais como em coisas eternas. Por isso é de se esperar que quem não quer ouvir essa doutrina e seguir-lhe, jamais aprenderá essa arte, e do modo como não confiam em Deus em coisas temporais insignificantes, por fim irão desesperar também das coisas importantes e eternas.

Décimo primeiro: Esse segundo grau é coisa tão insignificante que inclusive é ordenado ao simples e imperfeito povo dos judeus no Antigo Testamento, como está escrito em Deuteronômio 15.11: "Sempre haverá pobres em tua terra; por isso te ordeno que abras tua mão para teus pobres e irmãos necessitados" e lhes dês [o que pedem]. E ainda ordenou-lhes de modo muito rigoroso, que não deixassem ninguém chegar ao ponto de ter que mendigar, dizendo em Dt 15.4: "Não haja entre vós pobre nem carente". Ora, se Deus ordenou isso no Antigo Testamento, quanto mais deveríamos nós cristãos assumir o compromisso de não apenas não deixarmos a ninguém passar necessidade ou mendigar, mas, além disso, cumprir também o primeiro grau desse mandamento e estar dispostos a entregar tudo que nos queiram tirar à força. Hoje em dia, porém, a mendicância está tão difundida que inclusive se transformou em questão de honra, e como se não bastasse que pessoas seculares mendiguem, ela também é praticada como algo precioso no estado sacerdotal eclesiástico[72]. Não quero discutir com ninguém a esse respeito, no entanto acho que seria de se esperar que não existisse mais mendicância no Novo Testamento do que entre os judeus no Antigo Testa-

71 Certamente Lutero adaptou Lc 16.10 ao contexto de sua exposição.

72 As principais ordens mendicantes eram as franciscanas, dominicanas, agostinianas eremitas e as carmelitas. A escolástica via na mendicância uma atividade permitida, tendo-a considerado altamente na Idade Média tardia, quando diversos representantes seus afirmaram que a intercessão do esmoleiro poderia contribuir para a bem-aventurança do doador.

mento. Além disso, em minha opinião, as autoridades eclesiásticas e seculares não estariam agindo inconvenientemente se acabassem com toda a mendicância[73].

Décimo segundo: A esse grau se opõem, por sua vez, três fatores ou hábitos entre o povo. Primeiro: Há os que dão e presenteiam a seus amigos, aos ricos e poderosos, que não têm necessidade, e esquecem os carentes. Depois de terem conseguido, dessa forma, o favor, proveito e a amizade deles ou serem elogiados por eles como gente piedosa, seguem seguros, satisfeitos com o louvor, honra, favor ou proveito dos homens. Entrementes nem se apercebem o quanto seria melhor se fizessem isso aos necessitados, nos quais conquistariam o favor, louvor e honra de Deus, a respeito do que Cristo diz em Lc 14.12ss.: "Quando deres uma ceia ou um jantar, não convides os irmãos, nem os cunhados, nem os vizinhos, nem os ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e recebas tua recompensa. Antes, ao dares uma ceia, convida os pobres, doentes, aleijados, cegos; e serás bem-aventurado, pois eles não têm condições de recompensar-te. No entanto, receberás tua recompensa entre os justos, quando ressuscitarem dentre os mortos". Embora esse ensinamento fosse tão claro e simples que qualquer pessoa percebe e sabe perfeitamente que é assim que deveria ser, não se vê mais nenhum exemplo nesse sentido entre os cristãos. No entanto, é um convidar, regalar-se, comer, beber, dar, presentear sem medida. Mesmo assim todos são considerados gente piedosa e cristã. O resultado disso é que se esquece de dar ao necessitado. Como será cruel o juízo que sobrevirá a essas pessoas seguras, quando, no dia derradeiro, se perguntará a quem deram e a quem fizeram o bem!

Décimo terceiro: O segundo hábito é o de se negar a dar aos inimigos e adversários. Pois a natureza falsa tem dificuldade de fazer o bem aos que lhe fizeram mal. No entanto, não há como escapar. O mandamento é geral para todas as pessoas: "Dá a quem te pede", e em Lc 6.30 está expresso com clareza: "Dá a todo que te pede". Aqui o inimigo ou oponente não é excetuado, pelo contrário, é incluído, pois, no mesmo contexto, o Senhor se explica, dizendo: "Se amardes somente os que vos amam, que boa obra é essa? Pois até os maus amam aos que os amam. E se fizerdes o bem somente

73 Esse pensamento é tratado de modo mais profundo em : *Ordnung eines gemeinen Kastens. Ratschlag wie die geistlichen Güter zu handeln sind* — Estatuto de uma Caixa Comunitária. Sugestão para uso do patrimônio eclesiástico — WA 12.11-30 e *Obras Selecionadas*, v. 7. Cf. tb.: "A Nobreza Cristã da Nação Alemã", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, esp. pp. 321s. A invasão das cidades por mendigos itinerantes tornara-se uma carga insuportável para as cidades européias desde o final do séc. XV, que já sofriam as conseqüências de crescente empobrecimento de um contingente considerável de sua população. Essas pessoas buscavam o auxílio de instituições de previdência social urbanas e eclesiásticas ou mesmo simplesmente a oportunidade de esmolar num meio com maior concentração demográfica.

aos que vos amam, que boa obra é essa? Até os maus fazem isso. Vós, porém, deveis amar vossos inimigos, deveis fazer-lhes o bem, emprestar-lhes sem esperar recompensa. Assim será grande vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bondoso para com os ingratos e maus" [Lc 6.32-35]. Esses salutares mandamentos de Cristo caíram em desuso tal que não somente não se os cumpre, mas se os transformou em conselho, que não se tem o dever de cumprir necessariamente, como o primeiro grau. Para isso contribuíram os perniciosos mestres, que ensinam que não há necessidade de renunciar aos *signa rancoris*, os sinais e demonstrações de amargura e rancor contra o inimigo. Dizem que basta perdoar-lhes no coração, em secreto. Dessa maneira transferem o mandamento de Cristo das obras exteriores exclusivamente para a mente, quando ele próprio se refere à obra concreta, dizendo: "Fazei o bem (não apenas pensar o bem) a vossos inimigos". Em Rm 12.20 Paulo diz a mesma coisa em unanimidade com o rei Salomão: "Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe que beber. Pois assim amontoarás brasas vivas sobre sua cabeça"[74], ou seja, tu o cumularás de benefícios, de sorte que ele, vencido pelo bem, será incentivado a amar-te. Desses ensinamentos falsos originou-se o provérbio: "Perdôo mas não esqueço". Por favor, isso jamais, amado cristão. Há que se perdoar e esquecer, do mesmo modo como queres que Deus não apenas te perdoe e esqueça, mas te faça bem ainda maior do que antes.

Décimo quarto: O terceiro hábito tem um belo brilho enganador, o mais nocivo a essa prática de dar. Falar a respeito disso é perigoso, pois atinge aqueles que devem ensinar e governar os outros, aqueles que desde a criação do mundo até o fim jamais quiseram ouvir a verdade nem tolerar que outros a ouçam. Aí se dá o seguinte: eles interpretam o elevado conceito "esmola" ou "dar por amor de Deus" exclusivamente no sentido de dar para igrejas, conventos, capelas, altares, torres, sinos, órgãos, quadros, pinturas, ornamentos e vestimentas de prata e de ouro, e depois para missas, vigílias, cantoria, leitura, doações testamentárias, confrarias e coisas semelhantes. A partir daí a prática de dar se difundiu, é para lá que corre o verdadeiro rio das doações, é para lá que se o canalizou, é isso que se quis. Por isso também não admira que do lado para o qual Cristo canaliza sua palavra as coisas se apresentam tão miseráveis e desoladas que por cem altares ou vigílias não se encontra uma única pessoa que dá de comer a uma mesa cheia de pobres ou a uma casa necessitada. Não o que Cristo ordenou significa "dar em nome de Deus", mas o que pessoas humanas inventaram. "Esmola" não é o que se dá a membros vivos de Cristo, aos necessitados, mas o que se contribui para pedras, madeira e tintas. Por isso dar tornou-se tão precioso e nobre que o

74 Cf. Pv 25.21s.

próprio Deus não basta para recompensá-lo; tem que se chamar em socorro cartas, bulas, pergaminhos, chumbo, lata, cordas pequenas e grandes, cera verde, amarela e branca[75]; se não brilha, de nada vale. E tudo isso comprado de Roma a preços exorbitantes, por amor de Deus, para que, de todos os modos, essas grandes obras sejam recompensadas com indulgências nesta vida e na eternidade, além da recompensa de Deus. Porém dar a pessoas pobres e carentes, segundo o mandamento de Cristo, essa miserável obra, privada de tão magnífica recompensa, tem que satisfazer-se apenas com a recompensa de Deus. Por isso esta obra é colocada em segundo plano, e aquela, em primeiro, e, se comparadas, o brilho de uma é bem diferente do brilho da outra. Por essa razão S. Pedro de Roma tem que percorrer o mundo inteiro a mendigar para a construção de sua igreja, coletar esmolas e doações aos montes, por amor de Deus, e pagar caro e abundantemente com indulgências[76]. Eis aí uma obra que lhe assenta muito bem e ele pode dedicar-se perfeitamente a ela, visto que está morto. Pois, se fosse vivo, teria que proclamar o mandamento de Cristo e não poderia dedicar-se ao comércio de indulgências. Seguindo dedicadamente a seu fiel pastor, suas ovelhas percorrem o país com indulgências, de modo que, onde quer que se realize a festa de consagração[77] de uma igreja ou uma feira, os tais mendigos se aglomeram como as moscas no verão, todos cantando a mesma cantilena: "Uma esmola para a nova construção [da catedral de S. Pedro]! Que Deus e o santo senhor S. Nicolau[78] vos recompensará". Depois se voltam para a cerveja e o vinho, também por amor de Deus, e os comissários[79] se enriquecem com a indulgência, igualmente por amor de Deus. Para dar aos carentes segundo o mandamento de Deus não há necessidade de comissários e embaixadas entre nós.

Décimo quinto: Que dizer a respeito disso? Se rejeitarmos essas obras,

75 Lutero critica aqui o emprego de recursos pelo povo simples em cartas ou outros documentos, que atestassem o recebimento de indulgência, e em instrumentos ou objetos usados para ofícios litúrgicos bem como para a prática da piedade individual. Ele manifesta pensamento semelhante, p. ex., em: "Um Sermão Sobre a Indulgência e a Graça...", in: *Obras Selecionadas*, v. 1, pp. 33s.

76 O comércio de indulgências em benefício da igreja de S. Pedro em Roma foi ensejo para a publicação das "95 Teses", em 1517 e que desencadearam o movimento da Reforma. Cf. "Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências", in: *Obras Selecionadas*, v. 1, pp.21-29, onde Lutero faz referência expressa à construção da igreja nas teses 50 e 86.

77 *Kirchweih* no original, que pode significar tanto a festa da consagração de uma igreja como tb. a festa de aniversário da consagração. Essas festas eram muito populares e atraíam multidões.

78 É provável que Lutero se refira ao bispo *Nicolau de Mira* (m. 345 ou 352). Diz a lenda que o bispo renunciou a grandes riquezas para assumir o episcopado de Mira, na Lícia. Deus então lhe deu o dom dos milagres na prática da caridade. O dia consagrado a S. Nicolau é 6 de dezembro.

79 *Comissarien* no original. O termo refere-se aos pregadores de indulgências.

a Santa Sé de Roma nos banirá[80], e logo os ilustradíssimos nos tacharão de hereges[81], pois têm o máximo interesse em determinar para onde será canalizado o fluxo do dinheiro. Pois bem. Não queremos rejeitar que se construam igrejas apropriadas e se as decore, pois não podemos prescindir delas, e não queremos impedir que o culto seja realizado da forma mais bonita possível. Não obstante, deveria haver um limite, e nas coisas destinadas ao culto se deveria dar mais atenção à pureza do que ao luxo. No entanto, é mesmo de se lastimar e chorar quando se observa que estamos sendo afastados do mandamento de Deus por meio dessa gritaria e prática, sendo conduzidos para as coisas que Deus não ordenou, sendo que se poderá cumprir o mandamento de Deus perfeitamente sem elas. Seria o suficiente se a menor parte fosse doada para igrejas, altares, vigílias, testamentos e semelhantes, e se canalizasse o grosso do fluxo para o cumprimento do preceito de Deus, para que o benefício feito aos pobres brilhe mais entre os cristãos do que todas as igrejas de alvenaria ou madeira. E para expressá-lo de modo mais audacioso, tudo isso não passa de embuste, perigoso e sedutor para as pessoas ingênuas quando se ostentam bulas, cartas, sinetes, pendões e coisas semelhantes por causa das igrejas de pedra mortas e quando não se faz a mesma coisa centuplicadas vezes mais por causa dos cristãos vivos necessitados[82]. Por isso, ó homem, acautela-te. Na hora da morte e no dia derradeiro Deus não te perguntará pelo montante que deixarás em testamento, se deste essa ou aquela quantia para igrejas, embora não o rejeite, mas dirá: "Estive com fome, e vós não me destes de comer; estive nu, e vós não me vestistes" [cf. Mt 25.42s.]. Considera essas palavras do fundo de teu coração, prezado homem. Tudo dependerá se deste a teu próximo [o que ele necessitava] e se lhe fizeste o bem. Previne-te contra aparências, falso brilho, colorido enganoso, que te afastam disso.

Décimo sexto: Papa, bispos, reis, príncipes e senhores deveriam estar empenhados para eliminar esses encargos e imposições insuportáveis. Por

80 Escrita em 1519 e publicada no início de 1520, essa frase profética antecipa por seis meses a inevitável reação do papa ao ataque de Lutero às indulgências. A reação veio na forma da bula *Exsurge Domine*, datada de 15 de junho de 1520, ameaçando de excomunhão em 60 dias, se Lutero não se retratasse de seus erros. Aliás, a referida bula tem um início pitoresco a nossos ouvidos: "Levanta-te, Senhor, pois um porco selvagem invadiu a tua vinha". Sobre a excomunhão cf.: "Um Sermão Sobre a Excomunhão", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 239-2152, escrito tb. em 1520.

81 Em agosto de 1519 a Universidade de Colônia condenou os escritos de Lutero como heréticos, e em novembro do mesmo ano lhe seguiram o exemplo quinze membros da Faculdade de Teologia da Universidade de Lovaina. Cf. a reação de Lutero a essas condenações: "Condenação Doutrinal dos Livros de Martinho Lutero, Feita por Alguns Mestres Nossos de Lovaina e Colônia", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 67-95.

82 Cf. 1 Pe 2.5.

decreto próprio ou por meio de um concílio geral[83] deveria ser decidido e determinado que cada cidade e povoado construísse sua própria igreja, a torre com os sinos, e provesse o sustento das pessoas pobres, para pôr um fim à mendicância, ou, ao menos, acabar com a prática de cada povoado ir mendigar nas outras cidades para construir sua igreja e sustentar seus carentes, conforme o asqueiroso costume ora em voga. E que se deixe em paz a Santa Sé de Roma com suas bulas, pois, se quiser cumprir suas funções, tem coisa melhor a fazer do que vender bulas e construir igrejas, coisas de que, aliás, não tem necessidade. Pois foi assim que Deus o expressou em sua lei, em Dt 15.11: "Sempre existirão pobres em tua terra", e recomendou a cada cidade seus pobres e não deseja que se corra por aí a mendigar, como acontece agora em Santiago[84] e em Roma. No entanto, quem sou eu para aconselhar papas e a todos os governantes do mundo neste caso? Eu próprio estou convencido de que tudo isso dará em nada. Não obstante, é preciso saber o que seria bom e necessário; as autoridades têm o dever de planejar e concretizar as coisas necessárias para governar da melhor maneira o povo comum, que lhes foi confiado.

Décimo sétimo: Aí inventaram um engenhoso truque que ensina magistralmente como esquivar-nos desse mandamento e como enganar o Espírito Santo. É o seguinte: ninguém é obrigado a socorrer o necessitado a não ser em caso extremo[85]; além disso eles se reservaram o direito de discutir e determinar o que é caso extremo. Dessa maneira aprendemos a não socorrer nem ajudar a ninguém, até que morram de fome, de frio, se arruínem ou tenham que fugir por causa da pobreza ou das dívidas. Essa maliciosa glosa e o sedutor adendo, porém, são aniquilados com uma só palavra: "O que

83 Lutero expressou sua esperança na reforma da Igreja por meio de um concílio geral em seu tratado: "À Nobreza Cristã da Nação Alemã", in: *Obras Secionadas*, v. 2, pp. 277-240, onde chega a propor os pontos que nele deveriam ser tratados (cf. esp. pp. 290ss.). Sobre o assunto "concílio", Lutero discorre amplamente em : "Dos Concílios e da Igreja", in: *Obras Selecionadas*, v. 4, pp. 300-432. Cf. esp. a Introdução e a primeira parte do texto. O conjunto de posições teológico-doutrinárias que gostaria de ver discutidas em um concílio Lutero apresentou no ano de 1537, em "Os Artigos de Esmalcalde", in: *Livro de Concórdia*. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 4. ed. 1993, pp. 305-341. O combate à importação de artigos de luxo Lutero já havia incluído como ponto a ser tratado no concílio geral por ele reivindicado, em seu tratado supramencionado: "À Nobreza Cristã da Nação Alemã", p. 337.

84 *Santiago de Compostella:* Segundo a tradição espanhola, Tiago, filho de Zebedeu (At 12.2), teria chegado até a Espanha e sofrido o martírio na cidade que hoje toma seu nome. Desde o princípio do séc. IX a suposta sepultura de S. Tiago (= Santiago) se tornou um dos mais renomados pontos de peregrinação.

85 Essa foi a posição defendida por João Eck, em sua refutação das *95 Teses* de Lutero, em seus *Obeliscos* de 1518. Tomás de Aquino havia esclarecido que as esmolas *in extrema necessitate* são um preceito em oposição aos conselhos (cf. nota 30).

queres que o outro faça a ti, faze-lhe tu também" [Mt 7.12]. Todavia, ninguém é tão louco que não gostaria que se lhe desse ajuda antes de acabarem suas forças ou antes de ter que fugir por causa das dívidas, e que aceitasse ajuda somente quando não se pode mais ajudar. Quando, porém, se trata de igrejas, fundações, indulgências e outras coisas dessa espécie, que Deus não ordenou, aí ninguém é tão perspicaz e dedicado para calcular se a igreja tem prioridade, antes de as telhas caírem do telhado, as vigas estejam podres, a abóbada esteja desabando, as cartas de indulto estejam mofas e a indulgência caduca, tudo coisas que podem esperar mais do que os necessitados. No entanto, essa sempre é a maior necessidade, ainda que todos os baús e celeiros estejam abarrotados e a construção seja sólida. Aí então se tem que acumular tesouros sem limite, não para dar ou emprestar aos pobres na terra, mas para a Santa Cruz, para Nossa Senhora, para o Santo Patrono, S. Pedro, que se encontram no céu. E tudo isso com a melhor previsão para que, ainda que o dia derradeiro jamais viesse, a Igreja esteja provida por cem e centenas de milhares de anos. Isso para que, em caso de necessidade, se pudesse comprar a canonização de um santo ou um pálio episcopal[86] ou algo semelhante no mercado de Roma. Na verdade, considero os romanos uns grandes tolos por não venderem mais caro as canonizações, os pálios, as bulas e cartas de indulto, para ganharem mais dinheiro, enquanto esses gordos tolos alemães vão a sua feira e obrigam a si mesmos a comprá-los, visto que nenhum anticristo na terra[87] é capaz de juntar esses tesouros de modo mais apropriado do que o saco sem fundo de Roma, no qual todos são juntados e para o qual todos são canalizados. Inclusive eu sentiria profundamente se essas somas malditas, roubadas dos necessitados, aos quais pertencem por direito, fossem empregadas de outra forma do que nas mercadorias

86 *Pálio*, uma estola branca com cruzes pretas, era o símbolo dos arcebispos. Ao menos na teoria, ele era tecido de lã de ovelhas criadas nas pastagens do próprio Vaticano e podia ser adquirido exclusivamente do papa. A outorga do pálio era um costume muito antigo; Gregório I (590-604) já se referiu à prática como "antigo costume" (*Decret. Grat.*, I, dist. C, c. 2). No tempo de Lutero exigiam-se vultosas somas — cerca de 10 mil florins (cf. nota 21 o valor do florim) — pela concessão do pálio, que originalmente era concedido grátis. Ao arcebispo Alberto de Mogúncia (1490-1545) o pálio custara um valor bem maior, e o acordo financeiro realizado entre o papa Leão X, Alberto de Mogúncia e os banqueiros Fugger, que financiaram a transação, resultou diretamente no negócio das indulgências, pois o arcebispo recebera exclusividade para determinado território e iria amortizar a dívida com parte dos lucros do comércio de indulgências.

87 As pretensões do papado levaram Lutero a concluir que o papa era o anticristo, a encarnação de tudo que é contrário a Cristo e seu reino, o iníquo profetizado em Dn 8.23-26; 2 Ts 2.3-10; 1 Jo 2.18,22; 4.3; Ap 13 (cf., p. ex.: "Resposta de M. Lutero ao Livro de Nosso Exímio Mestre Mag. Ambrósio Catarino", in: *Obras Selecionadas*, v. 3, pp 13, 18, 54, 58, 61 et passim. — "Condenação Doutrinal dos Livros de M. Lutero", in: *Obras Selecionadas*, v. 2, pp. 286, 289 et passim).

romanas. Outrora Santo Ambrósio e Paulino[88] fundiram os cálices e tudo que as igrejas possuíam e o distribuíram entre os pobres. Vira a página e verás como as coisas estão hoje em dia. Sorte tua, querida Roma! Embora os alemães tenham pouco dinheiro, eles têm tanto mais cálices, hostiários e quadros. É tudo teu!

Décimo oitavo: Chegamos agora ao terceiro grau na maneira de lidar com os bens temporais. Ele consiste em estarmos dispostos a emprestar espontaneamente, sem qualquer acréscimo ou juros. Nosso Senhor Jesus Cristo se refere a isso em Mt 5.42: "Não voltes as costas ao que te pede algum empréstimo", isso é, não lho negues. Esse grau é o mais baixo de todos e também foi ordenado no Antigo Testamento, onde Deus diz em Dt 15.7s.: "Se um de teus irmãos em tua cidade cair na pobreza, não endureças teu coração contra ele nem feches tua mão; antes abrirás tua mão e lhe emprestarás tudo de que tiver necessidade". A esse grau aceitaram como mandamento. Pois todos os mestres são unânimes que o empréstimo deve ser espontâneo, sem qualquer acréscimo ou ônus, embora nem todos estejam de acordo na questão a quem emprestar. Pois como já dissemos a respeito do grau anterior quanto ao dar, também aqui existem muitas pessoas que emprestam de boa vontade aos ricos e bons amigos, mais para conquistar seu favor ou porque são seus parentes do que em obediência à ordem de Deus, especialmente quando recebe o elevado título, ao qual já me referi: "para o serviço do Senhor", "por amor de Deus", etc. Pois todos emprestam com prazer para a Santa Cruz, para Nossa Senhora e para o Santo Patrono. Mas para aqueles que são apontados pelo mandamento de Deus, aí fica difícil e trabalhoso; aí ninguém quer emprestar, exceto em caso de extrema necessidade, quando emprestar não faz mais sentido, como dito acima.

Décimo nono: Cristo, porém, não excetuou a ninguém em seu mandamento; pelo contrário, incluiu nele toda sorte de pessoas, inclusive os inimigos, ao dizer em Lc 6.34: "Se emprestais somente para aqueles dos quais esperais um empréstimo em troca, que espécie de boa ação é essa? Até os pecadores maus emprestam uns aos outros, para receberem o mesmo em troca". Idem: "Emprestareis sem esperar nada em troca" [Lc 6.35]. Sei perfeitamente que muitos doutores interpretaram essas palavras neste sentido: que nelas Cristo ordenou que se deve emprestar sem nenhum ônus e sem pretender lucro, mas emprestar livremente. Sem dúvida, uma interpretação

88 De acordo com a tradição, *Sto. Ambrósio* (ca. 340-397), bispo de Milão, mandou fundir os utensílios de ouro pertencentes à Igreja para resgatar presos nas mãos dos godos. Acusado de sacrilégio, ele teria dito: "Se a Igreja possui ouro, ele se destina para socorrer os necessitados" — *Paulino* (ca. 353-431), bispo de Nola, desde 409, era conhecido por seus atos de caridade. Desempenhou altos cargos públicos antes de ser batizado. Depois vendeu seus bens e os distribui aos pobres.

razoável, pois quem empresta com encargos, esse não empresta e tampouco vende. Por isso há que se falar em usura, pois por natureza e em essência emprestar nada mais é do que ceder a alguém algo de graça, sob a condição de devolver o mesmo ou o equivalente, e não mais, dentro de certo prazo. Se todavia examinarmos a palavra de Cristo mais de perto, veremos que ele não ensina que se deve emprestar sem encargos. Também não é necessário ensiná-lo, porque não existe outra forma de empréstimo exceto empréstimo sem encargo; se for com encargo, não será empréstimo. O que ele quer é que não emprestemos somente aos amigos, aos ricos e às pessoas de nossas relações, que nos podem retribuir por outro empréstimo ou por algum favor, mas que emprestemos também àqueles que não têm condições para isso ou não o queiram, como os carentes e inimigos. Da mesma maneira como nos ensina a amar e dar, assim também ensina a emprestar: tudo deverá ser feito sem intenções de lucro ou de visar vantagens. Isso não acontece a não ser que emprestemos aos inimigos e carentes. Porque tudo que ele ensina tem por objetivo que aprendamos a fazer o bem a todos, não somente àqueles que fazem o bem a nós, mas também aos que nos fazem o mal ou não querem retribuir o bem. É isso que quer dizer com as palavras: "Emprestai sem esperar retribuição" [Lc 6.35], ou seja, deveis emprestar a pessoas que não estão dispostas nem podem fazer-te um empréstimo em troca. Quem empresta espera receber a devolução do mesmo valor que cedeu em empréstimo; se não esperar retorno, como eles o entendem, se trataria de doado, não emprestado. Emprestar a um amigo, a uma pessoa rica ou a alguém que lhe pode ser útil da mesma forma, é uma coisa tão insignificante que até os pecadores, que não são cristãos, fazem isso. Os cristãos, porém, devem fazer algo mais e emprestar àqueles que não retribuem, isso é, aos necessitados e inimigos. E mais uma vez cai por terra o ensinamento que afirma que o cristão não está obrigado a renunciar às demonstrações de rancor[89], como dito acima. Embora ensinem corretamente a respeito do empréstimo, transformam esse mandamento em conselho e nos ensinam que não temos o dever de emprestar nem aos inimigos nem aos carentes, a não ser em caso de extrema necessidade. Guarda-te disso.

Vigésimo: Daí segue que são usurários todos os que emprestam vinho, cereais, dinheiro, ou o que for, ao próximo com a cláusula de pagar juros no fim de um ano ou de determinado prazo, ou então os oneram e sobrecarregam com a obrigação de devolverem mais ou algo de maior valor do que tomaram emprestado. Para que essas pessoas percebam por si mesmas a

89 No original: *signa rancoris*. Foi essa a posição de Gabriel BIEL: *Tractatus de potestate et utilitate monetarum*, seguindo a Boaventura. Cf. tb. neste texto, item 13, p. 407, 4-21 e a Introdução Geral aos escritos econômicos.

injustiça que cometem, a despeito do fato de, infelizmente, se ter tornado prática comum, queremos propor-lhes três leis: *primeiro*, a presente passagem do Evangelho [sc. Lc 6.35] que ordena emprestar. Agora, emprestar não é emprestar a não ser que seja feito sem encargo nem vantagem própria, como já foi dito. Embora a ganância traiçoeira por vezes vista uma máscara, como se aceitasse o valor excedente apenas como presente[90], isso de nada adianta se esse presente é a razão do empréstimo ou se o tomador do empréstimo prefere não fazer a doação, visto que pode tomar emprestado gratuitamente. Sobretudo, porém, a doação é suspeita quando o tomador de empréstimo faz uma doação ao que cede o empréstimo, ou o carente ao abastado. Pois é lógico que ninguém há de supor que o carente faz uma doação ao abastado espontaneamente. É a necessidade que o obriga a fazê-lo. *Segundo:* taxar um empréstimo contraria a lei natural, o que o Senhor também destaca em Lucas 6.31 e Mt 7.12: "O que quereis que as pessoas façam a vós, isso mesmo fazei a elas". Ora, sem dúvida, ninguém aceitará que lhe seja emprestado centeio a ser pago em trigo[91], moeda podre a ser paga com moeda forte, mercadoria de qualidade inferior a ser devolvida em mercadoria superior. Muito antes todos prefeririam que lhe seja emprestada mercadoria de qualidade superior em troca de mercadoria de qualidade inferior ou, no máximo, de mercadoria de igual categoria, sem acréscimo. Está, pois, evidente, que esses cedentes de empréstimos agem contra a natureza, que cometem pecado mortal[92], são usurários e procuram seu próprio lucro no prejuízo dos semelhantes; no entanto, não desejariam ser tratados desse modo por outros. Portanto, procedem de modo injusto com o semelhante. *Terceiro:* Esse procedimento contraria também a antiga e a nova lei que ordena: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" [Lv 19.18; Mt 22.39]. No entanto, esses cedentes de empréstimos amam somente a si mesmos, visam exclusivamente seus próprios interesses; não amam o próximo como a si mesmos nem buscam seu bem-estar com a mesma fidelidade com que buscam o próprio.

90 Na Idade Média, muitos pagamentos por empréstimos, especialmente no caso de reis e estados, eram feitos em forma de presentes, para não poderem ser acusados de usura. Os teólogos escolásticos consideravam essas doações lícitas quando o credor não contava com elas antecipadamente e o devedor não as dava com o intuito de conseguir favores. (Cf. Walther I. BRANDT (ed.). *Luther Works*, v. 45, p. 292 nota 130.)

91 Centeio era o cereal mais cultivado na região de Wittenberg, pois se adaptava melhor ao solo de lá — fraco e arenoso — do que o trigo, que justamente por isso tinha valor maior.

92 A usura era considerada um desdobramento do pecado mortal, capital, ou vício da ganância nos sistemas teológicos medievais. Lutero procurou reelaborar o conceito de pecado a partir de sua interpretação da Bíblia, questionando em parte as classificações de pecado. Cf., p. ex., seu escrito "A refutação do Parecer de Látomo", in: *Obras Selecionadas*, v. 3, esp. pp. 159-161. Veja ib. nota 11.

Vigésimo primeiro: Por isso não se pode dar instrução mais acertada e resumida neste assunto e com respeito a todos os negócios com bens temporais do que esta: cada qual que se dispõe a negociar com o semelhante deve ter em mente o mandamento: "O que queres que o outro faça a ti, isso mesmo faze-lhe tu também" e "ama a teu próximo como a ti mesmo". Além disso considere o que esperaria para si próprio caso estivesse na situação de seu vizinho. Se procedesse dessa maneira, descobriria por si mesmo tudo o que necessita saber. Aí não haveria necessidade de códigos civis, nem de cortes nem de acusação. Todas as questões seriam resolvidas com rapidez e simplicidade, pois o coração e a consciência de cada um lhe diriam como gostaria de ser tratado, as concessões que gostaria que lhe fossem feitas, o que gostaria que lhe fosse dado, o que perdoado. Disso deverá concluir que deverá proceder da mesma maneira com o outro. Visto, porém, que esquecemos esses mandamentos e nos preocupamos unicamente com os negócios e seu lucro e prejuízo, necessitamos de tão imenso número de livros, leis, tribunais, demandas judiciais, sangue e toda sorte de miséria. A transgressão do mandamento de Deus também há de acarretar a destruição do reino de Deus, que é paz e união em amor e fidelidade fraternos[93]. Não obstante, essas pessoas frívolas vão, oram e jejuam de vez em quando, e às vezes dão esmolas; em relação ao presente assunto, porém, do qual depende a salvação, comportam-se de modo totalmente negligente e seguras, como se esse mandamento não lhes dissesse respeito, quando, na verdade, não podem alcançar a salvação sem ele, ainda que fizessem todas as demais obras de todos os santos.

Vigésimo segundo: Neste ponto alguns levantam duas objeções. "Se o empréstimo deve ser feito desta maneira, perder-se-ia o *interesse*"[94], isso é, o lucro que se poderia ganhar, entrementes, com os bens cedidos em empréstimo. A segunda objeção é o precedente estabelecido: tornou-se costume no mundo inteiro ceder empréstimos visando lucros, especialmente desde que escolásticos, sacerdotes, clérigos e as igrejas o praticam com vistas ao melhoramento das igrejas, do patrimônio eclesiástico e do serviço divino. Não fosse assim, existiriam poucos cristãos no mundo e todos relutariam em emprestar.

93 Cf. Rm 14.17.

94 Juristas romanos sustentavam que *quod interest* (literalmente "a diferença") se distinguia da usura apenas em termos de grau. A usura como pagamento por um empréstimo era proibida. *Interesse* era permitido para compensar os danos da parte lesada em qualquer contrato devido à omissão da outra parte. *Interesse* como valor devido de antemão por um empréstimo foi paulatinamente defendido por alguns teólogos e canonistas no séc. XIV sob o título de *damnum emergens* — dano emergente — e *lucrum cessans* — lucro cessante —, como resultado de empréstimos. Motivo principal da nova atitude foi a necessidade de justificar a prática financeira das cidades-estado italianas. Passo decisivo no sentido da aprovação formal do *interesse* foi dado pela bula do papa Leão X: *Inter multiples*, por ocasião do V Concílio de Latrão em 1515.

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

Resposta: Tudo isso não significa nada. De qualquer forma, terás que perder o *interesse* e o lucro se a soma te é tirada ou quando a dás a alguém gratuitamente. Por que então queres procurar e preservar essas coisas no empréstimo? Pois quem decide dar ou emprestar tem que calcular o *interesse* antecipadamente, ou então não se poderá chamá-lo nem de dar nem de emprestar. Em segundo lugar, seja costume ou não, em todos os casos não é uma prática cristã, nem divina, nem natural[95]; e não adianta aduzir exemplos, pois está escrito: "Não seguirás a multidão para fazeres mal" [Êx 23.2], "mas honra a Deus e seus preceitos acima de todas as coisas"[96]. O fato, porém, de o clero e as igrejas aderirem a essa prática é tanto mais escandaloso, pois bens eclesiásticos e igrejas não têm o poder nem a liberdade de transgredir a lei de Deus, de espoliar o próximo, praticar usura e fazer injustiça. E por esses meios o culto divino não é incrementado, mas, antes, corrompido. Pois o caminho para melhorar o culto divino é cumprir o mandamento de Deus. O patrimônio eclesiástico, este podem aumentar inclusive patifes malvados. E ainda que o mundo inteiro costumasse emprestar com essa taxação, as igrejas e o clero deveriam fazer o contrário. Quanto mais eclesiásticos seus bens tanto mais cristão deverá ser — de acordo com o mandamento de Cristo — sua maneira de emprestar, dar e abrir mão. E quem procede de outra maneira, não o faz em benefício das igrejas e dos bens eclesiásticos, mas no interesse de sua ganância viciada em usura, que se mascara, vinculando-se a estes bons nomes. Por isso também não admira que os cristãos sejam poucos, pois neste ponto podes verificar quem se exercita em verdadeiras boas obras, embora muitos se ofusquem e iludam a si mesmos com suas próprias boas obras de auto-escolha, que Deus não lhes ordenou. Se, porém, alguém sente que todas essas condições lhe dificultam a decisão de emprestar a seu semelhante, isso é sinal de sua grande falta de fé, pois despreza a confortante promessa de Cristo: "Se emprestamos e abrimos a mão, somos filhos do Altíssimo e é grande nossa recompensa" [Lc 6.35]. Quem não crê nessa promessa confortadora, nem se orienta por ela com suas obras, esse mesmo não é digno dela.

A segunda parte deste sermão.

Primeiro: Ao lado desses três graus [na maneira de lidar com os bens] existem ainda outros graus e modos de lidar com os bens temporais, quais sejam: vender, herdar, transferir e outros, sujeitos à lei civil e eclesiástica. Por esses modos de agir ninguém se torna melhor ou pior perante Deus, pois não existe mérito cristão em comprar algo, assumir uma propriedade por

95 Isso é, não compatível com o amor cristão e com os direitos canônico e natural.
96 Cf., p. ex., Dt 5.29; 6.2; Ec 12.13.

herança ou por outro meio honesto, visto que dessa maneira também os gentios, turcos e judeus podem ser honestos. O procedimento cristão com os bens temporais e seu uso correto, porém, consiste nos três graus supramencionados: dar de graça, emprestar sem taxas, e abrir mão em paz das coisas que nos são tiradas à força. Queremos agora deixar de lado todas as outras formas de usar os bens temporais e concentrar nossa atenção na compra, ou seja, no contrato de renda[97], pois nele se oculta uma bela aparência e um lindo pretexto para onerar a outros sem cometer pecado e enriquecer sem preocupação e esforço. Nas outras transações cada pessoa sabe por si mesma se está vendendo caro demais, se está oferecendo mercadoria falsificada, se está repassando bens ou propriedades ilegais. Este negócio escorregadio e recém-inventado, porém, faz-se um bom e fiel defensor da maldita ganância e da usura.

Segundo: Embora o contrato de renda esteja estabelecido como negócio permitido e legal[98], ele não deixa de ser uma prática odiosa e abominável por muitas razões. *Em primeiro lugar*, porque se trata de uma invenção nova e escorregadia, especialmente nestes perigosos tempos recentes, quando já não se encontra mais nada de bom e os pensamentos e as mentes de todas as pessoas apenas estão voltados desenfreadamente para os bens, a soberba e a luxúria. Não há exemplo disso nos tempos antigos. Também S. Paulo escreve a respeito deste tempo que nele serão inventadas muitas novas práticas maldosas[99]. *Em segundo lugar* — como eles próprios têm que admitir —, por mais legítimo que esse negócio possa ser, ele é mal-encarado e se apresenta em forma ofensiva, e S. Paulo ordena que se evite toda a forma

97 A expressão "contrato de renda" corresponde a *zinskauff* no texto original, que pode ser traduzido literalmente com "compra de juro" ou "compra de renda". Tratava-se de uma forma de ocultar uma transação de crédito sob a aparência de um negócio de compra e venda. Com o empréstimo concedido ao dono de uma propriedade agrícola, o credor tinha o direito de "comprar" um percentual — isso é, recebia parte da renda — do que era produzido ali pelo proprietário devedor. Na maior parte dos casos, o devedor continuava "vendendo" — isso é, pagando renda ou juro —, mesmo quando já tivesse saldado o principal da dívida (*Zinskauf auf Wiederkauf*). Como garantia, o devedor apresentava a própria terra e benfeitorias, que passavam às mãos do credor, caso não fosse honrado o contrato de renda pelo primeiro. Desse modo contornava-se o direito canônico, que proibia a prática da usura. Através de sua descrição do contrato de renda, Lutero explicitou um importante elemento para a análise econômica: demonstrou como na "compra" de renda da terra era o trabalho do devedor que estava sendo apropriado pelo credor. Veja tb. abaixo, p. 423,21-24.
98 Não é possível dizer se Lutero se refere a alguma lei em específico. Os papas Martim V, em 1425, e Calixto III, em 1455, dispensaram a prática do contrato de renda, o que foi recebido pelo código do direito canônico no conjunto dos *Extravagantes communes*. Veja tb. abaixo, p. 428,4-7, onde o reformador aparentemente faz menção à dispensa de Martim V.
99 Cf. 1 Tm 4.1; 2 Tm 3.1-9.

maldosa e ofensiva, ainda que no mais, em si mesma, seja justa e apropriada: "*Ab omni specie mala abstinete vos*" (1 Ts 5.22) — "Abstende-vos de toda forma de mal". Agora, nesse tipo de contrato a vantagem do credor ou dono do capital sempre é maior, melhor e mais desejável a todos do que a do devedor ou tomador do empréstimo. Isso é sinal de que a transação nunca é feita em favor do tomador do empréstimo, mas somente em favor do dono do capital, pois a consciência de cada um lhe dirá que poderia não ser justo fazer um contrato de renda, mas ninguém tem dúvidas de que cada qual pode entregar ou vender o que é seu sob o risco que quiser. Tão de perto e de modo tão perigoso essa transação financeira toca a consciência. *Terceiro:* mesmo quando esse tipo de contrato não envolve usura, ele dificilmente pode ser concretizado sem violação da lei natural e da lei do amor cristão, pois é de se pressupor que o dono do capital jamais ou raras vezes procure, com essa transação, tanto ou mais o melhoramento e a vantagem de seu semelhante, do tomador do empréstimo, do que sua própria, em especial quando o dono do capital é mais rico e não tem necessidade de realizar esse contrato. A lei natural, no entanto, diz que o que queremos e desejamos para nós mesmos, devemos querer e desejar para o próximo. Pois é da natureza do amor (como diz S. Paulo em 1 Co 13.5) que ele não busca seu próprio proveito e vantagem, mas dos outros. Quem vai acreditar que nesse tipo de negócio alguém vá fazer um contrato de renda (a não ser em caso de absoluta necessidade) com a intenção de proporcionar a seu semelhante — o tomador — um proveito e benefício iguais a seus próprios? De modo que é de se temer que o cedente jamais gostaria de estar no lugar do tomador, como em outros tipos de transações. *Em quarto lugar,* cada qual deve admitir que esse contrato, quer seja usura quer não, tem o mesmo efeito que a usura, a saber, onera todas as terras, cidades, senhores e o povo, explora e arruína-os a todos, conforme o podemos observar abertamente em muitas cidades e principados, como nenhuma prática de usura o pode fazer. Ora, o Senhor não ensinou a reconhecer os frutos pela árvore, mas a árvore pelos frutos[100]. Assim, por exemplo, é impossível tomar-te por uma doce figueira quando carregas apenas espinhos agudos. Assim também não me entra na cabeça que um negócio de risco desse tipo seja legal, quando ele arruína a terra e o povo. *Quinto:* Imaginemos, sonhemos ou forcemos a nós mesmos a admitir que essa transação é justa na forma como está sendo praticada. Não obstante ela merece que papa, bispos, imperador, príncipes e qualquer pessoa se esforcem para que seja extinta. Todas as pessoas que podem impedi-la devem fazê-lo por causa de seu malvado e maldito fruto, que onera e arruína o mundo inteiro.

Terceiro: Por isso não basta que esse negócio seja posto a salvo da usura

100 Mt 7.16ss.

pelo direito canônico[101], porque com isso ele não está livre e protegido da ganância e do egoísmo; e de acordo com a lei canônica se constata que ele não está direcionado para o amor, mas para o interesse egoísta. O dinheiro ganho no jogo também não é usura. Mesmo assim, não foi ganho sem interesse egoísta, amor próprio e pecado. Os proventos das prostitutas públicas também não são usura; no entanto, são ganhos de forma pecaminosa. O patrimônio conquistado com imprecações, juramentos ou calúnia também não é usura, mas, assim mesmo, conquistado pecaminosamente. Por isso não posso concluir que os que fazem contratos de renda não tivessem real necessidade disso, estivessem agindo de modo correto e justo. Digo francamente e advirto que os ricos, que recorrem a essa prática unicamente para aumentar seus rendimentos e propriedades, a despeito do fato de outros serem onerados, estão correndo sério risco. Também não creio que o negócio lhes seja permitido, como fazem alguns inchados gananciosos que cobram os juros em dia determinado e imediatamente reinvestem esse valor em novos contratos, de modo que um contrato leva a outro, como a água move a roda de moinho. Isso é uma ganância tão patente e desavergonhada que ninguém pode negá-lo, por mais grosseiro que seja. Não obstante considera-se tudo isso justo. E se não houvesse outro motivo para enquadrar a prática dos contratos de renda como usura ou, no mínimo, como negócio ilegal, especialmente neste caso, esta única razão já bastaria: o fato de acobertar a essa ganância desavergonhada e de se permitir que funcione impunemente. O que procede de Deus combate o pecado e todo o mal. Esse negócio, porém, permite que a ganância[102] atue livremente. Por isso ele não pode proceder de Deus na forma como está sendo praticado atualmente.

Quarto: Vamos agora dar uma olhada nos argumentos pelos quais justificam esse negócio delicado. No latim temos uma palavrinha que se chama *interesse*[103]. Essa nobre, cara e delicada palavra se traduz da seguinte forma: "Se eu tenho cem florins e entrar com eles no mercado de negócios, eu poderia, com meu trabalho e empenho, ganhar cinco ou seis florins, ou até mais, num ano. No entanto, tomo-os e os entrego a outra pessoa, para investi-los numa propriedade produtiva, de sorte que não eu, mas ele irá negociar com o dinheiro. Em compensação, tomo dele cinco florins, valor que eu poderia ter lucrado; desse modo ele me paga os juros, cinco florins por cem. Eu então passei a ser investidor e ele, tomador". Alegam que esse contrato de renda é justificado, porque, eventualmente, eu poderia ter tido

101 O reconhecimento formal da legitimidade desse tipo de contrato pelo papa Martim V (1425) foi confirmado pelo papa Calixto III em 1455. Ambas as bulas foram incluídas no direito canônico: *Corpus iuris canonici*, II, cols. 1269-1272.

102 Cf. acima nota 11.

103 Cf. nota 94.

lucro maior por ano com o mesmo montante. Portanto, o *interesse* seria justo e satisfatório. Tudo isso tem uma aparência tão bonita que ninguém encontra nisso qualquer ponto a criticar. No entanto, também é verdade que esse tipo de *interesse* não é possível na terra, porque existe outro *interesse* que se lhe opõe, assim: Se eu tiver cem florins com os quais devo negociar, posso correr uma centena de riscos, podendo ficar sem lucro nenhum e, inclusive, perder quatro vezes mais com o investimento desse mesmo montante. Pode ocorrer que não posso trabalhar por motivos de doença, ou que não haja mercadorias ou bens disponíveis. São inúmeros os atropelos dessa espécie, como podemos ver, de modo que há mais problemas, prejuízos e danos do que lucros. Assim o *interesse* das perdas é tão grande ou até maior do que o *interesse* dos ganhos.

Quinto: Onde se empresta dinheiro a juros somente com vistas à diferença a maior, onde se excluem de antemão os riscos ou o empenho, e onde não existe a possibilidade de se perder mais do que se investiu, sendo, portanto, o dinheiro investido como se jamais pudesse ocorrer a diferença a menor, fica evidente que o negócio não tem fundamento. Esse tipo de cálculo simplesmente não existe nem pode ser inventado. Pois nesse tipo de negócio o investidor sempre encontra mercadoria à disposição; pode realizar negócios mesmo ficando sentado em casa, inclusive quando está doente, seja ele criança ou mulher, ou por mais incapaz que seja. Nenhuma dessas coisas é possível no ramo dos negócios; não se pode fazer negócios meramente com dinheiro[104]. Por essa razão, as pessoas que negociam exclusivamente em função desse "interesse" são piores do que os usurários, porque lucram em cima das perdas e ganham justamente com o prejuízo dos outros. Por outro lado, visto que não é possível definir, avaliar e prever a possibilidade das perdas, pois isso está fora do alcance do ser humano, não vejo como esse negócio possa subsistir. Pois quem não preferiria investir cem florins a juros do que negociar com eles? Pois ao negociar, pode perder vinte florins num ano e mais seu capital, enquanto no contrato de renda não pode perder mais que cinco florins, tendo, porém, garantido o capital. Mais ainda: no comércio muitas vezes seu dinheiro ficará parado, por falta de mercadoria ou por causa de suas condições físicas, enquanto no contrato de renda ele está sempre ativo

104 De acordo com Aristóteles, o dinheiro é estéril, dinheiro não ganha dinheiro, mas é um simples meio convencional para medir a demanda, usado para facilitar a eqüidade da troca (*Et. Nic.* V, 5, 1133 ab). Esse conceito é explanado por Tomás de Aquino: *Suma Teológica*, 2, II, q. 78, art. 1, declarando inclusive que usura é pecado. Essa esterilidade do dinheiro proposta por Aristóteles e incluída como princípio na lei romana tornou-se cânone da Igreja quando, em 1180, a bula *Palea, Eiiciens* foi incluída nos *Decr. Grat.* I, dist. LXXXVIII, can. 11. Lutero adere à definição aristotélica e usa a mesma expressão: *Pecunia est res sterilis.* (cf. WA TR 5,146,16 — nº 5429.)

e lucra sempre. E então admira que alguém se apodere dos bens do mundo inteiro, quando tem a mercadoria sempre disponível, goza de segurança permanente, não corre risco e tem seu capital garantido de graça? O tempo não há de compensar pouco aquele que tem a mercadoria sempre ao alcance, do mesmo modo como não causará poucos prejuízos para aquele que não consegue vender ou adquiri-las. Por isso dinheiro a juros e dinheiro investido em negócios são coisas diferentes e um não pode ser comparado com o outro. Dinheiro a juros se baseia num crescimento constante, tirando ininterruptamente lucros da terra, sem preocupação com a perda de capital. Dinheiro investido no comércio, porém, não tem segurança nenhuma, e o lucro é exclusivamente casual, não podendo ser previsto nunca.

Aqui poderão argumentar: Visto que investem o dinheiro em terras como base, existe tanto a perspectiva de perda quanto a de lucro, pois os juros subsistem e caem com sua base. Tudo isso é verdade e abaixo ouviremos mais a respeito. No entanto, permanece o fato de que um capital investido numa área de terras tem perspectivas de lucro bem maiores e riscos de perda bem menores do que o capital investido no comércio, pois, como já foi dito acima, o comércio está exposto a riscos maiores do que estão terras. Assim como com o mesmo dinheiro não se pode comprar sempre a mesma área de terra, assim também não se pode ganhar sempre a mesma quantidade de juros com o mesmo capital. Por isso não basta dizer: "Com tanto capital eu poderia obter tanto lucro numa área de terra; por isso é justo que cobre tanto de juro e deixo outro trabalhar na terra". Dessa maneira se estaria equiparando uma soma fixa de dinheiro a uma área fixa de terras, o que é impossível. Disso resultaria um pesado ônus para a terra e o povo.

Sexto: Por isso não admira que os aristocratas do mercado enriqueçam tão rapidamente mais do que outras categorias. As outras categorias, que investem seu dinheiro no comércio, estão sujeitas a lucros e perdas, enquanto aqueles se desenredam, por meio desse expediente, do risco de perda e só lucram, ficam isentos de muitos riscos e a segurança aumenta. Por isso não deveria ser permitido que se pudesse estabelecer um contrato de renda somente com dinheiro, sem indicação e descrição específica da área de terras que serve de base ao negócio, como se costuma fazer atualmente entre os grandes comerciantes, mas vão e aplicam o dinheiro numa área de terra em termos gerais, sem especificação. Pois procedendo dessa maneira, determinam a natureza e a essência do dinheiro que, na verdade, somente é circunstancial e acidental. Pois não é da natureza do dinheiro comprar terras. O que pode acontecer é que, casualmente, esteja em disponibilidade uma área de terra para investimento quando se dispõe de algum capital para investir. Isso não acontece com todas as terras ou com todo o dinheiro. Por isso se deve especificar a área de terra, descrevê-la com exatidão. Se isso fosse feito, certamente se evidenciaria que deveria continuar investido no comércio ou

permanecer nos cofres, sem rendimento, muito dinheiro que hoje rende juros com nenhuma outra justificativa ou pretexto do que a conclusão geral: "Esse dinheiro me renderia tantos e tantos juros se investido em terras". E a isso se chama de negócio de interesse. Sim, companheiro, meu dinheiro pode comprar a casa do vizinho; no entanto, se não estiver à venda, de nada vale o valor de meu dinheiro com seu interesse. Do mesmo modo não é a destinação de todo o dinheiro que com ele se faça um contrato de renda sobre uma área de terra; no entanto, há pessoas que querem fazer contratos de renda sobre qualquer coisa que tem serventia. São usurários, ladrões e assaltantes. Pois vendem a utilidade do dinheiro que não lhes pertence nem está em seu poder. "Mas ele é capaz de render juros se aplicado numa área de terra", insinuas tu. Na verdade, não é assim, e talvez jamais seja capaz de fazê-lo. João tem condições de tomar uma Margarete. Isso, porém, não basta e nem por isso está casado. Teu dinheiro pode render juros. Isso, porém, é apenas a metade do negócio, pois falta o assentimento de outros, a segunda metade. Eu não aceito a metade pelo todo. No entanto, os comerciantes ricos querem vender a utilidade de seu dinheiro, sem qualquer risco, e, além disso, o consentimento e as intenções das outras pessoas, do que depende sua vontade de vender. Isso é o que se chama de vender a décima terceira pele de urso[105].

Sétimo: Digo mais: não basta que a base do contrato exista realmente e seja mencionada. É preciso que seja descrita claramente, item por item, e a aplicação do dinheiro e seu rendimento sejam relacionados a cada um desses itens, por exemplo: a casa, pomar, as pastagens, o açude, o gado, tudo desembaraçado, não vendido, sem ônus. Jamais se deve brincar de cabra cega e fazer um contrato em termos gerais e onerar a propriedade como um todo[106]. Pois onde isso não acontece, um homem pobre ou uma cidade são vendidos às escuras e serão arruinados totalmente por causa do negócio às cegas, como o observamos hoje em muitas cidades grandes e muitas propriedades. A causa disso é a seguinte: o comércio de uma cidade pode regredir, o número de habitantes pode diminuir, as casas podem ser destruídas por um incêndio, campos, pastagens e todas as terras podem desaparecer; os bens e o gado de qualquer proprietário podem diminuir, o número de filhos pode crescer; pode-lhe sobrevir qualquer outro infortúnio. Assim os bens se dissipam, mas o contrato feito às cegas, baseado em termos gerais na propriedade

105 Isso é, "vender a pele do urso antes de morto o animal" (cf. GRIMM, DWB, v. 13, cl. 1123).

106 Por um lado, havia o contrato sobre uma base real definida e vinculado a bens específicos. Por outro lado existiam os contratos pessoais, baseados exclusivamente no rendimento do trabalho do devedor. Aqui Lutero alude a uma terceira forma, onde todos os bens de uma pessoa física ou de uma comunidade serviam indiscriminadamente de garantia para o contrato. O papa Nicolau V legitimou esse tipo de contrato em 1452.

como um todo, continua em vigor. E assim os poucos bens restantes têm que suportar o ônus e os custos contratados anteriormente sobre a propriedade integral. Isso jamais pode ser justo. O comprador tem seus juros garantidos e não corre nenhum risco. Isso contraria a natureza de qualquer transação. Tal fato, porém, seria evitado se fosse relacionado tudo item por item. Assim os juros oscilariam na mesma proporção de suas garantias, como seria justo.

Oitavo: A única maneira de fazer com que esse negócio deixe de ser usura e melhor que todos os negócios de interesse é a seguinte: o investidor deve correr os mesmos riscos e incertezas em relação a seus juros como os relacionados com seus demais bens. Pois em relação a seus bens, o investidor está sujeito ao poder de Deus — morte, doença, enchentes, incêndios, tempestades, granizo, raios, chuvas, lobos, feras e às muitas interferências de pessoas maldosas. Todos esses riscos devem atingir o investidor, pois é neles que se fundamentam seus rendimentos, e sobre nenhuma outra base. Também não tem direito de receber juros por seu dinheiro a não ser que o tomador — o proprietário — concorde expressamente e tenha o direito de trabalhar de forma livre, apropriada e sem impedimento. Isso também se confirma pela razão, pela natureza e todas as leis, que afirmam unanimemente que o risco em relação a algo que é comprado permanece com o comprador. Pois o vendedor não tem o dever de garantir a mercadoria adquirida pelo comprador. Se pois faço um contrato de renda[107] sobre determinada propriedade, não estou comprando a propriedade, mas o serviço e o trabalho do arrendatário nessa propriedade, para que me pague meus rendimentos. Por isso estou envolvido em todos os riscos que podem atrapalhar o trabalho do arrendatário — na medida em que não são provocados por sua culpa ou negligência —, seja pelos elementos da natureza, por feras, pessoas, doenças, ou por quaisquer que sejam, coisas nas quais o devedor tem o mesmo interesse que o credor. Portanto, se apesar de todos os esforços não é bem sucedido em seu labor, deve e pode dizer francamente a seu credor: "Este ano não te devo nada, pois te vendi meu esforço e trabalho para renderem juros nesta ou naquela propriedade; no entanto, não fui bem sucedido; o prejuízo é teu e não meu. Pois se queres ter participação no lucro, também deves ter participação nos prejuízos, como é da natureza de toda transação". Todos os credores que não querem sujeitar-se a isso são tão honestos como assaltantes e assassinos, pois arrancam os bens e o sustento do pobre. Ai deles!

Nono: Disso tudo segue que o contrato de renda feito no escuro, que não discrimina os itens da propriedade um a um, mas é feito em termos gerais, resumindo todos os bens existentes num só montante, esse contrato é injusto. Pois como não se pode determinar sob que elementos se baseia, o investidor

107 Veja acima nota 97.

não corre risco e lucra sempre, não importando se os negócios vão mal cá e lá. Ele quer seus lucros garantidos.

Talvez argumentes: "Se for assim, quem ainda iria fazer um contrato de renda?" Aí é que está! Sei perfeitamente que a natureza iria torcer o nariz se ela tivesse que agir corretamente. Aí fica evidente que no contrato de renda somente se buscam garantia, ganância e usura. Quantas cidades, países e pessoas têm que pagar juros quando, na verdade, há muito se teria tido a obrigação de lhes dar dinheiro adicionalmente. Pois onde não se corre esse risco no contrato de renda, aí se pode falar somente em pura usura. Eles vão e fazem doações para a construção de igrejas, conventos, para altares e para isso e aquilo, e não há fim nem limite para os contratos de financiamento. Como se propriedade, pessoas, sorte, produção, trabalho fossem os mesmos todos os anos. Qualquer que seja o resultado, a taxa de juros tem que permanecer a mesma. Como não seriam levados à ruína terra e povo? Em face dessa usura sem limites admiro-me que o mundo ainda subsiste. O mundo realmente progrediu. O que antes se chamava empréstimo, agora se transformou em contrato de renda.

Décimo: O mesmo contrato de renda acorre às vezes em situações em que pessoas necessitariam de um empréstimo ou que se lhes desse algum dinheiro. Desse modo não serve fundamentalmente para nada, pois aí se interpõe o mandamento de Deus que quer que se ajude aos carentes com empréstimos e doações. Por outro lado acontece que financiador e tomador precisam de sua propriedade e que, portanto, não têm condições nem de emprestar nem de dar, tendo que recorrer ao expediente do contrato de renda. Se isso for feito sem violação da lei canônica, pagando-se 4, 5 ou 6%[108], isso é tolerável; no entanto sempre deveriam considerar o temor de Deus, sempre temendo que estão antes cobrando demais do que de menos, para que a ganância não venha a ser um fator adicional ao lado da segurança de um contrato razoável. Quanto menor a taxa, mais divino e cristão é o contrato. No entanto, não é minha tarefa estabelecer quanto se deve cobrar: 5, 4 ou 6%.[109]. Deixo que a lei decida, quando a propriedade é tão boa e rica que se poderia pedir 6%. No entanto sou de opinião que, se quiséssemos cumprir o

108 Enquanto os usurários públicos cobravam acima de 30% na Itália, os *montes pietatis* (montepios - sic!) — casas de penhora a taxas baixas, criadas pelos franciscanos no intuito de proteger cristãos pobres contra os emprestadores usurários — cobravam taxas de 6% à época em que começaram a ser reconhecidos, iniciando pelo papa Paulo II, em 1467. O pagamento de 4 a 6% sobre depósitos como suplementação de seu capital foi aprovado formalmente pelo papa Paulo III, em 1542. Em geral, Lutero era inimigo ferrenho da lei canônica. Nesse caso, porém, apela à aplicação rigorosa de suas determinações sobre a usura. (Citado conforme Walther I. BRANDT (ed.). *Luther Works*, v. 45, p. 305, nota 152.)

109 A taxa mais comum na Alemanha era a de 5%.

mandamento de Cristo nos primeiros três graus, o contrato de renda não seria tão comum ou necessário, a não ser no caso de montantes muito elevados e propriedades consideráveis. No entanto, a prática já está se instalando a nível de vinténs e centavos, envolvendo somas insignificantes que poderiam ser arrecadas facilmente por doações e empréstimos, de acordo com o mandamento de Cristo. Não obstante, não querem que isso seja chamado de ganância.

Décimo primeiro: Existem também alguns que não apenas negociam com propriedades pequenas, mas que, além disso, cobram taxas exageradas de 7, 8, 9, 10%. As autoridades deveriam verificar isso. Aqui o pobre povo comum está sendo exaurido sorrateiramente e duramente oprimido. Essa também é a razão por que esses assaltantes e usurários morrem com freqüência de morte não natural e súbita, ou morrem outra morte terrível, como merecem os tiranos e assaltantes. Pois Deus é juiz dos pobres e necessitados, como diz reiteradas vezes na antiga lei[110].

Aí então eles vêm com o seguinte argumento: "As igrejas e o clero também fazem isso e sempre o fizeram, porque esse dinheiro é usado a serviço de Deus". Na verdade, se não tivermos outro argumento melhor do que este para justificar a usura, então jamais se disse coisa pior a seu respeito, pois aqui a usura quer levar consigo ao diabo a inocente Igreja e o clero e arrastá-los para o pecado. Deixa o nome da Igreja fora desse jogo e dize: É a ganância viciada em usura ou o indolente velho Adão que o faz, que não gosta de trabalhar para ganhar seu sustento e usa o nome da Igreja como manto.

Que tipo de "serviço a Deus" praticas?[111] Servir a Deus significa cumprir seu mandamento, não roubar nem tirar nada de ninguém , não lograr a ninguém, e coisas semelhantes, mas dar e emprestar ao necessitado. Tu, porém, queres arrasar esse genuíno serviço a Deus, para depois construir igrejas, doar altares, encomendar missas rezadas e cantadas, coisas que Deus não te ordenou. Dessa maneira arrasas o verdadeiro serviço a Deus com teu serviço de Deus. Acabas com o serviço a Deus que ele ordenou, e depois vens com o serviço a Deus que tu mesmo escolheste. Como já disse acima: ainda que todo o mundo cobrasse 10%, as instituições eclesiásticas deveriam ater-se rigorosamente à lei e — com temor — cobrar 4 ou 5%. Pois elas devem brilhar[112] e dar um bom exemplo às instituições seculares. Eles, porém, invertem as coisas e querem ter a liberdade de ignorar o mandamento e o serviço de Deus, para poderem cometer o mal e praticar a usura. Se

110 Cf., p. ex., Sl 68.5; Is 11.4.

111 No original *gottis dienst*, que na língua alemã, além de "servir a Deus" em geral, pode referir-se tb. exclusivamente ao "culto" de adoração a Deus.

112 Cf. Mt 5.16.

quiseres servir a Deus a teu modo, então serve-lhe sem prejudicar o próximo e com o cumprimento dos preceitos de Deus. Pois ele diz em Is 61.8: "Eu sou um Deus que tem amor pelo juízo e sou inimigo do sacrifício daquilo que é roubado". Também o Sábio diz: "Oferece uma esmola do que te pertence"[113]. Essas taxas exageradas, porém, significam roubar o próximo e são contrárias ao mandamento de Deus.

Décimo segundo: Se, todavia, existe o temor de que as igrejas e fundações poderiam regredir caso se quisesse incrementar esta minha idéia, respondo: É melhor transformar dez fundações em uma que corresponde à vontade de Deus do que manter muitas que contrariam o mandamento de Deus. De que te serve o serviço de Deus quando sabes que é contrário a Deus, a seu mandamento e serviço? Não podes servir a um mesmo Deus com dois serviços contraditórios, como também não podes servir a dois senhores.

Existem também algumas pessoas tão ingênuas que fazem esses contratos de renda sem vinculação a uma área de terra ou qualquer garantia, ou então contratam mais do que a terra pode produzir, o que evidentemente leva à ruína. Este é um assunto tão perigoso e difundido que não se pode falar o suficiente a respeito. O melhor seria retornar ao Evangelho e segui-lo e que se passasse a negociar com os bens da maneira cristã por nós exposta.

Além do mais, oculta-se nesse tipo de contrato uma intenção perigosa, da qual, temo eu, nenhum ou poucos investidores estão isentos. Ela consiste no seguinte: eles querem ter seu lucro e capital garantidos e assegurados. Por isso passam seu dinheiro às mãos de outros para se livrarem do risco de o conservarem em seu poder; preferem muito mais que outros trabalhem com ele e corram o risco, enquanto eles podem levar sua vida ociosa e preguiçosa e, não obstante, continuar ricos ou se enriquecer. Se isso não é usura, ao menos é muito semelhante. Em resumo, isso contraria a Deus, pois se procuras conseguir uma vantagem de teu semelhante que não desejarias que procurasse obter de ti, o amor já era e a lei natural está rompida. Temo, porém, que nesses contratos de renda se considera muito pouco o bem-estar do próximo, desde que nossos juros e investimentos estejam garantidos, o que não se deveria intentar de forma alguma, e, sem dúvida, é sinal de ganância ou preguiça. Embora isso não torne o negócio pior, não deixa de ser pecado aos olhos de Deus.[114]

Lá para as bandas da Saxônia, porém, na região de Lüneburg e Holstein, ocorre uma prática realmente grosseira, que não admira se um devora o outro. Ali não se toma um percentual de apenas nove, dez ou quantos por

113 Lutero atribuiu a citação a Salomão (Sab), o que não confere. Talvez tenha pensado em Tob 4.7.

114 Originalmente o "(Grande) Sermão Sobre a Usura" termina aqui. O que segue é um adendo de 1524, quando o texto foi publicado como parte integrante da presente composição. O texto do adendo encontra-se em WA 15.321-322. (cf. tb. nota 54. e "Introdução")

cento se queira, mas ainda acrescentaram um detalhe muito especial: se alguém me empresta mil florins a juros, então, ao invés de dinheiro vivo, sou obrigado a aceitar tantos cavalos, vacas, toicinho, cereal, etc. (que ele talvez não consiga faturar ou vender tão caro), e acabo recebendo em dinheiro mal a metade da quantia, ou seja quinhentos florins, e, mesmo assim, preciso pagar juros pelos mil florins, ainda que a mercadoria e o gado de nada me sirvam ou dificilmente me rendam cem ou duzentos florins. Ora, estes naturalmente não são ladrões de rua nem de colarinho branco, e, sim, arrombadores de casas e saqueadores de propriedades. Que dizer sobre isto? Eles não são gente, mas lobos e bichos irracionais, que não acreditam existir um Deus.

Resumindo então: Para toda essa usura e juros injustos não há conselho melhor do que seguir a lei e o exemplo de Moisés[115], regulamentando todos os juros novamente segundo a seguinte ordem: Tome-se o dízimo ou (dependendo da necessidade) a nona, oitava, ou sexta parte, para vender, doar e ceder gratuitamente; assim tudo ficaria bem distribuído e tudo dependeria da graça e bênção de Deus. Pois se num dado ano o dízimo rendesse bem, ele daria um bom lucro para o credor; em rendendo pouco, o lucro seria pouco; e assim também o credor teria que arcar com o risco e a eventualidade, tanto quanto o devedor, e ambos teriam que se confiar às mãos de Deus. Então não se poderia fixar uma quantia predeterminada de juros, nem seria necessário, mas sempre ficaria incerto quanto é que o dízimo renderia, e mesmo assim haveria certeza do dízimo em si.

Por isso o dízimo é o melhor de todos os juros, sendo usado desde o começo do mundo, elogiado e confirmado na antiga lei como sendo o mais conveniente segundo o direito divino e natural. Caso o dízimo não bastasse, poder-se-ia tomar o nono, vendê-lo ou penhorá-lo e doá-lo, dependendo se o campo ou a casa tem condições. Pois José assim estabeleceu ou assim o encontrou estabelecido e praticado desde antigamente no Egito[116], que se tomasse o quinto. Pois então ainda continua valendo o direito divino cabível de que o credor [também] arca com o risco: se a renda for boa, o quinto será bom, se for ruim, ele será tanto menor, segundo Deus dá, sem que haja uma quantia certa [pré-]determinada proporcionalmente.

Como, porém, o contrato de renda estabelece quantias determinadas e fixas para todos os anos, seja a colheita boa ou não, o campo e a gente só podem mesmo ir à breca. Pois o contrato de renda considera todos os anos iguais, anos de carestia e anos da fartura, sim, ele compra a bênção de Deus ainda não concedida por outra concedida. Isto jamais pode estar direito. Isto

115 *Ein Unterricht, wie sich die Christen in Mose sollen schicken*, — WA 16.363-393.

116 Gn 41.34; 47.24,26.

ainda não concedida por outra concedida. Isto jamais pode estar direito. Isto é sugar o sangue e suor do outro. Por isso não admira que nesse curto período em que entrou em uso esse contrato de renda, ou seja faz cerca de cem anos[117], todos os principados e países empobreceram, foram penhorados e arruinados.

Mas nos casos em que o negócio ou o juro incide não sobre cereal, mas sobre casas ou terrenos, onde se trabalha e produz com a mão, poder-se-ia regulamentar esse tipo de negócio também segundo a lei de Moisés, observando-se o ano de jubileu[118] nestes assuntos, nada vendendo em caráter perene. Pois dada a desordem reinante nesse negócio, acredito que não se poderia tomar exemplo e lei melhor que a lei de Deus, com a qual ele dotou e governou o seu povo. Afinal ele é no mínimo tão sábio quanto a razão humana pode ser, e não deveríamos ter vergonha de, neste ponto, observar e seguir a lei dos judeus, uma vez que ela é útil e boa.

Neste ponto, então, o imperador, reis, príncipes e senhores deveriam ficar vigilantes e preocupar-se com seus países e sua gente, no sentido de lhes ajudarem e os advertirem contra a terrível voragem da usura, o que também seria tanto melhor para eles. Isto as assembléias nacionais deveriam tratar como um dos assuntos mais urgentes. Ao invés, elas o negligenciam e ficam servindo à tirania do papa, onerando cada vez mais o povo e o país, até que eles também dêem com os burros n'água e acabem rejeitados e expulsos do país. Deus lhes conceda sua luz e graça, amém.

117 Veja acima nota 98.
118 Cf. Lv 25,8-34.

Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7
1530/32
(Extrato: Mateus 6.19-21 e 6.24)[1]

INTRODUÇÃO

Entre o final de outubro de 1530 e o final de abril de 1532, João Bugenhagen[2], pároco da comunidade de Wittenberg, afastou-se dessa sua função para atuar na introdução da Reforma e na reorganização eclesiástica no norte da Alemanha. Como já o fizera anteriormente, Lutero assumiu nessa ocasião parte das atribuições de Bugenhagen. Assim, teve a seu encargo as prédicas semanais diante da comunidade. Pregou com base no Evangelho Segundo Mateus às quartas-feiras. Aos sábados, suas prédicas versaram sobre textos do Evangelho Segundo João. Jorge Rörer[3], segundo testemunho próprio, anotou o conteúdo das prédicas de Lutero sobre Mateus 5-7. Com base nessas anotações, um estreito colaborador de Lutero — talvez Caspar

1 Extraído de: *Wochenpredigten über Matthäus 5-7.* — 1530/32 (impressão: 1532). — Oferecemos os comentários a Mt 6.19-21,24. — WA 32,436,38-445,21; WA 32,452,36-458,10. — Tradução: *Walter O. Schlupp.*

2 *João Bugenhagen* (1485-1558), natural da Pomerânia, ordenado sacerdote em 1509. Tornou-se adepto de Lutero a partir da leitura de "Do Cativeiro Babilônico da Igreja", indo, então, estudar Teologia em Wittenberg. Em 1535 passa a ser professor da universidade local, já ocupando, porém, a função de pastor da igreja da cidade desde 1523. Bugenhagen é o criador da casa pastoral evangélica, ao contrair matrimônio, em 1522, com Walburga Rörer. Íntimo amigo de Lutero, colaborou na tradução da Bíblia e foi seu conselheiro e confessor. Decisivas são suas contribuições para a compreensão luterana do ministério e da comunidade. São inúmeras as regiões que foram reformadas por ele. Nelas buscou criar escolas e universidades.

3 *Jorge Rörer* ou *Rorário* (1492-1557) matriculou-se como mestre em artes na Universidade de Wittenberg em 1522. Nesse mesmo ano, começou a estenografar prédicas e preleções de Lutero, o que permaneceu fazendo até 1546, tendo colocado muitas vezes tais anotações à disposição para compilações e publicações. Em 1525 foi ordenado como primeiro obreiro evangélico pelo próprio Lutero e assumiu a função de diácono na paróquia de Wittenberg. Paralelamente, recebeu do conselho da cidade de Wittenberg a atribuição de ser um dos três corretores de textos do reformador, publicados por impressores da cidade.

Crúciger[4] ou Veit Dietrich[5] — deu redação final ao manuscrito de "Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7", prefaciado pelo próprio Lutero e impresso por José Klug, provavelmente no outono de 1532 em Wittenberg.

No prefácio, Lutero manifestou sua alegria com a notícia da publicação das prédicas sobre o Sermão do Monte. Isso porque cria ter ali interpretado fielmente, de acordo com o ensino cristão, palavras de Jesus, cuja compreensão correta muitas vezes vinha sendo negligenciada. Lutero fez referência direta aos que, na tradição teológica monástica, tinham transformado os mandamentos presentes no Sermão do Monte, destinados a todas as pessoas cristãs, em meros conselhos a serem seguidos tão somente pelas pessoas que assumiam a vida de monge ou freira[6]. Depois ainda fez menção também das pessoas entusiastas e facciosas (*Rottengeister*), que intentam comandar toda a sociedade com os mandamentos de Cristo, isso por não diferenciarem adequadamente entre o governo espiritual e o governo secular de Deus[7]. A seleção da intrepretação de Lutero dos versículos 19-21 e 24 do capítulo 6 de Mateus serve para ilustrar exemplarmente tanto seu modo de refletir teologicamente a respeito da prática econômica de pessoas cristãs, como também a forma pela qual ele expressa o fruto dessa reflexão a sua comunidade de fé.

Ricardo Rieth

4 *Caspar Crúciger* (1504-1548), natural de Leipzig, conheceu a Lutero durante seu debate com João Eck nesta cidade, em 1519. A partir de 1521, prosseguiu seus estudos em Wittenberg, estando bastante ligado a Lutero e principalmente a Filipe Melanchthon. Em 1525 tornou-se reitor do Colégio São João e pregador na igreja de Santo Estêvão em Magdeburgo. No ano de 1528 retornou como professor da faculdade de artes à Universidade de Wittenberg, onde se tornou doutor em Teologia e acabou assumindo uma cátedra na Faculdade de Teologia em 1536. Desde 1528, por sua grande erudição e capacidade, tornou-se compilador e editor de diversos escritos de Lutero.

5 *Veit Dietrich* (1506-1549), natural de Nürnberg, ingressou na Universidade de Wittenberg em 1522. De 1528 a 1534 viveu na casa de Lutero, exercendo a supervisão sobre parte dos estudos do reformador, redigindo cartas por ele ditadas, anotando suas prédicas, preleções e diálogos à mesa. Chegou inclusive a editar algumas dessas anotações. A partir de 1536 assumiu o cargo de pregador na comunidade de São Sebaldo em Nürnberg.

6 Veja a respeito a introdução geral aos escritos econômicos, p. 368,8-370,4.

7 Cf. WA 32,299,1-301,36.

"Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e onde ladrões os escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde nem traças nem ferrugem os corroem, e onde ladrões não os escavam nem roubam; porque onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração". [Mt 6.19-21]

Até aqui Jesus recriminou em primeiro lugar a falsa interpretação dos Dez Mandamentos, passando a limpo a doutrina soterrada e obscurecida. Em seguida contrapôs as obras genuínas às obras falsas e hipócritas deles, para que se entendessem corretamente os Dez Mandamentos e se praticassem as obras de forma autêntica. Agora começa a advertir contra as tentações que impedem tal ensinamento, e se ocupa com esse assunto quase que exclusivamente, até o oitavo capítulo. Como excelente mestre, ele o fará de modo magistral, sem nada omitir do que serve para nos preservar na doutrina e vida genuínas.

Em primeiro lugar, ataca esse ilustre grande vício chamado ganância[8]; pois esses são, a bem dizer, as duas piores pragas, sempre presentes quando se ensina o Evangelho e se procura viver de acordo com ele. Em primeiro lugar, vêm os falsos pregadores, que corrompem a doutrina; depois, sua excelência, a ganância, que impede a vida boa, conforme vemos agora, depois que o Evangelho voltou a ser pregado. As pessoas estão ficado muito mais mesquinhas do que antes, acumulam e cavocam como se fossem morrer de fome. Pessoas que antes andavam na cegueira, como se estivessem empedernidas, dando ouvidos à pregação dos seus sonhos, contribuíam com fartos donativos, e não enxergavam nem se queixavam sobre o que lhes tiravam. Agora, porém, que se lhes abriram os olhos, e enxergam como devem viver e fazer boas obras autênticas, disputam cada centavo e são de uma ganância, como se cada qual quisesse apoderar-se sozinho dos bens do mundo. Não consigo explicar a origem desse fenômeno. Deve ser pura praga do enfadonho diabo que sempre introduz ao lado da luz do Evangelho esse vício infame, a fim de atrapalhá-lo. Afinal o Evangelho nos dá o consolo de que não só viveremos lá eternamente, mas também teremos o nosso sustento e alimento aqui, conforme consta no Sl 8.4ss.: Cristo é rei e Senhor sobre todo o mundo, tendo em suas mãos ovelhas, e bois e todos os animais sobre a terra, e de maneira alguma há de nos deixar morrer de fome. Embora saibamos disso, nós próprios também estamos atolados mais fundo ainda na ganância e na preocupação pelo sustento material do que antes; sempre temos carência e parece que as coisas vão se desvanecendo e somos incapazes de ceder para a glória de Deus a décima parte daquilo que antes despejávamos na goela do diabo.

Cristo já mostrou isso antes em muitas outras passagens. Por exemplo, quando

8 Cf. acima p. 377, nota 11.

enviou seus apóstolos para pregar, sua maior preocupação e advertência foi que eles se guardassem destas duas coisas: falsa doutrina e ganância[9], ordenando-lhes severamente que não levassem provisões para a caminhada, etc., nem se preocupassem com o que haveriam de comer e beber; de modo que, como disse, estes são os dois piores aspectos que corrompem profundamente a cristandade: espiritualmente a fé por falsa doutrina, e fisicamente os frutos por meio da ganância. Por isso, uma vez iniciada a fé e a vida [na fé], torna-se necessário pregar e advertir que as pessoas se cuidem e permaneçam nelas, e não se deixem desviar delas pela falsa interpretação da Escritura; e depois, que se precavenham contra a ganância, para que ela, sorrateira, não nos pegue desprevenidos, de maneira que apostemos nas coisas temporais, que aqui temos o suficiente, como se isto bastasse. Pois [a ganância] é um mal perigoso que gruda na gente, que também sabe apresentar-se com muito refinamento e em atraentes idéias, ludibriando inclusive ao cristão, de modo que ninguém está seguro dela. Pois de repente se dão conta de sua situação atual no mundo, que lhes inflige toda sorte de tormentos e não lhes concede gratuitamente sequer um pedaço de pão, de modo que, se fosse pelo mundo, eles teriam que morrer de fome. Assim, por exemplo, se deixa os pregadores passar aflições e necessidades, de sorte que também eles ficam tentados a se preocuparem igualmente de onde poderiam angariar e conseguir alguma coisa, para poderem subsistir no mundo; por fim acabem totalmente na ansiedade típica do mundo e na ganância, largando por isso seu ofício da pregação, alguns inclusive abandonando o Evangelho.

É por isso que Cristo agora começa a pregar profusamente contra o grande ídolo Mâmon[10], fazendo dele a pior descrição possível, para que ninguém deixe de se resguardar contra ele, e diz, em primeiro lugar: "Não acumuleis para vós tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e onde ladrões os escavam", etc. Segundo ele, há três caçadores dos tesouros na terra: ferrugem, traças e ladrões, os quais afinal são infames guardiães de tesouros. Acontece que Deus dispôs as coisas muito bem, de modo que onde há um tesouro, necessariamente também haverá esses camaradas que o guardam, como geralmente os pardais, ou ratos e ratazanas no caso dos cereais. Afinal ele também nada merece de melhor, uma vez que não fazemos bom uso do dinheiro e dos bens; pelo contrário, por causa da

9 Cf. Mt 10.10; Lc 9.3.

10 *Mâmon:* Seguindo a Vulgata, Lutero usa em sua versão o termo grego *mamonas* de Lc 16.9 e grafa *Mammon*. Enquanto no texto bíblico *mamonas* é qualificado quanto a sua origem (*tes adikias* "de origem iníqua", J. F. de Almeida; "da iniqüidade", Bíblia de Jerusalém), Lutero usa Mâmon no sentido de riquezas transformadas em ídolo, em Deus. Veja a respeito acima p. 384 nota 26.

desgraçada ganância, nós o arrebanhamos para nós, sem que ninguém dê ou ceda qualquer coisa ao outro, etc.

No entanto, não apenas as traças e a ferrugem que devoram as roupas, ferro ou metais, são ladrões, nem somente os ratos e ratazanas que a gente pega com armadilhas, nem tampouco apenas aqueles que furtivamente limpam baús, e, sim, também as grandes traças muito vivas e os ladrões públicos, que são os grandes impostores e aproveitadores na corte, que limpam o bolso e o sótão do príncipe, para enfim lhe tirar tudo que tem; da mesma forma também nas cidades, não só aqueles que arrombam as casas dos cidadãos, mas ladina e ocultamente sugam uma cidade, atuando como usurários e aproveitadores no mercado e onde quer que possam; resumindo: onde quer que haja dinheiro e posses, necessariamente também há traças e ladrões interessados. O mundo inteiro está cheio desses ratos e ratazanas, onde quer que as pessoas vivam em conjunto. Pois que é um conselheiro desonesto na corte ou um funcionário desonesto senão ferrugem ou traça que não faz mais do que devorar o dinheiro e os bens do príncipe, enquanto durarem? Atualmente existem muitos desses hipócritas que empobrecem os príncipes com muitas despesas onerosas, desnecessárias e vãs, sem se preocuparem com o futuro deles, contanto que mandem em seu dinheiro e o governem como queiram.

O mesmo acontece em todas as cidades e povoados. Tudo está cheio de ratos e traças, grandes e pequenas, secreta ou abertamente: entre os sapateiros, alfaiates, açougueiros, padeiros, cervejeiros e taverneiros como também em outras profissões como, operários e diaristas. Eles existem inclusive no meio doméstico: quem tiver um empregado ou uma criada preguiçosa e desonesta, que tem ele senão carunchos, que causam estrago maior do que se o sótão estivesse cheio de ratos e ratazanas?

Pois vê que excelente deus é o Mâmon, que não tem melhores guardiães e cortesãos em torno de si senão pura ferrugem e traças, de modo que, depois de alguém ter juntado grandes tesouros por muito tempo, eles acabam dilapidados por essa criadagem, de sorte que ninguém que deveria fruí-los chega a gozá-los e ter proveito deles. Acaso não é verdade que as fortunas de muitos grandes potentados e príncipes jamais foram bem investidas? Geralmente acabaram devastadas por guerras ou consumidas por esses carunchos irresponsáveis, foram desperdiçadas ou levaram algum fim inútil. Por isso levam a melhor aqueles que não têm grandes fortunas, pois não precisam sustentar muitos ratos nem temer ladrões.

Mas como fica então? Será que não se deve ter fortuna alguma, condenando-se assim todos aqueles que ajuntam tesouros sobre a terra? Não é bem assim. Pois se todos procedessem como tu e eu, amanhã ninguém teria nada em casa; é extremamente necessário que os potentados e príncipes providenciem reservas para a população do país. Pois é para isto que Deus criou ouro

e prata, colocando-os nas minas. Lemos na Escritura que Moisés ensina ao rei que ele não deve ter cavalos, ouro, prata, etc. em demasia[11]; portanto está permitindo que acumule fortuna de forma moderada, como também o rei Salomão se gaba[12]. E o patriarca José acumulou tanto, a ponto de passar para a propriedade do rei o Egito inteiro, o cereal, o dinheiro, os bens, o gado, e até o corpo das pessoas, que passaram a ser inteiramente escravas do rei[13]. Também Abraão possuía muitas ovelhas, ouro e prata, com os quais negociava[14]. Que diremos então, se Jesus proíbe tão claramente o acúmulo de fortunas? Afinal — se quiséssemos discutir com ele — ele próprio tinha uma reserva, uma vez que Judas lhe carregava a bolsa com o dinheiro[15], sempre tendo alguma disponibilidade, de modo que jamais lhes faltou algo, ao enviar seus discípulos, conforme eles próprios afirmaram[16]. Afinal por que aqui proíbe isso, dizendo que não devem portar consigo dinheiro, nem bolsa, nem sapatos, etc.[17]?

Resposta: já foi dito muitas vezes que neste sermão Cristo instrui o indivíduo, o cristão, e que é preciso distinguir muito bem entre uma pessoa do mundo e um cristão, ou entre uma pessoa secular e uma pessoa cristã. Pois o cristão em si não é nem homem nem mulher, nem jovem nem velho, nem senhor, servo, imperador, príncipe, camponês, cidadão, nem nada que tenha trânsito ou designação na esfera secular. O cristão por designação não tem imagem exterior ou máscara[18] e não deve ter nem saber nada no mundo, e, sim, deve dar-se por satisfeito com o tesouro no céu. E quem não fizer muito bem esta distinção, a exemplo de nossos sofistas e entusiastas, que misturam e confundem tudo, não pode entender adequadamente nenhum desses enunciados.

Evidentemente, um príncipe pode muito bem ser um cristão, mas, como cristão, ele não precisa governar. Como governante ele não se chama "cristão", e, sim, "príncipe". A pessoa, sim, é um cristão, mas seu ofício ou principado não diz respeito a seu cristianismo. Pois na condição de cristão o Evangelho lhe ensina a fazer mal a ninguém, a não punir nem vingar-se, e, sim, a perdoar a todos, e a suportar qualquer mal ou injustiça que lhe seja feita. Este é o ensinamento que vale para o cristão (digo eu). Mas não daria bom governo caso quisesses pregar essas coisas ao príncipe. O que ele deve

11 Cf. Dt 17.16.
12 Cf. Ec 2.8.
13 Cf. Gn 47.14ss. Veja a respeito acima pp. 391ss.
14 Cf. Gn 13.2.
15 Cf. Jo 12.6.
16 Cf. Lc 22.35.
17 Cf. Lc 10.4.
18 No original, *keine person noch larven*. No alemão da Idade Média tardia, o termo *person* correspondente ao latim *persona* —, além de ser usado especialmente em referência às três pessoas da Santíssima Trindade, tinha o sentido de "forma", "imagem", "aparência".

dizer é o seguinte: Minha posição como cristão é um assunto entre Deus e mim. Meu relacionamento com ele tem suas regras próprias. Acima ou ao lado disso, porém, tenho outra posição ou ofício[19] no mundo: sou um príncipe. Aqui não se trata da relação entre Deus e essa pessoa, mas da relação entre mim e meu país e povo, etc. Aí não interessa como deves viver perante Deus e o que deves fazer e suportar em relação a ti mesmo. Isso te diz respeito como pessoa cristã, que nada tem a ver com o país e o povo; mas tua pessoa como príncipe não deve fazer nada disso e nada tem a ver com isso, mas deve preocupar-se com a administração do governo, com a preservação e proteção do direito e da paz e com a punição dos maus.

Vês, pois, que desta forma ambas as posições ou ofícios estão bem separados; no entanto, embora combinados numa mesma pessoa, são, por assim dizer, contraditórios. Pois uma e a mesma pessoa deve, ao mesmo tempo, suportar e não tolerar tudo, mas cada função recebendo sua competência distinta; ou seja, como disse, se algo me atinge como cristão, devo suportá-lo, mas se me atinge como pessoa secular, tratando-se, portanto não de um assunto entre Deus e mim, mas relacionado ao país e ao povo (que me foi confiado para que lhe ajudasse e o protegesse, sendo que para isso me foi outorgada a espada), então não cabe a tolerância, e, sim, o contrário. Assim sendo, cada ser humano na terra tem duas pessoas: uma para consigo mesma, comprometida com ninguém senão exclusivamente com Deus, e uma pessoa secular, de acordo com a qual está vinculada a outras pessoas, visto que nesta vida precisamos relacionar-nos uns com os outros. O marido ou chefe de família, por exemplo, está comprometido com a mulher e os filhos, e nesta qualidade, mesmo sendo cristão, não deve tolerar patifaria ou petulância dentro de casa da parte dos seus; deve, muito antes, coibir e punir o mal, para que façam o que é certo, e assim por diante. No momento em que saibas fazer esta distinção corretamente, é fácil entender o ensinamento de Cristo. Aqui e em todas as suas pregações ele não fala de como um pessoa secular deve proceder e viver, e, sim, como deves viver retamente perante Deus como cristão, que não deve preocupar-se com o mundo, mas apenas pensar exclusivamente numa outra vida.

Meu comentário a este texto é o seguinte: Minha pessoa chamada "cristão", não deve preocupar-se com dinheiro nem acumulá-lo, mas prender-se exclusivamente a Deus em seu coração; exteriormente, entretanto, posso e devo usar os bens materiais para meu corpo e para outras pessoas; no que tange a minha pessoa secular, [devo e posso] acumular dinheiro e fortuna, no entanto, não em demasia, para que não vire um avarento, que só cuida de si próprio e jamais pode ser satisfeito. Pois a pessoa secular precisa ter

19 No original *stand odder ampt*. Veja p. 470, n. 47.

dinheiro, alimentos e provisões para o seu país, seu povo ou outros que dele dependem. Se possível, dever-se-ia governar como o patriarca José no Egito[20], com todos os silos e tulhas repletos de provisões, administrando o país de tal maneira que tivesse cobertas todas as suas necessidades, tendo condições com as quais se pudesse ajudar e emprestar às pessoas, distribuindo quando houvesse necessidade; este seria um tesouro estupendo e um uso correto e cristão dos bens materiais; pois o que um príncipe acumula, ele não o acumula para si próprio, mas como pessoa pública, sim, como pai comum ao país inteiro. Afinal não precisamos todos ser mendigos, mas cada qual deve prover-se com o suficiente para o seu sustento, sem ser um ônus para os outros, inclusive ajudando os outros. Portanto cada qual contribua para outros onde for necessário.

Portanto cada cidade deve acumular o mais possível para as necessidades comuns, e adicionalmente cada paróquia deveria ter uma caixa comunitária[21] para os pobres; este não seria um acúmulo iníquo de tesouros, mas cristão, pois não se trata de um tesouro destinado a satisfazer a ganância e o desejo, como é de praxe no mundo e a feitio dos nossos padrecos, que até agora só acumularam dinheiro para entregar-se a seus prazeres, brincando com seus florins como as meninas com bonecas; mas no momento da necessidade, quando é preciso ajudar os outros, ninguém está em casa. É contra esses tesouros do diabo que Cristo diz aqui que não se deve acumular fortuna sobre a terra, isto é, para si próprio e para seu próprio prazer; que o coração não seja egoísta, apegando-se ao Mâmon temporal, mas busque e ajunte outro tesouro no céu; exteriormente, porém, e na esfera secular podes ajuntar o quanto conseguires, honradamente e com Deus, não para teu próprio prazer e ganância, mas para suprir as necessidades dos outros. Quem acumula desse modo há de receber a bênção e mais a indulgência, como cristão correto.

No entanto, há os que são tão gananciosos que ajuntam e ajuntam e não podem mais parar; a ninguém deixam fazer uso dessas riquezas e inclusive eles próprios não podem aproveitá-las com prazer. Esses também merecem o que consta aqui: que seja tudo devorado por traças, ferrugem e ladrões; como foi adquirido, assim também se perderá; por outro lado, acontece muitas vezes que também o acúmulo bem intencionado é devorado dessa forma. Afinal, não pode ser outro o destino dos bens materiais sobre a terra. Ora, se isso acontece com aqueles que acumulam fortuna legitimamente,

20 Gn 47,14.

21 Lutero incentivou e fundamentou teologicamente a organização de caixas comunitárias, por exemplo, em Wittenberg (1520/21) e em Leisnig (1523). Cf. especialmente sua publicação de 1523: *Ordnung eines gemeinen Kastens. Ratschlag, wie die geistlichen Güter zu handeln sind* (Estatuto de uma Caixa Comunitária. Sugestão para o uso do patrimônio eclesiástico), WA 12,11-30; in: *Obras Selecionadas*, v. 7.

muito mais com aqueles que não buscam outra coisa senão o dinheiro, não o uso, o proveito, o fruto do dinheiro. Pois a bênção dada ao dinheiro é esta: que traça e ferrugem o ataquem e devorem e que seja roubado, de modo que não tenha sucesso aquele que assim amealha e poupa mesquinhamente; e mesmo que um agricultor faça uma grande colheita, ele não poderá aproveitá-la, o que aliás nem lhe convém. Tem que enterrá-la, de modo que não traga proveito nem para ele próprio nem para os outros; ou então será comida pelo caruncho ou cairá nas mãos dos mercenários ou das ordens assaltantes, para que, de forma alguma, seja investida de modo mais proveitoso.

Com estas palavras Cristo então quer dissuadir-nos de sermos tão ávidos pelo Mâmon, e fala a seu respeito com tanto desprezo e repúdio, que não poderia ser mais aviltante. Pois que deus é esse que não consegue defender-se da ferrugem e das traças? que tem que deixar-se devorar e consumir diariamente, ficando sujeito a ser roubado por qualquer um? que é carcomido por qualquer coisa que lhe sobrevenha, podendo ser levado pelo primeiro ladrão que aparecer? Ora, é frustrante ter um deus tão inerte, sujeito à ferrugem, às traças e aos ladrões, e que mesmo assim governa o mundo inteiro. Por isso deveríamos nos envergonhar de sermos pessoas que se apegam a um tesouro desses, sujeito à ferrugem, depositando nele toda a sua confiança. Já que sabeis disso (quer ele dizer), não confieis no acúmulo de tesouros sobre a terra, mas dai-vos por satisfeitos com aquilo que Deus vos dá aqui, lembrando que corre perigo constante de se perder ou de vos ser tirado. Pois não tem outra saída, especialmente para quem quer ser cristão e confessar ou pregar o seu Senhor. Como alguém que desafiou o mundo inteiro e todos os diabos, ele precisa contar a todo momento com a possibilidade de ser expulso e rejeitado. Quem quiser levá-lo a cabo, precisa tomar ânimo suficiente para desprezar os tesouros e bens deles, e tem que ter a certeza de outro tesouro melhor.

É por isso que Cristo diz: "Ajuntai para vós outros tesouros no céu", etc., ou seja: Deixai para o mundo seus tesouros sujeitos à ferrugem, ao roubo e ao furto, uma vez que ele não merece nada melhor do que ter neles seu prazer e consolo. Mas vós, que não sois do mundo, mas pertenceis ao céu porque fostes resgatados para tal por meu sangue, para que tenhais outro e eterno bem, pronto e preparado para vós, não permiti que vossos corações sejam presos aqui. Caso ocupais uma função ou uma posição em que precisais lidar com [tesouros do mundo], não vos apegueis a eles nem lhes sirvais, mas procurai alcançar aqueles tesouros que vos estão reservados no céu. Pois estes sim, são tesouros. Nem traças nem ferrugem podem atacá-los e estão a salvo de tudo que devora e furta. Pois são estocados de tal maneira que sempre conservam sua integridade e seu frescor, e guardados de modo tal que ninguém possa escavá-los.

Então, quem quer ser cristão, que aceite este incentivo e apelo; afinal

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

certamente agradaria a qualquer avarento, e seu coração exultaria, se lhe fosse mostrado um tesouro desses, que não pode ser corroído por ferrugem nem furtado por ladrão algum. O mundo, porém, não dá ouvidos para isso, uma vez que não enxerga essas coisas nem se as procura. Muito antes, fica preso ao ouro e à prata que ele vê brilhar, embora saiba e veja que não estão seguros da corrosão e dos ladrões por uma hora sequer. Mas não é para essa gente que pregamos; quem não quer se ater à palavra de Cristo e orientar-se pelo tesouro invisível, que se vá; não vamos forçar ninguém. Espera quando chegar a hora de tua partida. Invoca então o tesouro que acumulaste e no qual confias, e observa o quanto ele te vale e o quanto ele te ajuda.

O resultado será o descrito no Salmo 76.5: "Todos os ricaços caíram no sono, e nada encontraram em suas mãos", ou seja: os ricaços que haviam servido ao Mâmon, estavam de mãos vazias na hora da morte. Ora, isto é algo terrível que as pessoas que serviram a vida toda ao Mâmon e por amor a ele causaram muitas injustiças e danos; que desprezaram a palavra de Deus, não podem fazer uso dele na hora da aflição. Só então é que se lhes abrirão os olhos para uma visão de outro mundo. Ao começarem a procurar aquilo que acumularam como provisão, eles nada encontram e acabam vergonhosamente de mãos vazias; então ficam com tanto medo que acabam esquecendo o que ajuntaram, e no céu também nada encontram; acontece-lhes exatamente o que Cristo relata em Lucas 12.16ss. a respeito do rico que certa vez colheu excelente safra, a ponto de querer derrubar os celeiros para ampliá-los, pensando em gozar a vida, dizendo: Querida alma, agora tens amplas reservas para muitos anos. Come e bebe e te diverte. Ora, este é a modinha que todos os barrigudos avarentos cantam. Mas que vem depois? "Tolo, esta noite levarão a tua alma, e de quem será aquilo que preparaste?" Desta forma perdeu a ambos os tesouros, acabando por ser privado também de sua fortuna acumulada, e de modo tão escandaloso que nem sabe quem a receberá.

Pois é assim que andam as coisas no mundo. É raro ajuntar-se grande fortuna de modo agradável a Deus. As pessoas não conseguem aplicá-la tão bem quanto gostariam, ou em benefício de alguém; ela acaba se dispersando de tal maneira que ninguém sabe para onde foi. Já observei isso muitas vezes, principalmente no caso de eminentes e ricos cônegos, que deixaram grande fortuna. Depois de sua morte, ela desapareceu repentinamente, ou caiu nas mãos de pessoas que não revelaram o mínimo de gratidão, mas que a desperdiçaram na opulência e gastaram de modo vergonhoso. E principalmente quando começa uma guerra, aí então tudo se dá ao bel-prazer e gosto do diabo. O dinheiro cai nas mãos dos valentões, aos quais jamais esteve destinado e que ainda atormentam as pessoas com toda a sorte de tribulação.

Por isso, quando alguém fica acumulando por muito tempo e outro lhe pergunta quem irá ficar com suas reservas, ele só pode dizer que não sabe.

No final não acaba tendo o destino que ele imaginava. Por isso é uma grande tola a pessoa que aposta toda sua segurança e felicidade em sua fortuna, torturando-se a vida inteira com grande preocupação e medo, sem saber ela própria para quem a acumulou. E ninguém se dá conta disso, pois a cegueira e perversão das pessoas é grande demais, e o mundo simplesmente prefere continuar mundo e sofrer o tormento de servir à fortuna enferrujada. E quando lhe tiver servido bastante tempo e irritado a Deus, sua recompensa será: no fim das contas, Deus não pode ajudar e os deixa na mão e ainda sofrem o escárnio. Isto não o dissuade, assim como não se pode dissuadir o fogo de queimar, ou a água, de não apagar o fogo. Por isso, deixa o mundo na sua, e fica sabendo que isto está sendo pregado a ti como cristão, para que reflitas onde deves ter e encontrar teu tesouro, onde ele estará seguro e estará guardado eternamente, de que não poderá ser tirado nem passado para outra pessoa. Enquanto isso, utiliza e deixa ir-se o bem material do jeito que vai, como posse transitória. E se acumulas um tesouro desta maneira conforme agrada a Deus e de modo honesto, ele também cuidará que ele fique onde deve ficar, e que, mesmo assim, não seja perdido, mas bem aplicado e rendendo muitas coisas boas.

Cristo então conclui com um provérbio: "Onde está teu tesouro, aí estará também teu coração". Isso equivale àquilo que nós alemães dizemos a respeito de um pançudo avarento: "Seu coração é de dinheiro", ou seja, contanto que tenha dinheiro, este é o seu prazer, conforto e deus, enfim; por outro lado, quando nada tem, é sua morte, aí não há coração, nem prazer nem conforto. Por isso ele quer dizer o seguinte: Cuidai e examinai o vosso próprio coração e sabei com certeza que vosso coração estará inteiramente ali onde estiver vosso tesouro. Como também se costuma dizer: O que é caro a uma pessoa, isto é seu deus, pois é para lá que a leva seu coração, ocupando-se com aquilo dia e noite, dormindo e acordado, seja dinheiro ou posses[22], desejo ou prestígio, etc. Por isso repara bem em teu coração, e logo verificarás o que nele se encontra e onde está o teu tesouro; pois certamente é fácil verificar se tens tanta vontade e dedicação de escutar a palavra de Deus, viver segundo a mesma e alcançar aquela vida, quanto para ajuntar e produzir para ti muito dinheiro e posses.

Pois se o coração tiver tal atitude e também demonstrar quando for a ocasião de demonstrá-lo, que eu prefiro perder não só dinheiro e posses, mas também [arriscar] o pescoço, a largar ou desprezar o Evangelho e causar injustiça ou violência a meu próximo para meu proveito próprio, então posso concluir que dinheiro e posses não são o tesouro de meu coração. E mesmo que acumule e faça reservas, eu o entrego livremente ao risco e à sorte,

22 Veja acima p. 432, n. 10.

buscando outro tesouro no céu, qual seja, aquele que está oculto na palavra de Deus.

Por outro lado, podes fazer o seguinte: que preguem, ensinem e admoestem o quanto quiserem; tu continuas pensando que tens o suficiente e que podes viver no luxo; não te importas se estás lidando com teu próximo de forma justa, desde que tu tenhas o que é teu e quando fazes tuas contas de tal maneira que com um centavo acumules dois ou até dez. E dizes: Que Deus se arranje com sua palavra com seus pregadores, e com o mundo com seu direito! Aí então certamente também poderás apalpar com as mãos que teu tesouro não está lá em cima no céu, mas na ferrugem e nas traças, a ponto de preferires provocar a ira de Deus e do mundo a ceder um centavo e desistir de alguma coisa por amor a eles. Atualmente camponeses, burgueses e fidalgos em toda a parte estão vivendo e discursando de forma tão vergonhosa, a ponto de mandarem Deus e seu governo sobre o mundo às favas por causa de um centavo[23], para que de qualquer maneira permaneçam verdadeiras essas palavras, provando por atos a sua culpa, porque não querem ouvir nem aceitar qualquer advertência. De qualquer forma, não vai dar outra, mesmo que nós nos preocupemos longamente com isso e preferíssemos ver as coisas tomando outro rumo. Por isso o melhor é dizer essas coisas a eles, para então deixá-los entregues à própria sorte, desprezando-os e rindo deles tanto quanto o fazem em relação a nós; pois no Salmo 2.4 Deus diz que ele também sabe rir, e rir de tal maneira que para eles se torne choro amargo, isto é: "Ele há de falar com eles em sua ira, e em seu furor ele os assustará".

Prédica sobre Mt 6.24

"Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e ao Mâmon" [Mt 6.24].

Aqui Jesus emite juízo terrível sobre os gananciosos, particularmente sobre seus judeus, que eram autênticos gananciosos e ainda queriam ser santos e grandes servidores de Deus, como nossos padrecos e clérigos. É como se ele dissesse: Vocês acham que estão muito bem, servindo a Deus com muita seriedade. Na verdade, porém, não passam de malandros mesquinhos, que tudo fazem por amor ao Mâmon, mesmo servindo também a Deus. Mas o que consta é o seguinte: ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo; se querem ser servidores de Deus, não podem servir ao Mâmon. Jesus está falando de dois senhores incompatíveis, e não aos que

23 Cf. acima p. 381, n. 20.

governam em conjunto; pois não há incompatibilidade quando sirvo ao príncipe ou ao imperador e também a Deus; pois aqui as coisas têm sua ordem, de modo que, quando obedeço ao inferior, também estou servindo ao superior; é como um pai de família que manda sua esposa ou filhos à criadagem com ordens do que deve ser feito; aí não há vários, mas apenas um senhor e tudo [vem] de um senhor. Fala-se de "dois senhores" quando eles são incompatíveis e dão ordens contraditórias, como Deus e o diabo. Deus diz: Não serás ganancioso nem terás outro deus. O diabo, entretanto, diz: Tu podes perfeitamente ser ganancioso e servir ao Mâmon.

Também a própria razão ensina, que é intolerável servir a dois senhores antagônicos ao mesmo tempo, embora o mundo o saiba fazer magistralmente. Em alemão se costuma dizer "carregar a árvore sobre os dois ombros" e "soprar quente e frio com a mesma boca". É como quando um nobre serve ao príncipe e dele aceita soldo, mas o engana e o delata a outro, tomando dinheiro também deste, indo atrás dos caprichos do tempo: se chove aqui, lá brilha o sol. Desse modo trai e engana a ambos. Na verdade, não estão servindo a ninguém e a própria razão haverá de dizer que tais pessoas só podem ser mesmo pérfidas e traidoras. Se tivesses um empregado, ao qual pagas salário e remuneração, que anda de olho em outro e não se importa com teus negócios; e se hoje ou amanhã as coisas fossem mal, ele passasse para o outro lado, deixando-te na mão, que dirias?

Por isso é correto dizer: Quem quer ser um empregado leal e servir com fidelidade, não pode prender-se a dois senhores, mas deve dizer o seguinte: Eu sou assalariado do patrão, a ele servirei enquanto estiver com ele, e procurarei o melhor para ele, sem me preocupar com outro. Mas se ele quiser surripiar aqui e roubar acolá, este é um caso para o carrasco, pois as galinhas que vêm comer em casa, mas põem ovos em outra parte, a gente tem que matar. Os judeus também achavam que Deus deveria considerá-los muito santos, e dar-se por satisfeito enquanto sacrificavam seus bezerros e vacas no templo, embora cultivassem sua ganância onde podiam. Pois inclusive faziam seus negócios e estabeleceram suas bancas de câmbio na frente e dentro do templo, para a maior comodidade de todos e para que ninguém se retirasse sem oferecer seu sacrifício.

É contra estes, então, que Cristo pronuncia essa máxima: que ninguém pretenda servir a Deus e ao Mâmon. É impossível manter o serviço por ele instituído se quiseres ser ávido por Mâmon; porque culto[24] a Deus é apegar-se apenas à sua palavra, com empenho exclusivo. Quem, portanto, pretende viver de acordo com sua palavra e perseverar nela, precisa renunciar sumariamente ao deus Mâmon, pois isto é certo: no momento em que um prega-

24 Veja acima p. 425, n. 111.

dor ou pastor se torna ganancioso, ele não presta mais, nem pode mais fazer boa pregação. Pois tem que ser precavido e não pode arriscar-se a censurar ninguém, aceita subornos e permite que lhe entupam a boca, para deixar as pessoas fazerem o que quiserem; não quer irritar ninguém, particularamente os graúdos e poderosos, negligenciando, portanto, seu ofício e função, que exige a censura dos maus. Da mesma forma também um prefeito, ou juiz, ou quem quer que tenha um cargo, deve cumprir sua função e cuidar que as coisas andem direito, sem ficar se preocupando em como enriquecer ou se aproveitar do cargo. Mas se ele for um servo do Mâmon, deixa-se corromper com subornos, ficando cego, não mais enxergando como vivem as pessoas, pois pensa: Se aplico uma punição a este ou aquele, farei inimigos e assim poderia perder o que tenho, etc. E mesmo tendo ele uma função valiosa, ocupando um cargo que lhe foi dado e encomendado por Deus, não pode executá-lo e desempenhá-lo; só por causa do Mâmon que tomou conta do seu coração.

É assim que as coisas andam no mundo todo; acham que o Mâmon é uma bagatela e não representa grande risco, tranqüilizando-se com a bela e doce idéia de que mesmo assim poderiam perfeitamente servir a Deus. No entanto, isso não passa de uma praga infame, por meio da qual o diabo ofusca a pessoa, a qual não mais cumpre seu ofício e cargo, ficando totalmente presa em sua ganância, preocupando-se apenas com a possibilidade de perder prestígio, presentes e propinas. Por isso Cristo emite, como disse, um juízo severo, no sentido de que não devemos nos iludir com tais idéias, fazendo pouco caso. Ele quer que saibamos o seguinte: quem deixa de cumprir sua função como deveria por amor ao Mâmon, privilégios, prestígio ou favor, não será reconhecido por Deus como seu servo, mas como seu inimigo como veremos. Mas quem quiser ser encontrado no serviço a Deus, executando adequadamente sua função, que pense bem e tome uma atitude viril, de modo a poder desprezar o mundo com seu Mâmon. Isso, porém, não procede de seu íntimo, mas é dádiva do céu em resposta à oração de que Deus, que te concedeu e encomendou tal ofício, também te apóie e conceda que o possas desempenhar, e que penses que nada mais nobre e melhor tens e podes fazer sobre a terra que o serviço que lhe deves prestar, sem te importares com eventuais prejuízos ou dificuldades que tenhas que sofrer em decorrência disso. Podes consolar-te com o fato de servires a um Senhor maior, que pode indenizar-te perfeitamente do prejuízo — o que é melhor do que perder o tesouro eterno por amor de pequena vantagem temporal que de qualquer modo não te adianta. Pois se tivesses que escolher um senhor, não preferirias servir ao Deus vivo do que ao cadáver morto e inerte?

Pois é assim que procede todo cristão que tem a palavra de Deus: ele a honra e observa, sem levar em consideração se incomoda o mundo ou deixa de tirar vantagem; ao invés, tem a seguinte postura: ali está a bolsa e a

carteira, casa e propriedade, etc., mas aqui está meu Cristo; se devo abandonar e entregar algo, então deixarei aquelas coisas todas, para ficar com o meu Cristo. Isto é o que Cristo quer dizer com o enunciado de que não se pode servir a dois senhores. Pois os dois com certeza entrarão em conflito, tendo um que ceder ao outro; por isso não adianta que te enfeites com essa idéia de manter os dois senhores. Antes deves tomar a corajosa decisão de largar um deles.

Por isso o importante aqui é a pequena palavra "servir"; ter dinheiro e posses, esposa, filhos, casas e dependências não é pecado, só que não deves deixá-los tornarem-se teus senhores. Põe-nos a teu serviço e sê tu seu senhor, como se diz quando um homem é honesto, generoso e de fino quilate: ele é senhor do seu dinheiro, e não submisso e preso como um ganancioso miserável, que prefere largar a palavra de Deus e tudo o mais, não mexe um dedo nem abre a boca para não pôr em perigo seu dinheiro. Este é um coração feminil, infantil e servil, que por amor ao mesquinho Mâmon, que ele não ousa usar nem fruir, despreza e abandona o tesouro eterno. Mesmo assim anda por aí seguro, pensando que pode voltar à palavra de Deus a qualquer hora. Enquanto isso apodera-se de tudo que pode, não deixando escapar sequer um centavo pelo amor de Deus, afundando cada vez mais na ganância e afastando-se cada vez mais da palavra de Deus a ponto de esta, afim, se lhe tornar hostil.

Pois Cristo usou palavras duras e foi seco em seu juízo, ao dizer: "Ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro". Isto quer dizer: o execrável amor ao Mâmon cria inimigos de Deus; ora, alguns dos nossos padrecos dizem abertamente: Essa certamente seria uma bela doutrina, se não fosse prejudicial. Por isso são lhe hostis, e não sem razão (como julgam), pois ela dá motivo para tal. Mas o Mâmon é um deus excelente! Não prejudica nem a cozinha nem o bolso. Por isso é nessas palavras que acontece a decisão entre amor e amizade: "Há de aborrecer-se de um e amar a outro"; pois são dois senhores incompatíveis, que não se toleram num mesmo coração, como dois donos na mesma casa; na hora do conflito, quando se tem que decidir a servir e devotar-se a um, tem que se aborrecer ou largar o outro. E assim ocorre com certeza que quem ama o dinheiro e os bens se torna inimigo de Deus. É esse o fruto precioso do culto ao Mâmon. Isso se percebe particularmente hoje em dia, quando a ganância prevalece de fora a fora, a ponto de haver uma epidemia de ganância entre a nobreza, os camponeses, burgueses, padres e leigos. Que santidade e bela virtude é esta, tirar de Deus o que há de melhor no ser humano, para dá-lo ao Mâmon? Pois este é naturalmente o serviço supremo que o coração ama e deseja e que todos os membros e o corpo inteiro almejam, como Cristo disse acima: "Onde estiver o teu tesouro, ali também estará o teu coração" [Mt 6.21]. Pois aquilo que alguém ama, isso ele com

certeza perseguirá, disso ele gostará de falar, ali estão todos os seus pensamentos e o seu coração. Por isso também S. Agostinho diz: *Deus meus amor meus*[25], aquilo que amo, é o meu deus. Por aí vês que espécie de gente é essa a quem Cristo dá o título de inimigos de Deus. Fazem uma enorme demonstração de serviço a Deus como seus mais íntimos amigos, mas no fundo não passam de autênticos santos do diabo, que odeiam e perseguem, do fundo do coração, a Deus, sua obra e palavra.

Pois o ódio à sua palavra é deveras ódio a Deus. Isto se dá da seguinte maneira: repreende-se uma pessoa por sua descrença e ganância, lembrando-lhe o Primeiro Mandamento: "não terás outros deuses", isto é, a ninguém e nem a nada prenderás teu coração, desejo e amor, senão a mim, etc.; ela, porém, não suporta ouvir tal repreensão e começa a bater o pé e se exalta até ficar totalmente amargurada no coração com ódio venenoso contra a palavra e seus pregadores. É por isso que no texto dos Dez Mandamentos também se encontra a seguinte ameaça: "Eu sou um Deus zeloso, que puno o pecado dos pais nos filhos daqueles que me odeiam", etc.; com isto ele está se referindo aos mesmos gananciosos e servidores do Mâmon, uma vez que a Escritura chama a ganância de idolatria[26]. Mesmo assim eles (como dissemos) reclamam para si os títulos de maiores santos e inimigos da idolatria e dos hereges, e de forma alguma querem levar a fama de odiarem a Deus. Mas a prova contra eles está no fato de não suportarem ouvir ou ver a palavra de Deus quando ela ataca a ganância, querem ficar simplesmente impunes, e quanto mais os recriminamos e ameaçamos, tanto mais se riem e escarnecem, e fazem o que querem contra Deus e todo mundo.

Ora, não é esta uma praga vergonhosa e pecado terrível que nos deveria assustar e levar a uma profunda aversão ao Mâmon, a nos benzermos contra ele e a fugir dele como do diabo? Pois quem não haveria de se assustar com o fato de cair sob o juízo e ouvir a sentença de ser considerado inimigo de Deus, que não só despreza a Deus, mas preferiria que ele e sua palavra nada fossem, para poder ficar à vontade e ao bel-prazer, para ofensa e desgosto de Deus? Pensa bem o que se dará com tal pessoa. Ela está tomando sobre si um homem que, no fim das contas, lhe ficará pesado demais.

Isto que estas pessoas já estão atormentadas o bastante (como diz o texto) pelo fato de serem tão miseráveis, que depositaram seu coração, seu desejo, amor e prazer totalmente no cômodo secreto, quando deveriam estar no céu e naquilo que é de Deus. Poderia uma pessoa cometer desonra maior do que retirar sua confiança de Deus, que lhe dá tudo de bom e que

25 A citação atribuída a Agostinho não é textual. Lutero pode estar parafraseando passagens como *De Trinitate*, liv. XV, cap. 17, p. ex. (Migne, *Patrologia, Series Latina*, XLII, 1080).
26 Cf. Cl 3,5; Ef. 5,5.

certamente merece nossa afeição, para se enfiar no traseiro do diabo e ter seu prazer no seu fedor e inferno? Com efeito, ela cai tão completamente na maldade infernal que não só passa a desprezar a palavra de Deus, mas que lhe fica tão mortalmente inimiga, a ponto de desejar que Deus não existisse. Essa é a gratidão que Deus recebe desses gananciosos por lhes dar diariamente o corpo e a vida, o sol e a lua e os tesouros que possuem. Eles encontrarão a recompensa e em parte já a têm: sempre terão que engolir o fedor e a imundície do diabo.

A primeira parte do texto diz respeito ao Mâmon: "Ou há de aborrecer-se de um e amar a outro". A segunda parte refere se a Deus: "ou se devotará a um (ou seja, Deus) e desprezará a outro". Aqui ele não diz simplesmente: "ele há de amar a um", mas mostra o ato e a obra do amor com a palavra "devotar-se". Pois para quem pretende amar a Deus e sua palavra, a coisa não será tão fácil. Muitas vezes irá esbarrar em dificuldades, e Satã vai lhe azedar e amargar esse amor com freqüência. Para isso importa apegar-se e prender-se à palavra de Deus e jamais deixar-se afastar dela, mesmo que nossa própria carne e o exemplo do mundo inteiro juntamente com o diabo se lhe oponham e no-la ousem tirar; é deveras preciso ânimo valente para se opor sozinho a tantos inimigos e subsistir. Sim, é preciso arder em amor muito fervoroso, tão ardente que a pessoa possa abandonar tudo, casa e propriedade, mulher e filhos, bens e prestígio, corpo e vida; que inclusive seja capaz de desprezá-los e pisá-los com os pés, para preservar apenas aquele tesouro que ele, não obstante, não vê e que é desprezado no mundo, e é apenas apresentado com a mera palavra e crido com o coração.

Com isso, porém, Cristo não quer dizer que não se deve ter ou adquirir dinheiro nem propriedade, ou que, se alguém os possui, deve jogá-los fora, conforme ensinaram e praticaram alguns idiotas dentre os filósofos e alguns santos malucos entre os cristãos. Pois ele permite perfeitamente que sejas rico, mas não quer que se prenda o amor às riquezas, conforme ensinou Davi, demonstrando-o com seu exemplo: "Se conseguirdes angariar riquezas", diz ele, "não prendais nelas vosso coração" [Sl 62.10]. Esta é a atitude que pode manter o coração livre no meio do dinheiro e das posses concedidas por Deus (coisa que o mundo não pode). E quando estão a seduzir o coração (pela atração dos lindos florins, das lustrosas taças de prata e jóias) e a arrancá-lo da palavra de Deus, ele consegue calcá-las aos pés e desprezá-las tanto quanto o mundo a eles se apega e, em contrapartida, despreza o tesouro celeste. Em suma: é preciso dominar o Mâmon, tê-lo atirado aos pés, e não sujeitar-se a ninguém nem ter a ninguém por senhor senão a palavra de Deus. Mas isso é pregado àqueles escassos que crêem em Cristo e acreditam na sua palavra; os outros são caso perdido.

Aos Pastores, Para que Preguem Contra a Usura[1] 1540

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 1538 e 1539, a região de Wittenberg foi assolada por grande carestia e inflação. Muitas pessoas, especialmente no meio urbano, passavam necessidade. Estudantes abandonavam a universidade e a cidade por não conseguirem subsistir. Lutero se viu envolto em campanhas para dar alimento aos mais atingidos. Ele exigiu energicamente a intervenção das autoridades, pois estava convencido de que se tratava de uma situação provocada por setores do campesinato e da baixa nobreza rural, que desabasteciam o mercado para provocar a alta do preço de seus produtos. Lutero chegou a acusar diretamente representantes da nobreza, nomeando Hans von Metzsch (ca. 1490-1549) e Friedrich Brand von Lindau (1485-1548) como responsáveis parciais. O último dos dois disse não ser responsável pela situação, o que, de modo algum, pareceu convencer o reformador (cf. WA Br 8,403-405). Do alto do púlpito, os supostos responsáveis eram chamados de ladrões e assassinos (cf. WA 47,724,20-728,7). Na opinião de Lutero, o príncipe-eleitor da Saxônia, João Frederico (cf. acima Introdução ao Assunto, p. 375 n. 9), deveria proibir tanto a compra como a exportação de grãos pelos nobres.

Com base nessas experiências foi escrito *Aos pastores, Para que Preguem Contra a Usura*, ao que tudo indica por volta de abril de 1539, tendo sua impressão concluída entre dezembro do mesmo ano e começo de janeiro de 1540 por José Klug, em Wittenberg.

Os conteúdos de *Aos Pastores, Para que Preguem Contra a Usura* podem ser distribuídos na seguinte estrutura:

1 Introdução: irrupção de usura e compromisso pastoral: pp. 447-448,9

2 Respostas a argumentos favoráveis à usura: pp. 448,10-453,40

3 Usura no direito civil e no "direito" de Cristo: pp. 454,1-492,35
3.1 Direito civil: pp. 454,1-469,37
3.1.1 "Interesse" e prejuízo financeiro: pp. 454,1-458,19
3.1.2 Tarefas da autoridade e do ofício da pregação: pp. 458,20-467,2
3.1.3 Usura emergencial: pp. 467,35-469,37

1 *An die Pfarherrn, wider den Wucher zu predigen.* WA 51,331-424. Tradução: *Walter Altmann e Ilson Kayser.*

3.2 "Direito" de Cristo: pp. 469,38-492,35
3.2.1 Postura adequada em relação aos bens: pp. 469,38-471,12
3.2.2 Interpretação do Sermão do Monte: pp. 471,13-492,35
3.2.2.1 Dar: pp. 472,32-478,3
3.2.2.2 Emprestar: pp. 478,4-482,14
3.2.2.3 Sofrer: pp. 482,15-488,38
3.2.3 Incompatibilidade da ganância e da usura com o "direito" de Cristo: pp. 488,39-491,21
3.2.4 Alternativa da usura "divina": pp. 491,22-492,35

4 Uso adequado da disciplina eclesiástica: pp. 492,36-493,25

5 Ressalva e recomendação final: p. 493,26-36

0

Escrevi contra a usura já faz quinze anos[2]. Ela irrompera de forma tão violenta que eu não podia ter esperança de melhora alguma. Desde então ela se sofisticou a tal ponto que já não pretende mais ser vício, pecado ou vergonha; ao contrário, já se deixa exaltar como pura virtude e honra, como se prestasse grande amor e serviço cristão para outras pessoas. Que benefício pode haver quando a vergonha é tomada por honra e o vício por virtude[3]? Sêneca afirma a partir do ponto de vista da razão natural: "Não há remédio onde aquelas coisas que eram consideradas vícios se tornam costumes"[4]. A Alemanha já não é mais aquilo que deveria ser; a abjeta ganância[5] e usura a aniquilaram.

No entanto, peço em nome de Deus a todos os pregadores e párocos que não queiram calar-se nem deixar de pregar contra a usura, admoestar e alertar o povo. Ainda que não possamos combater a usura — pois isso já se tornou impossível, não apenas para nossa pregação, mas até mesmo para o poder secular —, através de nossa admoestação, todavia, podemos pelo menos arrancar algumas pessoas de semelhante Sodoma e Gomorra[6]. Embora, como Ló, também nós tenhamos que abandonar à própria perdição uma porção de bons amigos, devido à sua má vontade, não pretendemos nós, de nossa parte, permanecer lá. Tampouco pretendemos participar de seu pecado e de sua

2 Vide o texto anterior.
3 A tradição filosófico-teológica opunha os vícios, ou pecados capitais, mortais, às virtudes, o que foi detalhadamente sistematizado pelo pensamento medieval. Veja também acima p. 414, n. 92.
4 *Deest remedii locus, ubique vitia fuerunt, mores fiunt.*
5 Veja acima p. 377, n. 11.
6 Cf. Gn 19,14.

punição, por nosso silêncio, mas, ao contrário — tanto quanto nos é possível —, erguer nossa voz, proclamando de alto e bom som que a usura não é virtude, mas grande pecado e vergonha. Por conseguinte, cada qual se deixe levar ao longo do ano, por sua consciência e seu ofício, diante dos quais está comprometido, a admoestar seus paroquianos, ensinando-os também a precaverem-se contra a usura e a ganância, a fim de que se arranque da pilantra a máscara com que se enfeitou, como se fosse justa e piedosa. Para ser breve e assinalar apenas o mais necessário e importante, deve-se dizer ao povo, com clareza e nitidez, o seguinte:

Em primeiro lugar, acerca de conceder e tomar empréstimos: Quando se empresta dinheiro, exigindo como pagamento uma importância maior ou um bem de maior valor, isso é usura — condenada em todos os códigos de direito. Por isso, todas aquelas pessoas que cobram cinco, seis ou mais por cento do dinheiro emprestado, são usurários. Que se ajeitem com esse papel. São chamadas de servidoras idólatras da ganância e de Mâmon[7], e não podem ser bem-aventuradas, a não ser que façam penitência. Também em relação a cereal[8], cevada e a outros artigos emprestados, deve-se dizer que se trata de usura, um bem roubado e extorquido, quando se exige a devolução de uma quantidade maior ou de um bem de maior valor.

Pois emprestar significa dar a alguém meu dinheiro, bem ou equipamento, a fim de que o utilize enquanto necessitar ou enquanto eu puder e estiver disposto a cedê-lo, ficando a outra pessoa comprometida a devolver na ocasião aprazada importância ou bem igual àquele que eu lhe emprestei. Assim como um vizinho empresta a outro panelas, canecas, camas, roupas, assim também dinheiro ou valor monetário: não devo cobrar nada por isso. Não estamos aqui falando acerca de doação ou presente, também não de compra ou venda, tampouco de recompra de juros[9], mas daquele tipo de empréstimo, pelo qual hoje em dia a usura faz quase todos os seus negócios — especialmente através do empréstimo de dinheiro. Por isso devemos enfatizar esse ponto com afinco junto ao povo. Para tanto, não há necessidade de nenhuma inteligência particularmente grande ou elevada, mas trata-se de uma afirmação elementar e simples, logo também facilmente compreensível. É ela: se alguém empresta e cobra, em devolução, uma importância

7 Cf. acima p. 432, n. 10.

8 Com "cereal" traduz-se *Korn*, que, por sua vez, se referia àquele tipo de grão mais cultivado em determinada região. É bastante provável que Lutero se refira aqui a centeio. Cf. tb. acima p. 414, n. 91.

9 "Recompra de juros" traduz *widderkeuflichem Zinse*. Ao que tudo indica, Lutero faz referência a uma modalidade de empréstimo, cujo contrato especifica detalhadamente os bens que o devedor apresenta como garantia — veja, p. ex., pp. 422,21-424,2 — e se extingue no momento em que o principal da dívida foi pago.

maior ou — o que dá no mesmo — um bem de maior valor, isso é usura. Pois emprestar não significa cobrar, em devolução, mais do que aquilo que foi emprestado. Assim o ensinam os profetas, o próprio Cristo[10] e também os códigos seculares de direito.

Mas haverá os que recorrem a sutilezas, no sentido de que poderia haver casos — dos quais falaremos mais abaixo — em que se deveria cobrar, em devolução, uma importância maior ou um bem de maior valor do que aquilo que se emprestou; estes devem ser ouvidos em separado, fora da pregação ou remetidos aos juristas. Estes têm a incumbência, com base em seu juramento e ofício, de julgar ou instruir as pessoas a respeito desses assuntos. Contudo, a pregação deve prosseguir, insistindo que se trata de usura quando alguém empresta — seja o que for — e recebe, em devolução, uma importância maior ou um bem de maior valor[11]. De maneira nenhuma, deixe essa afirmação desaparecer do púlpito nem se sinta obrigado a destituí-la, pois é a afirmação correta — e também uma afirmação que corresponde a todos os códigos de direito! Havendo um caso que necessite de um esclarecimento mais pormenorizado, procure-se esse junto ao pastor em casa ou junto a um jurista. Pois se a gente pretendesse explicar do púlpito tudo quanto já antigamente se pesquisou e escreveu acerca da usura e de suas sutilezas — e ainda se pesquisa e escreve —, então o dia do juízo final provavelmente chegaria antes de que se começasse a pregar a respeito da usura.

Em segundo lugar, alguém há de gritar: "Se fosse assim, então o mundo inteiro estaria condenado pela usura, pois empréstimos desse tipo são agora costumeiros em todos as categorias sociais!" No entanto, não se deixe enganar por tais gritos nem se deixe levar a discussões acerca da afirmação acima mencionada, mas persevere tranqüilamente em sua pregação e mande tais gritalhões falar comigo ou com alguém equivalente a mim; ou ainda deixe-os procurar um jurista correto, a fim de que apresentem a este a sua queixa! A você compete não se desviar da afirmação básica! Tampouco é seu ofício tratar no púlpito das ressalvas de todas as pessoas! Se não lhes agrada buscar esclarecimento onde convém, diga-lhes que você não inventou nem escreveu essa afirmação, não cabendo a você, portanto, tampouco interpretá-la ou distorcê-la. Que cada qual busque conselho junto à própria consciência ou — como dito — um melhor esclarecimento junto aos doutos.

Quando alguém procura argumentar com o hábito do mundo contra o direito ou a palavra divina, isso não passa de uma desculpa muito podre e facilmente refutável por qualquer sacristão de aldeia. Em que mais consiste

10 Cf. Lc 6.34s.

11 Sobre as tentativas de redefinir o conceito de usura no séc. XV e XVI, veja acima a Introdução Geral aos textos econômicos.

o mundo, senão em praticar a injustiça, a ganância, a usura, entregando-se a toda sorte de vícios e maldades? Logo, não se trata de um clamor comum, quando alguém alega que o mundo é mau e cheio de infidelidade, sem observar virtude ou honra e sem conhecer pudor ou disciplina? Por isso, não compete a você proferir evasivas, alegando que todo mundo age dessa forma. Pois, quanto a isso, não é necessário ser doutor de alta erudição, mas qualquer menino pastor de ovelhas pode responder com propriedade: "De fato, o mundo assim age, mas não deveria agir assim". Portanto, poupe-nos dessa desculpa, segundo a qual todo o mundo está condenado. Não se trata de nenhuma novidade nem raridade que o mundo esteja desesperado, amaldiçoado e condenado. Sempre o foi e eternamente assim permanecerá. Se você seguir o preceito dessa desculpa, também você permanecerá nas profundezas do inferno. Por essa razão, reza o ditado: "Faça-se justiça e pereça o mundo"[12]. Não se deve observar o que a multidão ou o mundo fazem, mas o que é justo e o que a multidão deveria fazer.

Em terceiro lugar, alguém poderia alegar: "Se fosse assim, quem ainda quereria emprestar alguma coisa e ajudar outras pessoas? Nesse caso, prefiro, como os demais, ficar com meu dinheiro, cereal e bem, não emprestando nada a ninguém". A isso respondo: de fato, o direito secular não obriga você a emprestar, dar ou vender algo a alguém. Não pune você, se deixar de fazê-lo. A não ser que, em tempo de carestia ou outra calamidade, a autoridade constituída se veja compelida a obrigar camponeses, burgueses e nobres a venderem seus cereais, na medida em que os tenham, não lhes permitindo provocar arbitrariamente um encarecimento injustificado. Pois isso seria como se os roubassem ou assaltassem no mercado, nas casas ou nas bolsas alheias. Estariam, então, fazendo da compra uma usura. Contudo, isso já é assunto demasiado para uma vez só. Temos que tratar, portanto, primeiramente, deste um assunto: o da usura no empréstimo. Quando tivermos dominado esse tema — por certo, somente após o juízo final —, então trataremos de ler também a cartilha à usura nas compras e vendas. Depois também queremos detalhar um pouco o que Cristo responde exatamente a isso. Por enquanto, porém, não se deixe iludir por tal argumentação, mas apegue-se à afirmação básica, dizendo o que se encontra escrito: Quem empresta e cobra algo por isso, esse é usurário! Não se desvie dessa afirmação básica, ainda que apresentem cem mil objeções em contrário!

Ademais, essa objeção é tão podre quanto aquela outra mencionada anteriormente. Por isso, não é necessária nenhuma resposta diferente daquela que demos antes, quanto ao hábito do mundo. Caro amigo, que significa quando você diz: "Quem há de ainda emprestar, se for assim como você

12 *Fiat iustitia et pereat mundus.*

exige"? Não é sabido que o mundo não faz nada de bom, que Deus — como consta no Salmo 14.2s. — observa do céu a todos os filhos dos homens, sem encontrar a um único que faça o bem? Que há, portanto de novo ou de estranho, se você fala: "Quem há de querer emprestar de graça algo a outra pessoa?" Afinal, emprestar de graça é uma boa obra. Por isso mesmo ninguém dentre os filhos dos homens o faz; ao contrário, os filhos dos homens o fazem assim: mentem, trapaceiam, furtam, tomam e roubam. Onde a espada[13] não o reprimir ou não puder reprimir, os filhos dos homens o fazem de acordo com sua espécie. A espada não os obriga a fazer o bem. Tão-somente os impede, tanto quanto possa, de fazer o mal.

Em quarto lugar fala, portanto, o cavaleiro Usura: "Estimados, assim como é nossa época, já presto um grande serviço a meu próximo, quando lhe empresto a cinco, seis ou dez por cento. Grata, essa pessoa reconhece meu emprestar como uma ação particularmente boa e até me pede que eu a faça. Ela me oferece voluntariamente e sem coação dar-me cinco, seis ou dez florins para cada cem. Não me deveria ser permitido aceitar essa proposta de boa consciência e sem constituir-se em usura? Quem haveria de considerar um presente como usura?"

Quanto a isso, afirmo: Deixe que se vanglorie, enfeite e pavoneie quem quiser! Não se afaste nem um pouco dessa posição, mas permaneça firme com a afirmação básica: ao emprestar, não se deve receber, na devolução, algo a mais ou melhor! Se, porém, alguém receber algo a mais ou melhor, então tratar-se-á de usura e não significará nenhum serviço, mas sim dano contra o próximo, assim como ocorre através do furto e do roubo.

Nem tudo que se designa de serviço ao próximo e boa ação em verdade o é. Também uma adúltera e um adúltero prestam mutuamente um grande serviço e favor. Um cavaleiro presta um grande serviço a um assassino, se o ajuda a assaltar nas estradas, aterrorizando terra e gente. Os papistas prestam aos nossos adeptos um grande serviço, quando não afogam, enforcam, queimam, assassinam a todos ou quando não os deixam apodrecer na prisão, mas, ao menos, deixam sobreviver alguns deles, a fim de "apenas" afugentá-los ou "apenas" lhes tomar seus bens. O próprio diabo presta a seus serviçais um grande e imensurável serviço, proporcionando-lhes muita ajuda e conselho, ao fazer deles senhores grandes e poderosos. Em suma: o mundo está repleto de serviços e favores grandes, apropriados e diários. Freqüentemente até mesmo os próprios piedosos ainda têm que estar contentes e experimentá-lo como um favor, quando recebem alguma parcela do

13 Lutero usa aqui o termo "espada" (*Schwert*) figurativamente para designar o governo secular em sua função judiciária. Além de diversos outros escritos, em 1523, em "Da Autoridade Secular e até que Ponto se lhe Deve Obediência", in: *Obras Selecionadas*, v. 6, Lutero emprega "espada" da mesma forma.

mal. Os poetas narram a respeito de um ciclope de nome Polifemo, o qual prometeu a Ulisses demonstrar-lhe a amabilidade de devorar primeiramente seus companheiros e a ele, porém, em último lugar[14]. Sim, também isso foi um serviço e um belo favor!

Atualmente nobres e plebeus, camponeses e burgueses esmeram-se em proporcionar serviços e favores dessa espécie. Compram artigos, retêm-nos, provocam carestia, elevam os preços do cereal, da cevada e de tudo quanto se necessita[15]. Aí limpam a fuça[16] e dizem: "Sim, aquilo que se precisa ter, se precisa ter; eu o cedo como serviço às pessoas, embora eu também pudesse e gostasse de ficar com esses artigos". Assim, refinadamente ludibriam e fazem troça de Deus. Como poderia então o pobre e misericordioso Deus divisar aí alguma outra coisa, a não ser puramente serviços, boas obras e favores? Ele não ousa demonstrar que as coisas fedem à volta deles. Tão santas as pessoas se tornaram, ainda antes que ele se desse conta. Portanto, agora já ninguém pode ser usurário, ganancioso ou mau; ao contrário, só há ainda santos no mundo, um serve ao outro e ninguém causa dano algum ao seu próximo.

A respeito disso, pregador, você deve falar e não calar, mas mostrar ao povo com clareza e nitidez, que não pode se constituir em serviço ou favor o que é feito contra a palavra de Deus e contra o direito. Pois diz: "Servirás a Deus somente!"[17] Tudo quanto não serve à sua palavra ou ao direito, pode se vangloriar de ser serviço e benemerência, mas em verdade é serviço e benemerência prestados a um deus estranho, ao diabo. Por isso: quem empresta e cobra uma importância maior ou um bem de maior valor, esse peca contra Deus como um usurário. Caso estiver prestando um serviço com essa ação, o estará prestando ao abjeto diabo — ainda que muitas pessoas pobres e necessitadas precisassem de um serviço dessa espécie, tendo que aceitá-lo portanto também como serviço ou favor, se não quiserem ser totalmente devoradas. Da mesma forma, aquela pessoa que pela grande necessidade se vê forçada a oferecer ou dar cinco ou mais por cem, também deverá permitir ainda que, por certo, a contragosto — que se apresente isso como um serviço prestado a ela. Mas você, você que o cobra, nem por isso está desculpado. Você é ainda muito mais malvado, se o encara como um direito seu e apresenta sua cobrança como serviço e favor. Pois não o cobra como

14 Homero, *Odisséia* 1,368-370.

15 O índice geral de preços no ano de 1538 em Wittenberg se havia duplicado em relação a 1520, ao passo que os salários tinham permanecido praticamente inalterados. Muitos foram assim levados a uma situação de indigência. A isso se refere Lutero quando fala em carestia provocada.

16 No original *wischen [...] das Maul*, que significa "representar inocência".

17 Cf. Mt 6,24.

um presente voluntário, isso você sabe, com certeza. Tampouco sua consciência poderá negá-lo. Você o cobra como um lucro pretensamente legítimo de seus cem florins[18].

Afinal, um presente não é propriamente um lucro, mas algo oferecido e recebido de graça e voluntariamente. Como você bem sabe, porém, isso não ocorre nessa espécie de negócio. Você pode embelezá-lo: pode mentir, intitulando-o um presente, mas em verdade trata-se de lucro e usura, que pelo carente lhe é dado de sua necessidade. Este, por vezes, ainda é obrigado a concordar que você o caracterize como um presente, embora em outras circunstâncias ele não consideraria você, ganancioso, digno de ser presenteado sequer com um punhado de aveia, quanto mais com cinco ou dez florins. A partir de si mesmo, certamente nunca diria que você lhe prestou um serviço. Mas ele presta a você esse serviço, e deve fazê-lo, porque de outra forma não pode receber nenhum dinheiro. Afinal, não é próprio do mundo dar de si, mesmo que tenha em abundância. Também não é de seu feitio presentear algo aos amigos pobres ou àqueles que padecem necessidades prementes. Quanto menos alguém haveria de presentear algo precisamente a você que é um perverso, um estranho e, à base de sua ganância e usura, uma maldição, uma atrocidade e uma afronta? Contudo, estou me afastando por demais da afirmação básica. Disputas desse tipo não cabem num sermão. No entanto, você, pregador, inculque tranqüilamente a afirmação quando no púlpito, a saber, que emprestar e cobrar algo mais em troca é usura. Após isso, receba-os com firmeza em sua casa — caso lá quiserem insistir com a opinião deles — ou remeta-os aos juristas, a fim de que tragam destes uma explicação melhor quanto a essa afirmação básica.

No entanto, a fim de que você não fique totalmente despreparado e eles o tomem por uma bolha vazia, você poderá, se quiser, tomar conhecimento do meu relato a seguir, acerca desse negócio. Embora me pareça mais aconselhável, para sua tranqüilidade e paz, remetê-los aos juristas. O ofício destes consiste, como foi dito acima, em julgar e esclarecer em tais questões mortais, transitórias e miseráveis do mundo, especialmente, quando alguém pretende ser esperto e fazer elucubrações contra a afirmação básica. Contudo, que você permaneça firme e inabalável com essa afirmação básica, a saber: que emprestar e cobrar algo excedente é usura! Todos os códigos de direito e todos os juristas terão que confirmar essa afirmação; não apenas pelo Evangelho — que não lhes compete interpretar —, mas também por seus próprios livros. Por isso, é impossível que você se equivoque quanto a esse enunciado. A explicação jurídica pode ser boa ou má, como quer que seja, você pregou corretamente contra a usura, a saber: emprestar não significa cobrar algo excedente — ou será usura, e não empréstimo.

18 Cf. acima p. 382, n. 21.

Aqui está, pois, meu ensino adicional, para o caso de lhe ser por demais difícil encontrar tranqüilidade e paz, ou no caso de você mesmo desejar entender melhor o assunto: Pode ocorrer e certamente já ocorreu muitas vezes, que eu, João, empreste a você, Pedro, cem florins, com a condição de recebê-los de volta no dia de São Miguel[19], para a satisfação de minhas próprias necessidades; se você ultrapassar o prazo, terei prejuízo. O dia de São Miguel chega, e você não me devolve os cem florins. Aí o juiz me agarra pela gola e me lança na torre ou na prisão, ou alguma outra desgraça semelhante ou equivalente me sobrevém até que eu pague [minha própria dívida]. Aí, pois, fico eu sentado ou atolado, deixo de obter minha própria alimentação ou melhoria. Logo, sofro grande prejuízo, e você é o causador disso por ser relapso, recompensando-me com o mal a minha boa ação. Que devo fazer então? Meu prejuízo cresce, enquanto você permanece relapso e dorme. Diariamente ocorrem novas despesas e danos, enquanto você continua relapso e dorme. Quem, pois, deve ser responsável pelo prejuízo, devendo ser punido? Pois o ônus do prejuízo que paira dia e noite como ameaça sobre mim será um hóspede indesejável em minha casa até que, por fim, eu sucumba por completo.

Pois, falemos secular e juridicamente dessa questão — poupemos a teologia para mais tarde! Nesse caso, você, Pedro, me deve posteriormente, além dos cem florins, tudo quanto meu prejuízo permanente acarretou em despesas. Afinal, foi sua culpa que me deixou assim empenhado. É como se o tivesse tirado de mim criminosamente. Por isso, também é apropriado e corresponde igualmente à razão e ao direito natural que você me ressarça de tudo — tanto o principal quanto o dano. Afinal, não lhe emprestei os cem florins, a fim de me arruinar ou a fim de que você me arruinasse, mas, ao contrário, pretendi ajudar-lhe sem dano próprio. Tudo isso é tão claro e nítido que, mesmo que todos os livros de direitos e dos juristas fossem perdidos, a razão mesmo assim o deveria reconhecer — por mais fraca que fosse[20].

Uma tal precaução quanto ao possível dano se chama "interesse" pelos livros latinos de direito. Um empréstimo dessa ordem evidentemente não é usura, mas um serviço correto, louvável e honesto, uma boa obra prestada ao próximo. Se, além disso, a pessoa for cristã, tratar-se-á de uma obra cristã, que Deus recompensará não apenas aqui temporalmente sobre a terra — como ele o faz em relação às boas obras do mundo —, mas também no mundo vindouro. Assim diz Davi no Salmo 112.6: "O justo permanecerá em

19 Dia 29 de setembro. O arcanjo Miguel é citado diversas vezes em textos bíblicos de cunho apocalíptico. Venerado desde o séc. IV na Europa, é patrono, dentre diversas classes e instituições, da Igreja Católica Romana, do povo alemão, dos soldados, moribundos, cemitérios e ameaçados por raios ou trovões.

20 Quanto ao uso da razão e do direito natural em questões econômicas, veja acima p. 379, n. 18.

memória eterna". Deus jamais esquecerá uma boa obra cristã. Ele retribui as boas obras do mundo aqui na terra, esquecendo-as depois. Por isso o direito e o governo do mundo nada podem, além de ensinar e preservar tais boas obras terrenas e transitórias.

A essa precaução quanto ao dano ainda pode juntar-se outra. É o seguinte: Você, Pedro, não me devolve os cem florins no dia de São Miguel. Na mesma ocasião se me apresenta uma oportunidade de compra particularmente favorável, por exemplo um pomar ou um campo, uma casa ou alguma outra coisa, uma compra pela qual eu teria grande benefício e melhor sustento para mim e meus filhos. Nesse caso terei que renunciar à compra. Assim, você me causa o prejuízo e impede o negócio por ser relapso e omisso, ao me impedir de efetivar uma tal compra favorável. Pois, se eu não tivesse lhe emprestado meus cem florins, guardando-os em casa, então poderia agora com uma metade pagar o juiz e com a outra comprar o pomar. No entanto, já que os emprestei, você me causa um dano duplo, de modo que aqui não posso pagar e lá não posso comprar, tendo que sofrer dano de ambos os lados. Em latim isso é designado de "interesse duplo, dano emergente e lucro cessante"[21] — foram as melhores expressões que encontraram.

Deve-se deixar os juristas decidir se os mesmos cem florins perdidos ocasionaram apenas um dano ou simultaneamente ambos. Pois, se o próprio João está endividado em cem florins, só ocorre um dano, pois ninguém pode ao mesmo tempo com os mesmos cem florins, de um lado, pagar sua própria dívida e, de outro lado, ainda comprar o pomar com os mesmo cem florins. Contudo, se João só deve cinqüenta florins, ambos os danos podem ocorrer. Também se deve observar se o pomar de fato estava disponível e podia ser considerado vendável ou não, quando João tinha emprestado os cem florins, pois o que não está disponível ninguém pode comprar, nem mesmo se dispuser de dinheiro sonante. Igualmente se deve observar que João também poderia perder os cem florins por causa de roubo, assalto, incêndio ou algo semelhante, de modo que por essa razão não teria podido pagar ou comprar. Afinal, dinheiro é um bem inseguro e inconstante, sobre o qual não se pode fundamentar um agir seguro! Circunstâncias e acontecimentos tais ou semelhantes devem, portanto, ser observados e cogitados pelos juristas, a fim de que, no fim das contas, o prejuízo e o interesse não se transformem em aproveitador ou usurário. Nisso, por certo, pessoas sábias também podem errar, pois afinal de contas como fazer tudo tão limpamente no direito impuro, do qual o mundo tem necessidade em sua vida miserável? É o bastante que seja um direito rude, simples e singelo. Não pode ser sutil e afiado, pois nesse caso ficará com tantas falhas que já nem será capaz de

21 *Duplex interesse, damni emergentis et lucri cessantis* no original.

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

cortar sequer manteiga, embora devesse partir ao meio blocos e troncos. Trata-se de algo diferente do que Cristo e seu Evangelho[22].

No entanto, você, pregador, já tem aqui o suficiente à disposição para reconhecer o que é usura. A saber: se Pedro não devolveu os cem florins no dia de São Miguel e entrementes João se vê obrigado a pagar [seus próprios compromissos] — logo, sofrendo prejuízo —, nesse caso Pedro deve ressarci-lo do prejuízo, de acordo com o direito secular. Se além disso, ainda impediu que João pudesse adquirir o pomar, então Pedro deverá pagar uma importância adicional — caso João queira acioná-lo com rigor. A melhor solução, porém, é se ambos negociam a questão como bons amigos, chegando a um acordo, pois é difícil e perigoso avaliar e estabelecer com exatidão o prejuízo, ainda mais se considerarmos que a compra afinal nunca se efetuou anteriormente, de modo que ainda não se havia estabelecido a que preço o pomar teria sido comprado nem se porventura se possa igualmente encontrar à venda outro pomar, de igual qualidade. No outro caso de prejuízo que João teve [no pagamento atrasado], a quantia poderá ser calculada com facilidade. Todavia, o Evangelho, como ainda se mostrará, julgaria a questão de modo muito mais simples.

No entanto, meu pároco, observe e registre que hoje em dia não ocorre no mundo dos negócios um empréstimo desse tipo, em que surja um verdadeiro prejuízo ou um legítimo interesse. Geralmente, ocorre apenas a simples usura. Pois, logo que ouviram ter João sofrido prejuízo com seus cem florins emprestados e que legitimamente exige ressarcimento de seu prejuízo, interessam-se de supetão pelo caso, sugerindo de imediato uma compensação de dois [florins] para cada um dos cem florins, ou seja, um para o pagamento do prejuízo direto ocasionado e um para a perda da compra do pomar. Fazem de conta como se os cem florins tivessem se multiplicado naturalmente por dois[23]. Onde portanto havia um direito a cem florins, calculam de antemão a soma dobrada como prejuízo. Reivindicam, portanto, a compensação por danos que em verdade não sofreram. Pois se você possui cem florins, isso ainda não significa de modo algum que você tenha que pagar [de fato alguma dívida] no dia de São Miguel. Muito menos haverá um pomar à venda simplesmente por essa mesma razão. Contudo, você simplesmente adiciona ambos os danos [simulados] aos seus cem florins seguros e certos. Você toma ao ano cinco, seis, dez florins, como se você fosse o João, que teria sofrido prejuízo por falta de pagamento e impedimento de compra, ocasionados por Pedro. Não, ouça bem, você não é o mesmo João, pois aí,

22 Sobre a relação entre direito e Evangelho, cf. acima p. 379, n. 18.

23 Por trás dessa afirmação está a convicção de Lutero da esterilidade do dinheiro. Veja acima p. 420, n. 104.

não há nenhum Pedro que fizesse de você algum João. Você inventa para si mesmo que você seria um tal João — sem qualquer Pedro. Por isso você é um usurário! Você até mesmo se deixa compensar com o dinheiro de seu próximo por seu dano simulado, embora de fato ninguém lhe tenha de fato causado esse dano, não podendo você comprová-lo nem calculá-lo. Um dano desse tipo é designado pelos juristas como "interesse não verdadeiro mas inventado" — um dano que se imagina para si mesmo.

Sim, você alega: "É possível e de fato poderia por certo também acontecer que em alguma ocasião meus cem florins viessem a sofrer realmente um tal dano duplo." Nesse ponto, você tem razão; abordemos, portanto, essa questão sobre essa base! Nesse caso por certo eu também lhe poderia dar os cinco ou seis florins. Que a questão fique provisoriamente por isso mesmo, permanecendo inalterados esses florins. Enquanto seus cem florins não sofrerem [de fato] esse dano duplo, não lhe darei nada por isso. Nesse caso estaremos concordes na questão e tratar-se-á de um legítimo empréstimo. É ilegítimo afirmar que poderiam ocorrer danos, de modo que [talvez] você não possa pagar nem comprar. Em vez disso, será preciso poder afirmar que danos de fato ocorreram, de modo que não pude pagar nem comprar. De outro modo, o procedimento é designado de "fazer do possível um fato, do casual algo necessário", fazer de algo que não é aquilo que se pretende seja; fazer daquilo que é incerto um objeto totalmente certo. Uma usura desse tipo não haverá de devorar o mundo em poucos anos?

Em suma: já está suficientemente esclarecido que emprestar significa não tomar nada acima da importância emprestada e que deve ser feito como serviço ou em benefício de quem está necessitado. Mantenha firmemente essa afirmação básica! Também é facilmente compreensível que o pagamento [de compensação] por dano não excede a importância emprestada. Não significa nem dar nem tomar uma quantia maior, pois trata-se de uma infelicidade casual, que tenha ocorrido com o emprestador, contra sua vontade, e da qual tem que se recuperar. No entanto, no mundo dos negócios ocorre o inverso, precisamente o contrário. Aí se procuram e se inventam danos que vão às custas do próximo necessitado, pretende-se cevar-se e tornar-se rico, regalar-se preguiçosa e dolentemente, ou seja, pavonear-se com o trabalho, a preocupação, o risco e o dano de outras pessoas. Assim fico sentado atrás da estufa[24] e deixo que meus cem florins se empenhem por mim no campo, mantendo-os porém seguros na bolsa, já que é dinheiro emprestado que me está garantido sem nenhum risco ou preocupação. Caro amigo, quem não gostaria de algo assim?

O que aqui dissemos acerca de dinheiro emprestado, isso deve valer

24 Isso é, permaneço inativo.

Economia

também para cereal, vinho e artigos semelhantes, já que também aí pode ocorrer um tal dano de dupla espécie. Tais danos, porém não terão se agregado naturalmente ao artigo, mas, ao contrário, podem lhe acontecer casualmente. Portanto, não deverão ser contabilizados como danos antes de ocorrerem e serem comprovados. Onde eles são exigidos e tomados sem essas condições, deve-se saber que isso é usura e contrário ao direito. Quando e onde tais danos ocorrerem, no entanto, deve-se procurar o conselho dos juristas, já que a avaliação das inumeráveis circunstâncias é uma história complicada e sem fim, ou então — o que é o mais seguro e o melhor - deixar que a questão seja tratada e arbitrada por juízes ou bons amigos. Desse modo a questão é rapidamente resolvida, com justiça e em paz. Pois será impossível inventar um código de direito que seja tão sutil e certo que possa abranger todos os acontecimentos e circunstâncias de uma tal questão, como já Aristóteles ensina na Ética, cap. 5 sobre a eqüidade[25]. Caso, porém, for inventado, então trata-se, na palavra do mais sábio romano, Cipião, da maior injustiça: *summum ius, summa iniura* — quanto mais estreito o direito, tanto mais larga a injustiça![26] Ou: afiado demais, logo, logo, fica rombudo! Por isso é preciso ceder de ambos os lados e deixar que a eqüidade seja a mestra de todo direito.

Tudo isso é linguajar jurídico; e os juristas deveriam ensiná-lo! Mas já que não são pregadores, essas coisas permanecem ocultas e enterradas em seus livros, sem chegar até as pessoas. Por isso cabe a nós pregadores falar acerca disso e admoestar, se não queremos ser antinomistas[27] nem ir ao diabo com o mundo através de pecados alheios — embora nem por isso os juristas sejam assim desculpados. Igualmente, os juristas que ensinam nas escolas, deveriam inculcar diligentemente essa questão na juventude! E aquelas pessoas que atuam nos tribunais, deveriam esclarecer as partes, com seriedade quanto a esse assunto! Aí certamente as pessoas estariam um pouco mais informadas. Contudo, muito mais ainda deveriam assumir essa tarefa aqueles juristas que são chanceleres e conselheiros no paço, pois então o assunto alcançaria a todos, vindo de cima até as camadas inferiores. Mas se os que estão lá em cima se calam ou guardam as coisas para si, nós pobres pregadores aqui embaixo só conseguiremos pouco resultado com nossa gritaria. Quando convertermos a uma pessoa, eles perverterão a muitos milhares. Por isso [o combate contra] a usura com todos os seus pecados deve ser tarefa também dos juristas, ao lado de nossa pregação. Pois se as pessoas encarregadas de erigir o dique, não ajudarem a rechaçar a usura, então nossa

25 *Ética Nicom.*, e 14. Cf. acima p. 376, n. 10.
26 Literalmente: "Máxima lei, máxima injustiça".
27 Cf. *Obras Selecionadas*, v. 4: Lutero e os Antinomistas, pp. 376ss.

cerca tampouco poderá deter a inundação. Cada qual procure guardar sua consciência na medida de sua posição e ofício! Nós pregadores podemos dar conselhos com rapidez e facilidade, já que ninguém ou apenas poucos nos seguem.

Eles dizem que o mundo não pode subsistir sem usura. Certamente, isso é verdade. Pois nenhum governo no mundo será tão rígido e rigoroso, e jamais houve um que tivesse conseguido rechaçar todos os pecados. E ainda que um governo pudesse rechaçar todos os pecados, permaneceria, não obstante, o pecado original[28], a fonte de todos os pecados, juntamente com o diabo — acerca do que os juristas não precisam saber nada —, que sempre de novo deve ser combatido tanto quanto possível. Por isso não pode haver o mundo sem usura, sem ganância, sem vaidade, sem prostituição, sem adultério, sem assassinato, sem roubo, sem blasfêmia e sem pecados de outras espécies. Aí também não seria mundo, ou então deveria ser mundo sem mundo, diabo sem diabo. Se isso os absolve, eles o verão em seguida. O Senhor fala em Mateus 18.7: "É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo". Portanto, tem que haver usura, mas ai dos usurários!

Direito secular é um direito débil, pequeno e impuro, que mal e mal consegue preservar a paz temporal e a vida da barriga, para multiplicar e nutrir o gênero humano por causa dos santos, em favor daquela vida eterna. Por isso não pode rechaçar todos os pecados, mas apenas tanto quanto possível. Um pastor tampouco pode proteger todas as ovelhas diante do lobo, da peste e de outras epidemias. Contudo, tem a obrigação de rechaçar onde pode, não deixando que lobo e epidemias tenham campo livre. Exatamente assim tampouco o governo secular pode deixar campo livre para o pecar, mas combatê-lo da forma mais rigorosa. Mesmo contra sua vontade ainda ocorrerá suficiente pecado. Ele permanecerá, como aí está dito: O mundo não pode ser sem usura, sem assassinato e sem adultério. Não é possível impedi-lo; ainda antes de se percebê-lo, já ocorreu. Ademais, se fosse possível rechaçar e preveni-lo de antemão, não seriam necessários direito nem juristas ou príncipes. Já que não se pode evitá-lo, mas pelo menos se deve reprimi-lo, isso é, o mal acontecido deve ser punido e o futuro, tanto quanto possível inibido.

A mesma coisa acontece com a usura: não é possível acabar plenamente com a usura. Quando, porém, ela ocorre e tem grande incidência, alastrando-se incontroladamente, a ponto de, por fim, o mal ainda pretender ser tomado por virtude, então se pode e deve controlar e rechaçá-lo. Também ocorrem assassinatos e adultérios, por mais que se queira proibi-los. Contudo, quando

28 Sobre a noção de Lutero de pecado original relacionada à realidade econômica, veja acima p. 377, n. 11.

ocorrem ou ameaçam irromper com violência, a necessidade obriga que sejam controlados e combatidos com força. O mesmo deve ocorrer também em relação a todos os outros vícios. Se apesar de todas as proibições ainda assim irromperem, é preciso combatê-los com força. Quando no tempo do Duque Guilherme[29] os nobres se haviam tornado sobremaneira orgulhosos, a ponto de desafiarem o príncipe territorial, tomando-lhe terras e castelos, aí este foi obrigado a expulsá-los pela força, assaltando e destruindo seus castelos.

Os historiadores e juristas dizem: "De maus costumes surgem boas leis; contrariamente, de boas leis surgem maus costumes, porque a lei é a força do pecado. Estabelecida a lei, estabelecida está a fraude contra a lei"[30]. A maldade obriga a estabelecer um bom direito; toda maldade ocorre contra o bom direito. O mundo não pode nem quer ser diferente, porque as coisas exteriores têm que ser mantidas sem espírito nem graça, somente pelo direito e pela coação. Pode acontecer que o governo secular não pode ajudar ou que ele próprio se torna corrupto — portanto, não quer ajudar, como agora lamentavelmente é o caso na maior parte das vezes em terras alemãs; pode-se dar o caso em que ele próprio age dessa forma por si mesmo, a ponto de se dizer que em algumas categorias de príncipes, especialmente, porém, entre cardeais e bispos, não há mais honra nem virtude. Aí então Deus tem que intervir, como se irou com Sodoma, com o dilúvio, com Babilônia, com Roma e [cidades] semelhantes, de modo que foram destruídas. É exatamente isso que nós alemães também queremos. Não paramos com nossas loucuras até que se diga: A Alemanha já era, assim como Roma e Babilônia já eram.

Assim se lê, por exemplo, que, à época de Sólon[31], a cidade de Atenas

29 *Guilherme III* (1425-1482) duque da Saxônia, desde 1445, landgrave da Turíngia. Enfrentou-se militarmente com seu irmão, Frederico II (1412, 1428-1464), príncipe-eleitor da Saxônia entre 1446 e 1451, na chamada Guerra Saxônica dos Irmãos, durante a qual diversas partes do território foram devastadas. Cavaleiros, que haviam apoiado Guilherme durante o conflito, insatisfeitos com as reparações posteriormente recebidas, rebelaram-se contra o governo territorial. Lutero aparentemente se refere ao enfrentamento de Guilherme e Frederico com estes nobres, dentre os quais destacou-se Kunz von Kaufungen, líder durante o famoso seqüestro dos filhos do eleitor, Ernesto e Alberto, em 1455. O conflito como um todo foi claro exemplo da reação de setores da nobreza contra a crescente absolutização e centralização do poder nas mãos dos príncipes territoriais.

30 *Ex malis moribus bonae leges fiunt. Econtra, ex bonis legibus mali mores fiunt, quia lex est virtus peccati. Inventa lege inventa est fraus legis.*

31 Lutero se refere provavelmente a *Plutarco*, Solon c. 13ss. — *Sólon* (ca. 640 a.C.-ca. 560 a. C.), estadista e legislador ateniense. Recebeu poderes especiais a fim de que pudesse pôr termo às crises sociais geradas pelo monopólio político e pela excessiva concentração da terra. Os pequenos proprietários, para saldarem suas dívidas para com os poderosos, eram obrigados a hipotecar não só seus bens, mas também a si próprios, transformando-se em agricultores sem terra ou sendo vendidos como escravos. Sólon proibiu a escravidão por dívida e aboliu a hipoteca sobre pessoas e bens.

estava tão depravada pela usura que não apenas as terras e o patrimônio estavam sobrecarregados [com juros], mas os próprios cidadãos se viam obrigados a venderem-se como escravos aos usurários. Sólon então emitiu uma lei, pela qual, a partir de então, ficava proibido reduzir pessoas à servidão, ficando vedado também cobrar juros usurários de propriedade fundiária. Além disso, limitou a usura a tal ponto, que em relação a dinheiro não era permitido dar mais do que a *Centesima* — isto é, um por cento. O centésimo significava que em cem meses se pagava de juros o equivalente ao principal. Em nossos cálculos, isso seriam doze florins ao ano, para uma quantia de cem florins — ou seja, um florim em cada mês, já que os juros eram cobrados mensalmente. Através dessa lei, Sólon restabeleceu a liberdade a muitos cidadãos e resgatou as hipotecas de muitas propriedades. Também Aristóteles escreve, em "Política" 6[32], que um senhor justo, de nome Óxilo, tinha determinado que não se pagasse juro usurário sobre a propriedade territorial.

Também de Alexandre Magno se lê[33] que pagou por seus soldados mais de 59 toneladas de ouro em juros usurários, a fim de resgatá-los. Finalmente, também ele teve que moderar a usura. A esse ponto chega a usura, se os príncipes e senhores não se precavêem. Em curto espaço de tempo, antes de se perceber, ela cresce e aumenta tão fortemente, que muito logo ela devora e engole toda a terra e todos os bens, de modo que no fim se é obrigado a intervir e reprimi-la pela força. Precisamente isso também tem ocorrido em nosso tempo; e continua acontecendo através dos negociantes e suas companhias. Quase todo a Alemanha já foi engolida por eles. Que Deus nos dê também a nós uma vez um Sólon ou Alexandre, que coíba e rechace a usura! Amém.

Nos registros históricos consta o seguinte acerca dos romanos: tendo, certa vez, a usura assumido proporções extraordinárias em Roma, dois homens — Valério Publícola e M. Rutílio — foram incumbidos de moderar a usura. Parcialmente pagaram [os juros] de fundos públicos e, parcialmente às custas dos devedores — talvez a fim de evitar tumulto e outras perturbações. A seguir, porém, um tribuno — chamado Genúcio — determinou a proibição total da usura. Quando, certa vez, um desses ricaços — chamado Papírio — pretendia vergonhosamente desonrar um jovem, depois que este tinha se tornado seu escravo em conseqüência de usura, foi decretada uma lei pela qual a usura não podia transformar ninguém em escravo. Quando, porém, após isso, a usura se tornou tão grande que surgiu um tumulto e o povo saiu da cidade, também o supremo magistrado, Hortêncio, teve que enfrentar a usura. Isso encontra-se em Tito Lívio[34]. Quando o imperador Júlio I desco

32 *Política*, § 4.

33 *Plutarco Alex.* c. 72.

34 Liv. VIII, 28

briu que a usura havia se excedido, determinou que se devesse deduzir do principal tudo quanto tivesse sido recebido como usura[35]. Pouco antes dele, Cícero, quando era governador na Ásia, pôs a usura sob controle ao determinar que só se deveria dar a centésima, portanto doze [por cento] ao ano[36]. Anteriormente estava-se obrigado a pagar quatro centésimos, ou seja quatro vezes doze [por cento], isto é a cada mês quatro florins [sobre cem]. Pela mesma razão o ministro de Bruto prendeu o conselho de Salamima na prefeitura, deixando alguns [de seus membros] morrer de fome. Consta ainda nos livros dos juristas que se probiu com freqüência cobrar *usuras usurarum*, o que agora se intitula juros sobre juros. Onde se constatasse que o juro usurário excedesse em dobro o valor do principal, não se deveria cobrar mais nada.

Constata-se, pois, que em todos os tempos a usura ocasionou muita aflição e todos os príncipes e senhores probos e louváveis tinham que se haver com ela. Igualmente todos os sábios pagãos sensatos recriminaram com vigor a usura. Assim, por exemplo, Aristóteles afirma (na Política 1) que a usura é contra a natureza, por sempre receber mais do que dá, suspendendo-se assim a medida razoável de toda virtude. Isso é o que se chama de "igual por igual" a igualdade aritmética. Diz mais: o dinheiro é estéril por natureza e não se multiplica. Portanto, ali onde ele se multiplica, como na usura, isso ocorre contra a natureza do dinheiro; pois não vive nem produz como uma árvore ou um campo, que a cado ano dão mais do que são em si mesmos, porque não jaz aí ocioso e sem fruto, como o florim o faz por natureza. Também escreve na Ética 4[37] que usurários são vergonhosos manipuladores, o que São Paulo também proíbe severamente aos bispos (1 Tm 3.3 e Tt 1.7). Pois o usurário toma, assim diz ele, onde não deve tirar e mais do que lhe compete. Tirar, roubar e furtar de outras pessoas é cevar-se de maneira vergonhosa. Pessoas assim são — é isso mesmo! — ladrões e assaltantes, que se costuma enforcar no patíbulo. Embora o usurário seja um verdadeiro ladrão e assaltante dessa estirpe, está sentado com segurança em sua cadeira, razão pela qual também é chamado de ladrão de cátedra.

Catão, o senador romano, um grande e sério inimigo de todos os vícios, escreve no início de seu livro[38], em que louva o trabalho agrícola: "Nossos antepassados consideraram e também determinaram que se deva punir um ladrão duas vezes, um usurário porém quatro". Daí se poderia depreender, diz ele, o quanto mais abominavam o usurário do que um ladrão. O mesmo

35 *Suet. Aug.* 34
36 *Ep. ad. Att.* 6,1,5
37 *Ética Nicom.* 4,3
38 Catão, *De agricult.* pr. 1

Catão também diz: "Estimado, acaso praticar a usura não é a mesma coisa que assassinar pessoas?"[39].

Isso afirmaram e fizeram os gentios! Que deveríamos fazer nós cristãos? Os pagãos puderam concluir a partir da razão que um usurário é um ladrão e assassino quádruplo; nós cristãos, porém, os honramos tanto que quase os adoramos por causa de seu dinheiro. Nem percebemos que grande desdém e vergonha causamos com isso ao nome cristão e ao próprio Cristo. Mesmo que não fôssemos cristãos, a razão deveria dizer-nos, como aos gentios, que um usurário é um assassino, pois quem suga o alimento de outra pessoa, quem assalta e rouba, esse comete um assassinato de igual tamanho (no que lhe diz respeito) como aquele que deixa uma outra pessoa passar fome até que seja aniquilada. É isso, porém, que faz um usurário, ficando, entrementes, instalado em sua cadeira, embora devesse, com mais justiça, estar pendurado na forca e ser devorado por tantos corvos quantos florins roubou, pressuposto, é claro, que haja nele tanta carne, que tantos corvos possam nela se banquetear. Enquanto isso, porém, enforcam-se o pequenos ladrões, que apenas roubaram [um ou poucos] florins. Já Catão, o inimigo dos usurários, dizia: "Pequenos ladrões estão presos no tronco, grandes ladrões ostentam ouro e seda"[40]. No fim das contas, ainda há de ocorrer que também nós devamos sofrer e expiar com os usurários, porque não os punimos nem os enfrentamos.

Que havemos de dizer dos gentios? Leiamos Neemias 5.11! Lá consta como os judeus tiveram que dar, em sua necessidade, após o regresso da Babilônia, a seus irmãos também o centésimo como usura mensal. Portanto, a usura mensal, o centésimo, é algo tão antigo e uma tamanha desgraça, que parece que os gentios o assumiram apenas mais tarde do judeus, pois os judeus calculam todas as suas festas, negócios e outros assuntos em meses. Mas também pode ser que os judeus o tenham aprendido dos gentios no tempo [de Neemias], pois Neemias viveu muito antes que governassem os romanos e Alexandre — a saber mais de 300 anos antes do nascimento de Cristo. Caso se quisesse duvidar [da existência] do centésimo [entre os judeus], há quanto a isso uma interpretação convincente no texto. [Neemias] diz lá: "Os governadores, que foram antes de mim, tomaram do povo quarenta siclos de prata, além de trigo, azeite e mosto" [Ne 5.15]. Ora, quarenta siclos perfazem exatamente dez florins, pois um siclo é um quarto de florim. Se, além disso, trigo, azeite e mosto ainda tenham constituído aproximadamente dois ou mais florins, então tratou-se de uma soma anual de doze florins, ou seja, a cada mês um florim e isso é exatamente um centésimo.

39 Cícero, off. 2,25,89.
40 Catão, *ap. Gellium*, 11,18,18.

Pois, bem, já que o povo se lamentava e clamava desesperadamente, o correto príncipe Neemias interveio com firmeza. Repreendeu duramente os usurários e lhes ordenou que abandonassem a cobrança do centésimo ou da usura mensal, e que devolvessem campos, casas, vinhedos e tudo [quanto deles haviam usurado]. Ele, porém, se encontrava na graça de Deus; por isso o povo lhe obedeceu e seguiu. Assim pôs a usura sob controle, como a necessidade o requeria; pois o povo estava exaurido a tal ponto que nada mais podia suportar. Eles que recém se haviam libertado dos gentios a muito custo, vendiam se a si mesmos e também a suas filhas e filhos aos gentios. De um Neemias desses precisaríamos agora nós, alemães, também! E se a coisa não mudar, há de aparecer um — ou então a Alemanha inteira, incluídos seus príncipes e senhores, terra e povo, cairá na servidão dos usurários! Pois nos últimos vinte, sim, dez anos a usura se difundiu entre nós de tal maneira que, se a gente se detiver por um momento a examinar a questão, o coração estremece de pavor. E ela continua, sem esmorecimento, a crescer, comendo e devorando sempre mais: quanto mais tempo passa, tanto mais horrível a situação

Têm-me sido dito que atualmente se toma a cada Feira de Leipzig[41] dez florins, o que equivale a trinta em cem. Alguns acrescentam ainda, que na Feira de Naumburgo[42] o preço chega a quarenta em cem. Não sei se porventura não chega a mais ainda. Ai de ti! Diabos, onde vai acabar isso? Já não se trata mais apenas de juros mensais ou centésimos, ou seja doze ao ano por cem, mas tricentésimos e mais ainda, ou seja, três florins e sete centavos em um mês. Não são juros anuais e tampouco juros mensais, mas juros semanais; sim, isso já é uma verdadeira usura diária à moda dos judeus.

Quem, portanto, agora possui cem florins em Leipzig, toma anualmente quarenta, isto significa devorar um camponês ou um burguês em um ano. Se ele possui mil florins, toma anualmente quatrocentos, isto significa devorar em um ano um cavaleiro ou um nobre rico. Se tem dez mil, então toma anualmente quatro mil, isto significa devorar em um ano um conde rico. Se tem cem mil, como deve ser entre os grandes negociantes, então toma anualmente quarenta mil, isto significa devorar em um ano um grande príncipe rico. Se possui um milhão, então toma quatrocentos mil anuais, isto significa devorar em um ano um grande rei. E ele não corre nenhum perigo com isso, seja no corpo, seja em mercadoria; não trabalha, mas, ao contrário, está assentado atrás da estufa[43] e assa maçãs. Por conseguinte, um ladrão de cátedra desses pode ficar comodamente sentado em casa e em dez anos devorar um mundo inteiro.

Aqui deveria haver agora um Neemias, um Sólon ou um Alexandre! Isso sim seriam atos nobres que eles têm o dever de realizar! Mas vocês pregadores, pensem nisto e preguem-no a seus príncipes e senhores! Provoquem-nos e admoestem-nos, a fim de que coíbam tais diabruras e salvem os pobres! Digam o mesmo também aos juristas! Acima de tudo, porém, escrevo essas coisas a vocês párocos, a fim de lembrá-los de seu ofício; pois, caso contrário, eu deveria quase desesperar nessa questão. Salvemos nossa consciência! Não nos condenemos ao inferno, como dito acima, com os pecados de outros! Também os usurários precisam sabê-lo, a fim de que lhes bata a consciência pelo menos a alguns, reconhecendo sua prática e exploração maldita que se revolta contra Deus, a razão e a natureza. Não sei se os príncipes podem ajudar nessa causa. A prática já é por demais elevada e profunda, por demais ampla e abrangente, tendo irrompido por todas as partes e possivelmente já esperamos demais.

No caso de os usurários dos juros sobre juros e os demais usurários porventura clamarem que, afinal, cartas e selos devem ser cumpridos, os juristas há muito tempo responderam explicitamente a essa alegação: "Em promessas funestas" teólogos, igualmente, esclarecem que cartas e selos, que algumas pessoas entregam ao diabo, não têm validade nenhuma — mesmo que tivessem sido seladas e escritas com sangue. Pois o que é contrário a Deus, ao direito e à natureza, isso é totalmente nulo! Por isso, que intervenha com coragem o príncipe, que tem competência para tanto! Rasgue carta e selo e não dê importância alguma se por isso for caluniado em sua honra ou fé! Pois manter a honra, a fidelidade e a fé significa manter a obediência, a fé e o juramento a Deus. Inversamente, se não rasgar e destruir tais cartas e selos, (sempre que o puder), isso significa agir contra a honra, a fidelidade e a fé. A esse respeito, Neemias constitui um belo e convincente exemplo. Ele toma dos usurários os campos, os vinhedos, os olivais, as casas usuradas, além dos centésimos. Observe-se que ele, a rigor, [ainda] faz muito pouco, ao não obrigar os usurários a devolver também todos os outros bens furtados e roubados através do excesso da usura. Diante de Deus, porém, estão obrigados a devolver também isso, pelo menos estão comprometidos de devolvê-lo, pois a Deus não basta que se abandone a prática da usura; ele quer também ver reconciliado o próximo e mutuamente perdoados todos os pecados.

Visto que Deus assim o quer, deixamos nesse ponto os príncipes fazerem

41 Cf. acima p. 378, n. 16.

42 Fundada em 1010, no cruzamento de diversas rotas comerciais, Naumburgo tornou-se sede episcopal em 1032. À sombra do castelo e da catedral floresceu intenso comércio principalmente de *weid* — planta usada para tingimento — e tecidos. Lá, a Feira de Pedro e Paulo tornou-se ponto de referência obrigatório, até perder sua importância com o maior privilegiamento da pouco distante Feira de Leipzig nos séc. XIV e XV.

43 Cf. acima n. 24

o que puderem ou quiserem. A nós, pregadores, contudo, não compete festejar. Sejamos, nesse sentido, bispos, isto é, estejamos atentos e vigiemos; pois está em jogo nossa bem-aventurança. Em primeiro lugar, [devemos] acusar e condenar a usura do púlpito, inculcando diligentemente e sem rodeios — como foi dito acima — a afirmação básica, a saber: quem emprestar algo e tomar algo a mais ou algo melhor em retribuição, é um usurário e maldito como um ladrão, um assaltante e um assassino — como acima. Em segundo lugar, se você conhece um usurário e sabe com certeza que ele o é, não lhe administre o Sacramento nem a absolvição, enquanto não fizer penitência! Caso contrário, você se tornará partícipe da usura e dos pecados dele e irá ao diabo com ele, por causa de pecados alheios, ainda que por seus pecados próprios você fosse tão puro e santo como São João Batista. Pois São Paulo diz a Timóteo: "Não imponha as mãos a alguém precipitadamente e não se torne participante de pecados alheios!" [1 Tm 5.22] A mesma coisa consta em Romanos 1.32: "Não são dignos da morte somente aqueles que o fazem, mas também aqueles que concordam com isso e se comprazem com os que o fazem!" Em terceiro lugar, deixe o usurário morrer como um pagão, não o enterre entre outros cristãos e tampouco o acompanhe à sepultura, se não tiver feito penitência anteriormente! Se você, porém, o fizer, torna-se participante de seus pecados, como já foi dito acima. Pois como ele é um usurário e idólatra, porque serve a Mâmon, ele é incrédulo, não pode ter ou receber a remissão dos pecados, tampouco a graça de Cristo, nem ainda a comunhão dos santos. Ele se condenou, se separou e se baniu a si mesmo, enquanto não tiver se confessado como culpado e feito penitência[44].

Esse discurso parecerá duro para alguns. Talvez também assuste a alguns. Sobretudo soará terrível para os pequenos usurários; penso naqueles que só tomam cinco ou seis sobre cem. No entanto, para os grandes devoradores do mundo, aqueles que jamais se contentam com o que tomam sobre cem, a esses não é possível exagerar na dureza, pois se entregaram a Mâmon e ao diabo[45]. Deixam que clamemos, sem se importarem com isso. Especialmente em relação a esses eu disse que se deve abandoná-los ao diabo, em

44 Apesar de propor aqui um processo de exclusão da comunidade de fé em etapas, Lutero jamais chegou a elaborar uma ordem para a disciplina eclesiástica, embora se tivesse ocupado com o assunto a maior parte de sua vida. Ao propor uma tal ordem em definitivo, ele temia de um lado provocar conflitos adicionais em face da confusão entre os poderes eclesiástico e secular, de outro, dar oportunidade ao abuso de poder por parte dos párocos. Cf. a respeito GÖTZE, Ruth, *Wie Luther Kirchenzucht übte*. Göttingen, 1958, p. 131.

45 Os teólogos que na Idade Média tardia se ocupavam com temas econômicos, faziam-no basicamente a partir de motivações poimênicas. Veja a respeito a Introdução Geral aos escritos econômicos.

vida e morte, não devendo ter com eles comunhão cristã alguma — aliás, como eles mesmos o desejam.

Poderia ser o caso de eles afirmarem que nós curas estejamos querendo ser senhores e proceder com violência contra eles. Assim gritam agora alguns valentões e provavelmente também alguns camponeses e burgueses arrogantes e ricaços arrotadores. Sempre que nós pastores não pregamos o que gostariam de ouvir, afirmam de imediato que queremos ser seus senhores. Esses burgueses imprestáveis, rudes e nada nobres, esses marotos da cidade e esses grosseiros patetas de aldeia sequer chegaram a aprender que se deve distinguir entre a palavra de Deus que é anunciada e a pessoa do pregador. Quando a palavra de Deus e sua própria consciência os acusa, pensam que deve ter sido o pobre padreco. Desse modo procuram impedir que a palavra de Deus seja pregada; é como se já tivessem devorado o Evangelho por inteiro. Tolo, por que se irrita com o pastor? Irrite-se, antes, com sua própria maldade ou ire-se contra Deus, cuja palavra acusa a você, espertalhão! Ele há de exorcizar a ira de você. Por isso, quando tais usurários pretenderem irar-se contra você, porque você não os absolve, não lhes administra o Sacramento nem os enterra cristãmente, então remeta-os aos juristas, a fim de que estes lhes confirmem fidedignamente que não são usurários. Se não trouxerem a você uma tal declaração, então lhes esclareça que Deus te proibiu rigorosamente aceitar um usurário como cristão, e ele próprio, com base nesse mesmo mandamento, não deve considerar-se cristão. De outra parte, também o imperador proibiu considerar um usurário como um homem probo. De acordo com esse direito tampouco lhe cabe considerar-se a si mesmo como um homem probo, pois que somos nós se quisermos tomar ou perverter o direito e o juízo de Deus e do imperador? Por que motivo iria eu arriscar minha alma com você e por você, e granjear a condenação com seu pecado? você que é um avarento de tal espécie que não está disposto a dar um tostão para minha alimentação ou para a satisfação da necessidade de uma pessoa pobre, mas prefere assaltar e roubar a ambos? Mas também isso de nada lhe vale, e eu mesmo seria condenado, se eu o absolvesse, pois Deus e o imperador não o reconheceriam como legítimo. Por isso, faça penitência e aja corretamente! Se não o fizer, pode ir ao diabo sozinho, sem mim e sem minha absolvição, em vez de ir ao diabo duplamente com minha absolvição, e, além disso, arrastando com você a mim, não por minha culpa, mas por sua. Não, companheiro! Vá sozinho; eu fico aqui! Afinal, não sou pastor para ir com todo mundo ao diabo, mas para levar todo mundo a Deus.

No entanto, como seria o caso de pessoas idosas, viúvas ou órfãos pobres, ou outras pessoas necessitadas, que até então não aprenderam nenhum outro ofício para garantir o sustento, e tivessem investido em negócios um ou dois mil florins? E se agora tivessem que desistir disso, nada mais

teriam, e ficariam ou acalentando a mão na vara de mendigo ou então morrendo de fome. Aqui gostaria que os juristas criassem um atenuante do rigor da lei! Também seria necessário lembrar que todos os príncipes e senhores acima mencionados — como Sólon, Alexandre e os romanos — que combateram a usura, não puderam e tampouco quiserem eliminá-la de todo. Tampouco Neemias revogou tudo. Aqui há de valer, portanto, o dito acima mencionado: "O mundo não pode ficar sem usura!" Contudo, não se trata de usura no sentido restrito da palavra, nem mesmo de uma usura legítima, mas de uma usurinha emergencial; quase uma semi-obra de misericórdia para os necessitados, que, caso contrário, nada teriam. Isso também não prejudicaria muito o outro. Ademais, ainda seria possível discutir em relação a esse caso, se aí não haveria um "interesse" ou precaução de dano, já que os implicados foram induzidos a não aprenderem entrementes outro ofício e o deixaram de aprender. Acrescente-se que seria bastante cruel e não beneficiaria a ninguém fazer mendigos dessas pessoas ou deixá-las morrer de fome, ainda mais porque isso seria feito sem dano ao próximo, em conseqüência de restituição incerta.

No entanto, quanto a isso não me cabe emitir juízos. Eu apenas gostaria de aconselhar e ajudar, para que ninguém precisasse desesperar em pecado. Por isso considero que nessa questão o mais adequado é apelar ao príncipe territorial, a fim de que ele descubra, com juristas, pregadores e conselheiros sensatos, uma solução razoável, baseada em eqüidade e anistia, capaz de aplacar a consciência. De resto, sei perfeitamente que leis rígidas se pode introduzir. Contudo, a necessidade quebra barras de ferro! Pode, portanto, também quebrar uma lei, sobretudo porque situações emergenciais e não-emergenciais são nitidamente distinguíveis, desempenhando um papel bem distinto também em relação a tempo e pessoa. O que é justo onde não há emergência, é injusto em meio à emergência, e vice-versa. Se alguém que não está padecendo fome toma pão da estante do padeiro, ele é ladrão; se, porém, o faz quando está padecendo fome, age corretamente, pois é dever dar-lhe pão e outros bens dessa natureza. Como foi dito, porém, quem necessitar disso, procure essas coisas junto a príncipes, pastores e pessoas doutas probas. O que essas lhe aconselharem, isso siga! Não é possível pôr tudo no papel!

Talvez nos possa servir ou ajudar nessa questão se sabemos que o Imperador Justiniano[46] limitou a usura da seguinte maneira: aos nobres permitiu tomar quatro florins [de juros sobre cem], aos negociantes oito e aos

46 *Justiniano, o Grande* (483-565). Subiu ao trono em 527; mandou compilar as leis romanas, do que resultou a coleção conhecida como: *Corpus Iuris Civilis*, dividido em quatro partes: *Digesto; Institutas; Novelas e Código.*

demais seis. Dizia que assim pretendia reduzir a antiga, dura e pesada carga. Se isso — digo eu — nos pode ajudar, estou disposto a concordar e ajudar a responsabilizá-lo perante Deus, especialmente quando implicar pessoas necessitadas e o caso for de usura emergencial ou usura misericordiosa. Contudo, caso se tratar de uma usura arbitrária, gananciosa, não condicionada pela necessidade, mas que apenas visa negócio e lucro, eu não estaria disposto a apoiá-la (pois emprestar não deve nem pode ser negócio, profissão ou lucro) nem aconselhá-la, mas deixaria a responsabilidade com o imperador. Tampouco dê importância se a opinião do imperador é observada. O imperador não pode ensinar boas obras que dizem respeito ao céu. Basta-lhe ensinar boas obras nesta vida temporal, como também testificam suas palavras: desejava amenizar a usura a tal ponto que fosse aliviada a carga dura e pesada. Logo, para o céu não é suficiente que se seja obediente às leis do imperador. Mesmo assim, deve-se aceitar o que ele determina por graça, especialmente em tais épocas de necessidades e, ademais, em bens temporais, que estão sujeitos a seu governo. Além disso, esta não é uma época para se poder ganhar riqueza com cinco ou seis florins sobre cem — muito em especial se a pessoas necessitadas não podem de novo investir esses juros, mas os necessitam para a satisfação de seu próprio sustento. Em tudo mais, porém, o bom conselho amigo de pessoas honestas poderá decidir a questão. Os pastores não deveriam entrar em tais acirradas disputas, quando no púlpito, mas remeter os inquiridores aos juristas ou homens dignos. Isso é suficiente como instrução.

Depreende-se de tudo isso, quão reprovável prática constitui a usura, como ela devora o mundo, levando inopinadamente consigo também boas pessoas, de modo que já não podem nem avançar nem retroceder. Finalmente, ela deve por isso ser combatida com toda força e, enquanto não puder ser encontrada uma lei compatível, deve-se aconselhar com máxima sabedoria aos piedosos, a fim de rechaçar o vergonhoso vício. Certamente é por isso que São Paulo diz [na] 1 [Epístola] a Timóteo: "Os que querem ficar ricos caem na armadilha do diabo, em tentação e em muitos vícios inúteis e perniciosos, que afogam os homens na condenação" [1 Tm 6.9]. Seguramente ele viu como a ganância e a usura tinham flagelado o mundo no Império Romano e ainda o flagelam de contínuo. Quem poderá calcular quantos desejos e pensamentos maus e vergonhosos não deve ter um tal usurário, para que sua usura venha a devorar tão extensamente? Dia e noite é puro dinheiro e ganância.

Porque não se satisfazem com o que Deus lhes dá? E diz: "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes" [1 Tm 6.8]. Afinal, isso é dito a todas as pessoas cristãs, às ricas assim como às pobres. A razão, explica ele, é a seguinte: "Nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele" [1 Tm 6.7]. Um príncipe tem alimento e

vestuário de acordo com sua pessoa. Para si não pode usar nada além disso; tudo mais tem que deixar para trás, assim como qualquer burguês, camponês e mendigo. A ganância e a usura, porém, esgravatam e juntam, como se pudessem consumir tudo ou levá-lo para fora deste mundo, embora também elas de nada mais necessitem do que alimento e vestuário. O lema de todas as pessoas continua sendo o seguinte: "Alimento e vestuário e o que se necessita — usufruído disso, e a vida chegou ao fim!" O que lhe exceder, pode o ser humano ainda ter, em nome de Deus, como é o caso de Davi e entre pessoas ricas; porém, outras pessoas o utilizam então junto a ele. Ele próprio nada disso tem, além de alimento e vestuário, como outra pessoa qualquer. Seu alimento e vestuário podem ser mais preciosos, mas não são mais alimento e vestuário. Pois sua casa e castelo, sua terra e suas vestimentas, isso nada mais é do que precisamente seu vestuário. Assim também seu comer e beber, seu vinho e cerveja nada mais são do que precisamente seu alimento. Afinal, "alimento" não significa ração para cavalo; e "vestuário" tampouco é simplesmente um chiqueiro ou um saco. Ao contrário, "alimento e vestuário" é a satisfação da necessidade de cada qual de acordo com sua posição[47], com todos os bens. Se não fosse assim, todas as pessoas deveriam comer feno e palha, também os príncipes e senhores, pois foi dito a todos os cristãos que todos nós — um como o outro — não devemos usufruir de todos os bens nada mais do que, precisamente, alimento e vestuário. Com isso cada qual deve estar satisfeito, embora o alimento e o vestuário devam ser correspondentes à desigualdade da pessoa.

Com isso falamos o suficiente de maneira secular sobre a repressão e o combate da usura entre os gentios, entre os quais, como dito acima, se permite ou, melhor dito, tolera a usura em casos moderados e fica impune. A intenção é evitar males maiores, independentemente também de muitas

47 O termo "posição" traduz *Stand*, que também equivale a "estamento". *Stand* era usado para fazer referência aos diferentes grupos sociais na Idade Média tardia, sendo difícil precisar seu conteúdo. Lutero teve sua compreensão de *Stand* influenciada pela filosofia moral aristotélica, dividida em ética individual, política e econômica. Passou a falar em três ordens, hierarquias ou estamentos — *ecclesia*, *oeconomia* e *politia* — em contraposição à diversão da cristandade proposta pela tradição monástica entre pessoas leigas, sujeitas ao Decálogo, e clérigas, sujeitas ao Decálogo e ao Sermão do Monte. Ao fazer uso de *Stand*, portanto, Lutero não tinha a intenção de descrever o contexto social no qual estava inserido, mas queria apresentar sua própria proposta de mudanças nele. Daí ele ter usado alternadamente também *Amt* (ofício), *Regiment* (governo) e *Beruf* (vocação) para expressar o mesmo conteúdo a que se referia com *Stand*. De modo aproximativo, pode-se dizer que Lutero compreendia *Stand* como o âmbito no qual cada pessoa — especialmente as cristãs em sua responsabilidade diante de Deus — assume sua tarefa no mundo. Um *Stand* podia, para ele, conter igualmente diversos estamentos, ofícios ou vocações e uma mesma pessoa atuar em diversos âmbitos.

outras coisas que entre eles permaneceram toleradas e impunes e que Cristo não aprova e que, por conseguinte, também não pode ser admitido por nós — como, por exemplo, inveja e perfídia, falsidade e malícia. Assim, o próprio Moisés ainda permitiu o divórcio e muitas outras coisas, que Cristo não permite a seus cristãos, pois o direito secular rege o reino terreno, mortal, mutável; o direito de Cristo, porém, rege o reino celestial, eterno, imutável. Por isso seu cetro também é denominado *sceptrum rectitudinis* — "cetro da retidão" [Sl 45.6]. Isso é um direito totalmente puro e perfeito, um direito sem falha, falta, dobra, manchas ou rugas. Já que seu direito não pode tolerar nem usura nem qualquer mal, certamente não há usura alguma quando simplesmente se observa isso e se é cristão. Tão pouco quanto um cristão é pagão ou judeu, tão pouco ele é também usurário.

Portanto, este é seu direito, e assim ensina seus cristãos: há três maneiras de lidar com um bem temporal. Acerca disso já falamos seguidamente, e a questão está claramente definida em Mateus [5.42] e Lucas [6.30]. Em primeiro lugar, que dêem de bom grado. *Omni petenti te tribue* — "Dê a todo aquele que lhe pede!" Naturalmente, quem dá, não pratica a usura com isso, pois ele o dá de graça e nada deseja em troca. Por isso não pode haver usura entre cristãos. Em segundo lugar, devem de bom grado dar empréstimos ou estar dispostos a emprestar. Cristo fala a respeito disso em Lucas 6.34: "Se vocês emprestam, etc. Emprestem sem almejar ou esperar qualquer coisa em troca!" Quem empresta dessa maneira, com toda certeza também não praticará a usura. Em terceiro lugar, um cristão deve deixar que lhe tomem bens, dando a capa junto com a túnica. Mateus 5.40. Nisso inclui, como explica suas próprias palavras, sofrer toda sorte de injustiça e violência. Ele diz: "Se alguém obrigar a você a andar uma milha, vá com ele duas! Façam o bem aos que os perseguirem e odiarem!" [Mt 5.41,44] Quem, pois, cumprir isso e o praticar, como pode praticar usura? Não pratica a usura com pessoas; mas pratica uma maravilhosa usura com Deus. Mais acerca disso mais tarde!

Nesse ponto você alega: "Se for assim, quem então deseja e pode ser cristão?" Resposta: Quem desejar ser bem-aventurado no reino dos céus, esse certamente também pode ser cristão. "Sim", pergunta você, "quem pode então ser bem-aventurado?" Resposta: Quem quiser ser cristão, esse pode perfeitamente ser bem-aventurado. Cristo não irá adequar ou dobrar, nem torcer ou dirigir sua palavra de acordo com nossas preferências. Pois está escrito: *Virga aequitatis, virga regni tui* [Hb 1.8; Sl 45.6].— o cetro de teu reino é um cetro reto, igual e rigoroso! Nada se pode mudar nisso. Nós devemos nos orientar por ele e comportarmo-nos de acordo. O pano tem que se deixar medir pelo metro, e não o metro pelo pano; caso contrário, não haveria sentido em medir qualquer coisa! O produto tem que se deixar pesar pela balança, e não a balança pelo produto. Caso contrário, que sentido teria

em pesar-se alguma coisa? Isso se tornou difícil e insuportável para os sofistas[48] e os papistas, e também para Maomé. Por isso inventaram alguma coisa mais leve e melhor. Assim ensinam que Cristo não teria ordenado essas coisas a todas as pessoas, mas apenas aos cristãos perfeitos, podendo observá-los ou não. A saber: caso desejar merecer algo mais e superior à bem-aventurança eterna, então deverá observá-lo; caso, porém, estiver satisfeito, não desejando nada mais do que a bem-aventurança, então poderá desconsiderá-lo, então não está compelido a observá-lo.

Com esse artifício transformaram-nos em cristãos tão maravilhosos que ultimamente temos sido obrigados a comprar méritos excedentes dos santos, sim também dos padrecos e até mesmo dos monges. Quer dizer, fizeram de nós puros pagãos e turcos, sim, algo ainda pior do que pagãos e turcos. Acusam-nos de proibir boas obras. No entanto, vejamos aqui o texto, aí se mostrará quem de fato proíbe as boas obras! Em verdade são eles mesmos os que não apenas proíbem as boas obras, mas ainda mais retiram a doutrina de Cristo, através da qual ele ordena boas obras. Pois são precisamente eles que declaram que não se devesse seguir tal doutrina nem fazer tais boas obras. Meu caro, quais são as boas obras que, a rigor, ainda restam, ao se proibir, condenar e aniquilar a doutrina acerca das boas obras, a não ser somente as auto-escolhidas, sem mandamento de Deus e contra ele, como o fazem os turcos, os tátaros e os judeus? Por isso o mundo se encheu de monges, tonsuras e missas, contudo, ficou destituído de verdadeiros cristãos e de boas obras como dar, emprestar e sofrer. Nós, porém, que ensinamos essas boas obras e as exigimos de acordo com as palavras de Cristo, somos acusados de proibir boas obras. Acaso não são santos refinados esses que não somente condenam a doutrina acerca das boas obras, proibindo todas as boas obras, como ainda afirmam em toda parte que nós proibimos as boas obras, embora estejamos ensinando tais boas obras contra sua condenação e proibição? Ou seja: o que eles ensinam de herético e diabólico, isso imputam a nós; e o que nós ensinamos como cristão, disso se vangloriam esses refinados beatos.

"Sim", diz você, "como posso dar a todo mundo? Deveria ser, como se diz, um rico negociante que deveria nos sustentar. Até mesmo para o imperador é impossível dar a todos. Isso é possível somente a Deus, mas a nenhuma pessoa humana." Quanto a isso, eu mesmo — e outros comigo — pregamos e escrevemos à saciedade. Além disso, caso se observasse diligentemente o texto, qualquer pessoa poderia vê-lo por si, como nós o vimos, de modo que não se precisasse de nossa explicação quanto a esse ponto. Mas já que nem todos nos esforçamos o suficiente, um tem que apontar ao outro

48 *Sofistas* são, na linguagem de Lutero, os teólogos escolásticos em geral.

o texto com o dedo, a fim de que também ele o veja e não necessite acreditar em nós, mas estude e compreenda ele próprio a palavra do Senhor.

Em primeiro lugar, quando nosso Senhor diz: "Dê a cada qual" [Mt 5.42], então "cada qual" não significa que eu deva dar a todas as pessoas ou a todos os necessitados na terra. Deus sabe perfeitamente que isso seria impossível. Nessa passagem ele apenas se volta contra a concepção judaica, que se referia àquele texto da lei que rezava: "Ame a seu amigo e odeie a seu inimigo!" [Mt 5.43] Daí deduziram e ensinaram os judeus que não se devesse dar a cada qual, mas apenas aos amigos, já que se deveria amar apenas os amigos, mas odiar os inimigos. É contra isso que se volta Cristo, dizendo: "Dê a cada qual", isso é, não apenas a seu amigo, mas também a seu inimigo, não abandonando ninguém — seja inimigo ou amigo — em sua necessidade e indigência à própria sorte. Suas palavras também o comprovam nítida e cabalmente, quando diz: "Se vocês derem ou fizerem o bem apenas a seus amigos, que fizeram afinal de especial? Não fazem o mesmo os ímpios e os publicanos, dando a seus amigos?" [Mt 5.46s.] Pois esse também é o procedimento típico do mundo. Isso fica expresso neste ditado: "Dê uma olhada sobre sua cerca e volte novamente!" Se, porém, meu vizinho apenas me quiser dizer: "Meu caro, dê uma olhada sobre a cerca", isso é, "veja minha situação, ajude-me e me aconselhe, seja um vizinho!", negando-se, porém, a ouvir que eu lhe responda: "Meu caro, dê também você uma olhada sobre a cerca e seja também você um bom vizinho!", aí se acaba a amizade do mundo, pois este não olha sobre a cerca, se a gente não estiver disposto a retribuir a atenção. Os gregos expressaram isso nas seguintes palavras: "Uma mão lava a outra". No entanto, como Cristo ensina aqui, um cristão deve sempre olhar sobre a cerca, a fim de prestar ajuda, ainda que seu vizinho, de sua parte, jamais viesse a retribuir a atenção. Pois Deus compensará isso, de sua parte, com um olhar sobremaneira generoso. Por isso São Paulo também menciona este provérbio de Salomão, em Romanos 12.20: "Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber" [Pv 25.21s.]. O próprio Moisés diz em Êxodo 22 [sc. 23.5]: "Se você enxergar o jumento de seu inimigo cair sob o peso de sua carga, deixe tudo e ajude-lhe a erguê-lo, etc.".

Em segundo lugar, "cada qual" não significa alguém que de resto já possui o suficiente ou pode possuí-lo. Pois — especialmente em nossos dias — existe uma quantidade incrível de espertalhões mal-intencionados, que se fazem passar por pobres, necessitados e mendigos, e que iludem as pessoas[49]. Se as autoridades não fossem tão negligentes e preguiçosas, nem mandassem colocar e festejar forcas em vão ao longo das estradas, então se deveria

49 Cf. acima p. 406, n. 73.

deixar que o carrasco desse a tais pessoas uma esmola com corda e saco. Por isso há agora também entre nós um número crescente de pessoas preguiçosas, que estão em boas condições, saudáveis e fortes, e que muito bem poderiam trabalhar, servir e se sustentar, mas se fiam no fato de existirem cristãos e pessoas piedosas que dão de bom grado. E se esse dar não lhes é suficiente ou o bastante, então complementam-no através de roubos, furtando inclusive publicamente nas propriedades rurais, nas ruas e até mesmo das casas. Não sei se alguma vez já houve uma época igual, em que roubo e furto se tivessem difundido de forma tão ampla. E mesmo assim todas as forcas estão em desuso, têm folga por anos a fio. Não é um dar dessa espécie que Cristo ordenou! Você deve dar apenas aos necessitados de sua cidade e de sua vizinhança; assim também o ensina Moisés: aos que não podem trabalhar, servir e se sustentar ou àqueles cujo trabalho e serviços fiéis não sejam suficientes — aqui se deve ajudar, dar e emprestar, seja amigo ou inimigo. Isso está perfeitamente ao alcance do cristão e não lhe será demasiadamente difícil, especialmente onde os governantes combatem a mendicância e a vadiagem de forasteiros ou de pessoas desconhecidas e preguiçosas.

Em terceiro lugar: para que um cristão possa dar, ele tem que possuir algo. Quem nada tem, nada pode dar! E se ele deve dar também amanhã, depois de amanhã e no ano que vem — pois Cristo me ordena dar enquanto viver —, então não pode despojar-se de tudo hoje. Portanto, se o Senhor Cristo ordena dar, então o ordena evidentemente apenas àqueles que têm algo e estão em condições de dar. De outra forma, isso significaria procurar algo lá onde nada existe. Os monges, diga-se de passagem, evitaram esse mandamento com maestria. Alguns deles não tinham nada de que tivessem que abrir mão [quando se tornaram monges], e nada mais procuraram no convento — melhor dito, na cozinha [do convento] — do que alguma coisa para sua barriga. No entanto, também houve alguns deles, que de uma vez doaram tudo [quando se tornaram monges]. Em retribuição, porém, todos eles tomaram eternamente, por toda a vida, e aceitaram doações por tanto tempo, até terem recebido mais do que o próprio mundo possui. Sim, isso é um dar refinado, a saber, um centavo em troca de mil florins. É muito barato. Bem ao contrário, São Paulo ensina os coríntios que não espera deles que dessem de tal modo "que os outros tenham alívio e vocês próprios, aflição" [2 Co 8.13] — que eles próprios viessem por isso a sofrer adversidade, enquanto aqueles a quem dariam, usufruíssem de boas coisas. Não, nosso Senhor Cristo não espera isso! Não quer que com meus bens me torne um mendigo e que o mendigo, senhor! Devo assumir tão-somente sua necessidade, ajudando-lhe no que puder: que o pobre coma comigo, e não eu com o pobre, nem que eu prive minha família do necessário, para dá-lo a estranhos! Algo assim um cristão pode fazer perfeitamente, até mesmo em relação a seu inimigo, embora um judeu ou um gentio certamente não fariam

algo semelhante a seu inimigo. Este é, pois, o sentido quando é dito: "Dê a cada qual que lhe pedir!" [Mt 5.42] Porém, aquele que não é necessitado, não pode pedir; a não ser que seja um malandro.

Ser necessitado é algo bem diferente. Por vezes, um ou outro precisa de muito, sim, extraordinariamente muito para sua lesiva e vergonhosa ostentação e arrogância. O diabo que lhes dê o suficiente! Cristo, porém, fala com seus cristãos, que são chamados a sofrer com ele e que aproveitam esta vida — cada qual de acordo com sua posição[50] — para a vida eterna, dizendo: "Não se excedam!" Pois, afinal, quem pode dar, emprestar ou deixar-se tomar o suficiente para tudo aquilo que um papa, cardeal, bispo, príncipe, senhor, nobre, burguês e camponês necessita ou requer para sua vaidade, sua ostentação e seu capricho, para dissipar e desperdiçar? Está escrito: "Tendo alimento..." [1 Tm 6.8], isto é, todos devemos ter o suficiente para a necessidade do corpo! Nesse sentido ninguém deve deixar o semelhante na mão — nem mesmo o inimigo, como também S. Paulo diz em sua Primeira Epístola a Timóteo: "Deus nos dá ricamente a todos o suficiente para o uso, etc." [1 Tm 6.8]

Adicionalmente, ainda deve ser observado em relação ao dar algo que não se refere a coisas exteriores como a mão, bolsa ou caixa, mas ao coração, a fim de que não seja um dar perverso e falso. Quanto a isso diz o Senhor em Mateus 6.3: "Ao dar esmola, ignore sua mão esquerda o que faz a sua direita!" Já abordamos diligentemente isso e coisas semelhantes em épocas passadas. Neste contexto, porém, temos que tocar também um pouco nesta questão. Pois não é o bastante que você dê, como foi dito até agora, tanto aos amigos quanto aos inimigos, que você dê somente aos necessitados, e que também ainda retenha o suficiente para comer para os seus familiares e que possa dar ainda outra vez, enquanto você viver. Observe, antes de tudo, que esse dar ocorra como S. Paulo ensina em Romanos 13 [sc. 12.8]: "Quem dá, faça-o com simplicidade!" Quer dizer, dê com coração símplice, e não por causa da honra! Faça também o que puder, a fim de esquecê-lo de novo rapidamente, como se nunca tivesse dado alguma coisa ou alguma vez feito algum bem! De outro modo, lhe aderirá o fedor do diabo, sentindo-nos lisonjeados e pretendendo ser reconhecidos por essa boa ação. Essas pessoas são as que se fazem anunciar com trombetas e a respeito das quais Cristo fala em Mateus 6.2. São os que gostam de ouvir dizer a seu respeito: "Vejam, vejam como dá este ou aquele! Meu Deus! ele ainda vai matar-se de tanto dar". Essas pessoas já receberam sua recompensa; pois um dar dessa espécie é totalmente perdido e em vão!

No entanto, ainda mais aborrecedor é observar aqueles que dão de tal

50 Veja acima n. 47.

maneira que querem com essa ação amarrar a si as pessoas, às quais dão alguma coisa. Buscam assim sua própria vantagem de uma maneira inexcedivelmente vergonhosa. Querem que os festejemos. Querem que, em troca, a gente então faça e sofra, fale e deixe acontecer o que e como lhes apraz, e que não se possa agradecer o suficiente por sua ação. Tudo isso é como se eu desse dez florins a um necessitado em sua miséria, a fim de alegrá-lo enormemente com isso, para depois me utilizar dele, explorá-lo e fazer com que me preste serviços, que eu não poderia exigir nem mesmo por cem florins de meu criado ou de minha empregada, aos quais, afinal, devo dar salário ou pagar por seu trabalho e serviço. Certamente nem você nem eu gostaríamos de [ser beneficiários de uma tal espécie] de dar — na esperança de assim poder comprar algo muito mais barato do que em outra parte ou poupar algo no salário. De resto, é exatamente esse o modo em que participam desse jogo agora alguns fidalgos, mas também cidades e povoados, no relacionamento com seu pastores, embora não tenham patrocinado a paróquia nem para ela contribuído. Mesmo assim, porém, porque são eles que outorgam as paróquias, querem simplesmente transformar os pastores em escravos. Simultaneamente, porém, eles próprios não querem tolerar que, seguindo o exemplo dado por eles mesmos, os príncipes, de quem de sua parte receberam seus feudos, queiram fazer também deles escravos ou ordenar que façam o que apraz aos príncipes. Querem, pois, que o pastor, por gratidão, lhes faça tudo que desejarem; ao mesmo tempo, porém, querem suportar de seus senhores apenas o que lhes convém, embora obviamente devam a eles a mesma gratidão que os pastores a eles. Agora, diga-me que espécie de dar é isso? É, como foi dito acima, dar um centavo por mil florins. Realmente uma compra barata! Meu caro, ensine-me também a mim um ofício desses! Ainda assim, querem ter a fama, ser considerados benfeitores e não aproveitadores, pretendem ser cristãos e tornar-se bem-aventurados.

Daí você depreende que um dar dessa espécie, como foi dito acima, não é difícil, onde a mão ou o bolso dão tanto a amigos quanto a inimigos. Contudo, o dar de coração singelo, isso é difícil! Apenas poucos comprovam-se aí como cristãos! Todavia, não custa nem dinheiro, nem esforço, nem trabalho. Requer apenas que o coração se disponha de maneira reta. Quem dá de coração singelo um centavo, esse dá mais diante de Deus do que se desse cem ou mesmo cem mil florins de coração falso; pois, de qualquer forma, Deus não vê nisso dádiva nenhuma! Onde quererão ficar então os fidalguinhos e preciosos irmãozinhos que agora não passam de tomadores, embora, mesmo assim, pretendem ser chamados de doadores? Com grande desgosto tenho observado com freqüência como príncipes, senhores, nobres, burgueses e camponeses desperdiçam vergonhosamente tanto com ostentação, glutonaria, jogatina, etc. Com um décimo, sim, um centésimo desses gastos poderiam ajudar a muitos necessitados. Todavia, aprendi a confortar-

me, pensando: mesmo que fossem dar tudo aos pobres, o fariam apenas de coração falso. Por isso, é bem melhor que joguem fora mil florins em nome do diabo, do que dêem um único centavo em nome de Deus! Não são dignos diante de Deus de dar um único vintém ou o valor de um vintém para serviço e glória de Deus! Pois aqueles que jogam fora mil florins em nome do diabo, pelo menos não podem vangloriar-se de estarem dando algo em nome de Deus ou para os pobres. Tampouco podem deduzir daí qualquer trabalho servil nem qualquer serviço, como o fazem os falsos doadores. Podem apenas condenar-se a si mesmos. Mas aquelas pessoas que dão um florim em nome de Deus, querem com isso afrontar quase que o próprio Deus, tão grande gratidão e tanto trabalho servil e serviço acham que podem exigir em troca. Portanto, Mâmon não é apenas seu deus, mas, além disso, através do Mâmon, ainda querem eles próprios ser o deus de todo o mundo e honrados como tais. Os pobres, porém, embora não tenham Mâmon por deus, nem possam nem queiram tê-lo, esses deveriam, não obstante, adorar a divindade de Mâmon em seus ídolos — eu deveria dizer melhor: em seus deuses —, ou então morrer de fome. Já baseado simplesmente na razão um dar desse tipo não é dar nenhum, mas um tomar sete vezes.

Siraque os designa de tolos, isto é, pessoas ímpias. No capítulo 20 [Eclo 20.14s.] ele diz: "De pouco proveito será para você o presente do tolo! Dá com um olho, e com sete olhos especula o que receberá em troca. Dá pouco, mas debita muito e ainda o proclama como um anunciador de vinhos", etc. Leia lá mesmo ainda mais, como Siraque descreve tais pessoas vergonhosas; verá como se lamentam que ninguém lhes é grato ou fiel por sua boa ação ou pelo pão que deram a alguém para comer, e assim por diante. São mais ou menos como daquele tipo referido na canção de S. Martinho: "Caro S. Martinho[51], muito querido, que fazes em N.[52] entre os grandes ladrões? Estes lhe sacrificam um centavo e lhe roubam seu cavalo. Eles são ladrões perigosos, dignos de, um dia, serem enforcados". Da mesma forma, temo, muitos conventos e mosteiros só foram construídos e muitas missas e cultos só foram instituídos, a fim de comprar de Deus seu reino com a moeda perversa

51 *S. Martinho* (316/317-397) desde 372 bispo de Tours/França. Soldado do exército romano, cavalgava certa vez perto da cidade de Amiens, quando encontrou um mendigo que passava frio. Consternado, cortou o próprio manto com a espada e deu a metade ao homem para que se agasalhasse. Batizado posteriormente por discípulos de Hilário de Poitiers, viveu como missionário e monge. Grande número de igrejas na França, Itália, Espanha e Alemanha o têm por patrono. A festa de São Martinho, 11 de novembro — a quem o próprio Lutero deve o pré-nome por ter sido batizado nessa data —, era muito popular na Idade Média, sendo marcada por procissões, foguciras, gansos assados e servindo de enlace para o pagamento de tributos, juros e a organização de feiras.

52 Nesse espaço, quem canta inclui o nome do lugar a que se refere.

e falsa, que se chama "nossa obra e merecimento". Deus, porém, há de queimá-los com fogo infernal, assim como se costuma queimar moedas falsas! Contudo, acerca disso em outra parte.

De outra parte, o que dissemos a respeito do dar, temos que dizer também do emprestar. Em primeiro lugar: um cristão deve emprestar — não apenas a amigos, mas também ao inimigo, conforme diz o Senhor em Mateus [5.46s.] e Lucas 6 [v. 34]: "Se emprestarem apenas a seus amigos, que de especial estarão fazendo? Não emprestam também os ímpios um ao outro, tomando de volta algo igual?" Em segundo lugar, que se empreste ao necessitado e não ao aproveitador, ao preguiçoso ou ao libertino, como já foi dito acima em relação ao dar. Quanto a isso esclarece Siraque: "Muitos consideram o que se lhes emprestou como achado" [Eclo 29.4]. Nem pensam em devolvê-lo. Esses espertalhões preguiçosos abusam desse mandamento de Cristo. Fiam-se em que os demais tenham o dever de lhes emprestar. Por isso não se lhes deve emprestar nada. Em terceiro lugar, que só se empreste quando também se tem algo para emprestar, e que também se empreste apenas de tal modo que também amanhã ou no ano que vem se possa emprestar de novo. Caso contrário, cumpre-se o ditado: "Se não mo devolver, não lho posso emprestar mais". Quer dizer, aí certamente deverei deixar de emprestar, pois já não tenho nada para emprestar. Aqui se trata daquela situação descrita por Siraque, no capítulo 29 [v. 10], que há quem gostaria de emprestar, mas precisa temer de ficar sem o que lhe pertence. De resto, você pode transcrever aqui ou ler esse capítulo na íntegra. Ele lhe esclarece maravilhosamente o que ocorre no emprestar. Já em tempos passados circulava quanto a isso nas escolas o seguinte ditado: "Se você emprestou algo a alguém, não o receberá de volta; se o receber, não o receberá tão depressa; se o receber depressa, não o receberá em tão boas condições; se o receber em boas condições, você perde um amigo"[53].

De outro lado, porém, os descendentes de Adão ficam tão amargurados quando se lhes pede emprestado um talo de cenoura para aquele que os ofendeu, que preferem rogar sobre ele todas os pragas costumeiras entre a soldadesca e, mesmo assim, querem ser cristãos e ir ao Sacramento. Por isso, cada qual veja quando, onde, quanto e a quem ele possa ou deva emprestar ou dar, segundo sua consciência! Não se pode estabelecer nesse ponto qualquer outra medida do que a necessidade do próximo e o amor cristão que Deus nos ordenou evidenciar ao próximo da mesma maneira como nós o gostaríamos de ver evidenciado da parte de outros no mesmo caso — não importa se somos amigos ou inimigos.

53 *Si comodaveris, no rehabebis, si rehabebis, non tam cito, si tam cito, non tam bonum, si tam bonum, perdes amicum* no original.

Um emprestar assim tampouco é difícil, menos ainda impossível. Por isso, nem mesmo os sofistas tiveram qualquer razão para mudar o mandamento de nosso Senhor, transformando-o em parecer — o que então designam de *consilia* ou conselhos. Já a razão nos ensina que cada qual deve fazer a outrem o que gostaria que o outro fizesse a ele próprio. O próprio Senhor diz: "O que vocês desejarem que as pessoas lhes façam, isso façam a elas! Esta é a lei e todos os profetas" [Mt 7.12]. Sim, também todos os direitos naturais dizem o mesmo. Ora, é evidente que eu gostaria que me dessem, me emprestassem, me ajudassem na necessidade. No entanto, de outro lado também é certo que ninguém deve me dar, emprestar, ajudar, se eu não tenho necessidade disso, se sou preguiçoso ou malandro, se somente quero me banquetear, não porém, trabalhar, se não quero fazer nem sofrer nada, embora o pudesse, seja sadio e forte e nada me falta. A não ser que as pessoas sejam excessivamente piedosas e me dão o suficiente, quando, na verdade, me deveriam chicotear no pelourinho, expulsar-me do país ou pendurar-me na forca[54].

No entanto, como dito acima, emprestar com singeleza ou de coração singelo, não esperando nenhum serviço em troca, nem amarrando com isso o próximo ou escravizando-o — isso é difícil e raro. Não estou falando aqui do empréstimo usurário, como acima, mas do empréstimo sem usura, tanto aos inimigos quanto aos amigos, na medida em que temos condições, de acordo com a obra exterior. Pois do mesmo modo como os doadores querem ser festejados e adorados pelos receptores, também os emprestadores querem ser festejados por aqueles que o têm que tomar emprestado deles. Por isso o empréstimo cristão é tão raro quanto o dar, porque os sete olhos (como diz Siraque[55]) não permitem que o olho singelo veja algo.

Em resumo, essa miséria e sofrimento, que consiste no desejo do homem de ser o deus do outro, tem sua origem na maçã no paraíso, quando Adão e Eva quiseram ser deuses, em nome do diabo. Todos nós ainda temos essa maçã no estômago; constantemente ela provoca arrotos, não há jeito de digeri-la, e inclusive os verdadeiros santos têm dentro de si um resto dela, no mínimo uma nesga. É por essa razão que se pode observar que certas pessoas sentem prazer em ver outros sofrer, em especial os idólatras (como os denomina S. Paulo[56]), os gananciosos e usurários, que se sentem lisonjeados porque as pessoas necessitam deles e têm que implorar sua ajuda. Você não os conhece? Então olhe para aqueles que retêm os cereais, como especulam, se alegram quando sobem de preço, e como ficam abatidos quando

54 A partir daqui a tradução é de *Ilson Kayser*.
55 Cf. Eclo 20.14.
56 Cf. Ef 5.5.

o preço cai[57]. Alguns chegam inclusive a enforcar-se. Isso acontece para estabelecer um exemplo de que Deus considera os demais usurários e gananciosos dignos da mesma justiça e sentença. Também seria uma pena se tivessem que ser enforcados por carrascos públicos, de forma justa e honrada. Eles têm que tornar-se seus próprios vergonhosos carrascos e enforcar-se a si mesmos escandalosamente, para que sejam diabo e morte para si mesmos, eles que tanto gostariam de ter sido assassinos e assaltantes do mundo inteiro.

Cristo nosso Senhor, porém, ordenou que ninguém pretendesse ser o deus do outro, mas que cada qual fosse servo do outro, segundo o amor[58]; que ninguém desejasse a infelicidade e desgraça do outro nem se alegrasse com elas; pelo contrário, que todos fossem compassivos e misericordiosos para com a necessidade e a desgraça do próximo. Ele próprio foi um exemplo indizível disso, como S. Paulo escreve aos Filipenses 2.6s.: "Gozando de honra divina e sendo Senhor sobre tudo, não o quis considerar usurpado, usurado ou esgravatado, mas a si mesmo se esvaziou, tornando-se nosso escravo e servo". Esses gananciosos, porém, usuram, esgravatam, roubam e furtam sua honra divina e seu domínio sobre os pobres e necessitados, alegram-se e sentem prazer por serem ricos de dinheiro enquanto outros são pobres, por poderem dominar com o dinheiro e que outros tenham que adorá-los. Portanto, seguem a seu pai, o diabo, que também quis usurar e esgravatar a divindade no céu com sua enorme fortuna, beleza e esplendor angelical, com os quais havia sido dotado, acima de todos os anjos. No entanto, teve uma queda e assim perdeu ambas as coisas, os juros e o capital. A mais bela imagem de Deus transformou-se no mais horroroso inimigo de Deus.

Por isso não existe maior inimigo na terra (depois do diabo) do que um ganancioso ou usurário, pois ele quer ser deus sobre todas as pessoas. Turcos, soldados e tiranos também são gente malvada. No entanto, estes têm que deixar as pessoas viver e confessar que são maus e inimigos. Eles podem e até têm que comiserar-se de vez em quando de algumas pessoas. Um usurário e ganancioso, porém, gostaria que o mundo inteiro perecesse em fome, sede, miséria e desgraça, quanto depende dele, para que pudesse apossar-se de tudo e cada qual recebesse [sua parte] dele como de um deus e fosse eternamente seu escravo. Aí seu coração sorri, isso lhe refresca o sangue. Além disso ainda quer apresentar-se em vestes principescas, com correntes, anéis e vestimentas dourados, faz-se passar por inocente, quer ser considerado e enaltecido como gente honesta e proba, bem mais misericordioso do que o próprio Deus, mais amável que a mãe de Deus e todos os santos. E tudo isso consegue (veja como sofre o mundo!) com mil, cem, cinqüenta

57 Veja Introdução ao presente escrito.
58 Cf. Mt 20.26.

florins, ou então (se o coitado do homem for de classe inferior) com um só florim.

Desde o início e em todos os tempos muitos excelentes homens escreveram violentamente contra a usura, relatando exemplos horrendos de usurários que tiveram um fim repentino e terrível. Em todas as línguas existem provérbios mais ou menos assim: "Injustamente granjeado, tristemente perdido. — Injustamente conquistado, miseravelmente destruído. — O terceiro herdeiro não chega a alegrar-se com os bens injustamente conquistados. — Toda pessoa rica ou é iníqua, ou é herdeira de bens iníquos", diz Jerônimo[59]. Além disso temos diante de nós diariamente exemplos visíveis, palpáveis, degustáveis, cheiráveis e audíveis, perceptíveis a todos os sentidos, de que bens injustos não medram nem passam adiante por herança. Jamais um bem injusto chegou à terceira geração. Isso também o confirma a Escritura com puros trovões e fogo infernal, dizendo que Deus os quer exterminar na terceira e quarta geração (conforme consta no Primeiro Mandamento)[60]. Apesar de tudo isso, os idólatras, usurários e gananciosos continuam cegos, endurecidos, desvairados, loucos, estúpidos, possessos, delirantes, e se lhe opõem conscientemente. Tão doce é o veneno da maçã no paraíso, a ponto de quererem fazer do Mâmon seu Deus, e através de seu poder tornar-se deuses sobre gente pobre, destruída, miserável, não para ajudar ou salvar, mas para arruiná-los ainda mais.

Visto, porém, que a autoridade secular é omissa e inoperante neste assunto, ou, em parte, impotente para combater essa miséria, os pastores devem instruir o povo e acostumá-lo a ver nos usurários e gananciosos o diabo em pessoa e a se benzer na presença deles, onde quer que se os ouça ou veja, e ensiná-lo a pensar que o turco, os tártaros e os pagãos são meros anjos em comparação a um usurário. Igualmente os professores devem ensinar aos meninos e à juventude e acostumá-los a se assustarem do nome "usurário" e a dizerem "que nojo!", como diante do próprio diabo. Para tanto eles dispõem de muitas fábulas bonitas nas quais os gentios se queixaram sobre a ganância e usura. Podem contar, por exemplo, a fábula de Cérbero, o cão infernal[61], com suas três bocas insaciáveis. Podem relatar o que os gentios escrevem sobre os grandes feitos de Hércules, que venceu

59 *Comment. in Micheam*, lib. 2 cap. 6 (*Migne* 26, 1213): "*Nunc vero divites eius non tam divitiis quam iniquitate pleni sunt, quia omnes divitiae, dum alios spoliant, iniquitate pariuntur*". — "Porque na verdade seus ricos não estão tão cheios de riquezas como de iniqüidade, porque todas as riquezas, quando espoliam os outros, são geradas pela iniqüidade".
60 Cf. Êx 20.5.
61 *Cérbero*, cão monstruoso, que guardava a porta do inferno. Era representado com duas ou cinco cabeças; outras vezes, como se dele brotassem serpentes e com a boca destilando veneno. Quando alguém se aproximava, abanava a cauda e o deixava entrar. Contudo não deixava mais ninguém sair. Hércules o enfrentou e venceu.

tantos monstros para salvar terra e gente. Pois o usurário é um monstro medonho! É como um lobisomem que destrói a tudo, pior do que um Caco, Gerião ou Anteu[62]. Não obstante ele se enfeita e se faz de piedoso, para que não se veja onde vão parar os bois (que ele puxa de costas para dentro de sua caverna). No entanto, Hércules há de ouvir o clamor dos bois e dos presos (o clamor daqueles que agora invocam lamentosamente todos os príncipes e senhores) e ir à procura de Caco, inclusive entre escolhos e rochedos, e resgatar os bois da mão do facínora. Pois Caco é um facínora, um usurário piedoso que rouba, assalta, devora a tudo, não obstante afirma que ele nada fez. Não quer ser encontrado por ninguém. Por isso arrastou os bois de costas para dentro de sua caverna, para que, pelas pegadas, parecesse que os tivesse deixado sair. Desse modo também o usurário quer enganar o mundo, como se ele fosse de utilidade e como se desse bois ao mundo, quando, na verdade, os arrebanha somente para si e os devora.

Em terceiro lugar, o Senhor ensina a seus cristãos que tolerem que se lhes tire seus bens, que não instituam um novo regime nem se vinguem. Por isso não poderiam retomar o que lhes foi tirado à força e injustamente. Com efeito, eles tiveram que tolerá-lo, em especial onde isso ocorreu por causa de Cristo e do Evangelho. Por isso vemos que os amados santos preferiram sofrer o martírio e suportar tudo da parte dos gentios, permitindo que tudo lhes fosse tirado, inclusive corpo e vida, do que negar a Cristo ou que ele lhes fosse tirado.

Acaso não houve alguns dentre eles que não toleraram tudo nem permitiram que se lhes tirasse tudo? ou então não o toleraram de coração singelo, antes procuraram honra e glória, à semelhança dos falsos doadores e emprestadores? Ora, aí nem se precisa perguntar. Pois houve muitíssimos mártires falsos, como, por exemplo, os maniqueus, arianos, donatistas, pelagianos[63], que gloriavam sua perseverança e sofrimento ao extremo, como Sto. Agos-

62 Figuras lendárias das aventuras de Hércules.

63 *Maniqueus:* adeptos do persa Mâni (216-provavelmente 276), fundador de uma religião que se espalhou por todo o Império Romano. Sua característica principal era o dualismo entre o bem e o mal, ou a luz e as trevas. — *Arianos:* sãos os seguidores de Ário (256-336) que ensinou que o Deus eterno criou o Logos (Jesus Cristo), através do qual criou o universo. Para eles, portanto, Cristo é uma criatura de Deus. — *Donatistas:* seguidores do bispo Donato, que, no séc. IV, desencadeou um movimento religioso no Norte da África. Seus adeptos eram defensores de uma disciplina eclesiástica rígida. Eles foram violentamente perseguidos por Constantino I. Sto. Agostinho confrontou-se com eles. Desse confronto nasceu a tese de que a validade de um ato sacramental independe da dignidade do sacerdote, tese que os donatistas combatiam. — *Pelagianos:* grupo da Igreja antiga, seguidor da doutrina do monge bretão Pelágio (ca. 400). Negava o cativeiro do arbítrio humano, a perversão da natureza humana e o pecado original. Sto. Agostinho foi o mais ferrenho adversário dessa doutrina que acabou sendo condenada como heresia.

tinho relata a respeito dos donatistas[64]. Tão profundamente a maldade de Satanás se impregnou como um veneno nos filhos de Adão, a ponto de poder perverter não somente o dar e o emprestar e todas as boas obras, mas inclusive o sofrer e perseverar. Estes podem tornar-se ainda piores do que as boas obras. Pois não há pessoa mais empedernida, arrogante e endurecida do que um falso mártir. Ele sabe e pode gloriar como é grande, elevado, comprido, profundo, amplo e largo o sofrimento e a cruz que tem que carregar, e tudo isso por amor de Deus.

Pois descobriram que sofrimento é algo grandioso e maravilhoso perante Deus e que também Cristo o enaltece sobremodo em Mt 5.10s. Logo eles mesmos inventam motivos e já querem ser iguais aos verdadeiros santos mártires. Por isso, em nossos dias, as hordas sectárias, os anabatistas[65] e semelhantes são os mais empedernidos. Eles próprios se consideram mártires quando não se lhes permite seus excessos e fúria. Um monge franciscano, ao qual se nega seus excessos fanáticos, não trocaria seu sofrimento nem com São Paulo. Um mártir tão grande ele faz de si mesmo. Assim, pois, o mundo sempre está cheio de mártires. A maior parte deles, porém, enche o inferno e erra o céu.

Eles não se apercebem das coisas e têm em mente apenas o sofrimento e a perseverança (se é que se pode falar em perseverança). Não perguntam primeiro se está sendo suportado singelamente ou com singeleza de coração, nem pela justiça ou pela razão do sofrimento, embora Cristo tivesse dito com muita clareza em Mt 5.10s.: "por minha causa, por causa da justiça". "Bem-aventurados são os que sofrem por causa da justiça, ou por causa de meu nome". Cristo não diz: Bem-aventurados os que sofrem por causa de sua maldade, por causa de seus próprios desejos, por causa de sua honra, ganância ou glória, por causa de sua religiosidade inventada e sua espiritualidade auto-imaginada. Antes de mais nada deve ser estabelecida com certeza a causa e a razão pela qual você sofre. Não pode ser um sofrimento inventado ou uma razão inventada. Sto. Agostinho repete com freqüência o excelente dito: *Non poena, sed causa facit martirem* — "Não é o castigo que faz o mártir, mas a causa justa para o sofrimento"[66]. Do contrário, o diabo, os condenados, ladrões, assassinos, patifes e todos os malvados seriam maiores mártires do que todos os santos, conforme o provérbio: "Os mártires do diabo têm que sofrer mais para conquistar o inferno do que os verdadeiros

64 *Sermo* 325,2 (*Migne* 38,1418).

65 *Rottengeister*, no original. Lutero denomina de "hordas sectárias", "espíritos fanáticos" (*Schwärmer* — cf. *Obras Selecionadas*, v. 4, p. 217s.), "entusiastas", "espiritualistas" correntes como a dos anabatistas, o movimento em torno de Tomás Müntzer (cf. *Obras Selecionadas*, v. 4, p. 237 nota 67) e outros.

66 *Sermo* 325, 2 (*Migne* 38,1448).

ULBRA Canoas
Biblioteca

mártires para conquistarem o céu''. Compare o sofrimento das prostitutas, dos ladrões, assassinos com o sofrimento de um probo e pacato cidadão ou camponês.

Como, porém, queremos nós cristãos de hoje cumprir esse ensinamento de Cristo a respeito do sofrimento, depois que os governantes seculares se tornaram cristãos? Pois eles não toleram que os cristãos sejam privados de seus bens ou que se lhes inflija sofrimento. Sua proteção e tutela não devem ser desprezadas, pelo contrário, devem ser usadas com gratidão da mesma maneira como outros bens e criaturas de Deus, etc. Os cristãos que vivem entre os turcos naturalmente têm que cumprir esse ensinamento e sofrem mais do que sabemos e acreditamos. Entre nós agora são os papistas, os mais santos cristãos, que sofrem martírios excessivos e carregam cruzes sobremaneira pesadas. Não conseguem dormir nem descansar porque não conseguem perseguir, assassinar, afogar o Evangelho e todos os que nele crêem com a devida eficiência e banhar o mundo em sangue, para a honra de Deus e preservação da Igreja. Para o que prometem inúmeras coroas da glória no céu.

No entanto, deixando as brincadeiras de lado: Onde fica esse sofrimento entre nós, que temos a proteção da autoridade secular, de modo que ninguém nos pode tirar nada, nem nos ofender, porque também as autoridades aceitaram a palavra de Deus? As outras, que a perseguem, infligem suficiente sofrimento e tribulações a seus súditos; isso está à vista de todos[67] e acabamos de referir-nos aos papistas e sua insânia. Onde, porém, pergunto eu, fica nosso sofrimento? Espere, que já lho direi: percorra todas as categorias sociais, desde a inferior até a superior, e então encontrará o que está procurando: por um camponês cristão e probo, que demonstra amor cristão e dedicação ao pobre e honesto camponês cristão, seu vizinho, ou a seu pobre pastor, por meio de ajuda, empréstimos, conselhos ou socorro em suas necessidades você encontrará mais que mil camponeses acristãos, que não dão um centavo sequer, nem ao pastor nem ao vizinho, ainda que estejam passando fome. Muito antes, regateiam, cavam, esgravatam, aumentam os preços e logram, falsificam, malversam, tiram, roubam às ocultas onde podem, seja do senhorio, do pastor ou do vizinho; se pudessem sugar o sangue de todos, eles o fariam para satisfazerem sua ganância que, aliás, é insaciável. Creio que todos os camponeses honestos de um território caberiam num único povoado, que nem precisaria ser muito grande. Quer apostar? Esses camponeses certamente lhe ensinarão que você deverá cumprir o ensino do sofrimento, superando o mal com paciência. Assim também procederam os camponeses em Israel para com seus sacerdotes, levitas, irmãos e forasteiros, como podemos ler em Malaquias 2 [sc. 3.8].

Depois observe os burgueses. Certamente encontrará uma prefeitura em que o prefeito e os conselheiros procuram seguir seriamente ao Evangelho, ou um burguês cristão e honesto, que dá, empresta, ajuda, etc. com prazer. Em contrapartida, encontrará muitas prefeituras e mais burgueses ainda que odeiam ou desprezam o Evangelho, escorcham, atribulam e torturam o pastor e os burgueses pobres onde podem e são tão gananciosos ou até mais do que qualquer camponês acristão. Além disso só procuram a tirania, violência e honra em qualquer pessoa, seja o pastor ou o homem pobre. Acho que seria fácil reunir todos os conselheiros e burgueses cristãos de um principado numa única cidade e que não precisa ser muito grande. Esses também são mestres para ensinar a observar a palavra de Cristo a respeito do sofrimento.

Depois vá e observe a nobreza e o funcionalismo público, e conte a todos os que tomam a sério a palavra Deus (pois são eles que, mais que todos os outros, devoram a palavra de Deus de tanto amor!). Se encontrar um que, seriamente, dá, empresta e ajuda a seu próximo com prazer, encontrará, em contrapartida, cem que fazem o contrário em grande escala. Certamente não se precisaria de um castelo muito grande no qual pudesse morar e viver em conjunto a louvável e piedosa nobreza cristã de todo um principado. E se não souber o que significa sofrimento de acordo com o ensinamento de Cristo, então ouse uma vez dizer a um desses esgravatadores a palavra de Deus que lhe contradiga, ou negue-se a adorá-lo como um deus como ele o deseja, e aí você achará o que está procurando. Um serviço especialmente louvável e maravilhoso lhes prestaremos se os questionarmos quanto a sua ganância e usura (na qual estão afogados até debaixo do inferno), declarando-os acristãos, negando-lhes o Sacramento e não lhes permitindo a comunhão da Igreja, coisa, aliás, que não podemos responsabilizar perante nossa consciência. Por fim, observe também as elevadas categorias dos príncipes. Se encontrar um ou dois que são cristãos — eles são caça rara no céu. Todos os demais permanecem sendo achas no fogo do inferno, na companhia do diabo, e provocam sofrimento e desgraça que chega entre os cristãos.

Embora o Senhor tivesse anunciado e ordenado tais sofrimentos a todos os cristãos em geral, ele os ordenou especialmente aos apóstolos e seus sucessores no ministério. A esses o diabo é especialmente hostil porque, por cargo de ofício, têm a tarefa de denunciar os vícios publicamente. Isso os camponeses, burgueses, nobres, príncipes e senhores não querem tolerar. Eles querem (à semelhança de seu deus, o diabo) fazer impunemente e com toda a liberdade o que desejam e ainda querem ser honrados e elogiados por

67 Desde o protesto formal de 18 territórios contra a aplicação do Edito de Worms no império, repressivo à expansão do movimento reformatório, o que se deu durante a Dieta de Espira em 1529, as frentes de opositores e defensores da Reforma passaram a estar bem delineadas. Esse processo se intensificou mais ainda com a formação da Liga [de defesa dos territórios protestantes] de Esmalcalde em 1531, derrotada pelo próprio imperador Carlos V em 1547.

isso. Por essa razão o diabo não é apenas adversário dos pastores e pregadores probos, mas também dos maus e de todos aqueles que se dedicam aos estudos, ou, como ele os denomina, os escritores. Pois teme que um escritor ou erudito poderia tornar-se pregador, e que um mau pregador um dia poderia converter-se em pregador probo. Isso lhe é insuportável em seu reino. E isso também não admira, pois ele sabe que, se tivesse apenas leigos e se ninguém estudasse, tanto o pastor como o livreiro logo desapareceriam. Por isso é inimigo de todos os estudiosos e escritores, também daqueles que não lhe causam prejuízo, mas lhe servem de modo formidável. Provavelmente também é inimigo de todas as penas e de todos os gansos, por causa das penas que se obtêm dessas aves.

Por isso seu lema é o seguinte: Não se pode permitir que os pastores se tornem senhores. Eles não dizem isso porque temessem que os pastores poderiam vir a ser senhores. Pois ninguém sabe melhor do que eles que é proibido aos pastores tornarem-se senhores, visto que todo mundo sabe que nenhum pastor é proprietário de sua paróquia, mas apenas inquilino no patrimônio paroquial. Quando morrem, têm que deixar tudo. E mesmo que um ou outro consiga, a muito custo, juntar o suficiente para comprar uma casinha para a viúva e os órfãos, todos os demais são mendigos, e deixam atrás de si somente mendigos, tanto as viúvas como os órfãos. E mesmo que consigam, a muito custo, juntar algum patrimônio, são obrigados a viver aqui na terra entre pobres camponeses e burgueses. Pois com dez florins não podem fazer muita coisa nem ter grandes aspirações. Isso eles o sabem, observam, ouvem e percebem muito bem. Não obstante, insultam essa pobre gente e zombam deles, dizendo: Pastores não devem ser senhores. Isso me soa como se o homem rico do Evangelho dissesse ao pobre Lázaro, ao qual sequer permite comer as cascas e migalhas que sobravam de sua mesa para os cães: Não posso admitir que Lázaro seja senhor em minha casa[68]. Diga-me, que diferença há entre estes zombadores e aqueles que coroaram a nosso Senhor de espinhos, lhe cuspiram no rosto e disseram: Salve, amado Rei? [Mt 27.29]

Por isso (digo) não falam assim porque temessem que os pastores se tornariam senhores. Eles fazem essa encenação apenas com o fito de abafar o ministério da pregação e de poderem sentir-se livres e seguros, sem necessidade de terem que ouvir a verdade onde se tornaram culpados. No entanto, o Evangelho não pode prescindir de pessoas como estas, se não quisermos que desapareça em breve. Nós necessitamos delas, se, de outra forma, quisermos sofrer o mal por amor de Cristo. Pois a respeito dos nossos há que se cumprir a palavra do Senhor: "Nenhum profeta é bem recebido

68 Cf. Lc 16.20-31.

em sua terra natal" [Lc 4.24], e Cristo diz: "Não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém" [Lc 13.33]; e em João 1.11 se lê: "Ele veio a sua propriedade, e os seus não o receberam". Se nosso Evangelho for a verdadeira luz, então ela terá que brilhar necessariamente na escuridão. E as trevas não o entenderão [Jo 1.5]. Se não quisermos admitir isso e ter um mundo diferente, temos que sair deste mundo, ou então criar outro que faz o que nós queremos ou o que Deus quer. Este mundo não o quer fazer nem o fará. Sujeitemo-nos a isso com alegria.

Em nenhuma parte se lê que alguma vez um profeta tivesse sido assassinado pelos pagãos ou inimigos vizinhos, mas é o povo de Deus e seus reis que os perseguem inclusive em terras estranhas, como Acabe perseguiu a Elias[69]. Foi Jerusalém, a cidade sagrada de Deus, a alcova nupcial de Cristo, o mais belo fruto da terra, a alegre hospedeira de todos os anjos, a mãe de todos os santos, sim, foi esta cidade que assassinou os profetas de Deus, e por fim, crucificou o próprio Senhor[70]. As igrejas não conseguiram abafar o poder e a arte do mundo inteiro, tampouco o Império Romano no auge de seu poder e quando se arremessou violentamente contra ele. A princípio, os santos pais, bispos e doutores o fizerem com heresia e depois também com violência, até que o Santíssimo Padre se tornou Igreja, Deus e tudo. Aí, sim, Cristo foi crucificado primeiro de fato, e foi sepultado com todos os profetas, apóstolos e santos.

Se, pois, quisermos fazer jus a nosso Evangelho e tributar-lhe a devida honra, então o terão que fazer nossos pregadores, pastores e os cristãos. Em primeiro lugar [deverão acabar com] a doutrina falsa e depois com a violência (duas das armas do diabo desde o início, a mentira e o assassínio)[71]. E, Deus o sabe, os espíritos sectários espalharam a mentira amplamente. O camponês, o burguês, o nobre, os senhores ainda contribuíram animadamente com ingratidão, desprezo, ódio, arrogância e toda sorte de artimanhas. Uma vez entoado maravilhosamente o prelúdio, logo se entoará também o hino propriamente dito, se, acaso, já não tiver sido cantado e tocado pela metade. No entanto, você estará arriscando seu pescoço se os chamar de acristãos e inimigos de Deus, gente que despreza sua palavra; eles o tolerarão menos ainda do que Jerusalém, a cidade santa, quis tolerar que Isaías a chamasse de casa de meretrício e covil de assassinos (Is 3)[72]. Da mesma forma comporta-se também hoje a maioria dos cristãos. Querem ser evangélicos, têm apreço pela palavra e são legítimos santos. No entanto, são inimigos dos pastores e pregadores, que pregam a Palavra e lhes dizem a verdade. Também Jerusalém tinha a palavra de Deus em alta estima, contanto que os

69 Cf. 1 Rs 19.14.
70 Cf. Mt 23.37.
71 Cf. Jo 8.44.
72 Cf. Jr 7.11.

profetas não a pregassem; se a pregassem assim mesmo, teriam que pagar com a vida.

Que vamos nós pregadores, pastores e escritores dizer? Observe o mundo assim como ele é. Observe o ódio entre as nações, entre italianos, espanhóis, húngaros e alemães; observe como um príncipe trata o outro, um senhor o outro, um burguês o outro, um camponês o outro com amor e fidelidade cristã, a saber, como o inveja, odeia, cai em cima, atribula, prejudica e lhe causa toda sorte de desgraça ou ao menos lha deseja. Cada qual quer ser tudo e possuir tudo sozinho. Quem observa sua maneira de ser e proceder com olhos evangélicos, quase tem que pensar que aquilo não são seres humanos, mas verdadeiros diabos em máscaras e formas humanas que aí estão a raivejar. A gente ainda se admira que o mundo consegue suportar isso por um ano. Qual é o poder que, apesar de toda a desavença, inimizade, ódio, inveja, ladroagem, roubo, esgravatar, arrebanhar, prejudicar, e que, apesar da indizível maldade é capaz de manter o mundo inteiro, para não desmoronar diariamente? É o maravilhoso e onipotente poder e sabedoria de Deus que se pode sentir e perceber em tudo isso. Do contrário, não poderia subsistir por muito tempo.

Por isso, não se preocupe onde encontrar sofrimento. Não há problema com isso. Seja um cristão, pregador, pastor, burguês, camponês, nobre, ou senhor probo e exerça seu ofício com dedicação e fidelidade. Deixe que o diabo ache um sarrafinho para confeccionar-lhe uma cruz, e que o mundo encontre uma vergastinha para confeccionar um açoite para vergastar-lhe a pele, embora sejas o filho predileto da autoridade. Pois nenhuma autoridade será suficientemente sábia e poderosa para proteger e guardá-lo contra o diabo e pessoas maldosas, e contra todo o mal, ainda que seja muito correta e dedicada. Seja você um cristão, que aceita o sofrimento de coração singelo, por amor de Deus, e não procure para você mesmo um motivo para o sofrimento, como os falsos mártires e monges ávidos de glória, os patifes que condenam a si mesmos à desgraça ou à forca por causa de sua malvadeza.

Lembre-se do patinho na fábula de Esopo, quando foi picado pelos galos. Ao ver que os galos também se picavam entre si, ele se conformou e disse: Pois agora quero suportar meu sofrimento com tanto maior prazer, visto que também eles se picam entre si. Por que então o mundo também não iria morder e pisar a nós cristãos, visto que eles se mordem e pisam entre si de modo tão escandaloso? Por que teríamos nós o direito a condições de vida melhores do que o próprio mundo, que também tem que sujeitar-se a mais sofrimentos do que ele pode suportar? Isso basta a respeito do direito e do ensinamento de Cristo sobre como dar, emprestar e sofrer, para que entre os cristãos não haja espaço para a usura e a ganância. Se, todavia, encontrar espaço, certamente não se trata de cristãos, por mais que o protestem, pois Cristo diz em Mt 6.24: "Vocês não podem servir a Deus e ao

Mâmon ao mesmo tempo". E S. Paulo escreve: "Idólatras não podem herdar o reino de Deus" [1 Co 6.9s.]. Ganância, no entanto, ele chama de idolatria[73], como agora todo mundo o sabe, graças a Deus.

Se o escravo do Mâmon, que não é outra coisa senão justamente um ganancioso e cuja vida, portanto, é pura idolatria, não pode ser salvo, onde então ficará o usurário? Ele será escravo de quem, se o avarento[74] já é chamado de escravo do diabo? Pois, ainda há uma grande diferença entre um avarento e um usurário. Alguém pode ser avarento com seus próprios bens. Com isso não tira nada de ninguém, não escorcha a ninguém, não leva ninguém à ruína positivamente, por atos ou intervenção. Isso ele o faz somente — como o homem rico no Evangelho[75] — privativamente, não ajudando quando deveria ajudar; deste modo, ele leva alguém à ruína e lhe causa prejuízo porque apenas assiste aos acontecimentos, quando poderia e deveria impedi-lo, como o testifica o conhecido dito de Ambrósio: "*Pasce esurientem, si no pavisti, occidisti*" — alimente o faminto; se você não o alimenta, é como se o tivesse assassinado[76]. Um usurário, porém, é um assassino positivo. Pois não apenas deixa de socorrer o faminto, mas ainda lhe arranca da boca o bocado de pão que Deus e pessoas piedosas lhe haviam dado para seu sustento. Não se importa que todo o mundo morra de fome, desde que tenha sua usura.

"Ora", argumenta você, "eu não tiro nada dos pobres por ganância e usura, mas apenas dos ricos e daqueles que o têm. Portanto, não assassino nem arruíno a ninguém." Obrigado, frutinho querido, em primeiro lugar, por ao menos confessar que é um ganancioso e usurário, ou seja, escravo do diabo e inimigo de Deus e de todos os seres humanos. Em segundo lugar, obrigado por nos informar que não arruína nem assassina os pobres, mas que explora os ricos e abastados (ou seja, que, não obstante, você confessa que é ladrão e assaltante). Com efeito, uma desculpa maravilhosa e boa, pois isso eu não sabia até agora. Só falta convencer-me que me enganei ao acusá-lo como o maior assassino e assaltante, e que tenho que retratar-me. Agora, ouça minha resposta, seu usurário e assassino sabichão: Quem serão os atingidos por sua prática de usura? Não são exclusivamente os pobres? Não são eles que, no fim das contas, ficam sem um centavo e sem um naco de pão, porque todos os preços estão em alta e exagerados por causa de sua usura?[77] E a usura em Neemias [5.3s.], quando, por fim, pessoas pobres tiveram que vender aos usurários suas casas e seus bens, os vinhedos,

73 Cf. Cl 3.5 e Ef 5.5.
74 No orignal *Geitziger*. Sobre o termo veja acima p. 377, n. 11.
75 Cf. Lc 16.19.
76 *Expositio in ps. 118,26* (*Migne* 15,1410s.).
77 Veja acima n. 15.

campos e tudo que possuíam, e finalmente os próprios filhos? Quem foram as vítimas em Roma, Atenas e em outras cidades, quando os cidadãos foram escravizados por causa da usura, como dito acima? Acaso, não foram os pobres? Sim, eles eram ricos e a usura os devorou até o próprio corpo.

Que o diabo lhe pague porque não tira nada dos pobres por meio da usura. Aliás, como tiraria usura onde nada existe? A gente sabe muito bem que você não pratica usura contra uma bolsa vazia, mas que começa pelos ricos e os transforma em mendigos. Mas a conseqüência dessa sua maravilhosa desculpa de não tirar nada dos pobres e de apenas assassinar gente rica, qual é? Você os transforma em mendigos e os impele à miséria, quando, na verdade, deveria ajudar-lhes a saírem da pobreza. Portanto, com essa sua maravilhosa desculpa, você não apenas se torna um assassino dos pobres, mas também dos ricos, sim, somente dos ricos. Portanto, você é um deus tão poderoso neste mundo que faz de rico e pobre uma coisa só, além de não os matar antes de os lançar na pobreza. Eis aí seu grande amor e amizade!

Além disso: embora os ricos pudessem superar a carestia provocada por sua usura, o homem pobre, que tem prole numerosa e sequer dispõe de um florim por semana para gastar, não tem condições. Com todo seu trabalho pesado não consegue nem comprar o pão, porque sua ganância e usura fazem subir os preços a níveis tão elevados. Uma vez mais, quem são as vítimas de sua ganância e usura? Ora, meu caro, desculpe-se mais uma vez e diga que exagera os preços e pratica usura para motivar os ricos a darem tanto mais esmolas aos pobres e conquistarem o reino dos céus. Portanto, você explora os ricos duplamente pela usura: uma vez, explora a eles mesmos e, em segundo lugar, através dos pobres, a quem devem dar, para que tudo caia nas mãos de você tanto antes. Depois você ainda pode gloriar-se de ter feito uma boa obra para os ricos, dando-lhes motivo para praticarem boas obras. Como, aliás, você poderia alcançar melhor fama que assentasse bem a um usurário? Da mesma maneira também o diabo proporciona motivos sem cessar para a prática de boas obras, torturando muitas pessoas as quais se deve socorrer por amor de Deus.

Por meio de sua usura e ganância já atingimos, em breve espaço de tempo, uma situação tal que quem, há poucos anos, pôde sustentar-se com cem florins, hoje não o consegue com duzentos. Os usurários têm suas sedes em Leipzig, Ausgburgo, Frankfurt[78] e cidades semelhantes, e lidam com

78 Sobre as cidades de Leipzig e Frankfurt veja acima p. 378, n. 16. Augsburgo, cidade imperial e sede episcopal, era um dos maiores centros urbanos da Europa medieval. Conhecida desde a primeira metade do séc. II, quando se chamava *Augusta Vindelicum* e era o ponto central da província romana da Rácia, atingiu seu apogeu com o florescimento de empreendimentos financeiro-comerciais como os das famílias Fugger — cf. acima p. 397, n. 51 — e Welser entre 1480-1630. Sobre o desenvolvimento econômico das cidades na Idade Média tardia, veja a Introdução Geral aos escritos econômicos.

somas de dinheiro. Nós, porém, sentimos os efeitos aqui em nosso mercado e na cozinha, a tal ponto que não nos resta tostão nem vintém. Nós pastores e pregadores, e os que vivem de rendas e não têm profissão, e que não podemos aumentar nem multiplicar nossos rendimentos, sentimos perfeitamente os usurários em nossa pele. Eles comem de nossa cozinha, bebem a maior parte de nossa adega, escorcham e rapam-nos a tal ponto que sentimos dores em corpo e alma. Camponeses, burgueses e nobres podem subir com seus cereais e sua mão de obra, podem duplicar ou triplicar seus rendimentos e assim suportar tanto melhor a usura. Aqueles, porém, que vivem de suas poupanças, esses apanham e têm que suportar que sejam escorchados e estrangulados.

Mas já não vale mais a pena pregar. Eles se tornaram surdos, cegos, insensíveis pela usura, já não ouvem, enxergam nem sentem mais nada. No entanto, nós pregadores temos que pregar para que estejamos desculpados em seu dia derradeiro, quando têm que ir para o inferno, para que eles não possam desculpar-se ou culpar a nós, seus curas de almas, afirmando que não os teríamos advertido, repreendido e ensinado. Assim aconteceria que nós, juntamente com eles, teríamos que ir ao inferno por culpa alheia. Não mesmo! Que vão sozinhos para o inferno! Nós fizemos nossa parte, nós os advertimos e repreendemos com empenho em nosso ministério. Que seu sangue e pecado caia sobre suas próprias cabeças e não sobre as nossas.

Por fim, para que os gananciosos e usurários não pensem que queremos tolher-lhes totalmente sua atividade e arruiná-los, queremos dar-lhes um bom conselho, para que possam ratinhar e usurar à vontade e mais do que à vontade. Vocês pregadores conhecem um senhor rico, que gostaria muito que se lhe tirasse algo por usura. Procurem, pois, gananciosos e usurários e convidem-nos a chegar sem medo, para ratinhar[79] e usurar o quanto puderem e à taxa que quiserem. Ele lhes proporcionará oportunidade que chega para usurar, não apenas a dez ou vinte por cento, mas a cem por um florim, sim, mil por cem! Ele tem tantas montanhas de prata e de ouro que pode arriscar-se a isso perfeitamente. Esse Senhor se chama Deus, o Criador do céu e da terra, e oferece por meio de seu Filho no Evangelho: "Dêem e emprestem, e lhes será devolvido, não apenas o mesmo valor, mas, sim, muito mais, ou seja, uma medida cheia, sacudida, recalcada, transbordante" [Lc 6.38]. Podem trazer sacos e bolsas, barris e caixas, ouviram? Ser-lhes-á devolvido tanto que todos os sacos e barris são poucos e pequenos demais, e todos serão enchidos a ponto de não caber mais nada, mas fiquem transbordando. E diz mais: "Quem abandonar campo ou casa por minha causa, ser-lhe-á restituído centuplicado, e além disso, a vida eterna" [Mt 19.29].

79 "Ratinhar" — no original *geitzen*. Sobre o termo veja acima p. 377, n. 11.

Por que não se ratinha e usura neste ponto, onde se pode realmente satisfazer a ganância e a usura? Por que, em lugar disso, se procura praticar a ganância e a usura insaciável entre os seres humanos, que pouco podem devolver e não as podem saciar, muito antes, ainda as estimulam mais e aumentam a sede? Acaso não é obra do abjeto diabo que não fazemos questão de arrancar nem usurar nada desse rico Senhor, embora ele se ofereça a servir de devedor de todos e a emprestar a qualquer pessoa, a pagar usura com prazer? E ninguém quer fazer uso dessa oferta? Ele próprio denomina isso de usura e deseja tais usurários, conforme lemos em Pv 19.17: "*Qui miseretur*", *etc.* — "Quem dá ao pobre e lhe faz o bem esse usura do Senhor". Onde estão vocês, gananciosos e insaciáveis usurários? Cheguem para cá, e usurem a vida e abundância plena, já aqui, e lá eternamente, sem prejuízo qualquer para o próximo, vocês que se tornam assassinos, ladrões, exploradores e as pessoas mais malvadas, hostis e desprezadas dos seres humanos com sua maldita usura. Além disso, põem a perder corpo e alma para sempre, não podem ficar com os bens ganhos por usura, nem deixá-los para a terceira geração, como dito acima. Aqui, porém, vocês podem tornar-se todos usurários santos, que se tornam benquistos e prezados de Deus, de todos os anjos e de todas as pessoas. E por cima ainda, jamais irão perder os bens usurados.

Agora me diga se os seres humanos não se tornaram insensatos, possessos de todos os diabos, desprezando esse rico Senhor com sua rica e eterna oferta de usura. Ao invés disso, voltam-se para a prejudicial, maldita, assassina e fraudulenta usura, que não perdura e os lança ao inferno. Por isso o usurário e ganancioso na verdade não é gente, nem peca à maneira dos seres humanos. Ele tem que ser um lobisomem, pior do que todos os tiranos, assassinos e assaltantes, quase tão perverso como o próprio diabo. Pois ele se encontra na proteção e paz da comunidade não como inimigo, mas como amigo e concidadão. Não obstante, rouba e assassina pior do que qualquer inimigo e incendiário. E se os assaltantes, assassinos e desordeiros são castigados com a roda ou decapitados, quanto mais se deveria castigar com a roda e torturtar todos os usurários, expulsar do país todos os gananciosos, almadiçoar e decapitá-los, em especial aqueles que deliberadamente provocam altas de preços, como o estão fazendo neste momento os nobres e camponeses de forma irresponsável.

Pois bem. Deixe-os. No entanto, você, pastor, cuide para não tornar-se cúmplice de seus pecados, como já dissemos acima. Deixe-os morrer como cachorros, que o diabo os devore com corpo e alma. Não admita-os ao Sacramento, nem ao Batismo, nem ainda a uma comunhão cristã. Pois sobre a Alemanha virá uma praga, e ela não pode demorar. Aí então ganância e usura serão o principal pecado mortal, e em conseqüência dele todos nós iremos sofrer a ira e a vara de Deus, porque toleramos entre nós essa gente

maldita, porque não os castigamos nem repreendemos, mas fizemos causa comum com eles. Em especial, porém, os príncipes e senhores terão que pagar duro por isso, porque não fazem uso de sua autoridade, permitindo que esses assassinos e assaltantes (usurários e gananciosos) assassinem e roubem livremente em seus territórios com usura e carestias deliberadamente provocadas. E ainda que não mereçam castigo por causa de seus próprios pecados, Deus os castigará certamente por causa desses pecados alheios, de modo que irão empobrecer, irão à ruína, perderão terra e gente, ou então definharão e sumirão com sua linhagem e estirpe, como já aconteceu a muitos.

Pois Deus odeia a usura e a ganância mais do que qualquer pessoa possa imaginar, porque não é um assassinato e roubo simples, mas um assassinato e roubo múltiplo e constante, como ouvimos acima. Por isso cada qual cumpra seu ofício, seja ele secular ou espiritual, que têm a incumbência de repreender os vícios e de proteger os retos. Isso basta por esta vez para denunciar a usura. O pregador certamente pode buscar mais informações nos livros que, em todas as épocas, foram escritos contra a usura e a ganância. Pode então usar em sua pregação todos os horrendos e terríveis exemplos de como Deus, e também o próprio diabo, procedeu sempre com os usurários e gananciosos; como os aniquilou de modo horrível em corpo e alma e exterminou sua estirpe até a raiz; como se desmancharam de forma dolorosa os bens daqueles que ainda há pouco não queriam acreditar que a ira de Deus contra eles pudesse ser tão grande, tão pouco como os usurários de agora o acreditam. Até que o sentiram, como também estes o hão de sentir, como o temos diariamente diante dos olhos e dos quais certamente também no futuro teremos sempre novos exemplos.

Não me referi aqui a pagamento e cobrança de juros normais[80]. Porque numa compra justa e honesta não há usura. Hoje (graças a Deus) se sabe muito bem o que é um negócio a juros nos termos do direito secular: que se tenha que oferecer uma garantia e que não se cobrem percentagens exageradas. Não é disso que estou falando aqui. Cada qual, portanto, tome cuidado para que o negócio seja justo e honesto, pois em nossos dias também se abusa incrivelmente dos juros em todos os demais negócios. Tratar detalhadamente deste assunto fica para alguém outro. Eu já tratei de alguns detalhes há quinze anos[81]. Que Deus seja misericordioso para conosco e faça de nós pessoas probas, para que honremos seu nome, multipliquemos seu reino e façamos sua vontade. AMÉM.

80 *Käuflicher Zins* — cf. acima p. 448, n. 9.
81 Refere-se ao tratado "Comércio e Usura" (vide acima).

Índices

ÍNDICES DE PASSAGENS BÍBLICAS

ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis

1.27ss. 154
1.28 162, 203, 229
2.18 175, 229
2.19 350
2.22 235 n. 15
3.16 204, 225, 229
3.19,17 224
12.1ss. 224 n. 31
12.10 345 n. 22
13.2 434 n. 14
19.14 447 n. 6
19.23-29 33 n. 32
22 67
24.57ss. 236
26.1 345 n. 22
26.34s. 236
29.23 193
41.34 427 n. 116
41.48-57 391
41.56s. 345 n. 22
43.9 384
44.14ss. 384
47.14 436 n. 20
47.14ss. 434 n. 13
47.24,26 427 n. 116

Êxodo

14 43 n. 39
15 56
15.2 55
20.2ss. 64
20.5 335, 481 n. 60
22.15 253
23.2 289, 416
23.5 473
25.25 222 n. 29
41.36 391 n. 40

Levítico

25.36s. 490 n. 36

Números

16 32
35.2ss. 344 n. 18

Deuteronômio

15.4 405
15.11 405, 410
17.16 434 n. 11
22.22 258
24 209
24.3,4 213
24.5 192
26.2s. 344 n.17
32.7 307

Josué

1.5 386

1 Samuel

5.4 43 n. 40
2 56
2.12-17,22-34 288
12.2,3 97

1 Reis

18.2 345 n.22
19.14 487 n. 69

2 Reis

4.38 345 n. 22
24.22 400

Neemias

5.3s. 489
5.11 463

Jó

1.20 26
1.21 26
4.9,20 385 n. 28
15.32 385 n. 28
18.5ss. 385 n. 28
20.5ss. 385 n. 28
24.24 385 n. 28
27.13ss. 385 n. 28
39.14,16 307

Salmos

1.2 135
1.3 316
3.28 71 n. 74
7.15 255
8.2 49
2.1ss. 47
11.7 396
14 403

14.2s. 451
18 52
18.47 30
19.12 257
25.3 44
29.9 216
37.16 377
37.25 404
42.4 68
45.6 471
51.7 183
53.9 100
55.23 385 n. 27
58.15,14 72
62.10 445
68 334
65.5 425 n.110
76.5 438
78.5s. 307
78.10s. 28
82.3s. 403
110.1 345
111.3 354
112.6 454
112.10 39
113.5-8 357
116.10 58
143.2 101
143.13s. 41
144.2 30

Provérbios

1.24ss. 321
6.1-5 383
8.14s. 347
18.22 171
18.22 176
19.17 492
20.16 383
22.26 383
25.21s. 407 n. 74, 473
25.27 248 n. 16
26.5 207 n. 21
27.1 385
27.13 383
30.33 257
31.23 68

Eclesiastes

2.8 434 n. 12
5.18 178
7.16 257
9.9 178
9.15 353

Isaías

1.23 398
1.23ss. 403
9.4 60
11.4 425 n. 110
12.2 55
28.20 398
33.11a 40
40.6ss. 303
40.8 54 n. 51
51.6 39 n. 36
51.12 41
55.6 76 n. 79
55.9 178
56.7 487 n. 71
59.5 65
62.1 303
65.2 321

Jeremias

7.11 487 n. 72
44.16ss. 345

Ezequiel

22.20 398

Daniel

4.17 30
5.21 30
7.18,21s.,25,27 90
8.27 353 n. 29
11.37 186, 203

Zacarias

12.10 118

Malaquias

3.8 485

APÓCRIFOS

Eclesiástico

2.10s. 44
2.22 44
20.14 479 n. 55
20.14s. 477
26.28 281, 376
29.4 478
29.10 478
38.17 359

Tobias

8.4 193

NOVO TESTAMENTO

Mateus

1 259
1.20 258
1.29 274

4.46s. 478
5.10s. 483
5.16 425 n. 112
5.40 385, 399
5.41,44 471
5.42 386 n. 32,405,412 471,472
5.25 233
5.31s. 249 n. 17
5.39ss. 233
5.45 93 n. 9
6.8 475
6.11 386
6.21 443
6.24 440ss., 452 n. 17
6.31-33 345
6.31,33 182
7.7 38
7.12 411, 414, 479
7.14 35
8.22 240
9.15 345
9.22 241
10.10 343
10.14 32
10.25,24 73
10.35ss. 402 n. 66
10.37 271
11.10 334
12.7 27
13.16s. 68
13.43 337 n. 11
15.9 178
18.15ss. 53, 172, 250
18.17 32
18.22 78
18.23ss. 53
19.3ss. 249 n. 17
19.9 274
19.12 162
19.14 329
19.29 491
20.26 480 n. 58
21.5 78
22.32 64
22.39 414
23 69
23.37 487 n. 70
25.3ss. 224 n. 32
25.42ss. 341
27.29 486
27.39ss. 66
27.49 66 n. 63
28.20 335

Marcos

11.9s. 79
15.29ss. 66

Lucas

3.11 388
4.24 487
6.30 406,471
6.31 414
6.32-35 407
6.34 412, 478
6,35 386, 412, 413 414, 416
6.38 491
10.4 434 n. 17
10.7 380, 382
10.8 343
10.40s. 227 n. 35
11.19s. 135
11.41 388
12.16-21 384
12.32 65
13.33 487
14.12ss. 406
16.9 351 n. 28
16.10 405 n. 71
16.19 489 n. 75
16.20-31 486 n. 68
17.21 71
17.28 71
18.1 194
18.23s. 68
19.19 414
22.25 46 n. 45
22.35 434 n. 16
23.24 400 n. 60
23.35 66

João

1.5 487
1.11 487
3.16 101
3.18 102
3.29 258
8.44 132, 487 n. 71
8.51 64
11.25s. 63
11.49s. 50
12.6 434 n. 15
14.12 337
14.19 40, 48
16.2 73
18.22 400 n. 58
19.11 400

Atos dos Apóstolos

11.28 345
13.8ss. 32 n. 31
13.46 32 n. 31
15.18 68
18.6 32 n. 31
18.14s. 53
19.9 32 n. 31
20.35 403 n. 67

Romanos

1.17 57
1.24ss. 175
1.32 288
2.11 71 n. 74
2.17ss. 71 n. 76
3.8 289
3.9ss. 72
3.19s. 68 n. 68
3.25 101
4.15 69

5.1 78
7.2 250
7.2ss. 228
7.7ss. 68 n. 68
8.11 337
8.20 330
1.32 466
8.26 122
8.35,38 60
9.33 104
10.10 55
13 403
13.2 30
13.4 347, 387
13.8 221 n. 28
13.12 376
14.1 403 n. 67
14.17 415 n. 93
16.1-2 403 n. 67

1 Coríntios

2.7s. 67
6.6ss. 403
6.7 388
6.18 288 n. 7
7 240
7.2 288
7.4s. 172
7.9 174
7.11 263, 265, 277
7.15 255, 256
7.28 179
7.35 182
9.7 382
9.14 343
9.22 403 n. 67
10.8 288 n. 7
12.6ss. 315
13.5 418
14.14-16 121
14.27,29 316
15.54ss. 60
15.56 69

2 Coríntios

1.5 57 n. 53
3.7 69
4.1ss. 346
4.8s. 63
5.20 334
10.8 232
11.27 345 n. 21
12.21 288 n. 7

Gálatas

1.6 67
2.6 71 n. 74
2.17 69
3.10 68 n. 68
3.26-28 156
3.28 156, 219
5.1 219
5.4 71
5.19 288 n. 7
6.2 209 n. 22

Efésios

3.20 122
4.11 315
5.3 288
5.5 444 n. 26, 479 n. 56
489 n. 73
5.26 71
6.5 95
6.9 71 n. 74

Filipenses

4.3 200

Colossenses

3.5 288 n. 7, 444 n. 26,
489 n. 73

1 Tessalonicenses

4.3 289 n.7
5.14 403 n. 67

1 Timóteo

3.3 462
4.1 417 n. 99
4.13 226 n. 34
5.22 466
6.2 27
6.7 469
6.8 469, 475
6.9 469
6.10 376

2 Timóteo

3.1 399 n. 55
3.1-9 417 n. 99

Tito

1.7 462

Hebreus

1.8 471
11.1 197
13.5 344

Tiago

4.13-16 384
4.15 387

1 Pedro

1.17 71 n. 74
1.2 54 n. 51

2.5 409 n. 82
2.13s. 347
2.22 100
2.23 400
3.7 225 n. 33

2 Pedro

1.10 127
2.1 712
2.13 70

1 João

3.6,8 70

Apocalipse

2.9 70 n. 72
21.1 156

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abraão 224, 343, 345
Absalão 30
Adam, Ulrico 44 n. 41
Adão 235, 345
Ágata, Sta. 320
Agostinho 289, 314, 333 n. 8, 243, 345 n. 23, 377 n. 12,
Alexandre Magno, 320 n. 35, 461, 465, 468
Alberto de Mogúncia 339 n. 11
Alberto de Mansfeld 355 n. 32
Ambrósio 243 n. 13
Anás 400 n. 58
Antônio, Sto. 30 n. 25
Arão 31, 47
Aristóteles 420 n. 104
Assuero 172

Barnes, Robert 157
Belial 198
Benjamim 384
Beskendorf, Pedro 132
Bicri 30
Böhmer, Heinrich 44 n. 41
Brecht, Martin 44 n. 41
Bugenhagen, Johannes 116 n. 2, 230 n. 4, 238 n. 5, 429 n. 2

Caetano, cardeal 19 n. 8, 42 n. 38
Caifás 50
Caim 343
Calixto III 417 n. 98, 419 n. 101
Carlos V 20, 157 n. 25, 158
Catão 462 n. 4
Catarina von Bora 152
Catarina de Aragão 157
Chivasso, Ângelo C. 282 n. 32
Cipriano 177, 289
Conde von Beichtlingen 45 n. 44
Coré 32
Cranach, Lucas 302
Crisóstomo 289
Crúciger, Gaspar 86 n. 4, 430 n. 4

Dagão 43
Daniel 352
Davi 29, 32, 121
Dietrich, Veit 20, 21, 116, 326, 430 n. 5
Donato 320 n. 35

Eck, João 430 n. 4
Elias 121, 345
Eliseu 121, 345
Erasmo 157 n. 25, 184 n. 4
Esaú 343
Espalatino 230 n. 4
Ester 172
Eurípides 243 n. 12

Faber, João (= João Schmid) 186 n. 6
Fabrício, Filipe, 116
Faraó 40, 55
Feilizsch, Fabiano 348 n. 25
Filipe de Hesse 157, 158
Francisco de Assis 76
Frederico da Saxônia 42 n. 42, 45, 230, 348 n. 25

Frederico de Magdeburgo 45

Gerson 281 n. 31
Gregório VII 153
Gregório Magno 377 n. 12
Gregório Nazianzeno 334 n. 10
Gregório, S. 333 n. 8

Hausmann Nicolau 85 n. 2, 160 n. 2
Henrique VIII 157
Herodes 74
Hess, Hélio Eobano 19
Hus, João 65, 70
Hutten, Ulrico von 396 n. 48 e 49

Inocêncio III 153
Inocêncio VIII 153
Isaque 235, 343, 345
Israel 61

Jacó 193, 235, 343, 345, 384
Jerônimo, S. 113, 134 n. 4, 206, 314
João Batista 334, 466
João, o Constante 20
João von Schwarzenberg 355 n. 32
Joaquim II Heitor 85 n. 3
Joaquim de Anhalt 85
Jonas, Justo 184 n. 4, 238 n. 5
Jorge de Anhalt 85
Jorge de Fronsberg 355 n. 32
Jorge de Wertheim 355 n. 32
Jorge, o Barbudo 85
José 345, 355, 391 s.
Judá 384
Justiniano (imperador) 353 n. 30
Justiniano o Grande 468

Kaiser, Leonardo 65 n. 61
Karlstadt, André 42 n. 38
Klotsch, Francisco 230 n. 3
Klug, Josef 117

Lauterbach, Anton 116
Lea 233
Linck, Venceslau 19 n. 8 e 20, 116 n. 3
Ló 331, 355, 362
Losser, João 185
Lúcia, Sta. 167 n. 5, 320
Luft, Hans 132

Malco 400n. 59
Margarete, Sta. 177 n. 13
Margarete von der Sale 157
Margarina de Anhalt 85
Maria 335
Martin V 417 n. 98
Maximiliano I 356 n. 34
Malanchthon, Filipe 86 n. 4, 158 n. 27, 238 n. 5, 302, 327 n. 3
Mênio, Justo 326
Mônica 167
Misés 30, 362

Naamã 355
Neemias 463s., 465

Opsopäus 302

Paulo 32
Pedro, S. 70
Pilatos 74
Pistório, Frederico 20,22
Plínio 289 n. 10
Probst, Tiago 44 n. 41

Quirino, S. 30 n. 25

Rörer, Jorge 116, 429 n. 3

Salomão 42, 385
Santiago de Campostella 410 n 84
Sara 224
Scheurl, Christoph 132
Schirlentz, Nickel 326
Schot, João 231 n. 10
Schwarzenberg, Barão de 230 n. 2
Seba 30 n. 29
Sólon 468
Spengler, Lázaro 327
Staupitz, João von 42 n. 38
Stumpf, João 230 n. 3

Timão 28 n. 23
Tomás de Aquino 151 n. 1, 385 n. 30, 420 n. 104
Trajano 289 n. 10

Urbano II 339 n. 13
Valentim, S. 30 n. 25

Winkler, Jorge 339 n. 12
Wolfgnag de Anhalt 85
Wyclif 65 n. 61

Zwínglio, Ulrico 20 n. 11

ÍNDICE REMISSIVO

Abelhas
— a parábola das 49
Abóbada da graça 101
Abscondidade
— Deus age em oculto 35
Abstinência
— só piora a situação 180
Abuso
— do nome de Deus 33
Acepção de pessoas 71
Adão (o velho) 72
Adúltero
— deve ser apedrejado 171
Adultério
— motivo para divórcio 171
— com a própria esposa 193
— para conseguir novo casamento 264-269
Ajuda
— dos príncipes é supérflua 60
Amor 418
— resumo da lei 92ss.
— sua prática nos diferentes estados 95s.
— sua causa, razão, chão e fonte é a Palavra 96
— e fé substituem Moisés 217
— critério para qualquer negócio 415
Angústia 35s.
Antigo Testamento
— abolido 69
— abrogado 81s.
Apóstolos
— quase todos foram casados 201
Aristocratas 421
Armas
— adorno e decoração 353
Armazenamento
— fraude no a. 395
Artes liberais 309 n. 11
Ascensão social 357
Assassinos
— da juventude 191Assembléia Nacional
— de Augsburgo 20, 55 n. 51, 85, 326
— de Núrnberg 339, 355 n. 32
— de Worms 42 n. 38, 402 n. 65
Auréola 222 n. 29
Autoridade
— dos pais sobre os filhos 181
— dos pais 232
— suprema é pregar o Evangelho 232
Autoridade secular
— a ela compete condenar 53
— devem proteger os filhos contra a violência dos pais 234
— devem obrigar os súditos a mandarem os filhos à escola 362
— omissa na questão da usura 481
Avareza 232

Batismo
— inserido no Pai-Nosso 128
— pendurado no pescoço 128
— em meio à vida diária 128
Bem-aventurança
— sua segurança suprema 106
Bênção matrimonial
— não é exigida 283s.
— costumes diferentes 283
— praxes 284
Bens
— eternos, cuidar deles 226
— 1º grau do trato com eles 399ss.
— apego a eles 404
— 2º grau do trato com eles 405ss.
— 3º grau do trato com eles 412ss.
— três maneiras de lidar com eles 471ss.
— tolerar que sejam tirados 482ss.
Bibliotecas
— devem ser instaladas e como fazê-lo 322s.

ULBRA Canoas
Biblioteca Martin Luther

— dos filhos deve ser tolerada 212
— do consorte deve ser tolerada 215
Desejo
— de procriar 204
Desejos sexuais
— o parceiro deve atendê-los 192s.
— nem casados nem celibatários estão livres deles 205s.
Destra de Deus 59s.
Deus
— sua bondade 24ss.
— enxerga a tribulação 37
— é D. dos santos e dos pecadores 37s.
— o que lhe compete 38
— maravilhoso 40, 76
— vingador 40
— permite que os piedosos sofram 45
— quer ser louvado, enaltecido e honrado 58
— seus títulos legítimos 125
— pretender ser D. do outro 479s.
Dever conjugal
— não cumprido é motivo de divórcio 172
Diabo
— o mundo está repleto deles 28
— e seus anjos 34
— ajuda a empurrar para a dúvida 36
— leva a desconfiar 43
— é mestre em inflar pecados 61
— assedia as consciências 61
— não suporta a palavra de Deus 61
— como vencê-lo 62
— luta corpo a corpo contra o d. 62
— sempre a nossa volta 118
— é o pai que obriga o filho ao casamento 233
— convence a negligenciar a juventude 304
— sua estratégia 327s.
Diaristas 218
Dignidade
— perante Deus 38
Dinheiro 439
— dispendido inutilmente 306
— é ídolo 328
Direito
dois d.s regem o casamento 236
— preservado pelos juristas 348
— secular é débil 459
— imperial 348
Disciplina 66s.
— Lutero a exige 53
— rigorosa não dá resultado 319
Divorciado
— publicamente pode casar de novo 171
Divórcio
— três motivos para ele 169ss.
— Cristo o admite 170
— quem deve divorciar-se 170ss.
— em caso de adultério 171
— por incompatibilidade 173, 209
— por doença 173
— Paulo o admite 209
— por adultério 274s.
— função dos pastores em caso de d. 275
— por abandono 275s.
— por maus tratos 277s.
Dízimo 427
Doença 43
— não é motivo para divórcio 173
Dom
— da castidade 229
Domingo de Ramos 78
Dominicanos 44 n. 42
Doutrina
— da graça traz paz 77
Dúvidas
— na oração 120

Educação
— na Roma antiga 318
— exige investimentos 322
— benefício e prejuízo temporal 346ss.
Eleitos de Deus
— são os cristãos 33
Empreendimento
— deve começar com Deus 44
Empregados 218
Emprestar 386, 478ss.
— evangelicamente 389
— espontaneamente 412ss.
Empréstimo 387, 420, 424. 448ss
— sem acréscimos 457
Encargos 408ss.
Ensino fundamental 320
Envergonhar-se
— de ser santo 71
Eqüidade 376 n. 10, 458, 468
Escola
— portas do pecado 68
— estão no abandono 303
— com métodos superados 306
— sua criação é ordem divina 307
— é de responsabilidade dos poderes públicos
— fundamental 320
— o projeto de Lutero 320
— também para meninas 320
— são urgentes 321
— deve-se investir dinheiro nela 322
— levar um filho à escola é levá-lo a Cristo 329
— pessoas simples alheias à e. 333
Escravo 217s.
— dos homens 219
— do próximo 220
Escritor
— sua função e dignidade 354ss.
Escritos
— À Nobreza Cristã 154, 298, 378 n. 13, 406 n. 73, 410 n. 83
— Artigos de Esmalcalde 410 n. 83
— O Cântico de Maria 154
— Catecismo 123
— Catecismo Maior 114, 153, 300
— Causa e Resposta que Virgens Possam Abandonar Conventos 152
— Comentário ao Salmo 82 46 n. 46
— Comentário ao Salmo 90 64 n. 59
— Consolação para os Cristãos de Halle 339 n. 12
— Da Autoridade Secular 46 n. 46, 318 n. 32, 387
— Da Liberdade Cristã 15, 217 n. 25
— Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências 408 n. 76
— Do Cativeiro Babilônico 163
— Dos Concílios e da Igreja 410 n. 83
— Dos Votos Monásticos 152, 376 n. 10
— Epístola de S. Paulo aos Gálatas 217 n. 24
— Estatuto de uma Caixa Comunitária 406 n. 73, 436 n. 21
— Instruções aos Visitadores 300
— Ordem da Missa 300
— Prédica sobre o Segundo Livro de Moisés 46 n. 46
— Quatro Salmos de Conforto para a Rainha da Hungria 114
— Resposta a Algumas Questões Atinentes aos Votos Monásticos 152
— Se Soldados Também Podem Estar no Estado da Salvação 354 n. 31
— Sermão sobre a Procissão e a Oração 119 n. 5
— Sermão sobre o Estado Matrimonial 228 n. 36
— Tese contra toda a Sinagoga de Satanás 339 n. 13
— Uma Reunião ou Comunidade Cristã tem o direito julgar, etc. 216 n. 25
— Um Livrinho de Orações, dos Dez Mandamentos, etc. 113
— Um Sermão a respeito do Estado Matrimonial 152
— Um Sermão sobre a indulgência e a Graça 408 n. 75
— Um Sermão sobre o Corpo de Cristo e as Irmandades 388 n. 34
Escritura
— permanecem obscuras por falta de estudo das línguas 315
Esmalcalde, Liga de 291 n. 1
Esmola 407s.
— é ato raro no mundo 117
Espada
— de Davi vale mais que cem mil 52
Espada secular 387, 403
Espanhóis 488
Espírito Santo
— ajudou tb. a Moisés 32
— pecado contra ele 54
— sua posse não leva ao desprezo da Escritura 310

Estado clerical
— se afastou de sua função 334
— sua situação 334s.
Estado espiritual 196ss.
— não se sustenta pelo trabalho 199
— para nada serve 200
— é o mais incasto 200
— instituído por Deus 335
Estado matrimonial — Cf. Matrimônio
Estudo
— com prazer 319
Eunucos 164
Evangelho
— oração pelo E. 68
— perseguido pelos sábios e grandes 74
— não pode ser preservado sem o estudo das línguas 312
— acompanhado de carestia 345
— mostra as obras das trevas 376
— não se pode governar o mundo com o E. 387
Excomunhão
— papa quer governar a Igreja com e. 32

Falcão
— o cristão deve tornar-se um f. 36
Falência 394
Fariseus 74
Fé
— e amor 15
— confessa o que crê 55
— sem obras liberta do pecado 75
— não simulada 99ss.
— o mandamento supremo 99s.
— só ela resiste perante o juízo 100
— Fé simulada 103
— e oração 120
— pode fazer uso de tudo 211
— acima de qualquer condição social ou estado 215
— e amor substituem Moisés 217
Fiador 383ss.
Fiança 383ss., 389
Fidalgos 396
Filhos
— santos embora não batizados 212
— consultam pais para casar 232
— crentes obedecem aos pais 233
— não casam sem consentimento dos pais 234s.
— têm que trabalhar 320
Filósofos
— são sujeira do diabo 319
Firmamento da graça 101
Fogueira 32
Fornicação
— destrói corpo, alma e bens 179
— o solteiro cai obrigatoriamente nela 180s.
— é evitada pelo casamento 190
Fortuna 438, 433
— moderada é preciso 434
Funcionalismo público 485
Frankfurt 378
Fraudes no comércio 390ss.
Freiras
— miséria de seu estado 178
— noivas de Cristo 196
Fruto
— da virgindade 226s.
Fundações 426

Ganância 377 n. 11, 379, 396, 399, 419, 431ss.
— é idolatria 444
Gananciosos 379, 436, 440
— pior inimigo na terra 480
Gentios 47
— nós cristãos os destroçamos 52
Gestos
— ajudam na oração 119
Godos 345
Governo secular
— é mero dom de Deus 30
— pertence a Deus 30
Graça
— o firmamento da graça 101
— caminhos para apropriar-se dela 128
Gratidão
— pelos bens 25s.
Grego
— sua importância na formação 310s.

— do mundo contra o direito divino 449s.
Herdar 416
Herege
— é um diabo 349
História
— importância de seu conhecimento 319
— a literatura mais importante 324
Homem
— não se deve confiar nele 41s.
— que confia em seres humanos perece miseravelmente 44
— e mulher obra de Deus 175
— mais nobre que a mulher 196
Hordas sectárias 31
Hosia(na) 78s.
Humilhação
— é o grande sacrifício e culto 72
Húngaros 488

Idólatra 328s.
Idolatria
— confiar em príncipes é i. 43
Igreja
— Santa I. Cristã 70
Impedimentos
— ao matrimônio 165ss.
Impotência
— motivo de divórcio 163
Inadimplência 394
Incapacidade
— única razão para o divórcio 169s.
Incastidade
— matrimônio é recurso contra ela 193
Incesto 167
Incompatibilidade
— motivo de divórcio 173
Incredulidade
— como impedimento ao matrimônio 166s.
Índia 377
Indulgências
— instrumento de tormento 53
Infortúnios
— como encará-los 25s.
Inglaterra 378
Ingratidão
— pelos bens de Deus 25
— o vício mais prejudicial 27
Inimigos
— de Cristo 49
— como o cristão lhes resiste 51
— da Reforma 52ss.
Instrução
— doméstica não basta 318s.
Instruir
— a Deus na oração 123
Interesse 415 n. 94, 419, 454
Interpretação
— da Bíblia e posse do Espírito 316
Invocar
— a Deus se tem que aprender 37
Ira
— lei provoca i. 69s.
Israel 44, 47
Italianos 488

Jurar
— onde o amor o exige 217
Juristas
— preservam o direito secular 348
— profeta, sacerdote, anjo e salvador 349
— os benefícios que presta 349
— valor de seu trabalho 350
— são os senhores do território 352s.
— sem eles o mundo perece 358
— seu ofício 453
Juros
— sobre juros 465
Justiça
— o tribunal da justiça 102s.
Justificação
— mediante a fé 15
Justos
— são os crentes que confiam em Deus 57
Juventude 53
— violentada 191
— obrigada à castidade 206
— negligenciada por obra do diabo 304s.
— negligenciá-la é o pior pecado 307
— precisa de lazer 319

Ladrões 396, 433s.
Latim
— sua importância na formação 310s.
Lazer

UFBA - Campus
Biblioteca Martin Luther

— juventude precisa dele 319
Lei
— de Moisés 31
— de Moisés é ministério da morte 69
— insiste em obras 68
— produz pecados 68s.
— de Moisés é ministério da morte 69
— se resume no amor 92ss.
— e Evangelho 102s.
— remete ao tribunal da justiça 104
— dois tipos de leis 209
— de Moisés vigora até Cristo 217
— couraça do imperador 353
— natural 342, 379 n. 18, 418
Leipzig
— feira de 464
Liberdade
— de consciência 218
— cristã 220
Liberto
— do Senhor 219
Línguas
— sua importância na formação 310ss.
— necessárias para preservar o Evangelho 312
— pregadores simples não precisam estudá-las 314
Liquidez 395
Literatura 322s.
Livre 217s.
Luteranos 340
Lutero
— prefere o magistério depois do ministério 359
— lamenta ter nascido alemão 361
— ora pela Alemanha 362
— pede por uma "horinha" benigna 362
Luz
— do dia do Senhor é oculta ao mundo 79

Mâmon 351, 361, 432, 433, 437, 441ss., 489
Mandamentos (os Dez) 134, 431
— dois tipos em Moisés 170s.
— sua desnecessidade 217
— evidenciam o fracasso 15
— desnecessários depois de Cristo 217
— o primeiro 51, 444
— o segundo 51
Mão humana
— nada vale perante Deus o que ela faz 59
Máscara 434
Matrimônio
— o assunto assusta 161
— as três categorias excetuadas 162ss.
— seus problemas e desgostos 174ss.
— conseqüências de sua rejeição 175
— tem a palavra de Deus a seu favor 176
— suas vantagens 179ss.
— preserva a pessoa e países inteiros 180
— o melhor dele são os filhos 181
— sustento do m. 182s.
— instituição nobre 188
— Deus lhe faz concessões especiais 193
— é recurso contra a incastidade 193
— acima do celibato 196
— estado espiritual 196ss.
— dos sacerdotes 202s.
— afastar dele é uma loucura 205
— misto 210s.
— suas tribulações 224s.
— sob coação pode contar coma a bênção de Deus 234
— ser humano criado para ele 235
— Lutero não quer envolver-se com o assunto 240
— assunto secular 240s., 283
Mediador
— Cristo 103
Médicos 358s.
— são senhores 359
Mercadoria
— tabelada 381
Meretrício
— provocou as piores desgraças 180
— Deus castiga sua tolerância 288
— poderes públicos o promovem 289
Méritos
— excedentes 472
Mestres
— falsos instituem muitas leis 91
Métodos de ensino
— não evoluíram 306

Milagre
— igual à criação 28
— do ministério da pregação 336s.
Ministérios
— seu ofício próprio 333s.
— os antigos o evitavam 334
— encaminhar a ele especialmente os filhos de gente pobre 342
Ministério da pregação
— conferido a Adão 31
— o mundo subsiste por causa dele 334
— seus benefícios 336ss.
— as obras que realiza 336s.
— sua função 347
— tem que castigar o mal 355
— adquirido pelo sofrimento de Cristo 360
Ministério sacerdotal
— acima de Maria 335
Ministros
— mordomos de Deus 334
Misericórdia 27
Missa
— seu abuso 53
— significado do termo 89
Monjaria
— para nada serve 221
Monges
— suas doutrinas 48
— pregadores 53
— negam a Cristo 71
— miséria de seu estado 178
Monjas — cf. freiras
Monopólio 390ss.
Mordomos de Deus 334
Morte
— sempre acompanhada de pecados e leis 61
— devorada pela vida 64
— um sono 64
— palavra salutar 66
— o diabo sabe como pintá-la 67
Mulher
— um mal necessário 174
— usadas ou para o casamento ou para a fornicação 187
Mundo
— inteiro é salutar 212
— mudou 320

Natureza
— é preciso pelejar contra ela 106
Necessitado
— ser necessitado 475
Negociante
— sempre incorre em pecado 381
Negociar
— as quatro formas cristãs 385ss.
— os três graus de negociar 399ss.
Noivado
— secreto 242ss.
— público 252ss.
— duplo 258ss.
— sob coação 269ss.
Noivos
— não devem ser separados 193
Nome
— do Senhor 51s.
— destroça os gentios 52
Novo Testamento
— não tem nada de obras 68
— trata somente do perdão, da graça e da fé 68

Obra 431
— humana não serve para a justiça 52
— humana não apaga pecados 59
— as três o.s de Cristo 60
— o.s dos homens são teias de aranha 65
— lei insiste nelas 68
— venda de o.s 70
— alcançar a piedade por meio delas 71
— distinguir Cristo e o. 103s.
— vinculada à Palavra 128
— do descrente é maldição 134
— igual ou melhor que a oração 134
— não justifica 349
— das trevas 376
Ódio
— à Palavra é ódio a Deus 444
Ofício

— cada qual tem sua dignidade 353
— de príncipe 434s.
Oligopólios 393
Oração
— sofrimento estimula a ela 36
— ato raro no mundo 117
— como reza inútil 117s.
— como ladainha 118
— obra peculiar dos cristãos 118
— até agora foi hipocrisia 118
— sem cessar 119
— conjunta 119
— exterior 119
— preserva tudo que existe 119
— elementos característicos 119
— e fé 120
— de muitas palavras 121
— trabalho pesado 121s.
— por quê? 122s.
— para instruir a Deus 123
— todo trabalho é o. 134
— primeira e última atividade do dia 134
— de Manassés 341s.
Ordenação
— impedimento ao matrimônio 168
Órfãos 232
Ouro 433s.
Ouvir
— a Palavra serviço supremo 88
Padrasto 232
Padrecos 440
Pagamento à vista 388ss.
Pai-Nosso 98, 100s., 381, 382
— excelente breve forma de orar 123
— a melhor oração 124
Pais
— inaptos para instruir os filhos 308
— diabos e tiranos 232
— têm direito de impedir o casamento 232
— que negam o estudo aos filhos 350
— é seu dever colaborar com Deus 350
Palavra de Deus
enxertada no coração 15
é ela que efetua as coisas 30
pregá-la é o serviço supremo 88
é causa e razão, chão e fruto do amor 96
é o próprio Deus 199
acompanhada de carestia 345
Papa
— seu domínio 31
— quer governar a Igreja com leis exteriores 32
— é mendigo 66
Papado
— nega a Cristo 71
Parceiro
— é dever atender os desejos dele 192s.
Parentesco
— como impedimento ao matrimônio 165ss.
— no casamento 278s.
Paróquias
— são portas da justiça 68
— vagas 344
Páscoa 78
Pastores
— sua função em caso de divórcio 275
— sua função é socorrer as consciências 280
— não devem envolver-se com questões matrimoniais 280
— servem de corpo e alma 339
— têm que lutar contra o diabo 340
— de reserva 342s.
— eruditos e comuns 342
— há falta deles 343
— seu sustento 343s.
— sofrem carência 345
— chamados de anjos, salvadores, profetas, etc. 348
— ou professor? 359
— querem ser senhores 486
Patriarcas 377
Pregação
— falha em relação ao matrimônio 277
Paulo
— esteve casado 200s.
Paz
— a maior dádiva 28
— está por um fio 31
— critério para a convivência conjugal 214
— fruto do ministério da pregação 339
— o caminho para a p. 403
Peão
— que pratica o amor 95
Pecado

— contra o E. S. 54
— eliminado o p. eliminada a morte 64
Pecadores
— a lei produz p.s 68s.
Pecados
— não punir mas perdoar 129
— ninguém vive sem 381
— mortal 414
Pedra angular
— aponta para a ressurreição 73
— rejeitada pelos mais santos e eruditos 74
Perdão
— deve ser buscado 98
— condicionado a nosso perdão 126
— ao próximo é sinal de ter o perdão de Deus 127
— como apropriar-se dele 128
Perseguição 34
— serve para a salvação 59
Pessoa
— instruída e seu prazer 351s.
— secular e cristã 435ss.
Piedade
— pretexto da p. 49
Piedosos
— Deus os leva cedo 41
Pobres 410
Poder
— não governa o mundo 29
Poder de Deus
— quem crer nele está redimido 59
Poder espiritual 403
Pornografia 174
Portas
— escola portas do pecado 68
— da justiça 68
— do templo 69
Portugal 378
Posses
— não são pecado 443
Praga
— desprezo da Escritura é a maior p. 23
— as duas piores p.s 431s.
Prata 433s.
Prece
Deus atende 37
Preço justo 380ss.
Prefeito 484
Prefeitura 485
Pregar
— a Palavra é serviço supremo 89
Pregadores
— falsos a pior praga 431s.
— chamados de anjos, salvadores, profetas, etc. 348
— falsos são diabos 349
Prepúcio 216s.
Presente 453
Príncipes
— não confiar neles 41s.
— são benfeitores 46
— sua ajuda é supérflua 60
— como cristãos 434
— seu ofício 434s.
Privar-se
— um ao outro 194s.
Procriação
— é mais que um mandamento 162
— o corpo humano tem o desejo da p. 204
Professor
— depois do ministério, Lutero preferiria ser p. 259
Profetas 30
— assassinados pelo povo de Deus 487
Profissões
— todas devem ser enaltecidas 354
Proteção
— contra o diabo 28
Purificar
— o coração 94

Quarto
— trancar-se nele 119
Quinqüenal 395

Razão
— incapaz de entender qualquer obra de Deus 59
— a sábia meretriz 176
Regime espiritual 31
— de Arão 32
Regime secular
— é necessário 310
— a importância das escolas para o r. s. 318
— é instituição divina 318

— maravilhosa ordem divina 346s.
Regra áurea 418
Reino
— oração pelo r. 68
Reino de Cristo 348
— tem que sofrer resistência 79
Reis
— comprometidos com os banqueiros 398
Relações sexuais
— fora do matrimônio 163s.
— pecado inclusive no matrimônio 183
Remuneração 382s.
Renunciar
— a si mesmo é uma arte 63
Reservas
— são necessárias 433
Ressurreição
— Salmo 118 fala da r. 64
Reza
— dos clérigos e monges não vale um vintém 117s.
Ricaços 438
Roma
— e sua educação exemplar 318
Romanos 345
— não toleraram a Cristo 48

Sabedoria 36
— não governa o mundo 29
Sacerdócio
— é dádiva de Deus 33
Sacerdotes
— suas doutrinas 48
— negam a Cristo 71
— podem casar 201
Sacro Império romano 42 n. 38
Sacramento
nós o temos em meio à vida diária 128
Sacrifícios
de gratidão 28
confiar em Deus é o mais belo s. 45
do Antigo Testamento figura e parábola 72
existem dois: humilhação e consolo 72
Do Antigo Testamento abolidos 72
Sagrada Escritura
seu emprego 23
para ser vivida e praticada 23
Salário 383
Salvação
— é vitória, ajuda 56
Salteadores 396
Sangue
— dos mártires clama contra o papa 66
Santidade
— meritória 106
Santo
— para os crentes tudo é santo 212
Santos
— são os cristãos autênticos 33
— não possuem mais do que qualquer crente 38
— não se deve confiar em s.s 41
— seu destino igual ao nosso 57
— hipócritas, arrogantes 59
— autofabricados 59
— perante o mundo são do diabo 60
— hão de ser mártires 61
— têm que lutar corpo a corpo com o diabo 62
— porque somos batizados 71
— os que não se consideram s.s e justos 71
— são malucos 445
Satã
— ataca especialmente as escolas 331
Secretários municipais
— são os senhores do território 352s.
Seitas
— o diabo as suscita 118
Senhores
— relacionamento com eles 218
Ser humano
— criado para multiplicar-se 203
— cheio de maus desejos 204
— criado para o matrimônio 235
— como cristão e cidadão 435s.
Sermão
— cada s. é um canto 58
Serviçais 218
Serviços
— Deus tem numerosos e diversificados 87
— ouvir e pregar a Palavra é serviço supremo 88
— a Deus 425
— ao próximo com o dinheiro 451s.

Servir
— o camponês que servir a seu senhor serve a Deus 87
Sinos
— Cristo não os proíbe 118
Sofrimento 34
— parece ser ira e castigo 4s.
— estimula à oração 36
— como desafiá-lo 39
— algo grandioso 483s.
Sofistas 339 n. 12, 340
— sujeira do diabo 319
Solteiro
— cai na fornicação 180s.
Sossego
— na virgindade 226
Sumo sacerdote
— Arão 31
Sustento
— dos pastores 343s.

Tementes a Deus
— são poucos 33
— são perseguidos 34
Teólogos
— sem eles, o mundo perece 358
— chamados de anjos, salvadores, profetas, etc. 348
Tesouro
— no céu 434
— o verdadeiro 438
Tiranos
— são longevos 41
— não confiar neles 41
Títulos
— os legítimos t.s de Deus 125
Trabalhadores 218
Trabalho
— é oração em dobro 134
— todo trabalho é oração 134
Tribulação
do espírito 225
da carne 225
no matrimônio 224s.
Tribunal
da graça 101s.
Deus instituiu dois t.s. 101ss.
da justiça 102s.
— eclesiástico 401
Trompetes
— Cristo não os proíbe 118
Turcos
— seu domínio 31
Tutores 232

Universidades
— abandonadas 344
Uso
— a fé pode fazer u. de tudo 211
Usura 418
— pregar contra ela 447ss.
— o que é 456
— mundo não existe sem ela 459
— permitida no caso de viúvas 467
— escalonada 468s.
— devora o mundo 469
— verdadeira 491
Usurar
— dos ricos 489ss.
Usurários 413
— e ladrão 463
— os pequenos 466
— sua absolvição 467
— pior inimigo da terra 480
— suas sedes 490

Valdenses 316s.
Valentões 29
Vender 416
Vício
— um aguça outro 48
— a ganância é grande v. 431
Vida
— deve ser desprezada 226
— regida por dois direitos 236
Vida eterna
— começa aqui na fé 65
Vingança
— sede de v. 49
Violência 400, 402
Virgens
— nos conventos não as há 223
— em situação melhor que os casados 224
Virgindade 222ss., 400
— não é ordenada por Deus 222
— algo precioso e nobre 222

— sem proveito 226s.
Viver abrasado 205s.
Viúvos
— podem casar 203
Vocação 221
Vontade política
— falta 320
Votos
— de castidade 162s.
— monásticos 163
— de castidade como impedimento ao matrimônio 168
— de castidade é proibido 190
Worms, Assembléia Nacional de 42 n. 38